UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AMBIENTE CONSTRUÍDO E PATRIMÔNIO SUSTENTÁVEL

VANESSA TAVEIRA DE SOUZA

AS CAPELAS DOS PASSOS DA PAIXÃO DE CRISTO E DAS DORES DE MARIA EM MINAS GERAIS - BRASIL

Belo Horizonte

2024

VANESSA TAVEIRA DE SOUZA

AS CAPELAS DOS PASSOS DA PAIXÃO DE CRISTO E DAS DORES DE MARIA EM MINAS GERAIS - BRASIL

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Universidade Federal de Minas Gerais da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito à obtenção do título de Doutora em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável.

Área de concentração: Paisagem e Ambiente

Orientadora: Profa. Dra. Staël de Alvarenga Pereira Costa.

Belo Horizonte
2024

FICHA CATALOGRÁFICA

S729c Souza, Vanessa Taveira de.
As capelas dos passos da paixão de Cristo e das dores de Maria em Minas Gerais - Brasil [recurso eletrônico] / Vanessa Taveira de Souza. - 2024.

1 recurso online (151 p. : il.).
Orientadora: Stael de Alvarenga Pereira Costa
Teses (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.

1. Arte e religião - Teses. 2. Arte sacra - Teses. 3. Paisagem - Aspectos sociais - Teses. I. Costa, Stael de Alvarenga Pereira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Arquitetura. III. Título.

CDD 282.81

Ficha catalográfica: elaborada por Fernanda Pereira - CRB 6/2927

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

"As Capelas dos Passos da Paixão de Cristo e das Dores de Maria em Minas Gerais - Brasil"

VANESSA TAVEIRA DE SOUZA

Tese de Doutorado defendida e aprovada, no dia **vinte e cinco de junho de dois mil e vinte e quatro**, pela Banca Examinadora designada pelo Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Leandro Benedini Brusadin

Universidade Federal do Paraná/UFPR

Profa. Dra. Maria Manoela Gimmler Netto

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/PUC Minas

Profa. Dra. Maria Regina Emery Quites

Escola de Belas Artes/UFMG

Prof. Dr. Mateus Rosada

Escola de Arquitetura/UFMG

Profa. Dra Stael de Alvarenga Pereira Costa - Orientadora

Escola de Arquitetura/UFMG

Profa. Dra. Vanessa Borges Brasileiro

Escola de Arquitetura/UFMG

Belo Horizonte, 25 de junho de 2024.

Documento assinado eletronicamente por **Maria Manoela Gimmler Netto**, **Usuária Externa**, em 27/06/2024, às 10:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Leandro Benedini Brusadin**, **Usuário Externo**, em 27/06/2024, às 11:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Stael de Alvarenga Pereira Costa**, **Professora do Magistério Superior**, em 27/06/2024, às 14:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Vanessa Borges Brasileiro**, **Professora do Magistério Superior**, em 02/07/2024, às 15:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Maria Regina Emery Quites**, **Professora Magistério Superior - Voluntária**, em 02/07/2024, às 20:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Mateus Rosada**, **Professor do Magistério Superior**, em 04/07/2024, às 08:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3324442** e o código CRC **05008428**.

Referência: Processo nº 23072.233883/2024-70 SEI nº 3324442

Dedico as minhas avó e mãe,
Zulma Veiga Taveira (*In memoriam*) e
Maria da Penha Taveira de Souza,
pelos seus exemplos de fé e dedicação.

AGRADECIMENTOS

À professora Dra. Staël de Alvarenga Pereira Costa por todos esses anos de convivência no doutorado orientado com absoluta dedicação, generosidade e disciplina. Sua conduta ética me possibilitou crescimento acadêmico e científico vinculado ao respeito e ao prazer diário de produzir pesquisa.

À professora Dra. Maria Regina Emery Quites por me despertar no Mestrado para esses objetos de estudo e à professora Emérita Beatriz Ramos de Vasconcelos Coelho pela oportunidade de iniciação científica na graduação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais por sua qualidade científica representada por seu corpo técnico e em seus indicadores.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela bolsa de pesquisa que foi essencial para a realização desta tese.

Meus agradecimentos também aos membros das irmandades mineiras, em especial as de Ouro Preto, Mariana, Tiradentes e São João del-Rei, que perpetuaram as suas tradições e me acolheram durante as consultas nos arquivos e vivências em campo.

À Andressa Furtada da Silva de Aguiar, Luiz Sigmar R. Pimenta e Tatiana Lopes Salciotto pela digitalização dos documentos no Arquivo Central do Iphan no Rio de Janeiro. Ao André Macieira por viabilizar minha consulta às fontes no Arquivo do Escritório Técnico do Iphan em Ouro Preto. Ao João Pedro Resende por permitir as consultas no Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João del-Rei.

Aos funcionários da Biblioteca da Escola de Arquitetura, em especial a bibliotecária Ana Maria Pinheiro Lima. A funcionária da Pós-Graduação Cleide Lucas Corrêa, por sua atenção com os alunos do programa.

A Divania Souto pelas aulas de inglês.

Ao Marcos Luan Cosme Barbosa e a Maria Clara Caldas Soares Ferreira pelo auxílio na pesquisa histórica e documental. A Isabelle Capanema e a Laiza Pascoal por ilustrarem a tese com os belos croquis e mapas.

Aos membros dos grupos de pesquisas Imagem e Preservação e Laboratório da Paisagem vinculados ao CNPq, em especial ao Agesislau Neiva, Cibele Moura, Cláudia Guanais, Daniela Ayala, Fábio Zarattini, Gisela Barcellos de Souza, Maria Cristina Villefort, Maria Manoela Gimmler Netto e Silvana Bettio, pelos sorrisos, livros, artigos compartilhados e pelas conversas acadêmicas.

Aos Gustavo Bastos, David Nascimento, Leonardo F. S. Ribeiro, Marcos Luan, Mateus Rosada, Matheus Mendonça, Tainá de Keller, Tayami Fonseca pelas fotografias disponibilizadas e pelos encontros nas procissões.

Aos professores e alunos da Pós-Graduação em Conservação Preventiva de Bens Móveis e Eclesiásticos no Instituto de Educação Continuada da PUCMINAS.

Aos membros do Núcleo de Memória e Restauro do Espaço Comum Luiz Estrela, aos participantes do ateliê de restauro das quintas-feiras e aos membros da organização da Conferência em História da Arte, Arquitetura e Patrimônio.

Aos técnicos, administradores, gestores e funcionários da Diretoria do Patrimônio Cultural da Fundação Municipal de Cultura da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de Belo Horizonte pelos incentivos no final desta escrita.

Aos amigos da Pós-Graduação da Arquitetura, Belas Artes e História por compartilhar experiências e conhecimentos, dos quais destaco: Alba Bispo, Carla Olivo, Carlos Jotta, Edson Santos, Elias Mota, Jane Silva, Kellen Dorileo, Leticia Carvalho, Lia Brusadin, Luiz Cruz, Natalia Salvador, Patricia Urias, Raissa Keller, Rafael Rosseto, Renata Morais e Tatiana Penna.

Aos inspiradores amigos arquitetos, Danielle Fajardo, Débora Peçanha, Paula Mendelsohn, Priscila Portugal e Rubens Fraga. As valiosas amigas restauradoras Bárbara Alves, Marina Furtado e Nathália Vieira. A Karla Gusmão pelos incentivos desde o Colégio Santa Maria.

Aos meus irmãos, Deborah Cristina Taveira de Souza e Rodrigo Taveira de Souza pelo apoio e paciência durante o meu doutorado.

As amigas Ana Silva, Claudia Sales, Gisele Cabral, Patricia Nunes, Pollyanna Nunes, Priscilla Castillo, Suelen Souza e Viviane Porto pela força e ânimo.

Aos meus pilares familiares, meu pai e avô, Carlos Roberto de Souza (*In memoriam*) e Eurico Taveira (*In memoriam*).



Capela do Passo de Antônio Dias - Ouro Preto - Minas Gerais
Autoria: Isabelle Capanema

“(...) tudo isso ocorre graças ao nosso fabuloso patrimônio humano, que conecta a imaterialidade com a materialidade. Estes aspectos são significativos, há uma soma de resultados de séculos de vivência, devoção e fé.” (CRUZ, 2022)

RESUMO

As Capelas dos Passos da Paixão de Cristo e das Dores de Maria em Minas Gerais - Brasil, surgiram no período colonial para a prática religiosa católica das vias sacras, junto das esculturas devocionais do Senhor dos Passos e da Nossa Senhora das Dores. Essas imaginárias foram inseridas no século XVIII e XIX pelas irmandades de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores em capelas próprias ou nos altares laterais das primeiras matrizes mineiras. Durante a Quaresma e Semana Santa, essas esculturas são retiradas por seus guardiões dos templos religiosos para a realização de procissões nas ruas das cidades onde são feitas estações da via sacra para orações, rememorações e cantos litúrgicos. Dentro das Capelas dos Passos há altares com representações da cenografia religiosa de Jesus Cristo e da Virgem Maria em pinturas e esculturas, conforme tradição regional. As cidades de Ouro Preto, Mariana, Tiradentes e São João del-Rei em Minas Gerais são os cenários para essas devoções e possuem os cultos mais antigos e preservados ainda no século XXI, por isso, foram selecionadas para esta investigação, considerando o seu dinamismo evolutivo. A relação entre as arquiteturas religiosas e os meios urbanos também são abordados nesta pesquisa, para tal consideramos os aspectos da Morfologia Urbana e Paisagem e Ambiente. Como resultados, esperamos valorizar o tema pouco estudado no Brasil, além de estabelecermos reflexões e critérios sobre a formas de conhecer, proteger, preservar e divulgar parte da cultura de Minas Gerais para as presentes e futuras gerações.

Palavras-chave: esculturas devocionais; capelas dos passos; minas gerais; procissão; paixão de cristo; dores de maria; morfologia urbana; paisagem e ambiente.

ABSTRACT

The Chapels of Passos da Paixão de Cristo and Dores de Maria in Minas Gerais - Brazil, emerged in the colonial period for the catholic religious practice of the *via crucis*, along with the devotional sculptures of Senhor dos Passos and Nossa Senhora das Dores. These images were inserted in the 18th and 19th centuries by the irmandades of Nosso Senhor dos Passos and Nossa Senhora das Dores in their own chapels or in the side altars of the first parishes in Minas Gerais. During Quaresma and Semana Santa, these sculptures are removed by their guardians from religious temples to carry out processions through the streets of the cities where stations of the *via crucis*, remembrances and liturgical songs are made. Inside the Passos Chapels there are altars with representations of the religious scenography of Jesus Christ and the Virgin Mary in paintings and sculptures, according to regional tradition. The cities of Ouro Preto, Mariana, Tiradentes and São João del-Rei in Minas Gerais are the scenarios for these devotions and have the oldest cults preserved in the 21th century, which is why they were selected for this investigation, considering their dynamism evolutionary. The relationship between religious architectures and the urban environments is also addressed in this research, for which we consider aspects of Urban Morphology and Landscape and Environment. As a result, we hope to value a theme little mentioned in Brazil, in addition to establishing reflections and criteria on ways of knowing, protecting, preserving and scientific divulgation part of Minas Gerais culture for present and future generations.

Keywords: devotional sculptures; chapels of passos; minas gerais; procession; paixão de cristo; dores de maria; urban morphology; landscape and environment.

RESUMEN

Las Capillas de los Pasos de la Pasión de Jesucristo y del Dolor de Maria en Minas Gerais - Brasil, surgieron en el período colonial para la práctica religiosa católica de las vías crucis, junto con las esculturas devocionales de Señor de los Pasos y Nuestra Señora de los Dolores. Estas imágenes fueron insertadas en los siglos XVIII y XIX por las hermandades del Señor de los Pasos y Nuestra Señora de los Dolores en sus propias capillas o en los altares laterales de las primeras parroquias de Minas Gerais. Durante el Prestado y la Semana Santa, estas esculturas son retiradas por guardianes de los templos religiosos para realizar procesiones por las calles de las ciudades donde se hacen las estaciones del *vía crucis* para oraciones, recuerdos y cantos litúrgicos. En el interior de las Capillas de los Pasos hay altares con representaciones de la escenografía religiosa de Jesucristo y la Virgen María en pinturas y esculturas, según la tradición regional. Las ciudades de Ouro Preto, Mariana, Tiradentes y São João del-Rei en Minas Gerais son escenarios de estas devociones y poseen los cultos más antiguos conservados en el siglo XXI, razón por la cual fueron seleccionadas para esta investigación, considerando su dinamismo evolutivo. La relación entre las arquitecturas religiosas y los entornos urbanos también se abordan en esta investigación, para ella consideramos aspectos de la Morfología Urbana y Paisaje y Ambiente. Como resultados, esperamos valorar un tema poco mencionado en Brasil, además de establecer reflexiones y criterios sobre formas de conocer, proteger, preservar y difundir parte de la cultura de Minas Gerais para las generaciones presentes y futuras.

Palabras-claves: esculturas devocionales; capillas de los pasos; minas gerais; procesion; pasión de jesucristo; dolor de maria; morfología urbana; paisaje y ambiente.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Nosso Senhor do Passos - Procissão do Encontro - Lisboa - Portugal, 2022. 35

Figura 2 - Nossa Senhora das Dores - Procissão do Encontro - Lisboa - Portugal, 2022. 35

Figura 3 - Encontro das esculturas devocionais - Procissão do Encontro - Lisboa - Portugal, 2022. 35

Figura 4 - Capelas dos Passos da Paixão de Cristo - Guimarães - Portugal. 39

Figura 5 - Nosso Senhor dos Passos - Procissão do Encontro - Salvador - Bahia - Brasil, 2017. 42

Figura 6 - Nossa Senhora das Dores - Procissão do Encontro - Salvador - Bahia - Brasil, 2017. 42

Figura 7 - Encontro das esculturas devocionais - Procissão do Encontro - Salvador - Bahia - Brasil, 2017. 43

Figura 8 - Nosso Senhor dos Passos da Igreja da Ajuda - Salvador - Bahia - Brasil. 45

Figura 9 - Painel 1 de José Rodrigues Nunes - Salvador - Bahia - Brasil. 46

Figura 10 - Painel 2 de José Rodrigues Nunes - Salvador - Bahia - Brasil. 46

Figura 11 - Capela do Passo da Paixão de Cristo em Paraty - Rio de Janeiro - Brasil. 48

Figura 12 - Altar de Nosso Senhor dos Passos na Matriz do Pilar, Ouro Preto - Minas Gerais. 93

Figura 13 - Nosso Senhor dos Passos na Matriz do Pilar, Ouro Preto - Minas Gerais. 93

Figura 14 - Altar de Nossa Senhora das Dores na Matriz do Pilar, Ouro Preto - Minas Gerais. 94

Figura 15 - Nossa Senhora das Dores na Matriz do Pilar, Ouro Preto - Minas Gerais. 94

Figura 16 - Nossa Senhora das Dores na Capela de Nossa Senhora das Dores de Antônio Dias, Ouro Preto - Minas Gerais. 98

Figura 17 - Nosso Senhor dos Passos na Matriz da Assunção, Mariana - Minas Gerais. 103

Figura 18 - Nossa Senhora da Soledade do Seminário da Boa Morte, Mariana - Minas Gerais. 103

Figura 19 - Altar de Nosso Senhor dos Passos na Matriz de Santo Antônio, Tiradentes - Minas Gerais. 106

Figura 20 - Nosso Senhor dos Passos na Matriz de Santo Antônio, Tiradentes - Minas Gerais. 106

Figura 21 - Nossa Senhora das Dores na Capela de São João Evangelista, Tiradentes -

Minas Gerais. 107

Figura 22 - Nossa Senhora das Dores da Capela de São João Evangelista, Tiradentes - Minas Gerais. 107

Figura 23 - Altar de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores na Matriz do Pilar, São João del-Rei - Minas Gerais. 111

Figura 24 - Nosso Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores na Matriz do Pilar, São João del-Rei - Minas Gerais. 111

Figura 25 - Capela do Passo na Ponte Seca, Ouro Preto - Minas Gerais. 116

Figura 26 - Capela do Passo na Ponte Seca em restauração, Ouro Preto - Minas Gerais 117

Figura 27 - Linha do Tempo Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Ouro Preto, século XVIII. 118

Figura 28 - Capela do Passo na rua São José, registro externo, Ouro Preto - Minas Gerais. 119

Figura 29 - Capela do Passo na rua São José, registro interno, Ouro Preto - Minas Gerais. 120

Figura 30 - Notícias de Jornal - Ouro Preto - Minas Gerais - Brasil. 121

Figura 31 - Levantamento técnico, fachada da Capela do Passo na rua Getúlio Vargas, Ouro Preto - Minas Gerais. 122

Figura 32 - Levantamento técnico, corte AB da Capela do Passo na rua Getúlio Vargas, Ouro Preto - Minas Gerais. 122

Figura 33 - Levantamento técnico, planta da Capela do Passo na rua Getúlio Vargas, Ouro Preto - Minas Gerais. 122

Figura 34 - Registro da restauração da parte frontal da Capela do Passo na rua Getúlio Vargas, Ouro Preto - Minas Gerais. 123

Figura 35 - Registro da restauração da parte lateral da Capela do Passo na rua Getúlio Vargas, Ouro Preto - Minas Gerais. 124

Figura 36 - Capela do Passo na Praça Tiradentes, registro externo, Ouro Preto - Minas Gerais. 126

Figura 37 - Capela do Passo na Praça Tiradentes, registro interno, Ouro Preto - Minas Gerais 127

Figura 38 - Capela do Passo de Antônio Dias, registro externo, Ouro Preto - Minas Gerais. 128

Figura 39 - Capela do Passo de Antônio Dias, registro interno, Ouro Preto - Minas Gerais. 129

Figura 40 - Chafariz de Antônio Dias, Ouro Preto - Minas Gerais. 130

Figura 41 - Croqui da Capela do Passo de Antônio Dias, Ouro Preto - Minas Gerais. 131

Figura 42 - Linha do Tempo Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Ouro Preto, século XIX. 132

Figura 43 - Linha do Tempo Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Mariana, século XVIII. 139

Figura 44 - Capela do Passo na Ladeira do Rosário, Mariana - Minas Gerais. 140

Figura 45 - Capela do Passo na Ponte de Areia, Mariana - Minas Gerais. 141

Figura 46 - Croqui Capela do Passo na Ladeira do Rosário, feito a partir da imagem 40 - Mariana - Minas Gerais. 142

Figura 47 - Capela do Passo da Cadeia, Tiradentes - Minas Gerais. 148

Figura 48 - Capela do Passo no Largo do Ó, Tiradentes - Minas Gerais. 149

Figura 49 - Linha do Tempo Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Tiradentes, século XVIII. 151

Figura 50 - Capela do Passo na rua Direita, Tiradentes - Minas Gerais. 153

Figura 51 - Capela do Passo no Largo das Forras, Tiradentes - Minas Gerais. 154

Figura 52 - Linha do Tempo Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Tiradentes, século XIX. 155

Figura 53 - Frente - Folha do Inventário do IPHAN referente a Capela do Passo na rua Getúlio Vargas, São João del Rei/MG, 1994. 163

Figura 54 - Verso - Folha do Inventário do IPHAN referente a Capela do Passo na rua Getúlio Vargas, São João del Rei/MG, 1994. 164

Figura 55 - Linha do Tempo Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de São João del-Rei, século XVIII. 167

Figura 56 - Capela do Passo do Carmo, São João del-Rei - Minas Gerais. 168

Figura 57 - Capela do Passo do Carmo com a Igreja do Carmo nos fundos, São João del-Rei - Minas Gerais. 169

Figura 58 - Linha do Tempo Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de 170

São João del-Rei, século XIX. 170

Figura 59 - Linha do Tempo Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Ouro Preto, século XX. 175

Figura 60 - Linha do Tempo Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Mariana, séculos XIX e XX. 176

Figura 61 - Linha do Tempo Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Tiradentes, séculos XX e XXI. 177

Figura 62 - Linha do Tempo Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de São João del-Rei, século XX. 179

Figura 63 - Procissão de Depósito da Nossa Senhora das Dores, retirada da escultura pelos guardiões na Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Ouro Preto - Minas Gerais. 202

Figura 64 - Procissão de Depósito da Nossa Senhora das Dores, meio do percurso (alça), Ouro Preto - Minas Gerais. 203

Figura 65 - Procissão de Depósito da Nossa Senhora das Dores, chegada do cortejo da escultura na Igreja das Mercês de Cima, Ouro Preto - Minas Gerais. 203

Figura 66 - Estrutura das procissões de Ouro Preto - Minas Gerais. 204

Figura 67 - Procissão de Depósito de Nosso Senhor dos Passos, retirada da escultura pelos guardiões na Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Ouro Preto - Minas Gerais. 207

Figura 68 - Procissão de Depósito de Nosso Senhor dos Passos, Praça Tiradentes, registro da abertura parcial do velário pelos franciscanos, Ouro Preto - Minas Gerais. 207

Figura 69 - Procissão do Encontro, retirada da escultura pelos guardiões na Igreja de São Francisco de Assis da Ordem Terceira, Ouro Preto - Minas Gerais. 209

Figura 70 - Procissão do Encontro, cortejo de Nosso Senhor dos Passos, início do percurso, Ouro Preto - Minas Gerais. 210

Figura 71 - Procissão do Encontro, cortejo de Nosso Senhor dos Passos, Estação, Capela do Passo de Antônio Dias, Ouro Preto - Minas Gerais. 210

Figura 72 - Procissão do Encontro, união entre as esculturas de Nosso Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores, Ouro Preto - Minas Gerais. 211

Figura 73 - Procissão de Depósito de Nosso Senhor dos Passos, retirada da escultura pelos guardiões na Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Ordem Terceira, Mariana - Minas Gerais. 218

Figura 74 - Procissão de Depósito de Nosso Senhor dos Passos, chegada do cortejo de Senhor dos Passos, Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Mariana - Minas Gerais. 218

Figura 75 - Procissão do Encontro, cortejo de Nosso Senhor dos Passos, Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Mariana - Minas Gerais. 221

Figura 76 - Procissão do Encontro, Estação, Capela do Passo na Ponte de Areia, Mariana - Minas Gerais. 222

Figura 77 - Procissão do Encontro, velas no trajeto processional, Mariana - Minas Gerais. 222

Figura 78 - Procissão do Encontro, registro interno, Capela do Passo na Ponte de Areia, Mariana - Minas Gerais. 222

Figura 79 - Procissão do Encontro, união entre as esculturas de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores, Praça Minas Gerais. E continuidade do cortejo na Rua Dom Silvério, Mariana - Minas Gerais. 223

Figura 80 - Procissão do Depósito de Nosso Senhor dos Passos, retirada da escultura pelos guardiões na Matriz de Santo Antônio, Tiradentes - Minas Gerais. 230

Figura 81 - Procissão do Depósito de Nosso Senhor dos Passos, cortejo de Nosso Senhor do Passos na Rua de Cima e próximo a Igreja de São João Evangelista, Tiradentes - Minas Gerais. 231

Figura 82 - Procissão do Depósito de Nosso Senhor dos Passos, chegada do cortejo na Igreja de Nossa Senhora das Mercês, Tiradentes - Minas Gerais. 231

Figura 83 - Procissão de Rasoura de Nosso Senhor dos Passos, início do cortejo, Igreja de Nossa Senhora das Mercês, Tiradentes - Minas Gerais. 233

Figura 84 - Procissão de Rasoura de Nosso Senhor dos Passos, meio do cortejo, Igreja de Nossa Senhora das Mercês, Tiradentes - Minas Gerais. 233

Figura 85 - Procissão do Encontro, Nosso Senhor dos Passos em veneração na Igreja de Nossa Senhora das Mercês, Tiradentes - Minas Gerais. 235

Figura 86 - Procissão do Encontro, Nossa Senhora das Dores em veneração na Igreja de São João Evangelista, Tiradentes - Minas Gerais. 235

Figura 87 - Procissão do Encontro, Estação, Capela do Passo na Rua Direita, Tiradentes - Minas Gerais. 236

Figura 88 - Procissão do Encontro, união entre as esculturas de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores, Largo do Rosário, Tiradentes - Minas Gerais. 236

Figura 89 - Procissão do Encontro, Estação, Capela do Passo no Largo Ó, Tiradentes - Minas Gerais. 237

Figura 90 - Procissão do Encontro, recolhimento das duas esculturas pelos organizadores na Matriz de Santo Antônio, Tiradentes - Minas Gerais. 237

Figura 91 - Procissão da Nossa Senhora das Dores, saída do cortejo na Matriz de Nossa Senhora do Pilar, São João del-Rei - Minas Gerais. 249

Figura 92 - Procissão de Depósito da Nossa Senhora das Dores, registro da escultura após ter sido desvelada pelos terceiros carmelitas, São João del-Rei - Minas Gerais. 250

Figura 94 - Procissão de Nosso Senhor dos Passos, escultura de Nosso Senhor dos Passos em veneração na Matriz de Nossa Senhora do Pilar, São João del-Rei - Minas Gerais. 253

Figura 95 - Procissão de Nosso Senhor dos Passos, detalhe interno andor de Nosso Senhor dos Passos, Matriz de Nossa Senhora do Pilar, São João del-Rei - Minas Gerais. 254

Figura 96 - Procissão de Nosso Senhor dos Passos, detalhe interno ervas aromáticas andor de Nosso Senhor dos Passos, Matriz de Nossa Senhora do Pilar, São João del-Rei - Minas Gerais. 254

Figura 97 - Procissão de Nosso Senhor dos Passos, Largo de São Francisco, São João del-Rei - Minas Gerais. 255

Figura 98 - Procissão do Encontro, retirada da escultura de Nosso Senhor dos Passos pelos terceiros franciscanos na Igreja de São Francisco de Assis, São João del-Rei - Minas Gerais. 260

Figura 99 - Procissão do Encontro, Estação, Capela do Passo no Largo do Rosário, São João del-Rei - Minas Gerais. 260

Figura 100 - Procissão do Encontro, Estação, Capela do Passo na Rua da Prata, São João del-Rei - Minas Gerais. 261

Figura 101 - Procissão do Encontro, Estação, Capela do Passo do Carmo, São João del-Rei - Minas Gerais. 261

Figura 102 - Procissão do Encontro, uso de velas e lanternas pelos devotos, São João del-Rei - Minas Gerais. 261

Figura 103 - Procissão do Encontro, Estação, Capela do Passo das Mercês, São João del-Rei - Minas Gerais. 262

Figura 104 - Procissão do Encontro, recolhimento das esculturas na Matriz de Nossa Senhora do Pilar, São João del-Rei - Minas Gerais. 262

Figura 105 - Procissão da Soledade, escultura em veneração na Matriz de Nossa Senhora do Pilar, São João del-Rei - Minas Gerais. 265

Figura 106 - Procissão da Soledade, detalhe de Nossa Senhora das Dores, Estação, Capela do Passo das Mercês, São João del-Rei - Minas Gerais. 266

Figura 107 - O sino da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos na torre sineira esquerda da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, São João del-Rei - Minas Gerais. 272

Figura 129 - Planta de Vila Rica, data provável - 1800. 290

Figura 130 - Planta da cidade de Ouro Preto organizada por ordem do Exmo. Sr. Dr. Luiz Eugenio Horta Barbosa, presidente da Província, 1888. 292

Figura 131 - Planta e mapa de Mariana, antiga Vila de Ribeirão de Nossa Senhora do Carmo, datado da segunda metade do século XVIII. 297

Figura 132 - Vista de Mariana, a primeira cidade da Capitania das Minas Gerais, 1817. 298

Figura 133 - Mapa do Estado de Minas Gerais com recorte para o município de Tiradentes, 1939. 302

Figura 134 - Mapa da cidade de São João del-Rei, elaborado pela Comissão Geográfica e Geológica de Minas Gerais, 1895. 306

Figura 135 - As cinco Capela dos Passos e suas épocas de construção, Ouro Preto - Minas Gerais. 310

Figura 136 - Fachada da Capela do Passo da Ponte Seca, Ouro Preto - Minas Gerais. 311

Figura 137 - Fachada da Capela do Passo da Rua Getúlio Vargas, Ouro Preto - Minas Gerais. 312

Figura 138 - Fachada da Capela do Passo da Rua São José, Ouro Preto - Minas Gerais. 313

Figura 139 - Fachada da Capela do Passo da Praça Tiradentes, Ouro Preto - Minas Gerais. 314

Figura 140 - Fachada da Capela do Passo de Antônio Dias, Ouro Preto - Minas Gerais. 315

Figura 141 - A seis Capela dos Passos e suas épocas de construção, Mariana - Minas Gerais. 316

Figura 142 - Fachada da Capela do Passo da Ladeira do Rosário, Mariana - Minas Gerais. 317

Figura 143 - Fachada do Passo da Ponte de Areia, Mariana - Minas Gerais. 318

Figura 144 - Fachada da Capela do Passo da Rua Direita, Mariana - Minas Gerais. 319

Figura 145 - Fachada da Capela do Passo da Rua Dom Silvério, Mariana - Minas Gerais. 320

Figura 146 - Fachada da Capelas do Passo da Rua Dom Viçoso, Mariana - Minas Gerais. 321

Figura 147 - Fachada da Capela de São Jorge, Mariana - Minas Gerais. 322

Figura 148 - As seis Capela dos Passos e suas épocas de construção, Tiradentes - Minas Gerais. 324

Figura 149 - Fachada da Capela do Passo do Largo das Forras, Tiradentes - Minas Gerais. 325

Figura 150 - Fachada da Capela do Passo da Rua do Sol, Tiradentes - Minas Gerais. 326

Figura 151 - Fachada da Capela do Passo da Cadeia, Tiradentes - Minas Gerais. 327

Figura 152 - Fachada da Capela do Largo do Ó, Tiradentes - Minas Gerais. 327

Figura 153 - Fachada da Capela do Largo da Câmara, Tiradentes - Minas Gerais. 328

Figura 154: Fachada da Capela do Passo da Rua do Sol, Tiradentes - Minas Gerais. 329

Figura 155 - A série de seis Capela dos Passos e suas épocas de construção, São João

del-Rei - Minas Gerais. 330

Figura 156 - Fachada da Capela do Passo da Rua da Prata, São João del-Rei - Minas Gerais. 331

Figura 157 - Fachada da Capela do Passo do Largo do Rosário, São João del-Rei - Minas Gerais. 332

Figura 158 - Fachada da Capela do Passo do Carmo, São João del-Rei - Minas Gerais. 333

Figura 159 - Fachada da Capela do Largo da Cruz, São João del-Rei - Minas Gerais. 334

Figura 160 - Fachada da Capela do Passo das Mercês, São João del-Rei - Minas Gerais.335

Figura 161 - Fachada da Capela de Nossa Senhora da Piedade e Bom Despacho, São João del-Rei - Minas Gerais. 336

Figura 162 - Capela de Nossa Senhora da Piedade e Bom Despacho, relação com a Cadeia, São João del-Rei - Minas Gerais. 337

Figura 163 - Rua estreita próximo ao Largo e Capela do Passo no Pelourinho, Tiradentes - Minas Gerais. 346

Figura 164 - Espaço livre (largo) na frente da Capela do Passo no Pelourinho, Tiradentes - Minas Gerais. 347

Figura 165 - Estilos diferentes contrastando na Rua Getúlio Vargas, São João del-Rei - Minas Gerais. 348

Figura 166 - Contraste entre o Grande Hotel de Ouro Preto e as edificações coloniais como a da Capela do Passo na Rua José inseridos no núcleo inicial, Ouro Preto - Minas Gerais. 349

Figura 167 - Declive no percurso da procissão existente no encontro com a Capela do Passo na Ponte Seca, Ouro Preto - Minas Gerais. 350

Figura 168 - Aclive no percurso da procissão existente no encontro com a Igreja Matriz de Santo Antônio, Tiradentes - Minas Gerais. 351

Figura 169 - Silhueta demarcada entre a Capela do Passo do Largo do Pelourinho e seu entorno com os elementos naturais, Tiradentes - Minas Gerais. 352

Figura 170 - Silhueta demarcada entre a Capela do Passo de Antônio Dias e seu entorno com elementos da paisagem urbana e naturais, Ouro Preto - Minas Gerais. 353

Figura 171 - Silhueta demarcada no caminho processional, Ouro Preto - Minas Gerais. 354

Figura 172 - Silhueta demarcada no caminho processional, Tiradentes - Minas Gerais. 354

Figura 173 - Ondulação na Rua Getúlio Vargas, onde está implantada a Capela do Passo denominada pelo nome da via, Ouro Preto - Minas Gerais. 355

Figura 174 - Paralelismo na Rua Alfonsus Guimarães, onde está implantada a Capela do

Passo da Ponte de Areia, Mariana - Minas Gerais 356

Figura 176 - Organização da área de instituições religiosas, Matriz do Pilar, Ouro Preto - Minas Gerais 358

Figura 177 - Organização da área de instituições religiosas, Mercês de Cima, Ouro Preto - Minas Gerais 359

Figura 178 - Uma Capela do Passo ao final da via interrompida pela Praça Tiradentes, Capela do Passo na Praça, Ouro Preto - Minas Gerais. 360

Figura 179 - Capela Passo da Praça, Ouro Preto - Minas Gerais. 360

Figura 180 - Composição de ritmo nos volumes e das fachadas, Praça Tiradentes - Ouro Preto - Minas Gerais 363

Figura 181 - Simplicidade da forma retangular verificada somente na Praça Tiradentes - Ouro Preto - Minas Gerais 365

Figura 182 - Capela do Passo na Ponte Seca, perspectiva central a partir da Rua Cônego Simões, Ouro Preto - Minas Gerais. 370

Figura 183 - Capela do Passo na Rua Getúlio Vargas, adaptação ao nível e curvatura da via, Ouro Preto - Minas Gerais. 372

Figura 184 - Passo na Rua São José, em seu entorno nota-se a Cruz Ponte de São José, a Casa dos Contos e o Grande Hotel de Ouro Preto nos fundos, Ouro Preto - Minas Gerais. 373

Figura 185 - Entorno da Capela do Passo na Praça Tiradentes, vista do Museu da Inconfidência, Ouro Preto - Minas Gerais. 375

Figura 186 - Capela do Passo de Antônio Dias, perspectiva central em relação a Rua Cláudio Manoel, Ouro Preto - Minas Gerais. 377

Figura 187 - Capela do Passo na Ladeira do Rosário, importância dada à Capela na fachada e interior do casarão, Mariana - Minas Gerais. 380

Figura 188 - Capela do Passo na Ponte de Areia, perspectiva central a partir da Rua Alfonsus Guimarães, Mariana - Minas Gerais. 382

Figura 189 - Capela do Passo na Rua Direita, inserção no meio do quarteirão, Mariana - Minas Gerais. 384

Figura 190 - Capela do Passo na Rua Dom Silvério, harmonização da sua arquitetura ao casarão do entorno, Mariana - Minas Gerais. 385

Figura 191 - Capela do Passo na Rua Dom Viçoso, perspectiva central a partir da Rua Cônego Rego, Mariana - Minas Gerais. 387

Figura 192 - Capela do Passo no Largo das Forras, harmonização da sua arquitetura ao

casarão do entorno, Tiradentes - Minas Gerais. 390

Figura 193 - Capela do Passo na Rua Direita, harmonização da sua arquitetura ao casarão do entorno, Tiradentes - Minas Gerais. 391

Figura 194 - Capela do Passo da Cadeia, relação com a Cadeia, Tiradentes - Minas Gerais 393

Figura 195 - Capela do Passo no Largo do Ó, relação de entorno com o casarão, Tiradentes - Minas Gerais. 394

Figura 196 - Capela do Passo no Largo da Câmara, relação com o entorno da Casa de Câmara, Tiradentes - Minas Gerais. 395

Figura 197 - Capela do Passo na Rua da Prata, relação com a Igreja de São Francisco Assis, São João del-Rei - Minas Gerais. 397

Figura 198 - Capela do Passo no Largo do Rosário, perspectiva central a partir da Rua Maestro João Pequeno, São João del-Rei - Minas Gerais. 399

Figura 199 - Capela do Passo do Carmo, relação com a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, São João del-Rei - Minas Gerais. 400

Figura 200 - Fachada da Capela do Passo no Largo da Cruz, centralidade na Praça, São João del-Rei - Minas Gerais. 401

Figura 201 - Capela do Passo das Mercês e a Casa do Barão de Itambé, São João del-Rei - Minas Gerais. 402

Figura 202 - Capela do Passo das Mercês, Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Cruzeiro, São João del-Rei - Minas Gerais. 403

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Mapa de localização das Capelas dos Passos da Paixão de Cristo e dos templos religiosos envolvidos em seu culto, Ouro Preto - Minas Gerais. 199

Mapa 2 - Mapa da Procissão de Depósito da Nossa Senhora das Dores (anos pares), Ouro Preto - Minas Gerais. 201

Mapa 3 - Mapa da Procissão de Depósito de Nosso Senhor dos Passos (anos pares), 206

Ouro Preto - Minas Gerais. 206

Mapa 4 - Mapa da Procissão do Encontro (anos pares), Ouro Preto - Minas Gerais. Fonte: Prefeitura de Ouro Preto. 212

Mapa 5 - Mapa de localização das Capelas dos Passos da Paixão de Cristo e dos templos religiosos envolvidos em seu culto, Mariana - Minas Gerais. 215

Mapa 6 - Mapa da Procissão de Depósito de Nosso Senhor dos Passos, Mariana - Minas Gerais. 217

Mapa 8 - Mapa de localização das Capelas dos Passos da Paixão de Cristo e dos templos religiosos envolvidos em seu culto, Tiradentes - Minas Gerais. 227

Mapa 10 - Mapa da Procissão do Encontro, Tiradentes - Minas Gerais. 234

Mapa 11 - Mapa de localização das Capelas dos Passos da Paixão de Cristo e dos templos religiosos envolvidos em seu culto, São João del-Rei - Minas Gerais. 241

Mapa 12 - Mapa da Procissão de Depósito da Nossa Senhora das Dores, São João del-Rei - Minas Gerais. 248

Mapa 13 - Mapa da Procissão de Depósito de Nosso Senhor dos Passos, São João del-Rei - Minas Gerais. 252

Mapa 14 - Mapa da Procissão do Encontro, São João del-Rei - Minas Gerais. 259

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Período de fundação das irmandades de Nosso Senhor Passos em Minas Gerais, século XVIII. 82

Tabela 2 - Período de fundação das irmandades de Nosso Senhor Passos em Minas Gerais, século XIX. 83

Tabela 3 - Período de fundação e disposição das irmandades na Matriz do Pilar em Ouro Preto. 87

Tabela 4 - Período de fundação e disposição das irmandades na Matriz de Antônio Dias em Ouro Preto. 96

Tabela 5 - Período de fundação e disposição das irmandades na Matriz de Assunção em Mariana. 100

Tabela 6 - Período de fundação das irmandades presentes na Matriz de Santo Antônio e Tiradentes. 105

Tabela 7 - Período de fundação das irmandades presentes na Matriz do Pilar em São João del-Rei. 109

Tabela 8 - Depósitos das Nossas Senhoras das Dores, Ouro Preto - Minas Gerais. 201

Tabela 9 - Depósito de Nosso Senhor dos Passos, Ouro Preto - Minas Gerais. 208

Tabela 10 - Procissão do Encontro, Ouro Preto - Minas Gerais. 212

Tabela 11 - Depósito da Nossa Senhora das Dores, Mariana - Minas Gerais. 216

Tabela 12 - Depósito de Nosso Senhor dos Passos, Mariana - Minas Gerais. 219

Mapa 7- Mapa da Procissão do Encontro, Mariana - Minas Gerais. 220

Tabela 13 - Procissão do Encontro, Mariana - Minas Gerais. 224

Tabela 14 - Tabela comparativa entre as práticas religiosas realizadas, Ouro Preto e Mariana - Minas Gerais. 225

Tabela 15 - Vias Sacras, Tiradentes - Minas Gerais. 228

Tabela 16 - Depósito de Nosso Senhor dos Passos, Tiradentes - Minas Gerais. 232

Tabela 17 - Procissão do Encontro, Tiradentes - Minas Gerais. 238

Tabela 18 - Via Sacras Solenes, São João del-Rei - Minas Gerais. 243

Tabela 19 - Ordem, estações, cenas e pinturas da Vias Sacras Solenes, São João del-Rei - Minas Gerais. 244

Tabela 20 - Encomendação das Almas, São João del-Rei - Minas Gerais. 246

Tabela 21 - Depósito de Nossa Senhora das Dores, São João del-Rei - Minas Gerais. 251
Tabela 22 - Depósito de Nosso Senhor dos Passos, São João del-Rei - Minas Gerais. 255
Tabela 23 - Procissão do Encontro, São João del-Rei - Minas Gerais. 263
Tabela 24 - Procissão da Soledade, São João del-Rei - Minas Gerais. 266
Tabela 25 - Tabela comparativa entre as práticas religiosas realizadas em Tiradentes e São João del-Rei - Minas Gerais. 269

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC/IPHAN	Arquivo Central do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
AED/SJDR	Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João del-Rei
CDI/IPHAN	Centro de Documentação e Informação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EA/UFMG	Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MAS/UFBA	Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia
MAS/BA	Museu de Artes da Bahia
OPC	Ordem Primeira do Carmo
OTC	Ordem Terceira do Carmo
OTSF	Ordem Terceira de São Francisco
Pacps	Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável
S.P.Q.R	*Senatus Populusque Romanum*
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFSJ	Universidade Federal de São João del-Rei
UNESCO	*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* / Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....29

2. O SURGIMENTO DAS CAPELAS DOS PASSOS DA PAIXÃO DE CRISTO E DAS DORES DE MARIA EM MINAS GERAIS.....64

2.1. Das Minas Gerais dos Cataguás à Capitania das Minas Gerais.....64

2.2. As irmandades, suas origens e funções.....76

2.2.1. Das origens das irmandades na Europa até no Brasil.....76

2.2.2. As irmandades de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores... 81

2.3. Os altares nas matrizes mineiras.....86

2.3.1. Os altares nas matrizes de Nossa Senhora do Pilar e de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias em Ouro Preto.....86

2.3.2. Os altares na Matriz de Nossa Senhora da Assunção em Mariana..... 99

2.3.3. Os altares na Matriz de Santo Antônio em Tiradentes.....103

2.3.4. Os altares na Matriz de Nossa Senhora do Pilar em São João del-Rei..... 107

2.4. A construção das Capelas dos Passos da Paixão e das Dores de Maria em Minas Gerais.....112

2.4.1. A construção das Capelas dos Passos da Paixão e das Dores de Maria em Ouro Preto.....113

2.4.2. A construção das Capelas dos Passos da Paixão de Cristo e das Dores de Maria em Mariana..... 135

2.4.3. A construção das Capelas dos Passos da Paixão e das Dores de Maria em Tiradentes..... 145

2.4.4. A construção das Capelas dos Passos da Paixão de Cristo e das Dores de Maria em São João del-Rei.....158

2.5. As formas de proteção das Capelas dos Passos em Minas Gerais.....173

3. FESTA E RELIGIÃO NAS GERAIS DURANTE A QUARESMA E SEMANA SANTA....182

3.1. Os viajantes e as festividades religiosas no Novo Mundo.....182

3.1.1. Jean Baptiste Debret (1816-1831) e a Procissão de Nosso Senhor dos Passos no Rio de Janeiro.....185

3.1.2. Os carmelitas e a Paixão de Cristo no Brasil.....189

3.1.3. Os viajantes mineiros.....192

3.2. Festa e religião nas cidades de Minas Gerais..... 196
3.2.1. Festa e religião em Ouro Preto..... 198
3.2.2. Festa e religião em Mariana.....214
3.2.3. Festa e religião em Tiradentes.....226
3.2.4. Festa e religião em São João del-Rei.....240
3.3. São João del-Rei, “a cidade onde os sinos falam”..... 271
3.4. Os cultos e a pandemia da Covid-19.....273
4. OS ESTUDOS DA MORFOLOGIA URBANA APLICADOS ÀS PROCISSÕES E AS CAPELAS DOS PASSOS..... 277
4.1. Dos conceitos da Morfologia Urbana as Escolas Inglesa e Italiana..... 277
4.2. A Escola Italiana e a conformação do “tipo territorial básico”.....283
4.3. A importância das “rota matriz e secundária” na formação dos núcleos urbanos mineiros e suas relações com as procissões e Capelas dos Passos.....288
4.3.1. O “caminho tronco” e os dois principais proto-núcleos de Ouro Preto..... 289
4.3.2. O “caminho tronco”, os três proto-núcleos e o plano urbano de Mariana.....293
4.3.3. O caminho de São João del-Rei até Prados e os dois proto-núcleos de Tiradentes..... 300
4.3.4. O “caminho tronco” e os quatro proto-núcleos de São João del-Rei.....303
4.4. Os conjuntos de cinco Capelas dos Passos mineiras..... 309
4.4.1. O conjunto das Capela dos Passos de Ouro Preto..... 309
4.4.2. O conjunto das Capela dos Passos de Mariana.....315
4.4.3. O conjunto das Capela dos Passos de Tiradentes.....324
4.4.4. O conjunto das Capela dos Passos de São João del-Rei..... 330
4.5. O “tipo especializado” mineiro de Capelas dos Passos.....337
5. O PAPEL DAS CAPELAS DOS PASSOS NA PAISAGEM URBANA DAS CIDADES COLONIAIS EM MINAS GERAIS..... 343
5.1. Sensações e percepções na paisagem urbana a partir do percurso processional e implantação das Capelas dos Passos.....343
5.2. O uso da perspectiva para a valorização das Capelas dos Passos e a execução de suas procissões no espaço urbano..... 367
5.2.1. As Capelas dos Passos e adaptação ao sítio natural de Ouro Preto..... 368
5.2.2. As Capelas dos Passos e adaptação ao plano urbano de Mariana..... 379

5.2.3. As Capelas dos Passos e os largos presentes no traçado regular de Tiradentes 388

5.2.4. As Capelas dos Passos e a apropriação das margens do Córrego do Lenheiro em São João del-Rei.....396

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 404

REFERÊNCIAS..... 423

BREVE GLOSSÁRIO DE TERMOS ELEMENTARES.....435

ANEXOS.....447

Anexo A - Programa Solenidades da Semana Santa, Ouro Preto, 2022..... 448

Anexo B - Programa Solenidades da Semana Santa, Mariana, 2022.....450

Anexo C - Programa Comemorações em honra ao Senhor Bom Jesus dos Passos, Tiradentes, 2023..... 451

Anexo D - Programa Comemorações dos Passos, São João del-Rei, 2019.....452

Anexo E - Exposição - ADORAMUS TE CHRISTE..... 453

Anexo F - Lançamento do Livro Passion Domini.....454

Anexo G - Exposição Fotográfica - A Paixão por del-Rey..... 455

1. INTRODUÇÃO

O suporte teórico da Introdução se baseia em referências nacionais e internacionais sobre as temáticas da Paixão de Cristo e das Dores de Maria. No qual, destacamos os seguintes autores: Padre Raphael Bluteau (1638-1734), Augusto de Lima Júnior (1943,1956), Germain Bazin (1971), Dom José Maria de Almeida Araújo Correia de Lacerda (1984), Caio César Boschi (1986), Héctor H. Schenone (1998), Adalgisa Arantes Campos (2004), Alena Robin (2008, 2010 e 2012), Myriam Andrade Ribeiro Oliveira (2004, 2011), Maria Helena Ochi Flexor (2014), Olinto Rodrigues Santos Filho (2015), George Cyprian Alston (2016), Fátima Auxiliadora de Souza Justiniano (2016), Célio Macedo Alves (2017), Luiz Alberto Ribeiro Freire (2019), Maria Regina Emery Quites (2019) e Luiz Antônio da Cruz (2022).

As Capelas dos Passos[1] da Paixão de Cristo em Minas Gerais - Brasil, estão relacionadas a origem da prática religiosa de peregrinação dos católicos aos lugares santos na cidade de Jerusalém em Israel, para receber as suas indulgências pela Igreja Católica. Naquele local, aconteceram os principais episódios da vida de Jesus Cristo e lá esses poderiam ser rememorados pelos devotos e fiéis a partir de orações e reflexões espirituais. Com o aumento dos peregrinos alguns desses lugares cultuados e protegidos pelos franciscanos foram adquirindo maior importância e por isso, passaram a ser demarcados na paisagem urbana daquela cidade. Além disso, foram sacralizados pela Igreja com a construção em alguns casos de pequenas capelas, que consequentemente proporcionou o surgimento da primeira via sacra[2] na denominada “Terra Santa”.

Considerando as guerras e invasões na Idade Média à Jerusalém, a dificuldade de se realizar a peregrinação e o recebimento das indulgências nos lugares santos, sua prática religiosa passou a ser transmitida pela Igreja em lugares externos a esta localidade, que foram depois também sacralizados por essa instituição religiosa.

---

[1] Oliveira (2011, p. 15), disse que: “(...) origem do vocábulo ‘passo, fixado nas línguas ibéricas para designar as estações da via sacra, com um duplo sentido de deslocamento: a referência aos passos originais do próprio Cristo nas diversas etapas do Calvário e os do peregrino refazendo materialmente o mesmo percurso em Jerusalém.”

[2] Para Bluteau (1638-1734, p. 466-467), a via sacra foi utilizada pelos católicos significando: “(...) a via onde estavam situadas estações, que se fazem de altar em altar, em memória e veneração dos passos que deu o nosso divino redemptor a caminho do Calvário.”

Para Bazin (1971, p. 220-221), estes tipos de lugares eram importantes, na Idade Média, devido à dificuldade de se peregrinar aos lugares santos, o que levou a sua reprodução em diversos países e o surgimento da expressão “peregrinação de substituição".

Robin (2008, p. 1287), relatou também que a criação de conjuntos devocionais se consolidou na Idade Média, pela dificuldade de se acessar os lugares santos, em um período com a presença de diversas invasões a Jerusalém. Indicou também que por causa disso, foi se difundindo a ideia de “peregrinação de substituição”. No caso da via sacra ou *via crucis* ou via dolorosa, os momentos principais da Paixão de Cristo são recordados por estações[3], que se representam por quadros, estampas, esculturas, relevos ou elementos arquitetônicos especiais, onde os fiéis poderiam recitar orações específicas e também receber as suas indulgências. As localidades escolhidas para a “peregrinação de substituição” passaram a ser regiões de prestígio devido à produção de obras de artes e de novas celebrações públicas.

Para a devoção à Paixão de Cristo são comumente representadas quatorze cenas (preferencialmente múltiplas de 7) relativas à via sacra de Jesus Cristo, quantidade essa que foi fixada em 1731, pelo papa Bento XIV. O mesmo decreto papal permitiu também que outras ordens religiosas, além dos franciscanos, representassem e a divulgassem. Sobre isso notamos que:

> *En un principio la fundación de un vía crucis estaba relacionada de manera estrecha con los franciscanos, en particular con la primera y tercera orden. No obstante, a lo largo del siglo XVIII hubo varios Breves papales que democratizaron esta práctica y permitieron una mayor difusión de la devoción. Así, a partir de la segunda mitad del siglo XVIII no sólo se practicaba el vía crucis en ámbitos franciscanos, sino que todas las parroquias podían tener uno, aunque sólo miembros de la orden franciscana los podían instaurar.* (ROBIN, 2010, p. 199)[4]

---

[3] Em Bazin (1971, p. 222), a designação *station* ou “estação” é um vocábulo que: “(...) aparece desde a Idade Média, com um significado litúrgico, designando um velório ou uma vigília com jejum, que se costumava fazer junto dos túmulos dos mártires, à noite e ao amanhecer. Na Antiguidade pagã, o vocábulo tinha o sentido de plantão, frequentemente comparado à de um soldado. Com a continuação, o vocábulo *station* aplicou-se às paradas feitas durante uma peregrinação - por exemplo - às paradas em cada uma das sete igrejas de Roma, que se devia visitar num dia para se alcançar indulgência plenária.”

[4] “Inicialmente, a fundação de uma via sacra esteve intimamente relacionada aos franciscanos, particularmente com as Ordens Primeira e Terceira. Contudo, ao longo do século XVIII houve vários Breviários papais que democratizaram esta prática e permitiram uma maior divulgação da devoção. Assim, a partir da segunda metade do século XVIII, não só as vias sacras eram praticadas pelos franciscanos, mas todas as paróquias podiam ter uma, embora apenas os membros da ordem franciscana as pudessem instaurar.” (ROBIN, 2010, p. 199)

Assim essa devoção foi evoluindo e somente no século XVIII ocorreu sua estruturação formal. As principais cenas da Paixão de Cristo fixadas no decreto já citado de origem bíblica[5] e baseadas também em aparições aceitas são:

1ª) Cristo condenado;
2ª) A entrega da Cruz (a Cruz lhe é dada);
3ª) A primeira queda;
4ª) O encontro com Maria;
5ª) A ajuda de Simão Cirineu;
6ª) O encontro com Verônica;
7ª) A segunda queda;
8ª) O encontro com as mulheres de Jerusalém;
9ª) A terceira queda;
10ª) A retirada da túnica (lhe é sacada a túnica);
11ª) A crucificação;
12ª) A morte na Cruz;
13ª) O descendimento;
14ª) O enterro. (ALSTON, vol. 15, [1912], 2016)

Para Robin (2008, p. 1287-1288), a definição tradicional para *via crucis* é o caminho percorrido por Jesus Cristo depois da sentença de Pilatos, até chegar ao Monte Calvário, onde ocorreu a sua crucificação, morte e sepultamento. E esse trajeto, Cristo fez carregando a sua Cruz. Por isso, *via crucis* significaria: o caminho da Cruz.

A mesma autora informou que a *via crucis* não teria necessariamente quatorze cenas e que, portanto, não seria obrigatório que se cumprisse a devoção oficial estabelecida no século XVIII para que se considerasse como tal. Justificou essa

[5] As cenas de origem bíblica da Paixão de Cristo são: da prisão, os processos de julgamento religiosos de Anás (MATEUS, 26, 57, 64-66) e Caifás (JOÃO, 19, 13, 19-24) e a sentença política de Pilatos e Herodes Antipas (JOÃO, 19, 4-8, 14), incluindo a escolha entre Barrabás e Jesus (MARCOS, 15, 6-15). A flagelação de Cristo e a coroação de espinhos (JOÃO, 19, 1-3). Pilatos lavando as mãos (MATEUS, 27, 24). A apresentação de Jesus Cristo ao povo, Ecce Homo (JOÃO, 19, 5). Caminho do Calvário (LUCAS, 23, 33), Cristo após a condenação de Pilatos à sentença de crucificação caminha carregando nas costas a Cruz até o topo do Monte Calvário onde seria crucificado (JOÃO, 19, 17-20) e, finalmente, do Santo Sepulcro, local onde o Messias seria sepultado e ocorrido a sua ressurreição (JOÃO, 20, 1-10).

afirmação embasada em leituras de crônicas religiosas franciscanas e textos devocionais referentes ao tema, como por análise de séries de pinturas com a temática da Paixão de Cristo na América espanhola.

Justiniano (2016, p. 266), relatou que tradicionalmente a *via crucis*, se inicia com o julgamento e prisão de Cristo, depois se desenvolve no caminho do calvário onde ocorre a crucificação, chegando finalmente ao túmulo de sepultamento, o Santo Sepulcro. Sendo nesse caso, representados e mais evidenciados os episódios em que Jesus vivenciou com a Cruz às costas até a sua crucificação.

Para Robin (2012, p. 130), o propósito da *via crucis* é auxiliar os fiéis a recorrer mentalmente em peregrinação aos momentos mais importantes dos sofrimentos e morte de Cristo, que são realizadas transitando em diferentes estações, se realizando orações e meditações sobre os diferentes incidentes de sua Paixão.

Schenone (1998, p. 245), afirmou que a devoção a *via crucis* ocorre diante de um determinado número de cruzes de madeira chamadas de estações. Para o autor, esses objetos representam indulgências e as cenas ali compostas também seriam uma complementação de auxílio na meditação do ritual religioso. Porém, com o passar do tempo no auge de sua maior reprodução, as cruzes se converteram em um simples arremate às cenas, que obtiveram mais relevância.

Os sítios destinados à “peregrinação de substituição” vão se expandir para a Europa e para as Américas onde foram divulgadas a Paixão de Cristo de diversas maneiras, com destaque primeiro para a construção do sacro monte ou montanha sagrada[6], depois para as vias sacras internas nas igrejas e as vias sacras externas nas ruas das cidades. Dentre as práticas religiosas europeias as que deram origem às das Américas, estão presentes na península ibérica, ou seja, principalmente em Portugal e Espanha, além de também na região da Itália.

---

[6] Para Bazin (1971, p. 228), “Depois das colunas com baixos-relevos, usuais no século XV, (...) cada estação transformou-se numa capela, em que um grupo esculpido, pintado em cores naturais, evoca, de maneira realista, o episódio da Paixão que se quer comemorar (...) todo o monte transforma-se em uma enorme cenografia que, graças a um mundo de estátuas, alojadas em verdadeiros pequenos palácios, celebra a história da humanidade vista do ângulo cristão, começando pela criação, prosseguindo pela Encarnação terminando na Redenção. É a repetição de uma velha ideia da Idade Média, essa redução do mundo as dimensões do cristianismo.”

Para Oliveira (2011), o mais antigo sítio europeu dedicado ao sacro monte foi edificado por volta de 1405 na região de Córdoba, na Espanha, por iniciativa de um padre dominicano no regresso de uma peregrinação à Terra Santa. “O mais célebre de todos foi o *Santuário de Vallaro*, no Piemonte italiano, que em 1491 representou o tema sacro monte, tornando-se, mais tarde, um dos grandes motivos da cenografia religiosa barroca.” (BAZIN 1971, p. 220-221)

Portugal praticou o culto ao sacro monte a partir do século XVII, nas encostas arborizadas de Buçaco (fundado pelas Carmelitas Descalças). Entretanto, somente no século XVIII viu se difundir a devoção com a construção de alguns sacros montes, como por exemplo, o de Setúbal (Bom Jesus do Bonfim, fundado por Frei Antônio das Chagas, em 1728), e de Matozinhos, perto do Porto, onde se venerava uma imagem milagrosa do Crucificado, derivada do *Vulto Santo de Lucca*, e nesse local, em 1733, a irmandade preparou o jardim e seus Passos, conforme Penteado (2000). Em 2023, são encontrados também os sacros montes no Bom Jesus, perto de Braga e no Lamego, na Beira.

Segundo Bazin (1971, p. 227-228), acredita-se também que a promoção dos sacros montes, está relacionada às obras literárias piedosas e descritivas dos lugares santos, publicadas em fins do século XV e início do XVI, que com o advento da imprensa, foram reproduzidas e divulgadas rapidamente.

O reflexo dos sacros montes no Brasil é, sem dúvida, o Santuário do Bom Jesus de Matosinhos junto das Capelas dos Passos reunidas em sua encosta, fundado pela Irmandade do Nosso Senhor Bom Jesus de Matosinhos na cidade de Congonhas, em Minas Gerais, inspirado no de Braga em Portugal e já estudado por diversos especialistas. Sobre essas mesmas Capelas Oliveira (2011, p. 15), relatou que: “(...) recebeu, graças ao Aleijadinho[7], a versão espetacular de Congonhas, um

[7] Importante artista do período colonial mineiro, conforme: “Traços Biographicos relativos ao finado Antônio Francisco Lisboa, publicado pela primeira vez no Correio Oficial de Minas, edições de números 169 e 170, no ano de 1858, e escrito por Rodrigo Ferreira Bretas, que se inicia com a afirmação de que Antônio Francisco Lisboa nasceo a 29 de agosto de 1730 no arrabalde desta cidade

impressionante conjunto de sessenta e quatro imagens em tamanho natural, distribuídas em seis capelas na encosta de acesso à igreja.”

Tanto as vias sacras internas quanto as externas possuem a mesma origem e temática que a dos sacros montes e obtiveram as suas práticas religiosas praticadas dentro dos templos religiosos e nos adros, além de nas ruas das cidades. Alguns locais nos espaços urbanos também foram sacralizados pela Igreja, assim como foram associados a oratórios, procissões com esculturas devocionais e a construção de Capelas dos Passos representando as estações como as de Jerusalém. Esse processo ocorreu antes em várias localidades da Europa para depois se propagar para outras regiões, mas tomamos como exemplo o de Lisboa. Em Portugal, possivelmente a devoção mais antiga à Paixão de Cristo relacionada ao culto de Nosso Senhor dos Passos por peregrinos ocorreu em Lisboa. Apresentamos a Procissão do Encontro - Lisboa - Portugal, em 2022 na Figura 1, Figura 2 e Figura 3.

---

que se denomina – o Bom Sucesso, pertencente à freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias, filho natural de Manuel Francisco da Costa Lisboa, distinto architecto portuguez, teve por mãi uma africana, ou crioula, de nome Izabel, e escrava do mesmo Lisboa que o libertou por ocasião de fazel-o baptizar.” (ALVES, 2014, p. 3)

Figura 1 - Nosso Senhor do Passos - Procissão do Encontro - Lisboa - Portugal, 2022.



Figura 2 - Nossa Senhora das Dores - Procissão do Encontro - Lisboa - Portugal, 2022.



Figura 3 - Encontro das esculturas devocionais - Procissão do Encontro - Lisboa - Portugal, 2022.



Fonte: Site da Câmara Municipal de Lisboa, acessado em 2022.

Essa iniciou da seguinte maneira:

> Corria o anno de 1585, pouco mais ou menos, sentando-se no throno de Portugal um dos Filipes de Hespanha, e a mesma tradição nos affirma existir na cidade um pintor de não grande merito, por nome **Luiz Alvares de Andrade,** que teve sua voga como auctor dos painéis representando as almas do purgatório, primeiro em tabuletas de madeira, e depois em azulejos que se collocavam nas esquinas das ruas para avivar a piedade dos fies. **Este bom portuguez vendo, que nas diversas provincias de Hespanha, por ocasião da quaresma se faziam procissões representando os Passos do Senhor, pediu as autoridades eclesiasticas que se erigisse e levasse a effeito, entre nós, tal devoção.** Havia no claustro de São Roque, diz o dr. Guimaraes no *Sumario de varia historia,* uma capella com a invocação da Cruz, e n' ella se juntaram alguns mancebos devotos, na maior parte officiaes, que frequentavam muito os sacramentos da confissão e comunhão. Entre elles distinguia-se pelo seu fervor **o pintor Luiz Alvares de Andrade, o qual moveu os mais a que fundassem uma confraria com a invocação de Santa Cruz.** Mas faltando os padres n' esse projecto, elles lhe disseram, que na egreja não havia capella disponível, nem casa para se juntarem e então o melhor seria procurarem assentar a confraria n' outra egreja ou convento. Acceitaram os mancebos o conselho, e conseguiram que os padres da Graça lhe dessem a capella do cruzeiro do lado da epistola, e ali ficou estabelecida a confraria. (LACERDA, 1984, p. 12-13) **[grifo nosso]**

O pintor Luiz Alvares de Andrade junto aos devotos que se reuniam numa capela à época no claustro da igreja de São Roque em Lisboa, que fundaram a confraria de Santa Cruz e depois instituíram a devoção ao Nosso Senhor dos Passos na igreja da Graça. Já que os religiosos do último templo religioso cederam a capela do cruzeiro do lado da epístola, após a falta de participação nesse projeto dos padres da primeira igreja. A devoção a escultura de Nosso Senhor dos Passos surgiu após a venda ao referido pintor por um escultor italiano de uma cabeça de Jesus Cristo, a saber:

> **(...) o esculptor italiano vendeu ao pintor portugues, Luiz Alvares de Andrade, uma cabeça de Christo por tres cruzados**, e que encantado na sua bellesa a offerecera aos padres da companhia para organizarem a confraria dos Passos, mas rejeitando elles a dadiva, a fizera aos frades gracianos, que aceitaram, estabelecendo a imagem e organizando uma confraria ou irmandade, que se tornou notavel por pertencer a ella a primeira nobreza d' estes Reinos e as pessoas da real familia, como ainda hoje lhes pertencem pessoas distintas e nobres (LACERDA, 1984, p. 14) **[grifo nosso]**

Depois da aquisição da cabeça de Jesus Cristo, Luiz Alvares de Andrade a ofereceu aos padres da igreja de São Roque com o intuito de se organizar a confraria ou Irmandade dos Passos nesse templo. Mas eles não participaram desses feitos e os eclesiásticos gracianos então acolheram o projeto. E após organizarem a escultura

fundaram a associação religiosa para iniciarem o culto a essa devoção, que depois obteve grande prestígio dos lisboetas católicos.Com o aumento a devoção ao Nosso Senhor dos Passos em Lisboa, após as suas primeiras procissões iniciadas em 1578, ocorreu um litígio na justiça entre as igrejas de São Roque e da Graça pela posse dessa imagem e o final do pleito decidiu que os padres gracianos com ela ficassem, conforme:

> Debatida a questão nos tribunaes, resolveu-se que **ficassem os gracianos na posse da imagem, contanto que na vigilia da segunda sexta feira de quaresma viesse a S. Roque,** ficando-lhe pertencendo se permanecesse n' este templos e se n' elle pernoitasse alem de sexta-feira. (LACERDA, 1984, p.14) **[grifo nosso]**

A Procissão[8] de Nosso Senhor dos Passos de Lisboa passou a ser promovida assim pela Irmandade da Santa Cruz e Passos de Nosso Senhor Jesus Cristo, fundada em 1586. Essa associação religiosa realizou as estações com o Nosso Senhor dos Passos em capelas concebidas para a prática religiosa e dedicadas, por conseguinte, à Paixão de Cristo.[9] E seu mais antigo percurso que se tem notícias ocorreu da igreja de São Roque para a igreja da Graça e congregou vários devotos e fiéis. No final do século XVIII, a escultura de Nossa Senhora das Dores[10] foi adicionada a essa mesma prática religiosa em Lisboa, devido a um decreto papal. Sabemos também que na América espanhola:

> *El vía crucis parte de, y se mezcla con, otras devociones pasionarias: la Virgen de los Dolores, las siete palabras que pronunció Cristo en la cruz, las tres horas que estuvo crucificado, las cinco llagas, etc. Estas devociones conformaron a su vez una gran variedad de ejercicios piadosos que se hacían según las horas del día, los días de la semana, el calendario litúrgico, etc. El conjunto de estas devociones tiene en común un método estructurado y una narración codificada para acercarse a la Pasión de Cristo pero el funcionamiento interno varía.* (ROBIN, 2012, p. 130)[11]

---

[8] Segundo Bluteau (1638-1734, p.756), procissão representa uma "(...) cerimônia religiosa, na qual o clero, e o povo, e algumas vezes a nobreza, vão com a Cruz alçada, e boa ordem de um lugar flageado para o outro, levando pendão, e andores, e figuras de Santos e rezando ladainhas, ou pias orações."

[9] Em 1755, por ocasião do grande terremoto em Lisboa, tanto o Nosso Senhor dos Passos quanto suas Capelas foram arruinados, restando dessas últimas apenas duas portadas. Sobre a escultura devocional Lacerda (1984, p. 15), relatou que: "(…) os escriptores d' aquelle templo, que a imagem ficou sepultada nas ruínas do convento, mas que escapou, visto estar dentro do entulho, de modo, que em breve foi apresentada ao culto dos fiéis, por diligencia d'alguns irmãos (...)."

[10] Essa escultura também será abrigada e venerada na igreja da Graça, numa sala ao lado da capela dedicada ao Nosso Senhor dos Passos, ver em Lacerda (1984).

[11] "A via crucis parte de, e se mistura com, outras devoções da Paixão de Cristo: a Virgem das Dores, as sete palavras que Cristo pronunciou na cruz, as três horas em que foi crucificado, as cinco orações, etc. Estas devoções, por sua vez, conformavam uma grande variedade de exercícios piedosos que aconteciam durante as horas do dia, os dias da semana, o calendário litúrgico, etc. O

Lima Júnior (1956, p. 88), indicou que: “A invocação a Nossa Senhora das Dores iniciou-se como pública específica desde que o papa Benedito III, em 22 de agosto de 1727, ordenou aos católicos rezar sobre as Dores de Nossa Senhora, determinando que tal fato fosse escrito nos Breviários”. Em terras portuguesas, o mesmo autor informou que o culto a Nossa Senhora das Dores foi fundado pela Congregação do Oratório Divino, da cidade de Braga, em 1761, e logo se difundiu para todo o Reino. E que “Os responsáveis pelo seu culto inicial ficaram conhecidos pelos seguintes nomes: Servos de Nossa Senhora das Dores, Servitas e Irmandade de Nossa Senhora das Dores e Calvário”. (LIMA JÚNIOR, 1956, p.91)

As esculturas de Nossa Senhora das Dores possuem comumente a aplicação de um ou sete punhais em seu coração, que simbolizam as Sete Dores experimentadas pela Virgem Maria em relação a Jesus Cristo e essas são baseadas nas seguintes cenas bíblicas:

1ª) Profecias de Simeão (LUCAS 2, 34-35);
2ª) A fuga da Sagrada Família para o Egito (MATEUS 2, 13-21);
3ª) A perda do Menino Jesus no templo (LUCAS 2, 41-51);
4ª) Encontro da Virgem Maria com Jesus Cristo a caminho do Calvário (LUCAS 23, 27-31);
5ª) A Morte de Jesus na Cruz no meio de dois ladrões (JOÃO 19, 25-27);
6ª) Maria recebe o corpo do filho tirado da Cruz, a Piedade (MATEUS 27, 55-61);
7ª) A sua soledade após o enterro de Jesus (LUCAS 23, 55-56).

Por conseguinte, a prática devocional dedicada no início do século XVI em Portugal somente ao Nosso Senhor dos Passos foi modificada em Lisboa, com a inserção da devoção a Nossa Senhora das Dores no final do século XVIII.
Na contemporaneidade, a Procissão de Nosso Senhor dos Passos junto a Nossa Senhora das Dores consiste numa:

> Ocasião em que a cor roxa predomina nas vestes dos irmãos dos Passos a contrastar com as dos irmãos de outras agremiações que se unem a

conjunto dessas devoções tem em comum um método estruturado e uma narração codificada para abordar a Paixão de Cristo, mas o seu funcionamento interno varia.” (ROBIN, 2012, p. 130)

> cerimônia. Todo ano, o Senhor dos Passos lisboeta estreia uma túnica nova doada por um devoto. Além dos andores com as imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores, integram o cortejo o pendão, a bandeira processional, o palio e muitas lanternas. A Procissão realiza os Sete Passos da Paixão de Cristo, quando ocorrem os sermões referentes a cada um deles. (CRUZ, 2022)

Há também outras peregrinações relativas à Paixão de Cristo e às Dores de Maria em mais localidades lusas, todas com religiosidade e expressividade regionais, sendo as com maiores destaques e similares às de Lisboa, as das cidades de Viana de Castelo, Guimarães, Braga, Porto, Évora e Óbidos. Apresentamos os registros fotográficos das Capelas dos Passos da Paixão de Cristo - Guimarães - Portugal na Figura 4.

Figura 4 - Capelas dos Passos da Paixão de Cristo - Guimarães - Portugal.



Fonte: Fototeca de Guimarães, acessada em 2022.

Destacamos também na península ibérica a da cidade de Sevilha na Espanha[12]. A seguir, relatamos o caso brasileiro referentes aos cultos devocionais os quais estudamos.

[12] “O estudioso que deseja conhecer em profundidade o sentido original das imagens processionais no culto católico, deve fazer ao menos uma vez na vida, a peregrinação a Sevilha na Semana Santa. Em uma das mais impressionantes demonstrações de sobrevivência no mundo de hoje de rituais herdados da época barroca, 58 procissões oficiais percorrem as ruas da cidade, do Domingo de Ramos ao Domingo da Ressurreição, de uma hora da tarde em diante, muitas vezes entrando pela madrugada. As mais espetaculares e concorridas são justamente as procissões noturnas, iluminadas por centenas de círios lavados pelos *nazarenos,* com as suas tradicionais capas e *capirotes* (cobertura de cabeça em cone pontudo com buracos para os olhos) ou fixos nos andores. Neste caso os Passos de Cristo têm candelabros dourados de vários braços e o pálio da *Dolorosa* tem castiçais de prata em arranjo compacto na frente da imagem.” (OLIVEIRA, 2004, p.1)

Nas terras brasileiras, os cultos ao Nosso Senhor dos Passos e a Nossa Senhora das Dores já existiam, mas as irmandades, sim, foram fundadas desde o século XVII até o século XIX. Como se observa, eles se originaram em Portugal por influência da Espanha e depois se aclimataram nas colônias americanas, como a brasileira. As populações vindas de Portugal para o Brasil eram: “Enraizadas ancestralmente à religião cristã, elas trouxeram para a nova terra de promissão, além das pequenas imagens de santos de sua devoção, um fervor religioso profundo, uma tocante e singeleza piedade, (...).” (LIMA JÚNIOR, 1943, p.177)

Portugal, um país que se lançou além-mar e conquistou territórios longínquos no período de colonização e deles explorou tantas riquezas[13], levou suas tradições para esses domínios, dentre eles o Brasil. Assim muitas práticas religiosas vieram com os portugueses, no contexto da Contrarreforma[14] e do Concílio de Trento (1545-1563), promovidos nesse período pela Igreja. Logo depois, no Brasil, os pensamentos relativos a esses eventos foram expressos em documentos de época, como por exemplo, nas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia (1707), que se disseminaram por toda a colônia.

Trazidos ao Brasil, as vias sacras externas à Paixão de Cristo realizadas nas ruas durante a Quaresma e a Semana Santa[15] se desenvolveram com grande pompa e criatividade, inicialmente no litoral e depois no interior desse território. Elas também representaram preferencialmente os Setes Passos da Paixão de Cristo como os de Lisboa, possuíam a definição dos seus trajetos processionais e as estações para as orações e sermões, vislumbrando as indulgências finais aos peregrinos. Ademais, envolveram as esculturas devocionais de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores, usaram dos templos religiosos, das ruas e às vezes de

[13] Conforme Correia (2020), “A presença portuguesa no Brasil representa parte de um processo de colonização que se iniciou durante o reinado de D. João I (1385-1433), na segunda metade do século XV, através das viagens marítimas. Essas tinham por objetivos gerais promover a expansão portuguesa, através da conquista e fixação de terras além-mar, assim como a manutenção e estabelecimento de novas rotas comerciais.”

[14] A Contrarreforma ou Reforma Católica em oposição a Reforma Protestante para Flexor (2014), reafirmou o uso das imagens e ditou uma série de normas a serem seguidas pelos fiéis, assim como também enfatizou a importância das procissões e a maior participação da população nas coisas da Igreja.

[15] Para França (2023), a Semana Santa é comumente determinada como a ocasião em que os cristãos católicos celebram e rememoram a Paixão de Cristo, sua morte e ressurreição. A definição da data dessa festividade foi realizada no 1º Concílio de Nicéia, no século II.

pequenas capelas, que foram implantadas no meio urbano de algumas cidades brasileiras em formação.

Talvez uma das primeiras procissões de devoção ao Nosso Senhor dos Passos no litoral do Brasil foi a realizada na Bahia em Salvador (1549), umas das cidades brasileiras segundo Reis Filho (1968, p.85), planejada pelos portugueses. Essa foi organizada pela Ordem Carmelita, que fundou a Irmandade de Senhor Bom Jesus dos Passos e Vera-Cruz (1618) no seu templo. Depois, em 1823, essa passou a ser organizada na igreja da Ajuda, por causa dos conflitos da *Guerra de Independência*, ver Flexor (2014).

Durante as procissões, igrejas, ruas e praças de Salvador, serviram (e servem ainda) de grandes cenários para essas festividades. Somavam-se a todos esses cenários as orações, que faziam parte dos cortejos penitenciais da Quaresma e Semana Santa e seu respectivo trajeto. Esse obedecia um roteiro previamente estabelecido e consagrado pelo uso continuado, e que devia afetar, de igual forma, os sentidos dos participantes, conforme indicou Flexor (2014). A Procissão do Nosso Senhor dos Passos ainda é realizada na contemporaneidade, conforme os registros mais adiante (Figura 5, Figura 6 e Figura 7).

Figura 5 - Nosso Senhor dos Passos - Procissão do Encontro - Salvador - Bahia - Brasil, 2017.



Figura 6 - Nossa Senhora das Dores - Procissão do Encontro - Salvador - Bahia - Brasil, 2017.



Figura 7 - Encontro das esculturas devocionais - Procissão do Encontro - Salvador - Bahia - Brasil, 2017.



Fonte: Site da Arquidiocese de Salvador da Bahia, acessado em 2022.

Incensava-se esse trajeto, as janelas que eram decoradas com colchas, flores e luminárias. Segundo Webster (1999), “(...) as procissões eram capazes de permitir a movimentação física de seus personagens - através de membros articulados - e espacialmente - através das ruas da cidade -, enquanto a incorporação da escultura, no contexto, dava a dimensão temporal”. Práticas similares às descritas são verificadas em Salvador nos relatos de crônicas da época sobre a procissão realizada com muito fervor dos fiéis.

Sobre o percurso específico em Salvador há relatos de que:

> Na Bahia, o percurso se dava entre o ponto mais alto do centro histórico - platô de Santo Antônio Além do Carmo, onde está a Igreja da Ordem Terceira do Carmo - até o Centro, ao Terreiro de Jesus, ida e volta, ou do Terreiro até a Igreja da Ajuda e retorno. (...) promovia-se o Encontro com Maria, quase sempre no Terreiro de Jesus. Nesse local, normalmente, montava-se uma tribuna na qual se pregava o Sermão do Encontro, confiado ao orador hábil em provocar as lágrimas dos fiéis, pela tendência à oratória (...). (FLEXOR, 2014)

Nas procissões de Nosso Senhor dos Passos, da igreja da Ajuda, visitavam as Capelas dos Passos da Paixão de Cristo e suas implantações e percurso foram

fixados pela Irmandade de Senhor Bom Jesus dos Passos e Vera-Cruz e diante dessas se faziam as estações e as respectivas orações. Sobre os locais dos Passos eles estavam:

> O primeiro estava no "oitão direito da Sé", o segundo no alto do largo do Pelourinho, o terceiro na fachada lateral da antiga Casa dos Pires, na rua do Paço do Saldanha, esquina do Terreiro. O quarto estava na mesma rua, na fachada do edifício do Paço do Saldanha, o quinto no "oitão esquerdo da Sé", o sexto no frontispício do Palácio do Governo, perto da esquina da rua Direita de Palácio, o sétimo na rua do Pão-de-Ló. (FLEXOR, 2014)

Apesar das Capelas dos Passos da Paixão de Cristo em Salvador não existirem na contemporaneidade, durante a pesquisa das referências bibliográficas citadas abaixo, verificou-se a preservação das esculturas protagonistas de seu culto, como o Senhor Bom Jesus dos Passos e Vera-Cruz, o qual pertence ao acervo do Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia (MAS/UFBA), que é retirado desse espaço pelos irmãos da igreja da Ajuda para a procissão junto da imagem de Nossa Senhora das Dores.

Além disso, se constatou a preservação de pinturas das cenas com a temática da Paixão de Cristo, de autoria de José Rodrigues Nunes, pertencentes ao Museu de Artes da Bahia (MAS/BA), que estavam nas antigas Capelas dos Passos antes existentes no meio urbano de Salvador. Sobre isso, Freire (2019), indicou que, “Os primeiros Passos eram constituídos de pinturas, pelo que se sabe, de influência maneirista, que foram restauradas, em 1843, e substituídas em 1855 por outras pintadas por José Rodrigues Nunes.” Tanto as esculturas quanto as últimas pinturas resistem e ainda realizam a conexão com parte desse passado esquecido.

Apresentamos os registros Senhor Bom Jesus dos Passos e Vera-Cruz da Igreja da Ajuda e os painéis pintados de autoria de José Rodrigues Nunes, que já compuseram as antigas Capelas dos Passos da Paixão de Cristo - Salvador - Bahia - Brasil na Figura 8, Figura 9 e Figura 10,

Figura 8 - Nosso Senhor dos Passos da Igreja da Ajuda - Salvador - Bahia - Brasil.



Figura 9 - Painel 1 de José Rodrigues Nunes - Salvador - Bahia - Brasil.

Figura 10 - Painel 2 de José Rodrigues Nunes - Salvador - Bahia - Brasil.



Fonte: Imagem cedida por Museu de Arte Sacra e Museu de Artes da Bahia, 2021.

Segundo o autor anterior, O MAS/BA:

> (...) preserva cinco dos seis painéis[16] da via sacra que compunham os nichos existentes na fachada de importantes edifícios, (...). Esses nichos eram abertos na Semana Santa, para que os painéis com as cenas dos Passos da Paixão de Cristo fossem vistos e marcassem a itinerância da Procissão do Senhor dos Passos da Ajuda, que parava à frente de cada passo para fazer as orações e atos da tradição católica. (FREIRE, 2019, p. 816)

Flexor (2014), registrou também que no fim do século XVIII e início do século XIX, em Salvador, as Capelas dos Passos da Paixão de Cristo, provavelmente foram substituídas por cruzes de azulejos, presas às paredes, como as que restaram no Paço do Saldanha e outra, que se encontra exposta no MAS/UFBA.

A Procissão do Encontro em 2023 de Salvador preenche o núcleo inicial dessa cidade com manifestações de fé e religiosidade e compõe o calendário da peregrinação dos fiéis católicos baianos, que ainda realizam suas práticas religiosas nas épocas da Quaresma e Semana Santa.

Encontramos também a devoção à Paixão de Cristo com a realização das vias sacras externas no litoral do Brasil, nas cidades da Região Nordeste de Lençóis, São Cristóvão[17], Neópolis e Rosário do Catete, nos Estados da Bahia e Sergipe. Além das nas cidades de Recife e Olinda, no Estado de Pernambuco, sendo que essa última foi fundada no final do século XVIII e ainda preserva quatro Capelas dos Passos da Paixão de Cristo, além das suas procissões com o uso de esculturas sacras.

Na região Sudeste, no litoral, essa devoção já existiu na cidade do Rio de Janeiro e foi extinta, mas ainda existe em Paraty, no Estado do Rio de Janeiro, sendo que essa última cidade fluminense também preserva seis Capelas dos Passos da Paixão de Cristo e suas imaginárias devocionais. Essa devoção também já existiu na cidade de São Paulo, mas foi extinta.

---

[16] "Os painéis pintados em 1855 e doados ao MAS-BA pela Irmandade do Senhor dos Passos da Ajuda, em 1933, representam, as seguintes cenas: Jesus no Jardim das Oliveiras, Ecce-homo, A Flagelação, A Caminho do Calvário, O Crucificado. O painel que representava Jesus Atado se desintegrou e provavelmente haveria o sétimo painel, já que era comum serem sete passos." (FREIRE, 2019, p. 816-817)

[17] Ver Aragão (2011).

Apresentamos uma Capela do Passo da Paixão de Cristo em Paraty - Rio de Janeiro - Brasil na Figura 11.

Figura 11 - Capela do Passo da Paixão de Cristo em Paraty - Rio de Janeiro - Brasil.



Fonte: Fotografia de autoria do José Ramiro Teles, 2019.

E por último, na Região Sul, destacamos a tradicional devoção à Paixão de Cristo, que ocorre desde 1765, na cidade de Florianópolis, no Estado de Santa Catarina, assim como na cidade de Rio Pardo, no estado do Rio Grande do Sul, conforme indicaram Cruz (2022) e Luz (2021).

Assim sendo, verificamos que esse ritual religioso se disseminou por quase todo o litoral brasileiro, onde os portugueses ocuparam inicialmente.

Já no interior do Brasil, na Região Sudeste, no Estado de Minas Gerais se destacam as devoções à Paixão de Cristo e das Dores de Maria fundadas na época da Capitania das Minas Gerais, sendo essas presentes em todas as comarcas mineiras durante os séculos XVIII e XIX.

Na Região Centro-Oeste, as mesmas celebrações são reconhecidas nas cidades de Pirenópolis e Goiás, no Estado de Goiás, que ainda preservam os seus cultos, conforme indicou também Cruz (2022). Registramos que essas localidades são as mais interioranas do Brasil onde essas devoções foram encontradas durante esta escrita.

Como o foco da pesquisa é o surgimento das devoções da Paixão de Cristo e das Dores de Maria no período colonial em Minas Gerais nos aprofundamos em sua contextualização específica mais adiante.

Durante o século XVIII, com destaque para o Ciclo do Ouro, o número de imigrantes portugueses, vindos principalmente da região do Minho (onde se encontra Braga) e também de Lisboa (capital do Reino) para a Capitania das Minas Gerais, talvez explique a propagação da Paixão de Cristo e das Dores de Maria expressadas na devoção ao Senhor dos Passos, a Nossa Senhora das Dores e ao Senhor Morto. Pois verificamos, as suas presenças na maioria dos arraiais mineiros.

Em Minas Gerais, não se criaram inicialmente Ordens Religiosas, assunto esse que será detalhado no Capítulo 1, por isso as pioneiras Irmandades Religiosas de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores, foram as principais responsáveis pela difusão dessas duas devoções. Ainda que, posteriormente, às Ordens Terceiras Franciscanas e Carmelitas estarem presentes nas terras mineiras e as divulgarem também.

Ressaltamos que, para Campos (2004, p. 52) as irmandades de Nosso Senhor dos Passos eram “(...) eram associações estritamente masculinas e restritas aos brancos, cuja finalidade era realizar procissões externas durante a Quaresma e a solene Procissão dos Passos.”

Notamos que já na contemporaneidade essa irmandade se renovou e é formada também por mulheres e possui maior diversidade. Mas segundo Alves (2017), “O curioso é que até hoje, em algumas cidades mineiras, vestir o Senhor dos Passos para as procissões continua sendo tarefa masculina, enquanto a Nossa Senhora das Dores fica a cargo das mulheres.”

A Irmandade de Nosso Senhor dos Passos mais antiga que se tem notícia em Minas Gerais, segundo Boschi (1986, p. 189-190), é a de Vila Rica, na Freguesia de Nossa Senhora do Pilar (1715), seguida das Irmandades de Vila do Carmo na Capela de Nosso Senhor dos Passos (1720), de Vila de São José del-Rei na Freguesia de Santo Antônio (1721), de Pitangui na Freguesia de Nossa Senhora do Pilar (1722),

de Bom Despacho na Freguesia de Pitangui (1722) e de Vila de São João del-Rei na Freguesia de Nossa Senhora do Pilar (1733).

Dentre as associações religiosas acima, todas foram fundadas no século XVIII e somente quatro delas foram nesta tese estudadas, que são as irmandades existentes em Ouro Preto, Mariana, Tiradentes e São João del-Rei. Dessas, duas já foram extintas no século XIX, as das antigas Vila Rica e Vila do Carmo, enquanto as das Vila de São José del-Rei e Vila de São João del-Rei, ainda estão ativas. Entretanto, as suas finalidades iniciais, que eram de realizarem as vias sacras externas durante a Quaresma e a Semana Santa ainda foram mantidas em todas essas cidades na contemporaneidade, sob a responsabilidade de outras ordens e irmandades - como por exemplo - no caso de Ouro Preto, da Irmandade do Santíssimo Sacramento.

Alves (2017), informou também que das irmandades de Nossa Senhora das Dores: “Vila Rica foi a primeira vila a acolher uma Irmandade de Nossa Senhora das Dores, que ali veio a se instalar em 1767, ainda que provisoriamente no altar de São João Batista, da igreja paroquial de Antônio Dias.” Posteriormente, em 1774, adquiriu capela própria, construída no terreno do antigo cemitério da Paróquia de Antônio Dias, onde ainda se encontra e cultua uma escultura de Nossa Senhora das Dores. “Em 1775 pode-se, portanto, realizar nesta vila a primeira procissão dita das Dores, acompanhada pela do Senhor Morto, denominada pelo povo de Enterro, costume que irradiou para todo território mineiro.” (LIMA JÚNIOR, 1956, p.95)

Quites (2019, p. 21), relatou que: “(...) as imagens do teatro sacro barroco, realizado nas festividades religiosas da Semana Santa, que compreendem as imagens do Senhor dos Passos, Nossa Senhora das Dores e Senhor Morto, possuem concepção realista humanizada, que busca retratar a verdade da Paixão de Cristo, para a comoção de seus fiéis na identificação com Jesus.”

Sobre as esculturas devocionais mais encomendadas pelas irmandades, as representações dentro do ciclo cristológico católico[18] que vêm despertando desde o

[18] Ciclo relativo a Jesus Cristo.

período colonial em Minas Gerais, grande devoção aos fiéis católicos, estimulando seu sentimento a Paixão de Cristo, são aquelas imagens relativas ao Senhor dos Passos e ao Senhor Morto, que simbolizam Jesus Cristo. Alves (2017, p. 84), informou que: “De longe, essas duas temáticas correspondem ao número mais elevado, perfazendo ambas um total de 92 imagens.”[19]

Essas, geralmente são imagens de vestir, articuladas e, às vezes, de roca[20], todas elas ganham as ruas em andores e esquifes nas cerimônias litúrgicas da Quaresma e Semana Santa, por meio da execução de diversas procissões como: a dos Passos, de Depósitos, de Rasouras, do Encontro e do Enterro. Ressaltamos que essas procissões serão abordadas detalhadamente e exemplificadas no Capítulo 2. Assim como, nas representações das cenas efêmeras de crucificação e do descendimento.[21]

Já, dentro do ciclo mariológico católico[22] que se refere as várias invocações de Nossa Senhora ou a Virgem Maria, em Minas Gerais se destacou o dedicado a Nossa Senhora das Dores:

> De maior repercussão nas Minas Gerais será a devoção em torno de Nossa Senhora das Dores, que, dentro do ciclo que procura lembrar os sofrimentos de Nossa Senhora - Piedade, Soledade e do Pranto -, é o mais recente dele, sendo que a partir do começo do século XVIII o culto veio a obter certa singularidade. O inventário registra um total de 71 imagens referentes a essa devoção. (ALVES, 2017, p. 81)

---

[19] O conjunto de imagens analisadas por Alves (2017) resulta do Inventário realizado entre os anos de 1986 e 2002 no Estado de Minas Gerais e quase todas as 1662 amostras pertencem às igrejas tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), situadas no território que correspondeu à antiga zona do ouro e diamante.

[20] “(...) as imagens de vestir - Com as vestes em tecidos, acompanhadas de perucas e olhos de vidro, obtinha um realismo muito grande nessas imagens e, como define o próprio nome, é uma categoria escultórica que vai sempre possuir o têxtil. Já as imagens articuladas - Estas possuem alto nível de elaboração da talha e da policromia como nas imagens de talha inteira, porém com articulações. E as imagens de roca - Possui uma estrutura bem mais simplificada que as anteriores, tendo um gradeado de ripas, em substituição aos membros inferiores, ou uma espécie de armação de madeira substituindo toda a anatomia escondida sob as vestes.” (COELHO, QUITES, 2014, p. 42-44)

[21] Nesse caso, o mesmo Senhor Morto, cujos braços e pernas se articulam, comumente serve também para as cenas de crucificação e descendimento.

[22] Ciclo relativo à Virgem Maria.

Segundo, ainda, Alves (2017, p.81), “Nas representações de Nossa Senhora das Dores em Minas Gerais, a Virgem Maria está de pé, como é mais comum, ou assentada, com vestimenta roxa, tendo o seu peito trespassado por sete punhais, às vezes substituídos por apenas um punhal ou por um diadema com sete estrelas.”

Ressaltamos, que apesar da composição dessas três devoções relativas à Paixão de Cristo o foco dessa pesquisa será para o estudo do culto do Nosso Senhor dos Passos e da Nossa Senhora das Dores, considerando para tal, somente as devoções e as procissões relativas aos dois.

O culto devocional fundado pelas irmandades de Nosso Senhor dos Passos no início do século XVIII, referente aos Passos da Paixão de Cristo, tinha inicialmente como protagonista o Nosso Senhor dos Passos, mas posteriormente, no final do mesmo século, as Dores de Maria representada pela escultura de Nossa Senhora das Dores e fundada, em alguns casos pela presença das irmandades de Nossa Senhora das Dores e também, em outros, pela Irmandade de São João Evangelista, ocupou um papel de destaque, ao seu lado, e obteve tanta visibilidade como ele próprio. Os sofrimentos de ambos os personagens pareciam não ter significado para essa comunidade católica se realizados separadamente.

Portanto, os acontecimentos da vida de Jesus Cristo, bem como sua história e memória, se conectam nessa época aos da Virgem Maria, sua mãe. *“Maria, la Virgen, fue coprotagonista del drama de la Pasión de Jesús. Le acompañó hasta el Calvario. Allí presenció cómo le depojaban de la túnica inconsútil que ella le había tejido. Allí, también, quedó ella clavada de dolor con los martillazos que le dieron a su Hijo para fijarlo a la cruz”* (GÓMEZ, 2013, p. 130).[23] Dessa forma, considerando e respeitando o dinamismo e evolução dos Passos da Paixão de Cristo juntamente com as Dores de Maria, serão esses dois assim mais uma vez priorizados durante essa pesquisa.

[23] “A Virgem Maria, foi protagonista também do drama da Paixão de Jesus. O acompanhou até o Calvário. Ali presenciou como tiraram a túnica dele por ela costurada. Ali também esteve presenciando a dor dos martelos que fixaram seu filho na cruz.” (GÓMEZ, 2013, p. 130). Essa citação justifica também a importância dada à Virgem Maria no culto à Paixão de Cristo no Reino da Espanha.

Ressaltamos que as mesmas irmandades pioneiras em foco, além do culto as esculturas e a realização das procissões construíram as Capelas dos Passos da Paixão de Cristo e das Dores de Maria, objetos também de estudos nesta pesquisa.

Sobre as Capelas dos Passos sabemos que: “(...) comumente nas cidades mineiras, as capelas figuravam um número de cinco, tendo em vista que o primeiro e o último Passo da série obrigatória de sete eram montados na igreja que iniciava o cortejo da procissão, geralmente na Matriz.” (JUSTINIANO, 2016, p. 274).

As Capelas dos Passos são designadas pela autora anterior como os Passos de Rua, assim como pela a próxima autora que os relatou com a mesma terminologia, conforme: “(...) os chamados Passos de Rua, que, ainda hoje, podem ser vistos em cidades históricas brasileiras, principalmente em Pernambuco e em Minas Gerais.” (OLIVEIRA, 2011, p. 15)

Destacamos que devido ao regionalismo mineiro os mesmos Passos de Rua também serão denominados como: Passos, Passinhos[24] e Capelinhas, sendo que todas elas também denotam a mesma devoção relativa às vias sacras externas de ruas mais conhecida como Passos ou Capelas dos Passos nos estudos gerais pesquisados.

Justiniano (2016), informou que algumas capelas inseridas no meio urbano inspiraram a concepção dos Passos de Rua. Pois, nas cidades portuguesas existiam também algumas capelas localizadas na passagem dos fiéis, de modo a captar a sua atenção e proporcionar a adoração. “Foi assim, que surgiu o Santuário do Senhor Jesus dos Milagres na cidade de Leiria, em 1731 e, posteriormente, o Senhor Jesus de Turquel e Alcobaça.” (PENTEADO, 2000, p. 356)

Entretanto, há um terceiro autor que relatou o seguinte:

> Nas cidades coloniais brasileiras, via de regra, existiam pequenos oratórios espalhados pelas ruas principais, onde passava a Procissão do Senhor dos

[24] “Praticamente, todas as cidades mineiras construíram seus Passinhos, uns muito decorados, outros apenas, simples casinhas, como os de Entre Rios, Oliveira e Resende Costa”, conforme Santos Filho (2015).

> Passos, de tradição ibérica, baseada nos protótipos portugueses como os da Graça (fundada em 1587), em Lisboa, dos quais só restam portadas. (SANTOS FILHO, 2015, p. 124)

A última consideração citada acima nos leva a acreditar, que no caso de Minas Gerais a pré-existência de oratórios ou marcações, que fixaram os locais das estações durante a Procissão dos Passos no meio urbano das cidades mineiras, que provavelmente deram origem às Capelas dos Passos ou até mesmo que a construção dessas foi influenciada por capelas similares para essa mesma prática religiosa existentes no litoral do Brasil e em Lisboa, no Reino de Portugal.

A Paixão de Cristo estará presente em todas as comarcas mineiras, mas ganhou expressividade na região conhecida como Campos das Vertentes na antiga Comarca do Rio das Mortes da Capitania das Minas Gerais, nas cidades de Prados, Tiradentes e São João del-Rei, onde existem ainda os Passos de Ruas e as suas comemorações:

> Cada cidade tem seu calendário, exatamente como ocorreu ao longo dos séculos, provavelmente devido à sua música, porque, inicialmente, os mesmos músicos deveriam tocar nas três celebrações. Nessa região, a festa antecede a Semana Santa e é realizada com significativa mobilização de suas comunidades. Essa é uma das melhores oportunidades em que se pode apreciar o quanto o patrimônio imaterial é importante para dar vida ao patrimônio material. (CRUZ, 2022)

Em relação aos momentos para a preparação e homenagem ao Nosso Senhor dos Passos e a Nossa Senhora das Dores, os corais, orquestras e bandas dessas três cidades ensaiam antes os cantos que serão entoados. Os guardiões e os devotos cultivam, colhem e doam as plantas ornamentais durante o ano todo para usos nos altares, esquifes e andores. As plantas mais comuns são: orquídeas, rosas, manjericão, alecrim, hortênsia e as coletadas na natureza como a aricanga, rosmaninhos e arnica. Eles também preparam as esculturas e as Capelas dos Passos, promovendo suas limpezas e manutenções. Além disso, os sineiros ensaiam os repertórios de músicas centenárias, que consideram os dobres dolorosos, que remetem aos tempos antigos das práticas religiosas referentes à Paixão de Cristo.

Além da região das Vertentes se destaca também a região do rio das Velhas, na Comarca de Vila Velha e a Comarca de Vila Rica, na primeira, estão as cidades de Sabará e Caeté, que representam a Paixão de Cristo e das Dores de Maria nos cultos e possuem uma rica imaginária e os resquícios de algumas capelas. E na segunda, estão as cidades de Ouro Preto e Mariana, que representam as mesmas devoções com grande fervor e possuem suas imaginárias e capelas preservadas. Por isso, considerando o atual panorama de preservação dos elementos culturais pesquisados nessas localidades, a seleção de representantes mineiros se deu somente nas cidades de Ouro Preto e Mariana e nas já citadas Tiradentes e São João del-Rei.

Ainda vale ressaltar, outras formas de representação relacionadas à Paixão de Cristo em Minas Gerais e no Brasil pelos carmelitas e franciscanos, porque são as pesquisas mais recentes dessa temática, para com as Ordens Terceiras, que implantaram o mesmo programa iconográfico dentro dos seus templos religiosos posteriormente em Minas Gerais. Assim, a primeira pesquisa relevante é a da restauradora Maria Regina Emery Quites (2006), sobre a Paixão de Cristo da Ordem Terceira Franciscana no Brasil. A segunda pesquisa é a da historiadora Lia Sipaúba Proença Brusadin (2019), sobre a Paixão de Cristo da Ordem Terceira Carmelita no Brasil. Por fim, a terceira pesquisa é da historiadora da arte Gabriela Carvalho da Luz (2021), sobre a Devoção à Paixão de Cristo franciscana em Rio Pardo, cidade a 150 quilômetros de Porto Alegre - Rio Grande do Sul. Todas essas três autoras fazem análises dos conjuntos escultóricos e da iconografia à Paixão de Cristo muito próximas as daqui estudadas e por isso, suas considerações são relevantes para os futuros desdobramentos desta pesquisa.

Realizamos mais adiante algumas considerações sobre a estrutura da tese.

Descrevemos inicialmente, o objetivo geral e os objetivos específicos, depois apresentamos a hipótese e as justificativas, demonstramos a escolha dos objetos de estudos presentes nas cidades selecionadas de Ouro Preto, Mariana, Tiradentes e São João del-Rei em Minas Gerais. Indicamos também os métodos, as metodologias e a composição de cada capítulo.

A tese tem por objetivo geral valorizar as pesquisas referentes às esculturas devocionais de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores e seus respectivos altares em capelas próprias ou nas primeiras Matrizes mineiras, fundadas pelas irmandades de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores. Além disso, busca trazer notoriedade às vias sacras externas de ruas com o uso das imagens e das Capelas dos Passos da Paixão de Cristo e das Dores de Maria, tendo como foco principal o seu conhecimento, proteção e divulgação.

Esta tese tem por objetivos específicos:

1º) Contextualizar as origens das devoções à Paixão de Cristo e as Dores de Maria e o surgimento das Capelas dos Passos em Minas Gerais;
2º) Demonstrar a participação das irmandades de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores no estabelecimento dos cultos ao Nosso Senhor dos Passos e a Nossa Senhora das Dores, assim como estabelecer as suas relações com outras irmandades e as Ordens Terceiras em Minas Gerais;
3º) Entender a dinâmicas das procissões de vias sacras externas de ruas com o uso das esculturas e das Capelas dos Passos de 2019 a 2024, considerando também as adaptações durante as restrições sanitárias e isolamento da pandemia da COVID-19, em 2020 e 2021;
4º) Identificar os agentes responsáveis (guardiões) dessas devoções;
5º) Demonstrar o apelo popular de peregrinação e turismo religioso, através da vivência da Quaresma e Semana Santa;
6º) Compreender o espaço urbano como um local de práticas socioculturais e da criação de símbolos sagrados como as próprias Capelas dos Passos pela Igreja católica;
7º) Estabelecer a relação das Capelas dos Passos com os templos religiosos e administrativos implantados nas cidades coloniais;
8º) Realizar estudos - históricos, dos antecedentes luso-brasileiros, épocas de construção, técnicas construtivas, autorias e cenografia religiosa;
9º) Descrever e analisar os aspectos escultóricos, artísticos e arquitetônicos;
10º) Identificar as ações de tombamento, manutenção e preservação;
11º) Registrar o estado de conservação das esculturas, Capelas dos Passos e objetos de culto;

12º) Indicar e interpretar os estudos de Morfologia Urbana e da Paisagem e Ambiente a partir das análise do caminhos das procissões e da implantação das Capelas dos Passos;
13º) Considerar os cultos e a paisagens urbanas das quatro cidades analisadas como forma de preservação das Capelas dos Passos e acervo;
14º) Registrar e divulgar a pesquisa e os seus resultados.

Tomamos como hipótese que a força do processo de aculturação português na colônia brasileira demonstrou que essa se efetivou para além da ocupação do território e fundação de vilas promovida pela exploração no ciclo econômico do ouro, no século XVIII. Pois, ela ocorreu também com a reprodução das práticas religiosas da Igreja católica, que vinham com reinóis e depois foram impostas/adaptadas à realidade dos grupos culturais formadores do Brasil Colônia.

Justificamos este estudo pela necessidade de divulgação de parte da história religiosa brasileira com pesquisas acadêmicas ainda reduzidas, pela seleção de exemplares representativos do patrimônio cultural mineiro.

Verificamos que, as devoções temáticas escolhidas são amplas e por isso, houve a necessidade de recorte para Minas Gerais, onde essa pesquisa constitui um estudo aprofundado das devoções à Paixão de Cristo e das Dores de Maria. Acreditamos que a escolha das cidades de Ouro Preto, Mariana, Tiradentes e São João del-Rei presentes na Capitania das Minas Gerais e inseridas nas comarcas mineiras, refletem a tradição regional de implantação dos cultos junto às Capelas dos Passos, no interior do Brasil. E o seu critério de escolha é devido ao seu valor de antiguidade e a facilidade de acesso às informações necessárias para a realização da tese.

Além disso, nessas cidades as vias sacras externas de ruas ainda ocorrem e tanto às suas esculturas devocionais quanto às arquiteturas religiosas ainda estão preservadas.

Ressaltamos também, o respeito ao uso das esculturas devocionais e às características permanentes e efêmeras dos seus exercícios religiosos realizados desde o período colonial em Minas Gerais, sendo promovidos por guardiões há cerca de três séculos, com a execução de procissões durante o período da

Quaresma e Semana Santa, se utilizando das Capelas dos Passos presentes nas quatro cidades.

Sendo que, as festividades analisadas são pontuais e numa determinada época do ano, os acessos às fontes e os registros das expressões religiosas analisadas nesta tese, escrita entre 2019 e 2024, foram também trabalhosos, além do que as consultas aos arquivos e as vivências *in loco* foram prejudicadas pelas restrições sanitárias e isolamento da pandemia da COVID-19, em 2020 e 2021.

Portanto, optamos por realizar os estudos, selecionando as cidades de Ouro Preto, Mariana, Tiradentes e São João del-Rei em Minas Gerais, mas futuramente vislumbramos agregar à pesquisa mais cidades no interior e litoral do Brasil. Assim, as nossas análises são somente um ponto de partida, que não tem suas reflexões esgotadas na presente tese.

Os objetos de estudo da pesquisa são:

1ª) Na cidade de Ouro Preto
- 1 escultura do Senhor dos Passos;
- 2 esculturas de Nossa Senhora das Dores;
- os altares das esculturas nos templos religiosos;
- 5 Capelas dos Passos.

2ª) Na cidade de Mariana
- 1 escultura do Senhor dos Passos;
- 1 escultura de Nossa Senhora da Soledade apropriada para o culto a Nossa Senhora das Dores;
- os altares das esculturas nos templos religiosos;
- 6 Capelas dos Passos.

3ª) Na cidade de Tiradentes
- 1 escultura do Senhor dos Passos;
- 1 escultura de Nossa Senhora das Dores;
- os altares das esculturas nos templos religiosos;
- 6 Capelas dos Passos.

4ª) Na cidade de São João del-Rei

- 1 escultura do Senhor dos Passos;
- 1 escultura de Nossa Senhora das Dores;
- os altares das esculturas nos templos religiosos;
- 5 Capelas dos Passos.

Ademais, nos aprofundamos, quando possível, nas interpretações das cenas escultóricas e pictóricas dentro das Capelas dos Passos e nos objetos de cultos utilizados nas procissões. E consultamos os diversos arquivos fisicamente ou remotamente nas quatro cidades, onde também realizamos as vivências *in loco* e registramos os cultos escolhidos, especificamente nos anos de 2019, 2022 e 2023.

Consideramos também, suas semelhanças, diferenças, origens e dinamismos evolutivos. Entendemos que as cidades são cenários sagrados para essas celebrações e que são ao mesmo tempo produtos do imaginário humano materializados por meio das: igrejas, esculturas, capelas, realização de procissões, usos das ruas, largos, praças, paisagens urbanas, entre outros.

Os nossos métodos e metodologias foram baseados em: conhecimentos adquiridos nas aulas do Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, consultas às referências bibliográficas, inventários, fontes primárias, secundárias e terciárias. Além de levantamentos de campos, vislumbre as legislações de proteção e tombamento mineiras e brasileiras, vivências *in loco* durante a Quaresma e Semana Santa, interpretações e processamentos dos dados coletados, produções de artigos científicos, participações em grupos de pesquisa vinculados ao Cnpq, publicações em congressos e escrita da tese.

E ressaltamos que, os suportes teóricos serão apresentados ao longo desta pesquisa em cada capítulo com as suas devidas interpretações e listados depois nas referências bibliográficas.

A tese se estrutura em: Capítulo 1 que corresponde à Introdução, Capítulo 2, Capítulo 3, Capítulo 4, Capítulo 5, Considerações Finais e Referências

Bibliográficas. Possui também um Breve Glossário de Termos Elementares e Anexos.

No Capítulo 1 ou na Introdução, realizamos uma contextualização geral para entender a origem da devoção à Paixão de Cristo, que se iniciou no Oriente Médio e se propagou para a Europa e as Américas durante o período colonial, que foi promovido principalmente pelos portugueses, espanhóis e italianos. No Brasil, o culto ao Nosso Senhor dos Passos surgiu nas primeiras ocupações urbanas do litoral com a atuação das Ordens Primeiras franciscanas e carmelitas, depois foi reforçado também com a participação das Ordens Terceiras vinculadas às Ordens Primeiras. Essas realizavam vias sacras internas nos templos religiosos e externas nas ruas e às vezes com uso das Capelas dos Passos, quando elas existiam. Posteriormente, a mesma prática religiosa foi fundada no interior desse território e nele destacamos a região de Minas Gerais, com a atuação das Irmandades Religiosas, que promovem o culto ao Nosso Senhor dos Passos de maneira similar ao anterior. Ressaltamos que, as Ordens Terceiras franciscanas e carmelitas mineiras também participaram depois das suas procissões.

Em pouco tempo o culto ao Nosso Senhor dos Passos se adaptou, tanto na Europa quanto na América, ao acréscimo do culto a Nossa Senhora das Dores determinada pela Igreja e assim as duas devoções se tornaram mais comum nas práticas religiosas e passaram a ser uma tradição, que perpetua até a contemporaneidade.

No Capítulo 2, O surgimento das Capelas dos Passos da Paixão de Cristo e das Dores de Maria em Minas Gerais - Brasil, apresentamos um breve histórico contextualizando a Capitania das Minas Gerais do Ciclo do Ouro no Brasil e os surgimentos das cidades de Ouro Preto, Mariana, São João del-Rei e Tiradentes, campos dessa pesquisa por manterem ainda preservadas as cinco Capelas dos Passos comuns em Minas Gerais. Além do que, nessas localidades ainda estão ativos os cultos devocionais às esculturas de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores, que deram origem às procissões estudadas. Apresentamos as irmandades de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores e realizamos as relações com outras irmandades e Ordens Terceiras inseridas depois nas festividades pesquisadas. Contextualizamos as Matrizes e demais templos religiosos envolvidos nessas práticas religiosas e destacamos os dados encontrados

para os altares que abrigaram (ou ainda abrigam) as irmandades e as esculturas sacras analisadas.

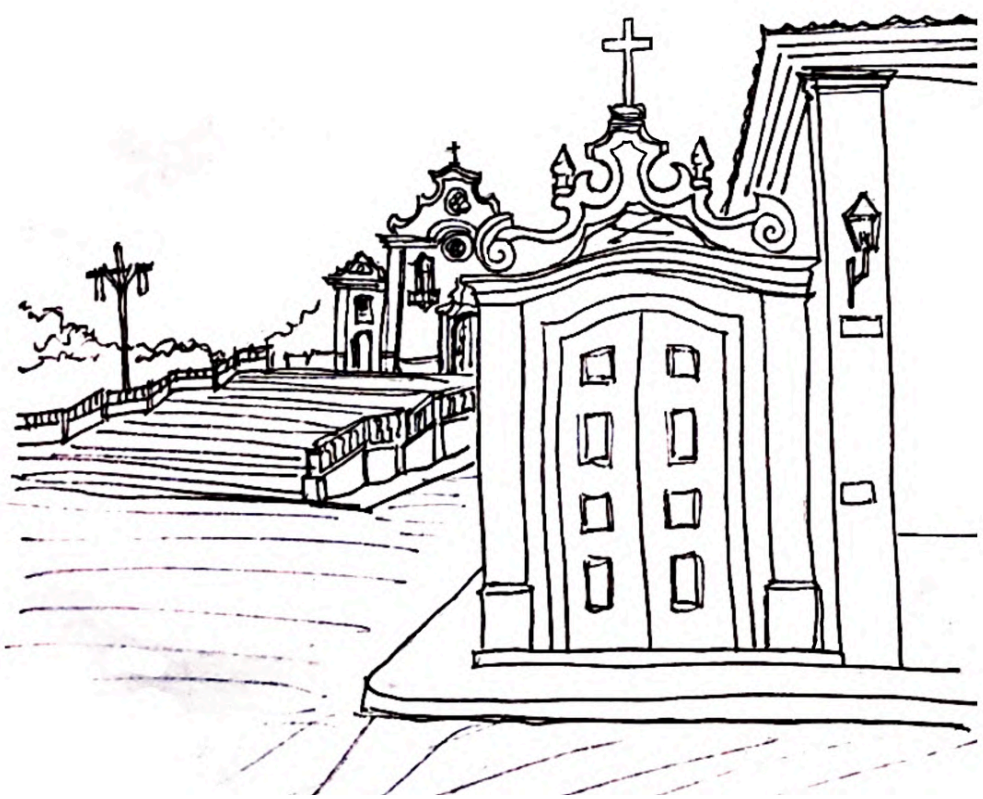
Descrevemos também o histórico de construção das Capelas dos Passos da Paixão de Cristo e das Dores de Maria das quatros cidades selecionadas e registramos a permanência dos cultos nos seus meios urbanos. Para tal, consideramos também o dinamismo e as alterações nesses três séculos de suas existências e por fim, associamos às formas de proteção existentes para esses bens culturais e os guardiões - detentores de suas tradições.

No Capítulo 3, As procissões da Quaresma e Semana Santa e os cultos ao Nosso Senhor dos Passos e a Nossa Senhora das Dores nas igrejas e Capelas dos Passos em Minas Gerais, tratamos dos relatos dos viajantes sobre as festas religiosas no contexto brasileiro e mineiro, da influência principalmente das Ordens Primeira e Terceira carmelitas na prática dos cultos estudados. Demonstramos também as localizações das Capelas dos Passos e das igrejas envolvidas em seus cultos nas cidades estudadas. Descrevemos as procissões nelas realizadas considerando a elaboração de mapas, o recorte temático da Paixão de Cristo e das Dores de Maria e o período temporal da Quaresma e a Semana Santa. Abordamos o domínio religioso da Igreja para com a sociedade mineradora, que ocupou as ruas e sacralizou os espaços das cidades desde a época colonial. E por fim, enfatizamos as tradições e heranças preservadas na contemporaneidade e a vivência dos cultos no contexto da pandemia da COVID-19.

No Capítulo 4, A Morfologia Urbana, a influência das rotas Matrizes para as procissões e os tipos especializados das Capelas dos Passos, contextualizamos o campo de estudo da Morfologia Urbana, depois descrevemos alguns conceitos e métodos gerais e apresentamos as Escolas Inglesa e Italiana de Morfologia Urbana. Também abordamos a importância das rotas matrizes no desenvolvimento do território mineiro, considerando as redes viárias, os núcleos urbanos e regiões que os conformam, além de suas áreas de produção e organismos urbanos. E nele analisamos o “tipo básico territorial” e o “tipo especializado” com base na Escola Italiana, visando identificar os tipos mais representativos das Capelas dos Passos da Paixão de Cristo e das Dores de Maria em Minas Gerais.

No Capítulo 5, O papel das Capelas dos Passos na paisagem urbana das cidades coloniais mineiras, realizamos uma análise detalhada das sensações e percepções na paisagem urbana a partir do percurso das procissões e da implantação das Capelas dos Passos e indicamos as principais emoções que notamos nas quatro cidades estudadas. Depois valorizamos as visadas para as Capelas, onde notamos o uso de efeitos de perspectiva e a adaptação de seu entorno contemplado em reformas urbanas posteriores. Demonstramos que os projetistas e construtores dessas edificações as valorizaram nessa paisagem urbana, a partir da escolha do caminho selecionado paras as vias sacras externas nas ruas, das características das vias que o conformam, dos espaços preenchidos e livres, dos casarões escolhidos para a inserção das Capelas do Passos, entre outros.

Por fim, realizamos as Considerações Finais, apresentamos as Referências Bibliográficas, elaboramos um Breve Glossário de Termos Elementares com fim o foco para os termos utilizados no século XVIII e demonstramos os Anexos, compostos pela divulgação de exposições, lançamento de livro e programas da Quaresma e Semana Santa em Minas Gerais.



Capela do Passo das Mercês - São João del-Rei - Minas Gerais
Autoria: Isabelle Capanema

“Aquele Senhor dos Passos, de cabelos negros e vestes roxas, que eu vi quando menino, carregando uma cruz pesada, ainda lá estaria olhando para o chão; não indiferente as minhas saudades, porque elas são castigos de minhas vaidades e meus pecados, mas ajudando-me a ganhar o perdão. Nossa Senhora das Dores me reconheceria e lembraria o menino que, de batina e sobrepeliz, balançava o turíbulo onde se queimava o incenso do Santíssimo Sacramento, pobre criança tão pura e tão boa naqueles remotos tempos! Depois, pecador arrependido, sairia a fazer o caminho do Calvário pelos Passos da cidade, a cabeça nua e os pés descalços; (...)”. (LIMA JÚNIOR, 1943)

2. O SURGIMENTO DAS CAPELAS DOS PASSOS DA PAIXÃO DE CRISTO E DAS DORES DE MARIA EM MINAS GERAIS

O suporte teórico inicial se baseou principalmente nas publicações de: Sérgio Buarque de Holanda (1936), Augusto de Lima Júnior (1943, 1962), Diogo de Vasconcelos (1999), Sylvio de Vasconcellos (2011), André João Antonil (2007), Antônio Gaio Sobrinho (2001), Lucas Figueiredo (2011) e Léa Freitas Perez (2011).

2.1. Das Minas Gerais dos Cataguás à Capitania das Minas Gerais

Para Antonil (2007), a região conhecida desde meados do século XVII como Minas Gerais dos Cataguás, nome referente a tribo de indígenas que ali povoavam, foi desbravada na época colonial a partir de expedições conhecidas como entradas ou bandeiras. “Não dispondo de recursos suficientes para arcar com as despesas da colonização e descoberta dos almejados tesouros, nelas incentiva, com promessas de honrarias e benefícios, os seus mandatários e os particulares de maior iniciativa” (VASCONCELLOS, 2011, p. 14). As entradas eram expedições financiadas pelo recém Governo Geral do Brasil sediado em Salvador na Bahia, tendo como governador Tomé de Souza. Esse administrou, explorou e mapeou o território no interior do Brasil. Já as bandeiras eram expedições particulares que capturavam e escravizavam os indígenas, além disso buscavam riquezas fáceis como ouro e pedras preciosas nas terras interioranas do Brasil. As com maior destaque e empreendedorismo foram as realizadas pelos bandeirantes paulistas. Conforme disse Vasconcellos (2011):

> **Dentre as várias entradas e bandeiras** que se organizam, principalmente em S. Paulo, em demanda do ínvio sertão, por onde talvez já transitassem as boiadas tangidas pelos homens do norte, e visando muitos delas ao preamento dos silvícolas, destaca-se a de **Fernão Dias Pais (1674)** que, com extraordinária audácia e persistência, desbrava e assinala os sítios e roteiros mais importantes da região, fundando seus primeiros arraiais e descortinando-a, assim, aos seus patrícios e ao rei. **(grifo nosso)**

Há vários relatos de bandeiras empreendidas pelos paulistas a Minas Gerais do Cataguás como os de Antonil (2007), Lima júnior (1943) e Vasconcellos (2011):

> **E o primeiro descobridor dizem que foi um mulato** que tinha estado nas minas de Parnaguá e Curitiba. Este indo ao sertão com uns paulistas a buscar índios e chegando ao serro Tripuí, desce abaixo com uma gamela para tirar água do ribeiro que hoje chamam de Ouro Preto, e viu depois que nela haviam granitos da cor do aço, sem saber o que eram. (...), até que se resolveram a mandar alguns dos granitos ao governador do Rio de Janeiro Artur de Sá, e fazendo-se exame deles, se achou que era ouro finíssimo. **[grifo nosso]**

> **Duarte Nunes, um mulato** que já estivera nas Minas de Curitiba, indo apanhar água na barranca do córrego, encontrou, no fundo da vasilha de que se serviu, uns grãos de metal duríssimos e da côr de aço, guardando-os com curiosidade, o que nos parece entretanto muito plausível. Duarte Nunes, depois dêsse encontro, despediu-se da comitiva e regressou a S. Paulo. (...) negociou-os com um certo Miguel Garcia de Sousa, aparentemente ignorando um e outro a natureza deles. Miguel Garcia, mandando examinar as amostras, verificou que se tratava de ouro finíssimo, como descrito por Antonil. **[grifo nosso]**
>
> Seguindo o exemplo de Fernão Dias, outros notáveis sertanistas se aventuram às mesmas paragens, em busca dos decantados tesouros de pedras preciosas e prata que, todavia nunca puderam ser encontradas. Entretanto, foram esses incentivos que possibilitaram aos paulistas a descoberta do ouro, que em grão *cor de aço,* **vai o mulato** citado por Antonil encontrar em modesto riacho, perdido entre agrestes montanhas. **[grifo nosso]**

Todos esses relatos demonstram que a descoberta de ouro em Minas Gerais está relacionada ao mulato Duarte Nunes, que o encontrou num ribeiro. Após as primeiras notícias dessa descoberta das minas de ouro na região do antigo ribeiro de Tripuí (atual Ouro Preto[25]), ainda houve relatos em suas proximidades das descobertas de outras minas nos ribeiros do entorno, que se chamavam: de Antônio Dias, do Padre João de Faria, do Bueno Brandão e de Bento Rodrigues. “E todas essas tomaram o nome de seus descobridores, que todos foram paulistas” (ANTONIL, 2007, p. 219). Assim como descobriram ainda minas no ribeirão de Nossa Senhora do Carmo e do ribeiro Ibupiranga. Por conseguinte, a região de Vila Rica (depois cidade de Ouro Preto) e Vila do Carmo (depois cidade de Mariana) e as suas respectivas minas de ouro foram descobertas por bandeirantes paulistas.

A ocupação inicial de Vila Rica ocorreu da seguinte forma:

> Os que primeiro chegaram, foram os que criaram também o primeiro povoado, juntamente no local do ouro prêto, encontrado pelo mulato Duarte Nunes. Foi nos brejais e barrancas que margeavam o Ribeirão do Tripuí. Para habitação, houve mister a derrubada das matas que cobriam o local da atual Matriz e as encostas que subiam até a hoje Rua das Escadinhas e Ladeira do Pilar. O segundo arraial foi o Caquende à margem do caminho da Cachoeira, beirando o córrego do Ramos e as encostas do Rosário. No atual bairro de Antônio Dias, eram dois os arraiais de vulto: o de Antônio Dias, taubetano, à margem do córrego que desce da serra do Ouro Prêto e o dos Paulistas, na grota chamada da Encardideira, isto é, local rico em

[25] “O Ouro Preto tomaria esse nome do aspecto pelo qual o ouro se encontrava nas barrancas do Tripuí, envolto numa areia negra brilhante, minério de ferro denominado Jacutinga pelos naturais.” (LIMA JÚNIOR, 1943 p. 65)

> ouro encostoado na canga de ferro, que manchava indelevelmente as roupas. (LIMA JÚNIOR, 1962, p. 57)

Sobre Vila do Carmo “O sucesso de Ribeirão do Carmo, foi não só pela abundância do ouro, como por sua excelente qualidade do título, muito mais alto do que o de Ouro Prêto, (...)” (LIMA JÚNIOR, 1962, p. 30). Por isso, ao longo desse ribeirão surgiram vários pequenos arraiais que se formavam nos serviços da mineração do ouro.

Sobre a região de Vila de São José del-Rei e Vila de São João del-Rei sabe-se que havia uma paragem no caminho para o interior das minas, próximo ao rio das Mortes, onde também se achou ouro. Conforme disse:

> (...) também há uma paragem no caminho paras as ditas minas geraes, onze, ou doze dias distantes das primeiras, andando bem até as três horas da tarde: a qual chamão a de Rio das Mortes (...) E neste rio e nos ribeiros que dele procedem, e em outros que vêm a dar nele, se acha ouro. E serve esta paragem de estalagem dos que vão às Minas Gerais, ahi se provêem do necessário, por terem hoje os que ahi assistem, roças e criação de vender. (ANTONIL, 2007, p. 220)

O mesmo autor indicou que depois da descoberta do ouro, em 1702, na *Ponta do Morro*, onde surgiu o Arraial de Santo Antônio (depois Vila de São José del-Rei e cidade de Tiradentes). Devido a: “(...) Tomé Porte d’ El Rey, com familiares e escravos, decidiu-se permanecer, a meio caminho, à margem esquerda do Rio das Mortes, no local denominado *Porta Real da Passagem*, dando início ao povoamento dessa região, (...).” (GAIO SOBRINHO, 2001, p. 10)

Posteriormente, Tomé Porte morreu assassinado por alguns de seus escravos. “Sucedeu-lhe com autoridade local e guarda-mor das canoas, na passagem do rio, o seu genro, Antônio Garcia da Cunha, sob jurisdição, entre os anos de 1704 e 1705, foram descobertos os depósitos auríferos das encostas hoje ditas Alto das Mercês” (GAIO SOBRINHO, 2001, p. 11). Esse já deu origem ao Arraial de Nossa Senhora do Pilar do Rio das Mortes (depois Vila de São João del-Rei e cidade de São João del-Rei). Assim, o primeiro arraial ficou conhecido com Arraial Velho da Ponta do Morro ou de Santo Antônio e o segundo como Arraial Novo ou de Nossa Senhora do Pilar.

Além das regiões acima, os paulistas descobriram outras minas próximas ao rio das Velhas e junto dos baianos encontraram outras também na região de Caeté. “Até a invasão dos novos aventureiros, a maioria vindos de Portugal, a toponímia mineira assinala dezenas de nomes paulistas em serras, rios e vales” (LIMA JÚNIOR, 1943, p. 66). Assim sendo, nota-se que os empreendedores paulistas foram os grandes responsáveis pelas descobertas do ouro encontrado inicialmente nos ribeiros, ribeirões e rios das regiões mineiras.

Logo, após o descobrimento do ouro, se realizou a repartição das minas em datas da seguinte maneira: “Tem o descobridor a primeira data como descobridor, e outra como mineiro; segue-se a que cabe a El-Rei e atrás desta, a do guarda-mor. As outras se distribuem por sortes” (ANTONIL, 2007, p. 233). Diante disso, as datas inteiras, de trinta braças em quadra, são destinadas ao descobridor, El-Rei e guarda-mor. Já as demais datas seriam de variáveis tamanhos e teriam as suas extensões proporcionais ao número de escravos ou indígenas envolvidos a catar o ouro de outros mineradores. A medida mais usual, era de duas braças em quadra para cada mão-de-obra quantificada. Sobre os primeiros rendimentos do ouro encontrado Antonil (2007) indicou que:

> Da Minas Gerais do Cataguás, as melhores e de maior rendimento foram até agora a do ribeiro do Ouro Preto, a do ribeirão de Nosso Senhora do Carmo e a do ribeiro de Bento Rodrigues, do qual em pouco mais de cinco braças de terra se tiraram cinco arroubas de ouro.[26] Também o rio das Velhas é muito abundante de ouro, assim pelas margens como pelas ilhas que tem e pela madre ou veio de água; e dele se tem tirado e se tira ainda quantidade abundante.

Como a notícia de descoberta de ouro logo se espalhou pela colônia e a metrópole atraiu várias pessoas para a região conhecida também como o Sertão dos Cataguases, que queriam obter riqueza rapidamente. Houve vários registros sobre isso, como os de:

> Cada ano vêm nas frotas quantidade de portugueses e de estrangeiros para passarem às Minas. Das cidades, vilas, recôncavos e sertões do Brasil vão brancos, pardos e pretos e muitos índios de que os paulistas se servem. A mistura é de toda a condição de pessoas: homens e mulheres, moços e velhos, pobres e ricos, nobres e plebeus, seculares e clérigos, religiosos de

[26] Pesos: “1 arrouba = 32 arráteis = 14, 688 Kg.” (ANTONIL, 2007, p. 21)

> diversos institutos, muitos dos quais não têm no Brasil convento nem casa. (ANTONIL, 2007, p. 227)
>
> Vendiam-se por preço fabulosos os escravos africanos para as minas; desertavam-se soldados, fugiam negros e as próprias tripulações das naus que aportavam à Baía, ouvindo as histórias do ouro, abadonavam-nas e enveredar pelo sertão a dentro em busca da fortuna. (LIMA JÚNIOR, 1943, p. 76)
>
> Chegam homens das mais diversas procedências e raças: paulista afeitos à vida rude, experimentados no sertão e na caça do índio, brasileiros do norte, boiadeiros, vadios do litoral, ciganos, judeus e cristãos-novos, uns e outros prontos para a guerra e para a desobediência. (VASCONCELLOS, 2011, p. 33-34)

Alguns portugueses devido a nova perspectiva de riqueza na colônia julgaram como um meio de libertação do sistema feudal que viviam nos campos do Reino português e como fuga de calamidades provenientes de constantes guerras na Europa. “Do Minho, de Trás-os-Montes, das Beiras, desciam caudais humanos que disputavam lugares nas naus, que, formando grandes comboios, partiam para o Brasil” (LIMA JÚNIOR, 1943, p. 76). A maioria desses imigrantes eram fidalgos, militares, negociantes, artífices e trabalhadores do campo. Esse mesmo autor ainda indicou também que: “A própria capital do Reino via sair, aos grupos, indivíduos de todas as castas, que se lançaram à aventura nas novas terras descobertas pelos Paulistas”.

A imigração foi tamanha que “De 1709 a 1711, a corrente humana para o Brasil avolumou-se tanto que o governo português, alarmado com seu vulto, dispôs a um série de providências enérgicas, proibindo as saídas para a sedutora colônia” (LIMA JÚNIOR, 1943, p. 83). Holanda (1936, p. 69), informou que Portugal criou formas de controle para a ida ao Brasil, estabelecendo que somente os oficiais portugueses despachados pelo governo poderiam se deslocar para a colônia e limitavam também o seu quantitativo de criados. O governo também passou a permitir que religiosos e seculares portugueses fossem para o Brasil somente com cargos, ocupações e negócios bem definidos. “Só neste termos, e depois de rigorosa averiguação judicial, se lhes poderá dar passaporte na Secretaria do Estado” (LIMA JÚNIOR, 1943, p. 84). Outra forma de controle praticada era de se vistoriar as naus na saída do Reino e na chegada da colônia brasileira e ao se encontrar viajantes na ilegalidade os prendia e condenava. Mas, apesar disso, ainda houve muita migração de pessoas de Portugal para o Brasil.

Além disso, os engenhos de açúcar que se constituíram no litoral nordeste do Brasil se esvaziaram e os escravos que neles trabalhavam foram deslocados e vendidos para compradores das minas. Por causa disso, também foram criadas formas de controle internas na colônia, mas essas também foram insuficientes.

De todas as partes do Brasil se mandou também boiadas e alimentos, se os comercializou por preços altos pagos em ouro, por não haver moedas que circulavam na região, prejudicando assim o abastecimento de outras regiões da colônia. Isso acarretou: “(...) e de ficarem desfornecidos muitos engenhos de açúcar das peças necessárias, de padecerem os moradores grande carestia de mantimentos por se levarem quase todos onde, vendidos, hão de dar maior lucro.” (ANTONIL, 2007, p. 238)

A região minerada recém ocupada, era abastecida pelas plantações e criação de gado vindas de São Paulo e da Bahia, sendo esses locais distantes e havendo muitas adversidades no clima das Minas Gerais, observou-se vários problemas de abastecimento e carência de alimentos na região mineradora. “No começo ninguém cuidava das plantações nem de criar animais. Tudo ia de São Paulo ou da Baía, em longas viagens de tropas de carga, a maior parte pelos difíceis caminhos do norte de Minas” (LIMA JÚNIOR, 1943, p. 79). Também “Não cogitava plantar, pois imaginava que comprariam tudo o que quisessem com o ouro extraído da terra. (...). Mas descobriram que os alimentos que chegavam da costa e de outros pontos no interior não eram suficientes para todos.” (FIGUEIREDO, 2011, p. 137)

Vasconcelos (1999), disse que: “Além disso, a riqueza das jazidas, o incremento constante do comércio e da quantidade e diversidade cultural dos habitantes e da inexpressiva presença do Estado Português acarretaria diversos conflitos”. O primeiro foi a *Guerra dos Emboabas*, conflito ocorrido entre as regiões de Caeté e Sabará, que opôs paulistas e forasteiros pelo direito de exploração das lavras e licença de comércio e produção de gêneros. E que também se estendeu para São João del-Rei e Tiradentes. “Sob a proteção de Nossa Senhora do Pilar, o arraial logo se desenvolveu e veio a ser, quatro anos depois, palco, também, das contendas entre paulistas e forasteiros na *Guerra dos Emboabas* cujo episódio mais famoso, aqui ocorrido, foi o do *Capão da Traição*, (...).” (GAIO SOBRINHO, 2001, p. 11)

Passada a *Guerra dos Emboabas*, evadiram-se os paulistas pioneiros, deixando os arraiais, que logo se refizeram dos prejuízos da guerra e entregues aos emboabas, que com seus escravos formaram as bases originais da sociedade mineradora nascente. Assim, passada a fase de descobertas do ouro para a de povoamentos, os portugueses junto dos negros e indígenas foram os principais responsáveis pelas suas constituições.

Logo surgiram novos povoados e arraiais nas áreas mineradoras, gerando um rápido processo de urbanização e a efetiva ocupação dessa região, que demandou a sua fiscalização pela Coroa Portuguesa. “De 1700 em diante, a massa de novos povoadores criou um novo estado de cousas e precipitou a formação de núcleos de população onde se fundou rapidamente uma intensa civilização (...).” (LIMA JÚNIOR, 1943, p. 66)

Os primeiros povoados mineiros se deram no entorno dos antigos pousos dos bandeirantes que se transformaram em ranchos, já que esses forneciam as mercadorias de consumo. Conforme:

> Em redor desses ranchos fixavam-se as casas de venda e com era certa a afluência de gente, sobretudo aos domingos, os religiosos iam ali ter, celebrando missas, fazendo batizados e casamentos, iniciando-se assim as capelas a que sucediam faustosas igrejas. No principio, um cruzeiro, em cujo pé, tosca coberta de palha abrigada o rustico altar; logo depois a capelinha de taipa de sebe, que prestamente se transformava em templo definitivo. Assim se formavam os arraiais, palavra que em Portugal quer dizer ajuntamento para festa religiosa. Disseminados pelas montanhas e vales, os lavradores e mineradores faziam construir casas junto às capelas e, aos sábados, vinham nelas pernoitar com suas famílias para no domingo assistirem à missa e fazerem suas compras no comércio que ali se estabelecia. Uniam-se, desde logo, em irmandades para custear o culto e promoviam imponentes festividades religiosas, (...). Desse modo, formavam-se os povoados mineiros, logo, em centros da vida civil, religiosa, social e econômica da capitania. (LIMA JÚNIOR, 1943, p. 87 e 88)

Perez (2011), relatou que as minas situadas em regiões distantes do litoral e dispersas nas montanhas impulsionam a organização de um sistema de transportes; as rotas, ou, melhor dito, os caminhos, abertos na mata virgem, para o transporte de animais, o gado a pé, necessários ao trabalho e à alimentação dos mineiros. Indica também que ao longo dos caminhos, organizavam-se fazendas de criação de gado e

pouso para os tropeiros. Os pousos, cuja própria denominação fala por si, são uma modificação introduzida pela mineração na paisagem colonial. Os “Pequenos núcleos que servem de pouso para os homens, para os animais e para as mercadorias destinadas ao abastecimento das minas, assim como de praça comercial, sob forma de feira.” (PEREZ, 2011, p. 70-71)

Vasconcelos (1999), disse que: “Fazendas e estâncias agropecuárias foram criadas para dar suporte ao sistema, interligadas pelas estradas reais. O movimento de expansão das fronteiras e ocupação do território mineiro começa a se organizar, estruturado pelos caminhos e tropas”.

Perez (2011, p. 82-83), disse também que a formação de uma cidade do ouro numa primeira fase é bastante simples. Essa nasceu para dar suporte à extração aurífera, organizava-se em torno de algumas simples cabanas, de uma ou duas vendas, de um padre para rezar a missa, de alguns artesãos, de uns campos cultivados e nada mais. Como a exploração do “ouro de aluvião" era móvel e acompanhava os esgotamentos das áreas de coleta nos rios, os acampamentos deviam ser também móveis, pois o pouso devia possibilitar a rápida transferência para outro sítio. Na segunda fase da exploração mineira, a do “ouro de filião”, a impulsão urbana e a criação de arraiais se fazia mais forte, uma vez que obrigava uma concentração da atividade, um investimento humano e de capital significativo.

Em toda parte da região das minas eram pesquisadas as areias dos ribeiros e as montanhas e, quando encontravam alguma localidade para minerar ouro, construíam barracas em suas vizinhanças, a fim de explorá-lo. Estas espécies de acampamentos (arraiais) tornavam-se pequenas povoações, depois vilas. Ou seja, se o empreendimento fosse factível e o arraial prosperasse, sem demora surgia a capelinha de taipa, em cujo altar se firmava o santo que reproduzia o padroeiro da vila, onde se reunia os vizinhos para o seu culto e missa. “Normalizando-se as explorações, organizam-se os povoados em torno de suas capelas provisórias, cujos adros e caminhos, caseados, vão cordear os incipientes logradouros públicos.” (VASCONCELLOS, 2011, p. 17).

“A vida civil e a religiosa confundindo-se, não era de dilatar que se erguesse os muros dentre os quais se celebrariam os atos necessários à compostura de homens que enriqueceram e que se esforçaram em tudo a imitar o que fazia a gente importante no Reino” (LIMA JÚNIOR, 1943, p. 198). Outra preocupação recorrente era de se ter lugar propício para a morte, já que a vida era cercada de perigos. Por isso, as capelas que depois se transformaram em Matrizes e representavam a Igreja Católica tinha também papel fundamental na sociedade mineradora, conforme:

> A igreja, então, com o padre, para as missas dos domingos, para os batizados, os casamentos, com as procissões demais atos em tôrno dos quais girava o principal da vida social de Minas; a igreja e padre ainda mais imprescindíveis para uma morte tão tranquila quanto possível, confortada pelos sacramentos, assistida pela encomendação do corpo e da sepultura garantida no recinto da igreja, para ser consumido em terra sagrada (...). (LIMA JÚNIOR, 1943, p. 198)

Trinta anos depois da descoberta e povoamento, as igrejas Matrizes das vilas e de muitos arraiais tinhas seus altares de talha policromada e dourada, suas baquetas, lampadários, tocheiros, cálices, ostensórios de prata lavrada ou ouro advindos do Reino ou produzidas em Sabará, Vila Rica e Bahia. Os seus financiadores se preocuparam com a nobreza das alfaias, parâmetros e obras de arte.“(...) foram de rara generosidade nos estipêndios e subsídios para o culto religioso, não poupando nem regateando meios para que as casas de Deus se erguesse rapidamente, majestosas e ricas.” (LIMA JÚNIOR, 1943, p. 201)

“As instituições eclesiásticas, aqui implantadas, refletiam com alhures, a divisão social da época, de tal modo que houve irmandades especificas de brancos e outras de negros” (GAIO SOBRINHO, 2001, p. 12-13). As irmandades de brancos eram as de: Santíssimo Sacramento, Nosso Senhor dos Passos e São Miguel e Almas presentes na Matriz e as Ordens Terceiras de Nossa Senhora do Carmo e São Francisco de Assis com templos próprios. Já as irmandades negras eram as de: Nossa Senhora da Boa Morte e Nossa Senhora do Rosário presentes inicialmente nas Matrizes e que depois se retiraram e construíram templos próprios e as de Nossa Senhora das Mercês e São Gonçalo Garcia, que edificaram também os seus templos religiosos. O mesmo autor indicou que: “Superadas as antigas distinções raciais e sociais, essas associações continuam, ainda hoje, em plena atividade, promovendo os cultos e suas festas tradicionais.”

Esses povoados mineiros logo tornaram-se importantes e por isso, surgiu a necessidade de criação de uma Capitania para maior controle da metrópole portuguesa, assim, em 1709 se estabeleceu a Capitania de São Paulo e Minas, tendo como governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho. Conforme:

> Coube a este assinalado governador a organizar as instituições públicas, regularizar os ofícios civis, criando em 1711 as primeiras vilas, que foram Nossa Senhora do Carmo, em 8 de Abril; Vila Rica, em 8 de Julho; Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabará, em 17 também de Julho. (LIMA JÚNIOR, 1943, p. 92)

Já ao sucessor Dom Braz Baltazar da Silveira coube continuar as suas funções e esse também criou a Vila de São João del-Rei, em 1713, Vila Nova da Rainha (depois cidade de Caeté), em 1714 e Nossa Senhora da Piedade do Pitangui, em 1715. Assim como criou a Vila de São José del-Rei, em 1718, entre tantas outras. Nessa mesma época ficaram também estabelecidas três comarcas a saber: a de Vila Rica (sede em Ouro Preto), a do Rio das Velhas (sede em Sabará) e a do Rio das Mortes (sede em São João del-Rei). Aliado à criação das comarcas e vilas também foram definidas paróquias para cada uma dessas localidades pelo então bispo do Rio de Janeiro Dom Frei Francisco de São Jerônimo.

Os povoados se transformaram rapidamente nas vilas e nelas se concentrava, além das autoridades públicas, a “nata” dos moradores da Capitania, que, não dispensavam a moradia urbana onde se levava a vida europeia, com requintes de luxo e confortos peculiares à época. “A casa portuguesa transplantada integralmente, a igreja, o sistema de vida deram às Minas Gerais um aspecto que lembra a todo momento uma visão de Portugal.” (LIMA JÚNIOR, 1943, p. 283)

Os lucros propiciaram os estabelecimentos das estalagens e por isso “(...) começaram os mercadores a mandar às Minas o melhor que se chega nos navios do Reino e de outras partes, assim de mantimentos como de regalo e de pomposo para se vestirem, além de mil bugiarias de França que lá também foram dar” (ANTONIL, 2007, p. 235). Conforme também:

> O rápido crescimento da população das Minas e a necessidade de organizar melhor os interesses régios, em matéria de impostos, fizeram com que a 2 de Dezembro de 1720 fôsse desmembrada da de S. Paulo, a capitania de Minas, sob o govêrno de D. Lourenço de Almeida e com nome que lhe ficou de Minas Gerais. (LIMA JÚNIOR, 1943, p. 92)

Após a criação da Capitania das Minas Gerais, foram também abertos novos caminhos para o Rio de Janeiro e os demais caminhos para a Bahia e São Paulo já existentes foram consolidados. Em todos eles foram estabelecidos postos de controle para direito de entrada à região das minas, que arrecadaram muitos impostos ao Reino.

Segundo Lima Júnior (1943), o crescimento de Minas Gerais e suas intensas relações comerciais e econômicas influíram no deslocamento em 1722, da capital do Brasil de Salvador para o Rio de Janeiro. Com essa medida o Reino português visava uma maior forma de controle da região mineradora e a garantia de continuar a arrecadação dos impostos à metrópole. Devido a isto, ocorreu o deslocamento principalmente dos serviços administrativos para o sudeste e sul do território brasileiro. Na mesma época também foram construídas as Casas de Fundição e houve uma maior rigidez na exploração do ouro e seus impostos pelo Reino. Apesar disso, ainda havia muito contrabando de ouro nos caminhos para o litoral do Rio de Janeiro e da Bahia até chegar nos portos de Portugal, principalmente nas cidades do Porto e Lisboa.

Para Lima Júnior (1943, p. 114), depois de esgotada a exploração do “ouro de aluvião” nos rios os mineradores recorrem à exploração do “ouro de filião” encontrado nas montanhas da região, esse ouro apresentava-se comumente junto a mistura de quartzo e pirites de ferro. Mas as dificuldades de sua extração e necessidade de maiores conhecimentos em seu beneficiamento gerou consequências para a decadência desse ciclo econômico.

Muitas foram as causas para decadência da extração aurífera no Brasil, que esteve no auge por cerca de 100 anos, mas há um relatório que ilustrou algumas delas, que foram:

> No descobrimento de minas de ouro desta capitania, teve a maior parte o acaso e, depois deste, a diligência, mas pouco metódica, dos descobridores

> e dos que lhes foram até o presente sucedendo. Nenhuma arte, nenhuma indústria foram aqui jamais conhecidas. (...) Os descobrimentos ricos que [sic] houveram e a fácil extração do ouro por serem mais superficiais os seus filoes e Matrizes, incitaram estes povos a fazerem maiores indagações e diligências: porém diminuindo-se a facilidade dos descobrimentos e continuando uma grande mortandade dos escravos (por falta de professores habeis de medicina, também pela pouca caridade dos senhores) se principiou um grande atraso na extração. (...) Os escravos ainda que velhos dão serviço considerável, o que não acontece nas minas, onde são preciosos homens de grande força para poderem suportar o serviço rude. Expostos, além disso, aos vapores e exalações minerais e um continuidade humidade, o que tudo é tão contrário à saúde, como se sabe. (LIMA JÚNIOR, 1943, p.132-135)

Apesar do ouro e suas virtuosas fortunas beneficiarem o cenário europeu privilegiando as hegemonias de Portugal e Inglaterra, que estabelecem importantes relações comerciais à época. Para Holanda (1936), “Ainda no plano colonial, as novas políticas-administrativas incluem a proibição ao estabelecimento de indústrias e manufaturas no Brasil, além de pactos de exclusividade comercial com as potências amigas de Portugal, vide Inglaterra”. Já os frutos para o Brasil foram outros, para esse território ocorreu a efetiva ocupação do interior; a construção de vilas nos sertões mais longínquos; estimulou um mercado interno com rotas de circulação iniciais definidas; propiciou o surgimento de novos ciclos econômicos ligados a agricultura, como por exemplo, a do café que surgiu no sul de Minas Gerais e no norte de São Paulo. Conforme:

> (...) a decadência da mineração que praticamente lhe cortou o desenvolvimento, no século XIX, quando o litoral prosseguia em suas atividades, refreadas pelo ouro em curtos intervalo, mas logo a seguir, incentivadas pela aberturas dos portos, pela importância crescente da pecuária e da cultura da cana e do café, a que cedo se juntariam outros produtos de grande procura, como a borracha, o chá, o cacau, etc. (VASCONCELLOS, 2011, p. 59)

Além disso, conforme Figueiredo (2011), ocorreu o desenvolvimento de novas regiões, principalmente as do Centro, Sudeste e Sul do Brasil e isso permitiu uma redefinição na divisão do território brasileiro entre os portugueses e espanhois, modificando o Tratado de Tordesilhas, portanto a colônia lusa foi mais povoada e delimitada devido ao Ciclo do Ouro.

Foi nesse contexto geral e com essas características então que surgiram as cidades mineiras, que são representadas nesta pesquisa por Ouro Preto, Mariana,

Tiradentes e São João del-Rei, locais de origem das Irmandades Religiosa e Ordens Religiosas, das devoções, dos cultos e das capelas estudados.

2.2. As irmandades, suas origens e funções

Os outros suportes teóricos consultados para essa fase se baseiam nas obras dos seguintes pesquisadores: Fritz Teixeira Sales (1965), Caio César Boschi (1986), Célia Maria Borges (2005), Eduardo Pires de Oliveira (2008) e Kellen Cristina Silva (2012, 2018).

2.2.1. Das origens das irmandades na Europa até no Brasil

Durante a Idade Média, surgiram na Europa as primeiras irmandades seguindo os passos das corporações de ofício, que ligavam-se mais às questões profissionais, já as associações religiosas supriam as inseguranças e incertezas do homem medieval.

Segundo Boschi (1986), foi durante a Baixa Idade Média que as irmandades se laicizaram, o que contribuiu para que se tornassem um braço do Estado Moderno, no que se refere à assistência, e um poder suplementar da Igreja, atuando como propagadores da fé e de devoções. Para o mesmo autor: “Nascidas sobre a inspiração e a égide do poder espiritual, logo se pautaram por um sentido nitidamente laico. Assumiram, assim, papel suplementar ao da Igreja, com finalidades bastante dinâmicas, acompanhando o processo histórico.” (BOSCHI, 1986, p. 13)

Segundo Silva (2012, p. 40), no Novo Mundo colonizado pelos portugueses, essas associações se disseminaram, mas com uma nova roupagem, utilizando elementos religiosos e sociais para agregar as pessoas. As confrarias sempre estiveram presentes em várias regiões, podendo encontrá-las desde a Europa mediterrânea aos Bálticos. Portugal, por sua vez, ao colonizar as terras do Brasil, trouxe para além-mar a dinâmica de um comportamento coletivo referente a religião, o que acabou influenciando a criação das Irmandades Religiosas, seja de homens brancos, negros, crioulos, mulatos e pardos.

Para Borges (2005, p.43), o que houve no Brasil foi um movimento que se insere na longa duração das mesmas, pois as Irmandades Religiosas possuíam uma Matriz medieval portuguesa e se adaptaram bem ao ambiente brasileiro, criando uma base de relações pautadas na solidariedade e sociabilidade. Em Portugal, as confrarias se difundiram vigorosamente em duas regiões, sendo uma entre o Minho e o Douro, e a outra, numa região próxima de Lisboa. Para Silva (2012, p. 40), tal afirmação é interessante, justamente porque a região de Minas Gerais, sobretudo a da antiga Comarca do Rio das Mortes, recebeu grandes levas de imigrantes provindos do Norte de Portugal, especificamente da primeira região.

Corroborando com as autoras anteriores, De Oliveira (2008, p. 05), demonstrou em suas pesquisas que a região do Minho e Douro era bastante populosa e católica, o que propiciou a criação de várias oficinas de arte sacra. Com o aumento cada vez maior da população, esses homens e mulheres passaram “a correr o mundo para ganharem a vida”. Dessa forma, Minas Gerais pôde receber um grande número de pessoas oriundas da dita região, bem como vários artífices.

Para Silva (2012, p. 41), porém, essa imigração católica para Minas Gerais pôde contar ainda com um catalisador, ao que se refere às Irmandades Religiosas. Se a região Norte de Portugal se destacava com essa atuação associativa, em Minas o catalisador de forças, para que elas continuassem atuando de forma ativa e profunda, foi o regime do Padroado.

Sobre o regime do Padroado, Boschi (1986, p. 42) relatou que, essa união entre estado-igreja se deu por volta de 1550, quando o Papa Júlio III concede em bula o cargo de Grão-Mestre a Dom João III de Portugal na Ordem de Cristo. Essa unificação significava também, além de uma língua comum, uma crença comum. Mesmo atuando lado a lado, o Estado Português, de certa forma, temia o poder crescente da Igreja Católica. Sabendo disso, Portugal passou a colaborar com Roma, o que suscitou também inúmeras bulas papais posteriores, que conferiram aos reis lusitanos o poder de gerenciamento religioso no Reino e nas colônias. Assim, em Portugal, os assuntos referentes à Igreja estavam sob a jurisdição do Estado, ou seja, era a Coroa Portuguesa quem ditava as diretrizes de ação aos religiosos. Essa condição se refletiu durante o período colonial, no qual os papeis

entre Estado-Igreja estavam conciliados, e poucas vezes seus interesses entraram em conflito.

Com o poder religioso em mãos, a Coroa Portuguesa proibiu a entrada de religiosos das Ordens Primeiras na região mineradora. “O contrabando era, de certa maneira, mais fácil para membros de Ordens religiosas, porque possuíam inúmeros contatos, facilitando o contrabando de ouro para fora da província e da própria colônia” (SCARANO, 1976, p. 17). Aliada à questão do contrabando, Borges (2005, p. 54), salientou duas outras questões: a de que muitos eclesiásticos foram contra o Padroado nos primeiros anos do século XVIII e que, junto a esse quadro, as Ordens Primeiras, não estavam subordinadas a Coroa Portuguesa, ou seja, às ações do mesmo regime, o que acabava por gerar problemas de controle em Portugal e nas colônias portuguesas.

Devido a não atuação das Ordens Primeiras as Irmandades Religiosas assumiram algumas de suas funções. Russel-Wood (2005), vislumbrando esse mesmo contexto vê a Coroa Portuguesa incentivadora dessas Irmandades como uma negligência e uma transferência dos assuntos espirituais para as mãos dos leigos. Para ele, foi uma troca de responsabilidade da Coroa Portuguesa na construção e manutenção de templos delegada para os homens e mulheres comuns. Com o afastamento das Ordens Primeiras, a população mineira acabou buscando a solução para o problema religioso nas associações religiosas. Mas segundo Silva (2012, p. 42), não se deve esquecer que, mesmo com a proibição da atuação das Ordens Primeiras, a Coroa Portuguesa, por intermédio do Padroado, permitia a presença de alguns eclesiásticos, que eram escolhidos pelos bispos subordinados.

Vale ressaltar ainda, que aliada à religião católica em Minas Gerais também houve heranças religiosas africanas e indígenas, que propiciaram o sentido místico e um forte sincretismo para os novos devotos. Os escravos, proibidos de exercer suas rezas, chegavam da África, assim como os indígenas nativos brasileiros já habitavam esse território e todos esses eram batizados, obrigados a exercer a religião cristã. Mas muitos ainda mantiveram suas raízes, alguns se converteram e outros associaram as suas crenças antigas às novas.

Silva (2012, p. 43), relatou que se as Irmandades Religiosas surgiram para suprir uma carência de religião. Podemos afirmar que conseguiram também suprir uma lacuna no espaço social, pois a população colonial mantinha suas relações sociais nas capelas e Matrizes das vilas por elas construídas. Nos templos e seus entornos os membros dessas associações religiosas demarcaram os seus espaços de cultos, devoções e garantiram os locais para as suas mortes como nas criptas dos templos e depois nos cemitérios, que foram também por elas construídos.

O chamado “Bem Morrer” foi também um elemento de agregação às Irmandades Religiosas, “(...), quando chegasse a hora da morte, seus corpos seriam tratados de forma cristã e sua alma ganharia as missas necessárias.” (CAMPOS, 1994, p. 28)

E pode-se:

> (...) notar que as irmandades, enquanto entidades coletivas, traziam em seu bojo acentuado individualismo, isto é, podiam ser entendidas também como centro catalisador das individualidades atemorizadas pela morte e pela doença e ávidas por um espaço político. Para essas associações convergiam todas as espécies de sentimentos e aspirações. As relações comunitárias faziam-se na medida exata da identificação entre os que delas participavam. Simultaneamente, integravam os indivíduos e liberavam seus anseios de libertação, passando, assim, a ser também canal de manifestação dos seus membros, o veículo de suas queixas, o palco de sua discussão. (BOSCHI, 1986, p. 14)

Em síntese, as Irmandades Religiosas também funcionavam como agentes de solidariedade grupal, congregando, simultaneamente, anseios comuns frente à religião e à realidade social. Esse espírito associativo marcou a população das Minas colonial, que em seus primórdios se caracterizava por um permanente desejo de se reunir e somar objetivos beneficentes e de ajuda mútua. “O espírito inicial foi o de congregar pessoas que, tendo eleito um santo padroeiro comum - com quem simbolicamente passavam a compartilhar suas agruras terrenas -, comprometiam-se a promover e a manter a devoção do orago.” (BOSCHI, 1986, p. 15).

As associações religiosas que ficaram responsáveis pela construção e manutenção de templos também realizavam os cultos e festividades em Minas Gerais, demonstrando novamente a efetiva transferência da responsabilidade da Estado-Igreja dos assuntos espirituais aos leigos. Além disso, pertencer a uma

Irmandade Religiosa, era um símbolo de *status social* dentro de um ambiente em que as angústias e os problemas enfrentados eram compartilhados.

De acordo com Sales (1965), durante o século XVIII as Irmandades Religiosas mineiras apresentavam o seguinte quadro socioeconômico: os homens brancos de poder aquisitivo, no começo da colonização, se assentavam nas irmandades do Santíssimo Sacramento, Nossa Senhora da Conceição, São Miguel e Almas, Nosso Senhor dos Passos e Almas Santas. Com o passar do tempo e com a mudança nos quadros econômicos, os brancos, que passaram a comerciantes ricos, donos de lavras e funcionários da Coroa Portuguesa, se assentavam nas Ordens Terceiras do Carmo e São Francisco de Assis, depois que essas duas Ordens Religiosas, tiveram a atuação permitida em Minas Gerais pela Coroa Portuguesa. Já os negros, escravos de maioria africana, desde o início, se associavam à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e às dos santos negros, como a Irmandade de São Benedito e Irmandade de Santa Efigênia. Os crioulos e mulatos, que podiam ser forros ou escravos já nascidos no Brasil, se associavam à Irmandade de Nossa Senhora das Mercês, enquanto os pardos se reuniam sob a proteção da Irmandade de São Gonçalo Garcia. Mas, Sales (1965), nos apresenta apenas uma tendência, já que estudos apontam para a complexidade das associações leigas.

Assim sendo, as Irmandades Religiosas também são símbolos de uma sociedade colonial estratificada, que num primeiro momento, se dividia entre as irmandades do Santíssimo Sacramento, do padroeiro, de Nosso Senhor dos Passos, congregando brancos, e as irmandades de Nossa Senhora do Rosário, congregando negros. Mas com o passar dos tempos e com as mudanças sociais que iam ocorrendo, como por exemplo, as alforrias e as miscigenações, surgiam outras associações religiosas visando demarcar critérios de distinção social entre os seus semelhantes. Podemos assim afirmar que, as Irmandades Religiosas acabaram por utilizar critérios como cor e condição social vigentes para se organizarem.

Tomamos como exemplo, em Vila de São João del-Rei, a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos, onde para se tornar membro era necessário possuir alguns pré-requisitos:

> Os irmãos que se receberem hão de ser sem nenhum escrúpulo limpos de geração, ou sejam nobres ou oficiais, e dos que não forem nobres não sejam menos a sua espera que oficiais e assim não terão um e outros raça de Judeu, Mouro, Mulato ou de novo convertido de alguma infecta nação. Sejam também livres de infâmia ou por sentença ou pela opinião comum o mesmo se entenderá das mulheres.[27]

Sendo assim, cada Irmandade Religiosa tinha critério e perfil pré-estabelecido em seus estatutos para os seus futuros irmãos, alguns eram mais rígidos e outros menos, havia também as que aceitavam somente homens, enquanto outras homens e mulheres.

Mas adiante, vamos compreender melhor e nos aprofundar nas questões relativas às Irmandades Religiosas mineiras de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores, base dos nossos estudos.

2.2.2. As irmandades de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores

Após a proibição da instalação das Ordens Primeiras na região mineradora, poucas eram as limitações para fundação das Irmandades Religiosas, porque a iniciativa poderia partir de qualquer cristão. Por isso, nas Minas Gerais não foram os religiosos de ofício os responsáveis pela implantação da fé, mas sim, os leigos - senhores e escravos -, que se reuniam coletivamente e exerciam os assuntos espirituais transferidos a eles pelo Estado-Igreja portugueses.

Entre uma das funções de maior destaque das Irmandades Religiosas em Minas Gerais estão a construção e manutenção das Matrizes nas primeiras vilas coloniais, que surgiram no século XVIII. Esses espaços religiosos eram importantes na época para a congregação de seus irmãos e também para a organização dos seus cultos, assim foram eles que inicialmente receberam a sua atenção e financiamento.

Do ponto de vista cronológico, as Irmandades Religiosas se fundaram anteriormente à instalação do aparelho burocrático e militar. Isto permite aventar a hipótese de que a solidez e a permanência da vida em Minas Gerais possuíam inicialmente mais

[27] APNSP/SJDR - Livro de Compromisso da Irmandade do Senhor dos Passos de São João del-Rei – 1796.

influência dos leigos do que do próprio Estado português. Segundo Boschi (1986), poder-se-ia conjeturar que, enquanto este último exerceu o poder na Capitania das Minas Gerais, através do fisco, função predominantemente político-administrativa, as associações religiosas se responsabilizavam por grande parte das funções urbanas. Bastaria recordar, a propósito, que o quadro evolutivo da ocupação espacial foi desenhado concomitantemente ao dos templos religiosos e, por via de decorrência, dos leigos que lhe suportaram o ônus, quer da construção, quer da manutenção.

Assim as Irmandades Religiosas vão se abrigar logo nos altares da capela-mor e nas naves das Matrizes ou em capela próprias e por isso, o momento do registro de suas fundações coincide com o momento de suas construções. Sendo essas firmadas nesses casos a partir dos livros de compromissos de cada uma delas. Segundo Dangelo, Brasileiro e Araújo (2023, p. 56):

> Cada irmandade se responsabilizava pelas encomendas do risco e contrato da obra do seu retábulo, sob a fiscalização da irmandade “fabriqueira”, definida anteriormente, e da autoridade do vigário. Ambos deveriam estar em sintonia com os parâmetros estéticos da obra, para não quebrar o “decoro” religioso e artístico exigido para a composição do espaço. É preciso ficar claro que, no século XVIII, cada retábulo de irmandade funcionava com autonomia de altar para o culto divino, local onde as missas e os cultos religiosos, ligados a cada uma delas, costumavam ser celebradas. Muitas vezes, planejava-se para o seu entorno a implantação das covas, que pertenciam a cada uma das irmandade presentes na igreja Matriz. Não existe uma documentação clara sobre como se escolhia o local de cada altar da nave: por um lado, se haveria um valor monetário diferenciado pelo lugar de maior destaque, perto do arco-do cruzeiro e, por consequência, da capela-mor, a ser pago pela irmandade; e, por outro, se essa ocupação se faria pela escala de antiguidade de entrada da irmandade no “consórcio” da obra da Matriz. Por documentação, também sabemos que muitas irmandades foram criadas dentro de uma Matriz, e que mais tarde, pelo seu excessivo número de irmãos, optaram por construir uma capela própria.

As irmandades de Nosso Senhor Passos que foram instituídas no início do século XVIII em Minas Gerais a partir dos livros de compromissos consultados por Boschi (1986, p. 189-190), foram sintetizadas na Tabela 1.

Tabela 1 - Período de fundação das irmandades de Nosso Senhor Passos em Minas Gerais, século XVIII.

data	**Irmandades de Nosso Senhor Passos - século XVIII**
1715	Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Vila Rica, Freguesia de Nossa Senhora do Pilar.

1720	Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Mariana, Capela de Nossa Senhora dos Passos.
1721	Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de São José del-Rei, Freguesia de Santo Antônio.
1722	Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Pitangui, Freguesia de Nossa Senhora do Pilar.
1722	Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Bom Despacho, Capela de Nossa Senhora , Freguesia de Pitangui.
1733	Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de São João del-Rei, Freguesia de Nossa Senhora do Pilar.

Fonte: Elaborado pela autora.

Segundo o autor anterior, no século XIX, foram firmados outros livros de compromissos referentes às mesmas irmandades de Nosso Senhor dos Passos, que são apresentadas também na Tabela 2.

Tabela 2 - Período de fundação das irmandades de Nosso Senhor Passos em Minas Gerais, século XIX.

data	**Irmandades de Nosso Senhor Passos - século XIX**
1807	Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Lagoa Dourada, Freguesia de Prados.
1809	Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Barbacena, Freguesia de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo.
1812	Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Oliveira, Freguesia de São João del-Rei.
1815	Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de São Bartolomeu, Freguesia de Vila Rica.
1816	Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Campanha da Princesa, Freguesia de Santo Antônio do Rio Verde.

Fonte: Elaborado pela autora.

Em síntese na obra de Boschi (1986), foram encontradas e identificadas 11 irmandades de Nosso Senhor dos Passos em Minas Gerais, considerando um total de 322 Irmandades Religiosas dentro das diversas apontadas pelo autor. Isso corresponde a 3,43% em 100% da amostragem pesquisada. É interessante frisar que foram duas fases mais relevantes para as suas constituições, uma num prazo de 18 anos, na primeira metade do século XVIII, e a outra no primeiro vintênio do século XX. E que consequentemente isso, acarretará num certo dinamismo religioso quando comparado aos seus altares e capelas, ornamentações e cultos.

E levando em consideração as Irmandades Religiosas estudadas verificamos que as irmandades de Nosso Senhor dos Passos nas cidades Ouro Preto, Mariana, Tiradentes tiveram sua fundação em 1715, 1720 e 1721 e a de São João del-Rei em 1733, havendo uma temporalidade constatada de 18 anos entre a primeira e a última Irmandade Religiosa estudada (Ver BOSCHI, 1986, p. 214-226, Anexo 14). Portanto, todas as quatro associações religiosas estudadas são da primeira metade do século XVIII, ou seja, são irmandades pioneiras a essa devoção em Minas Gerais.

Registra-se ainda em relação às irmandades de Nossa Senhora das Dores em Minas Gerais, que a mais antiga encontra-se em Vila Rica com data de 1767 e há relatos de uma outra em Vila de São José del-Rei de 1820, sendo essa última estabelecida junto à Capela de São João Evangelista. Essas Irmandades Religiosas, que também participaram depois das festividades dos culto a Paixão de Cristo, já foram fundadas depois no final do século XVIII e início do século XIX.

Mais adiante, vamos compreender melhor as fundações dessa duas principais Irmandades Religiosas escolhidas para a pesquisa mais aprofundada.

1.2.3. As irmandades de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores de Ouro Preto, Mariana, Tiradentes e São João del-Rei

Alguns pesquisadores das irmandades mineiras relataram sobre as fundações das irmandades de Nosso Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores, a saber:

Segundo Menezes (1975), em 20 de maio de 1715, o Bispo do Rio de Janeiro, Dom Frei Francisco de São Jerônimo, passou a provisão de ereção da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, em Vila Rica. A Irmandade tratou de se acomodar em um altar lateral no templo religioso e se desenvolveu de modo a promover os festejos da Quaresma e Semana Santa pelas ruas dessa Vila permanentemente, ao construir, ornamentar e manter as Capelas dos Passos da Paixão de Cristo já no século XVIII.

Para Vasconcellos (1938), a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos da Matriz de Imaculada de Nossa Senhora Conceição, em Vila do Carmo também já se encontrava ativa em 1720 e possuía uma capela própria de frente a Cadeia Velha entre a Sé e a Prainha e outras Capela dos Passos, que depois foram demolidas. Posteriormente, essa associação religiosa se abrigou no consistório da futura Sé de Mariana e posteriormente o interior da nave, não havendo comprovação se essa associação ocupou algum altar existente neste templo. E nos meados do século XVIII, incluiu também a construção de novas Capelas dos Passos da Paixão de Cristo no plano urbano da cidade de Mariana.

Segundo Santos Filho (2015), em 02 de outubro de 1721, foi criada por provisão do Cabido Diocesano do Rio de Janeiro, durante a sede vacante, a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos da Matriz de Santo Antônio, em Vila de São José del-Rei. Essa Irmandade se abrigou primeiramente numa ermida e depois no altar lateral do templo religioso e iniciou seus cultos religiosos. Posteriormente, se desenvolveu de modo a continuar a promover os festejos, construir, ornamentar e manter as Capelas Passos da Paixão de Cristo.

Em 12 de dezembro de 1733, o Bispo do Rio de Janeiro, Dom Frei Antônio de Guadalupe, passou a provisão de ereção da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, em Vila de São João del-Rei. A Irmandade construiu logo o altar lateral do templo religioso e realizou as suas festividades. Depois se dedicou também a construir, ornamentar e manter as Capelas dos Passos da Paixão de Cristo.[28]

Depois, surgiram algumas irmandades de Nossa Senhora das Dores em Minas Gerais nas mesmas Matrizes ou em outros templos a elas subordinadas, que logo reivindicam participação nas festividades do culto à Paixão de Cristo.

As irmandades de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores nas cidades de Ouro Preto, Mariana, Tiradentes e São João del-Rei se constituíram no

[28] AEDSJDR. Livro de Compromissos da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos 1733. São João del-Rei: Arquivo Eclesiático da Diocese de São João del-Rei, Setor Catedral Basílica de Nosso Senhora do Pilar, Cap. 10, fl. 12 verso e fl. 13 verso.

início do século XVIII e se firmaram em Minas Gerais como corpos laicos compostos de pessoas influentes ao longo do mesmo século. Para tal, logo se instituíram nas Matrizes ou em templos próprios mineiros, onde ocuparam altares e ao mesmo tempo realizaram devoções e festividades nas ruas das vilas coloniais.

Num primeiro momento, as vias sacras externas foram promovidas por essas Irmandades Religiosas que se utilizavam dos altares nos templos religiosos e de estações efêmeras no entorno dos templos. Depois num segundo momento, se usavam as Capelas dos Passos construídas para a expansão e permanência da cenografia religiosa da Paixão de Cristo nas ruas das cidades. Nesses dois momentos houve a arrecadação dos membros das associações religiosas de valores para a construção dos altares, execução das procissões, além da concepção e construção das Capelas dos Passos. Assim, notamos que as duas irmandades citadas, foram extremamente atuantes na promoção da religiosidade na região mineradora, conforme mais detalhado adiante.

2.3. Os altares nas matrizes mineiras

O suporte teórico dessa parte se baseia principalmente nas publicações de: Fritz Teixeira de Sales (1965), Adalgisa Arantes Campos (2000, 2004 e 2005), Myriam Andrade Ribeiro Oliveira; Adalgisa Arantes Campos (2010), Myriam Andrade Ribeiro Oliveira e Olinto Rodrigues dos Santos Filho (2010), Aziz José de Oliveira Pedrosa (2019) e André Guilherme Dornelles Dangelo, Vanessa Borges Brasileiro e Carlos Magno Araújo (2023).

2.3.1. Os altares nas matrizes de Nossa Senhora do Pilar e de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias em Ouro Preto

A Matriz de Nossa Senhora do Pilar em Vila Rica construída a partir de 1712 é fruto da ampliação de uma capela primitiva, que já existia no início do século XVIII e foi financiada por devotos. Em termos de linguagem arquitetônica esse templo conservou a tradição do partido em cruz latina, próprio das primeiras Matrizes luso-brasileiras. Campos (2000), informou que a Paróquia do Pilar da Freguesia de Nossa Senhora do Pilar em Vila Rica foi criada entre 1700-1703, e já em 1724,

contava com um vigário fixo designado pela Coroa Portuguesa, responsável pelo culto e vida sacramental local.

“No setecentos, o Pilar foi a Paróquia mais rica e populosa em Vila Rica, reunindo o maior número de irmandades, isto é, de associações de leigos, criadas a partir de estatutos aprovados pela Mesa de Consciência e Ordens ou pelo Bispado mais próximo.” (CAMPOS, 2000, p. 9)

Os devotos da Freguesia de Nossa Senhora do Pilar, na maioria de origem portuguesa, logo se organizaram para ampliar e ornamentar a Matriz do Pilar, com o objetivo de realizarem o culto, o assistencialismo mútuo e a preparação para uma boa morte, aliado aos seus funerais, missas e sepulturas em lugar sagrado. “(...), a Matriz do Pilar se destacou como oficial, pois nela eram feitas as comemorações alusivas ao Nascimento, Casamento e às Exéquias de membros da Família Real, bem como as posses de Governadores da Capitania e os festejos promovidos pelo Senado da Câmara.” (CAMPOS, 2000, p. 11)

Os devotos da Paróquia do Pilar, também fundaram na sua Matriz as primeiras Irmandades Religiosas e, em 2023, essas estão dispostas nas capela-mor e nave, conforme Tabela 3.

Tabela 3 - Período de fundação e disposição das irmandades na Matriz do Pilar em Ouro Preto.

data	**Irmandades Matriz de Nossa Senhora do Pilar**
Ao centro, no altar-mor	
1712	Santíssimo Sacramento
1712	Nossa Senhora do Pilar, a padroeira
À esquerda da nave, do lado do Evangelho	
1718	Nossa Senhora da Conceição (ocupado por Nossa Senhora das Dores)
1715	Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (ocupado por Nossa Senhora dos Terços)
1715	Santo Antônio
À direita da nave, lado da Epístola	
1715	Nosso Senhor dos Passos

XVIII, 1º quartel	Santa Ana
1712	São Miguel e Almas

Fonte: Elaborado pela autora.

As irmandades pioneiras do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora do Pilar, a padroeira, compartilharam tradicionalmente o espaço da capela-mor na Matriz do Pilar e as demais se abrigaram nos seis altares laterais da nave. Com o passar do tempo a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, seguindo o costume dessas associações leigas, se retirou desse templo para construir sua capela própria no Morro do Caquende e por isso, o seu altar passou a abrigar a escultura de Nossa Senhora dos Terços. Campos (2000), disse que as demais irmandades permaneceram na Matriz, exceto a de Nossa Senhora da Conceição, extinta por volta de 1729 e que o seu altar passou a abrigar a escultura de Nossa Senhora das Dores da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos. Sendo assim, esses dois altares citados obtiveram as suas invocações alteradas.

Na Matriz do Pilar: “(...) comprovadamente desde 1712, às custas da Irmandade do Santíssimo Sacramento, eram feitas as celebrações da Quarta-feira de Cinzas, dos quatro Domingos da Quaresma, de Domingo de Ramos e com pompa maior aquelas do Tríduo Sacro, do Sábado de Aleluia e Domingo da Ressurreição” (CAMPOS, 2000, p. 11). Consequentemente, esse rico calendário festivo promoveu a aquisição pelas irmandades de muitas imagens e alfaias, próprias ao culto da Paixão e Redenção de Cristo, os mais populares. Assim como a preocupação constante de ornamentação do interior do templo durante as festas religiosas, seguindo ao máximo o esplendor barroco. E gerou também as funções de promover e financiar as principais festas religiosas e procissões promovidas por elas em Vila Rica.

A construção da Matriz do Pilar recebeu os trabalhos iniciais de Antônio Francisco Pombal, entre 1721-1745 e Antônio da Silva, em 1737. Em 1730, se iniciou uma grande reconstrução do templo que se estendeu até meados do século XVIII e nesse momento, os trabalhos registrados com o maior destaque foram o de

Francisco Xavier de Brito[29], José Coelho de Noronha[30] e Manuel de Brito[31]. Durante esse período de obras, o Santíssimo Sacramento foi trasladado para o templo da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, até que em 1733, a Matriz do Pilar obtivesse condições de voltar a recebê-lo na Procissão do Triunfo Eucarístico.[32] Para Sales (1965), esse é considerado um dos mais importantes acontecimentos em Vila Rica, evento que ficou conhecido também como “a grande festa do ouro”.

A presença de muitos artífices portugueses e a constituição de suas oficinas na colônia brasileira reforçou a significativa migração de profissionais da metrópole para colônia atraídos pela melhor condição financeira e econômica durante o Ciclo do Ouro em Minas Gerais. O que lhes propiciou vários trabalhos na construção e

[29] Segundo Pedrosa (2019, p. 143), o português Francisco Xavier de Brito, era entalhador e seus primeiros trabalhos em terras brasileiras datam de 1734, quando executou a escultura do arco e frontispício da capela-mor da igreja de São Francisco da Penitência, no Rio de Janeiro, em 1735-1740, executou a cimalha da capela-mor e os retábulos da nave, do mesmo templo. Depois, já em 1741, mudou-se para Minas, e ingressou nas irmandades de São Miguel e Almas e do Santíssimo Sacramento do Pilar de Ouro Preto. Em 1746-1747, Brito e Cardoso, arrematarам e realizaram as obras do zimbório e retábulo-mor da Matriz do Pilar. Em 1747-1748, Brito recebeu pagamentos por esculturas faturadas na igreja de Santa Efigênia. Em 1750, executou a obra do arco-cruzeiro também do Pilar e veio a falecer em 1751.

[30] Segundo Pedrosa (2019, p. 147), o entalhador português José Coelho de Noronha, nascido em Braga-PT, foi oficial ativo nas Minas, era irmão na Ordem Terceira do Carmo de Vila Rica e de São João del-Rei, além de irmão na Irmandade do Santíssimo Sacramento da última vila citada. Em 1745, arrematou e executou a obra do retábulo-mor da igreja Matriz de Santo Antônio, de Sabará. Em 1747-1749, executou a obra do retábulo-mor e de alguns retábulos da igreja de Nossa Senhora da Assunção, de Mariana. Também executou na mesma época um oratório para o Palácio do Bispo na mesma cidade. Em 1751, José Coelho de Noronha, mudou-se para Vila Rica e recebeu por acréscimo do resplendor e do trono da Matriz do Pilar de Ouro Preto. Em 1753, realiza a louvação da obra do retábulo-mor da mesma Matriz e após esse fato em 1754 realiza intervenções neste retábulo. Em 1755, mudou-se para a Vila de São João del-Rei, onde arrematou e executou a talha do retábulo-mor da igreja Matriz do Pilar. Depois, em 1758 se muda novamente para a Vila Nova da Rainha de Caeté para se dedicar às obras da Matriz de Nossa Senhora do Bonsucesso e finalmente, em 1762, realiza o risco da igreja Matriz de São João Batista, de Barão de Cocais e depois veio a falecer em 1765 na Vila de São José del-Rei.

[31] Segundo Pedrosa (2019, p. 150), já havendo trabalhado em Portugal, em 1726 o entalhador português Manuel de Brito chega às terras brasileiras e assina contratos para executar o retábulo-mor da igreja de São Francisco da Penitência, do Rio de Janeiro, onde também executou o púlpito, em 1732, e as talhas parietais, entre os retábulos laterais, em 1739. Durante esse mesmo período em 1733, executou na Capitania de Minas Gerais a talha do retábulo de São Miguel e Almas, da Matriz do Pilar de Ouro Preto, em 1734 e 1736 executou o retábulo de Nosso Senhor dos Passos e a produção de um arcaz para Irmandade do Senhor dos Passos do Pilar. Se aventa a possibilidade também dele ser responsável pela execução dos retábulos de Santana Mestra e Nossa Senhora dos Terços (antigo altar do Rosário dos Pretos), na nave também da Matriz do Pilar, que dialogavam com as obras por ele no mesmo templo realizadas. Ressalta-se que Manuel de Brito alternou entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais para realização de seus trabalhos de talha.

[32] “Este representaria a transladação do Santíssimo Sacramento, através de uma procissão religiosa, da Capela do Rosário para a Matriz do Pilar, pois esta encontrava-se em reforma, não podendo abrigá-lo. Para este acontecimento, a irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos abrirá uma rua especialmente para a passagem do Santíssimo Sacramento até a Matriz do Pilar. Esta, denominada rua do Paredão, devido a existência de muro de arrimo para vencer o grande desnível existente, corresponderia, atualmente, à rua Dr. Getúlio Vargas.” (SALGADO, 2013 p. 53-54)

ornamentação da arquitetura luso-brasileira aclimatada em Vila Rica, como a da própria Matriz do Pilar.

Durante a reconstrução da Matriz do Pilar houve uma modificação espacial, no qual a sua fachada foi alterada, já que antes a capela primitiva possuía a frente principal voltada para o que passou a ser a sacristia. Com essa mudança as irmandades de São Miguel e Almas e de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, que tradicionalmente nas Matrizes ocuparam o primeiro altar, no Lado da Epístola e no Lado do Evangelho (próximos ao arco-cruzeiro), tiveram a posição alterada para outras devoções que foram: as irmandades de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Conceição, porém apesar disso, as suas sepulturas primitivas foram ali conservadas.

Entre 1745-1746, Francisco Branco de Barros Barriga[33] desenvolveu o risco do altar-mor da Matriz do Pilar e solicitou o seu pagamento pelo projeto realizado para as irmandades do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora do Pilar, a padroeira. A fatura da talha do mesmo altar (principalmente com trabalhos nos desfechos, nichos, ilhargas e sacrário) foi arrematada em 1746 por Francisco Xavier de Brito e Antônio Henrique Cardoso[34], referenciados no documento consultado como sócios. O primeiro artífice, também era membro das irmandades de São Miguel e Almas e do Santíssimo Sacramento da Matriz do Pilar. Depois, em 1751, se registrou a fatura do arco-cruzeiro por Ventura Alves Carneiro. Campos (2000), disse que em 1753, José Coelho de Noronha participou da louvação do altar-mor e em 1754, ele executou a fatura do resplendor do trono, onde trabalhou em ajustes e revisões no mesmo altar.

---

[33] Segundo Pedrosa (2019, p. 141), francisco Branco de Barros Barrigua, era entalhador e morador do arraial de Antônio Dias em Vila Rica, realizou obras, entre 1728-1729, do retábulo-mor da igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Prados, apesar do mesmo já ter sofrido intervenções posteriores. Em 1745-1746 realizou a louvação do retábulo de São Miguel e Almas da igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Catas Altas. Em 1746 realizou o risco do retábulo-mor da igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar, em Ouro Preto e, entre 1747-1748, realizou risco e obra do retábulo-mor da igreja de Santa Efigênia no mesmo local.

[34] Segundo Pedrosa (2019, p. 138), sobre o entalhador português Antônio Henrique Cardoso, nascido em Porto-PT, há poucas informações sobre o mesmo e sua obra, havendo até o momento a ligação pontual de que esteve nas Minas conjuntamente com Francisco Xavier de Brito para executar em 1746-1747 as obras na igreja Matriz do Pilar de Ouro Preto.

Para a autora anterior, em 1741, também houve a ampliação e colocação da abóbada na capela-mor e depois a construção de suas ilhargas, entre 1746-1751. Sobre a pintura parietal executada nos painéis de madeira, cuja temática são as estações do ano, foram realizados por Bernardo Pires, em 1774. Esses são, portanto, os principais artífices que trabalharam na capela-mor da Matriz do Pilar em Vila Rica, que foram registrados entre 1745-1774.

Houve a contratação de outros serviços nessa mesma época na Matriz do Pilar em Vila Rica, acerca da ornamentação dos altares da nave, confeccionados a partir de 1731, principalmente após a definição pela substituição em todos esses da talha nacional-portuguesa[35] para a talha joanina.[36] Os altares dedicados a Nossa Senhora da Conceição e a Santo Antônio foram os primeiros produzidos entre 1732-1740 e esses podem ter sido reciclados da capela primitiva.[37] O último recebeu douramento de José Martins, em 1741.

Manuel de Brito e sua oficina riscaram e executaram o altar de São Miguel e Almas de 1733 e 1734, depois em 1741, esse foi dourado pelos pintores João da Graça e Bento Teixeira. O artífice e a oficina anterior também riscaram e executaram o altar de Nosso Senhor dos Passos entre 1734-1736 e possivelmente esse recebeu

[35] “O estilo nacional, que vigorou com maior hegemonia em Minas, até por volta de 1740. Neste estilo, os forros eram feitos de caixotões com painéis pintados no centro. Os retábulos estruturados em mísulas e colunas com anjos e elementos zoomórficos e fitomorfos, que depois do entablamento, configuravam um coroamento em arquivoltas concêntricas, as pinturas seguiam o estilo do chamado grotesco (brutesco). Na talha grossa, os acantos constituíam nos elementos mais usuais, a partir de 1730, e já com alguma influência do estilo joanino aparecem as conchas e as volutas.” (DANGELO, BRASILEIRO, ARAÚJO, 2023, p. 65)

[36] O estilo joanino, que chegou à região de Minas Gerais corresponde: “(...) o novo gosto artístico vigente em Lisboa, chamado estilo joanino. Este, em homenagem ao rei Dom João V, que influenciado pelo gosto da estética do barroco italiano, tinha importado artistas estrangeiros, que italianizaram a estética do primeiro barroco português e imprimiram este estilo na arte religiosa do Reino, e que chegou às igrejas do litoral brasileiro a partir de 1735.” (DANGELO, BRASILEIRO, ARAÚJO, 2023, p. 73)

[37] “Tais indicações são alicerçadas na presença de estruturas e formas que sinalizam terem sido realizadas em épocas anteriores, até mesmo faturadas sob a ascendência do estilo nacional português. Sujeita a averiguações, essa interposição desponta ao se observar a predela composta por mísulas com folhagem de acantos, fênix com coroa e esculturas a meio-corpo com braços em espiral, denotando o caráter arcaizante da obra. Do mesmo modo, acentua essa sugestão o registro do corpo estruturado por pilastras com idênticas figuras antropomórficas a meia-corpo, colunas torsas compostas por fênix com coroa e pilastras com peanhas sustentadas por pelicanos.” (PEDROSA, 2019, p. 258-259)

contribuições posteriores de Pedro Gomes, porque esse possui divergências se comparado na visita *in locu* ao altar de São Miguel e Almas.[38]

Os altares de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e de Santa Ana também foram riscados e entalhados por Manoel de Brito e sua oficina, assim como construídos concomitantemente. Esses são os principais artífices que trabalharam na nave da Matriz do Pilar em Vila Rica, que foram registrados entre 1731-1741.

Para Campos (2000), a pintura do forro da nave formada foi executada em 1768, por João Carvalhais e possui influência rococó. E o frontispício da Matriz do Pilar foi reconstruído entre 1828-1848, por Manoel Fernandes da Costa no estilo eclético. Essa última obra foi financiada pelas irmandades existentes à época, que venderam até as suas pratarias.

Destacamos que o altar lateral situado na nave da Matriz do Pilar em Vila Rica dedicado à Irmandade de Nosso Senhor dos Passos, um dos nossos principais objetos dentro dessa pesquisa, foi riscado e executado pelo português Manuel de Brito e sua oficina, entre 1734-1736, com possíveis contribuições de Pedro Gomes. Esse altar foi entronizado pela escultura de Nosso Senhor dos Passos, que é cultuada e retirada para a Procissão de Depósito e a Procissão do Encontro (Figura 12 e Figura 13). Já o outro altar lateral também na nave, entronizado pela escultura de Nossa Senhora das Dores (Figura 14 e Figura 15), foi executado entre 1732-1740 e foi adaptado da capela primitiva a partir do altar dedicado a Nossa Senhora da Conceição. Essa escultura cultuada é a retirada para a Procissão de Depósito e Procissão do Encontro.[39] Segue abaixo os registros dos altares e das esculturas devocionais citadas.

---

[38] Segundo Pedrosa (2019, p. 260), essa premissa é atestada por meio da atividade de Pedro Gomes registrado na documentação como oficial ativo na fatura da obra do Senhor dos Passos.

[39] "Os dois Depósitos constituem uma preparação para a posterior Procissão do Encontro. Neles, a Virgem na sexta-feira, o Cristo no sábado, anteriores ao Domingo de Ramos, são transladados para destinos diferentes, ocultados da visão pública, dentro do andor coberto cortinado roxo ou azul escuro, conhecido vulgarmente com toga" (CAMPOS, 2004, p. 7). Já a Procissão do Encontro consiste numa via sacra no tecido urbano com momentos em estações dos Passos da Paixão de Cristo, culminando no encontro das esculturas da Virgem Maria e de Jesus Cristo, no Domingo de Ramos.

Figura 12 - Altar de Nosso Senhor dos Passos na Matriz do Pilar, Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte: Taina de Keller, 2021.

Figura 13 - Nosso Senhor dos Passos na Matriz do Pilar, Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte: Taina de Keller, 2021.

Figura 14 - Altar de Nossa Senhora das Dores na Matriz do Pilar, Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte: Taina de Keller, 2021.

Figura 15 - Nossa Senhora das Dores na Matriz do Pilar, Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte: Taina de Keller, 2021.

Registramos que durante a construção dos dois altares a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos já tinha sido criada há cerca de 25 (vinte e cinco) anos em Vila Rica, desde 1715.

Sobre a Procissão dos Passos ressaltamos que em Vila Rica essa é alternada desde do início do século XVIII pelas paróquias de Nossa Senhora do Pilar e de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias.[40] Assim, nos anos pares ela é realizada pela Paróquia do Pilar, onde são retiradas dos altares laterais as esculturas de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores. Nos anos ímpares ela é realizada pela Paróquia de Antônio Dias, onde é retirado da Matriz do Pilar somente o Nosso Senhor dos Passos, porque há uma outra escultura de Nossa Senhora das Dores também cultuada, mas pertencente a Paróquia de Antônio Dias, que é

[40] “(...) tem-se notícia que, já em 1723, as duas paróquias se uniam, pelo menos em dia de procissão (...).” (CAMPOS, 2005, p. 7)

retirada nos anos ímpares do altar da Capela de Nossa Senhora das Dores de Antônio Dias.[41]

Diante disso, a singularidade existente em Vila Rica com a participação de duas paróquias nos cultos a Paixão de Cristo e as Dores de Maria se faz necessário compreender também o contexto de construção e atuação das irmandades presentes na Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias, a saber:

A Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias, foi construída a partir de 1727, essa é fruto da ampliação de uma capela primitiva, que já existia em 1707 na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias em Vila Rica. “(...) a partir de 1727, houve nova edificação com o notável Mestre de obras real Manuel Francisco Lisboa[42] (com atuação entre 1724-1767 nessa Vila)” (CAMPOS, 2000, p. 55). O financiamento foi realizado por devotos, a maioria de origem paulista, houve a reciclagem da talha dos antigos altares em estilo joanino, concebidos anteriormente a 1730. Em termos de linguagem arquitetônica, a Matriz de Antônio Dias apresentou dois sólidos retângulos, planta típica da primeira metade do setecentos, formada por nártex, nave, capela-mor, corredores laterais, sacristia e consistório.

Na Matriz de Antônio Dias, surgiram também as primeiras irmandades criadas por devotos, que foram: Irmandade do Santíssimo Sacramento (1717), Irmandade de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, a padroeira (1717), Irmandade de Nossa Senhora do Terço (1719), Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte ou Nossa Senhora da Assunção (1721), Irmandade de São Miguel e Almas (1725), Irmandade de São José dos Bem Casados (1727), Irmandade de São Sebastião (1738), Irmandade de São Gonçalo do Amarante (cerca de 1751), Irmandade de Nossa Senhora das Dores (1767), entre outras.

As irmandades pioneiras do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora da Imaculada da Conceição, a padroeira, se abrigaram na capela-mor e as demais nos

[41] Essas esculturas foram registradas por França e Souza (2022).
[42] “Manuel Francisco Lisboa, da região de Lisboa-PT, pai de Aleijadinho, foi sem dúvida o principal agente do desenvolvimento arquitetônico e urbanístico da Vila Rica na época de Gomes Freire, pois, além de igrejas importantes como a Matriz de Antônio Dias e a igreja de Santa Efigênia, construiu também o Palácio, a antiga Cadeia, várias pontes, chafarizes e três Capelas de Passos.” (OLIVEIRA, CAMPOS, 2010, p. 28)

altares laterais da nave. Dentre as associações religiosas, como via de regra, a Irmandade de Nosso Senhora Rosário se retirou primeiro da Matriz e constituiu a sua própria capela. As irmandades de São José dos Bem Casados, Nossa Senhora das Mercês e Perdões, Nossa Senhora das Dores se retiraram depois e edificaram também os seus templos. As Irmandades Religiosas que persistiram no templo religioso, estavam dispostas em 2023, nas capela-mor e nave, conforme Tabela 4.

Tabela 4 - Período de fundação e disposição das irmandades na Matriz de Antônio Dias em Ouro Preto.

data	**Irmandades Matriz de Nossa Senhora da Conceição**
Ao centro, no altar-mor	
1717	Santíssimo Sacramento
1717	Nossa Senhora da Imaculada Conceição, a padroeira
À esquerda, do lado do Evangelho	
1725	São Miguel e Almas
cerca de 1751	São Gonçalo do Amarante
século XVIII	São João Batista (ocupado antes por Nossa Senhora das Dores e depois por Nossa Senhora do Rosário)
1721	Nossa Senhora da Boa Morte ou Nossa Senhora da Assunção
À direita, lado da Epístola	
século XVIII	Sagrado Coração de Jesus
século XVIII	Santo Antônio
1738	São Sebastião
século XVIII	São José de Botas

Fonte: Elaborado pela autora.

O altar-mor da Matriz de Antônio Dias foi riscado por Antônio de Souza Calheiros e executado no estilo joanino pelos entalhadores Jerônimo Félix Teixeira e Felipe Vieira, entre 1756-1768, posteriormente, a sua policromia e douramento em estilo rococó foram realizadas, entre 1770-1772. As talhas e pintura passaram pela

louvação de Manoel Gomes e Francisco Vieira Servas.[43] Essas obras foram financiadas pelas irmandades existentes à época na Matriz, incentivadas e lideradas por Conde de Valadares. Nesse momento, houve suspensões dos gastos com as festividades e se direcionou os recursos para a finalização da capela-mor. Campos (2000), disse que os painéis ovais nas ilhargas existentes, que representam os apóstolos São Pedro e São Paulo, os doutores Santo Ambrósio e São Gregório Magno são de data e autoria desconhecidas. A pintura do barrete foi realizada em 1833, no estilo neoclássico e é atribuída a Lourenço Petriza. Esses são os principais artífices que trabalharam na capela-mor da Matriz de Antônio Dias em Vila Rica, registrados entre 1756-1833.

Os altares na nave da Matriz de Antônio Dias foram concebidos e executados trinta anos antes da finalização do altar-mor. Sendo assim, os altares laterais e suas ornamentações foram realizadas entre 1725-1735 no estilo Dom João V, com talhas profusamente douradas. Mas Campos (2000), disse que em 1756, Gonçalves de Souza realizou o douramento do altar de Nossa Senhora do Terço e que em 1750, José Coelho de Noronha realizou concertos no mesmo altar, por isso, esse foi provavelmente o último altar a ser concluído no templo. Ressaltamos que, o altar de Nossa Senhora da Boa Morte ou Nossa Senhora da Assunção na visita *in locu* aparentou ser mais recente que os demais, pois esse apresenta colunas estriadas, além de adaptações distintas dos anteriores. Esses são os principais artífices que trabalharam na nave da Matriz de Antônio Dias em Vila Rica, registrados entre 1725-1750.

Registramos que, na Matriz de Antônio Dias não existiu a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos, reforçando que essa devoção teve sua origem em Vila Rica na

---

[43] “Conforme atestado de batismo de 22 de janeiro de 1720, encontrado em Portugal pelo historiador Eduardo Pires de Oliveira, Francisco Vieira Servas nasceu no lugar chamado Servas, que pertencia ao Conselho de Vieira, Comarca de Guimarães, Arcebispado de Braga. No seu testamento, seguido pelo atestado de óbito, cujo original examinamos na Casa Borba Gato, em Sabará, consta que ele era branco, solteiro e não deixou herdeiros. De acordo com esse atestado, Servas faleceu em 12 de julho de 1811, em São Miguel do Piracicaba, hoje Rio Piracicaba, tendo sido enterrado em São Domingos do Prata ‘do arco cruzeiro para cima’. (...) pertenceu a três irmandades: São Miguel e Almas, de Vila Nova da Rainha (Caeté), Nosso Senhora do Carmo, de Ouro Preto, e a da Terra Santa, em Mariana. De acordo com documentos conhecidos, Francisco Vieira Servas trabalhou em Catas Altas, Mariana, Congonhas, Sabará e Barra Longa.” (COELHO, 2022, p. 18-29)

Matriz do Pilar. Mas, essa paróquia reivindicou desde o início do século XVIII a participação durante as festividades e procissões. E essa foi depois reafirmada, no final do século XVIII, com a criação na Matriz da Irmandade de Nossa Senhora das Dores, em 1767. Posteriormente, essa Irmandade se retirou e construiu um templo próprio nas proximidades do cemitério da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias.

Na Capela de Nossa Senhora das Dores de Antônio Dias criada, está a escultura cultuada de Nossa Senhora das Dores (Figura 16), retirada durante as procissões nos anos ímpares.

Figura 16 - Nossa Senhora das Dores na Capela de Nossa Senhora das Dores de Antônio Dias, Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte: Tayami Fonseca França, 2019.

Tanto a Matriz do Pilar quanto a Matriz de Antônio Dias são templos religiosos de grande importância na Capitania das Minas Gerais, que se destacaram no século XVIII em sua qualidade arquitetônica e de interiores com a participação de diversos artífices e suas oficinas em suas construções. Profissionais esses inseridos em um cenário financeiro, econômico e artístico privilegiado, que se configurou na colônia

brasileira. Nesses dois casos, destacamos a atuação de Manuel de Brito e Pedro Gomes, por trabalharem para a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos na Matriz do Pilar em Vila Rica e a atuação de Manoel Francisco Lisboa, pelo trabalho na Matriz de Antônio Dias. E logo depois, porque ele arrematou as obras das primeiras Capelas dos Passos da Paixão de Cristo e das Dores de Maria.

2.3.2. Os altares na Matriz de Nossa Senhora da Assunção em Mariana

Segundo Vasconcellos (1947), a Matriz de Nossa Senhora da Assunção em Vila do Carmo foi construída a partir de 1713 e é fruto da ampliação de uma capela primitiva, que já existia em 1704, dedicada a Nossa Senhora da Conceição. Em 1707, ocorreu a transferência da antiga Matriz (depois a Capela do Rosário Velho) para esse templo. As técnicas empregadas na sua fatura foram a madeira e barro (taipa). O seu espaço interno foi dividido em capela-mor, três naves e num pseudo transepto, formado com o alargamento e a duplicação em altura das primeiras arcadas próximas ao arco-cruzeiro.

A construção da Matriz da Assunção foi financiada pelos devotos, sendo os membros das irmandades do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora da Conceição[44], a padroeira, os responsáveis por executaram o altar-mor e as demais irmandades por construírem os altares da nave. Ressaltamos que, a irmandade padroeira, nesse caso específico, se instalou no arco-cruzeiro situado na nave e não na capela-mor, como de costume. Oliveira e Campos (2010), relataram que em 1724, essa Matriz já abrigava também as irmandades de São Miguel e Almas, São João Evangelista, São Pedro, Santa Luzia, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

Na Matriz da Assunção se consolidaram as Irmandades Religiosas fundadas por seus devotos e em 2023, essas estão dispostas nas capela-mor e nave, conforme Tabela 5.

[44] Com o passar do tempo a invocação a Nossa Senhora da Assunção prevaleceu em relação a de Nossa Senhora da Conceição.

Tabela 5 - Período de fundação e disposição das irmandades na Matriz de Assunção em Mariana.

data	**Irmandades Matriz de Nossa Senhora da Assunção**
Ao centro, no altar-mor	
1712	Santíssimo Sacramento
À esquerda, do lado do Evangelho	
1712	Nossa Senhora da Conceição, a padroeira - arco-cruzeiro
anterior a 1724	São Miguel e Almas - pseudo transepto
século XVIII	São Francisco de Assis
anterior a 1724	São Pedro
anterior a 1724	São João Evangelista
À direita, do lado da Epístola	
1712	São José - arco-cruzeiro
anterior a 1724	Nossa Senhora do Rosário - pseudo transepto
século XVIII	Santo Antônio
anterior a 1724	Santa Luzia
século XVIII	Santa Bárbara

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir de 1725, se iniciou a construção pelas demais irmandades dos altares da nave na Matriz da Assunção em Vila do Carmo, excetuando o altar de São João Evangelista que foi executado anteriormente, sendo ele um remanescente da capela primitiva (em estilo nacional português). Depois, em 1734, o pedreiro Antônio Coelho da Fonseca arrematou obras nesse templo.

Entre 1744-1751, o escultor José Coelho de Noronha e sua oficina[45] riscaram e executaram as talhas dos dois altares no arco-cruzeiro na Matriz, o de Nossa Senhora da Conceição, a padroeira e o de São José, havendo a comprovação de autoria do primeiro altar e do segundo apenas a sua atribuição. De 1749 a 1750, o

[45] "Compuseram esse núcleo de trabalho os entalhadores Manoel João e Amaro do Santos, o pedreiro Manoel Gomez, um carapina de nome Simão Franco Monteiro e dois carpinteiros: Antônio Pereira e Luiz Mendes." (PEDROSA, 2019, p. 234)

mesmo artífice e sua oficina projetaram e executaram dois altares no pseudo transepto, o de São Miguel e Almas e o de Nossa Senhora do Rosário. Assim como, ocorreu também a execução dos altares de Santo Antônio e São Francisco de Assis, entre 1747-1749. Todos esses são no estilo joanino.

Depois, por volta de 1755-1760, riscaram e executaram os altares de Santa Luzia e São Pedro (em estilo rococó), sendo este último atribuído a Vieira Servas.[46] Ressaltamos que o tapa-vento é de autoria do artífice anterior e no estilo rococó.[47] O altar de São João Evangelista foi reciclado em 1724, porque é um remanescente da capela primitiva e o de Santa Bárbara inicialmente dessa época ficou inconcluso. Esses são os principais artífices e suas oficinas, que trabalharam na nave da Matriz da Assunção em Vila do Carmo, registrados entre 1725-1760.

Em 1748, acrescentaram a esse templo religioso os cadeirais, a Cátedra do Bispo, a grade de separação entre a capela-mor e a nave, além de uma varanda para órgão de origem alemã. “A inclusão de um cadeiral de vinte assentos e da Cátedra do Bispo acarretaram o aprofundamento do espaço da capela-mor e sua verticalização em altura, com duplicação das cúpulas, postas em evidência por duas sequências de pinturas de perspectiva” (OLIVEIRA, CAMPOS, 2010, p. 121). Assim sendo, suprimiram o camarim do altar-mor, que foi deslocado para a parede do fundo e recebeu um pano de boca. Em 1760, o pintor Manoel Rebelo e Souza realizou as pinturas em perspectivas dos forros da capela-mor e da nave, com tema de dignitários eclesiásticos, bem como o douramento dos altares laterais.

A Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Vila do Carmo se abrigou no consistório da Matriz de Assunção e portanto, provavelmente essa não obteve um altar próprio ou alguma devoção nos demais altares foi alterada para recebê-la. A inexistência de um altar dedicado a essa Irmandade confirmou mais uma vez, que ela fundou uma capela própria inicialmente e somente depois ocupou um lugar nesse templo religioso.

---

[46] “O de Santa Luzia invoca o rococó pela delicadeza dos ornatos dourados contra fundos claros e o de São Pedro, pelas rocalhas incipientes e frontão em forma de balestra. Esse elemento e a tipologia dos anjinhos do sacrário identificam a mão de Francisco Vieira Servas nesse retábulo, sem dúvida um de seus primeiros trabalhos.” (OLIVEIRA, CAMPOS, 2010, p. 128)

[47] Segundo, Oliveira e Campos (2010), Francisco Vieira Servas recebeu pagamentos por esse tapa vento.

Em Mariana, destacamos a atuação de José Coelho de Noronha e sua oficina, esse artífice era uma bracarense com grande circulação e produção de talhas na Capitania das Minas Gerais. E ressaltamos também a atuação de Vieira Servas com outras importantes obras na mesma cidade, como a talha da Capela do Rosário Novo. Em 21 de janeiro de 1770, “(...) o entalhador Francisco Vieira Servas, ajustou, com a irmandade do Rosário, de Mariana, a obra de talha do altar-mor.” (TRINDADE, 1945, p.196)

Informamos que a escultura de Nosso Senhor dos Passos (Figura 17), que é cultuada e retirada para Procissão de Depósito e a Procissão do Encontro, ficou exposta nas vivências *in loco* em Mariana, na nave da Matriz da Assunção. Já a escultura de Nossa Senhora das Dores não participou das procissões, pois a imagem que os religiosos usaram foi a de uma Nossa Senhora da Soledade, pertencente ao Seminário da Boa Morte (Figura 18).

Figura 17 - Nosso Senhor dos Passos na Matriz da Assunção, Mariana - Minas Gerais.



Fonte: Vanessa Taveira de Souza, 2023.

Figura 18 - Nossa Senhora da Soledade do Seminário da Boa Morte, Mariana - Minas Gerais.



Fonte: Leonardo F. Santos Ribeiro, 2022.

Ressaltamos também que a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos nesse contexto já estava criada há cerca de 30 (trinta) anos em Vila do Carmo, desde 1720.

2.3.3. Os altares na Matriz de Santo Antônio em Tiradentes

Houve, segundo Filho Santos (2010), em 1702, uma antiga capela bandeirante dedicada a Santo Antônio nessa localidade, que pelas fontes orais era situada na região do Canjica, mas realizaram a sua demolição por volta de 1800. A construção da Matriz de Santo Antônio, em Vila de São José del-Rei, ocorreu para substituir a capela anterior em 1710, ano em que fundaram a Irmandade do Santíssimo Sacramento. Em 1732, a Matriz já estava adiantada conforme a petição da associação religiosa à Coroa Portuguesa: “(...) com grande despesa de suas fazendas fizeram uma igreja nova de paredes mestras de taipa de pilão (...) que tem

gastos médios acima de setenta mil cruzados”[48] e “(...) se acha por forrar, assoalhar e fazer retábulos, dourá-los e os ornamentos precisos para o culto.” (MENEZES, 1975, p. 301)

Entre 1739-1750, o entalhador João Ferreira Sampaio executou a talha do altar-mor, o arco-cruzeiro, o coro e as águias dos lampadários acima dos altares da nave. Em 1739, João Batista Rosa executou as pinturas de duas grandes telas ovais nas laterais da capela-mor, com os temas da Última Ceia e das Bodas de Caná. “Faziam parte do conjunto uma terceira pintura, originalmente funcionando como pano de boca da tribuna. Essa foi depois colocada na parede da nave, em frente ao órgão, sendo uma pintura que ilustra a cena de um popular milagre de Santo Antônio.” (OLIVEIRA, SANTOS FILHO, 2010, p. 100)

Entre 1730-1736, um pouco antes do altar-mor, as demais irmandades existentes na Matriz de Santo Antônio, em Vila de São José del-Rei, executaram os altares da nave. Para Oliveira e Santos Filho (2010, p. 100), os altares do arco-cruzeiro dedicados a Nossa Senhora da Conceição e a São Miguel e Almas foram adaptados da capela primitiva, esses eram em estilo nacional português e passaram a ser adequados ao estilo joanino. A escolha desse estilo artístico também ocorreu, para os altares de entrada da nave, dedicados a Nossa Senhora do Terço e a Nossa Senhora da Piedade (dedicado antes a Santa Rita de Cássia). Os dois altares intermediários no estilo também joanino, foram dedicados ao Senhor dos Passos[49] e ao Bom Jesus do Descendimento e executados, entre 1734-1737, por Pedro Monteiro de Sousa[50], conterrâneo de João Ferreiro Sampaio, já que ambos eram entalhadores de Braga em Portugal.

[48] “Moedas: 1 cruzado = 400 réis.” (ANTONIL, 2007, p. 21)

[49] “(...) de origem portuguesa, possivelmente das oficinas de Lisboa, é a bela imagem de roca do Senhor dos Passos, importada em 1727.” (OLIVEIRA, SANTOS FILHO, 2010, p. 112)

[50] Segundo Pedrosa (2019, p. 152-153), o entalhador português da freguesia de São Vítor de Braga-PT, Pedro Monteiro de Sousa, entre os fins da década de 1720 e início dos anos de 1730, mudou-se para Minas Gerais, e realizou alguns serviços na Matriz de Santo Antônio de Tiradentes. Nela ele executou o retábulo do Bom Jesus do Descendimento e do Senhor dos Passos, entre 1730 e 1737. Em 1743, realizou mais serviços no mesmo templo. Depois seu nome desapareceu dos registros documentais, não havendo mais informações posteriores sobre ele.

Na Matriz de Santo Antônio surgiram também as primeiras irmandades fundadas por seus devotos e em 2023, essas estão dispostas nas capela-mor e nave, conforme Tabela 6.

Tabela 6 - Período de fundação das irmandades presentes na Matriz de Santo Antônio e Tiradentes.

data	**Irmandades Matriz de Santo Antônio**
Ao centro, no altar-mor	
1710	Santíssimo Sacramento
1710	Santo Antônio, o padroeiro
À esquerda, do lado do Evangelho	
século XVIII	Nossa Senhora da Conceição - arco-cruzeiro
1730	Bom Jesus do Descendimento
1747	Nossa Senhora da Piedade (dedicado antes a Santa Rita de Cássia)
À direita, lado da Epístola	
1724	São Miguel e Almas - arco-cruzeiro
1721	Nosso Senhor dos Passos
século XVIII	Nossa Senhora do Terço

Fonte: Elaborado pela autora.

Segundo Oliveira e Santos Filho (2010, p. 100), nas sacristias e consistórios da Matriz de Santo Antônio em Vila de São José del-Rei, as irmandades do Santíssimo e Nosso Senhor dos Passos realizaram depois pinturas com representações de cenas e personagens do Antigo Testamento, de autoria Manoel Victor de Jesus[51], que revestiram as paredes e tetos, além disso encomendaram, em 1793, esculturas de Jesus Cristo que representam a Paixão de Cristo de autoria Antônio da Costa Santeiro, para também ornamentar esses ambientes.

[51] Segundo Santos Filho (2008), a igreja Matriz de Santo Antônio guarda exemplos da pintura do mestre Manoel Victor de Jesus, pois o artista recebia encomenda das irmandades assentadas na referida Matriz, como a de Bom Jesus do Descendimento, Santíssimo Sacramento e Senhor dos Passos. Segundo Silva (2012), em 1804, Manoel Victor de Jesus executou a pintura e o douramento do consistório da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos. Entre 1804 e 1828 realizou pinturas na igreja de Nossa Senhora das Mercês em Tiradentes, foi responsável pelo frontispício da igreja da Santíssima Trindade da mesma cidade e pelo frontão da igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar em São João del-Rei, entre outros serviços como pintor, dourador e riscador nestas duas localidades.

Os autores anteriores ainda indicaram que a portada da Matriz de Santo Antônio foi projetada por Salvador de Oliveira e talvez fosse dele o desenho da balaustrada em estilo rococó. Os frontões e as torres foram riscados e executados por Aleijadinho entre 1810-1816. No século XIX, também acrescentaram a ornamentação da portada de pedra-sabão e finalizaram o adro e as escadarias por volta de 1820.

Entre 1734-1737, Pedro Monteiro riscou e entalhou o altar lateral da Matriz de Santo Antônio em Vila de São José del-Rei, dedicado à Irmandade de Nosso Senhor dos Passos. A escultura de Nosso Senhor dos Passos, logo entronizou esse retábulo (Figura 19 e Figura 20). Já a de Nossa Senhora das Dores, se encontra, conforme visita *in locu*, na sacristia da Capela de São João Evangelista (Figura 21 e Figura 22), onde surgiu a Irmandade de Nossa Senhora das Dores. Ambas são cultuadas e retiradas na contemporaneidade para Procissão de Depósito e a Procissão do Encontro em Tiradentes.

Figura 19 - Altar de Nosso Senhor dos Passos na Matriz de Santo Antônio, Tiradentes - Minas Gerais.



Fonte: Vanessa Taveira de Souza, 2023.

Figura 20 - Nosso Senhor dos Passos na Matriz de Santo Antônio, Tiradentes - Minas Gerais.



Fonte: David Nascimento, 2019.

Figura 21 - Nossa Senhora das Dores na Capela de São João Evangelista, Tiradentes - Minas Gerais.



Fonte: Vanessa Taveira de Souza, 2023.

Figura 22 - Nossa Senhora das Dores da Capela de São João Evangelista, Tiradentes - Minas Gerais.



Fonte: David Nascimento, 2019.

Ressaltamos mais que a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos nesse contexto já estava criada há cerca de 16 (dezesseis) anos em Vila de São José del-Rei, desde 1721.

Destacamos a atuação dos portugueses Pedro Monteiro de Sousa e João Ferreira Sampaio, sendo que este último riscou e construiu também depois as primeiras Capelas dos Passos da Paixão de Cristo em Tiradentes.

2.3.4. Os altares na Matriz de Nossa Senhora do Pilar em São João del-Rei

A capela primitiva dedicada a Nossa Senhora do Pilar nessa localidade, era antes situada no Morro da Forca, na margem direita do córrego do Lenheiro, onde fundaram a Irmandade do Santíssimo Sacramento, em 1711 e a Irmandade de São Miguel e Almas, em 1716. Após a elevação do povoado para Vila de São João

del-Rei em 1713, a margem esquerda do córrego do Lenheiro, se desenvolveu mais que a anterior e por isso, nela se estabeleceu uma nova localização para a Matriz, dedicada à mesma devoção, a Virgem do Pilar.

A construção da Matriz do Pilar em Vila de São João del-Rei ocorreu entre 1721-1750. Sua planta era típica das Matrizes mineiras do início do século XVIII e sua fachada possuía duas torres, coroamento triangular, um adro com um cruzeiro e também uma escadaria. “Em 1732, com a obra bastante adiantada, a Irmandade do Santíssimo obteve auxílio da Coroa Portuguesa para o douramento da talha da capela-mor, graças à Lei do Padroado.” (OLIVEIRA, SANTOS FILHO, 2010, p. 11)

As duas telas das paredes laterais da capela-mor foram atribuídas ao pintor português André Gonçalves e também são decorrentes desse período inicial de obras. Posteriormente, “(...) por volta de 1732, (...) as irmandades de São Miguel e Almas, Senhor dos Passos, Nossa Senhora da Boa Morte, Nossa Senhora do Terço e Nossa Senhora do Pilar já estavam constituídas dentro da Matriz.” (DANGELO, BRASILEIRO, ARAÚJO, 2023, p. 54)

Na contemporaneidade, conforme a visita *in locu,* os altares da nave assim o são: os dois primeiros a partir da entrada são dedicados ao Nosso Senhor dos Passos e a Nossa Senhora do Terço (irmandade já extinta), os intermediários, a Nossa Senhora da Conceição e a Santa Ana e os do arco-cruzeiro a São Miguel e Almas e a Nossa Senhora da Assunção[52].

Dessa forma, “Há, portanto, três altares com invocações marianas, predileção reforçada ainda pela Virgem do Pilar do altar-mor e pelas representações de Maria Menina com a sua mãe e Nossa Senhora das Dores nos respectivos retábulos de Santa Ana e Senhor dos Passos”. (OLIVEIRA, SANTOS FILHO, 2010, p. 25)

Os retábulos da Matriz do Pilar em Vila de São João del-Rei foram adaptados apresentando estilos artísticos mistos do joanino e o rococó, que correspondem a

[52] “Todas essas imagens são de excelente qualidade, merecendo especial atenção às de Nossa Senhora da Conceição, São Miguel e Senhor dos Passos de origem portuguesa, e as mineiras Nossa Senhora do Terço e Assunção, cujos autores não foram identificados.” (OLIVEIRA, SANTOS, 2010, p. 25-26)

duas influências do barroco inicial, mas que apesar disso, apresentam harmonia em sua composição e leitura. Em relação às suas construções: “São insatisfatórias as informações sobre o processo de fatura dos retábulos laterais da igreja.” (PEDROSA, 2019, p. 286)

Em 1750, o sargento-mor José Alves de Oliveira informou que os dois púlpitos e alguns altares da Matriz do Pilar já estavam dourados. Além disso, indicou que a balaustrada e o coro também já estavam construídos.

Na Matriz do Pilar de São João del-Rei, se consolidaram e abrigaram também as primeiras irmandades fundadas por seus devotos, em 2023, essas estão dispostas nas capela-mor e nave, conforme Tabela 7.

Tabela 7 - Período de fundação das irmandades presentes na Matriz do Pilar em São João del-Rei.

data	**Irmandades Matriz do Pilar**
Ao centro, no altar-mor	
1711	Santíssimo Sacramento
1711	Nossa Senhora do Pilar, a padroeira
À esquerda, do lado do Evangelho	
anterior a 1732	Nossa Senhora da Assunção - arco-cruzeiro (antes Nossa Senhora da Boa Morte)
século XVIII	Santana
anterior a 1732	Nossa Senhora do Terço (irmandade já extinta)
À direita, lado da Epístola	
1716	São Miguel e Almas - arco-cruzeiro
século XVIII	Nossa Senhora da Conceição
1733	Nosso Senhor dos Passos

Fonte: Elaborado pela autora.

Entre 1750-1760, José Coelho de Noronha e sua oficina[53], executaram uma primeira reforma na Matriz do Pilar em Vila de São João del-Rei, que renovou a talha do altar-mor para o gosto joanino. Já na segunda reforma em fins do século XVIII e início do século XIX se modernizou a decoração da nave para o gosto rococó e nessa mesma época se encomendou a Venâncio José do Espírito Santo[54] a pintura artística no forro da nave, com a representação da Virgem Nossa Senhora do Pilar.[55]

Em meados do século XIX, se ampliou a nave e se construiu a fachada com cinco portas dando excepcionalidade à regra de entrada única presente na maioria das arquiteturas religiosas mineiras. Essa fachada já remodelada recebeu um tratamento de estilo neoclássico.

Assim sendo, José Coelho de Noronha e sua oficina foram os artífices com maior relevância registrados entre 1750-1760, que trabalharam na Matriz do Pilar em Vila de São João del-Rei.

As esculturas cultuadas e usadas nas procissões de Nosso Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores pela Irmandade de Nosso Senhor dos Passos[56], conforme visita *in locu* a São João del-Rei, se encontram posicionadas juntas no seu respectivo altar lateral da Matriz do Pilar (Figura 23 e Figura 24).

---

[53] "(...) o entalhador e arquiteto José Coelho de Noronha, que a partir de 1747, fora o responsável pela modernização da talha da antiga Matriz de Mariana, que para sua nova dignidade, deveria receber atualizações de uma série de questões ao gosto de Lisboa. Entre essas, destacam-se a talha do transepto e os dois novos altares incluídos no arco do cruzeiro, feitos no novo estilo, sob a responsabilidade do atelier de José Coelho de Noronha. Pela sua notoriedade, como mestre de entalhe e arquiteto, esta escolha representava uma garantia no sentido da obra assegurar a qualidade técnica esperada e com os parâmetros iconográficos e simbólicos do estilo joanino, que daria a dignidade de catedral a essa antiga Matriz mineira, fundada por volta de 1720." (DANGELO, BRASILEIRO, ARAÚJO, 2023, p. 76)

[54] Segundo Silva (2018, p.106), esse artista sanjoanense pertenceu à "Escola do Rio das Mortes" e é um possível aprendiz de Manoel Victor de Jesus, que perpetuou o estilo do mestre, mas com gradações especiais de sua personalidade. Em 1831, Venâncio José Espírito Santo já havia realizado suas duas principais obras, o teto da nave da igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar (1800) e o retrato do Comendador João Batista Machado (1828), para o rol de beneméritos da Santa Casa da Misericórdia.

[55] Mas essa autoria já foi contestada pelo pesquisador André Guilherme Dornelles Dangelo em pesquisas recentes, pois esse artista teria cerca de 17 anos em 1800, na época de sua execução.

[56] O restaurador Carlos Magno de Araújo indicou que a escultura do Senhor dos Passos de roca é de fatura portuguesa e possui datação provável entre 1730-1750, enquanto a escultura de Nossa Senhora das Dores também de roca é de fatura regional da Comarca de Rio das Mortes, com datação provável de aproximadamente 1780 e autoria de Valentim Corrêa Paz. Esse autor ainda relatou que: "Entre as poucas imagens de roca desse período salientamos a imagem do Senhor dos Passos, de grande expressividade no rosto, qualidade escultórica e rica policromia, (...)." (DANGELO, BRASILEIRO, ARAÚJO, 2023, p.169-170).

Figura 23 - Altar de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores na Matriz do Pilar, São João del-Rei - Minas Gerais.



Fonte: Vanessa Taveira de Souza, 2021.

Figura 24 - Nosso Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores na Matriz do Pilar, São João del-Rei - Minas Gerais.



Fonte: Vanessa Taveira de Souza, 2021.

Sobre o altar lateral que abrigou as esculturas de Nosso Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores na Matriz do Pila foi assim descrito:

> O retábulo dedicado à Nossa Senhora das Dores e ao Senhor dos Passos conservam elementos que sinalizam serem remanescentes extraídos dos primeiros exemplares retabulares da Matriz do Pilar, embora seja factível o fato de terem sido remontados em data incerta, o que justifica a ausência de alguns relevos e a existência de espaços vazios e, ao mesmo tempo, sinaliza a presença de intervenções posteriores, conforme explicita o atual desenho do coroamento. Algumas feições dessa peça despertam a curiosidade, principalmente as esculturas de meninos que notificam o labor de um mesmo escultor. Curiosamente, a composição decorativa do camarim perpetuou, em escala reduzida, o arranjo dos ornatos da mesma seção da capela-mor, aspecto esse evidenciado, por exemplo, no tratamento da abóbada. Ele não omite o presumível impacto visual que a capela-mor ocasionou no imaginário dos artistas ativos no templo, e que pode ter sido executada por algum oficial em operação na execução dos serviços da capela-mor. (DANGELO; BRASILEIRO; ARAÚJO, 2023, p. 161)

Diante disso, não encontramos informações precisas até o período desta escrita sobre a época de construção e possíveis autores referentes ao altar lateral da Matriz do Pilar em São João del-Rei, dedicado à Irmandade de Nosso Senhor dos Passos.

Demonstramos que o papel das Irmandades Religiosas nas quatro cidades coloniais exemplificadas permeiam desde a encomendas de esculturas e alfaias, construção dos templos religiosos, a execução dos altares, além de também da promoção dos cultos e festividades durante a Quaresma e Semana Santa mineiras. Essas funções foram delegadas às associações religiosas pelo Estado-Igreja e foram logo absorvidas e cumpridas. Destacamos inclusive, que a força de suas atuações nessa sociedade está principalmente presente na relevância dada a contratação de importantes artífices portugueses/locais e sua oficinas inseridos nas cenas artísticas de formação da Capitania das Minas Gerais.

Os mesmos artífices e suas oficinas depois de atuarem nas Matrizes irão construir as Capelas dos Passos da Paixão de Cristo e das Dores de Maria em Minas Gerais, questão que será confirmada mais adiante.

2.4. A construção das Capelas dos Passos da Paixão e das Dores de Maria em Minas Gerais

Abordamos a construção das Capelas dos Passos da Paixão de Cristo[57] e das Dores de Maria em Minas Gerais após a execução dos templos religiosos e dos altares como os das irmandades de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores nas cidades de Ouro Preto, Mariana, Tiradentes e São João del-Rei.

Para o suporte teórico consultamos inicialmente as obras de historiadores clássicos como Salomão de Vasconcellos (1938), Cônego Raimundo Trindade (1945), Furtado de Menezes (1975) e Ivo Porto de Menezes (1975). Depois, vislumbramos as obras de autores que citam as fontes primárias das irmandades de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores destas localidades como: Adalgisa Arantes Campos (2000, 2004), Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira e Adalgisa Arantes

[57] (...) a devoção aos Passos da Paixão de Cristo cultuada em capelinhas próprias, disseminadas nos tecidos urbanos das povoações (...).” (OLIVEIRA, 2011, p. 15)

Campos (2010), Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira e Olinto Rodrigues dos Santos Filho (2010), Aziz José de Oliveira Pedrosa (2019) e Luiz Antônio da Cruz (2021).

Posteriormente, examinamos as fontes presentes nos arquivos paroquiais e arquivos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Dentre eles, destacamos o Arquivo Central do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (ACI-IPHAN) no Rio de Janeiro, o Centro de Documentação e Informação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (CDI-IPHAN) em Belo Horizonte e o Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João del-Rei (AEDSJDR). Além disso, acessamos os arquivos correntes dos Escritórios Técnicos do IPHAN em Minas Gerais nessas quatro cidades.

Todas essas fontes pesquisadas nas modalidades física ou remota, entre 2019-2024, foram depois associadas também às percepções nas várias vivências *in loco* nas cidades, que foram realizadas no mesmo período.

2.4.1. A construção das Capelas dos Passos da Paixão e das Dores de Maria em Ouro Preto

Campos (2004), informou que após a instauração, em 1715, da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos na Matriz do Pilar em Vila Rica e sua respectiva acomodação no altar lateral desse templo, essa desenvolveu o seu culto e festividade. Entre 1716-1736, a mesma investiu na aquisição de tecidos, asas, papel, tinta etc para a Procissão do Enterro. Por certo, antes da construção das Capelas dos Passos, essa associação religiosa utilizou de armações efêmeras, tanto no interior do templo quanto nas ruas da Vila, para realizar as procissões da Quaresma e Semana Santa, o que a onerou bastante.

No ano de 1729, provavelmente, se preparando para a construção das Capelas dos Passos, a Irmandade pagou 78 oitavas[58] pelos “(...) payneis que mandou vir do Rio de Janeiro para os Passos” (CAMPOS, 2004, p. 8). Para essa autora, entre os anos de 1731 e 1732, Manuel Francisco Lisboa recebeu uma série de pagamentos pela

[58] Pesos: “1 oitava = 72 grãos = 3,6 gramas de ouro.” (ANTONIL, 2007, p. 21)

fatura de três ou quatro Capelas dos Passos, e, em meados do século XVIII, Vila Rica possivelmente já contava com quatro ou cinco capelas construídas.

Quase concomitantemente, entre os anos de 1734 a 1741, o entalhador Manuel de Brito ficou responsável pela execução dos altares laterais de São Miguel e Almas e do Senhor Bom Jesus dos Passos na Matriz do Pilar, os mesmos que vislumbramos na contemporaneidade, conforme já citado. Visto que: “Depois do retábulo de São Miguel, Manuel de Brito acertou a execução da talha do retábulo do Senhor Bom Jesus dos Passos, pela qual foi merecedor de pagamentos entre 1734 e 1736” (PEDROSA, 2019, p. 260). Campos (2000), disse que cotejando os dois altares, é possível inferir que o retábulo de Nosso Senhor dos Passos apresenta um tratamento mais narrativo, pois em seu arranjo optou-se pelo uso de símbolos relativos ao martírio de Cristo, como: chicote, coroa de espinhos, martelo, cravos, dados, etc. As diferenças estéticas entre os dois altares podem ter relação também com a atuação até 1741 de outro entalhador nesse retábulo, Pedro Gomes, “(...) registrado na documentação como oficial ativo na fatura da obra do Senhor Bom Jesus dos Passos.” (PEDROSA, 2019, p. 260)

Tanto as primeiras Capelas Passos quanto o altar lateral da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos, executados em Vila Rica, são do início do século XVIII, época que essa financiou os seus empreendimentos e contratou Manuel de Brito para trabalhar na Matriz do Pilar e Manuel Francisco Lisboa para projetar e construir as Capelas dos Passos. Registra-se que após a finalização de ambos, esses já eram utilizados para a devoção e as vias sacras externas.

No Termo de Reunião da Mesa, datado de 17 de dezembro de 1786, transcrito por Menezes (1975), o Provedor André Rodrigues Passos sugeriu a mudança das Capelas dos Passos onde se achavam, pois essas se encontravam em péssimo estado de conservação. Para tanto, ressaltou que as novas fossem construídas no trajeto das ruas mais frequentadas, como aquelas que vinham da Câmara para a Matriz do Pilar: rua Direita, rua São José, rua do Rosário e rua da Ponte Seca, que já eram assim designadas. A sugestão foi aceita pelos membros da Mesa, em 21 de dezembro do mesmo ano. Essa indicação da Mesa demonstrou consequentemente uma alteração no trajeto processional mais antigo de Vila Rica.

Tendo em vista um outro Termo de Reunião, datado de outubro de 1788, é possível afirmar que a Mesa aceitou que fosse construído uma Capela do Passo: “(...) no fim da Ponte Seca, com aquela grandeza e perfeição devida ao culto de Deus, em cujo ofício se tinha gasto a quantia de 351 oitavas e meia de ouro” (MENEZES, 1975, p. 81). No mesmo documento o autor ainda disse que ficou acordado que a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos arcaria apenas com 87 (oitenta e sete) oitavas, ¾ e 4 (quatro) vinténs[59], o restante da quantia seria pago pelo Provedor Capitão Luís de Amorim Costa e pelo o Secretário Manuel Francisco de Andrade. A Capela do Passo na Ponte Seca é a primeira a ser construída desse novo conjunto de capelas no final do século XVIII.

A Capela do Passo na Ponte Seca na cidade de Ouro Preto teve registros fotográficos realizados no Inventário do IPHAN da década de 1970. No primeiro registro, se verificou sua inserção isolada e no segundo, o seu processo de restauração (Figura 25 e Figura 26).

[59] Moedas: “1 vintém = 20 réis.” (ANTONIL, 2007, p. 21)

Figura 25 - Capela do Passo na Ponte Seca, Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte: Arquivo Noronha Santos, IPHAN, década de 1970.

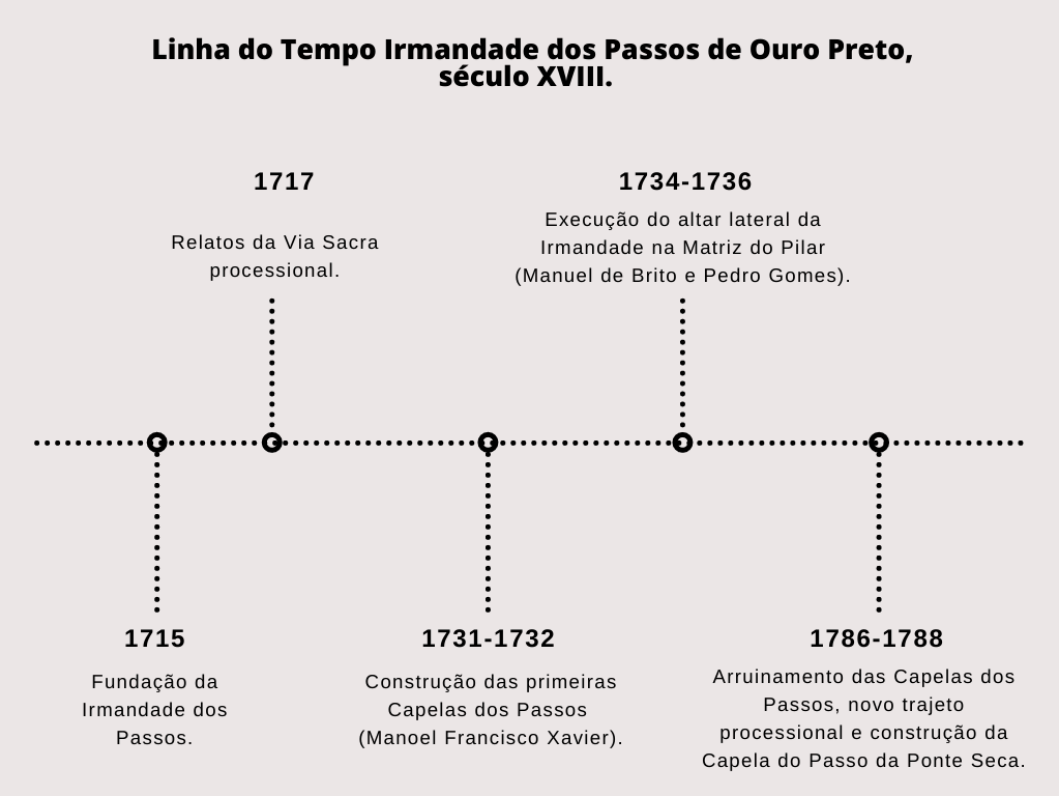
Figura 26 - Capela do Passo na Ponte Seca em restauração, Ouro Preto - Minas Gerais



Fonte: Arquivo Noronha Santos, IPHAN, década de 1970.

Conforme ilustrado na Linha do Tempo para Ouro Preto no século XVIII (Figura 27), se verifica que após a fundação da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Vila Rica no início do século XVIII e a realização de vias sacras externas, essa financiou o projeto e a execução das primeiras Capelas dos Passos, assim como riscou e entalhou o seu altar lateral na Matriz do Pilar. No final do século XVIII, as capelas já estavam arruinadas, por isso, essa associação religiosa estimulou a construção de novas capelas.

Figura 27 - Linha do Tempo Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Ouro Preto, século XVIII.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Menezes (1975), relatou que no dia 20 de novembro de 1808, o Procurador João Rodrigues Lage sugeriu à Mesa a construção de uma outra Capela do Passo localizada no final da ponte de São José, em um terreno cedido pelo Capitão Bernardo Barbo, e sua construção foi aprovada nessa ocasião. No mesmo Termo de Reunião, a Mesa destacou a intenção de finalizar a Capela do Passo edificado na Praça, que era então inserida na casa do Alferes Manuel Correia de Sá.

A Capela do Passo na rua de São José (Figura 28) e o seu interior (Figura 29) de Ouro Preto tiveram registros fotográficos no Inventário do IPHAN da década de 1970. No primeiro registro, se verificou a inserção da capela e as edificações vizinhas e no segundo, se constatou uma escultura inserida sobre o nicho do altar interno e objetos de liturgia em suas laterais (sendo esses, quatro castiçais e um vaso).

Figura 28 - Capela do Passo na rua São José, registro externo, Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte: Arquivo Noronha Santos, IPHAN, década de 1970.

Figura 29 - Capela do Passo na rua São José, registro interno, Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte: Arquivo Noronha Santos, IPHAN, década de 1970.

Ainda em Menezes (1975), em 22 de maio de 1809, o Procurador informou a Mesa que a viúva de Ignácio da Conceição vendeu a casa onde havia sido edificado a Capela do Passo, sem a sua devida reserva. Diante disso, a Mesa decidiu reaver a capela ali edificada, nem que para isso fosse necessário recorrer aos meios judiciários.

Em seguida, o Padre Manuel Joaquim Ribeiro escreveu à Mesa ressaltando que adquiriu a casa sem reserva da Capela do Passo e que tinha a intenção de erigir uma outra à sua custa, em um lugar na sua propriedade afastado da edificação principal. Para o reverendo era mais conveniente construir a capela na rua Getúlio Vargas com a esquina da ladeira da Batatinha, entre as casas e a divisa do

Cirurgião-mor Caetano José Paracatu. Menezes (1975), sobre isso disse que a Mesa concordou com a sugestão, desde que ele fizesse três sermões sem onerar a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos, custeasse as portas e as janelas da Capela do Passo e entregasse a imagem. A Câmara também concedeu o terreno dessa capela em 3 de fevereiro de 1816.

Apresentamos abaixo um recorte de Jornal (Figura 30) referente à festividade dos Passos em Ouro Preto, que registrou a Capela do Passo na rua Getúlio Vargas.

Figura 30 - Notícias de Jornal - Ouro Preto - Minas Gerais - Brasil.



"PASSOS"
tradição e poesia na paisagem barrôca de Vila Rica

Os passos de Ouro Prêto são um caso particular de capelas, miniaturadas ao casario que desenha as ladeiras tortuosas, nas encostas dos morros em que a cidade foi construída. Na fachada, uma porta, emoldurada vela cruzinha; por dentro, um altar com uma imagem setecentista do Crucificado à coluna, ou o Senhor dos Passos. Muitas velhinhas, essas capelas ouro-pretanas, tecnicamente construídas em fins do século XVIII, e ainda existem graças à conservação carinhosa do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e aos cuidados dos seladeiras ou seladoras que cuida uma bem na cidade colonial.

Na liturgia da Semana Santa, cada passo de Ouro Prêto representa um passo dado pelo Cristo flagelado, a caminho do Calvário. Cada queda do Cristo flagelado conta dos cantos litúrgicos e das orações feitas durante o longo percurso da Procissão dos Passos, que sai da Praça Tiradentes, todos os anos, logo na tarde da Semana Santa, no Domingo de Ramos, após a solenidade religiosa do Encontro. A Procissão dos Passos — que tem também os guardas-romanos, cercando a imagem setecentista do Senhor dos Passos —, detém-se, assim, de capela em capela, já no crepúsculo do Domingo de Ramos, todos os passos da cidade são abertos e enfeitados especialmente para a solenidade religiosa e, depois, voltam a ser fechados, para se incorporarem ao pitoresco da paisagem vila-riquense.

Senhor dos Passos

Os passos são cinco em Ouro Prêto: a procissão, terminado o Sermão do Encontro, na Praça Tiradentes, desce para a Matriz do Pilar e vai parando em cada um deles. O primeiro a ser visitado é precisamente o da Praça Tiradentes. O segundo está na Rua de São José, ao lado da Ponte dos Contos, com sua imagem do Cristo atado à coluna. O segundo no itinerário, um dos mais belos da cidade, está no ângulo de uma esquina da Rua do Rosário e exibe uma linda imagem do Senhor dos Passos. O último em que a procissão se detém é o do Bonfim, logo no início da Ponte Seca. Em cada passo, no Domingo de Ramos, ficam sete garôtos, que vão recolhendo das [illegible] uma esmola para Deus.

Essa tradição ouro-pretana marca o início, propriamente, da Semana Santa que na ex-Vila Rica é celebrada com tôda piedade e pompa litúrgica, mas que é também cheia de poesia, com suas longas procissões enluaradas, pontilhadas de velas acêsas; com os soldados da guarda-romana de elmo prateado, o canto triste da Verônica e das três carpideiras, percorrendo as madrugadas das ladeirinhas cercadas pelos sobrados, lindos, de tremulantes luminárias acesas nas janelas e balcões.

Encontro

A Procissão do Encontro, representa o encontro de Maria Santíssima e Jesus na subida para o Calvário. Ela se origina de duas procissões que entram na Praça Tiradentes — uma em homenagem ao Senhor dos Passos, outra em homenagem a Nossa Senhora das Dôres. Sob o bimbalhar dos sinos das igrejas barrôcas, uma das procissões sai da igreja das Mercês de Cima, conduzindo a imagem setecentista de Senhora das Dôres. A outra, conduzindo o Senhor dos Passos, sai da Igreja de São Francisco de Assis. E, na Praça, à medida que o Sermão do Encontro se desenvolve, as duas imagens se aproximam.

E assim está aberta a celebração da Semana Santa em Ouro Prêto. Em seguida, virão as cerimônias litúrgicas, realizadas nas igrejas barrôcas.

Mas, a Procissão do Encontro, uma vez terminada, é como se tivesse sido uma festa à parte, que os meninos esmoleres e os pequenos corneteiros e zabumbas vêem chegar ao fim com tristeza. Nas ruas, as luminárias vão sendo apagadas nos sobrados, enquanto os passos fecham as suas portas, que só serão abertas novamente, no próximo ano. Nesse intervalo, as minúsculas capelas não passam de um mistério a mais na paisagem barrôca, para os turistas que percorrem as ladeiras da ex-Vila Rica de Marília, Tiradentes e Alegrete.

Os **Passos**, Pitorescas capelinhas passam o ano todo fechadas.

Fonte: Arquivo do Escritório Técnico de São João del-Rei do IPHAN em Minas Gerais, sem informação da data.

Foi realizado um levantamento técnico pelo IPHAN em 1939 da Capela do Passo na rua Getúlio Vargas (Figura 31, Figura 32 e Figura 33), esse demonstrou a inserção de uma Capela na esquina, que possui correspondência com a construída pelo Padre Ribeiro.

Figura 31 - Levantamento técnico, fachada da Capela do Passo na rua Getúlio Vargas, Ouro Preto - Minas Gerais.



Figura 32 - Levantamento técnico, corte AB da Capela do Passo na rua Getúlio Vargas, Ouro Preto - Minas Gerais.

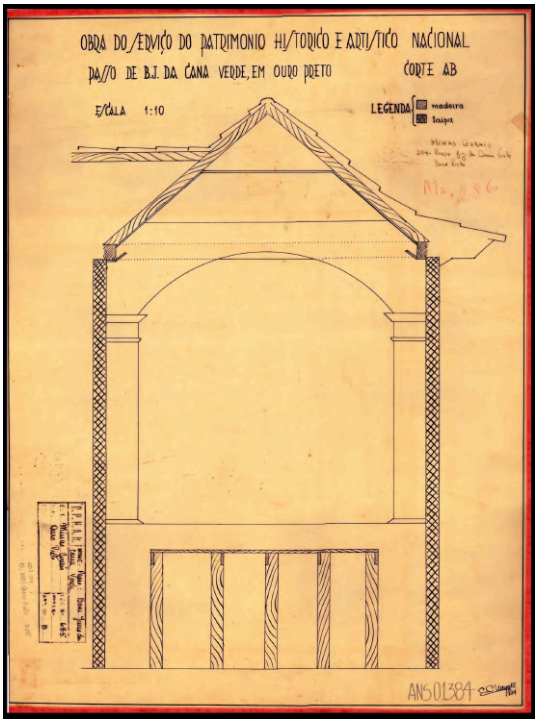
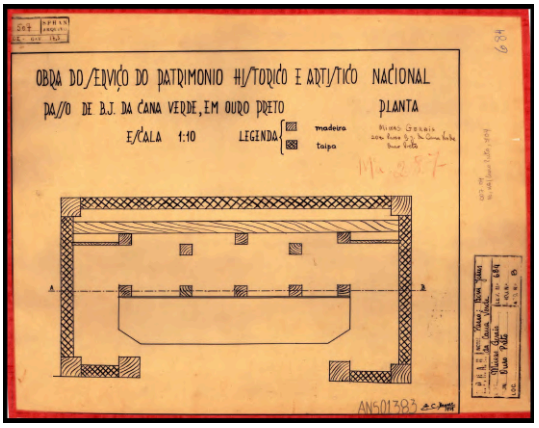


Figura 33 - Levantamento técnico, planta da Capela do Passo na rua Getúlio Vargas, Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte: Arquivo Noronha Santos, IPHAN, 1939.

Foram feitos pelo IPHAN registros fotográficos da Capela Passo na rua Getúlio Vargas. Os registros (Figura 34 e Figura 35) demonstram o processo de restauração

na década de 1990 e neles notamos o sistema construtivo da capela em madeira e barro (pau-a-pique)

Figura 34 - Registro da restauração da parte frontal da Capela do Passo na rua Getúlio Vargas, Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte: Arquivo Noronha Santos, IPHAN, 1990.

Figura 35 - Registro da restauração da parte lateral da Capela do Passo na rua Getúlio Vargas, Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte: Arquivo Noronha Santos, IPHAN, 1990.

Menezes (1975), disse que em 3 de maio de 1820, o Alferes José Joaquim de Oliveira informou a Mesa que adquiriu o imóvel na Praça onde se encontrava a Capela do Passo e que o mesmo continuaria a pertencer a Irmandade, pois seus herdeiros não alegariam direitos sobre ele, embora tivessem aberto uma porta de acesso para dentro de sua casa. Em 16 de março de 1837, Antônio Corrêa Maia, herdeiro do Alferes de Oliveira, entregou também a dita capela à Irmandade de Nosso Senhor dos Passos. Registramos que a abertura da porta indica que essa

capela seria também utilizada como capela privativa da família ou que havia uma preocupação com a sua limpeza.

Ainda o autor anterior, informou que em 1837, a casa que abrigava essa Capela do Passo foi vendida ao Sargento-mor José Baptista de Figueiredo, que se apresentou à associação religiosa e informou a Mesa sujeitar-se às obrigações de propriedade e preservação da referida capela.

A Capela do Passo na Praça obteve mudanças na propriedade da sua residência de 1820 a 1837 e todos os novos proprietários assumiram a responsabilidade de preservação dessa capela e para tal se apresentaram à Irmandade de Nosso Senhor dos Passos.

O Passo na Praça (Figura 36) teve registros fotográficos durante o Inventário do IPHAN na década de 1970. No primeiro registro, notamos a implantação da capela construída antes de 1808, junto a uma edificação de esquina da Praça com a rua Conde de Bobadela (antiga rua Direita). No segundo, verificamos o seu interior composto por um retábulo de madeira com pinturas artísticas, um nicho do altar interno para a inserção de uma escultura. Além de outros objetos de apoio ao culto ali armazenados, como a escada e o púlpito, usados para acesso a capela e no “Sermão da Palavra” relativo a essa festividade (Figura 37).

Figura 36 - Capela do Passo na Praça Tiradentes, registro externo, Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte: Arquivo Noronha Santos, IPHAN, década de 1970.

Figura 37 - Capela do Passo na Praça Tiradentes, registro interno, Ouro Preto - Minas Gerais



Fonte: Arquivo Noronha Santos, IPHAN, década de 1970.

Menezes (1975), disse que no mesmo ano de 1837, a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos juntamente com a Irmandade do Santíssimo Sacramento e a Irmandade de Santo Antônio, as três localizadas na Matriz do Pilar, resolveram construir um cemitério ao lado do templo. O Capitão-mor José Bento Soares arrematou essa obra por 450$000 e, dessa conta, cada uma das associações leigas depositou de imediato 50$000. Como “a construção do mesmo não foi levada a cabo”, a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos reverteu a quantia depositada nessa para edificação da Capela do Passo de Antônio Dias, a partir de 1843.

A Capela do Passo de Antônio Dias (Figura 38) também teve registros fotográficos durante o Inventário do IPHAN na década de 1970. No primeiro registro, notamos a

implantação da capela construída depois de 1843 na borda de um lote de esquina e ao longe, a edificação nos fundos nesse existente. No segundo, (Figura 39) verificamos o seu interior com um altar e nicho de madeira internos para a inserção de uma escultura. No terceiro, demonstram que essa capela também se encontra em frente ao Chafariz de Antônio Dias (Figura 40)

Figura 38 - Capela do Passo de Antônio Dias, registro externo, Ouro Preto - Minas Gerais.



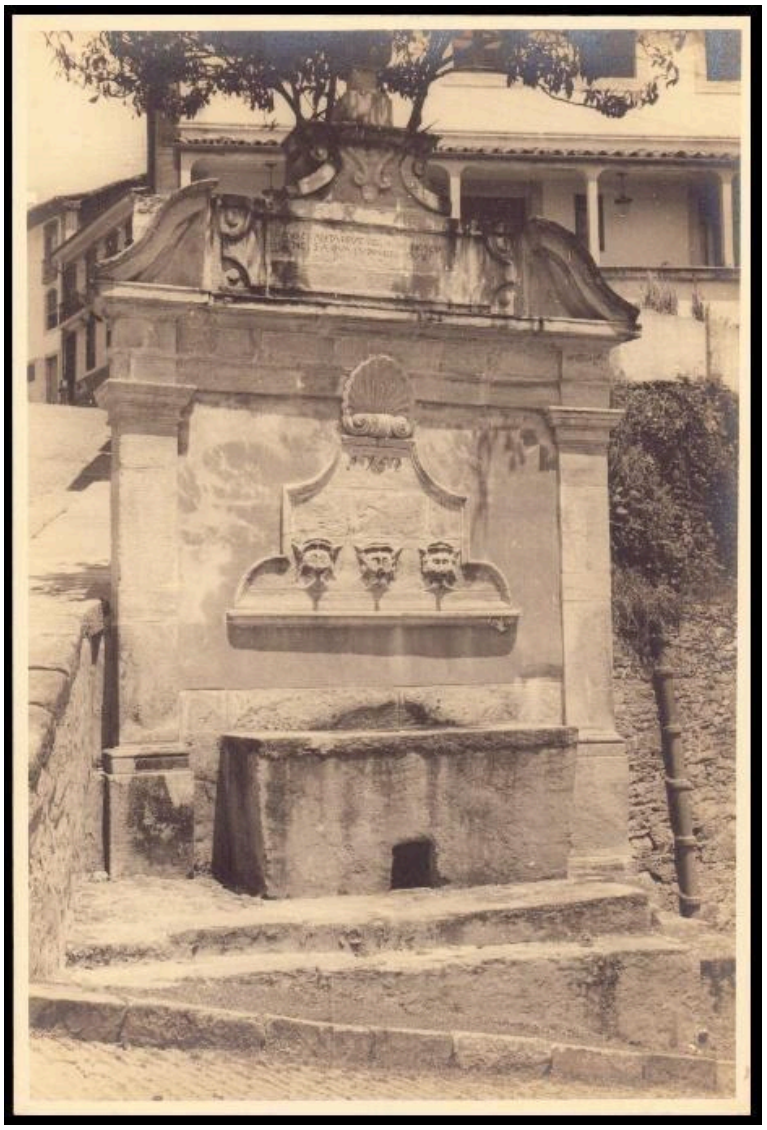
Fonte: Arquivo Noronha Santos, IPHAN, década de 1970.

Figura 39 - Capela do Passo de Antônio Dias, registro interno, Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte: Arquivo Noronha Santos, IPHAN, década de 1970.

Figura 40 - Chafariz de Antônio Dias, Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte: Arquivo Noronha Santos, IPHAN, década de 1970.

A Capela do Passo de Antônio Dias possui também croqui realizado pelo IPHAN na década de 1970 (Figura 41) e essa foi construída em meados do século XIX. É a única capela que está situada nos domínios da Paróquia de Antônio Dias, já que as outras quatro estão situadas nos da Paróquia do Pilar.

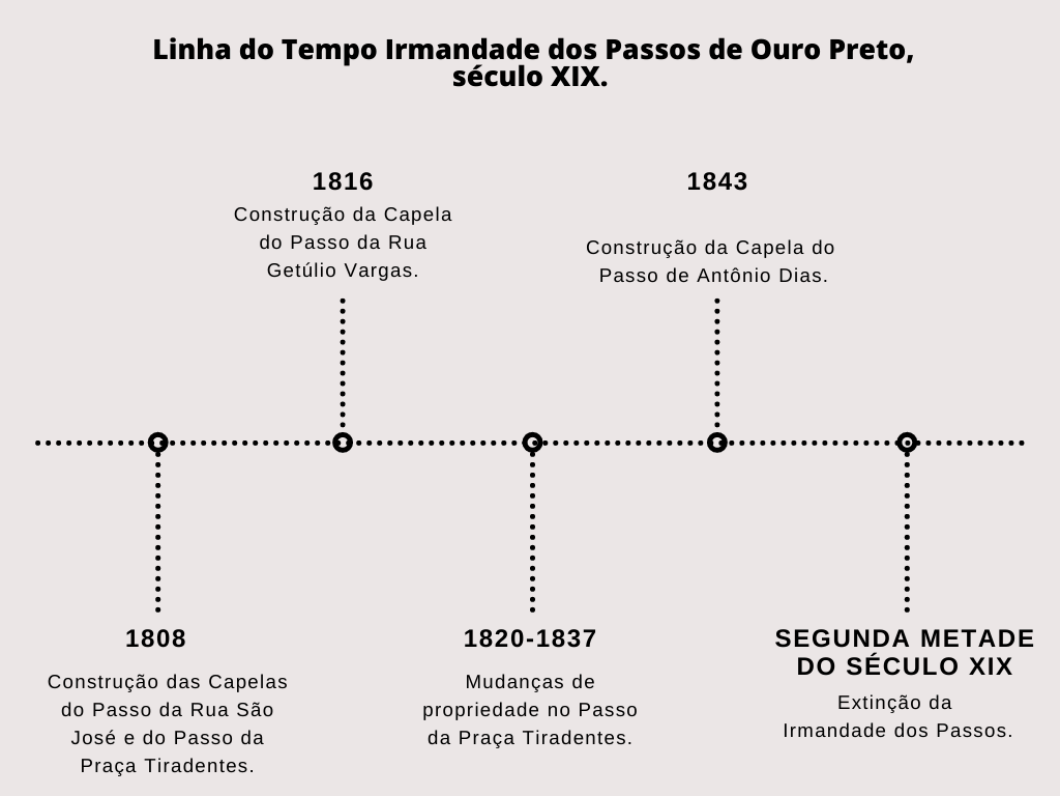
Figura 41 - Croqui da Capela do Passo de Antônio Dias, Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte: Arquivo Noronha Santos, IPHAN, década de 1970.

Conforme ilustrado na Linha do Tempo de Ouro Preto no século XIX (Figura 42), verifica-se que a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos, do início até meados do século XIX, estimulou a construção de mais quatro Capelas dos Passos em Vila Rica e essas foram logo depois utilizadas nas vias sacras externas.

Figura 42 - Linha do Tempo Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Ouro Preto, século XIX.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Apesar disso, no final do mesmo século, essa Irmandade foi extinta, mas a devoção permaneceu até a contemporaneidade com a atuação da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Matriz do Pilar que a assumiu, juntamente com outras Irmandades e Ordens Religiosas pertencentes às paróquias do Pilar e Antônio Dias.

Os registros históricos relativos à construção das Capelas dos Passos em Ouro Preto demonstram que a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos se ocupou das suas construções durante mais de um século, mais precisamente, entre os anos de 1731-1843. Atestam também que a quantidade de capelas variou, assim como houve mudanças em suas localizações e trajetos processionais entre os séculos XVIII e XIX.

Provavelmente, as cinco Capela dos Passos existentes em 2023 na cidade de Ouro Preto são as mesmas que vêm sendo preservadas pelas paróquias do Pilar e de

Antônio Dias desde meados do século XIX. Em cada uma delas, segundo Oliveira e Campos (2010), consta a seguinte representação:

1ª) Pintura de cena com o tema (Encontro com Verônica), atribuído ao pintor marianense Manoel da Costa Athaíde[60], que se insere em um retábulo de madeira, localizado na Capela do Passo na Ponte Seca, construção isolada contra o muro de pedra, considerada a de maior apuro construtivo do conjunto;
2ª) Escultura do Senhor da Coluna no Passo da Flagelação, situada na Capela do Passo na rua Getúlio Vargas, construção junto a uma edificação;
3ª) Escultura do Senhor da Cana Verde na Capela do Passo da Coroação de Espinhos, localizado na rua São José;
4ª) Escultura do Senhor dos Passos ("a Cruz às costas"), inserida em um retábulo de madeira com pintura marmorizada, situado na esquina da Praça Tiradentes com a rua Conde Bobadela (antiga rua Direita) – essa Capela do Passo é conhecido tradicionalmente como o "Passo do Encontro", porque em sua frente realiza-se o encontro das imagens de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores, na procissão que em Ouro Preto ocorre no Domingo de Ramos durante a Semana Santa;
5ª) Escultura do *Ecce Homo*, trajando capa carmesim e coroa de espinhos na Capela do Passo do Pretório, localizado no bairro Antônio Dias, na confluência de ruas, ao final da rua Cláudio Manoel (antiga rua do Ouvidor) e no encontro com a rua São Francisco, sua construção é de meados do século XIX[61].

Destaca-se ainda que, desde os primórdios da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos na cidade de Ouro Preto, a associação religiosa veio adquirindo bens para serem usados no culto, e parte deles possivelmente estão preservados em 2023.

---

[60] Segundo Oliveira e Campos (2010), durante o ano esse painel fica conservado no corredor lateral da igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar da cidade de Ouro Preto. É possível que outra tela do pintor ou da sua oficina, atualmente conservada no Museu da Inconfidência em Ouro Preto e representando "A queda de Cristo sob a Cruz", fosse destinada a uma das Capelas dos Passos.
[61] Em 1986, esse Passo foi restaurado, após um acidente que danificou o seu volume. De acordo com a notícia jornalística: "A delegacia regional do SPHAN em Minas Gerais embargou ontem as obras de restauração do Passo da Rua Cláudio Manoel, bairro Antônio Dias, porque estava sendo feita sem supervisão de seus técnicos. A construção foi parcialmente destruída quarta-feira por um caminhão da Prefeitura, que se desgovernara ao descer a ladeira. A restauração deverá ficar pronta até quinta-feira." (Jornal do Brasil, Nº - 14 - 1º caderno - sábado, 22/04/1986, Ouro Preto. Acessado em 02/04/2023).

Em um Inventário da Irmandade, consultado por Campos (2004), na primeira metade dos setecentos, os devotos já contavam com: uma imagem de Nosso Senhor dos Passos; uma imagem de Nosso Senhor Morto e o seu “esquife” de jacarandá; um “pálio de seda”; dois “andores”, um para Jesus Cristo e outro para a Virgem Maria. Possuíam ainda uma série de cabeças, mãos e perucas para montagem de imagens de roca versáteis, a serem utilizadas na Quaresma e Semana Santa. Em data anterior ao ano de 1745, essa tinha também uma face de Nosso Senhor do Horto, de Nossa Senhora das Dores, de Maria Madalena, de São João Evangelista e de São Pedro. Já no Inventário 1809, havia o registros de uma outra imagem de Nossa Senhora das Dores com seu respectivo diadema e espada de prata.[62]

Por meio disso, observa-se que as antigas esculturas de Nosso Senhor dos Passos e a de Nossa Senhora das Dores utilizadas no culto da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos foram inventariadas no século XVIII e devido a isso tiveram possivelmente a sua encomenda anterior ou na mesma época de construção da Capelas dos Passos do século XVIII. Mas, ressalta-se que a escultura de Nosso Senhora das Dores, provavelmente foi substituída no início do século XIX, cujo Inventário desse século indica a sua aquisição. Essa informação pode ser reforçada pela constatação nas vivências *in loco* de que essa mesma escultura antes descrita, em 2023, encontra-se no altar lateral da Matriz do Pilar e também é a mesma retirada para as procissões do Depósito de Nossa Senhora e do Encontro.

A pioneira Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Vila Rica contribuiu para a fundação e devoção à Paixão de Cristo e as suas práticas religiosas em Ouro Preto, foi também responsável pela encomenda de esculturas e objetos litúrgicos. Além da realização das primeiras procissões, contratação de artífices portugueses/locais e suas oficinas para a construção das Capelas dos Passos e da talha do seu altar lateral na Matriz do Pilar. Destacamos a participação de Manuel Francisco Lisboa, Manuel de Brito, Pedro Gomes e Manoel da Costa Athaíde em suas obras de talha, arquitetura e ornamentação.

[62] Em 2023, segundo Campos (2004), há uma escultura de Nossa Senhora das Dores, com diadema na cabeça e espada no peito, que ocupa o altar lateral na Matriz do Pilar outrora dedicado à Nossa Senhora da Conceição, cuja Irmandade se extinguiu em 1729.

Depois, devido às mudanças no meio urbano com o crescimento de Ouro Preto, a Irmandade demoliu e construiu novas Capelas dos Passos. Posteriormente adicionou a devoção à escultura de Nossa Senhora das Dores no culto inicial e por isso dinamizou as suas antigas práticas, mesmo assim manteve as suas procissões centenárias. Posteriormente, foi extinta e o seu culto ficou a cargo das duas principais paróquias de Ouro Preto com a participação de outras Irmandades e Ordens Religiosas.

Sendo este apenas um recorte dessa prática religiosa em Minas Gerais, consideramos para uma abrangência regional maior, outras análises de atuação das Irmandades de Nosso Senhor dos Passos e para tal, consequentemente mais localidades mineiras foram estudadas, como a cidade de Mariana, apresentada mais adiante.

2.4.2. A construção das Capelas dos Passos da Paixão de Cristo e das Dores de Maria em Mariana

Após a instauração, em 1720, da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos em Vila Carmo e sua respectiva acomodação em capela própria e depois na Matriz de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, essa associação religiosa também desenvolveu o seu culto e festividade. Salomão de Vasconcellos (1938), lançou publicação na qual afirmou que, ao organizar papeis avulsos da Câmara Municipal de Mariana, localizou uma petição desta mesma Irmandade datada 1811, a saber:

> Dizem o Provedor e mais officiaes da **Irmandade de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos da Cathedral desta Cidade de Mariana, que à dita Irmandade portencia desde o dia 2 de outubro de 1720 hua Capella com todos os seus pertences que logo se descreveram, existente defronte da Cadeia Velha porque pela mudança que se fez da mesma para a nova Cadeia e igualmente se demoliu nesse mesmo templo a dita Capelinha e erigiu-se a nova por detras da mencionada Cadeia Nova,** e ter servido athe o presente com todos os pertences constantes de hum inventario da mesma Irmandade, que são os seguintes: huma Capella pequena, com duas sachristias pequenas, huma de cada lado do altar, com Painel da invocação da dita Capella; it. hum crucifixo de 5 palmos de alto no dito altar; it hua toalha de linho com renda […] (seguem-se outros bens descriptos). Todas essas alfaias e bens que se acham na Capella Nova da Cadeia pertencem sem dúvida à Irmandade e estão chamando-as com sua dona. He verdade que os alferes José Pereira Auroca, já fallecido, arrematante de todas as obras da Casa do Conselho e da Cadeia Nova não se havia de servir de tudo o massame da dita Capella e referidos móveis

> sem tacito assentimento dos mesarios então existentes; e he de presumir que o dito arrematante se obrigasse de vez a fazer outro Passo mais comodo à Irmandade pela mudança da situação das ruas, pela perda da rua do Piolho; por ser esse arrematante muito liberal em promessas e tão effectivo em cumprí-las; si logo depois não adoecesse mortalmente e passasse a sua fabrica à administrações insolentes, que nunca cuidarão em cumprir; nestes termos; Pedem a VV. SS. se dignem providenciar o commodo da Irmandade, visto que he consto, que os moveis da Capelinha pertencem à mesma e nella existem e a Irmandade nunca foi compensada. (VASCONCELLOS, 1938, p. 96-97) **[grifo nosso]**

A construção do imponente edifício da Casa de Câmara e Cadeia se iniciou em 1768 e terminou em 1798, sob a responsabilidade do português José Pereira Arouca. Na parte dos fundos do prédio, o projetista planejou a reedificação em 1793, da Capela da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos, que existira defronte a Cadeia Velha desde 1720, localizada entre o Largo da Sé e a Praia, que foi demolida juntamente com a Cadeia, entre os anos de 1782-1792.

Ressalta-se que a antiga Capela da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos possuía anteriormente uma relação com as vias sacras externas da Semana Santa e Quaresma, assim como com as missas, que comumente eram realizadas aos presos, conforme descrito mais adiante.

Nas vivências *in loco* a essa cidade em 2023*,* verificamos que a nova capela dessa associação religiosa foi realmente construída junto a Casa de Câmara e Cadeia de Mariana, considerando também a sua relação de implantação com as suas práticas religiosas antigas. Mas, segundo Vasconcellos (1938), desde o fim do século XIX, os marianenses a reconhecem como a Capela de São Jorge, porque ali depositava-se a imagem desse santo. A perda do uso dessa capela pela Irmandade, indicam que essa já teria possivelmente se transferido para Matriz no final do século XVIII e que a Cadeia também foi logo desativada, permanecendo ali somente a função legislativa.

Para Campos (2004), antes da Matriz se converter em Catedral da Sé de Mariana, a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Vila do Carmo, já era responsável pelas cerimônias da Crucificação, Descendimento e Procissão do Enterro. Para tanto, contava com o auxílio da Irmandade do Santíssimo Sacramento.

Segundo Trindade (1945), a Catedral da Sé de Mariana foi a terceira Matriz da localidade. A primitiva igreja paroquial, dedicada à Nossa Senhora da Conceição do Arraial do Carmo, foi cedida à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Em 2023, a também conhecida como Rosário Velho, existe como a Capela de Santo Antônio, que fica na extremidade ocidental dessa cidade. Provavelmente, a origem do templo é contemporânea à fundação dos primeiros arraiais. No entanto, como ele esteve algum tempo abandonado, talvez, tenha sido se arruinado em boa parte, e o que se vê ali tenha pouco resquício do templo primitivo.

A Irmandade de Nosso Senhor dos Passos se abrigou no consistório do templo ou hipoteticamente num altar provisório na Catedral da Sé de Mariana. Relatos de devotos também remetem à possibilidade do altar dedicado à Irmandade de São Miguel e Almas ter sido utilizado pela referida Irmandade. Considerando o último caso, conforme Pedrosa (2019), o retábulo e o altar foram riscados e entalhados por José Coelho de Noronha e a sua oficina entre os anos de 1749-1750. Mas, nas vivências *in loco* a esse templo religioso em 2023, verificou-se que nesse altar há uma escultura de Cristo Crucificado, enquanto o Nosso Senhor dos Passos se localizava nos fundos do templo, próximo ao batistério.

Segundo também Trindade (1945), que realizou a transcrição de uma nota de rodapé, de um pleito movido pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos contra a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos da cidade de Mariana, acerca da Procissão do Depósito no ano de 1746. De acordo com a ação, em 1743 ocorreu uma enchente no ribeirão do Carmo que arruinou a antiga rua Direita, principalmente no trecho da rua do Piolho[63], o que impossibilitou a realização da procissão nos dois anos seguintes, até que se reconstruiu novamente a ponte sobre esse curso d'água. Sendo assim, em 1746, quando se realizava a Procissão do Depósito, parte dos irmãos da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos se encaminhou, com a Imagem de Cristo, para a Capela de São Gonçalo, localizada no morro de mesmo nome. O fato gerou revolta dos irmãos do Rosário que, há quase quarenta anos, recebiam em sua Capela a imagem ao término da Procissão de Depósito. Para no dia seguinte sair de lá a Procissão dos Passos, que percorria as

[63] A designação da rua do Piolho está relacionada à rua mais ocupada na época dos primeiros arraiais mineiros.

seguintes capelas: uma capel na imediação do Rosário Velho; três capelas na antiga rua Direita, estando duas delas arruinadas pela enchente e outra localizada no trajeto impossibilitado próximo à Cadeia e outra capela, possivelmente, nos arredores da Capela de Santana, onde a procissão também passava. Em março de 1749, o Juiz deu ganho de causa aos irmãos dos Passos, por serem eles os responsáveis pelos cortejos, há mais de trinta anos. Assim, o templo religioso de Depósito de Nosso Senhor dos Passos, que seria a Capela do Rosário ou a Capela São Gonçalo, ficou sobre a responsabilidade da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos.

As primeiras cinco Capelas dos Passos em Vila do Carmo foram construídas no início do século XVIII e algumas delas foram arruinadas enquanto outras foram inabilitadas, após a referida enchente no ribeirão do Carmo. Devido a isso, entre 1743-1746, a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos não pôde realizar o percurso processional na rua do Piolho, que dava sequência a rua Direita. Além disso, nessa mesma época consta que havia a participação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no culto à Paixão de Cristo ao receber a Imagem do Nosso Senhor dos Passos na sua capela durante a Procissão do Depósito, e de se iniciar no outro dia a Procissão do Encontro desse mesmo local. Ademais, havia o uso das imediações da Capela de Santana durante essa antiga procissão.

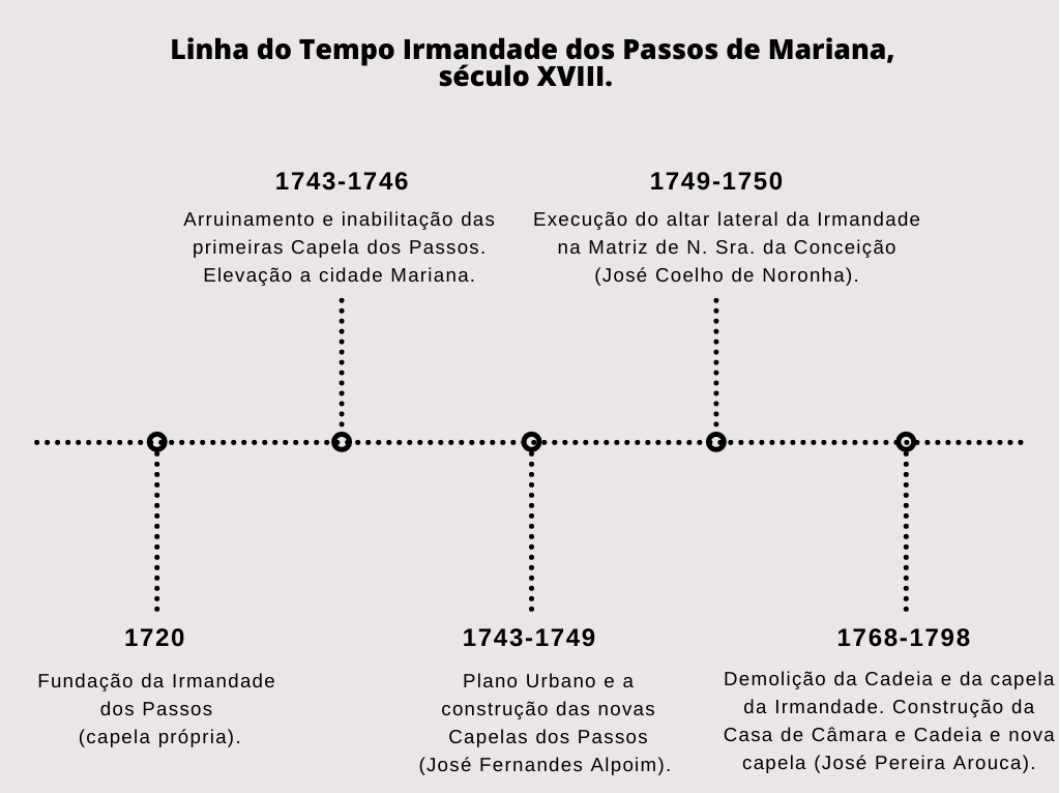
Sendo assim, nos meados do século XVIII as Capelas dos Passos e as vias sacras externas estavam impossibilitadas de serem realizadas.

Somente após a elevação de Vila do Carmo a cidade de Mariana em 1745, para abrigar a sede do bispado mineiro, que ocorreu a construção das novas Capelas dos Passos, já na segunda metade do século XVIII. A implantação dessas foi planejada junto ao plano urbano desta cidade executado entre 1743-1749 e sob a responsabilidade do português José Fernandes Alpoim.[64] Associado a isso, a rua de Cima, também se tornou mais relevante e foi nomeada como a nova rua Direita e consequentemente foi escolhida pela Irmandade de Nosso Senhor dos Passos para receber uma Capela do Passo desse novo conjunto.

[64] Como a cidade de Mariana foi escolhida para sediar o bispado mineiro, o seu traçado inicial foi adaptado a um traçado urbano planejado por um engenheiro português.

Na Linha do Tempo de Mariana no século XVIII (Figura 43) demonstramos a atuação da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos na construção das Capelas dos Passos.

Figura 43 - Linha do Tempo Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Mariana, século XVIII.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A Capela do Passo na Ladeira do Rosário (Figura 44) teve registros fotográficos realizados no Inventário do IPHAN na década de 1980. No primeiro registro, notamos a implantação da primeira capela construída entre 1743-1749 junto a uma edificação de esquina na rua Monsenhor Horta com a rua Teófilo Otoni. Já no segundo, verificamos a implantação da Capela do Passo na Ponte de Areia (Figura 45) construída na mesma época.

Figura 44 - Capela do Passo na Ladeira do Rosário, Mariana - Minas Gerais.



Fonte: Arquivo Noronha Santos, IPHAN, década de 1980.

Figura 45 - Capela do Passo na Ponte de Areia, Mariana - Minas Gerais.



Fonte: Arquivo Noronha Santos, IPHAN, década de 1980.

Tanto a Capela do Passo na Ladeira do Rosário com croqui realizado pelo IPHAN na década de 1980 (Figura 46) quanto a Capela do Passo na Ponte de Areia fazem conexão na contemporaneidade com as imediações da Capela de Santo Antônio (o Rosário Velho) e por isso, também com a área da antiga procissão. Mas, essa prática religiosa foi alterada devido principalmente à enchente no ribeirão do Carmo, à implantação do plano urbano para a cidade de Mariana e a construção da Capela de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (o Rosário Novo).

Figura 46 - Croqui Capela do Passo na Ladeira do Rosário, feito a partir da imagem 40 - Mariana - Minas Gerais.



Fonte: Arquivo Noronha Santos, IPHAN, 1980.

As demais Capelas dos Passos de Mariana foram implantadas nas seguintes ruas: rua Direita (antiga rua de Cima), rua Dom Silvério e rua Dom Viçoso (antiga rua da Olaria), as duas primeiras no meio dos quarteirões e a última no encontro de vias. Todas essas três capelas também foram construídas também entre 1743-1749.

Ressalta-se que a Capela do Passo na rua Dom Viçoso se encontra também próximo a Catedral da Sé de Mariana, sendo assim a última do conjunto de cinco Capelas dos Passos de Mariana.

Registra-se que as Capelas do Passos de Mariana, diferentemente das de Ouro Preto não apresentam cruzes e coruchéus em seus frontões e coroamentos. Mas todas elas possuem comumente esculturas internas representando a cenografia religiosa da Paixão de Cristo.

Os registros relativos à fatura das Capelas dos Passos de Mariana descritos demonstram que a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos dessa cidade se ocupou da execução das capelas durante a primeira e segunda metade do século XVIII. Atestam também que houve mudanças em suas capelas, localizações e trajetos processionais.

No início do século XIX, a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos foi também extinta na cidade de Mariana, mas a devoção permaneceu até a contemporaneidade com a atuação da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Catedral da Sé de Mariana, juntamente com outras Irmandades e Ordens Religiosas pertencentes a Paróquia de Nossa Senhora da Assunção.

Por certo, as cinco Capelas dos Passos da Paixão de Cristo observadas em 2023 na cidade de Mariana vem sendo utilizadas pela Paróquia de Nosso Senhora da Assunção desde a segunda metade do século XVIII, o que coincide com a época da implantação do plano urbano desta cidade. Em cada uma deles é possível observar as seguintes representações escultóricas:

1ª) Escultura do Senhor do Horto, situada na Capela do Passo na Ladeira do Rosário (ou Passo da Ponte de Tábuas, sob o ribeirão do Carmo);
2ª) Escultura do Senhor da Coluna no Passo da Flagelação, localizada na Capela do Passo na Ponte de Areia (inserido numa talha em estilo nacional português de grande apuro técnico[65]);
3ª) Escultura do Senhor da Cana Verde no Passo da Coroação de Espinhos, situada na Capela do Passo na rua Direita;
4ª) Escultura do *Ecce Homo* no Passo do Pretório, situada na Capela do Passo na rua Dom Silvério;

[65] Após o seu inventário em 1988, a talha do Passo da Ponte de Areia foi roubada e pouco depois parcialmente recuperada, essa estava em Salvador na Bahia em um antiquário na rua da Ladeira. Segundo o fiscal do IPHAN/MG na época, Olinto Rodrigues dos Santos Filho, ele foi convocado a ir à Delegacia de Furtos e Roubos em Belo Horizonte para reconhecer as peças da talha recuperada, que foram assim por ele reconhecidas. Depois, essas foram entregues a Cúria de Mariana, que contratou a sua restauração e posterior montagem nesse Passo, considerando para isso os registros fotográficos do Inventário.

5ª) Escultura do Senhor dos Passos (“Cruz às Costa”), localizada na Capela do Passo na rua Dom Viçoso.

A escultura de Nosso Senhor dos Passos, que é retirada para a procissão, fica exposta na época das festividades próxima ao batistério na Catedral da Sé de Mariana. Mas durante as vivências *in loco* ao templo religioso em 2023, representantes da Paróquia de Nossa Senhora da Assunção, indicaram que, antes disso, a escultura permanecia no consistório. Por sua vez, a escultura de Nossa Senhora das Dores não fica exposta e, também, não é utilizada nessa mesma prática religiosa. A explicação dessa ausência é porque a escultura usada na Procissão do Depósito de Nossa Senhora e do Encontro é a de Nossa Senhora da Soledade[66], pertencente ao Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte de Mariana.

A cenografia religiosa representada nos Passos das cidades de Mariana e Ouro Preto se assemelha, sendo verificada as seguintes cenas comuns: Escultura do Senhor da Coluna (Passos da Flagelação), Escultura do Cristo da Cana Verde (Passos da Coroação de Espinhos), Escultura do Senhor dos Passos (Passos de Jesus Cristo com “a Cruz às Costas”) e *Ecce Homo* (Passos do Pretório). Sendo divergente apenas as cenas do (Encontro com Verônica) representada em Ouro Preto e a do (Senhor do Horto) em Mariana. Isso demonstra o acesso dessas duas irmandades às cenas fixadas pela Igreja no século XVIII para a divulgação nas vias sacras externas e a comunicação também entre cidades vizinhas.

Em síntese a também pioneira Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Vila do Carmo contribuiu para a fundação e devoção à Paixão de Cristo e as suas práticas religiosas em Mariana, foi também responsável pela encomenda de esculturas e objetos litúrgicos. Além da realização das primeiras procissões, construção e manutenção de sua capela própria. Depois, se adequou à implantação do plano urbano de Mariana, após a enchente do ribeirão do Carmo, e se transferiu para a Catedral da Sé. Destacamos a participação dos artífices José Pereira Arouca, José Coelho de Noronha e José Fernandes Alpoim nesse projeto e nas suas respectivas

[66] Segundo Alves (2017), a Nossa Senhora da Soledade diz respeito à solidão da Virgem Maria após o enterro de Jesus Cristo, quando aparece, então, com os olhos voltados para os céus e as mãos compridas contra o peito, ou apenas entrepostas no gesto de oração.

obras. A mesma Irmandade depois também garantiu a construção das novas Capelas dos Passos, adicionou a devoção à escultura de Nossa Senhora da Soledade no culto inicial e por isso dinamizou as antigas práticas e manteve suas procissões centenárias. Posteriormente, foi extinta e o seu culto ficou a cargo da Paróquia de Nossa Senhora da Assunção com a participação de outras Irmandades e Ordens Religiosas.

Sendo este também apenas um recorte dessa prática religiosa em Minas Gerais consideramos para uma abrangência regional maior ainda, são necessárias outras análises de atuação das Irmandades de Senhor Passos e para tal, consequentemente mais localidades mineiras foram estudadas como a cidade de Tiradentes apresentada, a seguir.

2.4.3. A construção das Capelas dos Passos da Paixão e das Dores de Maria em Tiradentes

Após a instauração, em 1721, da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos na Vila de São José del-Rei em capela própria e depois na Matriz de Santo Antônio, essa associação religiosa passou imediatamente a desenvolver o seu culto e festividade. Em 1722, já há relatos no seu Livro de Compromissos de 1721-1779, das suas primeiras práticas religiosas.

Sobre a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Tiradentes, segundo Santos Filho (2015), há registros que essa inicialmente se instalou na Ermida de Nossa Senhora do Bom Despacho, no arraial do Córrego, nas fraldas da Serra de São José, por devoção e petição de João de Oliveira e outros moradores. Dessa antiga Capela, há apenas o relato em 1869, de um viajante estrangeiro, que é o seguinte:

> À esquerda, ergue-se a Serra do Córrego, prolongamento suleste da Serra de São José: a massa irregular de calcário e arenito ainda conserva, segundo dizem, ouro e cristal de rocha. Em seu sopé, fica uma arruinada povoação de cabanas miseráveis e belas árvores frutíferas, e, mais adiante a Capela de Nossa Sra. do Bom Despacho. A igrejinha era bem tratada, quando o ouro abundava no Córrego e havia pomposas festividades anuais; nos últimos quinze anos, caiu em ruínas. (BURTON,1976, p.130).

Em pouco tempo essa Capela se arruinou pela decadência na extração do ouro e, já em 1727, a escultura de Nosso Senhor dos Passos foi transferida para a Matriz de Santo Antônio, quando ela foi retirada para uma procissão e não mais regressou à Ermida.[67]

Em 1728, de acordo com o Livro de Acórdão com datas entre 1722-1829, consultado por Santos Filho (2015), que as Capelas dos Passos seriam construídas na rua Direita, onde ficariam mais acomodadas. No mesmo Livro se indicou que deveria "(...) fazer os painéis necessários para a Procissão dos Santos Passos, na forma que são os da cidade do Rio de Janeiro". Em 1731, no Livro de Receitas e Despesas de 1729-1815 se registrou o pagamento ao pintor José Morais pela confecção de molduras e pinturas para os painéis.

Essas informações demonstram que a devoção à Paixão de Cristo existia como prática religiosa no litoral do Brasil, especificamente no Rio de Janeiro e que essa influenciou as do interior desse território, como em Tiradentes. E também provam que a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos da Vila de São José del-Rei, se preparando para a construção das Capelas dos Passos, definiu o melhor lugar para a sua implantação e encomendou painéis para as vias sacras. Em 1731, essas capelas já eram existentes porque receberam molduras e pinturas, conforme pagamento acima registrado a um artífice.

Entre 1730-1737, Pedro Monteiro de Sousa executou um altar com um retábulo de talha e tribuna para abrigar a escultura de Nosso Senhor dos Passos na Matriz de Santo Antônio. Em 1727, há registros de que a procissão se recolheu na Capela de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Essas também foram associadas nessa época inicial às instalações efêmeras e um caminho pré-estabelecido. Conforme:

> A princípio, os Passos eram armados nas ruas e na porta das igrejas. A procissão tinha o seguinte trajeto: saia da Matriz pela rua do Sol até atingir os três cantos; seguia pela rua Direita até os quatros quantos; descia a rua do Chafariz até o Largo do Ó; e subia a rua do Jogo da Bola até atingir a rua

[67] Segundo Cruz (2021, p. 216), o local onde existiu essa capela e o cemitério atualmente pertence ao município de Santa Cruz de Minas, tem proteção através do Conselho Municipal de Política Cultural e Patrimônio local, constitui o Sítio Arqueológico do Bom Despacho e esse integra a área da Serra de São José que está em instrumentação para o tombamento federal, pelo IPHAN, Processo número 1.912-T-79.

> da Câmara, no Largo do Pelourinho, recolhendo-se, em seguida, na Matriz. (SANTOS FILHO, 2015, p. 124)

No trecho acima verificamos a correlação com as primeiras procissões em Ouro Preto, que eram com armações efêmeras das cenas, assim como as de Tiradentes.

Outro importante dado registrado por Santos Filho (2015), é o de que no início do século XVIII não havia a Procissão do Encontro na Vila de São José-del Rei, por isso, a escultura de Nossa Senhora das Dores só foi acrescentada pela Irmandade no fim do século XVIII e início do século XIX. Sendo assim, as primeiras vias sacras nessa Vila eram realizadas somente com a escultura de Nosso Senhor dos Passos.

O mesmo autor informou ainda que em 1738, no mesmo Livro de Receitas e Despesas já supracitado, se pagou 22 oitavas de ouro a Francisco da Silva Nunes por pintar três Capelas dos Passos. No ano de 1741, com registro no mesmo Livro, se pagou 379 oitavas de ouro a João Ferreira Sampaio por: “(...) fazer três Passos de taipa, retábulos, portas, telhados e frontais e tudo mais que a eles pertencentes”. Em 1742, se pagou 193 oitavas, ¾ e 6 vinténs de ouro ao pintor Francisco Xavier de Souza pela policromia e douramento dos três Passos, além disso, se pagou parcela de oito oitavas de ouro para pintura das cruzes das Capelas dos Passos da Cadeia, no Pelourinho e no Largo do Ó. Essas são as Capelas dos Passos mais antigas de Tiradentes e o mesmo artista que as executou já havia realizado trabalhos de talha do altar-mor, arco-cruzeiro, coro e águias na Matriz de Santo Antônio.

Seguem os registros fotográficos da Capela do Passo da Cadeia e da Capela do Passo no Largo do Ó, realizados pelo IPHAN por volta de 1950 (Figura 47 e Figura 48).

Figura 47 - Capela do Passo da Cadeia, Tiradentes - Minas Gerais.



Fonte: Arquivo Noronha Santos, IPHAN, década de 1950.

Figura 48 - Capela do Passo no Largo do Ó, Tiradentes - Minas Gerais.



Fonte: Arquivo Noronha Santos, IPHAN, década de 1950.

Santos Filho (2015), relatou que no Livro de Receitas e Despesas há a menção de Constantino Alves de Azevedo como doador do terreno na rua Direita de frente a Cadeia para se construir uma Capela do Passo e realizar as vias sacras externas e missas para os presos. Além disso, indicou Francisco da Cunha como doador de uma casa no Largo do Pelourinho e mais 30 oitavas de ouro para construir outra Capela do Passo.

Interessante a similaridade em Tiradentes, que também apresenta uma Capela do Passo próximo a sua Cadeia, designando a mesma função que a existente na cidade de Mariana, que consiste no seu uso para a procissões e orações.

Santos Filho (2015), disse que em 1745, no Livro de Receitas e Despesas anterior, há registros de que se resolveu construir novas Capelas dos Passos. Assim, se constata a preocupação da Irmandade de construir mais duas capelas para

completar um conjunto de cinco Capelas dos Passos. Sobre as duas novas capelas implantados na antiga rua do Sol ou rua de Cima:

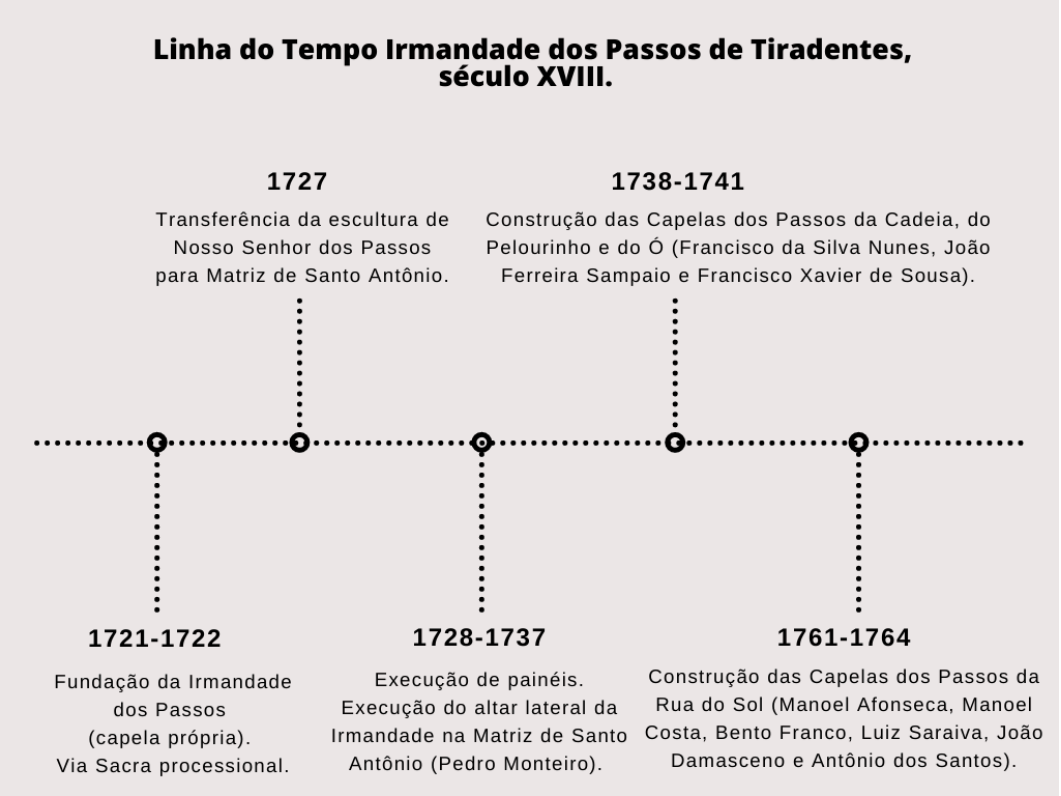
> Sabe-se que existiam dois Passos na rua do Sol ou de Cima, sendo um deles do Senhor Morto, e que foram desativados em 1807. O outro deveria ser o do Horto, que aparece citado em 1761, com a despesa de 91 oitavas e meia e dois vinténs, pagos aos pedreiros Manoel Afonseca, Manoel da Costa e Bento Gonçalves Franco. Em 1763, pagou-se a Luiz da Silva Saraiva 1 oitava e ¼ de ouro pelo douramento do "Passo novo" e, no ano seguinte, pagou-se a João Damasceno de pintar o "Passo do Horto", e a Antônio dos Santos pela ereção do 'Passo do Horto'. (SANTOS FILHO, 2015, p. 126)

Em 1774, a construção da nova Capela do Passo do Horto também foi citada, segundo o autor anterior, novamente no Livro de Receitas e Despesas. Entre 1760-1779, vários artífices fizeram a manutenção das Capelas dos Passos.

Em 1760, segundo Santos Filho (2015), a Irmandade pagou a Bento Gonçalves Franco pela soleira, a Cipriano Pereira pela porta, a Manoel Esteves pelas ferragens e a Luiz da Silva pela pintura da Capela do Passo no Largo do Ó. Esses são provavelmente serviços de manutenção numa das capelas já construídas. Em 1765, essa também pagou a Felipe Lopes pela soleira, calçada e pinturas das portas da Capela do Passo da Cadeia. Em 1769, pagou 1 oitava e ¼ de ouro a Romão Dias Pereira Cardoso pelo concerto e tábua para o forro da Capela do Passo no Pelourinho. Também pagou em 1769, 14 oitavas e ½ de ouro a Bernardo Pires da Silva por olear, pintar as portas, a cruz, pelas tintas e douramento. Por sua vez, pagou 1 oitava e ¼ de ouro a Antônio da Fonseca Costa por serviços de carpintaria na segunda Capela do Passo. Em 1779, há registros de mais consertos nas capelas.

Na Linha do Tempo de Tiradentes referente ao século XVIII (Figura 49) demonstramos a atuação da Irmandade de Senhor do Passos e construção por ela das primeiras Capelas dos Passos.

Figura 49 - Linha do Tempo Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Tiradentes, século XVIII.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Santos Filho (2015), indicou que em 1807, no Livro de Acórdão de 1722-1829, estão as últimas referências as Capelas dos Passos de Tiradentes, pois a Irmandade resolveu fazer a Procissão de Depósito de Nosso Senhor dos Passos na igreja de Nossa Senhora das Mercês. Decidiu também que no outro dia a mesma escultura seria dali retirada na Procissão do Encontro e seguiria até a rua Direita, para depois se recolher na Matriz de Santo Antônio. Essa prática pode ser observada até a contemporaneidade, conforme constatado nas vivências *in loco* da cidade realizadas em 2023.

Além disso, o mesmo autor constatou que no Livro supracitado, a Irmandade, determinou que as Capelas dos Passos que foram construídas na rua do Sol, pertencente ao antigo trajeto processional, seriam por isso, desmontadas e recicladas para a construção de uma nova Capela do Passo, na rua das Forras, conforme:

> (...) da dita capela e seguir pela rua Direita, mais partes de costume até se recolher na Matriz. E como na rua chamada do Sol por onde (...) continuava passar e agora, com a mudança, não pode por ela seguir (...) se acham dois Passos, ainda um supérfluo e impróprio por ser do Senhor Morto, resolvem desmanchá-los e com o material de ambos, edificar um na rua chamada das Forras. (SANTOS, FILHO, 2015, p. 126)

Na mesma visita *in loco* em 2023, constatamos que a Capela do Passo executada na rua das Forras apresentava um retábulo simplificado com a arquitetura mais recente e distinta das demais Capela dos Passos em Tiradentes. Sobre as duas Capelas Passos na rua do Sol verificamos, que uma deles foi demolida, sendo esta possivelmente localizada próximo à casa de nº 106, na rua Padre Toledo (antiga rua de Cima ou rua do Sol). A outra ainda existe, na casa de número 266, mas foi inabilitada e se encontrava vazia e com pouco uso. Santos Filho (2015), explicou ainda, que existia na sacristia da Capela de São João Evangelista, um retábulo e também oratório dedicado à Nossa Senhora das Dores similar aos retábulos das Capelas dos Passos, que parece ter sido reciclado a partir dos entalhes dos Passos da rua do Sol.

No que pese a falta de documentos, "(...) a talha do segundo Passo na rua Direita pode ser atribuída a Salvador de Oliveira e a pintura artística a Manuel Victor de Jesus" (SANTOS FILHO, 1982, p. 231-242). Questão reforçada em citação sobre as pinturas na mesma Capela do Passo que diz sobre as: "(...) características das pinturas dos barrados, em formas geométricas, o 'xadrez', a imitar azulejaria, costumeiramente utilizada pelo pintor" (CRUZ, 2022, p. 221). Por isso, essa última Capela do Passo, provavelmente foi executada na segunda metade do século XVIII ou na primeira metade do século XIX.

Seguem os registros fotográficos da Capela do Passo na rua Direita (Figura 50) e da Capela do Passo Largo das Forras (Figura 51) realizados pelo IPHAN por volta de 1950.

Figura 50 - Capela do Passo na rua Direita, Tiradentes - Minas Gerais.



Fonte: Arquivo Noronha Santos, IPHAN, década de 1950.

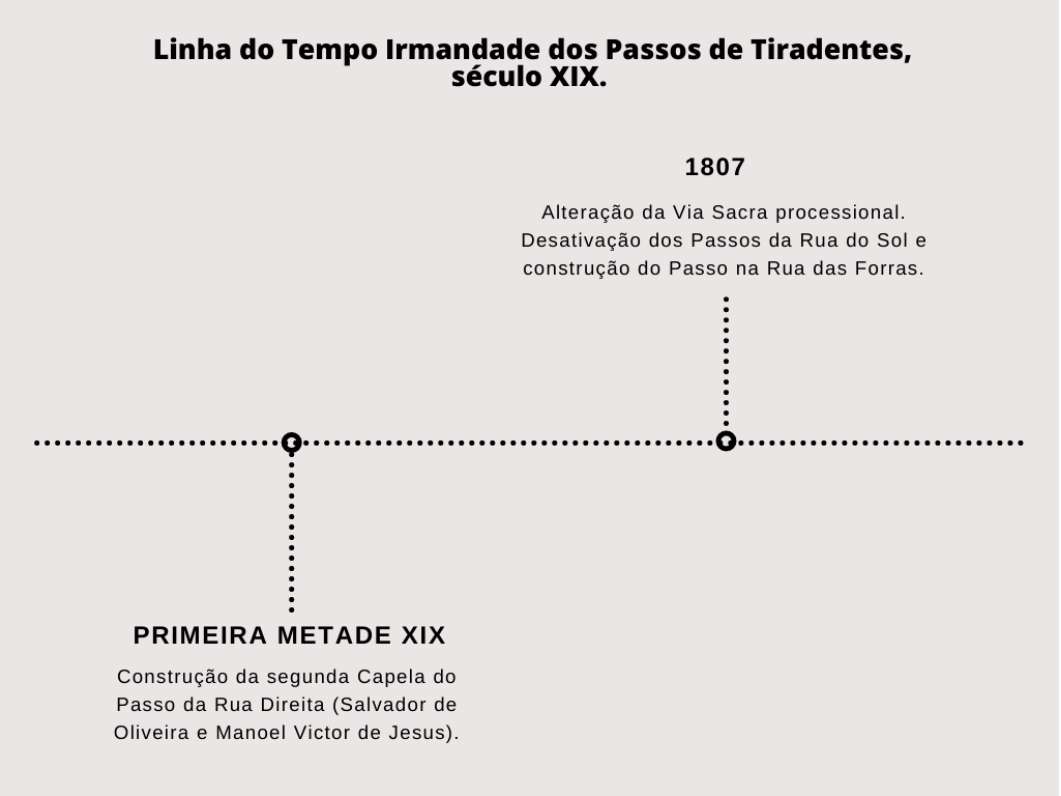
Figura 51 - Capela do Passo no Largo das Forras, Tiradentes - Minas Gerais.



Fonte: Arquivo Noronha Santos, IPHAN, década de 1950.

Na Linha do Tempo de Tiradentes referente ao século XIX (Figura 52) demonstramos a fase de construção pela Irmandade de Nosso Senhor dos Passos das recentes Capelas dos Passos.

Figura 52 - Linha do Tempo Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Tiradentes, século XIX.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Tiradentes esteve ativa até 1920 e foi extinta após esse ano e diante disso, a Paróquia de Santo Antônio passou a nomear um provedor, que ficou responsável por realizar as festividades da Quaresma e da Semana Santa. O provedor com maior destaque nesse período e longevidade na participação dessa função foi o Senhor Antônio Nogueira, provedor de 1946-1992.[68]

Santos Filho (2015), informou que entre 1936 e 1937, as Capelas dos Passos de Tiradentes estavam em péssimo estado de conservação e o Padre José Bernardino de Siqueira resolveu reformá-las. Para tal, remunerou o pintor Francisco Cesário Coelho e o encarregou de decorá-las com novas pinturas artísticas[69], que foram consideradas danosas esteticamente. Devido a isto, essas foram interrompidas

[68] Relatos de Olinto Rodrigues dos Santos Filho com base nos programas impressos da Festa de Passos de 1950, 1952 e 1963 em seu acervo pessoal.

[69] Essa intervenção é registrada, conforme verificado nas vivências *in loco* em 2023*,* nos próprios Passos de Rua dos Largos do Ó e do Pelourinho.

antes que as mesmas intervenções inadequadas chegassem às Capela dos Passos na rua Direita. Na década de 1930, relatou também, que houve alterações nos frontões, coruchéus e cruzes das capelas.

Os registros relativos à fatura das Capela dos Passos demonstram que a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Tiradentes se ocupou da construção delas durante mais de meio século, especificamente nos anos de 1738 a 1807. Atestam também que houve mudanças em suas capelas, localizações e trajetos processionais. No início do século XX, essa associação religiosa foi extinta, mas a devoção permaneceu até a contemporaneidade na cidade com a atuação da Paróquia de Santo Antônio em promover o seu culto com o auxílio de provedores e outras irmandades. Em 2011, a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos se tornou novamente ativa e ainda assim se encontra.

Por certo, as cincos Capela dos Passos em uso observadas em 2023 na cidade de Tiradentes, vem sendo utilizadas pela Paróquia de Santo Antônio desde a primeira metade do século XVIII e início do século XIX. Segundo Souza (2021), em cada uma delas é possível observar as seguintes representações pictóricas:

1ª) Pintura de cena com o tema (Queda de Jesus Cristo) sobre retábulo simplificado, situada na Capela do Passo no Largo das Forras;
2ª) Pintura de cena com o tema (Verônica Enxuga o rosto de Jesus Cristo) inserido no retábulo entalhado por Salvador de Oliveira e com pinturas artísticas de Manoel Victor de Jesus[70], situada na Capela do Passo na rua Direita;
3ª) Pintura de cena com o tema (Encontro de Jesus Cristo e Maria) inserido no retábulo de madeira e com pinturas artísticas, localizada na Capela do Passo da Cadeia (ou na rua Direita ou no Largo do Rosário);
4ª) Pintura de cena com o tema (Jesus Cristo com “a Cruz às costas”) inserido no retábulo de madeira e com pinturas artísticas, situada na Capela do Passo no Largo do Ó;

[70] Segundo Cruz (2021, p. 221), nas paredes, os anjos do martírio – um segura a lança que feriu Cristo e o outro com a lança com a esponja de fel. Os dois personagens apresentam as características desenvolvidas pelo pintor para as Figuras, como a estrutura facial, os gestos, a movimentação das roupas e os laços esvoaçantes.

5ª) Pintura de cena com o tema (Simão, o Cirineu ajuda a carregar a Cruz de Jesus Cristo) inserido no retábulo de madeira e com pinturas artísticas, localizada na Capela do Passo no Largo do Pelourinho – essa Capela Passo é conhecida tradicionalmente como o “Passo do Encontro”, porque á sua frente se realiza o encontro das imagens do Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores. Esta procissão ocorre no Domingo anterior ao Domingo de Ramos na Semana Santa (conhecido também como o Domingo de Ressurreição de São Lázaro). Mas ressalta-se que a Procissão do Encontro também é realizada às vezes em Tiradentes, próximo a Capela do Passo da Cadeia, no Largo do Rosário.

Os artistas que atuaram nas Capelas dos Passos de Tiradentes demonstraram uma predileção para as representações pictóricas, enquanto as de Ouro Preto e Mariana para as cenas escultóricas. As Capelas dos Passos de Tiradentes são:

> Todos dotados de arquitetura bem singular, porém, a decoração interna recebeu mais atenção, com os retábulos trabalhados artisticamente pelos entalhadores João Ferreira Sampaio e Salvador de Oliveira e tetos atribuídos a Antônio Caldas.[71] A ornamentação pictórica atribuída a Manoel Victor de Jesus no Passo da Rua Direita com Largo do Sol apresenta o conjunto de estilemas desse pintor. Em ambos, há estreito diálogo entre a talha, a pintura e a arquitetura. (CRUZ, 2021, p. 243)

As esculturas processionais de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores relacionadas a essa devoção se encontram respectivamente no altar lateral da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos na Matriz de Santo Antônio e no altar da sacristia na Capela de São João Evangelista.

A também pioneira Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Vila de São José del-Rei, contribuiu para a fundação e devoção à Paixão de Cristo e as suas práticas religiosas em Tiradentes, foi responsável pela encomenda de esculturas e objetos litúrgicos, realização das primeiras procissões, construção e manutenção de sua capela própria. Depois se abrigou no altar lateral da Matriz e construiu as Capelas dos Passos. Destacamos inicialmente a contratação dos primeiros artífices Pedro

[71] Para Cruz (2021), esse artífice português, que atuou na Matriz de Santo Antônio junto da oficina de João Ferreira Sampaio, tem resquícios de pinturas artísticas atribuídas a ele nos tetos dos Passos da Cadeia e do Largo do Ó, que possuem uma cartela e cercadura com elementos geométricos e fitomórficos. Essas são indícios de que todos os Passos também tinham pinturas e que provavelmente foram perdidas.

Monteiro, João Ferreira Sampaio, Francisco da Silva Nunes e Francisco Xavier de Souza. Posteriormente, a atuação de Manoel Afonseca, Manoel da Costa, Bento Gonçalves, Luiz da Silva Saraiva, João Damasceno, Antônio dos Santos e Antônio Caldas, que também foram relevantes, assim como Salvador de Oliveira e Manuel Victor de Jesus.

A Irmandade adicionou a devoção de Nossa Senhora das Dores ao culto do Nosso Senhor dos Passos, dinamizou as antigas práticas e manteve suas procissões. Desativou e construiu novas capelas. Posteriormente, foi extinta, mas o seu culto permaneceu e ficou sob a responsabilidade da Paróquia de Santo Antônio com a participação de provedores e outras Irmandades Religiosas, até ser ativa novamente na contemporaneidade.

Sendo este apenas mais um recorte dessa prática religiosa em Minas Gerais consideramos para a última análise a atuação de outra Irmandade de Nosso Senhor dos Passos mineira na localidade de São João del-Rei apresentada no item seguinte. Sendo assim, essas quatro cidades representantes abarcam informações suficientes para representação da Paixão de Cristo e as Dores de Maria em Minas Gerais

2.4.4. A construção das Capelas dos Passos da Paixão de Cristo e das Dores de Maria em São João del-Rei

Em 1733, a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos na Vila de São João del-Rei obteve sua fundação a partir do seu Livro de Compromissos[72], onde ficou demonstrado também que essa associação religiosa difundiu inicialmente no século XVIII, as festas de Devoção e Exaltação à Santa Cruz.[73] Essas era solenidades

[72] AEDSJDR. Livro de Compromissos da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos 1733. São João del-Rei: Arquivo Eclesiático da Diocese de São João del-Rei, Setor Catedral Basílica de Nosso Senhora do Pilar, Cap. 10, fl. 12 verso e fl. 13 verso.

[73] As primeiras festas de Devoção e Exaltação à Santa Cruz foram realizadas na Vila de São João del-Rei nos dias 03 de maio e 14 de setembro de 1733 (Idem, fl. 13). Sobre esse assunto registramos que na contemporaneidade, essas mesmas festas ainda são comemoradas na atual cidade de São João del Rei.

importantes na época para a Igreja e se comemoravam nelas os achados dos restos da Cruz[74] de Jesus Cristo por Santa Helena, a mãe do Imperador Constantino.

Ainda se relatou na mesma referência anterior que a Irmandade realizou a Procissão dos Passos, que ocorreu no quarto Domingo da Quaresma, com uma Missa Solene pela manhã cantada na frente do seu altar na Matriz do Pilar. E pela tarde do mesmo domingo, houve a via sacra, com a retirada da escultura de Nosso Senhor dos Passos da Matriz sobre um andor, até a Capela de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, que depois foi recolhida na Matriz.

As primeiras orações e procissões dessa prática religiosa foram realizadas provavelmente em altares improvisados nas ruas da Vila de São João del-Rei, que representavam as cenas da Paixão de Cristo em seu Calvário.

Com o passar do tempo, a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos da Vila de São João del-Rei privilegiou as celebrações da Quaresma e Semana Santa como sua solenidade principal. Devido a isto, as festas de Devoção e Exaltação à Santa Cruz foram consequentemente celebrações secundárias por ela promovida.

Foi na segunda metade do século XVIII, que a Irmandade construiu hipoteticamente o seu altar lateral na Matriz do Pilar[75] e as Capelas do Passos na Vila de São João del-Rei. As primeiras Capelas configuram o número de cinco e se tornaram os novos altares para as antigas orações e procissões das vias sacras externas. As suas localizações determinaram também um novo trajeto processional. Corroborando com a citação de que antes haviam “Alguns oratórios públicos e a presença dos símbolos católicos se notabilizam, como a inserção da cruz na porta das casas, todos esses tidos como uma proteção contra qualquer adversidade. Os atuais Passinhos, só começaram a ser construídos no último quartel do século XVIII.” (DANGELO, BRASILEIRO, ARAÚJO, 2023, p. 49)

---

[74] Resende, Viegas, Barbosa e Lombardi (2023) indicam que uma das tradições da Irmandade do Senhor dos Passos de São João del-Rei relativas às festas de Santa Cruz, consiste na bênção de pequenas cruzes de madeira no dia 3 de maio, que são depois distribuídas para os fiéis levarem as suas casas. Onde essas mesmas cruzes são então enfeitadas ao gosto de cada um e fixadas nas portas de entrada, para a proteção dos seus moradores.

[75] “São insatisfatórias as informações sobre o processo de feitura dos retábulos laterais. (...), cujo silêncio dos testemunhos documentais impedem que sejam procedidas explanações mais consistentes, sobre datas e autorias.” (PEDROSA, 2019, p. 286)

Considerando que os livros da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos da Vila de São João del-Rei do início do século XVIII estão desaparecidos ou deteriorados, não foram encontrados, por isso, durante a consulta ao Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João del-Rei, a época de construção, despesas e os artífices contratados para a construção do altar e das Capelas dos Passos. Por isso, os livros da Irmandade mais acessados corresponderam ao último quartel dos setecentos em diante.

Entretanto, o único Livro de Receitas e Despesas parcialmente com condições de ser consultado do setecentos relatou o serviço de Manuel Tavares, sendo que a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos o remunerou por madeiras para a Capela do Passo na rua da Prata e pagou também a Antônio Francisco Sarzedo, pela execução de uma cruz de pedra para uma capela e nesse caso, não há indicação para qual delas essa foi encomendada.

A Capela do Passo na rua da Prata é a que aparece no documento mais antigo examinado da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos e por isso provavelmente foi a primeira a ser executada em São João del-Rei.

Os seguintes Livros da Irmandade consultados já do oitocentos foram: o Livro de Receitas e Despesas de 1811-1858, o Livro de Recibos e Certidão de Missa de 1845-1916 e o Livro de Deliberações de 1868-1894. Todos esses demonstram serviços de manutenção nas Capelas dos Passos. Conforme registrado, adiante.

No Livro de Receitas e Despesas de 1811-1858, verificou-se:

> (...) , se pagou por reformas e consertos nos Passos. Entre os anos de 1813 e 1814, ocorreram dois reparos no Passo da rua São Miguel, um na porta realizado por Francisco Pereira Bastos e outro na cantaria, realizado por Aniceto de Souza Lopes[76]. Em 1815, o secretário da Irmandade do Senhor dos Passos pagou ao Capitão Gervásio José de Souza por um quadro para o Passo do Largo do Rosário, que em 2023, conforme relatado por representantes da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar de São João del-Rei, encontra-se desaparecido. No mesmo período, a Irmandade gastou

[76] AEDSJDR. Livro de Receitas e Despesas da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos, 1811 - 1858. São João del-Rei: Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João del-Rei, Setor Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar, fl. 14).

> também com reparos no Passo da rua da Prata[77]. Nos anos de 1840 e 1841, a Irmandade gastou com a manutenção dos Passos, em serviços de capina do Passo da Câmara[78] e pagou a João Ribeiro Bastos e a João José de Oliveira, esse último zelador do Passo da rua da Prata e que havia usado de seu próprio dinheiro para serviços no Passo, por "olear" a porta e "retelhar" o mesmo.[79]

No respectivo Livro as Capelas dos Passos na rua São Miguel, no Largo do Rosário, na rua da Prata e no Largo da Câmara são citados, indicando assim a existência de quatro Capelas já executadas e em uso em São João del Rei no início do século XIX.

No Livro de Recibos e Certidões de Missa de 1845-1916, constatou-se:

> (...), na década de 1850 se gastou com despesas com o Passo da rua São Miguel, por serviços feitos por Francisco de Paula Modesto[80]. Em 1862, foram feitos consertos e compradas novas portas para o Passo da rua da Prata e para o Passo da rua Direita, por isso se pagou a Antônio José Dias Bastos[81]. No ano de 1868, a Irmandade gastou com o conserto do Passo do Largo do Rosário, e pagou a Martiniano Ribeiro Bastos[82]. Dois anos depois os Passos[83] receberam pintura novamente. No ano de 1871, pagou também a Joaquim Ernesto Coelho pela pintura de dois Passos.[84] Em 1872 se pagou a Joaquim de Santa Bárbara por tábuas, pregos, óleo e feitio da porta do Passo da rua da Prata[85]. Em 1884, a Irmandade gastou com reparos no Passo da rua Resende Costa (antiga rua São Miguel), e pagou ao carpinteiro, que não teve seu nome indicado no recibo, e também a Joaquim Francisco de Assis Pereira[86], sendo este um importante artista do século XIX na cidade de São João del-Rei. Neste mesmo ano também gastou com uma banqueta para o altar da rua da Prata, feita por Luis Baptista Lopes[87]. Em 1885, indicou que o Passo do Largo do Rosário foi reparado[88]. No ano de 1887 se pagou por outro serviço de reparo no mesmo Passo e também no do Passo do Largo Câmara, feitos por Laurindo Vieira da Costa[89]. Nesse mesmo ano também foi consertada a cantaria do Passo da rua da Prata, trabalho feito por Gabriel Pereira Amorim[90], artífice responsável pelas obras do adro da igreja de São Francisco de Assis em São João del Rei. No ano de 1888, no mesmo Livro anterior, o já mencionado Luis Baptista Lopes recebeu por fazer outra banqueta, porém, sem identificação de qual era o

---

[77] Idem, fl. 16.
[78] Idem, fl. 111 verso.
[79] Idem, fl. 112 verso.
[80] AEDSJDR. Livro de Recibos e Certidões de Missa da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos, 1845 - 1916. São João del-Rei: Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João del-Rei, Setor Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar, fl. 21.
[81] Idem, fl 29 verso.
[82] Idem, fl 41 verso.
[83] Idem, fl 45.
[84] Idem, fl 46 verso.
[85] Idem, fl. 47.
[86] Idem, fl 65 verso.
[87] Idem, fl 66.
[88] Idem, fl 68.
[89] Idem, fl 70.
[90] Idem, fl 71.

> seu local de destino[91]. Também se pagou a Francisco José de Oliveira Barreto pela pintura do Passo da rua da Prata.[92]

No respectivo Livro dos meados do século XIX e início do século XX, as Capelas dos Passos existentes citadas foram: Capela do Passo na rua São Miguel, Capela do Passo na rua da Prata, Capela do Passo na rua Direita, Capela Passo no Largo do Rosário e Capela do Passo no Largo Câmara, indicando assim a existência de cinco Capelas do Passos já executadas e em uso em São João del Rei. Ressaltamos que possivelmente a Capela Passo na rua Direita, citado nos registros da Irmandade, é assim mais recente que os quatros demais. Constatamos também que foi respeitada em São João del-Rei a prática de execução de cinco capelas.

No Livro de Deliberações de 1868-1894, nota-se:

> (...) em Termo de reunião do dia 08 de setembro de 1871, ficou decidido se fazer a festa, assim como se fazer concertos em alguns Passos[93]. No ano de 1872 foi doado um painel para os Passos[94], porém sem identificação de qual seria a cena representada.

No Livro citado, verifica-se ainda serviços de manutenção nas Capelas dos Passos e o seu dinamismo ao receber um quadro de 1872 para compor sua narração interna.

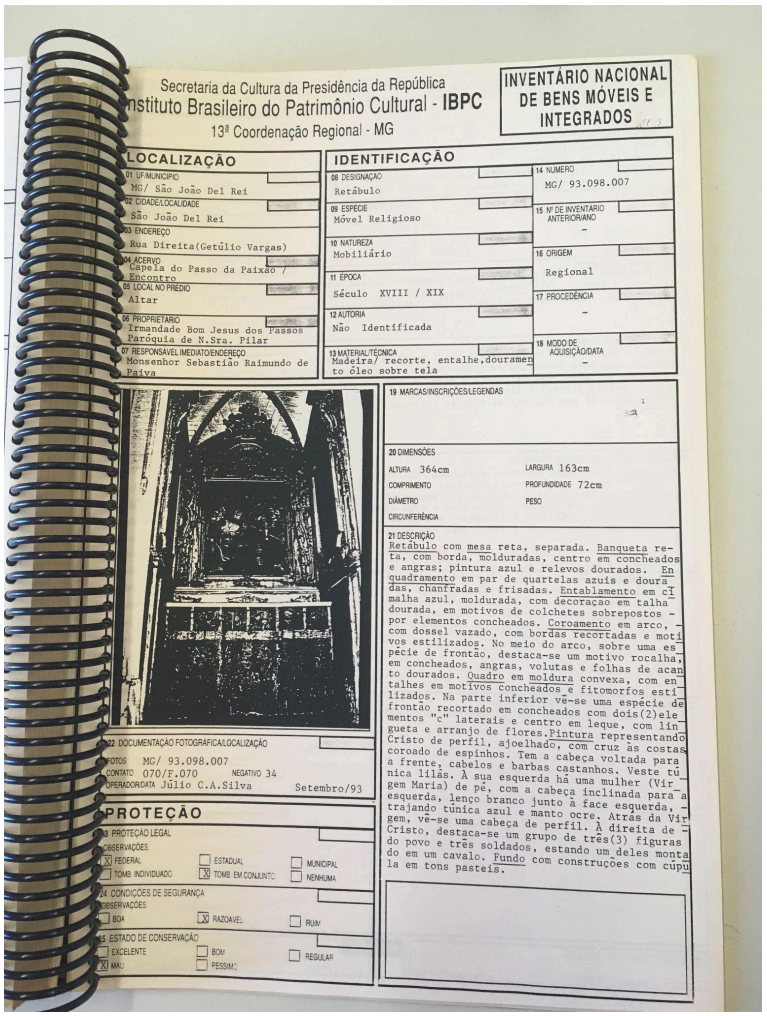
Todos os três documentos acima demonstram a manutenção das Capelas dos Passos de São João del-Rei pela Irmandade de Nosso Senhor dos Passos, que realizou diversos serviços e contratou vários profissionais para a sua execução.

Com o intuito de se mimetizar as lacunas sobre a época de construção das Capelas dos Passos de São João del-Rei se realizou também interpretações das informações presentes no Inventário do IPHAN realizado em 1994. Seguem como exemplo, os registros das folhas frente e verso (Figura 53 e Figura 54) dessa pesquisa referentes a Capela do Passo na rua Getúlio Vargas.

---

[91] Idem, fl 71 verso.
[92] Idem, fl 72.
[93] AEDSJDR. Livro de Deliberações da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos, 1868 - 1893. São João del-Rei: Arquivo Eclesiático da Diocese de São João del-Rei, Setor Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar, fl.4.
[94] Idem, fl 4 verso.

Figura 53 - Frente - Folha do Inventário do IPHAN referente a Capela do Passo na rua Getúlio Vargas, São João del Rei/MG, 1994.



Secretaria da Cultura da Presidência da República
Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural - IBPC
13ª Coordenação Regional - MG

INVENTÁRIO NACIONAL DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS

LOCALIZAÇÃO
01 UF/MUNICÍPIO: MG/ São João Del Rei
02 CIDADE/LOCALIDADE: São João Del Rei
03 ENDEREÇO: Rua Direita(Getúlio Vargas)
04 ACERVO: Capela do Passo da Paixão / Encontro
05 LOCAL NO PREDIO: Altar
06 PROPRIETÁRIO: Irmandade Bom Jesus dos Passos Paróquia de N.Sra. Pilar
07 RESPONSÁVEL IMEDIATO/ENDEREÇO: Monsenhor Sebastião Raimundo de Paiva

IDENTIFICAÇÃO
08 DESIGNAÇÃO: Retábulo
09 ESPÉCIE: Móvel Religioso
10 NATUREZA: Mobiliário
11 EPOCA: Século XVIII / XIX
12 AUTORIA: Não Identificada
13 MATERIAL/TÉCNICA: Madeira/ recorte, entalhe,douramento óleo sobre tela
14 NUMERO: MG/ 93.098.007
15 Nº DE INVENTÁRIO ANTERIOR/ANO: -
16 ORIGEM: Regional
17 PROCEDÊNCIA: -
18 MODO DE AQUISIÇÃO/DATA: -

19 MARCAS/INSCRIÇÕES/LEGENDAS

20 DIMENSÕES
ALTURA 364cm
LARGURA 163cm
COMPRIMENTO
PROFUNDIDADE 72cm
DIÂMETRO
PESO
CIRCUNFERÊNCIA

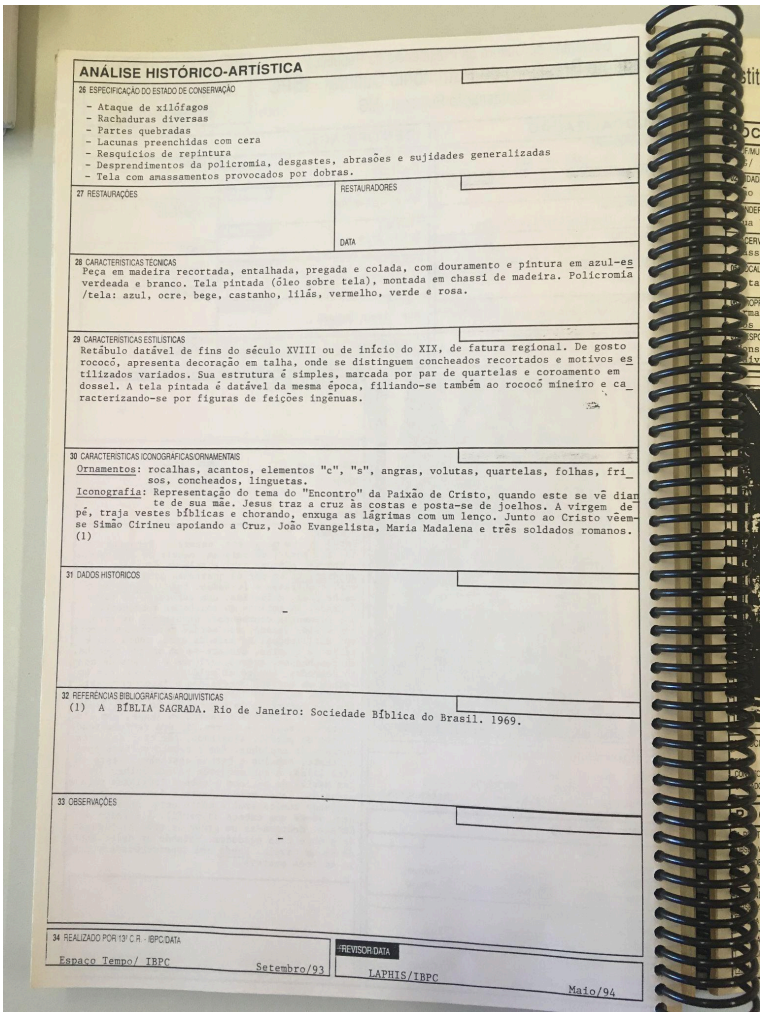
21 DESCRIÇÃO
Retábulo com mesa reta, separada. Banqueta reta, com borda, molduradas, centro em concheados e angras; pintura azul e relevos dourados. Enquadramento em par de quartelas azuis e douradas, chanfradas e frisadas. Entablamento em cimalha azul, moldurada, com decoraçao em talha dourada, em motivos de colchetes sobrepostos por elementos concheados. Coroamento em arco, com dossel vazado, com bordas recortadas e motivos estilizados. No meio do arco, sobre uma espécie de frontão, destaca-se um motivo rocalha, em concheados, angras, volutas e folhas de acanto dourados. Quadro em moldura convexa, com entalhes em motivos concheados e fitomorfos estilizados. Na parte inferior vê-se uma espécie de frontão recortado em concheados com dois(2) elementos "c" laterais e centro em leque, com lingueta e arranjo de flores. Pintura representando Cristo de perfil, ajoelhado, com cruz às costas coroado de espinhos. Tem a cabeça voltada para a frente, cabelos e barbas castanhos. Veste túnica lilás. À sua esquerda há uma mulher (Virgem Maria) de pé, com a cabeça inclinada para a esquerda, lenço branco junto à face esquerda, trajando túnica azul e manto ocre. Atrás da Virgem, vê-se uma cabeça de perfil. À direita de Cristo, destaca-se um grupo de três(3) figuras do povo e três soldados, estando um deles montado em um cavalo. Fundo com construções com cúpula em tons pasteis.

22 DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA/LOCALIZAÇÃO
FOTOS MG/ 93.098.007
CONTATO 070/F.070 NEGATIVO 34
OPERADOR/DATA Júlio C.A.Silva Setembro/93

PROTEÇÃO
23 PROTEÇÃO LEGAL
OBSERVAÇÕES
[X] FEDERAL [ ] ESTADUAL [ ] MUNICIPAL
[ ] TOMB. INDIVIDUADO [X] TOMB. EM CONJUNTO [ ] NENHUMA
24 CONDIÇÕES DE SEGURANÇA
OBSERVAÇÕES
[ ] BOA [X] RAZOAVEL [ ] RUIM
25 ESTADO DE CONSERVAÇÃO
[ ] EXCELENTE [ ] BOM [ ] REGULAR
[X] MAU [ ] PESSIMO

Fonte: Arquivo do Escritório Técnico de São João del-Rei do IPHAN em Minas Gerais.

Figura 54 - Verso - Folha do Inventário do IPHAN referente a Capela do Passo na rua Getúlio Vargas, São João del Rei/MG, 1994.



ANÁLISE HISTÓRICO-ARTÍSTICA

26 ESPECIFICAÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

- Ataque de xilófagos
- Rachaduras diversas
- Partes quebradas
- Lacunas preenchidas com cera
- Resquícios de repintura
- Desprendimentos da policromia, desgastes, abrasões e sujidades generalizadas
- Tela com amassamentos provocados por dobras.

27 RESTAURAÇÕES

RESTAURADORES

DATA

28 CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS

Peça em madeira recortada, entalhada, pregada e colada, com douramento e pintura em azul-esverdeada e branco. Tela pintada (óleo sobre tela), montada em chassi de madeira. Policromia /tela: azul, ocre, bege, castanho, lilás, vermelho, verde e rosa.

29 CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICAS

Retábulo datável de fins do século XVIII ou de início do XIX, de fatura regional. De gosto rococó, apresenta decoração em talha, onde se distinguem concheados recortados e motivos estilizados variados. Sua estrutura é simples, marcada por par de quartelas e coroamento em dossel. A tela pintada é datável da mesma época, filiando-se também ao rococó mineiro e caracterizando-se por figuras de feições ingênuas.

30 CARACTERÍSTICAS ICONOGRÁFICAS/ORNAMENTAIS

Ornamentos: rocalhas, acantos, elementos "c", "s", angras, volutas, quartelas, folhas, frisos, concheados, linguetas.

Iconografia: Representação do tema do "Encontro" da Paixão de Cristo, quando este se vê diante de sua mãe. Jesus traz a cruz às costas e posta-se de joelhos. A virgem de pé, traja vestes bíblicas e chorando, enxuga as lágrimas com um lenço. Junto ao Cristo vêem-se Simão Cirineu apoiando a Cruz, João Evangelista, Maria Madalena e três soldados romanos. (1)

31 DADOS HISTÓRICOS

-

32 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS/ARQUIVÍSTICAS

(1) A BÍBLIA SAGRADA. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil. 1969.

33 OBSERVAÇÕES

-

34 REALIZADO POR (1)/ C.R. - IBPC/DATA

Espaço Tempo/ IBPC Setembro/93

REVISOR/DATA

LAPHIS/IBPC Maio/94

Fonte: Arquivo do Escritório Técnico de São João del-Rei do IPHAN em Minas Gerais.

Segundo o Inventário citado, a Capela do Passo na rua da Prata, possui uma escultura que é provavelmente do século XVIII, assim como o frontão do seu altar. Já o retábulo e a sua pintura central com o tema “A cidade de Jerusalém” são do século XX. Nas suas paredes laterais existem duas pinturas de arranjos florais, com molduras de rocalhas**,** que são da época mais recente. Essa provavelmente é a mais antiga do conjunto das Capelas dos Passos de São João del-Rei.

A Capela do Passo no Largo do Rosário, situada na rua Getúlio Vargas (antiga rua Direita), possui retábulo do século XVIII e é atribuída a Salvador de Oliveira. No

entanto, ocorreram intervenções nessa capela durante os séculos XIX e XX, por isso a sua ornamentação pictórica é do século XX, sendo a sua autoria do artífice Pedro Paulo Viegas. Nessa capela, também foram inseridas duas cenas laterais pictóricas com os temas: “A Flagelação de Jesus Cristo” e “Pilatos lavando as mãos”.

Registra-se que próximo a essa Capela do Passo encontra-se a antiga Cadeia da Vila São João del-Rei (atual Museu de Arte Sacra)[95] e em frente a ela, há a Capela de Nossa Senhora da Piedade e do Bom Despacho, que não é utilizada nas vias sacras externas da Paixão de Cristo. Sendo assim essa cidade apresenta também a prática nas Minas Gerais colonial de se fazer uma capela para rezar missas aos presos próximo a Cadeia.

Segundo o mesmo Inventário, a Capela do Passo no Largo da Câmara e próxima à Capela de Nosso Senhora das Mercês de São João del-Rei, possui retábulo do século XVIII. Mas apresenta intervenções em suas pinturas do século XX de autoria do mesmo artista da capela anterior. Nessa capela, também foram inseridas duas cenas laterais pictóricas, com os temas: “A Queda de Jesus Cristo” e a “*Arma Christi*”.

A Capela do Passo na rua Resende Costa (antiga rua São Miguel), foi demolida possivelmente durante uma reforma urbana na cidade de São João del-Rei[96] e por isso, os seus materiais foram reciclados na construção de uma nova Capela do Passo situada no Largo da Cruz. Essa possui um retábulo do século XVIII, assim como a sua cena central. Já a pintura da mesa do altar é do século XIX. Nela também foram inseridas duas cenas laterais pictóricas, com os temas: “Crucificação de Jesus Cristo” e “*Ecce Homo”,* ambas da autoria de Pedro Paulo Viegas.

---

[95] “A Cadeia se fixou em frente à Capela da Piedade e do Bom Despacho, próxima à Matriz, em área hoje ocupada pelo Museu de Arte Sacra, localização estratégica para que os presos pudessem assistir à Santa Missa. Sabemos, pela documentação, da presença de um beco, ao lado dessa cadeia, que conduzia à parte posterior da Matriz, local chamado, ainda hoje, de Muxinga, que significa lugar de açoite. Naquele período, não constava a atual rua ao lado da Matriz, só aberta pelo Senado da Câmara a partir de 1815, para facilitar o acesso, com maior comodidade, das procissões e dos cidadãos ao Largo da Câmara.” (DANGELO, BRASILEIRO, ARAÚJO, 2023, p. 49)

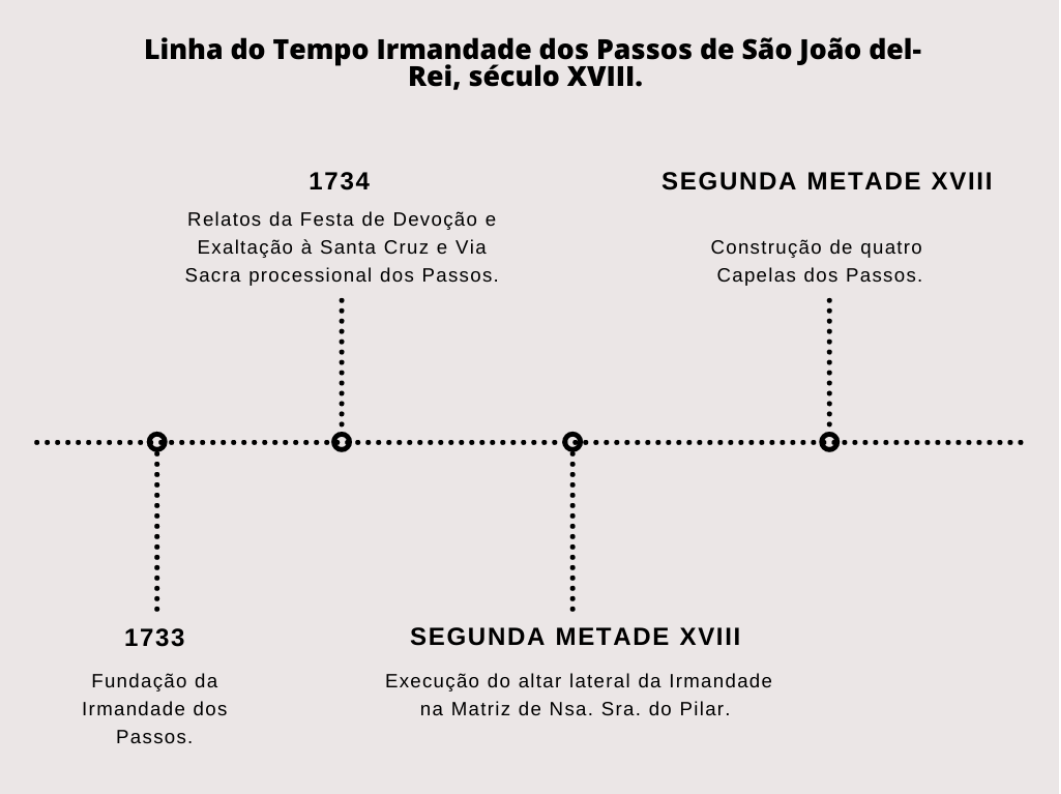
[96] “A área, agora denominada como centro histórico da cidade, apresentava uma densidade superior à atual, já que não existia nem o corrente Largo da Cruz e nem a Praça Salatiel, resultante das demolições de quadras principiadas entre 1914 e 1918.” (DANGELO, BRASILEIRO, ARAÚJO, 2023, p. 49)

A última Capela do Passo, conforme também ao Inventário, situada na rua Getúlio Vargas (antiga rua Direita) e também próxima a Igreja de Nossa Senhora do Carmo de São João del-Rei**,** é a único capela que ainda preserva características de unidade em sua leitura, já que tanto o retábulo e a mesa do altar, quanto a pintura da cena central e das cenas laterais com o tema dos “Anjos dos Martírios” foram executados no fim do século XVIII ou início do XIX. A sua talha é atribuída a Salvador de Oliveira, o mesmo entalhador que produziu a talha da Capela do Passo no Largo do Rosário, além da portada e balaustrada da Matriz de Santo Antônio em Tiradentes.

No mesmo Inventário também há informações da época de construções dos frontões das Capela dos Passos que são as seguintes: a das Capelas do Passos na rua da Prata, no Largo do Rosário e no Largo da Cruz são do fim do século XVIII. A Capela do Passo na rua Direita é do final do século XVIII e início do século XIX. E Capela do Passo das Mercês, o frontão é do século XIX. Os quatros primeiros frontões são de pedras, indicando a atuação de mestres canteiros na região, pois suas cantarias são trabalhadas com esmero técnico e artístico.

Na Linha do Tempo de São João del-Rei referente ao século XVIII (Figura 55) demonstramos a fase de atuação da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos e a construção das Capelas dos Passos.

Figura 55 - Linha do Tempo Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de São João del-Rei, século XVIII.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Quanto à implantação, a primeira Capela do Passo, a na rua da Prata, está localizada entre o Conservatório de Música e uma edificação antiga na rua Padre José Maria Xavier (antiga rua da Prata). Sua arquitetura é a mais suntuosa do conjunto de cinco capelas. Essa foi a primeira a ser construída na segunda metade do século XVIII.

A segunda capela, no Largo do Rosário ou na Praça Duque de Caxias, está implantada em uma edificação na rua Getúlio Vargas (antiga rua Direita). Sua época de construção provável é do fim do século XVIII e início do século XIX.

A terceira Capela do Passo, no Largo da Câmara ou no Largo do Pelourinho, está implantada ao lado da Casa do Barão de Itambé - Francisco José Teixeira. Além

disso, está nas proximidades da Capela de Nossa Senhora das Mercês. Sua época de construção provável é do fim do século XVIII e início do século XIX.

A quarta Capela do Passo, no Largo da Cruz, está implantada em uma edificação. Esse possui uma época de construção similar a da Capela do Passo no Largo do Rosário. Especula-se que as duas foram construídas ou reformadas pelos mesmos artífices, por causa de suas similaridades arquitetônicas.

Seguem os registros fotográficos realizados pelo IPHAN da Capela do Passo do Carmo por volta de 1940 (Figura 56 e Figura 57).

Figura 56 - Capela do Passo do Carmo, São João del-Rei - Minas Gerais.



Fonte: Arquivo Noronha Santos, IPHAN, década de 1940.

Figura 57 - Capela do Passo do Carmo com a Igreja do Carmo nos fundos, São João del-Rei - Minas Gerais.



Fonte: Arquivo Noronha Santos, IPHAN, década de 1940.

Todas as Capelas dos Passos de Tiradentes e São João del-Rei possuem cruzes em seu coroamento.

Os registros relativos à fatura das Capela dos Passos demonstram que a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de São João del Rei se ocupou provavelmente da construção das mesmas durante o fim do século XVIII até o início do século XIX. Atestam também que houve mudança na localização de uma delas, sendo a Capela do Passo na rua São Miguel deslocada para o Largo da Cruz, além de um relevante dinamismo em suas ornamentações e também nas alterações dos seus trajetos processionais.

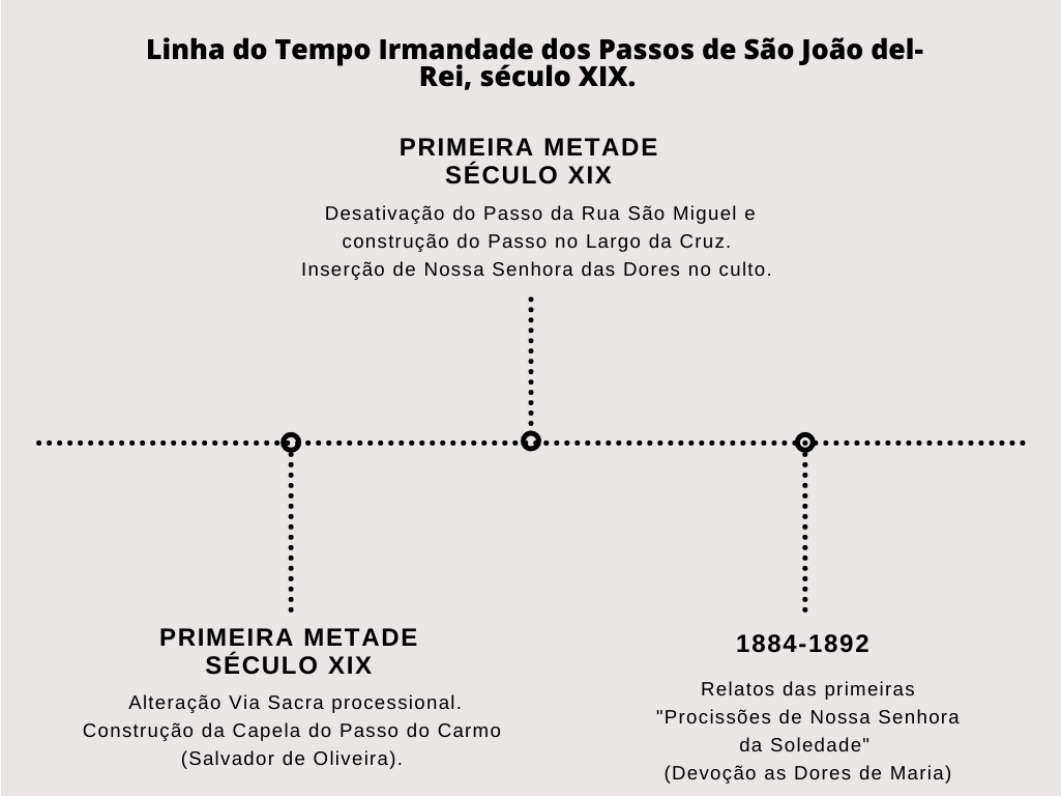
A Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de São João del-Rei está ativa há 290 anos, possui cerca de 500 membros e permanece até a contemporaneidade, sem interrupções em suas práticas religiosas. Isto demonstra que a atuação da Paróquia de Nosso Senhora do Pilar em promover o seu culto com maior rigidez e disciplina aos católicos nessa cidade, contribuiu para a preservação das suas tradições em relação às demais cidades. Conforme:

> No conjunto das cidades históricas mineiras, São João del-Rei é especial, sendo uma das poucas onde rituais católicos extintos sobrevivem com

> vitalidade. A identificação da comunidade com essas celebrações talvez seja a chave para se explicar a longevidade dessa tradição. Ao longo dos tempos, os sanjoanenses envolvidos na realização dessas solenidades cumprem ardorosamente suas funções, desenvolvendo saberes próprios, perpetuados de geração a geração. (ASSUMPÇÃO, VIEGAS JÚNIOR, LOMBARDI, 2018)

Na Linha do Tempo de São João del-Rei referente ao século XIX (Figura 58) demonstramos a fase de construção das Capelas dos Passos.

Figura 58 - Linha do Tempo Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de São João del-Rei, século XIX.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Por certo, as cinco Capela dos Passos da Paixão de Cristo em uso observadas em 2023 na cidade de São João del Rei, vem sendo utilizadas pela Irmandade de Nosso Senhor dos Passos desde a segunda metade do século XVIII e início do século XIX. Em cada um delas é possível observar as seguintes representações:

1ª) Escultura de Senhor dos Passos com “a Cruz às costas” com o tema (Queda de Jesus Cristo), situada na Capela do Passo na rua da Prata - inserida num retábulo

de madeira com técnicas de pintura de “fingimentos da talha”[97], que ao fundo possui um pintura da cidade de Jerusalém;

2ª) Pintura de cena com o tema (Jesus consola as mulheres de Jerusalém), localizada na Capela do Passo na rua Direita ou no Largo do Rosário - inserida no retábulo de madeira com pinturas artísticas;

3ª) Pintura de cena com o tema (Encontro de Jesus Cristo e Maria), situada na Capela do Passo das Mercês ou no Largo da Câmara - inserida no retábulo de madeira com pinturas artísticas. Em frente a essa capela que se realiza o “Encontro” entre as duas imagens envolvidas em seu culto, o Nosso Senhor dos Passos e a Nossa Senhora das Dores;

4ª) Pintura de cena com o tema (Verônica Enxuga o rosto de Jesus Cristo), localizada na Capela do Passo no Largo da Cruz - inserida no retábulo de madeira com pinturas artísticas;

5ª) Pintura de cena com o tema (Simão, o Cirineu ajuda a carregar a Cruz de Jesus Cristo), situada na Capela do Passo do Carmo ou na Rua Direita - inserida no retábulo de madeira com pinturas artísticas. Essa Capela do Passo é a única do conjunto de cinco que se encontra inserida de maneira chanfrada em uma edificação.

Os artífices das Capelas Passos em São João del-Rei também apresentam predileção as cenas pictóricas com os de Tiradentes, apesar de em uma de suas capelas haver uma escultura do Nosso Senhor dos Passos. Além disso, há também a prática da inserção de pequenas esculturas durante os cultos nas capelas.

A cenografia religiosa representada nos Passos das cidades de Tiradentes e João del-Rei são semelhantes. As seguintes cenas são: pinturas das cenas (Queda de Jesus Cristo), pinturas das cenas (Verônica Enxuga o rosto de Jesus Cristo), pinturas das cenas (Encontro de Jesus Cristo e Maria) e pinturas das cenas (Simão, o Cirineu ajuda a carregar a Cruz de Jesus Cristo). As cenas divergentes são: cenas de Jesus Cristo com “a Cruz às costas” representada em Tiradentes e a de (Jesus consola as mulheres de Jerusalém) em São João del-Rei. Isso demonstra o acesso

[97] Peça de fatura recente, inspirada em modelos setecentistas. Apresenta tratamento despojado, marcado por recortes retos e curvos e por pinturas decorativas simulando talha rococó. (IPHAN, 1994)

dessas duas Irmandades às cenas fixadas pela Igreja no decreto papal já citado e relação próxima entre as cidades vizinhas.

Em fins do século XVIII e início do século XIX, a escultura de Nossa Senhora das Dores foi inserida no culto de São João del Rei. A partir de então foi instituída Procissão do Encontro das esculturas de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores, que ocorreu no quarto Domingo da Quaresma e permaneceu assim até 2023. As duas esculturas processionais ao longo do ano estão inseridas juntas, no altar lateral da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos na Matriz do Pilar, para devoção.

Em fins do século XIX, a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de São João del-Rei promoveu também a meditação das Sete Dores de Maria, depois seguida pela Procissão da Soledade. Essa prática religiosa tem origem, segundo os registros do Livro de Deliberações da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de 1868-1893, na realização de orações e uma primeira procissão, que ocorreu em 1884. Isto ocorreu às custas de alguns devotos, já que esses rogaram pelo uso da escultura de Nossa Senhora das Dores à Irmandade e também solicitaram que a mesma convidasse as demais Irmandades Religiosas, confrarias e Ordens Religiosas da cidade para a participação dos seus eventos. As orações de reflexão sobre as Dores de Maria foram realizadas durante sete dias seguidos e na última sexta-feira da Quaresma foi feita a sua procissão.[98] Depois, em 1891[99] e 1892[100], tais eventos passaram a ser oficiais nos calendários da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos, como ainda o é em 2023.

Isso demonstra o dinamismo da religião e os seus cultos, já que as Capelas dos Passos passaram a ser utilizadas em uma devoção complementar a da Paixão de Cristo.

---

[98] AEDSJDR. Livro de Deliberações da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos, 1868 - 1893. São João del-Rei: Arquivo Eclesiático da Diocese de São João del-Rei, Setor Catedral Basílica de Nosso Senhora do Pilar, fl.17.
[99] Idem, fls 23 e 23 verso.
[100] Idem, fls 24 e 24 verso.

A também pioneira Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Vila de São João del-Rei, contribuiu para a fundação e devoção à Paixão de Cristo e as suas práticas religiosas nessa cidade, foi responsável pela encomenda de esculturas e objetos litúrgicos, realização das primeiras procissões, construção e manutenção das Capelas dos Passos. Adicionou a devoção de Nossa Senhora das Dores ao culto do Nosso Senhor dos Passos, dinamizou as antigas práticas, manteve suas procissões centenárias e criou uma nova procissão. Desativou e reconstruiu uma Capela do Passo.

Sendo a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de São João del-Rei a única em Minas Gerais das cidades estudadas, a que se manteve ativa 290 anos, o seu culto consequentemente se preservou mais tradicional ao século XVIII, conforme descrito no Capítulo 3.

Considerando que essas quatro localidades representam o regionalismo do culto a Paixão de Cristo das Dores de Maria em Minas Gerais.

2.5. As formas de proteção das Capelas dos Passos em Minas Gerais

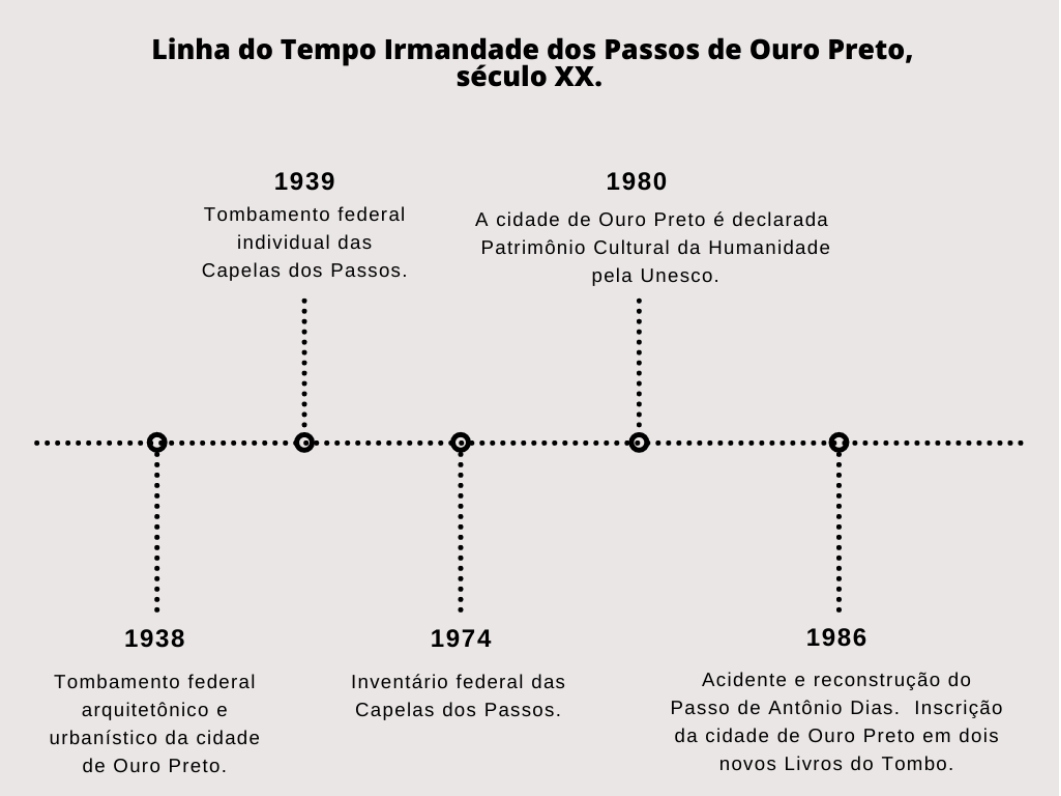
Destacamos as formas de proteção que ocorreram no século XX para as cidades e as Capelas dos Passos da Paixão de Cristo e das Dores de Maria de Ouro Preto, Mariana, Tiradentes e São João del-Rei. E apresentamos para cada uma dessas uma Linha do Tempo.

Na Linha do Tempo de Ouro Preto do século XX (Figura 59) se demonstrou a formas de proteção para as Capelas dos Passos de Ouro Preto. No ano de 1937, conforme Campos (2000), o governo brasileiro fundou o SPHAN – Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, com o intuito de proteger o Patrimônio Cultural do país. Entre suas primeiras medidas, o SPHAN (1938), realizou o tombamento do conjunto arquitetônico e urbanístico da cidade de Ouro Preto e sua respectiva inscrição no Livro de Tombo das Belas Artes, conforme Listagem do IPHAN (1938-2014). E as Capela dos Passos estão inseridas e protegidas dentro desse conjunto. O SPHAN (1939), promoveu o tombamento individual das Capelas dos Passos no mesmo Livro de Tombo, o que incentivou a conservação dos bens

imóveis e a divulgação da devoção à Paixão de Cristo e às Dores de Maria no território nacional.

No entanto, o IPHAN (1974), somente inventariou cada uma das Capelas dos Passos possibilitando o registro e a identificação da sua arquitetura e dos seus objetos devocionais, bem como a análise dos estados de conservação dos preditos bens. Segundo Campos (2000), no ano de 1980, a cidade de Ouro Preto foi declarada “Patrimônio Cultural da Humanidade” pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), o que atestou, valor histórico, estético, científico e antropológico do município em nível mundial, impactando-a com turismo de massa. Após reflexões promovidas pela “Carta de Veneza de 1964”, referentes a ampliação dos conceitos de paisagem urbana, o IPHAN (1986), se atribuiu novos valores ao conjunto arquitetônico e urbanístico da cidade de Ouro Preto, escrevendo-o no Livro de Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico e, também, no Livro de Tombo Histórico, conforme Listagem do IPHAN (1938-2014).

Figura 59 - Linha do Tempo Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Ouro Preto, século XX.



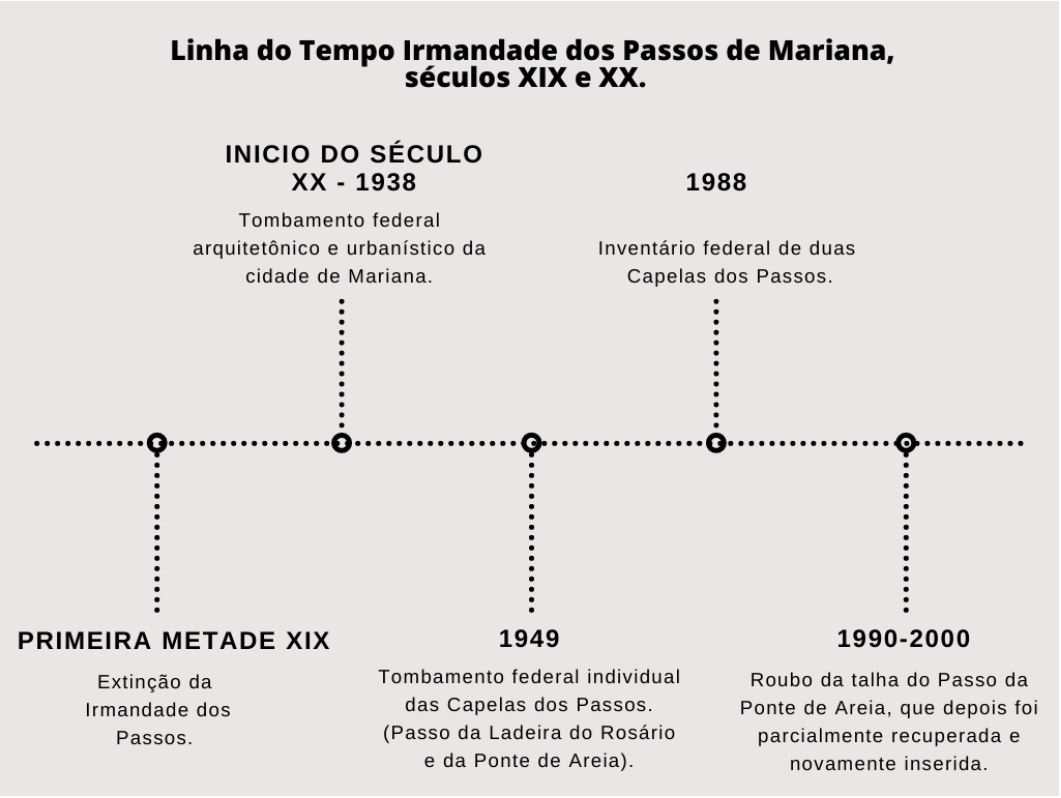
Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Toda a dinâmica acima descrita sobre as formas de proteção da cidade de Ouro Preto se reflete na preservação das Capelas dos Passos até a contemporaneidade.

Já na Linha do Tempo de Mariana nos séculos XIX e XX (Figura 60) se demonstrou as formas de proteção para as Capelas dos Passos de Mariana. O SPHAN (1938), realizou o tombamento do conjunto arquitetônico e urbanístico da cidade de Mariana e sua respectiva inscrição no Livro de Tombo das Belas Artes, conforme Listagem do IPHAN (1938-2014). Essa proteção de conjunto incluiu o conjunto das cinco capelas. O SPHAN (1949), fez o tombamento individual da Capela do Passo na Ponte de Areia e da Capela do Passo na Ladeira do Rosário, sendo essas duas capelas inscritas, também, no mesmo livro anterior, o que contribuiu, mais uma vez, para a divulgação do culto a Paixão de Cristo e às Dores de Maria, em âmbito nacional.

O IPHAN (1988), inventariou as duas capelas tombadas possibilitando o registro, a identificação da sua arquitetura e dos seus objetos devocionais, assim como a análise dos estados de conservação de ambas. A escolha da proteção de duas capelas, em detrimento de todas as cinco, trouxe consequências diversas ao atual estado de preservação do conjunto, sendo essas duas priorizadas em relação às demais. Reforçamos que durante as vivências *in loco* às capelas em 2023, notamos que as três capelas sem tombamento estavam em mau estado de conservação em relação às duas, que possuem proteção mais restritiva.

Figura 60 - Linha do Tempo Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Mariana, séculos XIX e XX.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

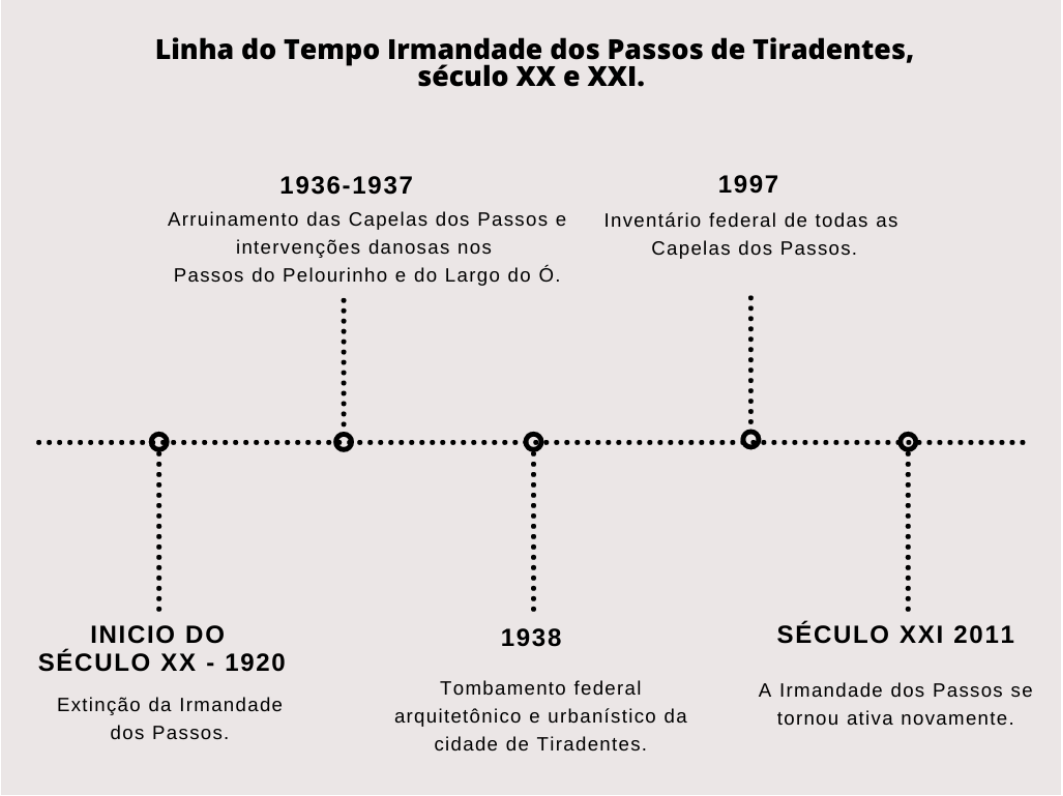
Toda a dinâmica acima descrita sobre as formas de proteção da cidade de Mariana se refletiram na preservação das Capela dos Passos até a contemporaneidade.

Já na Linha do Tempo de Tiradentes nos séculos XX e XXI (Figura 61) se demonstra que a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos foi extinta em 1920. E que depois, no início do século XXI as Capelas dos Passos estavam em péssimo estado de

conservação, por isso consequentemente duas dessas passaram por intervenções inadequadas. O SPHAN (1938), realizou o tombamento do conjunto arquitetônico e urbanístico da cidade de Tiradentes e sua respectiva inscrição no Livro de Tombo das Belas Artes. Essa proteção de conjunto incluiu também o conjunto das cinco capelas. Para essa cidade não foram encontradas durante essa pesquisa, iniciativas para o tombamento individual das capelas.

O IPHAN (1997), inventariou as cinco capelas, possibilitando o registro e a identificação da sua arquitetura e dos seus objetos devocionais, bem como a análise dos estados de conservação dos bens. Informamos, por fim, que no século XXI a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos voltou a ser ativa em Tiradentes, após 91 anos de sua extinção.

Figura 61 - Linha do Tempo Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Tiradentes, séculos XX e XXI.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

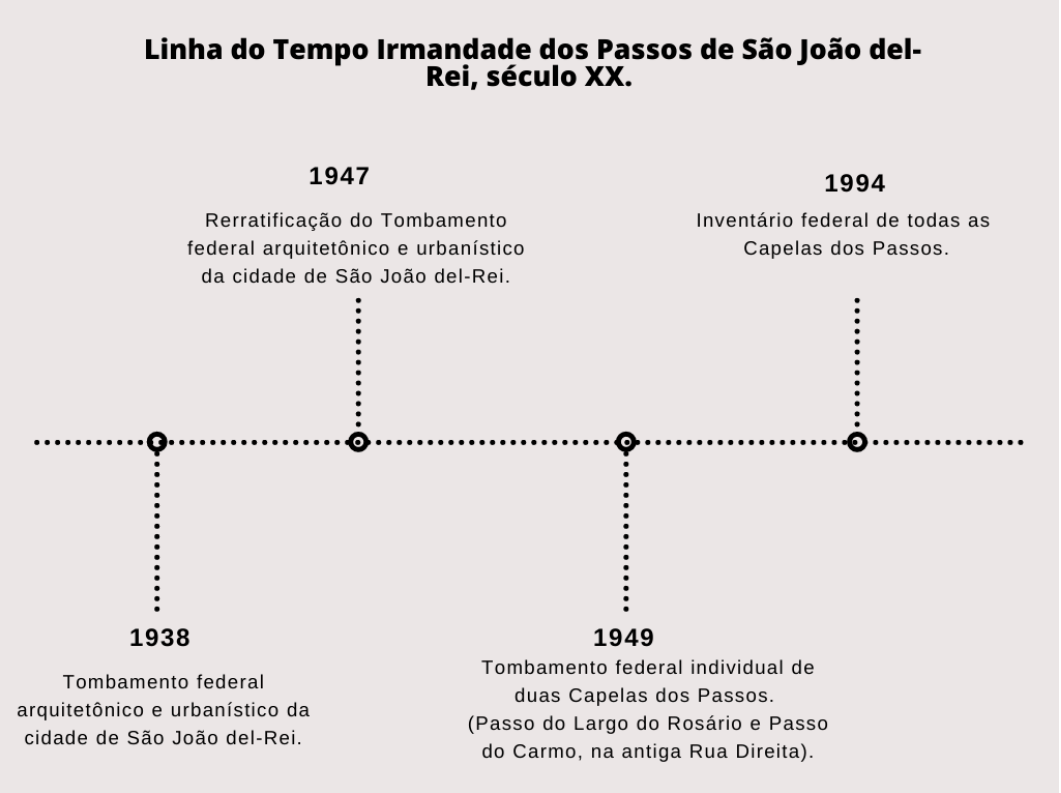
Além disso, as formas de proteção aplicadas à cidade de Tiradentes e a esses bens imóveis contribuíram para a preservação das Capelas dos Passos até 2023.

Na última Linha do Tempo de São João del-Rei do século XX (Figura 62) se demonstra a formas de proteção para as Capelas dos Passos de São João del-Rei. O SPHAN (1938), realizou o tombamento do conjunto arquitetônico e urbanístico da cidade de São João del-Rei e sua respectiva inscrição no Livro de Tombo das Belas Artes. Essa proteção de conjunto incluiu também o conjunto dos cinco capelas. O SPHAN (1947), realizou a ratificação do conjunto arquitetônico e urbanístico já protegido, alterando e diminuindo a área anteriormente tombada pela contestação dos seus moradores na época.

Mas as Capelas dos Passos continuaram dentro do perímetro de tombamento, que foi reduzido. O SPHAN (1949), realizou o tombamento individual de duas capelas que foram inscritas no Livro de Tombo das Belas Artes, sendo elas a Capela do Passo na rua Getúlio Vargas e a Capela do Passo na Praça Duque de Caxias. Promovendo mais uma vez a divulgação do culto ao Nosso Senhor dos Passos e as Dores de Maria em âmbito nacional. Ressalta-se que a escolha da proteção de duas capelas situadas na antiga rua Direita em detrimento de todas as cinco, trouxeram consequências diversas ao atual estado de preservação delas, sendo essas duas priorizadas em relação às demais.

O IPHAN (1994), inventariou as cinco capelas, possibilitando o registro e a identificação da sua arquitetura e dos seus objetos devocionais, bem como a análise dos estados de conservação das Capelas dos Passos.

Figura 62 - Linha do Tempo Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de São João del-Rei, século XX.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Além disso, as formas de proteção aplicadas à cidade de São João del-Rei e a esses bens imóveis contribuíram para a preservação das Capelas dos Passos até 2023.

Contudo, todas as formas de proteção, para as Capelas dos Passos estudadas, que se encontram nos conjuntos urbanos urbanos protegidos das cidades de Ouro Preto, Mariana, Tiradentes e São João del-Rei, receberam tombamentos arquitetônicos e urbanísticos em nível federal na década de 1930. Algumas delas receberam também proteções individuais arquitetônicas entre as décadas de 1930 a 1950. E depois a maioria delas foi inventariada entre as décadas de 1970 a 1990.

A primeira proteção valorizou os conjuntos da arquitetura e urbano iniciais coloniais de cada uma dessas quatro cidades e as capelas com as mesmas características estão neles inseridas. Depois, as outras duas formas de proteção significaram a

proteção propriamente dita das arquiteturas religiosas, seu interior e seus objetos de culto. Demonstrando a valorização e significância individual das mesmas e seus objetos de culto como relevantes.

Ressaltamos que as capelas não contempladas nas duas últimas formas de proteção citadas precisam da revisão pelo IPHAN, já que as capelas foram concebidas para funcionarem num conjunto de cinco em Minas Gerais, conforme comprovado nesta pesquisa. Por isso, sua proteção deve ser promovida em conjunto e em igualdade de valor e significado.

Registramos que em todas essas cidades há iniciativas de proteção para as Capelas dos Passos pelas municipalidades, mas a proteção no nível federal sendo a mais restritiva e antiga, por isso a que mais prevalece muitas vezes em relação a essas outras iniciativas.



Capela do Passo da Ponte de Areia - Mariana - Minas Gerais
Autoria: Isabelle Capanema

“Tão logo a Quaresma tem início, a atmosfera do centro histórico da cidade muda. Os católicos passam a meditar na Paixão. O novo tempo requer silêncio e recolhimento. A velha cidade então transforma o seu estado de ânimo. Na Quaresma, não se ouve mais dobres festivos, os altares são cobertos de púrpura, a cor da paixão predomina. Das igrejas barrocas saem as vias sacras e procissões, pedindo perdão e misericórdia. Tudo muda no itinerário barroco da paixão. As Capelas dos Passos, popularmente conhecidas como passinhos, durante o ano, se revelam. Os moradores decoram suas sacadas e janelas com toalhas rendadas para as procissões e com serragem, borra de café e areia confeccionam os artísticos tapetes de rua. Ao entrar nas igrejas sente-se o clima quaresmal: o cheiro dos rosmaninhos jogado no chão dos templos, o vaivém das irmandades, sacerdotes e coroinhas, a contrição dos devotos. A fumaça e perfume dos incensos, bem como o som das matracas, completam a ambiência desse tempo litúrgico. O latim das músicas para o coro e orquestra e no canto gregoriano reproduzido nos dias atuais em cerimônias muitas vezes sombrias, à luz de velas e raros candelabros responsáveis por tempo de reflexão e trevas.” (ASSUMPÇÃO, VIEGAS JÚNIOR, LOMBARDI, 2018)

3. FESTA E RELIGIÃO NAS GERAIS DURANTE A QUARESMA E SEMANA SANTA

As fontes consultadas no Capítulo 3, se baseiam na literatura de viagem, nas pesquisas existentes para as Ordens Primeira e Terceira do Carmo, nos programas elaborados pelas paróquias nas cidades de Ouro Prero, Mariana, Tiradentes e São João del-Rei, em 2019, 2022 e 2023 (Anexo A, Anexo B, Anexo C e Anexo D). Além disso, foram também consultadas outras obras subsidiárias referentes: às práticas religiosas, como por exemplo, a Coleção das “Piedosas e Solenes Tradições de Nossa Terra” (MAS-SJDR, 1997, 2018), as músicas executadas no período litúrgico e os registros fotográficos vislumbrados nos livros e em exposições contemplando essas temáticas (Anexo E, Anexo F e Anexo G).

3.1. Os viajantes e as festividades religiosas no Novo Mundo

A literatura de viagem compõe um gênero específico de relatos que adquiriram importância editorial com a descoberta de um Novo Mundo, se constituindo na contemporaneidade fonte de informação para diversas áreas de conhecimento. Essa ainda representa um mecanismo de construção do imaginário acerca do Mundo Novo em contraste com o Mundo Velho.

Os viajantes inicialmente se interessavam em registrar dados específicos como científicos, econômicos e buscavam também por curiosidades humanistas. Perez (2018), disse que o perfil dos mesmos era de um ser “explorador” e “aventureiro”. Esses viajantes também possuíam variadas profissões que eram: cientistas (muitos deles naturalistas), diplomatas, oficiais da marinha, soldados, artistas, artesãos, comerciantes, educadores, mercenários, piratas, missionários etc. Diante desses diversos perfis, os viajantes produziram relatos variados sobre o Novo Mundo de temas influenciados por suas nacionalidades, interesses pessoais, formações, locais visitados, objetivos dos financiadores das viagens, público leitor, entre outros.

As festas brasileiras são um dos temas relatados pelos viajantes, sendo as aqui selecionadas as de cunho religioso. Perez (2018), informou que em meio a tantos objetivos e diante de todas as coisas a observar e a relatar, foi impossível aos

viajantes não serem afetados pelo “estranho espetáculo dos homens” vivendo um “império de festas”. Para a mesma autora:

> As festas, mesmo sendo assunto recorrente na literatura de viagem, particularmente na do século XIX, não constituíam o alvo principal dos viajantes, exceto para os que vieram por motivos religiosos. De fato, apareceram para os viajantes como um desvio (deslocamento) do centro de gravidade de seu olhar, estranha alteridade que se impõe *malgré tout* (apesar de tudo). (PEREZ, 2018, p. 35)

Essas festas, mesmo não sendo o foco principal dos relatos de viajantes, foram abordadas por eles muitas vezes dentro da temática dos costumes do cotidiano da população observada no Novo Mundo. E no caso brasileiro, onde as festas eram constantes, se tornou impossível não considerá-las em seus relatos, até porque elas próprias impunham a sua presença e, por conseguinte, necessidade dos seus registros.

Durante o século XIX, os intelectuais europeus presenciaram um período de um contato maior com a cultura popular, ou seja, houve um interesse por festas por parte deles por festas, contos e músicas populares. Em termos narrativos, as descrições das festas elaboradas, por exemplo, pelos viajantes não somente tinham o objetivo de “informar o leitor, com mínimos detalhes, acerca do evento, mas também serviam para caracterizar os habitantes, segundo uma elaborada concepção de raça, cultura e civilização”. (Lisboa, 2001, p. 635)

Para Perez (2018, p. 36), relatou que em casos assim, o projeto intelectual e civilizacional se mesclavam de modos evidentes, na maioria das vezes, de modo intencional, ainda não explícito.

Muitas das festas brasileiras exerciam fascínio e repulsa aos viajantes e representavam para eles uma banalização em relação aos costumes do Velho Mundo, mas apesar disso os seus relatos são testemunhos únicos desses eventos. “O rico calendário festivo brasileiro, que congregava festas cívicas e religiosas, da elite e populares, públicas e privadas, evidenciaram a grande mistura - de gentes e coisas, de crenças e valores, de cheiros e sabores - que aqui se faziam (...)”

(PEREZ, 2018, p. 37). Por tamanha relevância estarão as festas também expressas nos relatos dos viajantes dos séculos XVIII ao XX.

As festas religiosas que particularmente nos interessam, que foram descritas pelos viajantes, são as relativas à Procissão de Nosso Senhor dos Passos, realizada desde os séculos XVII e XVIII durante a Quaresma e Semana Santa pelos católicos no Novo Mundo. Por isso, consultamos os relatos dos viajantes no contexto geral brasileiro e depois no contexto regional mineiro com esses dois focos.

Apreciamos os relatos de alguns viajantes dos séculos XVIII ao XX, que foram os seguintes no contexto geral do Brasil: James Cook (1728-1779), Juan Francisco Aguirre (1756-1811) e Jean Baptiste Debret (1834-1839); já no contexto regional em Minas Gerais foram: Auguste de Saint-Hilaire, Charles Bunbury, Conde Castelnau, Conde de Suzannet, George Freyreiss, George Gardner, Hermann Burmeister, James Wells, Jan Pohl, John Luccock, Jonh Mawe, Louis Agassiz & Elizabeth Agassiz, Richard Burton e Wilhelm von Eschwege. Esses últimos, tiveram relatos reunidos e publicados no Compêndio de Citações intitulado “Festa & Viajantes em Minas Gerais no século XIX”, coordenado por Léa Freitas Perez e organizado por Ana Paula Lessa Belone, Marcos da Costa Martins e Rafael Barros Gomes, em 2018.

Verificamos que no contexto geral do Brasil as procissões que ocorriam no Rio de Janeiro foram as mais relatadas e essas representaram a dimensão das festas religiosas no Brasil durante os séculos XVIII e XIX. Essas foram descritas pelos autores Cook (1728-1779) e Aguirre (1756-1811). Já a Procissão de Nosso Senhor dos Passos, nosso maior foco, foi citada e detalhada por Debret (1816-1831).

No contexto regional mineiro, considerando o Compêndio de Citações citado, constatamos que a procissão foco da pesquisa não foi relatada por nenhum dos autores acima relacionados. Mas, notamos que para esses últimos os registros de outras festas religiosas e procissões nos séculos XIX e XX foram relevantes de registros, como por exemplo, as festas dos santos padroeiros e as suas respectivas procissões, assim como a Procissão das Cinzas e a Procissão de *Corpus Christi*.

3.1.1. Jean Baptiste Debret (1816-1831) e a Procissão de Nosso Senhor dos Passos no Rio de Janeiro

O almirante Cook (1728-1779), que veio ao Rio de Janeiro no ano de 1768 (antes da abertura dos portos brasileiros e da chegada da Coroa Portuguesa em 1808), descreveu um panorama de como eram as igrejas e procissões no século XVIII naquela localidade:

> (...) as igrejas são muito bonitas e as solenidades religiosas têm mais pompa do que as realizadas nos países católicos na Europa. A cada dia, uma paróquia da cidade promove uma procissão na qual diferentes estandartes, todos muito ricos e magníficos, são ostentados. (FRANÇA. 1999, p. 133)

O primeiro viajante demonstrou que as igrejas e as procissões promovidas pelas paróquias ostentavam o poder e a riqueza da Igreja propagando suas crenças no Novo Mundo com muita pompa.

Segundo França (1999, p. 146), o tenente Aguirre (1756-1811), serviu ao Capitão José Varela y Ulloa, responsável pela comissão delimitadora dos territórios portugueses e espanhois na América Austral.[101] Ele chegou ao Rio de Janeiro em 1782, permaneceu somente 25 dias e contribuiu com as descrições da Semana Santa fluminense. Conforme:

> Durante a Semana Santa, quando as vestimentas ganham maior luxo, as saias são abertas na frente e deixam à mostra um saiote bordado em ouro e prata. Nessa ocasião, as senhoras portam grande quantidade de pedras preciosas e fazem-se acompanhar de igual número de escravos. (AGUIRRE, 1756-1811)

O relato do segundo viajante indicou a participação de membros da alta sociedade do Rio de Janeiro nas procissões com ostentação e suntuosidade. Demonstrados pelo uso de vestimentas luxuosas e joias, além da quantidade de escravos que acompanhavam as senhoras e os senhores, símbolos de riqueza num sistema escravocrata implantado inicialmente no Brasil.

---

[101] Essa comissão tinha a difícil tarefa de regulamentar as fronteiras entre o Brasil e as possessões espanholas, pondo fim a uma contenda entre as duas coroas.

Já no início do século XIX, a missão artística francesa chegou ao Brasil, tendo como um dos integrantes outro viajante, Jean Baptiste Debret (1816-1831), um pintor e oficial da monarquia portuguesa instalada no Brasil, desde 1808, após a invasão de Napoleão Bonaparte a Portugal. Durante o tempo que esse artista permaneceu no território brasileiro ele realizou um extenso registro do Novo Mundo, a partir principalmente de desenhos, aquarelas e litogravuras.

Suas produções artísticas ilustraram posteriormente, o livro “Viagens Pitorescas ao Brasil”, publicado após o regresso de Debret (1816-1831) a França, entre 1834-1839. Essa obra buscou apresentar ao público francês a cultura e história do Brasil. Sua obra está dividida em três volumes e para essa tese se utilizou somente do terceiro volume, onde estão as descrições sobre as festas religiosas, especificamente as que contemplavam procissões.

Destacamos assim, os relatos de Debret (1978), sobre a Procissão de Nosso Senhor dos Passos realizada no Rio de Janeiro:

> *Le second jeudi de carême, le souverain, les seigneurs de sa cour et les ministres, se réunissent à la chapelle impériale des Carmes, entre sept à huit heures du soir, pour porter processionnellement une image, sculptée en relief, du Christ h genoux portant sa croix, figure du double de la grandeur naturelle. Elle est fixée sur un plateau enrichi de sculptures et de draperies à franges d'or; le tout est recouvert d'un baldaquin fermé par quatre rideaux réunis par des nœuds de rubans.Toutes ces draperies sont de brocart violet foncé et or. La robe de Notre Seigneur est de serge violette foncée, liée à la ceinture par une corde dont les nœuds sont formés par des enlacements combinés avec adresse. (...) Sur les neuf heures, le bourdon de la chapelle impériale annonce la sortie de la procession, qui, après une demi-heure d'une marche coupée de quelques poses indispensables, arrive à l'église de la Miséricorde, où se trouve un autre piédestal préparé pour recevoir le fardeau sacré.* (DEBRET, 1978, p. 22) [102]

Debret (1978), indicou que a corte e alguns religiosos católicos se reuniram na Capela Imperial dos Carmelitas durante a noite para realizar a Procissão de Nosso

[102] Na segunda quinta-feira da Quaresma, o soberano, os senhores da sua corte e os ministros reúnem-se na capela imperial dos Carmelitas, entre as sete e às oito horas da noite, para transportar em procissão uma imagem, esculpida em relevo, de Cristo de joelhos carregando sua cruz, figura com o dobro do tamanho natural. É fixado sobre bandeja enriquecida com esculturas e cortinas com franjas douradas; o conjunto é coberto por um dossel fechado por quatro cortinas unidas por nós de fita. Todas essas cortinas são de brocado roxo escuro e dourado. A túnica de Nosso Senhor é de sarja púrpura escura, amarrada ao cinto por uma corda cujos nós são formados por entrelaçamentos habilmente combinados. (...) Às nove horas, o zumbido da capela imperial anuncia a saída da procissão, que, após meia hora de caminhada interrompida por algumas poses essenciais, chega à Igreja da Misericórdia, onde há outro pedestal preparado para receber o fardo sagrado. (DEBRET, 1978, p. 22)

Senhor dos Passos, na qual levaram uma escultura de Cristo ajoelhado com a sua Cruz, cujo tamanho seria o dobro do natural. Essa, na ocasião, também estaria fixada em um andor com dossel, envolto por outras esculturas e velado com cortinas roxas escuras de franjas douradas. O manto do Nosso Senhor dos Passos era de tecido roxo escuro, amarrado por uma corda com nós formados por emaranhamentos habilmente combinados. Às 09:00 horas, os sineiros com os toques de sino na no templo dos Carmelitas anunciaram o início da procissão, que, depois de meia hora chegou à Igreja da Misericórdia.

Continuamos os relatos de viajante anterior, sobre a mesma Procissão:

> *L ai détachement de cavalerie de la garde de la police ouvre la marche, et précède la bannière delà confrérie de Nosso Senhor dos Passas. Cette bannière est eu soie violette trèsfoncée, et bordée de galons et de franges d'or; elle est portée et escortée par des membres de la même confrérie, dont le costume, mais uni, est de la même couleur. Une double haie formée d'archers (gardes du palais) escorte la figure de ;Vosso Senhor dos Passas, cachée sous son baldaquin, et entourée de seize lanternes allumées, fixées à l'extrémité de grands bâtons peints en couleur violette et bariolés d'or; ces lanternes sont portées, en signe de dévotion, par de simples particuliers.it le clergé de la chapelle impériale, quelques chanteurs de sa musique, et le dais, sous lequel se trouve l'évèque, portant dans ses mains une croix sur laquelle ne figure plus le corps du Christ, qu'on a enlevé; et enfin viennent les ministres et grands dignitaires de l'État. (...) Le cortège dissous, les membres de la confrérie découvrent la figure, et les dévots du quartier viennent jusqu'à minuit baiser le talon de la figure de Nosso Senhor dos Passos, ainsi que l'extrémité du cordon de sa ceinture, qui pend sur le devant du piédestal. L'église, cette nuit-là, est toute resplendissante de lumière.* (DEBRET, 1978, p. 23) [103]

Debret (1978) relatou, que a guarda da cavalaria real iniciou o cortejo, antes do estandarte, transportado por membros da associação religiosa responsável por sua organização, que usou trajes na cor roxa. Em seguida, escoltado por guardas do

[103] O destacamento de cavalaria da guarda policial abre a marcha, e precede o estandarte da irmandade de Nosso Senhor dos Passas. Este estandarte é feito de seda roxa muito escura e ornado com tranças e franjas douradas; é carregado e escoltado por membros da mesma irmandade, cujo traje, embora simples, é da mesma cor. Uma fila dupla formada por arqueiros (guardas do palácio) acompanha a figura do Vosso Senhor dos Passas, escondido sob o seu dossel, e rodeado por dezesseis lanternas acesas, fixadas na ponta de grandes varas pintadas de cores violeta e dourada; estas lanternas são transportadas, em sinal de devoção, por indivíduos simples. É o clero da capela imperial, alguns cantores da sua música, e o dossel, sob o qual está o bispo, carregando nas mãos uma cruz sobre a qual se representa o corpo de Cristo, que foi removido; e por fim vêm os ministros e grandes dignitários do Estado. (...) A procissão se dissolveu, os membros da irmandade descobriram a figura, e os devotos do bairro vieram até à meia-noite beijar o calcanhar da figura de Nosso Senhor dos Passos, bem como a ponta do cordão do seu cinto, que ficava pendurado na frente do pedestal. A igreja, naquela noite, estava resplandecente de luz. (DEBRET, 1978, p. 23)

palácio, estaria o andor com o Nosso Senhor dos Passos, carregado também pelos membros anteriores e cercado por particulares portando lanternas, que somadas eram ao todo dezesseis. Depois, continuando o cortejo estariam os demais membros carmelitas, alguns musicistas, o dossel do bispo e algumas figuras importantes designadas pela Coroa Portuguesa. Quando finalizou a procissão, os carmelitas revelaram a escultura e a depositaram em cima de um pedestal, onde os devotos até a meia-noite puderam beijar o seu calcanhar, assim como as extremidades do cordão. Ali também estaria uma bandeja de prata para depósito de esmolas. O autor ressaltou que a Igreja, naquela noite, se resplandeceu de luz.

Debret (1978), descreveu que no outro dia da Procissão de Nosso Senhor dos Passos, os sinos tocados pelos sineiros da Igreja da Misericórdia anunciaram o retorno da escultura até a Capela Imperial dos Carmelitas, que se realizou numa procissão promovida pelos religiosos

Finalizando, os relatos ainda desse viajante:

> *Il y a dans la ville une autre chapelle de: Yosso Senhor dos Passos, très-petite église qui donne son nom à la rue par laquelle on y arrive; c'est là que la confrérie de ce même nom conserve et entretient pendant le reste de l'année ce qui appartient au culte de cette image. On y trouve donc les grandes armoires destinées à contenir les différentes parties, démontées, de la figure colossale , ainsi que les vêtements cpii la parent et le reste des accessoires consacrés par l'usage.* (DEBRET, 1978, p. 25)[104]

Debret (1978), ainda verificou que havia uma outra capela na cidade do Rio de Janeiro dedicada ao Nosso Senhor dos Passos, onde a rua na qual estava localizada recebeu a mesma nomenclatura, sendo mantida e preservada à época para guarda do que pertenceu ao seu culto.

[104] Debret (1978, p. 25) indicou que, há outra capela na localidade: Nosso Senhor dos Passos, uma pequenina igreja que dá nome à rua por onde se chega; é aí que a irmandade com o mesmo nome preserva e mantém durante o resto do ano o que pertence ao culto desta imagem. Aí encontramos os grandes armários destinados a conter as diferentes partes, desmontadas, da figura colossal, bem como as roupas que a adornam e os restantes acessórios pelo tempo honrados pelo uso.

A partir dos relatos do viajante francês, verificamos que o caminho da Procissão de Nosso Senhor dos Passos no Rio de Janeiro tinha um trajeto da Capela Imperial dos Carmelitas até a Igreja da Misericórdia, que foi feito com muito rigor e pompa.

Entretanto, ressaltamos que o autor não indicou em seus relatos a existência de Capelas dos Passos nesse trajeto, mas por sua extensão, provavelmente existiram pausas em estações dedicadas à rememoração da Paixão de Cristo, inicialmente efêmeras, que podem ter sido em algum momento da história permanentes e transformadas em capelas, das quais não temos mais resquícios em 2023.

Os relatos desses viajantes inglês, espanhol e francês são importantes porque nos documentos primários das irmandades mineiras foram realizadas referências à influência direta dos cultos realizados no Rio de Janeiro, principalmente ao de Nosso Senhor dos Passos, que posteriormente também foi fundado nas Minas Gerais.

Além disso, os carmelitas também possuiam uma relação com a divulgação à Paixão de Cristo no Brasil, que será esclarecida mais adiante, já que esses também influenciaram o culto na região mineradora.

3.1.2. Os carmelitas e a Paixão de Cristo no Brasil

Lia Sipaúba Proença Brusadin (2019), pesquisadora da Ordem Terceira Carmelita (OTC) de leigos no Brasil, apresentou em sua tese de Doutorado também relatos sobre a Procissão de Nosso Senhor dos Passos no Rio de Janeiro e também trouxe outras informações sobre esse mesmo culto, nas cidades de Salvador e São Paulo.

Baseada nas fontes históricas pesquisadas referentes aos carmelitas, Brusadin (2019), relatou que a Procissão de Nosso Senhor dos Passos no Rio de Janeiro era realizada pela Ordem Conventual do Carmo e não pela OTC. Além disso, disse que essa mesma tradição de organização permaneceu nas outras duas Capitanias citadas.

Sobre a Procissão de Nosso Senhor dos Passos em Salvador disse:

> É interessante destacar que a procissão em homenagem ao Senhor dos Passos era costume da ordem conventual carmelita e não dos terceiros, trazida ao Império Português pelos frades calçados, sendo celebrada não só na Capitania da Bahia, como na do Rio de Janeiro e em São Paulo. Em Salvador, já havia no início do século XVIII a Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos e Vera-Cruz, a qual realizava suas atividades no convento do Carmo, cuja imagem de seu patrono foi transferida no século XIX para a igreja da Ajuda. Em 1912, a igreja da Ajuda foi demolida, a imagem de Senhor dos Passos foi dali transferida para igreja da Ordem Terceira de São Domingos e a igreja da Ajuda foi reconstruída em 1923. Naquela cidade, a Procissão dos Passos acontecia na segunda sexta-feira da Quaresma, em que eram percorridos os Sete Passos da Paixão de Cristo, durante o século XIX. (BRUSADIN, 2019, p.170)

E sobre a Procissão de Nosso Senhor dos Passos em São Paulo:

> Os regulares do Carmo faziam a procissão de Senhor dos Passos, na segunda-feira da Quaresma. Em 18 de fevereiro de 1745, a Mesa da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, conseguiu que Frei o Manoel da Natividade, apresentasse ao governador da Capitania de São Paulo, o pedido de que não houvesse perturbação da devoção aos Passos, alegando que o cortejo possuía 64 anos de tradição, ocorrendo desde 1681. A Irmandade de Senhor dos Passos surgiu no altar dessa invocação dentro do convento em 1750. (...). No século XIX, diante do cortejo dos Passos ia o pregoeiro chamado “Farricoco” ou “a Morte”, vestido com uma camisola de pano preto e um chapéu da mesma cor, carregando uma trombeta e um chicote para afastar crianças desordeiras, que atiravam pedras. Fazia-se a representação dos Passos na rua, em oratórios anexos a algumas casas, nas ruas, do Carmo, da Imperatriz, da Boa Vista, Direita, do Imperador (tornou-se rua Marechal Deodoro, depois desapareceu), das Flores (atual rua Silveira Martins) e, por fim, dentro do Convento do Carmo. Essa procissão perdurou até por volta de 1856. (BRUSADIN, 2019, p.185)

As três práticas religiosas citadas referentes às Procissões de Nosso Senhor dos Passos nas cidades do Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo eram realizadas pelas Ordens Primeiras do Carmo, associadas aos conventos implantados nessas localidades pelos portugueses no Brasil Colônia. Isso comprova que essas Ordens Religiosas foram as primeiras responsáveis pela divulgação da Paixão de Cristo, representado pelo culto ao “Cristo Sofredor” em diferentes regiões do Império.

Interessante notar, que na contemporaneidade somente a Procissão de Nosso Senhor dos Passos de Salvador permaneceu no período diurno e as demais foram extintas. Talvez por motivos de segurança no Rio de Janeiro e em São Paulo elas teriam sido interrompidas no século XIX. Porque eram eventos realizados no período noturno com a exposição de bens valiosos da Igreja e também dos fiéis.

Brusadin (2019), disse também que a OTC no Rio de Janeiro, teria uma capela implantada nos fundos do Convento do Carmo e estaria envolvida na realização de outras procissões, além das devoções diárias dos carmelitas, que são: as vias sacras e a Procissão de Rasoura, ambas realizadas internamente na sua própria capela; a Procissão do Triunfo, a Procissão do Enterro e a Procissão da Ressurreição, todas externas, ou seja, nas ruas da cidade.

Em relação a Salvador e São Paulo, a pesquisadora anterior ainda relatou, que as Ordens Terceiras do Carmo também executaram procissões similares às cariocas. Em Minas Gerais as mesmas Ordens Religiosas, que foram posteriormente fundadas nesta região, realizaram a Procissão do Triunfo e a Procissão do Enterro.

As celebrações promovidas pelas Ordens Terceiras Carmelitas no Brasil, não são focos de nossa investigação, mas podem ser aprofundadas a partir das descrições e análises de Brusadin (2019). Mas a existência de suas devoções e funções para esta pesquisa atesta a continuidade de responsabilidade de divulgação da Paixão de Cristo aos carmelitas leigos, que tinham influência dos carmelitas conventuais.

No contexto de Minas Gerais, as Procissões de Nosso Senhor dos Passos foram promovidas pelas irmandades de Nosso Senhor dos Passos associadas às irmandades do Santíssimo Sacramento, pois as Ordens Primeiras relacionadas aos conventos carmelitas e franciscanos foram proibidas pela Coroa Portuguesa nessa região.

Campos (2007, p. 77-107), indicou que no século XVIII, quem primeiro difundiu o culto à Paixão de Cristo em Minas Gerais foram as irmandades do Santíssimo Sacramento, seguida pelas irmandades de Nosso Senhor dos Passos e, já na metade desse século, as Ordem Terceira do Carmo e Ordem Terceira de São Francisco (OTSF), além da arquiconfraria do Cordão de São Francisco. Assim sendo, a divulgação da Paixão de Cristo também estaria relacionada aos franciscanos, questão essa importante para a pesquisa, pois verificamos a participação desses em algumas Procissões dos Passos em Minas Gerais.

Contudo, pontuamos que a Paixão de Cristo não foi promovida em Minas Gerais por oficiais religiosos da igreja como os presentes nas ordens conventuais do Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo, mas sim por irmandades, ordens religiosas e confrarias compostas por leigos. Por isso, elas adquiriram particularidades em relação às três cidades anteriormente citadas, que serão observadas mais adiante.

3.1.3. Os viajantes mineiros

Os viajantes selecionados em Minas Gerais não relataram a Procissão de Nosso Senhor dos Passos, mas demonstraram a dimensão religiosa no Novo Mundo. Neste tópico os autores Léa Freitas Perez (2018) e Gilberto Freyre (1984) foram inicialmente escolhidos por abordarem o perfil dos viajantes e apresentarem o cenário encontrado por eles no Brasil. Depois, os viajantes Auguste de Saint-Hilaire (2004a)[105] e Richard Burton (1976)[106] foram também selecionados e tiveram seus relatos sobre algumas procissões em Minas Gerais analisados. Conforme:

> O Brasil recebeu vários viajantes estrangeiros, de diferentes origens, sendo a maioria francesa, alemã e inglesa. Para Minas Gerais, Hélio Gravatá arrola a presença de 45 viajantes nos séculos XIX e XX, que vão desde o inglês Jonh Mawe, o primeiro viajante a ter permissão para viajar pelo território mineiro (em 1808), até o português Miguel Torga, que esteve na região em 1954. (PEREZ, 2018, p. 31)

Os viajantes que percorreram Minas Gerais se depararam com uma grande quantidade e variedade de tipos/modalidades festivas como as: públicas e domésticas, religiosas e cívicas, de brancos, índigenas e negros. Sobre essas festividades:

---

[105] Segundo Perez (2018), Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853) foi um cientista naturalista que veio ao Brasil entre 1816 a 1822, como membro da Comitiva do Conde de Luxemburgo, embaixador francês. Seu intuito inicial como botânico era de estudar a fauna e flora brasileira e sua viagem obteve financiamento do governo francês e apoio de autoridades brasileiras à época. Esse realizou ao todo três viagens para Minas Gerais e realizou diversas publicações de relatos delas nas seguintes obras: Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, Viagem pelo Distrito dos Diamantes e litoral do Brasil, Viagens às nascentes do Rio São Francisco e Segunda viagem do Rio Janeiro a Minas Gerais e São Paulo - 1822.

[106] Segundo Perez (2018), Richard Burton (1821-1890) foi um viajante britânico que era escritor, tradutor, linguista, geógrafo, poeta, antropólogo, orientalista, erudito, espadachim, explorador e agente secreto e diplomata do governo inglês. Como oficial da Companhia das Índias, visitou diversos países onde aprofundou os estudos da cultura de povos indianos e africanos, além dos costumes muçulmanos e por isso, escreveu vários livros sobre a África e o Oriente, tornando-se um autor consagrado. Foi o primeiro antropólogo a pisar em terras brasileiras, já que veio como cônsul britânico lotado no Porto de Santos de 1865 a 1869, durante esse período fez incursões a Minas Gerais e publicou a obra *Explorating of the highlands of the Brazil.*

> Entre as cívicas, por exemplo, destacam-se a Coroação de D. Pedro I, a Maioridade de D. Pedro II, entre outras. As festas domésticas incluem os casamentos, batizados, aniversários e funerais, que estão entre as mais mencionadas. Já entre as festas religiosas, notadamente as do catolicismo romanizado, destacam-se Pentecostes, a Páscoa, o Natal, o *Corpus Christi* e as procissões das mais variadas. As festas de irmandades religiosas, particularmente as de santos padroeiros, não deixam de ser referidas, sendo, em sua maioria, associadas às festas negras (congados e batuques). As festas negras, ainda que mencionadas pelos viajantes, não recebem um destaque particular, como recebem as festas indígenas, por exemplo. (PEREZ, 2018, p. 38)

A partir disso, verificamos que não houve uma divisão rígida entre os tipos/modalidades festivas brasileiras, uma vez que estas se sobrepõem umas às outras e se misturam. Sabemos que na sociedade que se formava no Novo Mundo eram comuns os trânsitos étnicos e isso não seria diferente em suas festas. Notamos que as que ocorriam na sociedade mineira, por exemplo, apresentavam um reflexo regional da coletividade da ação de vários grupos sociais, que se reuniram no núcleo inicial das cidades para realizar as suas festas, sendo as religiosas as mais comuns. Conforme:

> Festas, notadamente procissões e festas de santos, são no Brasil, expressões urbanas e formas de espetáculo por excelência, mostram uma maneira singular de viver a sociedade e de perceber o mundo e de como ele se relaciona. Elas são vias analíticas privilegiadas para se penetrar no coração da sociedade brasileira. E se penetrar pela porta da cidade, a praça, o lugar central onde a festa acontece, o signo da coisa pública e o domínio do espetáculo. Vale (re)lembrar que a cidade é, por suas origens, o espaço próprio da mestiçagem das pessoas e das coisas. (PEREZ, 2018, p. 44-45)

Essa mesma autora ainda ressaltou que as festas religiosas são provavelmente as atividades urbanas mais antigas do Brasil e que algumas delas perpetuaram até os tempos atuais. Assim sendo, demonstram os acontecimentos culminantes de uma vida social e cultural pungente nas nossas cidades.

Foi esse tipo de cristianismo que dominou a formação social brasileira. Para Freyre (1984), comumente verificamos as festas com menor rigidez em seus cultos e os santos tratados com maior intimidade pelos fiéis, ornados com joias, participantes da vida doméstica e íntima dessas famílias religiosas. Assim:

> As festas e as procissões religiosas reuniam toda a população, que de longe se deslocava para delas participar. Durante as festas e nas procissões não havia posição social nem cor da pele. Dia de procissão e de festa era um

> momento de entusiasmo na cidade. A multidão invadia as ruas e as praças nas proximidades da igreja. A cidade inteira era agitação e movimento. Festa, religião e cidade, em ampla e íntima articulação. (PEREZ, 2011, p. 143)

Todos os membros que compunham a sociedade escravocrata na época participavam uma vez que eram convocados para esses eventos pela Igreja e as Casas de Câmaras, por isso, cada um assumia a sua participação nas festas religiosas. “A religião tornou-se o ponto de encontro e de confraternização entre as duas culturas, a do senhor e a do negro e nunca uma instransponível ou dura barreira” (FREYRE, 1984, p. 356).

As festas e procissões religiosas brasileiras chamavam a atenção também dos viajantes mineiros pelo duplo caráter de espetáculo e de diversão, que suscitaram alguns deles com dúvidas quanto à fé dos participantes.

Os investimentos pelas irmandades citadas pelos viajantes causaram também um profundo impacto a eles, devido aos gastos suntuosos que essas realizavam para ornamentar as suas igrejas, as festas dos seus padroeiros e procissões. Para Saint-Hilaire (2004a), eram “festividades quase pagãs”, geradoras de “despesas loucas”, de “esbanjamentos inúteis”.

As manifestações de cunho religioso em Minas Gerais, são um retrato do descrito acima, mas também apresentaram suas especificidades regionais e características de uma sociedade mineradora, que rapidamente se formou com acesso mais direto à riqueza e exploração do ouro.

No Compêndio de Citações intitulado já antes mencionado, não foram encontradas referência nos relatos dos viajantes selecionados sobre as festividades religiosas mineiras de Nosso Senhor dos Passos nas antigas Vila Rica, Vila do Carmo, Vila de São José del-Rei e Vila de São João del-Rei. Mas verificamos relatos das procissões das Cinzas e de *Corpus Christi* em São João del-Rei descritas respectivamente por Saint-Hilaire (2004a) e Burton (1976).

As reduzidas informações existentes nos relatos dos viajantes mineiros corrobora com Perez (2018), que relatou que as festas religiosas não eram mesmo o principal foco de observação dos mesmos, mas apesar disso, a procissões registradas por Saint-Hilaire (2004a) e Burton (1976), já permitiram ilustrações da dimensão das festas religiosas para a sociedade mineira. Sendo assim, também são dignas de serem abordadas e descritas, a saber:

Em Saint-Hilaire (2004a), destacamos na obra “Viagens às nascentes do Rio São Francisco”, os relatos sobre a Procissão das Cinzas em São João del-Rei/MG:

> Fiquei curioso para ver a procissão que a Confraria de S. Francisco faz, de tempos em tempos, na quarta-feira de Cinzas (Procissão das Cinzas), não só em S. João como em outras cidades da comarca. Anunciara-se que ela seria realizada nesse ano e desde a véspera da cerimónia começou a passar pelo rancho onde me achava um grande número de homens e mulheres a cavalo, que iam a S. João assistir a festa. Na própria quarta-feira encontrei ainda uma multidão de gente a caminho da cidade. (...) Por volta das cinco horas a procissão entrou na rua onde morava o pároco. À frente vinha três mulatos trajando túnicas cinzentas, semelhantes aos trajes com que se apresentam, em nossas óperas, os gênios do Mal. Um deles levava uma grande cruz de madeira e os outros seguravam, cada um, um longo bastão com uma lanterna na ponta. Imediatamente atrás deles vinha um outro personagem, vestido com um traje muito justo, de tecido amarelado, no qual haviam sido desenhados com tinta negra os ossos que compõem o esqueleto. Esse personagem representava a Morte, e em meio a grandes palhaçadas fingia golpear os passantes com uma foice de papelão. A uma distância regular do primeiro grupo vinha outro procedido de um homem trajando um manto cinza e trazendo um punhado de cinzas sobre uma bandeja. Ia de um lado ao outro da rua como que tentando marcar com elas a testa dos espectadores. Os personagens que o seguiam era uma mulher branca e cheia de atavios e um outro homem de manto cinza levando na mão um ramo de árvores carregado de maçãs, no qual tinha sido enrolada uma Figura representando uma serpente. O homem representava Adão e a mulher, que fazia o papel de Eva, fingia colher de vez em quando uma maçã. Atrás deles vinha dois meninos. Um representando Abel, ficava um pedaço de pano de algodão e outro dava golpes no chão com uma enxada, como se cavasse terra. Esses dois grupos foram seguidos por treze andores carregados pelos irmãos da Confraria de S. Francisco. Debaixo dos andores viam-se imagens de madeira em tamanho natural, pintadas e vestidas com roupas de verdade. (...) Após a passagem dos andores surgiu um grupo de músicos, os quais cantaram um moteto[107] à porta da casa do vigário. Em seguida veio o padre com o Santo Sacramento, e finalmente o povo fechando a marcha. (SAINT-HILAIRE, 2004a, p. 64-66)

A partir do relato do viajante anterior verificamos o deslocamento de fiéis da cidade e seu entorno para participar da procissão, a teatralidade dessa com a presença de

[107] Moteto é um tipo de composição polifônica sacra de origem medieval. São composições para quatro vozes e acompanhamento para pequena orquestra de sopros e cordas, que são executadas por ocasião destas festividades.

personagens da narrativa católica, o uso de esculturas retiradas em andores, a atmosfera e musicalidade, além da participação de membros das irmandades e sacerdotes religiosos, que tomaram junto do povo às ruas de São João del-Rei para os seus exercícios religiosos.

Em Burton (1976), destacamos os relatos referentes a Procissão de *Corpus-Christi* também em São João del-Rei/MG:

> Ao chegarmos à Câmara Municipal e Prisão, fomos detidos pela procissão do dia de *Corpus-Christi*; tiramos os chapéus, e ficamos sentados ao sol, até a procissão passar. Nada há de notável na "função". Todas as irmandades ou Ordens Terceiras lá estavam: os brancos com opas vermelhas, os pardos com opas verdes, e os pretos - naturalmente - com opas brancas.[108] Não faltavam anjinhos, de saias curtas, calças compridas com babados, sapatos de cetim e asas, todos com menos de 10 anos, aparentemente o *'nec plus ultra'* da idade angelical, e todas aprendendo a vaidade com gosto. Havia uma profusão de velas de cera e muito pouca arte nas imagens. O sacerdote mais importante carregava o Santíssimo, sob um pálio bordado, e militares com banda de música vinham atrás. (BURTON, 1976, p.107)

O relato desse viajante indica a participação de vários membros de irmandades e ordens terceiras na referida procissão, diferenciados no cortejo por suas vestimentas de acordo com a cor da pele*,* além da teatralidade da festa, com a presença de música e de crianças vestidas de anjos, além dos sacerdotes religiosos e fiéis, que se movimentavam nas ruas próximas da Câmara Municipal e da Prisão na cidade de São João del-Rei.

Apesar dos dois relatos dos viajantes acima não serem relativos às devoções estudadas, esses demonstram a dimensão religiosa configurada em dia de procissão religiosa nas Minas Gerais, região fértil para as manifestações estudadas acontecerem. Conforme, as que serão apresentadas mais adiante.

3.2. Festa e religião nas cidades de Minas Gerais

Através das vivências das festas religiosas em 2019, 2022 e 2023 referentes à Paixão de Cristo e às Dores de Maria em Ouro Preto, Mariana, Tiradentes e São João del-Rei, apresentamos os casos em cada localidade e as épocas que

[108] Opa são como o uniforme de cada irmandade, cada uma têm uma cor, sendo a utilizada pela Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de cor roxa, tendo o emblema da agremiação religiosa estampado.

ocorreram em Minas Gerais. Também registramos os usos das esculturas, das igrejas e das Capelas dos Passos na Quaresma e Semana Santa, além disso demonstramos os espaços sacralizados, trajetos processionais, musicalidades e os principais agentes responsáveis em promovê-las.

Os primeiros relatos históricos demonstraram que o culto ao Nosso Senhor dos Passos e a sua respectiva procissão de via sacra da Paixão de Cristo em Minas Gerais, obedeciam os moldes das do Rio de Janeiro, mas se diferenciaram pelos agentes responsáveis por sua promoção. Porque nas terras fluminenses era a Ordem Primeira do Carmo que a realizava, e em Minas Gerais era a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos, com o auxílio das irmandades do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora do Rosário. Ressaltamos, que todas essas irmandades citadas foram pioneiras, indicando que esse culto seria um dos mais antigos existentes.

Posteriormente, houve uma segunda fase de adaptação desse culto, provocada com a inserção da escultura de Nossa Senhora das Dores, pelas primeiras associações religiosas ou por novas irmandades criadas. A partir disso, surgiram as novas procissões, que são: Procissão de Depósito de Nosso Senhor dos Passos e Procissão de Depósito da Nossa Senhora das Dores, Procissão de Rasoura de Nosso Senhor dos Passos, Procissão de Rasoura de Nossa Senhora das Dores e a Procissão do Encontro.

Registramos que as Procissões de Depósitos e de Rasouras seriam uma preparação para as Procissões do Encontro, que eram realizadas em Minas Gerais geralmente no Domingo dos Ramos ou Domingo da Paixão.[109]

Essas novas procissões tiveram a sua promoção por outras Irmandades e Ordens Religiosas, que foram depois fundadas em Minas Gerais. E as que se destacaram

[109] “Na liturgia romana, o título originário desse dia não foi Domingo de Ramos (*Dominica in palmis*), mas Domingo da Paixão (de *Passione Domini*). O nome foi estabelecido a partir do ‘novo ordo’, momento em que ocorreram reestruturações de ritos da Semana Santa. Nesse dia ocorrem as celebrações conforme a definição dos rituais romanos da Igreja Católica, tendo em sua programação a Procissão do Encontro ao final do dia. A celebração paralitúrgica é, dessa forma, a representação do encontro doloroso de Jesus e sua mãe. Momento em que os cristãos o revivem e refletem, por meio do sermão.” (FRANÇA, 2023, p. 50)

na promoção desses cultos foram: Irmandade de Nossa Senhora das Dores, Irmandade de Nossa Senhora das Mercês, Ordem Terceira do Carmo e Ordem Terceira de São Francisco. Essas, por conseguinte, reivindicaram suas participações nas festividades as irmandades pioneiras, na medida que atingiram um maior *status social*.

Considerando as práticas religiosas que permaneceram na contemporaneidade, tanto das primeiras vias sacras quanto das demais procissões, notamos que cada cidade pesquisada apresentou uma tradição específica, algumas com programas mais completos e tradicionais, enquanto outras com programas reduzidos e já modificados. Isso demonstrou, a evolução dos cultos ao Nosso Senhor dos Passos aliado ao de Nossa Senhora das Dores com as suas respectivas procissões, que foram se transformando ao longo dos anos e serão comparadas durante esta pesquisa.

Destacamos também uma outra procissão que será abordada, a qual surgiu mais recentemente, a Procissão da Soledade, onde são rememoradas as Sete Dores de Maria após o denominado Setenário das Dores. Essa também obteve grande relevância para a Igreja e devotos, sendo realizada nas quatro cidades, com algumas distinções, que serão também apresentadas.

As fontes utilizadas nos próximos tópicos são os programas das paróquias de 2019, 2022 e 2023 já citados, associados às vivências e registros fotográficos dos cultos e das procissões nas quatros cidades. Ademais, realizamos os registros digitais dos cultos e procissões remotos transmitidos em 2020 e 2021 durante a pandemia de restrição sanitária da COVID-19 e as suas adaptações.

Sendo assim, seguem os casos pesquisados em Minas Gerais onde a festa e a religião se unem, utilizando a cidade como cenário.

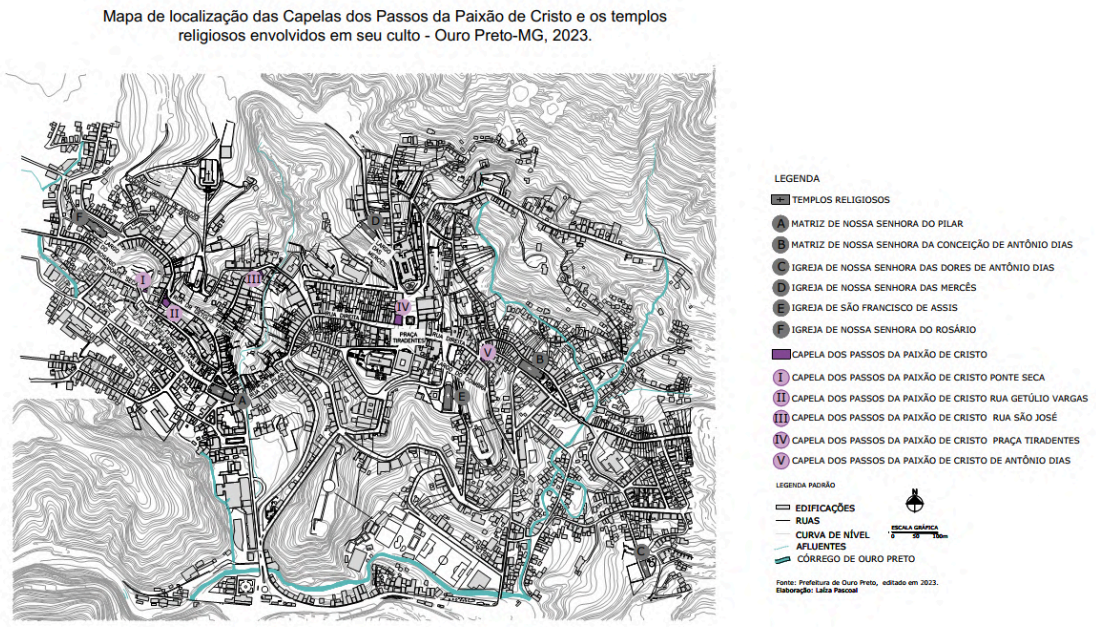
3.2.1. Festa e religião em Ouro Preto

O auxílio da cartografia na elaboração dos vários mapas presentes no Apêndice - Mapas, foi importante para localizarmos os espaços onde os cultos ocorreram e

compreendermos como esses depois se expandiram nas cidades de Ouro Preto, Mariana, Tiradentes e São João del-Rei, considerando a temporalidade dos quase três séculos de suas perpetuações em Minas Gerais.

Em Ouro Preto, verificamos seis templos religiosos, que participaram durante os cultos da Paixão de Cristo e das Dores de Maria, que são: a Matriz de Nossa Senhora do Pilar (A), a Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias (B), a Igreja de Nossa Senhora das Dores de Antônio Dias (C), a Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Misericórdia ou Mercês de Cima (D), a Igreja de São Francisco de Assis da Ordem Terceira (E) e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário (F). Associado a elas nessa mesma prática religiosa constatamos também as cinco Capela dos Passos, que são: a Capela do Passo na Ponte Seca (I), a Capela do Passo na Rua Getúlio Vargas (II), a Capela do Passo na Rua São José (III), a Capela do Passo na Praça Tiradentes (IV) e a Capela do Passo de Antônio Dias (V), conforme Mapa 1.

Mapa 1 - Mapa de localização das Capelas dos Passos da Paixão de Cristo e dos templos religiosos envolvidos em seu culto, Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte: Prefeitura de Ouro Preto. Editado por Laiza Pascoal, 2023.

Nessa mesma cidade, devido a participação de duas paróquias nas festividades, a do Pilar e a de Antônio Dias, essas se revezaram nas organizações das procissões entre os anos pares e ímpares. Se constatou neste processo, o uso de duas esculturas de Nossa Senhora das Dores, com características retabulares e processionais, uma localizada no altar lateral da Matriz de Nossa Senhora Pilar e outra no altar-mor da Igreja de Nossa das Dores de Antônio Dias. Além de uma escultura de Nosso Senhor dos Passos, situada num outro altar lateral da Matriz.

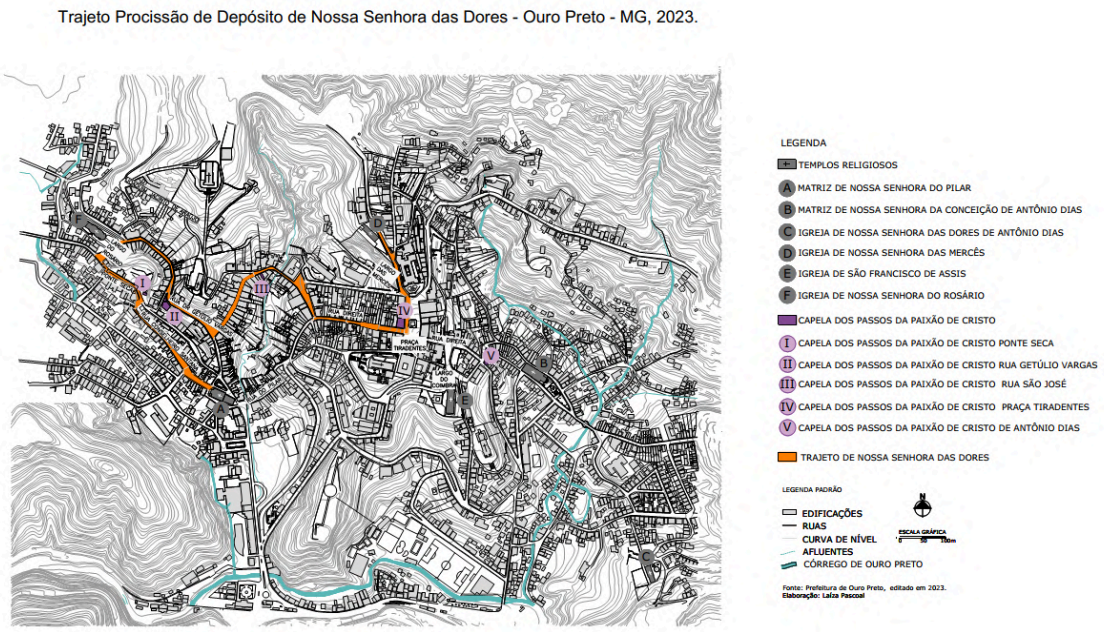
As práticas aos dois cultos que se referem a Paixão de Cristo e as Dores de Maria são realizadas próximas da Semana Santa nessa localidade e por isso, ficaram conhecidas como as “Solenidades da Semana Santa”.

Inicialmente, em 2022, ocorreram os exercícios do Setenário das Dores, os religiosos e fiéis realizaram em sete dias orações e rememorações as Dores de Maria na Matriz de Nossa Senhora do Pilar e também, ao mesmo tempo, na Igreja de Nossa das Dores de Antônio Dias, ambos anteriormente à Procissão de Depósito da Nossa Senhora das Dores.

Encerradas as práticas nos dois templos, após a missa das 19:00 horas, na quarta sexta-feira da Quaresma, as esculturas de Nossa Senhora das Dores de cada um dos templos citados são retiradas pelos guardiões, alternadamente a cada ano, em andores ornamentados com flores regionais para suas respectivas procissões solenes na denominada “Sexta das Dores”.

O percurso nos anos pares, que foi vivenciado em 2022, se iniciou na Matriz de Nossa Senhora do Pilar com destino até a Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Misericórdia (ou Mercês de Cima), com o uso da escultura de Nossa Senhora das Dores pertencente a Paróquia do Pilar, conforme Mapa 2.

Mapa 2 - Mapa da Procissão de Depósito da Nossa Senhora das Dores (anos pares), Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte: Prefeitura de Ouro Preto. Editado por Laiza Pascoal, 2023.

Já nos anos ímpares se iniciou, segundo relatos dos devotos em procissão, na Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias com destino até também as Mercês de Cima, com o uso da segunda escultura de Nossa Senhora das Dores pertencente à paróquia de Antônio Dias. Na Tabela 8, sintetizamos essas procissões.

Tabela 8 - Depósitos das Nossas Senhoras das Dores, Ouro Preto - Minas Gerais.

Quando aconteceu
Na quarta sexta-feira da Quaresma, após a missa das 19:00 horas.
Quem promoveu
Irmandade do Santíssimo Sacramento, Irmandade de Nossa Senhora das Mercês e Irmandade de Nossa Senhora das Dores.
Repertório musical
Á chegada *Canto do Inflamatus*
Trajeto
Cortejo de Nossa Senhora das Dores anos pares:

Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Rua Conselheiro Santana, Rua Cônego Simões, Largo do Rosário, Rua Getúlio Vargas, Rua São José, Rua Conde Bobadela (antiga Rua Direita), Praça Tiradentes, Rua Padre Rolim e Mercês de Cima. Cortejo de Nossa Senhora das Dores anos ímpares: Igreja de Nossa Senhora das Dores de Antônio Dias, Rua Tenente Pereira Filho, Rua Barão de Ouro Branco, Rua Santa Efigênia, Largo da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias, Rua Bernardo de Vasconcelos, Rua Cláudio Manoel, Praça Tiradentes, Rua Padre Rolim e Mercês de Cima.

Fonte: Elaborado pela autora com base no programa executado em 2022 pelas paróquias de Nossa Senhora do Pilar e Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias.

Nos anos pares e ímpares, tanto os membros da Irmandade do Santíssimo Sacramento do Pilar quanto os da Irmandade de Nossa Senhora das Dores de Antônio Dias retiraram as esculturas de Nossa Senhora das Dores dos seus templos e as entregaram aos mercedários, que as receberam nas proximidades de sua igreja, onde essas imagens são depositadas antes da Procissão do Encontro (Figura 63, Figura 64 e Figura 65).

Registramos que ao chegarem nas Mercês de Cima os mercedários que carregaram as esculturas em seus andores realizaram um giro e as depositaram no templo de frente para os que as cultuam.

Figura 63 - Procissão de Depósito da Nossa Senhora das Dores, retirada da escultura pelos guardiões na Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Ouro Preto - Minas Gerais.



Figura 64 - Procissão de Depósito da Nossa Senhora das Dores, meio do percurso (alça), Ouro Preto - Minas Gerais.



Figura 65 - Procissão de Depósito da Nossa Senhora das Dores, chegada do cortejo da escultura na Igreja das Mercês de Cima, Ouro Preto - Minas Gerais.

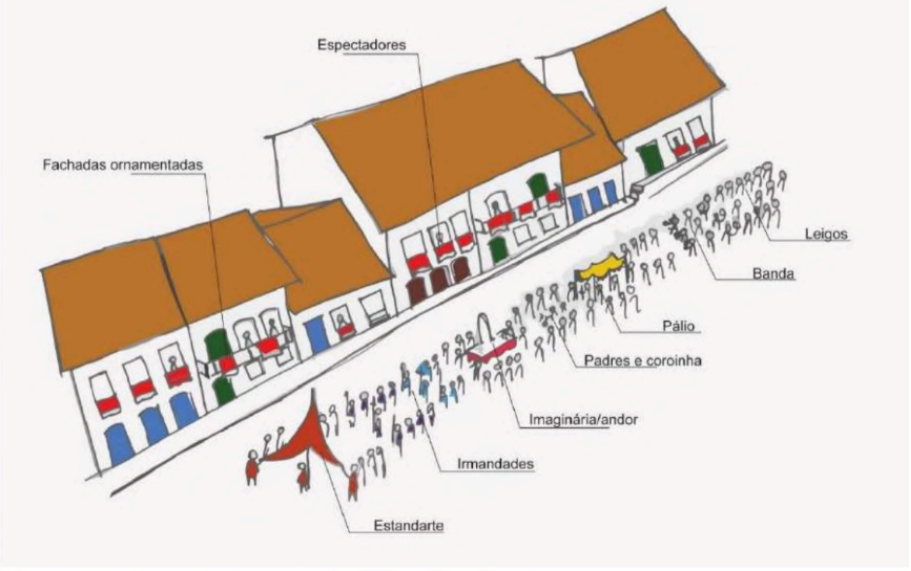


Fonte: Vanessa Taveira de Souza, 2022.

A Procissão de Depósito da Nossa Senhora das Dores em Ouro Preto apresentou uma grande devoção dos fiéis ouropretanos à escultura, que foi retirada pelos guardiões no andor desvelada e ricamente ornamentada com flores.

Tayami Fonseca França (2023), apresentou em sua dissertação de mestrado um interessante esquema representativo sobre a estrutura das procissões de Ouro Preto (Figura 66) na qual indicou: que a procissão se inicia com o estandarte da irmandade promotora, depois estão os membros das irmandades e das ordens terceiras participantes, a imaginária/andor, os sacerdotes (padres e coroinhas) com uso de incensos e lanternas, o pálio com o Santíssimo Sacramento, as bandas, corais e as corporações musicais e por último os devotos e turistas (denominados por ela de leigos[110]). Essa autora também ressaltou no mesmo esquema os espectadores, que assistem o cortejo das fachadas das edificações ornamentadas para as referidas ocasiões. Sendo o esquema proposto por França (2023, p.49) obedecido com poucas variações nas procissões vivenciadas nesta tese.

Figura 66 - Estrutura das procissões de Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte: Tayami Fonseca França, 2023.

[110] O conceito de leigos utilizado nesta tese é o do século XVIII, que corresponde às associações religiosas que fundaram as devoções estudadas em Minas Gerais.

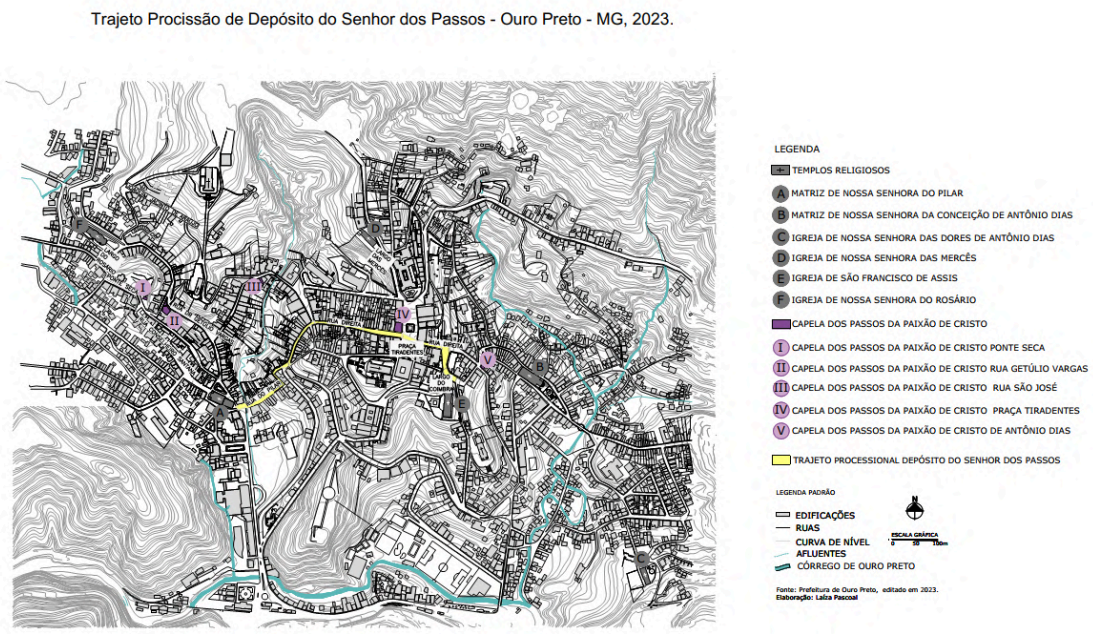
Os sinos entoados pelos sineiros da Matriz de Nossa Senhora do Pilar e da Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Misericórdia também fizeram parte do repertório musical da procissão noturna e nessa não ocorreu o uso das Capelas dos Passos.

No quarto sábado da Quaresma ou no também chamado “Sábado dos Passos”, ocorreu em Ouro Preto outra solenidade, a Procissão de Depósito de Nosso Senhor dos Passos, quando a escultura retabular e processional velada de Nosso Senhor dos Passos[111] foi retirada do altar lateral da Matriz de Nossa Senhora do Pilar pelos seus guardiões, após a missa das 19:00 horas, com o uso de um andor preenchido de ervas locais.

Registramos que nessa localidade, apesar de haver duas paróquias envolvidas nos cultos, reforçamos que há somente uma escultura de Nosso Senhor dos Passos em uso nas procissões dos anos pares e ímpares. Isso consequentemente gerou para ela um percurso mais comum e com poucas variações, que em 2022, se iniciou pelos seus guardiões na Matriz de Nossa Senhora do Pilar (Figura 67) e terminou na Igreja de São Francisco de Assis Ordem Terceira, conforme Mapa 3.

[111] O velamento da escultura simboliza a sua prisão no Monte das Oliveiras.

Mapa 3 - Mapa da Procissão de Depósito de Nosso Senhor dos Passos (anos pares), Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte: Prefeitura de Ouro Preto. Editado por Laiza Pascoal, 2023.

Nesses momentos também de preparação para a Procissão do Encontro, os membros da Irmandade do Santíssimo Sacramento do Pilar retiraram a escultura de Nosso Senhor dos Passos do altar lateral da Matriz de Nossa Senhora do Pilar e a entregaram no cortejo por elas promovidos aos irmãos da Ordem Terceira de São Francisco (OTSF), que a receberam na Rua Direita, próximo a Praça Tiradentes.

Após isso, os terceiros franciscanos promoveram a abertura parcial do velário[112] da escultura na Praça Tiradentes (Figura 68), e nesse instante ela foi incensada e realizaram orações. Logo depois, seguiram para o Largo do Coimbra e ao chegarem no seu templo realizaram um giro com a escultura de Nosso Senhor dos Passos, que foi depositada de frente para os fiéis. Dentro da Igreja de São Francisco de Assis ela foi totalmente desvelada pelos membros da OTSF e depois ocorreu a distribuição das ervas do seu andor aos devotos, que as levaram visando a proteção das suas casas.

[112] Velário é o nome dado ao pano que cobre as imagens e altares durante a Quaresma. Ocultava-se o esplendor e glória dos santos e o luxo dos crucifixos, deixando apenas a silhueta da cruz.

Figura 67 - Procissão de Depósito de Nosso Senhor dos Passos, retirada da escultura pelos guardiões na Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Ouro Preto - Minas Gerais.



Figura 68 - Procissão de Depósito de Nosso Senhor dos Passos, Praça Tiradentes, registro da abertura parcial do velário pelos franciscanos, Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte: Vanessa Taveira de Souza, 2022.

Durante esse segundo cortejo notamos que um caminho mais antigo foi utilizado, ao invés da alça, prevalecendo uma relação de importância com a Rua Direita.

Diferentemente da procissão anterior, nessa ocorreu a representação de uma guarda romana, que proporcionou ritmo à Procissão de Depósito de Nosso Senhor dos Passos com as lanças batidas nas ruas calçadas de Ouro Preto. Além da participação usual das irmandades, dos terceiros franciscanos, dos sacerdotes e coroinhas, devotos e turistas, das bandas, corais e corporações musicais. As marchas fúnebres executadas por essas últimas junto dos sons produzidos pelas lanças dos soldados, nos suscitaram sentimentos de sofrimento e memórias da prisão e do calvário de Jesus Cristo. Esse percurso foi sintetizado na Tabela 9.

Tabela 9 - Depósito de Nosso Senhor dos Passos, Ouro Preto - Minas Gerais.

Quando acontece
No quarto sábado da Quaresma, após a missa das 19:00 horas.
Quem promoveu
Irmandade do Santíssimo Sacramento e Ordem Terceira de São Francisco de Assis.
Repertório músical
Á chegada, *Canto Populе Meus*
Trajeto
Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Rua do Pilar, Rua Paraná, Rua Conde Bobadela (antiga Rua Direita), Praça Tiradentes, Rua Cláudio Manoel, Largo do Coimbra e Igreja de São Francisco de Assis.

Fonte: Elaborado pela autora com base no programa executado em 2022 pelas paróquias de Nossa Senhora do Pilar e Nossa Senhora da Conceição.

Constatamos que a Procissão de Depósito de Nosso Senhor dos Passos foi realizada com grande fé também dos ouropretanos, mas notamos a presença menor de fiéis em relação à Procissão de Depósito da Nossa Senhora das Dores.

Os sinos entoados também pelos sineiros da Matriz de Nossa Senhora Pilar e da Igreja de São Francisco de Assis da Ordem Terceira fizeram parte do repertório musical da procissão noturna e nela não ocorreu o uso das Capelas dos Passos.

Em 2022, no Domingo de Ramos em Ouro Preto, às 16:00, foram realizadas missas simultâneas na Igreja de São Francisco de Assis da Ordem Terceira e na Igreja das Mercês e Misericórdia. E às 18:00 horas, se iniciou a Procissão do Encontro, onde os mercedários e os terceiros franciscanos retiraram as esculturas de Nossa Senhora das Dores e de Nosso Senhor dos Passos dos dois templos, que foram anteriormente depositadas (Figura 69 e Figura 70). E ambas foram direcionadas pelos organizadores dos dois cortejos para a Praça Tiradentes.

No caminho até a Praça o cortejo com o andor de Nosso Senhor dos Passos realizou a estação na Capela do Passo de Antônio Dias (Figura 71) para execução do moteto referente a sua cena. Enquanto isso, o cortejo com o andor de Nossa Senhora das Dores não realizou nenhuma pausa nas estações. Esses cortejos

foram acompanhados por: irmandades, membros da OTSF, religiosos, bandas, corais e corporações musicais, além de devotos e turistas.

Após a chegada dos cortejos à Praça Tiradentes, um sacerdote proferiu a pregação e as duas esculturas, a de Nosso Senhor dos Passos e a de Nossa Senhora das Dores, aos poucos foram aproximadas uma da outra por seus organizadores. Isso ocorreu em frente à estação da via sacra, representada pela Capela do Passo na Praça.

Finalizados os atos religiosos, os dois cortejos já unidos pelos organizadores, seguiram juntos para a Matriz de Nossa Senhora do Pilar, e fizeram as pausas nas estações das outras três cenas da via sacra, representadas pelas seguintes Capelas dos Passos: Passo na Rua São José, Passo na Rua Getúlio Vargas e Passo na Ponte Seca. Em todas essas foram executados os motetos referentes às suas cenas. Depois as duas esculturas foram recolhidas na Matriz de Nossa Senhora do Pilar, finalizando assim a Procissão do Encontro (Figura 72).

Figura 69 - Procissão do Encontro, retirada da escultura pelos guardiões na Igreja de São Francisco de Assis da Ordem Terceira, Ouro Preto - Minas Gerais.



Figura 70 - Procissão do Encontro, cortejo de Nosso Senhor dos Passos, início do percurso, Ouro Preto - Minas Gerais.



Figura 71 - Procissão do Encontro, cortejo de Nosso Senhor dos Passos, Estação, Capela do Passo de Antônio Dias, Ouro Preto - Minas Gerais.



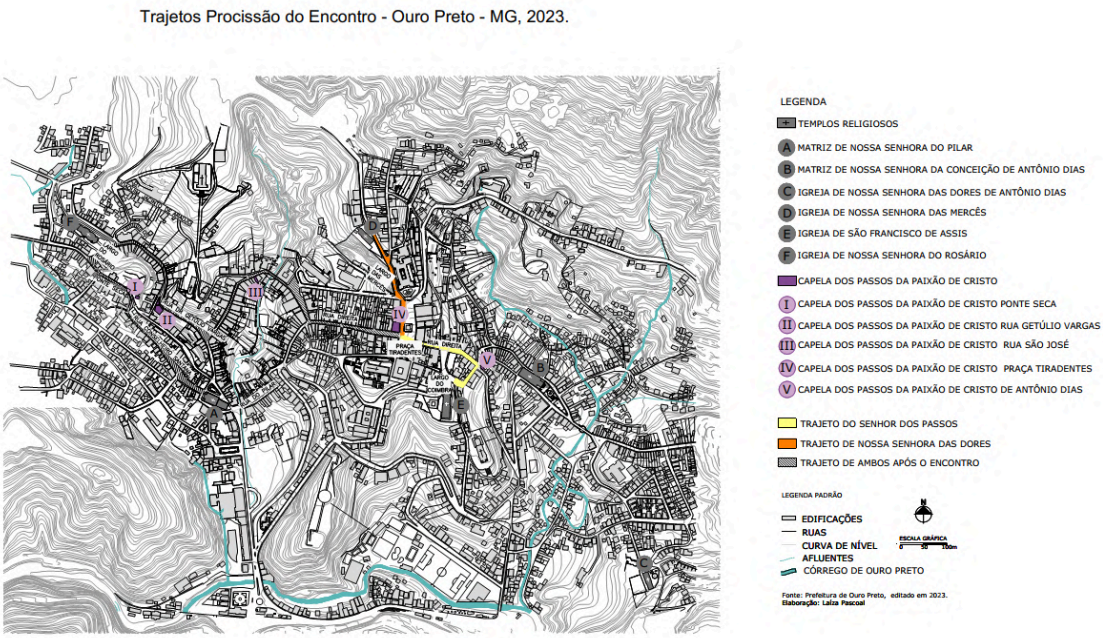
Figura 72 - Procissão do Encontro, união entre as esculturas de Nosso Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores, Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte: Vanessa Taveira de Souza, 2022.

Após o recolhimento das esculturas aconteceu o Sermão do Calvário na Matriz de Nossa Senhora do Pilar. Nessa última procissão utilizaram da mesma alça já citada, conforme Mapa 4.

Mapa 4 - Mapa da Procissão do Encontro (anos pares), Ouro Preto - Minas Gerais. Fonte: Prefeitura de Ouro Preto.



Fonte: Prefeitura de Ouro Preto. Editado por Laiza Pascoal, 2023.

No trajeto da Procissão do Encontro verificamos uma importante ligação entre as regiões de domínio das duas principais paróquias de Ouro Preto onde estão situadas todas as cinco Capelas dos Passos, que foram utilizadas nessa procissão. Na Tabela 10, sintetizamos a procissão antes descrita.

Tabela 10 - Procissão do Encontro, Ouro Preto - Minas Gerais.

Quando aconteceu
No Domingo de Ramos, após as missas das 16:00 horas.
Quem promoveu
Irmandade do Santíssimo Sacramento, Irmandade das Mercês, Irmandade de Nossa Senhora das Dores e Ordem Terceira de São Francisco de Assis.
Repertório musical
Motetos
Trajeto
Cortejo de Nosso Senhor dos Passos: Igreja de São Francisco de Assis, Rua São Francisco, Capela do Passo de Antônio Dias, Rua Cláudio Manoel, Praça Tiradentes.

Cortejo da Nossa Senhora das Dores: Mercês de Cima, Rua Padre Rolim e Praça Tiradentes, próximo a Capela do Passo na Praça. Após o Encontro: Praça Tiradentes, Rua Conde Bobadela (antiga Rua Direita), Rua São José, Capela do Passo na Rua São José, Rua Getúlio Vargas, Capela do Passo na Rua Getúlio Vargas, Largo do Rosário, Rua Cônego Simões, Ponte Seca, Capela do Passo na Ponte Seca, Rua Conselheiro Santana e Matriz de Nossa Senhora do Pilar.

Fonte: Elaborado pela autora com base no programa executado em 2022 pelas paróquias de Nossa Senhora do Pilar e Nossa Senhora da Conceição.

Os sinos entoados pelos sineiros de onde as procissões foram iniciadas e fazem passagem foram parte da sonoridade desses cultos. A Procissão do Encontro demonstrou uma maior presença de fiéis em relação às anteriores.

Em Ouro Preto, percebemos que houve uma espetacularização das procissões, nelas, estão presentes drones, câmeras e repórteres de canais de televisão para sua transmissão ao grande público. Verificamos também um maior apelo turístico, do que nas demais cidades estudadas. Apesar disso, ainda presenciamos a participação dos devotos da cidade com várias demonstrações de fé. Notamos esses realizando os trajetos descalços e senhoras com velas e terços nas mãos realizando orações. Houve crianças também vestidas de anjos e um esplêndido canto de Verônica foi vivenciado em 2022, durante a pregação realizada na Praça Tiradentes.

As fachadas das edificações no entorno dos trajetos também foram ornamentadas por fiéis espectadores, que nas suas janelas abertas para as ruas, adicionaram tecidos roxos, toalhas de rendas e santos de devoção doméstica.

Já a Procissão da Soledade de Nossa Senhora, ocorreu na Segunda-feira Santa, após a missa das 19:00, a partir de um cortejo promovido pelos guardiões da Matriz de Nossa Senhora do Pilar para a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Nele os irmãos retiraram a escultura de Nossa Senhora das Dores do primeiro templo, percorrem as ruas Conselheiro Santana, Cônego Simões, Ponte Seca, Largo do Rosário até chegarem ao segundo templo.

Sobre essa última procissão realizada na Semana Santa ela representou a prática de devoção recente de rememoração das Dores de Maria em Ouro Preto, foco de nossa pesquisa também, que ocorreu sem o uso das Capelas dos Passos.

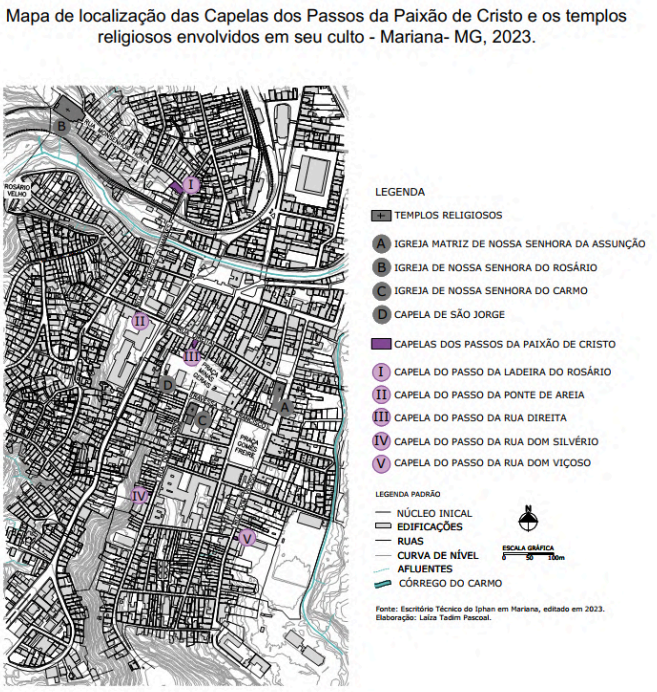
Constatamos que as Capelas dos Passos em Ouro Preto foram utilizadas para o culto na Quaresma e Semana Santa uma vez no ano de 2022 (Procissão do Encontro), apesar de ficaram abertas no período da Quaresma e Semana Santa para vigília e orações.

Sendo este apenas um recorte desses cultos e procissões em Minas Gerais consideramos para uma abrangência regional maior, outras vivências e para tal, consequentemente mais localidades mineiras foram estudadas como a cidade de Mariana apresentada, mais adiante.

3.2.2. Festa e religião em Mariana

Em Mariana verificamos quatro templos religiosos, que participaram durante os cultos da Paixão de Cristo e das Dores de Maria, que são: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção (A), Igreja de Nossa Senhora do Rosário (B), Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Ordem Terceira (C), Capela de São Jorge - antiga Capela do Passo da Cadeia (D). Além disso, ressaltamos também o templo da Capela de Santo Antônio, o Rosário Velho, que participou de uma pequena procissão. Associado a eles nessa mesma prática religiosa constatamos também as cinco Capelas dos Passos, que são: Capela do Passo na Ladeira do Rosário (I), Capela do Passo na Ponte de Areia (II), Capela do Passo na Rua Direita (III), Capela do Passo na Rua Dom Silvério (IV) e Capela do Passo na Rua Dom Viçoso (V), conforme Mapa 5.

Mapa 5 - Mapa de localização das Capelas dos Passos da Paixão de Cristo e dos templos religiosos envolvidos em seu culto, Mariana - Minas Gerais.



Fonte: Escritório Técnico do Iphan em Mariana. Editado por Laiza Pascoal, 2023.

As práticas aos dois cultos que se referem a Paixão de Cristo e as Dores de Maria em Mariana são realizadas próximas da Semana Santa e por isso, ficaram também conhecidas como as “Solenidades da Semana Santa”.

Inicialmente, em 2022, ocorreram os exercícios do Setenário das Dores, que foram realizados pelos religiosos e fiéis na Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Ordem Terceira nos sete dias anteriores à Procissão de Depósito da Nossa Senhora das Dores.

Encerrada a prática religiosa, após a missa das 19:00 horas, na quarta sexta-feira da Quaresma ou na “Sexta das Dores”, os guardiões e os membros da Ordem Terceira Carmelita (OTC) retiraram a escultura processional e retabular de Nossa Senhora das Dores[113] do templo, para sua respectiva procissão solene, em um andor ricamente ornamentado com flores regionais.

[113] Na cidade de Mariana os guardiões e os terceiros carmelitas se apropriaram de uma escultura de Nossa Senhora da Soledade pertencente ao Seminário da Boa Morte para uso na tradicional procissão de Nossa Senhora das Dores.

Registramos que essa solenidade, uma preparação para a Procissão do Encontro, ocorreu na quarta sexta-feira da Quaresma, que foi a mesma data escolhida para uma procissão similar em Ouro Preto, por isso essa não foi por nós vivenciada.

Porém, o programa elaborado em 2022, pelas três paróquias envolvidas nas festividades religiosas estudadas em Mariana, que são as de: Nossa Senhora da Assunção, Sagrado Coração de Jesus e Nossa Senhora Aparecida, indicou que o percurso realizado para essa procissão ocorreu da Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Ordem Terceira, situada na Praça Minas Gerais, até a Capela de Nossa Senhora de Nazaré, pertencente a Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, localizada na região da Cartucha.

Notamos que essa procissão utilizou do arruamento de todo centro histórico tradicional de Mariana e depois de outras ruas de uma área mais afastada do centro da cidade. Durante essa procissão noturna não houve o uso das Capelas dos Passos. Essa procissão foi sintetizada na Tabela 11.

Tabela 11 - Depósito da Nossa Senhora das Dores, Mariana - Minas Gerais.

Quando aconteceu
Na quarta sexta-feira da Quaresma, após a missa das 19:00 horas.
Quem promoveu
Irmandade do Santíssimo Sacramento e Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo.
Repertório musical
Coral e Sociedade Musical Santa Cecília de Passagem de Mariana.
Trajeto
Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Ordem Terceira na Praça Minas Gerais, Travessa São Francisco, Praça Gomes Freire, Rua Dom Viçoso, Rua Cônego Amando, Rodovia Mg262, Rua Capitão Lúcio, Rua Saulo Electro de Queiroz e Capela de Nossa Senhora de Nazaré na região da Cartucha.

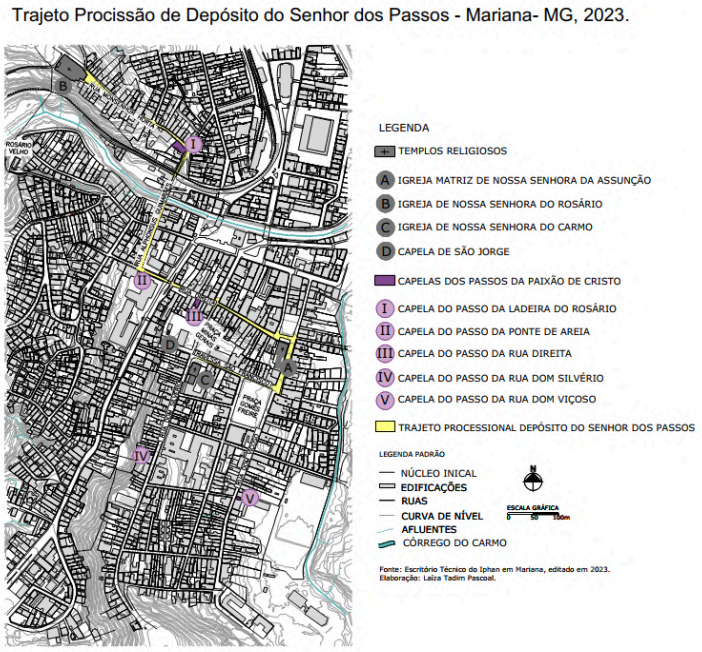
Fonte: Elaborado pela autora com base no programa executado em 2022 pelas paróquias de Nossa Senhora da Assunção, Sagrado Coração de Jesus e Nossa Senhora Aparecida.

Na quinta sexta-feira da Quaresma, ocorreu às 19:00, o exercício de uma pequena via sacra da Capela do Passo da Ponte de Areia até à Capela de Santo Antônio

(Rosário Velho). Nessa procissão noturna somente a Capela do Passo e o Rosário Velho foram utilizados, constituindo essa uma característica regional de prática religiosa verificada somente em Mariana.

Na Segunda-feira Santa, os devotos veneraram durante o dia a escultura processional e retabular de Nosso Senhor dos Passos antes do cortejo. E somente à noite aconteceu a solene Procissão de Depósito de Nosso Senhor dos Passos, quando os guardiões e os membros da OTC retiraram a escultura velada da Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Ordem Terceira (Figura 73) com destino para a Igreja de Nossa Senhora do Rosário (Rosário Novo), como uma preparação da Procissão do Encontro. Isso ocorreu após a missa das 19:00 horas e com o uso de um andor preenchido de ervas locais, conforme Mapa 6.

Mapa 6 - Mapa da Procissão de Depósito de Nosso Senhor dos Passos, Mariana - Minas Gerais.



Fonte: Escritório Técnico do Iphan em Mariana. Editado por Laiza Pascoal, 2023.

Nessa ocasião, os membros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário receberam a escultura de Nosso Senhor dos Passos no meio do percurso processional e depois seguiram até a Praça do Rosário. Ao chegarem na Praça eles

realizaram um giro com o andor e promoveram a abertura do velário da escultura de frente para os fiéis (Figura 74). Foi também nesse instante, que as ervas foram distribuídas aos devotos, que as levaram para a proteção de suas casas. Logo depois, os irmãos da Irmandade do Rosário depositaram a escultura no seu templo religioso.

Figura 73 - Procissão de Depósito de Nosso Senhor dos Passos, retirada da escultura pelos guardiões na Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Ordem Terceira, Mariana - Minas Gerais.



Figura 74 - Procissão de Depósito de Nosso Senhor dos Passos, chegada do cortejo de Senhor dos Passos, Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Mariana - Minas Gerais.



Fonte: Vanessa Taveira de Souza, 2022.

Durante esse cortejo também houve a representação da guarda romana como em Ouro Preto, que proporcionou ritmo à Procissão de Nosso Senhor dos Passos com as lanças batidas nas ruas calçadas de Mariana. Além da participação usual das irmandades, dos terceiros carmelitas, dos sacerdotes e coroinhas com incensos e lanternas, da Sociedade Musical de Santa Cecília de Passagem de Mariana, que executou marchas fúnebres, que suscitaram a dramaticidade e a reflexão aos participantes, além devotos e turistas com velas.

Os sinos entoados pelos sineiros da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, da Matriz de Nossa Senhora da Assunção e da Igreja de Nossa Senhora do Rosário fizeram

parte do repertório musical da procissão noturna e nela também não ocorreu o uso das Capelas dos Passos. Diferentemente da procissão anterior, o cortejo utilizou somente as ruas do traçado viário de Mariana. Essa procissão foi sintetizada na Tabela 12.

Tabela 12 - Depósito de Nosso Senhor dos Passos, Mariana - Minas Gerais.

Quando acontece
Na segunda-feira Santa, após a missa das 19:00 horas.
Quem promoveu
Irmandade do Santíssimo Sacramento, Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo e Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.
Repertório
Coral e Sociedade Musical Santa Cecília de Passagem de Mariana.
Trajeto
Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Ordem Terceira, Praça Minas Gerais, Travessa São Francisco, Rua Frei Durão, Praça da Matriz de Nossa Senhora da Assunção, Rua Direita, Rua Alphonsus de Guimarães, Rua Teófilo Otoni, Rua Monsenhor Horta e Praça do Rosário, Igreja de Nossa Senhora do Rosário (Rosário Novo).

Fonte: Elaborado pela autora com base no programa executado em 2022 pelas paróquias de Nossa Senhora da Assunção, Sagrado Coração de Jesus e Nossa Senhora Aparecida.

Em 2022, na terça-feira Santa em Mariana, às 19:00 horas, se iniciou a Procissão do Encontro, onde as irmandades e os terceiros carmelitas retiraram as esculturas de Nossa Senhora das Dores e de Nosso Senhor dos Passos dos dois templos, que foram anteriormente depositadas (Figura 75). E ambas foram direcionadas pelos organizadores dos dois cortejos para a Praça Minas Gerais.

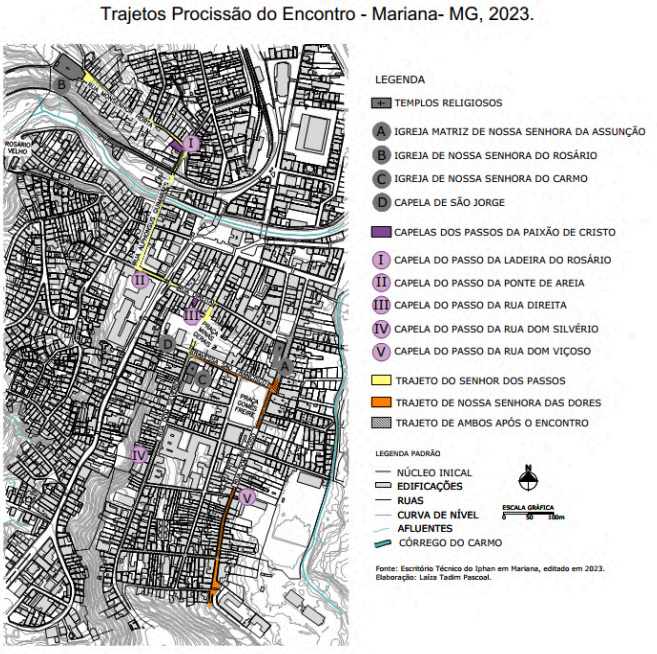
No caminho até a Praça Minas Gerais o cortejo com o andor de Nosso Senhor dos Passos realizou estações nas Capelas dos Passos na Ladeira do Rosário, na Ponte de Areia e na Rua Direita (antiga Rua de Cima) para execução dos motetos referentes às cenas da via sacra (Figura 76, Figura 77 e Figura 78). Enquanto isso, o cortejo com o andor de Nossa Senhora das Dores não realizou nenhuma pausa nas estações. Os cortejos foram acompanhados pelas irmandades, membros da OTC, religiosos, coral e Sociedade Musical de Santa Cecília de Passagem de Mariana, além de devotos e turistas.

Após a chegada dos cortejos à Praça Minas Gerais, um sacerdote proferiu a pregação e as duas esculturas, a de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores, aos poucos foram aproximadas uma da outra por seus organizadores. Isso ocorreu em frente à Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Ordem Terceira.

Finalizados os atos religiosos, os cortejos já unidos, seguiram juntos para a Matriz de Nossa Senhora da Assunção (Figura 79), e realizaram as estações da via sacra, representados pelas seguintes Capelas dos Passos: Capela do Passo na Rua Dom Silvério e Capela do Passo na Rua Dom Viçoso. Nessas foram executados os motetos referentes às suas cenas.

Depois as duas esculturas foram recolhidas pelos organizadores na Matriz de Nossa Senhora da Assunção, finalizando assim a Procissão do Encontro em Mariana. Posteriormente, nesse templo religioso aconteceu o Sermão do Calvário, conforme Mapa 7.

Mapa 7- Mapa da Procissão do Encontro, Mariana - Minas Gerais.



Fonte: Escritório Técnico do Iphan em Mariana. Editado por Laiza Pascoal, 2023.

Ressaltamos que esses dois últimos cortejos utilizaram das ruas centrais e de outras ruas mais distantes em Mariana, com as da região do Cartucha e durante essa procissão noturna todas as Capelas dos Passos foram utilizadas.

Registramos que a Capela de São Jorge, antiga Capela do Passo da Cadeia, não foi utilizada durante os cultos e as respectivas procissões.

Figura 75 - Procissão do Encontro, cortejo de Nosso Senhor dos Passos, Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Mariana - Minas Gerais.



Figura 76 - Procissão do Encontro, Estação, Capela do Passo na Ponte de Areia, Mariana - Minas Gerais.



Figura 77 - Procissão do Encontro, velas no trajeto processional, Mariana - Minas Gerais.

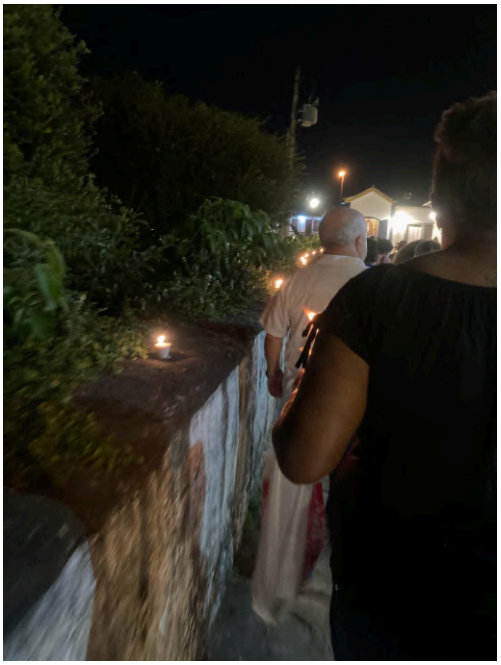


Figura 78 - Procissão do Encontro, registro interno, Capela do Passo na Ponte de Areia, Mariana - Minas Gerais.



Figura 79 - Procissão do Encontro, união entre as esculturas de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores, Praça Minas Gerais. E continuidade do cortejo na Rua Dom Silvério, Mariana - Minas Gerais.



Fonte: Vanessa Taveira de Souza, 2022.

Os sinos entoados pelos sineiros de onde as procissões foram iniciadas e fizeram passagem foram parte da sonoridade desses cultos. Como os da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Matriz de Nossa Senhora da Assunção e Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

As fachadas das edificações no entorno dos trajetos também foram ornamentadas por fiéis espectadores, que nas suas janelas abertas para as ruas, adicionaram, faixas roxas, toalhas de rendas e santos de devoção doméstica como em Ouro Preto.

Em Mariana, vivenciamos uma atmosfera única na Procissão do Encontro, devido às várias velas iluminando o caminho processional sagrado, que foram depositadas nas Ponte de Tábuas (de madeira e sob o Ribeirão do Carmo), encruzilhadas e muro de pedras. Observamos nessa cidade uma fé maior no exercício religioso do que em Ouro Preto, com muito respeito, silêncio e recolhimento, somado às várias e

constantes orações realizadas pelos devotos, em sua grande maioria da própria cidade. A Procissão do Encontro foi sintetizada na Tabela 13.

Tabela 13 - Procissão do Encontro, Mariana - Minas Gerais.

Quando aconteceu
Na terça-feira Santa, após a missa das 19:00 horas.
Quem promoveu
Irmandade do Santíssimo Sacramento, Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo e Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.
Repertório
Motetos pelos Coral e Sociedade Musical Santa Cecília de Passagem de Mariana.
Trajeto
Cortejo de Nosso Senhor dos Passos: Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Praça do Rosário, Rua Monsenhor Horta, Capela do Passo da Ladeira do Rosário, Rua Teófilo Otoni, Rua Alphonsus de Guimarães, Capela do Passo na Ponte de Areia, Ponte de Areia, Rua Direita, Capela do Passo na Rua Direita, Ladeira Valdemar Moura Santos e Praça Minas Gerais. Cortejo de Nossa Senhora das Dores: Capela de Nossa Senhora de Nazaré, Rua Saulo Electro de Queiroz, Rua Capitão Lúcio, Rodovia MG 262, Rua Cônego Amando, Rua Dom Viçoso, Praça Gomes Freire, Travessa São Francisco e Praça Minas Gerais. Após o Encontro: Praça Minas Gerais, Rua Dom Silvério, Capela do Passo na Rua Dom Silvério, Rua das Mercês, Rua Dom Viçoso, Capela do Passo na Rua Dom Viçoso e Matriz de Nossa Senhora da Assunção.

Fonte: Elaborado pela autora com base no programa executado em 2022 pelas paróquias de Nossa Senhora da Assunção, Sagrado Coração de Jesus e Nossa Senhora Aparecida.

Já a Procissão da Soledade de Nossa Senhora, ocorreu na quarta-feira Santa em Mariana, após a missa das 19:00 na Igreja de São Pedro dos Clérigos, da onde foi iniciado um cortejo pelos religiosos e fiéis da Praça dos Clérigos com a presença do andor de Nossa Senhora, que depois percorreu a Rua Dom Silvério até chegar na Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Ordem Terceira, situada Praça Minas Gerais.

Verificamos assim, que em Mariana houve como em Ouro Preto, a prática de devoção às Dores de Maria, com a realização de uma procissão sem o uso das Capelas dos Passos.

Constatamos também que as Capelas dos Passos em Mariana foram utilizadas para o culto na Quaresma e Semana Santa cerca de duas vezes no ano de 2023

(Procissão de via sacra ao Rosário e Procissão do Encontro), para realização de suas procissões, apesar de ficaram abertas durante todo período da Quaresma e Semana Santa para vigília e orações. E no caso específico de Mariana, verificamos também numa outra visita a campo a abertura do Passo na Rua Dom Silvério durante o período do Natal para a exibição de um Presépio.

Interessante notar o cuidado da programação entre as duas cidades vizinhas, que foram ajustadas pelas paróquias organizadoras para realizarem, como por exemplo, a Procissão do Encontro em dias diferentes, uma no Domingo de Ramos e outra na terça-feira Santa. Isso ocorreu provavelmente para promover uma maior participação dos religiosos e músicos locais nas duas localidades. A Tabela 14 apresenta um comparativo entre as duas cidades.

Tabela 14 - Tabela comparativa entre as práticas religiosas realizadas, Ouro Preto e Mariana - Minas Gerais.

Práticas religiosas	Ouro Preto	Mariana
Setenário das Dores	x (7 dias antes da Procissão de Depósito de Nossa Senhora das Dores)	x (7 dias antes da Procissão de Depósito de Nossa Senhora das Dores)
Procissão de Depósito da Nossa Senhora das Dores	x (quarta sexta-feira da Quaresma)	x (quarta sexta-feira da Quaresma)
Via sacra (Capela do Passo na Ponte de Areia até Capela de Santo Antônio - Rosário Velho)	-	x (quinta sexta-feira da Quaresma)
Procissão de Depósito de Nosso Senhor dos Passos	x (quarto sábado da Quaresma)	x (segunda-feira Santa)
Procissão do Encontro	x (quarto domingo da Quaresma)	x (terça-feira Santa)
Procissão de Nossa Senhora da Soledade	x (segunda-feira Santa)	x (quarta-feira Santa)

Fonte: Elaborado pela autora.

Notamos também diferenças na organização dos cultos e procissões, já que em Ouro Preto houve a participação da Irmandade do Santíssimo Sacramento, da Irmandade de Nossa Senhora das Dores, da Irmandade de Nossa Senhora das

Mercês e da Ordem Terceira de São Francisco, enquanto em Mariana prevaleceu a participação da Irmandade do Santíssimo Sacramento, da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e da Ordem Terceira do Carmo. Assim sendo, cada localidade apresentou características próprias da atuação das associações religiosas ali fundadas e ainda atuantes.

Ressaltamos por fim, que nas cidades de Ouro Preto e Mariana, as primeiras e as últimas estações da Procissão do Encontro foram feitas nos templos inicial e final, além das cinco estações realizadas nas Capelas dos Passos, totalizando as sete cenas comuns em Minas Gerais[114].

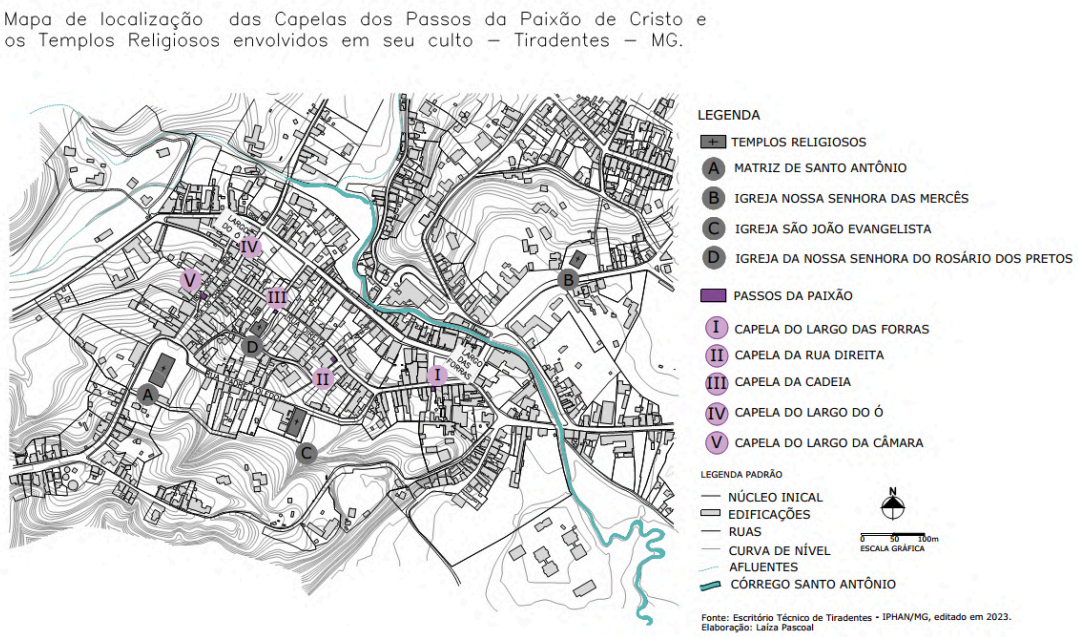
Sendo este apenas mais um recorte desses cultos e procissões em Minas Gerais consideramos outras vivências como a na cidade de Tiradentes.

3.2.3. Festa e religião em Tiradentes

Em Tiradentes verificamos quatro templos religiosos, que participaram durante os cultos da Paixão de Cristo e das Dores de Maria, que são: Matriz de Santo Antônio (A), Igreja de Nossa das Mercês (B), Igreja de São João Evangelista (C) e Igreja de Nossa Senhora do Rosário (D). Associado a eles nessa mesma prática religiosa constatamos também as cinco Capela dos Passos, que são: Capela do Passo no Largo das Forras (I), Capela do Passo na Rua Direita (II), Capela do Passo da Cadeia (III), Capela do Passo no Largo do Ó (IV) e Capela do Passo no Largo da Câmara (V), conforme Mapa 8.

[114] As 7 cenas representadas em Ouro Preto e Mariana atendem ao programa estabelecido em 1731 pelo papa Bento XIV, determinado para a devoção à Paixão de Cristo.

Mapa 8 - Mapa de localização das Capelas dos Passos da Paixão de Cristo e dos templos religiosos envolvidos em seu culto, Tiradentes - Minas Gerais.



Fonte: Escritório Técnico do Iphan em Tiradentes. Editado por Laiza Pascoal, 2023.

As festividades das devoções ao Nosso Senhor dos Passos e a Nossa Senhora das Dores organizadas pela Paróquia de Santo Antônio ocorreram durante a Quaresma e a Semana Santa em Tiradentes e foram denominadas de “Comemorações dos Passos”.

Diferentemente de Ouro Preto e Mariana, nessa localidade são realizadas inicialmente as vias sacras externas, nas quatro primeiras sextas-feiras da Quaresma, logo após o início desse período litúrgico na Quarta-Feira de Cinzas. Essas práticas religiosas são as mais antigas relatadas nos documentos da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos dessa cidade.

Uma das denominadas Vias Sacras de Tiradentes, que foi vivenciada em 2023, na primeira sexta-feira da Quaresma, ocorreu às 19:00 horas, após a missa, quando os membros da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos promoveram um cortejo da Capela do Bom Jesus da Pobreza, fizeram pausas nas cinco Capelas dos Passos

das estações intermediárias para execução dos motetos relativos às suas cenas, até a finalizaram na Matriz de Santo Antônio.

Essa procissão foi realizada com um irmão da Irmandade vestindo uma opa na frente carregando uma cruz de madeira com um pano branco pendente. Depois nela estavam os demais membros da Irmandade, os religiosos e coroinhas, o Coral, a Banda e Orquestra Ramalho de Tiradentes, além dos devotos e turistas.

Esse cortejo ocorreu no núcleo central de Tiradentes e possuiu uma relação com a antiga Rua Direita (ou Caminho Tronco e também rota principal dos tropeiros).

Os sinos entoados pelos sineiros de Tiradentes nos templos envolvidos na solenidade da via sacra fizeram parte do repertório musical da procissão noturna e nela ocorreu o uso das Capelas dos Passos. As Vias Sacras foram sintetizadas na Tabela 15.

Tabela 15 - Vias Sacras, Tiradentes - Minas Gerais.

Quando aconteceu
Nas primeira, terceira, quinta e sétima sextas-feiras da Quaresma, às 19:00 horas.
Quem promoveu
Irmandade de Nosso Senhor dos Passos.
Repertório musical
Coral, Orquestra e Banda Ramalho de Tiradentes executaram nos Passos os Motetos *Miserere mei de Deus*, de Manoel Dias de Oliveira (1735-1813).[115]
Trajeto
Capela do Bom Jesus da Pobreza, Rua Resende Costa (antigo Largo das Forras), Capela do Passo no Largo das Forras, Rua Direita (passando pelos “três cantos até os “quatro cantos”), Capelas dos Passos na Rua Direita, Rua do Chafariz, Capela do Passo no Largo do Ó, Rua Jogo da Bola, Rua da Câmara, Capela do Passo no Largo do Pelourinho, Rua Padre Toledo (antiga Rua do Sol) com Rua da Santíssima Trindade e Matriz de Santo Antônio.

Fonte: Elaborado pela autora com base no programa executado pela Paróquia de Santo Antônio, em 2023.

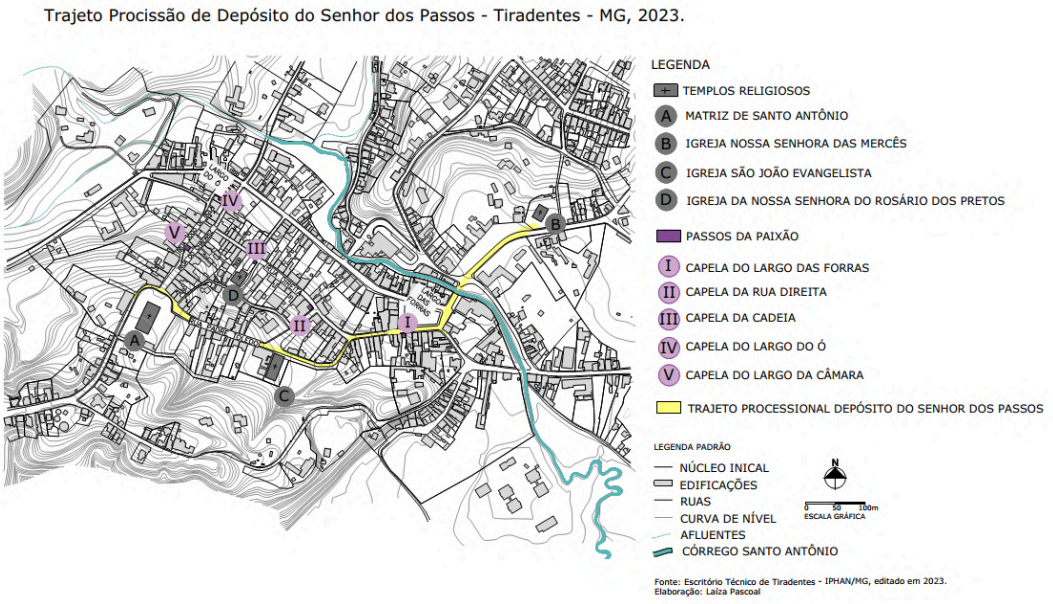
Registramos que, tanto a primeira Capela do Bom Jesus da Pobreza quanto a Matriz de Santo Antônio serviram como estações da via sacra, assim como as estações

[115] GAIO SOBRINHO, ALVES, FARNESE, 2010, p. 139.

intermediárias representadas pelas Capelas dos Passos. Em 2023, verificamos que as associações religiosas de Tiradentes não realizaram a Procissão de Depósito da Nossa Senhora das Dores, sendo esta prática provavelmente extinta ou alterada para outro período nessa localidade.

Já no quinto sábado da Quaresma, as irmandades promoveram como preparação para a Procissão do Encontro a Procissão de Depósito de Nosso Senhor dos Passos no chamado “Sábado de Passos”, quando a escultura retabular e processional de Nosso Senhor dos Passos foi retirada velada do altar lateral da Matriz de Santo Antônio pelos seus guardiões, após a missa das 19:00 horas (Figura 80 e Figura 81), para o seu traslado da Matriz até a Igreja de Nossa Senhora das Mercês (Figura 82), que ocorreu com o uso de um andor preenchido por ervas locais, conforme Mapa 9.

Mapa 9 - Mapa da Procissão de Depósito de Nosso Senhor dos Passos, Tiradentes - Minas Gerais.



Fonte: Escritório Técnico do Iphan em Tiradentes. Editado por Laiza Pascoal, 2023.

Do cortejo de Nosso Senhor dos Passos participaram os membros das irmandades organizadoras, os religiosos e coroinhas, a Banda e Orquestra Ramalho de Tiradentes e por fim os devotos e turistas. Registramos também que durante o dia a escultura ficou exposta dentro da Matriz de Santo Antônio para a veneração dos devotos.

Ao longo deste cortejo os mercedários receberam o andor com a escultura de Nosso Senhor dos Passos, especificamente na Rua Direita e próximo ao Largo das Forras e posteriormente os membros da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos e das Mercês seguiram juntos para a Igreja de Nossa Senhora das Mercês. No interior do templo foi depositada, após uma missa. A imagem foi desvelada e suas ervas foram distribuídas aos fiéis, que as levaram para a proteção dos seus lares.

Figura 80 - Procissão do Depósito de Nosso Senhor dos Passos, retirada da escultura pelos guardiões na Matriz de Santo Antônio, Tiradentes - Minas Gerais.



Figura 81 - Procissão do Depósito de Nosso Senhor dos Passos, cortejo de Nosso Senhor do Passos na Rua de Cima e próximo a Igreja de São João Evangelista, Tiradentes - Minas Gerais.



Figura 82 - Procissão do Depósito de Nosso Senhor dos Passos, chegada do cortejo na Igreja de Nossa Senhora das Mercês, Tiradentes - Minas Gerais.



Fonte: Vanessa Taveira de Souza, 2023.

Os sinos entoados pelos sineiros da Matriz de Santo Antônio, da Igreja de São João Evangelista e da Igreja de Nossa Senhora das Mercês, fizeram parte do repertório musical da procissão noturna e nela não ocorreu o uso das Capelas dos Passos.

Esse cortejo ocorreu também no núcleo central de Tiradentes e possui uma relação com as antigas Rua Direita e Rua de Cima. Essa procissão foi sintetizada na Tabela 16.

Tabela 16 - Depósito de Nosso Senhor dos Passos, Tiradentes - Minas Gerais.

Quando aconteceu
No quinto sábado da Quaresma, após a missa das 19:00 horas.[116]
Quem promoveu
Irmandade de Nosso Senhor dos Passos e Irmandade de Nossa Senhora das Mercês.
Repertório musical
Orquestra e Banda Ramalho de Tiradentes.
Trajeto
Matriz de Santo Antônio, Rua Santíssima Trindade, Rua Padre Toledo (antiga Rua de Cima ou Rua do Sol), Rua Direita, Rua Resende Costa (no Largo das Forras), Capela do Bom Jesus da Pobreza, Ponte das Forras (de pedra e sob o Córrego Santo Antônio), Praça Dom Delfin Ribeiro Guedes, Rua Silvio Vasconcelos e Igreja de Nossa Senhora das Mercês.

Fonte: Elaborado pela autora com base no programa executado pela Paróquia de Santo Antônio, em 2023.

Em 2023, no quinto domingo da Quaresma, às 8:00 horas, ocorreu a Procissão de Rasoura de Nosso Senhor dos Passos na Igreja de Nossa Senhora das Mercês de Tiradentes, onde a escultura e o cortejo formado pelas irmandades organizadores, religiosos e fiéis realizaram uma pequena procissão, que fez uma volta ao redor do igreja e retornou depois ao interior desse mesmo templo, onde ocorreu uma missa e depois a veneração a escultura de Nosso Senhor dos Passos (Figura 83 e Figura 84). A Orquestra e Banda Ramalho de Tiradentes também acompanhou esse cortejo.

Ressaltamos que não constatamos na contemporaneidade Procissões de Rasouras em Ouro Preto e Mariana relativas a festividade religiosa estudada.

[116] GAIO SOBRINHO, ALVES, FARNESE, 2010, p.144.

Figura 83 - Procissão de Rasoura de Nosso Senhor dos Passos, início do cortejo, Igreja de Nossa Senhora das Mercês, Tiradentes - Minas Gerais.



Figura 84 - Procissão de Rasoura de Nosso Senhor dos Passos, meio do cortejo, Igreja de Nossa Senhora das Mercês, Tiradentes - Minas Gerais.



Fonte: Vanessa Taveira de Souza, 2023.

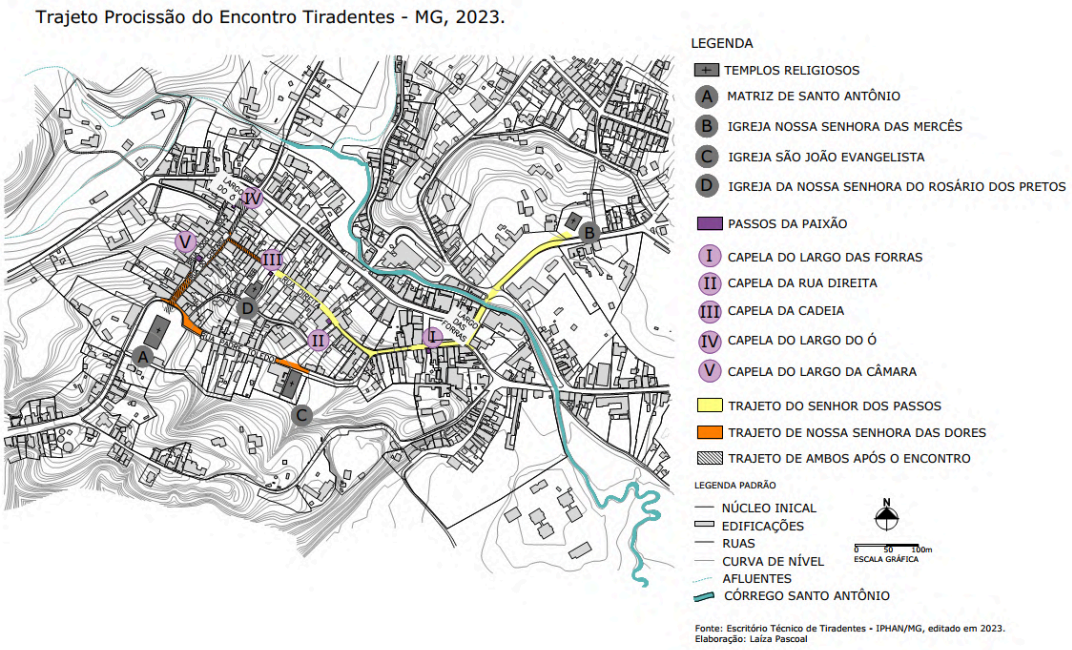
Também no quinto domingo da Quaresma em Tiradentes, às 18:00 horas, no chamado “Domingo do Encontro” se iniciou a Procissão do Encontro, onde as irmandades retiraram as esculturas de Nossa Senhora das Dores e de Nosso Senhor dos Passos da Igreja de São João Evangelista e da Igreja de Nossa Senhora das Mercês. E ambas foram direcionadas pelos organizadores para o Largo do Rosário.

No caminho até o Largo do Rosário o cortejo de Nosso Senhor dos Passos realizou estações da via sacra nas Capelas dos Passos que foram: as Capelas dos Passos no Largo das Forras, na Rua Direita e da Cadeia, para execução dos motetos referentes às suas cenas. Enquanto isso, o cortejo com o andor de Nossa Senhora das Dores não realizou nenhuma pausa nas estações. Os dois cortejos foram acompanhados pelas irmandades, religiosos e coroinhas, Coral, Orquestra e Banda Ramalho de Tiradentes, além de devotos e turistas.

Após a chegada dos dois cortejos ao Largo do Rosário, um sacerdote proferiu a pregação e as duas esculturas, a de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores, aos poucos foram aproximadas uma da outra por seus organizadores, como rememorando a cena que aconteceu entre eles no caminho do calvário. Isso ocorreu em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário e a Cadeia.

Finalizados os atos religiosos, os dois cortejos já unidos, seguiram o mesmo trajeto juntos com destino a Matriz de Santo Antônio e seus promotores realizaram orações e motetos nas estações da via sacra em outras duas Capelas dos Passos, a Capela do Passo no Largo do Ó e a Capela do Passo no Largo da Câmara. Depois as esculturas foram depositadas na Matriz de Santo Antônio, onde houve o Sermão do Calvário, finalizando assim as “Comemorações dos Passos” em Tiradentes. A Procissão do Encontro foi realizada, conforme Mapa 10.

Mapa 10 - Mapa da Procissão do Encontro, Tiradentes - Minas Gerais.



Fonte: Escritório Técnico do Iphan em Tiradentes. Editado por Laiza Pascoal, 2023.

Registramos que nessa ocasião as duas esculturas entraram voltadas para os fiéis e foram depositadas naquela ocasião nos fundos e laterais da nave da Matriz de Santo Antônio de Tiradentes.

Figura 85 - Procissão do Encontro, Nosso Senhor dos Passos em veneração na Igreja de Nossa Senhora das Mercês, Tiradentes - Minas Gerais.

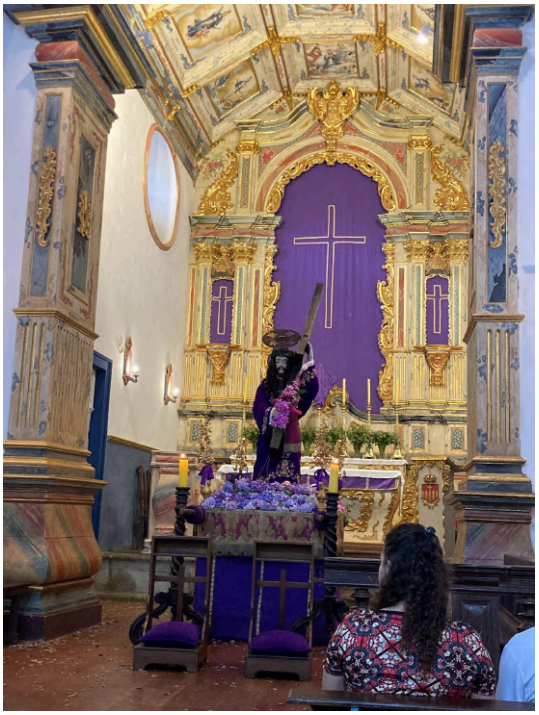


Figura 86 - Procissão do Encontro, Nossa Senhora das Dores em veneração na Igreja de São João Evangelista, Tiradentes - Minas Gerais.



Figura 87 - Procissão do Encontro, Estação, Capela do Passo na Rua Direita, Tiradentes - Minas Gerais.



Figura 88 - Procissão do Encontro, união entre as esculturas de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores, Largo do Rosário, Tiradentes - Minas Gerais.



Figura 89 - Procissão do Encontro, Estação, Capela do Passo no Largo Ó, Tiradentes - Minas Gerais.



Figura 90 - Procissão do Encontro, recolhimento das duas esculturas pelos organizadores na Matriz de Santo Antônio, Tiradentes - Minas Gerais.



Fonte: Vanessa Taveira de Souza, 2023.

Não houve a representação da guarda romana e tampouco ocorreu a participação das ordens terceiras durante as procissões de Tiradentes, prevalecendo assim a atuação somente das irmandades nos cultos estudados.

Os sinos entoados pelos sineiros da Matriz de Santo Antônio, Igreja de São João Evangelista e Igreja de Nossa Senhora das Mercês, fizeram parte do repertório da procissão noturna e nela ocorreu o uso das Capelas dos Passos.

Esses cortejos também ocorreram no núcleo central de Tiradentes e possuem relação com as antigas Rua Direita, Rua de Cima e Rua da Câmara. Na Tabela 17, sintetizamos essa procissão.

Tabela 17 - Procissão do Encontro, Tiradentes - Minas Gerais.

Quando aconteceu
No quinto domingo da Quaresma, às 18:00 horas.
Quem promoveu
Irmandade de Nosso Senhor dos Passos, Irmandade de Nossa Senhora das Mercês e Irmandade de São João Evangelista.
Repertório musical
O Coral, Orquestra e Banda Ramalho de Tiradentes executam nas Capelas dos Passos os Motetos *Miserere mei* de Deus, cuja autoria é de Manoel Dias de Oliveira (1735-1813).
Trajeto
Cortejo de Nosso Senhor dos Passos: Igreja de Nossa Senhora das Mercês, Rua Silvio Vasconcelos, Praça Dom Delfin Ribeiro Guedes, Ponte das Forras (de pedra e sob o Córrego Santo Antônio), Capela do Bom Jesus da Pobreza, Rua Resende Costa (antigo Largo das Forras), Capela do Passo no Largo das Forras, Rua Direita, Capela do Passo na Rua Direita, Capela do Passo da Cadeia e Largo do Rosário. Cortejo da Nossa Senhora Dores: Igreja São João Evangelista, Rua Padre Toledo (antiga Rua do Sol ou Rua de Cima), Rua da Câmara, Rua Direita e Largo do Rosário. Após o Encontro: Largo do Rosário, Rua Direita (até os “quatro cantos”), Rua do Chafariz, Largo do Ó, Capela do Passo no Largo do Ó, Rua Jogo da Bola, Rua da Câmara, Capela do Passo no Largo da Câmara, Rua Padre Toledo com Rua Santíssima Trindade e Matriz de Santo Antônio.

Fonte: Elaborado pela autora com base no programa executado pela Paróquia de Santo Antônio, em 2023.

Os devotos de Tiradentes ocuparam o centro e participaram efetivamente dos cultos as duas imagens, já que doaram ervas aromáticas de seus quintais e da Serra de São José (como o rosmaninho, alecrim e manjericão), assim como, forneceram as

flores que ornamentaram os andores de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores (como as hortênsias e rosas). Presenciamos muitas manifestações de fé, alguns fieis fizeram o percurso descalços e outros rezaram constantemente várias orações.

Durante esses cultos em Tiradentes notamos que muitos fiéis acompanharam os cortejos e as missas, enquanto outros poucos as assistiram em suas janelas, onde estenderam faixas roxas, toalhas de rendas bordadas e depositaram suas santas domésticas. Mas verificamos que houve poucos espectadores nas edificações ao redor dos trajetos em relação à Ouro Preto e Mariana, demonstrando que o centro dessa cidade já não abriga mais na contemporaneidade tantos moradores antigos, pois muitos das residências ali presentes se tornaram estabelecimentos comerciais e de serviços para os turistas, que não tem mais identidades com essa tradição.[117]

Em Tiradentes, após as “Comemorações dos Passos” houveram o Setenário das Dores e a Procissão de Nossa Senhora da Soledade em Tiradentes, na quinta-feira da Quaresma, ocorreu um cortejo promovido pelas irmandades de São João Evangelista e de Nossa Senhora das Mercês, que percorreu as ruas que conectam o primeiro templo ao segundo.

No dia seguinte, na sexta sexta-feira da Quaresma, às 18:00 horas, os organizadores realizaram na igreja dos mercedários uma Procissão de Rasoura de Nossa Senhora da Dores. Essa foi precedida de missa e da Procissão de Nossa Senhora da Soledade, que visitou as Capelas dos Passos e executou os Motetos *das Dores* de autoria de Francisco de Paula Vilela e finalizou na Igreja de São João Evangelista, onde ocorreu o Sermão da Soledade de Maria Santíssima.

Além disso, na Semana Santa em Tiradentes ainda ocorreu uma tradicional Visitação nas Capelas dos Passos, após a cerimônia de Lava-pés.

---

[117] Sabemos que o centro de Tiradentes obteve um processo de esvaziamento nas décadas de 1980 e depois nas décadas de 1990 e 2000 passaram por um processo de gentrificação, que expulsou os antigos moradores dali e deram espaços aos novos moradores forasteiros, em sua maioria fluminense e paulistas, que compraram várias residências e deram novos usos a eles.

Constatamos que as Capelas dos Passos em Tiradentes foram utilizadas para o culto na Quaresma e Semana Santa cerca de sete vezes no ano de 2023, para realização de suas procissões (quatro Vias Sacras, a Procissão do Encontro, a Procissão de Nossa Senhora da Soledade e a Visitação da Semana Santa), apesar de ficaram abertas durante todo período da Quaresma e Semana Santa para vigília e orações.

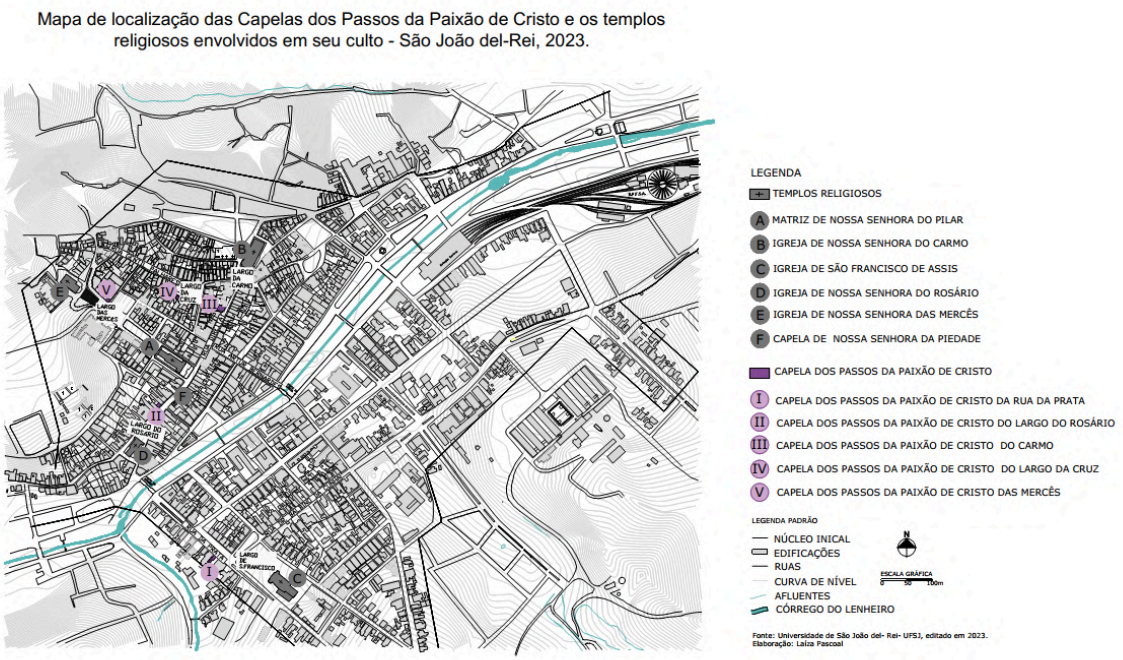
No caso específico de Tiradentes, algumas Capelas dos Passos também são abertas, conforme relatos dos guardiões, nos finais de semana durante o ano todo com viés turístico. Além disso, verificamos numa visita a campo a abertura da Capela do Passo no Largo das Forras durante o período do Natal para a exibição de um Presépio.

Sendo este apenas mais um recorte desses cultos e procissões em Minas Gerais consideramos mais uma última vivência na cidade de São João del-Rei.

3.2.4. Festa e religião em São João del-Rei

Em São João del-Rei verificamos a participação de seis principais templos religiosos relacionados aos cultos, que são: Matriz de Nossa Senhora do Pilar (A), Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Ordem Terceira (B), Igreja de São Francisco de Assis da Ordem Terceira (C), Igreja de Nossa Senhora do Rosário (D), Igreja de Nossa Senhora das Mercês (E) e a Capela de Nossa Senhora da Piedade e Bom Despacho (F). Associado a eles nessa mesma prática religiosa constatamos também as cinco Capela dos Passos, que são: Capela do Passo na Rua da Prata (I), Capela do Passo no Largo do Rosário (II), Capela do Passo do Carmo (III), Capela do Passo no Largo da Cruz (IV) e Capela do Passo das Mercês (V), conforme Mapa 11.

Mapa 11 - Mapa de localização das Capelas dos Passos da Paixão de Cristo e dos templos religiosos envolvidos em seu culto, São João del-Rei - Minas Gerais.



Fonte: Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Editado por Laiza Pascoal, 2023.

Ressaltamos inicialmente que em São João del-Rei existe um programa maior e mais complexo do que os das demais cidades já descritas. Isso possivelmente ocorreu devido a manutenção das tradições católicas na localidade e por causa da ação ininterrupta da centenária Venerável Irmandade dos Passos, que ao longo dos anos adaptou e ressignificou os cultos pesquisados. A saber:

As festividades das devoções ao Nosso Senhor dos Passos e a Nossa Senhora das Dores organizadas pela Paróquia do Pilar em 2019, que foram vivenciadas antes da pandemia da COVID-19 em 2020 e 2021, ocorreram durante a Quaresma e a Semana Santa em São João del-Rei e foram denominadas também de “Comemorações dos Passos”.

Ressaltamos que as “Comemoração dos Passos” de São João del-Rei foram divididas didaticamente em duas partes para sua respectiva apresentação nesta tese: a primeira parte começou com a prática das vias sacras e finalizou com a

Procissão do Encontro, já a segunda iniciou com o Setenário das Dores e terminou com a Procissão de Nossa Senhora da Soledade.

Na primeira parte das “Comemorações dos Passos” em São João del-Rei são realizadas inicialmente as vias sacras externas, nas segunda, quarta e sexta sextas-feiras da Quaresma, logo após o início desse período litúrgico na Quarta-Feira de Cinzas. Essas práticas religiosas são também as mais antigas relatadas nos documentos da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos dessa cidade.

Uma das denominadas Vias Sacras Solenes de São João del-Rei, que foi vivenciada em 2019, ocorreu na primeira sexta-feira da Quaresma, às 19:00 horas, após a missa. Quando os membros da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos promoveram um cortejo da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, que passou na Igreja de São Francisco de Assis da Ordem Terceira e depois realizou as cinco estações da via sacra nas Capelas dos Passos onde foram executados orações e motetos, até novamente chegarem na Matriz.

Nessa procissão, em seu início, observamos um irmão vestindo uma opa carregando uma cruz de madeira com um pano branco pendente. Depois estavam os demais membros da irmandade organizadora, um irmão segurando uma escultura de um Crucificado, os religiosos e coroinhas, o Coral, a Orquestra Ribeiro Bastos, além dos devotos e turistas.

Essa procissão ocorreu no centro de São João del-Rei e demonstrou uma relação com as antigas Rua da Prata e Rua Direita (Caminho Tronco e também rota principal dos tropeiros).

Os sinos entoados pelos sineiros de São João del-Rei nos templos envolvidos na solenidade da via sacra fizeram parte do repertório musical da procissão noturna e nela ocorreu o uso das Capelas dos Passos.

Destacamos também que nessa localidade o registro do “Toque do Sinos em Minas Gerais e o Ofício de Sineiros” como Patrimônio Cultural é mais evidenciado, por isso

trataremos especificamente desse assunto mais a frente.[118] As Vias Sacras Solenes, foram sintetizadas na Tabela 18.

Tabela 18 - Via Sacras Solenes, São João del-Rei - Minas Gerais.

Quando aconteceu
Nas três primeiras sextas-feiras da Quaresma, após a missa das 19:00 horas.
Quem promoveu
Irmandade de Nosso Senhor dos Passos.
Repertório musical
A Orquestra Ribeiro Bastos executou os Motetos *dos Passos* e "Senhor Deus" de Martiniano Ribeiro Bastos (1834-1912) e *Miserere mei Deus* de Manoel Dias de Oliveira (1735-1813).
Trajeto
Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Rua Getúlio Vargas (antiga Rua Direita), Rua Arthur Bernardes, Ponte da Cadeia, Rua Ministro Gabriel Passos, Rua Dr. Balbino da Cunha, Igreja de São Francisco de Assis da Ordem Terceira, Rua Padre José Maria Xavier (antiga Rua da Prata), Capela do Passo na Rua da Prata, Ponte do Rosário, Praça Embaixador Gastão da Cunha (antiga Praça Duque de Caxias) ou Largo do Rosário, Capela do Passo no Largo Rosário, Rua Monsenhor Gustavo, Praça Francisco Neves, Rua Manoel de Almeida Neto, Praça Barão de Itambé ou Largo da Câmara, Capela do Passo das Mercês, Rua Gentil Palhares, Praça Dr. Paulo Teixeira ou Largo da Cruz, Capela do Passo no Largo da Cruz, Rua Resende Costa, Rua Getúlio Vargas, Capela do Passo do Carmo e Matriz de Nossa Senhora do Pilar.

Fonte: (MAS-SJDR, 2018, p. 49-66).

Registramos que, a primeira estação da Via Sacra Solene de São João del-Rei aconteceu na Igreja de São Francisco de Assis da Ordem Terceira, especificamente na ilharga da capela-mor, depois as próximas cinco estações ocorreram nas Capelas dos Passos, já a última estação ocorreu na Matriz do Pilar, especificamente no altar lateral da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos.

Tanto a primeira estação quanto a última realizada nos templos religiosos serviram como estações para a via sacra e somadas às feitas nas Capelas dos Passos totalizam o número sete, que é o mais comum para a prática religiosa mineira. Na Tabela 19, sintetizamos cada uma das sete estações da Via Sacra de São João del-Rei.

[118] Em 03 de dezembro de 2009, o "Toque do Sinos em Minas Gerais e o Ofício de Sineiros" foram registrados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN como Patrimônio Cultural do Brasil, no Livro de Registros das Formas de Expressão e no Livro de Registro das Formas de Expressão e no Livro de Saberes, respectivamente. (IPHAN, 2015)

Tabela 19 - Ordem, estações, cenas e pinturas da Vias Sacras Solenes, São João del-Rei - Minas Gerais.

ordem	estações	Cenas	pinturas centrais	pinturas laterais[119]
I	Igreja de São Francisco de Assis da Ordem Terceira	“Prisão de Cristo no Horto”	Cena da Prisão de Cristo na ilharga - lado do Evangelho da capela-mor.	
II	Capela do Passo na Rua da Prata	“Jesus cai pela primeira vez”	“Paisagem de Jerusalém”	“A passagem pelo meio do mar”
III	Capela do Passo no Largo do Rosário	“Jesus consola as mulheres de Jerusalém”	“Jesus Cristo abençoa as mulheres de Jerusalém”	“Pilatos lavando as mãos" “Flagelação de Cristo” “Bom Jesus da Coluna”
IV	Capela do Passo das Mercês	“Jesus encontra com sua Mãe”	“Encontro de Jesus Cristo e Maria”	“A crucificação” “Santo Sudário
V	Capela do Passo no Largo da Cruz (esse passo antes se localizava na antiga Rua São Miguel)	“Jesus encontra com a Verônica”	“Verônica enxuga o rosto de Jesus Cristo”	“Cristo da Cana Verde” “A crucificação”
VI	Capela do Passo na Rua Direita	“Simão Cirineu ajuda Jesus a carregar a cruz”	“Simão Cirineu ajuda a carregar a cruz de Jesus Cristo”	“Anjos dos Martírios”
VII	Matriz de Nossa Senhora do Pilar	“Jesus morre na Cruz”	Altar ou Retábulo da Irmandade dos Passos - lado Epístola da nave.	

Fonte: Elaborado pela autora.

Em cada uma das estações o cortejo realizou meditações a Paixão de Cristo com base nos evangelhos e nas aparições aceitas pela Igreja Católica, sendo as de São João del-Rei as seguintes:

1ª) Estação I - Igreja de São Francisco de Assis da Ordem Terceira - realiza-se a Meditação do Evangelho segundo Mateus (Mt 26, 36-46) e se profere: “Meu Pai, se

[119] Segundo Souza (2019), as pinturas laterais característica mais evidenciada de ornamentação nas Capela dos Passos em São João del-Rei não se tratam de visões místicas, de aparições milagrosas ou premonições, mas sim de narrações complementares das pinturas centrais. Às vezes, os personagens da pintura central e da pintura lateral se repetem, o que confirma a unidade temporal e a continuidade da narração, sendo esses momentos imediatamente anteriores ou posteriores à cena central.

é possível, que passe de mim este cálice: contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres.";
2ª) Estação II - Passo Rua da Prata - realiza-se a meditação do Egito e se profere: "Meu povo, que te fiz eu? Ou que te contristei? Porque te libertei da terra do Egito, preparaste uma Cruz para o teu Salvador. Responde-me.";
3ª) Estação III - Passo do Rosário - realiza-se a Meditação do Evangelho segundo Lucas (Lc 23, 13-16.21) e a Meditação do Evangelho segundo Mateus (Mt 27, 23-26) e se profere: "Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; mas por vós mesmas e por vossos filhos";
4ª) Estação IV - Passo das Mercês - realiza-se a Meditação do "Encontro de Nossa Senhora como seu Divino Filho carregando a Cruz" e se profere: "Senhor Jesus! Eu vos desejo, vos procuro, vos quero. Mostrai-me vossa face e serei salvo.";
5ª) Estação V - Passo do Largo da Cruz - realiza-se a Meditação do Evangelho segundo João (Jo 19, 3-5.16-17) e se profere: "O vos todos que passais pelo caminho, detende-vos e vede se há dor semelhante à minha dor";
6ª) Estação VI - Passo da Rua Direita - realiza-se a Meditação do Evangelho segundo Lucas (Lc 23, 26) e se profere: "Requisitaram Simão Cirineu para que carregasse a Cruz"
7ª) Estação VII - Matriz de Nossa Senhora do Pilar - realiza-se a Meditação do Evangelho segundo Lucas (Lc 23, 33-34.42-48) e se profere: "Carregando a sua Cruz Jesus chegou ao chamado lugar do Calvário". (MAS-SJDR, 2018, p. 53-66).

Em 2019, os membros da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos em São João del-Rei realizaram às 23:00 horas, nas mesmas três primeiras sextas-feiras da Quaresma a Procissão das Almas, que foram denominadas de "Encomendação das Almas".

Cada uma delas ocorreu em uma determinada região da cidade, onde os organizadores e participantes visitaram as portas dos cemitérios, os cruzeiros[120] e as encruzilhadas e esses fizeram orações pelas almas, que já partiram para o Céu e também por aquelas que vagam no plano terreno.

[120] A arquiteta e urbanista Daniela Cristina Ayala Lacerda durante o seu Mestrado em Artes na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais estudou esse tema em sua dissertação intitulada "Cruzeiros com Martírios em Minas Gerais - estudo iconográfico (2023)".

Na Primeira “Encomendação das Almas”, vivenciada em 2019, às 23:00, os músicos da Orquestra Lira Sanjoanense tocaram os mesmos motetos das Vias Sacras Solenes de São João del-Rei, de autoria de Martiniano Ribeiro Bastos, cujas músicas originais são do tiradentino Manoel Dias de Oliveira, o denominado *Alerta Mortaes.* Durante essas procissões os organizadores usaram as matracas[121] para a reflexão dos participantes. Os irmãos da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos iniciaram o cortejo no Cemitério da Igreja das Mercês e o finalizaram no Cemitério da Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Ordem Terceira.

O cortejo de “Encomendação das Almas” foi realizado pelos irmãos durante a noite e se estendeu até a madrugada. Essa foi uma procissão que apresentou uma intensa preparação espiritual dos sanjoanenses, que a executaram em silêncio, recolhimento e constantes orações.

Observamos que os três cortejos descritos para a Procissão das Almas no programa de São João del-Rei ocuparam o centro da cidade e seu entorno, pois visitaram dos cemitérios antigos e centrais aos novos e periféricos, além de cruzeiros e encruzilhadas presentes nessa localidade. Na Tabela 20 sintetizamos as Procissões das Almas.

Tabela 20 - Encomendação das Almas, São João del-Rei - Minas Gerais.

Quando aconteceu
Nas três primeiras sextas-feiras da Quaresma, às 23:00 horas.
Quem promoveu
Irmandade de Nosso Senhor dos Passos.
Repertório musical
A Orquestra Lira Sanjoanense executou os Motetos *dos Passos* e “Senhor Deus” de Martiniano Ribeiro Bastos (1834-1912).
Trajeto
Primeira Encomendação: Cemitério da Igreja das Mercês; à Cruz lateral da Capela do Santíssimo Sacramento, da Matriz de Nossa Senhora do Pilar; Cemitério das irmandades da Matriz de Nossa Senhora do Pilar;

[121] Instrumento musical de madeira e ferro que faz um barulho informando a passagem da procissão e que na Semana Santa é usado para pedir esmolas.

Cemitério da Igreja de Nossa Senhora do Rosário; Cemitério da Igreja de São Francisco de Assis da Ordem Terceira; Cemitério da Igreja São Gonçalo Garcia e Cemitério da Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Ordem Terceira. Segunda Encomendação: Igreja de São José Operário; Cruzeiro da ponte de pedra; encruzilhada da Avenida General Rosário com o Beco Salomão; encruzilhada da Avenida General Osório com a Rua Afonsina Alvarenga; Capela de Santo Antônio, à Rua Santo Antônio; Igreja de Nossa Senhora do Rosário e Matriz de Nossa Senhora do Pilar. Terceira Encomendação: Cemitério Municipal, à Avenida Leite de Castro; encruzilhada da Avenida Leite de Castro com a Rua Frei Cândido; Cruzeiro da gruta do Divino, na Rua Antônio Josino Andrade Reis; encruzilhada da Rua Paulo Freitas com a Praça Raul Soares; Cruzeiro da Rua do Barro, na Rua Carvalho Resende; Cruzeiro do Pau da Angá, na Rua Carvalho Resende esquina com a Rua Engenheiro Bicalho e Cruzeiro do Largo da Cruz, na Praça Dr. Paulo Teixeira.

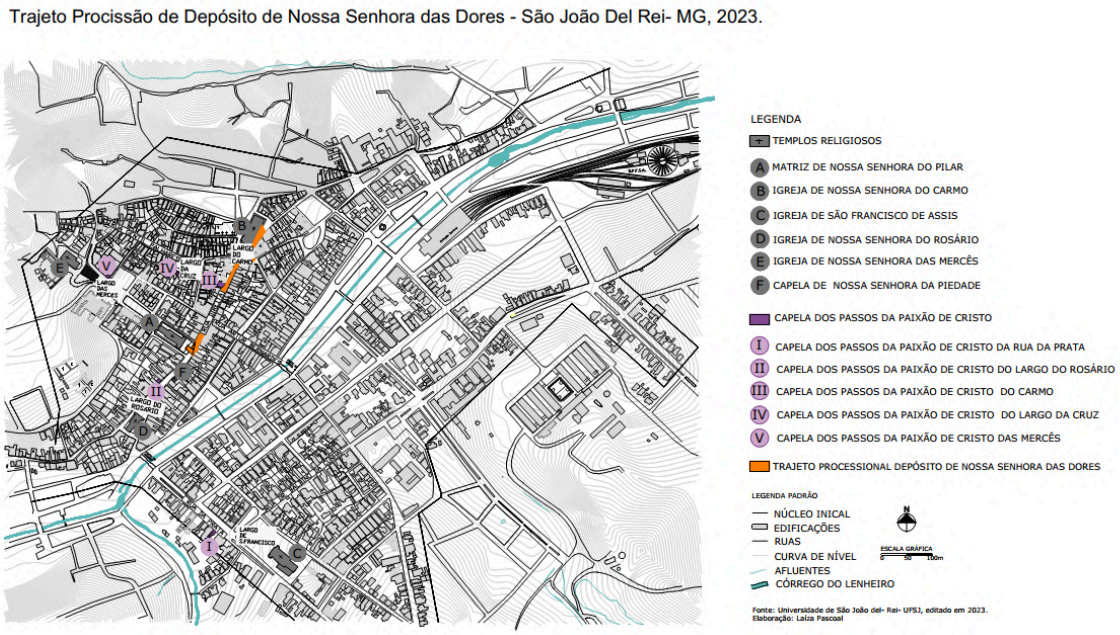
Fonte: (MAS-SJDR, 2018, p. 67-72).

Verificamos a tradição da Procissão das Almas somente em São João del-Rei, provavelmente porque nas demais cidades pesquisadas essas talvez, já tenham sido extintas, ou sejam realizadas em épocas distintas.

Em 2019, na quarta sexta-feira da Quaresma, a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos e a Ordem Terceira do Carmo promoveram como preparação para a Procissão do Encontro a Procissão de Depósito da Nossa Senhora das Dores, na denominada “Sexta das Dores”.

Quando os guardiões retiraram da Matriz de Nossa Senhora do Pilar a escultura retabular e processional de Nossa Senhora das Dores velada, às 19:00 horas, após a missa, celebrada na intenção dos ex-mesários da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos (Figura 91). Para o seu traslado da Matriz do Pilar até a Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Ordem Terceira empregaram um andor ornamentado com ervas aromáticas, como o manjericão. Os membros da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos entregaram durante esse cortejo o andor com a Nossa Senhora das Dores aos terceiros carmelitas na Rua Getúlio Vargas (antiga Rua Direita) e depois todos eles seguiram juntos até depositaram a imagem no segundo templo, conforme Mapa 12.

Mapa 12 - Mapa da Procissão de Depósito da Nossa Senhora das Dores, São João del-Rei - Minas Gerais.



Fonte: Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Editado por Laiza Pascoal, 2023.

Ao chegarem na Igreja de Nossa Senhora do Carmo a imagem foi desvelada pelos terceiros carmelitas, enquanto o Coro e a Orquestra Ribeiro Bastos, já presentes neste templo, executaram os motetos. Logo em seguida, os galhos de manjericão, que ornamentaram o andor de Nossa Senhora, foram distribuídos aos fiéis que os levaram para proteção de suas casas (Figura 92 e Figura 93).

Nessa procissão, em seu início, observamos a representação de um casal, que seriam São João Evangelista e Maria Madalena, que são personagens da vida de Jesus Cristo e Maria. Depois estavam os demais membros da irmandade organizadora, os religiosos e coroinhas, a Banda Theodoro de Faria, que executou a *Marcha das Dores*, além dos devotos e turistas.

Figura 91 - Procissão da Nossa Senhora das Dores, saída do cortejo na Matriz de Nossa Senhora do Pilar, São João del-Rei - Minas Gerais.



Figura 92 - Procissão de Depósito da Nossa Senhora das Dores, registro da escultura após ter sido desvelada pelos terceiros carmelitas, São João del-Rei - Minas Gerais.



Figura 93 - Procissão de Depósito da Nossa Senhora das Dores, distribuição das ervas do andor de Nossa Senhora das Dores, São João del-Rei - Minas Gerais.



Fonte: Fotografias - Marcos Luan Cosme Barbosa, 2019.

A Procissão de Depósito da Nossa Senhora das Dores em São João del-Rei foi a única em relação às cidades antes estudadas onde a escultura foi retirada pelos organizadores com a adição do velário. Essa tradição, conforme os relatos dos

devotos, é realizada em seu andor após a retirada da escultura do altar lateral da Matriz do Pilar, na quinta-feira anterior a sua respectiva procissão.

Os sinos entoados pelos sineiros de São João del-Rei nos dois templos envolvidos fizeram parte do repertório musical da procissão noturna e nela não ocorreu o uso das Capelas dos Passos. O local de sua realização possui uma relação com a antiga Rua Direita. Sintetizamos a procissão descrita na Tabela 21.

Tabela 21 - Depósito de Nossa Senhora das Dores, São João del-Rei - Minas Gerais.

Quando aconteceu
Na quarta sexta-feira da Quaresma, após a missa das 19:00 horas.
Quem promoveu
Irmandade de Nosso Senhor dos Passos e Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo.
Repertório musical
A Banda Theodoro de Faria executou a “Marcha das Dores” de Carlos dos Passos Andrade (séc. XIX) e a Orquestra Ribeiro Bastos executou os Motetos *Ó vós omenes* de Martiniano Ribeiro Bastos (1834-1912) e *Miserere mei Deus* de Manoel Dias de Oliveira (1735-1813).
Trajeto
Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Rua Getúlio Vargas (antiga Rua Direita) e Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Ordem Terceira.

Fonte: (MAS-SJDR, 2018, p. 73-78).

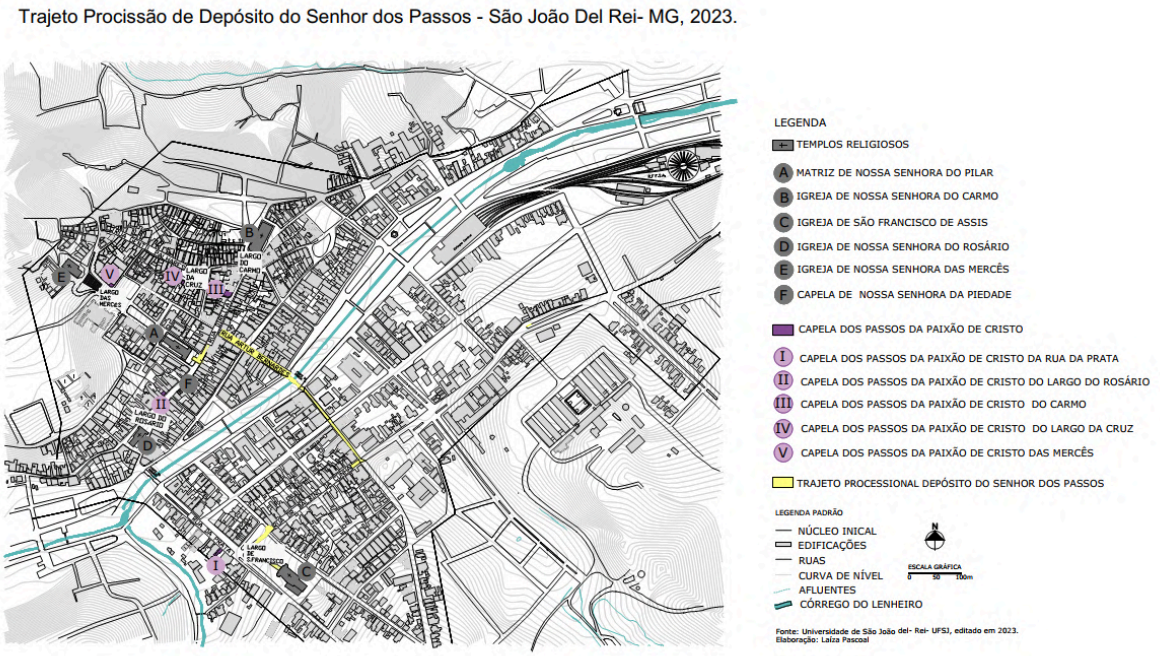
A Procissão de Depósito da Nossa Senhora das Dores apresentou uma grande fé dos devotos, muitos compareceram à solenidade e demonstraram atos de devoção como as constantes, orações dedicadas à Virgem Maria.

Em 2019, no quarto sábado da Quaresma, a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos e a Ordem Terceira de São Francisco promoveram como preparação para a Procissão do Encontro a Procissão de Depósito de Nosso Senhor dos Passos, no denominado “Sábado de Passos”.

Quando os guardiões retiraram da Matriz de Nossa Senhora do Pilar a escultura retabular e processional de Nosso Senhor dos Passos velada, às 19:00 horas, após a missa, que foi celebrada na intenção dos atuais mesários da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos (Figura 94). Para o seu traslado da Matriz do Pilar até a Igreja

de São Francisco de Assis da Ordem Terceira usaram um andor ornamentado com ervas aromáticas, como também o manjericão (Figura 95 e Figura 96). Os membros da Irmandade entregaram durante o cortejo aos terceiros franciscanos o andor com o Nosso Senhor dos Passos na Rua Ministro Gabriel Passos e depois todos eles seguiram juntos até depositaram a imagem no segundo templo (Figura 97), conforme Mapa 13.

Mapa 13 - Mapa da Procissão de Depósito de Nosso Senhor dos Passos, São João del-Rei - Minas Gerais.



Fonte: Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Editado por Laiza Pascoal, 2023.

Ao chegarem na Igreja de São Francisco de Assis a imagem foi desvelada pelos terceiros franciscanos, enquanto o Coro e a Orquestra Ribeiro Bastos, já presentes neste templo, executaram os motetos. Logo em seguida, os galhos de manjericão, que ornamentavam o andor de Nosso Senhor dos Passos, também foram distribuídos aos fiéis que os levaram para proteção de suas casas.

Notamos também um costume dos sanjoanenses de realizarem três voltas ao redor do andor de Nosso Senhor dos Passos após o seu depósito e veneração no

segundo templo, passando por debaixo da Cruz de madeira e ao mesmo tempo fazendo um pedido.

Nessa procissão, observamos a presença dos membros organizadores, dos religiosos e coroinhas, das bandas Theodoro de Faria e do 11º Batalhão de Infantaria Montanha do Regimento de Tiradentes, que executaram juntas a Marcha dos Passos, além dos devotos e turistas. Essas marchas que são fúnebres nos suscitaram sentimentos de sofrimento e reflexões da prisão e do calvário de Jesus Cristo.

Figura 94 - Procissão de Nosso Senhor dos Passos, escultura de Nosso Senhor dos Passos em veneração na Matriz de Nossa Senhora do Pilar, São João del-Rei - Minas Gerais.



Figura 95 - Procissão de Nosso Senhor dos Passos, detalhe interno andor de Nosso Senhor dos Passos, Matriz de Nossa Senhora do Pilar, São João del-Rei - Minas Gerais.



Figura 96 - Procissão de Nosso Senhor dos Passos, detalhe interno ervas aromáticas andor de Nosso Senhor dos Passos, Matriz de Nossa Senhora do Pilar, São João del-Rei - Minas Gerais.



Figura 97 - Procissão de Nosso Senhor dos Passos, Largo de São Francisco, São João del-Rei - Minas Gerais.



Fonte: Fotografias - Marcos Luan Cosme Barbosa, 2019.

Os sinos entoados pelos sineiros de São João del-Rei nos dois templos envolvidos fizeram parte do repertório musical da procissão noturna e nela não ocorreu o uso das Capelas dos Passos.

Essa procissão foi realizada nas ruas do centro de São João del-Rei situadas nas margens esquerda e direita do Córrego do Lenheiro. Na Tabela 22, sintetizamos a procissão descrita.

Tabela 22 - Depósito de Nosso Senhor dos Passos, São João del-Rei - Minas Gerais.

Quando aconteceu
No quarto sábado da Quaresma, após a missa das 19:00 horas.
Quem promoveu
Irmandade de Nosso Senhor dos Passos e Ordem Terceira de São Francisco de Assis.
Repertório musical
A Banda Theodoro de Faria e a Banda 11º Batalhão de Infantaria Montanha do Regimento Tiradentes executam a “Marcha dos Passos” de Martiniano Ribeiro Bastos (1834-1912). A Orquestra Ribeiro Bastos executa os Motetos *Populе Meus* também de Martiniano Ribeiro Bastos (1834-1912) e *Miserere mei Deus* de Manoel Dias de Oliveira (1735-1813).

Trajeto
Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Rua Getúlio Vargas, Rua Arthur Bernardes, Ponte da Cadeia, Rua Ministro Gabriel Passos, Rua Dr. Balbino da Cunha e Igreja de São Francisco de Assis da Ordem Terceira.

Fonte: (MAS-SJDR, 2018, p. 79-84).

A Procissão de Depósito de Nosso Senhor dos Passos também apresentou uma grande fé dos devotos, mas menos fiéis compareceram a ela quando comparada a de Nossa Senhora das Dores.

A presença de diversas bandas e orquestras centenárias em São João del-Rei permitiram uma dinâmica diferente e particular aos cultos, pois verificamos a preservação de um antigo e rico repertório musical, que ainda é executado por essas corporações musicais na contemporaneidade. Isso é uma evidência de uma transmissão geracional perpetuada e da influência da Irmandade que os contratou desde o século XVIII para acompanhar as procissões e missa durante a Quaresma e a Semana Santa.

Provavelmente, a participação da Banda do 11º Batalhão de Infantaria Montanha do Regimento de Tiradentes ocorreu mais recentemente e indica a adaptação do culto pela Irmandade, com a inserção desses novos músicos.

Em São João del-Rei houve como em Tiradentes Procissões de Rasouras. No “Domingo dos Passos”, às 8:00 horas, ocorreu a Procissão de Rasoura de Nossa Senhora das Dores na Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Ordem Terceira. A escultura e o cortejo formado pela Irmandade de Nosso Senhor dos Passos, Ordem Terceira do Carmo, religiosos e fiéis realizaram uma volta ao redor desse templo e depois retornaram ao seu interior, onde ocorreu uma missa.[122] A Banda Municipal Santa Cecília acompanhou essa procissão e executou motetos e marchas fúnebres de compositores locais.

No mesmo dia, às 9:00 horas e 15 minutos, ocorreu a Procissão de Rasoura de Nosso Senhor dos Passos na Igreja de São Francisco de Assis da Ordem Terceira.

[122] Trajeto - Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Ordem Terceira, Rua do Carmo, Travessa Padre Fonseca Torga, Praça Carlos Gomes e Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Ordem Terceira. (MAS-SJDR, 2018)

A escultura e o cortejo formado pela Irmandade de Nosso Senhor dos Passos, Ordem Terceira de São Francisco, religiosos e fiéis realizaram uma volta pelo templo e depois retornaram ao seu interior, onde ocorreu também uma missa.[123] A Banda do 11º Batalhão de Infantaria Montanha do Regimento Tiradentes acompanhou essa mesma procissão e executou também motetos e marchas fúnebres de compositores regionais.

O repertório musical presente nas procissões e missas que se referem aos motetos e as marchas fúnebres são de autoria de compositores da região como: Martiniano Ribeiro Bastos (1834-1912), Padre José Maria Xavier (1819-1912), José Lino de Oliveira França (1893-1952), Benigno Parreira (1931-2022), entre outros.

As Procissões de Rasouras foram realizadas no período diurno e no entorno dos templos de depósito das esculturas cultuadas. Em São João del-Rei foram realizadas duas delas durante esse período litúrgico, a de Nossa Senhora das Dores e de Nosso Senhor dos Passos e em Tiradentes somente uma, a de Nosso Senhor dos Passos.

Também no “Domingo dos Passos”, às 18:00 horas, no denominado “Domingo do Encontro” se iniciou a Procissão do Encontro, onde as irmandades e ordens terceiras retiraram as esculturas de Nossa Senhora das Dores e de Nosso Senhor dos Passos da Igreja de Nossa Senhora do Carmo e da Igreja de São Francisco de Assis. E ambas foram direcionadas pelos organizadores para a Praça Barão de Itambé, próximo a Igreja de Nossa Senhora das Mercês e do Pelourinho.

No caminho até a Praça Barão de Itambé, o cortejo com o andor de Nosso Senhor dos Passos, que teve em seu início uma Cruz guia e o estandarte da Irmandade realizou duas estações da via sacra nas Capelas dos Passos que foram: a Capela do Passo na Rua da Prata e Capela do Passo no Largo do Rosário, onde executaram orações e os motetos referentes às suas cenas. Enquanto isso, o cortejo com o andor de Nossa Senhora das Dores não realizou nenhuma pausa nas

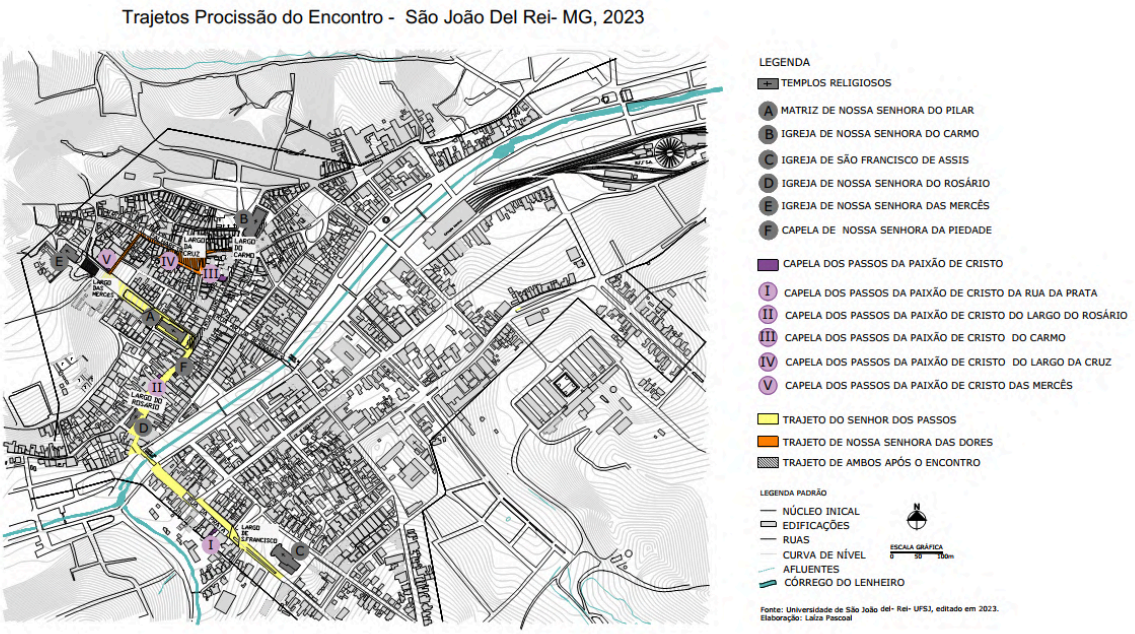
[123] Trajeto - Igreja de São Francisco de Assis da Ordem Terceira, Rua Dr. José Bastos, Praça Frei Orlando, Rua Ribeiro Bastos e Igreja de São Francisco de Assis da Ordem Terceira. (MAS-SJDR, 2018)

estações da via sacra. Ambos os cortejos foram acompanhados pelas irmandades e ordens terceiras, religiosos e coroinhas, além das bandas e orquestras locais (Figura 98, Figura 99, Figura 100, Figura 101 e Figura 102).

Após a chegada dos cortejos à Praça Barão de Itambé, um sacerdote proferiu a pregação e as duas esculturas, a de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores, aos poucos foram aproximadas uma da outra por seus organizadores. Isso ocorreu em frente à escadaria da Igreja de Nossa Senhora das Mercês.

Finalizados os atos religiosos, os cortejos já unidos, seguiram o mesmo trajeto juntos com destino a Matriz de Nossa Senhora do Pilar e seus promotores realizaram orações e motetos nas estações das outras três Capelas dos Passos: a Capela do Passo das Mercês, a Capela do Passo no Largo da Cruz e a Capela do Passo do Carmo. Depois que as esculturas foram depositadas na Matriz de Nossa Senhora do Pilar, houve o Sermão do Calvário, finalizando assim a primeira parte das “Comemorações dos Passos” em São João del-Rei (Figura 103 e Figura 104). Essa procissão foi realizada, conforme Mapa 14.

Mapa 14 - Mapa da Procissão do Encontro, São João del-Rei - Minas Gerais.



Fonte: Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Editado por Laiza Pascoal, 2023.

Nessa procissão, observamos a presença dos membros organizadores, dos religiosos e coroinhas, devotos e turistas, além da Banda Theodoro de Faria, que acompanhou o cortejo de Nosso Senhor dos Passos e da Banda Municipal de Santa Cecília, que prestigiou o cortejo de Nossa Senhora dos Passos. A Orquestra Ribeiro Bastos participou e executou os Motetos *dos Passos*.

Figura 98 - Procissão do Encontro, retirada da escultura de Nosso Senhor dos Passos pelos terceiros franciscanos na Igreja de São Francisco de Assis, São João del-Rei - Minas Gerais.



Figura 99 - Procissão do Encontro, Estação, Capela do Passo no Largo do Rosário, São João del-Rei - Minas Gerais.



Figura 100 - Procissão do Encontro, Estação, Capela do Passo na Rua da Prata, São João del-Rei - Minas Gerais.



Figura 101 - Procissão do Encontro, Estação, Capela do Passo do Carmo, São João del-Rei - Minas Gerais.



Figura 102 - Procissão do Encontro, uso de velas e lanternas pelos devotos, São João del-Rei - Minas Gerais.



Figura 103 - Procissão do Encontro, Estação, Capela do Passo das Mercês, São João del-Rei - Minas Gerais.



Figura 104 - Procissão do Encontro, recolhimento das esculturas na Matriz de Nossa Senhora do Pilar, São João del-Rei - Minas Gerais.



Fonte: Fotografias - Marcos Luan Cosme Barbosa, 2019.

Os sinos entoados pelos sineiros de onde as procissões foram iniciadas e fizeram passagem foram parte da sonoridade desses cultos. Como os da Igreja de São

Francisco de Assis, Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Igreja de Nossa Senhora das Mercês e a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar

Essa procissão foi realizada nas ruas do centro de São João del-Rei, nas margens do Córrego do Lenheiro e também no Morro das Mercês. A Procissão do Encontro foi sintetizada na Tabela 23.

Tabela 23 - Procissão do Encontro, São João del-Rei - Minas Gerais.

Quando aconteceu
No quarto domingo da Quaresma, às 18:00 horas.
Quem promoveu
Irmandade de Nosso Senhor dos Passos, Ordem Terceira do Carmo e Ordem Terceira de São Francisco de Assis.
Repertório musical
A Banda Theodoro de Faria acompanhou o cortejo das Capelas dos Passos e a Banda Municipal Santa Cecília prestigiou o cortejo de Nossa Senhora das Dores, ambas executaram marchas fúnebres de compositores locais. A Orquestra Ribeiro Bastos executou nas Capela dos Passos os Motetos *dos Passos* de Martiniano Ribeiro Bastos (1834-1912) e *Miserere mei Deus* de Manoel Dias de Oliveira (1735-1813).
Trajeto
Cortejo de Nosso Senhor dos Passos: Igreja de São Francisco de Assis da Ordem Terceira, Rua Padre José Maria Xavier (antiga Rua da Prata), Capela do Passo na Rua da Prata, Ponte do Rosário (de pedra e sobre o Córrego do Lenheiro), Largo do Rosário, Capela do Passo no Largo do Rosário, Rua Monsenhor Gustavo e Praça Barão do Itambé. Cortejo da Nossa Senhora Dores: Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Ordem Terceira, Rua Sete de Setembro, Rua Marechal Deodoro, Rua Arthur Bernardes, Rua Dr. José Mourão e Praça Barão do Itambé. Após o Encontro: Praça Barão do Itambé, Capela do Passo das Mercês, Rua Ernesto de Oliveira, Rua Tenente Gentil Palhares, Largo da Cruz, Capela do Passo no Largo da Cruz, Rua Resende Costa, Rua Getúlio Vargas, Capela do Passo do Carmo e Matriz de Nossa Senhora do Pilar.

Fonte: (MAS-SJDR, 2018, p. 99-104).

Em São João del-Rei não verificamos a representação da guarda romana como em Ouro Preto e Mariana, mas essa conexão histórica estava presente de outra forma, como nos símbolos dos estandartes processionais, que levavam as siglas S.P.Q.R, uma abreviação em latim de *Senatus Populesque Romanus*.

A Procissão do Encontro em São João del-Rei apresentou uma maior devoção e preparação dos seus devotos, pois essa foi realizada com bastante fé, respeito às

tradições, orações, manifestações de devoção às esculturas. Muitos fiéis tocaram e fizeram pedidos às imagens devocionais durante as suas venerações e nos cortejos. Eles também realizaram o percurso em oração e recolhimento, descalços e alguns até mesmo choraram agradecendo as graças alcançadas.

Durante a pregação na Praça Barão de Itambé presenciamos mulheres com fotos dos filhos nas mãos, pedindo as suas proteções e famílias reunidas com o mesmo intuito. Nesse dia as ruas do centro da cidade estavam preenchidas de gente da igreja e devotos. Já no entorno notamos vários espectadores nas janelas e varandas das casas enfeitadas com ricas toalhas de rendas e também santos domésticos.

A segunda parte das “Comemorações dos Passos” em São João del-Rei, que também foi promovida pela Irmandade de Nosso Senhor dos Passos, se iniciou com a prática do Setenário das Dores e depois finalizou com a Procissão da Soledade.

Em 2019, o Setenário das Dores ocorreu na Matriz de Nossa Senhora do Pilar, após a missa, às 19:00 horas, durante sete dias (de uma quinta-feira até a outra sexta-feira), os religiosos e fiéis fizeram rememorações das Dores de Maria.

Finalizados os exercícios religiosos, na sexta sexta-feira da Quaresma, os guardiões expuseram a escultura de Nossa Senhora das Dores durante o dia para veneração dos devotos em seu andor, ornamentado com galhos de arnica, que depois foram distribuídos e trazidos pelos devotos para suas casas.[124] A noite, após o Sermão das Setes Dores, às 19:00, foi então promovida a Procissão da Soledade.

Na procissão vivenciada em 2019, a escultura de Nossa Senhora das Dores[125] foi retirada pelos organizadores da Matriz de Nossa Senhora do Pilar para realizarem as estações nas Capelas dos Passos e na Capela de Nossa Senhora da Piedade e do Bom Despacho. Durante esse cortejo, com um trajeto diverso ao da Procissão do

[124] Eles depois os misturam com álcool e são utilizados para se passar em áreas de limpeza de ferimentos, picadas de insetos e contusões, onde as pancadas deixam a pele roxa, por suas propriedades anti inflamatórias.

[125] Observamos que a escultura de Nossa Senhora das Dores possui pelo menos três vestimentas, pois notamos que há uma delas é usada no altar durante o ano todo, outra na Procissão do Encontro e uma última na Procissão da Soledade. Além de joias que também as ornamentam.

Encontro, já que essa foi realizada somente nas ruas do entorno da Matriz, no qual participaram religiosos e devotos, assim como, foram executados motetos de dois principais compositores, Martiniano Ribeiro Bastos e Francisco de Paula Vilela (Figura 105 e Figura 106).

Figura 105 - Procissão da Soledade, escultura em veneração na Matriz de Nossa Senhora do Pilar, São João del-Rei - Minas Gerais.



Figura 106 - Procissão da Soledade, detalhe de Nossa Senhora das Dores, Estação, Capela do Passo das Mercês, São João del-Rei - Minas Gerais.



Fonte: Fotografias - Marcos Luan Cosme Barbosa, 2019.

Durante essa procissão noturna todas as Capelas dos Passos da Paixão foram utilizadas e a Capela da Piedade e do Bom Despacho também formou uma estação. Registramos que a participação dos fiéis nesse cortejo foi menor do que na Procissão do Encontro, apesar de haver uma piedosa devoção local a essa imagem. A Procissão da Soledade foi sintetizada na Tabela 24.

Tabela 24 - Procissão da Soledade, São João del-Rei - Minas Gerais.

Quando aconteceu
Na sexta sexta-feira da Quaresma, após a missa das 19:00 horas.
Quem promoveu
Irmandade de Nosso Senhor dos Passos
Repertório musical
Orquestra Ribeiro Bastos executou nas Capelas dos Passos a “Marcha das Dores” de Martiniano Ribeiro Bastos (1834-1912) e Francisco de Paula Vilela.
Trajeto
Matriz de Nossa Senhora do Pilar, Rua Monsenhor Gustavo, Praça Francisco Neves, Rua Manoel de Almeida Neto - Largo da Câmara, Capela do Passo das Mercês, Rua Gentil Palhares, Praça Dr. Paulo Teixeira - Largo da Cruz, Capela do Passo no Largo da Cruz, Rua Resende Costa, Rua Getúlio Vargas, Capela do Passo do Carmo, Rua Arthur Bernardes, Ponte da Cadeia (ponte de

pedra sob Córrego do Lenheiro), Rua Ministro Gabriel Passos, Rua Dr. Balbino da Cunha, Igreja de São Francisco de Assis da Ordem Terceira, Rua Padre José Maria Xavier, Capela do Passo na Rua da Prata, Ponte do Rosário (ponte de pedra sobre o Córrego do Lenheiro), Praça Embaixador Gastão da Cunha - Largo do Rosário, Capela do Passo no Largo do Rosário, Capela de Nossa Senhora da Piedade e Bom Despacho e Matriz de Nossa Senhora do Pilar.

Fonte: (MAS-SJDR, 2018, p. 117-128).

Em cada uma dessas estações se realizou meditações sobre as Dores de Maria com base na Bíblia e seus evangelhos, sendo as de São João del-Rei as seguintes:

1ª) Estação I - Passo das Mercês - realiza-se o Moteto que se profere: “Estava a Mãe Dolorosa, junto da cruz lacrimosa, vendo o filho que pendia. A sua alma agoniada se partia, atravessada do gládio da profecia”;
2ª) Estação II - Passo do Largo da Cruz - realiza-se o Moteto que se profere: “Que solitária está a cidade populosa! Tornou-se viúva a primeira entre as nações: princesa das províncias, em trabalhos forçados”;
3ª) Estação III - Passo do Carmo - realiza-se o Moteto que se profere: “Puseram-me numa lago profundo, nas trevas e na sombra da morte”;
4ª) Estação IV - Passo da Rua da Prata - realiza-se o Moteto que se profere: “Oh vos todos que passais pelo caminho, detende-vos e vede se há dor semelhante à minha dor”;
5ª) Estação V - Passo do Largo do Rosário - realiza-se o Moteto que se profere: “Quer dizer? A quem te comparar, Filha de Jerusalém? Quem irá salvar-te e consolar-te, ó Virgem filha de Sião? É imenso como o mar teu desalento, quem poderá curar-te”;
6ª) Estação VI - Capela de Nossa Senhora da Piedade e do Bom Despacho - realiza-se o Moteto que se profere em latim: “Sobre ti eu choro como aquela mãe que tanto ama seu filho único. Como a Mãe a seu único filho, assim eu vos amava.”
7ª) Estação VII - Matriz de Nossa Senhora do Pilar- realiza-se o Moteto que profere: “Estava a Mãe Dolorosa, junto da cruz lacrimosa, vendo o filho que pendia. A sua alma agoniada se partia, atravessada do gládio da profecia.” (MAS-SJDR, 2018, p. 122-128)

A Procissão da Soledade encerrou a segunda parte das “Comemoração dos Passos” em São João del-Rei.

Portanto, constatamos a execução da Procissão da Soledade em todas cidades. Sendo que em Tiradentes as Capelas dos Passos foram utilizadas e em São João del-Rei as Capelas dos Passos e a Capela da Piedade e do Bom Despacho também foram usadas, sendo essa última uma tradição local de iniciativa popular de um provedor, realizada desde o século XIX, conformes os documentos históricos citados no Capítulo 1.

Na Semana Santa tanto em São João del-Rei como em Tiradentes também ocorreu a tradicional Visitação nas Capelas dos Passos, após a cerimônia de Lava-pés, realizada na Quinta-feira Santa. Nessa ocasião os fiéis visitaram as Capelas dos Passos e a Capela de Nossa Senhora da Piedade e do Bom Despacho, as igrejas do centro antigo, que estavam com espaços decorados com cenas da Vida, Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo.

De uma maneira geral, os devotos de São João del Rei participaram efetivamente dos cultos durante a Quaresma e Semana Santa, pois doaram ervas aromáticas de seus quintais e da Serra do Lenheiro (como o rosmaninho, alecrim e manjericão), assim como, doaram flores que ornamentaram os andores e as Capela dos Passos (como hortênsias, orquídeas e rosas).

Percebemos nessa localidade a inserção de pequenas esculturas no interior das Capelas dos Passos, que foram preparadas anteriormente nas casas dos membros da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos. Essa particularidade provavelmente é devido à presença de diversos santeiros na região, que ainda exercem a arte de produção da imaginária.

Registramos também o costume das crianças e filhos dos devotos serem vestidos de anjos e a confecção de cartuchos de amêndoas doces, que são compartilhados ou vendidos. A transcrição abaixo representa a atmosfera dessa época, em São João del-Rei:

> De repente, o barroco das ruas e dos becos se faz cenário para um desfile incessante de inúmeras pessoas… passos que se juntam a outros muitos passos (…). Todos, num ir e vir que não se acaba. São passos que atravessam o cenário barroco para chegarem ao cenário sagrado. Em cada quadro artisticamente montado nas igrejas e nos Passinhos, momentos da

> passagem de Jesus deixam transparecer vislumbres da eternidade. No chão das igrejas, folhas de rosmaninho exalam o seu aroma, trazendo à memória o corpo sagrado de Cristo sepultado e envolvido por ervas aromáticas, como era costume naquela época. À entrada das igrejas, meninos e jovens, pedindo donativos aos visitantes, batem suas matracas e clamam em alta a voz: Para a cera do Santo Sepulcro! E toda coleta é revertida também para a Basílica do Santo Sepulcro, em Jerusalém. E os passos continuam (…). Fiéis chegam e se vão (…) sempre caminhando (…) sempre à procura… Quando os passos procuram o Cristo, nosso trajeto tem destino certo, pois o próprio Jesus prometeu estar conosco até o fim dos tempos. (MAS-SJDR, 2018, p.154-156).

Constatamos que as Capelas dos Passos em São João del Rei foram utilizadas na Quaresma e Semana Santa cerca de seis vezes no ano de 2019, para realização de suas procissões (três Vias Sacras, a Procissão do Encontro, a Procissão da Soledade e a Visitação da Semana Santa), apesar de ficaram abertas durante todo período da Quaresma e Semana Santa para vigília e orações.

O uso mais expressivo das Capelas dos Passos em Tiradentes e São João del-Rei está possivelmente relacionado à maior tradição e preservação dos seus cultos.

Interessante notar mais uma vez o cuidado da programação entre as duas cidades vizinhas, que foram ajustadas para realizarem a Procissão do Encontro em semanas diferentes, uma na quarta e outra na quinta semana da Quaresma. Este fato, talvez justifique a existência da prática de quatro vias sacras em Tiradentes enquanto em São João del-Rei há três. Assim, os ajustes nas datas de realização das festas religiosas nessas duas cidades são devido provavelmente a garantia da participação dos religiosos e músicos locais nas duas festividades. Na Tabela 25, realizamos uma tabela comparativa entre as duas cidades.

Tabela 25 - Tabela comparativa entre as práticas religiosas realizadas em Tiradentes e São João del-Rei - Minas Gerais.

Práticas religiosas	Tiradentes	São João del-Rei
Vias Sacras	x (primeira, terceira, quinta e sétima sextas-feiras da Quaresma)	x (segunda, quarta e sexta sextas-feiras da Quaresma)
Procissão de Encomendação das Almas	-	(três primeiras sextas-feiras da Quaresma)
Procissão de Depósito da Nossa Senhora das	-	x

Dores		(quarta sexta-feira da Quaresma)
Procissão de Depósito de Nosso Senhor dos Passos	x (quinto sábado da Quaresma)	x (quarto sábado da Quaresma)
Procissão de Rasoura da Nossa Senhora das Dores	-	x (quarto domingo da Quaresma)
Procissão de Rasoura de Nosso Senhor dos Passos	x (quinto domingo da Quaresma)	x (quarto domingo da Quaresma)
Procissão do Encontro	x (quinto domingo da Quaresma)	x (quarto domingo da Quaresma)
Setenário das Dores	x (7 dias antes da Procissão de Nossa Senhora da Soledade)	x (7 dias antes da Procissão de Nossa Senhora da Soledade)
Procissão de Nossa Senhora da Soledade	x (sexta sexta-feira da Quaresma)	x (sexta sexta-feira da Quaresma)
Visitação nas Capelas dos Passos na Semana Santa	x (Semana Santa)	x (Semana Santa)

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Observamos nas duas últimas cidades programas mais completos que nas cidades anteriores de Ouro Preto e Mariana. A cidade de São João del-Rei se destacou com a Quaresma e Semana Santa mais tradicional e preservada na contemporaneidade.

Ademais também verificamos diferenças na organização dos cultos e procissões, pois que em Tiradentes houve a participação da Irmandade do Santíssimo Sacramento, da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos, da Irmandade de São João Evangelistas e da Irmandade de Nossa Senhora das Mercês. Já em São João del Rei houve a participação da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos e das duas Ordens Terceiras do Carmo e de São Francisco. Assim sendo, cada localidade apresentou características próprias da atuação das associações religiosas ali fundadas e ainda atuantes.

Em todas as quatro cidades, quando houve previsão de chuva, os ritos religiosos foram realizados no interior das Matrizes e reduzidos para preservação das esculturas e fiéis.

Vale destacar que além da participação de bandas e orquestras centenárias em São João del-Rei, também verificamos em seus cultos uma importante característica: o protagonismo que os sinos performam naquela cidade. Sendo assim sua importância será abordada mais adiantes.

3.3. São João del-Rei, “a cidade onde os sinos falam”

“Os Toques dos Sinos em Minas Gerais e o Ofício de Sineiros” foram registrados pelo IPHAN como Patrimônio Cultural em 2009 e representam uma forma de expressão produzida na vivência coletiva de algumas cidades mineiras, uma vez que os sinos fazem parte do ambiente sonoro de Minas Gerais.

Em São João del Rei, as relações estabelecidas entre os sineiros e o instrumento musical, assim como, suas formas de expressões e tradições musicais foram mais evidenciados. Por isso, na cidade conhecida por sua musicalidade e pela atuação de suas bandas e orquestras, há um outro personagem que se faz importante que é: o sino. E devido a importância a ele, essa localidade passou a ser reconhecida como a “cidade onde os sinos falam”.

A Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de São João del-Rei possui um sino de 1857, que se situa na torre sineira esquerda da Matriz de Nossa Senhora do Pilar (Figura 128). Além dele, há outros sinos localizados nas torres sineiras das igrejas dos terceiros carmelitas e franciscanos, que também foram utilizados nas festividades religiosas estudadas.

Figura 107 - O sino da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos na torre sineira esquerda da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, São João del-Rei - Minas Gerais.



Fonte: Fotografias - Marcos Luan Cosme Barbosa, 2022.

Em 2019, verificamos os jovens sineiros nas igrejas de São João del-Rei nos dias dos “Combates dos Sinos”, que se enfrentaram para mensurar qual sino realizou mais “dobres”[126] dolorosos durante a Quaresma e a Semana Santa. Os primeiros combates entre os sineiros aconteceram na “Sexta das Dores” e no “Sábado dos Passos”, às 12:00 horas e 15 minutos, às 15:00 horas e às 18:00 horas. No primeiro dia, o combate ocorreu entre os sineiros da Irmandade de Nosso Senhor Passos e os dos terceiros carmelitas e no segundo dia, o combate aconteceu entre os sineiros da Irmandade já citada e os dos terceiros franciscanos.

Essas práticas iniciais demonstraram uma relação estabelecida de comunicação existente entre a Matriz e os templos de depósitos provisórios, que abrigaram

[126] O dobre do sino se refere ao giro completo do sino sobre o seu eixo.

durante as festividades as esculturas de Nossa Senhora das Dores e de Nosso Senhor dos Passos.

Houve depois, a participação dos sineiros em São João del-Rei entoando toques simultâneos durante o “Domingo do Encontro”. Nesse dia, se destacaram os “Combates dos Sinos”, que ocorreram entre as igrejas às 9:00 horas e 15 minutos e às 18:00 horas, devido aos eventos da Procissão do Encontro, onde os sineiros contribuíram com a musicalidade dos cultos.

A sonoridade promovida em todos os dias remeteram aos toques de sinos praticados pelos sineiros no século XVIII herdados pela transmissão geracional e perpetuados ainda na contemporaneidade, assim a participação deles realizou uma importante conexão no presente com o passado dessa prática religiosa secular.

3.4. Os cultos e a pandemia da Covid-19

Durante a pesquisa, as restrições sanitárias na pandemia da COVID-19, que ocorreu em 2020 e 2021, impactaram as festas religiosas da Paixão de Cristo e das Dores de Maria em todas as cidades selecionadas.

As Irmandades Religiosas e paróquias responsáveis pelas devoções, realizaram nesse período procissões reduzidas no interior das igrejas e as transmitiram nos seus canais hospedados na Plataforma do @*Youtube*. Além do que, realizaram postagens nas redes sociais do @*Facebook e* algumas criaram, como nos casos das Irmandades de Nosso Senhor dos Passos de São João del-Rei e Tiradentes, páginas no @*Instagram*. Todos esses meios virtuais possibilitaram a participação dos fiéis nas festividades e cultos, mesmo que de maneira remota.

Ressaltamos que as páginas no @*Youtube* e as do @*Facebook* pertencentes às Irmandade Religiosas e as paróquias já eram antes utilizadas para exibir as missas nas quatro cidades e nesse contexto serviram para a transmissão das procissões reduzidas, que foram realizadas no interior das matrizes. Essas ocorreram com a participação de exíguos membros das Irmandades e Ordens Religiosas, além de

alguns sacerdotes e as suas transmissões permitiram que os fiéis nas suas casas realizassem os exercícios espirituais durante toda a Quaresma e Semana Santa.

Sendo assim, as procissões aos moldes das que registramos em 2019 como as de São João del-Rei, em 2020 e 2021, não foram realizadas nas quatro cidades. Já em 2022 e 2023 registramos o retorno das procissões maiores de Ouro Preto, Mariana e Tiradentes. E constatamos que, após a pandemia, para as suas realizações os envolvidos adoram algumas medidas preventivas como o uso de máscaras, distanciamento entre os participantes e distribuição de álcool em gel antes e depois das festividades. Algumas dessas recomendações estiveram inclusive presentes nos programas das paróquias, como no de Ouro Preto.

Devido a ausência da participação física dos devotos em 2020 e 2021, constatamos uma crescente fé nos ritos realizados após a pandemia em 2022 e 2023 quando comparados aos em 2019.

Quanto a criação em 2020 e 2021 das páginas no @*Instagram* denominadas @veneravelirmandadedospassos da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de São João del-Rei e @irmandadedosenhordospassos da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de Tiradentes, verificamos que essas foram uma maneira de apropriação contemporânea das redes sociais, visando a divulgação de informações aos fiéis e demais interessados sobre as irmandades, suas funções e cultos no contexto da pandemia, que foram eficazes na contemporaneidade.

Percebemos que as principais publicações nas páginas citadas durante a restrição sanitária foram respectivamente sobre: as esculturas devocionais de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores, avisos de eventos a serem realizados de forma remota, informações e publicação de fotos antigas dos cultos, assim como, notícias do início da Quaresma e da Semana Santa. Além de registros das procissões reduzidas realizadas, suas respectivas transmissões e postagens sobre as demais atividades que seriam desenvolvidas ao longo do ano pelas Irmandades Religiosas e Paróquias. Constatamos também fotos dos membros dos irmãos e informações de seus falecimentos durante a pandemia.

Após a pandemia, essas redes sociais continuaram a ser utilizadas com a divulgação dos programas e convites para a participação das práticas religiosas fisicamente e os mais variados registros delas, como os das Capelas dos Passos. Interessante notar que houve as convocações de participação dos fiéis durante o culto para doarem ervas aromáticas, flores e a solicitação para as crianças participarem das procissões vestidas de anjos. Além do mais, divulgaram exposições e lançamentos de livros sobre a temática.

Registramos que as páginas no @*Instagram* em 2023 possuem cerca de 4.200 e 2.700 seguidores e juntas somam cerca de 6.900 no total de membros, sendo considerado um bom alcance em pouco tempo.

Consequentemente, após a pandemia, o acesso às informações dos cultos foram ampliado para os fiéis e interessados e até mesmo foram essenciais para o acompanhamento dos cultos durante esta pesquisa.



Capela do Passo da Câmara - Tiradentes - Minas Gerais
Autoria: Isabelle Capanema

“Michael Robert Günter Conzen explica que as paisagens urbanas históricas são valorizadas como um tipo especial de paisagem e reconhecidas com um importante bem cultural moderno. Vale ressaltar a semelhança entre paisagem cultural e paisagem urbana histórica, sendo ambas imbuídas de significado que ultrapassa os limites da comunidade que a integram, sendo reconhecidas por outras comunidades”. (COSTA, NETTO, 2017)

4. OS ESTUDOS DA MORFOLOGIA URBANA APLICADOS ÀS PROCISSÕES E AS CAPELAS DOS PASSOS

Como suportes teóricos para os conceitos da Morfologia Urbana e apresentação das Escolas de Morfologia Urbana utilizamos as produções de Marina Salgado (2013), Maria Manoela Gimmler Netto (2014), Staël de Alvarenga Pereira Costa e Maria Manoela Gimmler Netto (2016, 2017), Jeremy Whitehand (2017), Anne Vernez Moudon (2017) e Vítor Oliveira (2022).

4.1. Dos conceitos da Morfologia Urbana as Escolas Inglesa e Italiana

Segundo Costa e Netto (2017, p. 31), “A Morfologia Urbana é o estudo da forma, considerando-a um produto físico das ações da sociedade sobre o meio, que vão edificando-o, ao longo do tempo”. A partir dessa definição inicial se extraem e se indicam os principais “aspectos investigativos” para o “solo edificado”, que são: as construções, as edificações, os parcelamentos e os espaços livres. Todos esses se formam a partir da “ação social” de “apropriar-se” do solo para o uso. Além disso, demonstram que para o solo há ações de “intencionalidade de destino” e também de “futuro regimento”, que ocorrem ao longo da atuação humana sobre ele.[127]

Para Moudon (2017), a “Morfologia urbana é o estudo da cidade como *habitat* humano”. Ainda para essa mesma autora:

> Os morfologistas analisam a evolução da cidade desde o seu assentamento até às subsequentes transformações, identificando e dissecando os seus vários componentes. A cidade resulta da acumulação e da integração de muitas ações individuais, ou de pequenos grupos - ações determinadas por tradições culturais e moldadas por forças sociais e econômicas desenvolvidas ao longo do tempo. Os morfologistas centram-se nos resultados tangíveis das forças sociais e econômicas: estudam a concretização de ideias e intenções à medida que estas tomam forma sobre o solo moldando as nossas cidades. (MOUDON, 2017, p. 41)

E para Oliveira (2022, p. 28), “Morfologia Urbana significa o estudo das formas urbanas e dos agentes e processos responsáveis pela sua transformação (...)”.

---

[127] “Estes ocorrem em decorrência de uma ação social, por meio do seu parcelamento, dos diversos tipos de arranjos que este ato implica, tanto no traçado das vias, das praças, como no traçado das quadras, na sua subdivisão em quarteirões e lotes.” (COSTA, NETTO, 2017, p. 31)

Salgado (2013, p.15), relatou que é “Através do estudo da Morfologia é possível compreender a evolução de uma cidade, perceber os elementos que impulsionam sua formação, seu processo de desenvolvimento, desde sua instalação até os dias atuais, (...)”. Para essa autora, no estudo da Morfologia é possível identificar: aspectos de tipologia, volumetria (relativa à altura da edificação), parcelamento do solo, diálogo entre público e privado, paisagem, entre outros.

Sendo assim, os estudos sobre a Morfologia Urbana se referem à formação das cidades a partir das ações e apropriações do homem sobre um solo para uso e focam nas intenções desses para aquele espaço, que será constantemente transformado ao longo dos anos. Esse também contribuirá nos processos posteriores de regimento e crescimento.

Para melhor entendimento do estudo da “forma urbana” dentro do campo da Morfologia Urbana é necessário compreender também os seus conceitos e referências. Para Oliveira (2022, p. 28), “(...) a forma urbana refere-se aos principais elementos físicos que estruturam e dão forma aos tecidos urbanos, ruas (e praças), lotes, edifícios, (...)”. Para Salgado (2013, p.16), “A forma urbana é definida por três elementos físicos fundamentais: edifícios e sua relação com o espaço público, lotes e ruas.”

Para Moudon (2017), “(...) a cidade pode ser ‘lida’ e analisada através da sua forma física”. Segundo ainda essa autora, a análise morfológica é baseada em três princípios, que são:

> i. A forma urbana é definida por três elementos físicos fundamentais: edifícios e os espaços abertos relacionados com estes, parcelas ou lotes, e ruas;
> ii. A forma urbana pode ser compreendida em diferentes níveis de resolução. Normalmente, reconhecem-se quatro níveis, que correspondem ao edifício/parcela, à rua/quarteirão, à cidade, e à região;
> iii. A forma urbana só pode ser compreendida na sua dimensão histórica uma vez que os elementos que ela compreende sofrem uma contínua transformação e substituição. (MOUDON, 2017, p. 45)

Costa e Netto (2017, p. 32), indicaram que: “(...) percebe-se que a forma urbana traduz o registro da história das ações civis e públicas e que delas pode-se apreender qual ideologia norteou a ocupação do solo ao longo do tempo”. Assim

como para elas: “(…) é possível dissecar as camadas da forma urbana e os diversos aspectos estruturantes das ações da sociedade ao longo do tempo, para se estabelecer um determinado produto, a forma urbana e seu dinamismo”.[128]

Para as mesmas autoras: “(…) a forma urbana é consolidada por meio de camadas históricas sobrepostas. Essa visão da cidade (...) corresponde ao que se denomina de ‘palimpsesto’”[129]. Sobre esse mesmo assunto, Salgado (2013, p. 16), expõe que as cidades são “(...), como um palimpsesto que armazena em suas páginas resquícios de diversos manuscritos de períodos diferentes, escritos em uma mesma base.”

Assim a forma urbana estaria relacionada aos elementos físicos que estruturam o solo das cidades e permitem a sua leitura e identificação, considerando para tal a sua formação, história e evolução até a contemporaneidade. Nela também estão presentes as várias camadas de tempo. Diante disso, a análise da forma urbana será utilizada pelas Escolas de Morfologia Urbana que se dedicaram aos estudos das cidades.

Sobre a aplicação dos conceitos acima relacionados há duas concepções distintas e complementares para os estudos de Morfologia Urbana, esses surgiram do campos da Geografia e Arquitetura e estão presentes nas denominadas Escolas de Morfologia Urbana. Dentre elas, a Escola Inglesa e a Escola Italiana são consideradas as principais e os seus fundadores são: Michael Robert Günter Conzen e Saverio Muratori, o primeiro geógrafo e o segundo arquiteto.

Michael P. Conzen, filho de Michael Robert Günter Conzen, proporcionou uma grande contribuição para a publicação e divulgação da obra de seu pai, assim como,

---

[128] “A forma e o seu dinamismo especificamente são assim descritos por Conzen (1962): temos um objeto visual de pesquisa diante de nós que tem sido examinado sob dois ângulos. O primeiro compreende o sentido estritamente morfológico, concentrado na diversificação das formas visíveis na configuração da paisagem urbana. O segundo refere-se ao aspecto dinâmico da sociedade que produz e altera a paisagem urbana ao longo do tempo” (COSTA, NETTO, 2017, p. 33). Esses dois aspectos se resumem em dois meios de abordagem: a análise formal e a análise temporal.

[129] “A ideia de cidade como palimpsesto foi apresentada por Conzen (1962), no artigo denominado *‘Urban Morphology: A Geographical Approach’* (2014, p. 51), o qual associa a formação da cidade às gravações em camadas, que vão se acumulando no mesmo sítio natural. De acordo com o autor, as camadas ao se sobrepor vão se acumulando em um processo contínuo, no qual as mais antigas são apagadas para serem substituídas pelas mais recentes.” (COSTA, NETTO, 2017, p. 32)

Jeremy Whitehand e Ivor Samuels. E os três são considerados os maiores expoentes da Escola Inglesa junto com Larkhan e Kroft, entre outros.

Costa e Netto (2017, p. 33), explicaram que, a Escola Inglesa trata dos reflexos da ação da sociedade numa paisagem, como por exemplo na paisagem urbana, e traz consigo a concepção da "paisagem como produto" da ação social. Essa seria a essência das análises contidas na abordagem apregoada por Michael Robert Günter Conzen.

Conzen apud Whitehand (2017, p. 46), informou que: "Foi Conzen quem reconheceu a divisão tripartite da paisagem urbana em: i. plano da cidade (compreendendo ruas, parcelas e planos de implantação dos edifícios), ii. tecido edificado e iii. usos do solo e do edificado."

Para Salgado (2013, p.17), a Escola Inglesa realizou: "A identificação das modificações no parcelamento do solo, principalmente relacionados às divisões de lotes e quarteirões, possibilita a leitura da evolução urbana de uma cidade". Essa evolução estaria relacionada a determinados "períodos de tempos", que podem se repetir e serem identificados dentro da forma urbana.

Os "elementos" dentro da forma urbana que são relacionados a "períodos de tempos", denominados na Escola Inglesa de "períodos morfológicos"[130] nos remetem há uma "noção de historicidade"[131] e revelam os aspectos sociais e culturais da história de uma cidade.

Whitehand (2017, p. 48), informou que: "Uma região morfológica é uma área que tem uma unidade, no que diz respeito à sua forma, que a distingue das áreas envolventes."

---

[130] "Estes são denominados de períodos morfológicos nos quais ocorrem as transformações e são definidos em função de uma determinada época histórica e das evoluções formais introduzidas na paisagem urbana, cujos reflexos econômicos e culturais produziram modificações e transformações no espaço urbano." (COSTA, NETTO, 2017, p. 35).

[131] "O conceito de historicidade é entendido como um atributo da paisagem capaz de refletir materialmente as permanências de vários períodos, ou seja, a acumulação das formas ao longo do tempo (LABORATÓRIO DA PAISAGEM, 2013)." In: (COSTA, NETTO, 2017, p. 64)

Sobre historicidade, Costa e Netto (2017, p. 65), indicaram também que: “Michael Robert Günter Conzen explica, que em termos espaciais a historicidade se manifesta sob a forma heterogênea na paisagem urbana e que essa é mais perceptível nas áreas centrais, já que o centro histórico possui a maior incidência dos fatos ocorridos.”

Costa e Netto (2017, p. 35), relataram também que: “A Escola Inglesa define como seu objeto o estudo das formas urbanas utilizando como parâmetro as modificações e transformações, com o propósito de estabelecer uma teoria sobre a construção das cidades”. Considerando para tal: as transformações ocorridas no parcelamento do solo (como por exemplo: remembramentos e desmembramentos nos quarteirões, formação de lotes[132] e sistema viário) e também os “elementos” que repetem “padrões semelhantes” identificados como “unidades características da forma urbana” ou “unidades de plano”.

Já para a Escola Italiana, há um seguidor expressivo do fundador Saverio Muratori, que trouxe contribuições também para a área, o arquiteto Gianfranco Caniggia. Sobre ele relataram que:

> A preocupação fundamental de Caniggia era transmitir as ideias de Muratori em termos arquitetônicos, partindo da convicção que a sua difusão era, de algum modo, impedida pelas dificuldades de compreensão do pensamento de Muratori. Como tal, Caniggia procurou simplificar e reduzir o seu sistema teórico, sublinhando os aspectos operativos mais diretos. Neste sentido, o significado fundamental deste contributo consiste na utilização e na importância dada, nos seus textos, aos termos e conceitos de ‘tipo’, ‘tecido construído’ e, acima de tudo, ‘edificado básico’, entendido como a Matriz formativa dos edifícios especializados. (CATALDI, MAFFEI e VACCARO, 2017, p. 30)

Whitehand (2017, p. 49), indicou também que os arquitetos italianos da Escola de Caniggia: “(…) focaram a sua atenção no conceito de ‘processos tipológico’, no qual os novos tipos de edifícios são vistos como produtos de um processo de aprendizagem das adaptações desenvolvidas pelos anteriores tipos de edifícios.”

---

[132] “O lote é a menor porção de terreno de um parcelamento que possui a testada voltada para a via pública, além de ser destinado à implantação de edificações”. (SALGADO, 2013, p.15)

Costa e Netto (2017, p. 33-34), informaram que “Muratori considera o ‘tipo’ ou a sua representação física, o ‘tipo básico’ a base da cidade tradicional como uma extensão da unidade física humana”. E ainda indicaram com base em Malfoy e Moudon (2011), que: “Para Saverio Muratori, o fundador da Escola Italiana de Morfologia Urbana, a casa, a edificação básica é a síntese, *a priori*, da cultura de um povo, análogo a um organismo.” E que, “(...) os teóricos da Escola Italiana, Muratori e Caniggia consideram as edificações como extensões das espécies humanas e que estas representam para o ser humano uma parte essencial e interna da vida.”

Costa e Netto (2016, p. 313), relataram que: “A pesquisa tipológica consiste na seleção do ‘tipo básico’, comparando-o aos outros tipos existentes e determinando o nível de especificidade apropriada para se estabelecer a distinção morfológica.”

Sobre a Escola Italiana, Salgado (2013, p. 17), expõe que essa: “(...) direciona a análise da morfologia a partir da escala arquitetônica, investigando como esses espaços deveriam ser construídos ou projetados”. Sendo assim, o foco de investigação, nesse caso, se baseia nas teorias de desenho urbano e arquitetônico, principalmente nas voltadas para os estudos das “tipologias edilícias”. Essas tipologias elencadas na análise dessa Escola seriam, portanto, derivadas de um “produto de aprendizagem” contínuo e são entendidas com uma “adaptação de tipos anteriores.”

Costa e Netto (2017, p. 35), relataram que: “A Escola Italiana de Morfologia, por sua vez, elabora o estudo da forma como um modelo projetual para uma cidade”. Considerando para tal: “(...) como as cidades deveriam ser traçadas”, tomando como modelo “(...) as tradições históricas dos elementos vernaculares”, como por exemplo, os existentes nas cidades italianas e estabelecendo a sua relação com o espaço urbano. Essas ainda relatam que:

> Nos estudos já efetuados nas duas escolas tradicionais, a inglesa e a italiana, pode-se verificar que a forma urbana surge com o reflexo de ações políticas, sociais e econômicas ao longo do tempo e que estes aspectos são relevantes na análise do seu reflexo atual, a paisagem urbana contemporânea. Este procedimento a reconhece como decorrente de um longo processo de adaptação e ajustes, efetuados pelos agentes de sua transformação. (COSTA, NETTO, 2017, p.24)

Considerando as premissas já descritas para as duas Escolas de Morfologia Urbana aferimos que essas podem contribuir também para análise das cidades brasileiras.

E ressaltamos até que alguns conceitos e métodos já foram utilizados para o melhor entendimento das formas urbanas das cidades mineiras, como as de: Ouro Preto, Mariana, Tiradentes e São João del-Rei, localidades que são o foco das nossas análises principais.

4.2. A Escola Italiana e a conformação do "tipo territorial básico"

Os suporte teórico utilizados são Maria Manoela Gimmler Netto (2014), Staël de Alvarenga Pereira Costa e Maria Manoela Gimmler Netto (2017), Staël de Alvarenga Pereira Costa, Maria Manoela Gimmler Netto e Simone Safe (2018), que foram baseadas no capítulo de livro denominado *"Territorial organism as individuation of typical connections between route, settlement, productive and urban organisms Caniggia e Maffei (2001)."*

A partir dos estudos da Escola Italiana de Morfologia Urbana que se ampliou a noção do "tipo básico" de uma construção isolada, para uma larga extensão de terras, ou seja, um território, portanto, foi possível aplicar os conceitos e métodos no denominado "tipo territorial básico", que:

> (…) é a consciência espontânea do território em que se vive e que necessita de meios para atravessá-lo. Ao materializar-se, ele se consolida no que se denomina "tipo territorial básico". De forma semelhante ao processo tipológico, porém visto no território, este estudo considera que uma consciência crítica é formada quando há geração de conhecimento e estabelecimento de códigos de conduta e costumes pré-estabelecidos nas múltiplas escalas dimensionais. (COSTA, NETTO e SAFE, 2018, p. 41)

O entendimento do "tipo territorial básico" estaria também relacionado com a compreensão da ação humana de ocupar e modificar um território e essa se inicia geralmente com o estabelecimento de rotas matrizes, as quais se formam por meio de redes viárias, núcleos urbanos e regiões, além das áreas de produção e organismos urbanos.

Costa, Netto e Safe (2018, p. 41-42) baseadas em Caniggia e Maffei (2001) informaram que há quatro fases na ocupação de um território:

> De acordo com a teoria italiana, a rota é a primeira estrutura implantada pelo homem, sendo definida como a fase inicial de ocupação do território. Na segunda fase, determinados locais do território surgem espontaneamente como área favorável ao pouso, na qual os recursos naturais podem ser coletados ou retirados. Progressivamente, as áreas produtivas adquirem características de permanência, transformando-se em assentamentos. A terceira fase é considerada a partir do momento em que há produção artificial (criada pelo homem) por meio da fixação e uso do solo, conectando um sistema de produção apto a mudar a ordem natural do lugar em uma ordem de produção humana constante. Então, a quarta fase, a de transformação do território por ação humana, define uma hierarquia entre os assentamentos, por meio da implantação de um sistema comercial e de atividades manufatureiras, que passam a consistir espacialmente em proto-núcleos urbanos. Cada fase tem um paralelo na história da evolução da civilização humana. As rotas correspondem à fase nômade da humanidade. Os assentamentos relacionam-se à fixação humana no território. As áreas de produção são caracterizadas pelo cultivo do meio, pela agricultura, pela criação de animais e pela capacidade de estocagem. E a quarta fase, refere-se ao estabelecimento dos proto-núcleos, definindo espacialmente a organização urbana do território.[133]

As autoras anteriores baseadas ainda em Caniggia e Maffei (2001) e também em Netto, et al. (2015), informam que é necessário absorver três conceitos fundamentais para análise do “tipo territorial” antes de se estabelecer o “tipo básico territorial” e que esse deriva da teoria da evolução dos núcleos urbanos, que são:

> i. Primeiramente, “tipo territorial” é o conceito de lugar em cada época, relaciona-se com as maneiras de atravessá-lo, escolha do local de assentamento, atividade produtiva, centros comerciais e dimensões, ou seja, refere-se à caracterização do território física e culturalmente;
> ii. O segundo conceito denomina-se “área cultural” e corresponde à consciência adquirida pelo conhecimento, que inclui códigos de conduta, costumes e linguagem que determinam espacialmente formas no território que o diferem de outras localidades;
> iii. E por fim, a “extensão cultural” depende do tipo territorial pertencente a um lugar e uma época, ou seja, diz respeito à expansão urbana ao passar do tempo. (COSTA, NETTO, SAFE, 2018, p. 42)

Ao aplicarmos esse conceitos na formação de Minas Gerais sabemos que:

> No Brasil, as primeiras rotas e assentamentos foram implantados pelos povos indígenas, configurando a pré-história. Com a chegada das

[133] “Para Muratori e seus seguidores, as três primeiras fases constituem na verdade, à Idade Neolítica e que essas até então, ofereciam todas as necessidades ao ser humano. Consideram que só a partir do progresso da civilização que há distinção dos papéis e a especialização de funções, que vão dar origem às trocas de produtos e à necessidade de construção de estruturas que vão ocorrer nos centros de mercado, localizados no proto-núcleo urbano. É então, na quarta fase que ocorre o aparecimento de um estágio civil. A fundação desses centros completa uma espécie de ocupação inicial da estruturação de uma sociedade civil na área para se compreender os desenvolvimentos subsequentes.” (COSTA, NETTO, 2016, p. 313-314)

> embarcações com imigrantes europeus e escravos africanos observa-se um salto na formação de núcleos urbanos no litoral do país. As áreas culturais definem-se a partir das diferentes formas de miscigenação das culturas europeias, indígenas e negras estabelecidas em diferentes “tipos territoriais.” (COSTA, NETTO, SAFE, 2018, p. 42)

A ocupação no litoral da colônia brasileira com a formação de núcleos urbanos, impulsionada inclusive pelas rotas marítimas europeias e pelos locais estratégicos para aportarem às suas embarcações, que irão desenvolver as rotas iniciais do litoral no Brasil e as primeiras áreas culturais. Já a expansão dessas fronteiras, determinarão novas áreas culturais, derivadas das rotas de orlas, que se conectarão com as rotas internas e depois formarão novos núcleos urbanos no interior desse território.

As expedições, conhecidas como bandeiras ou entradas, favoreceram o surgimento das rotas internas e novos núcleos urbanos, assim como propiciaram as conexões entre o litoral e interior do Brasil, que darão origem as “rotas comerciais”, se configurando também as novas hierarquias e outras formas de organização espacial do território colonizado. Por isso:

> Das trilhas indígenas para a criação de rotas comerciais, exigia-se um salto na evolução da ocupação do território brasileiro ao longo do século XVIII. O primeiro obstáculo era a insuficiência de estradas e suas estreitas larguras, caminhos criados unicamente para uso de pedestres. Evidencia-se que a mudança de tecnologia, neste caso para a tração animal, acarreta transformações físicas e espaciais no ambiente construído. (COSTA, NETTO, SAFE, 2018, p. 47)

Dessa necessidade de mudança surgiram as “rotas comerciais”, impulsionadas pela descoberta das primeiras jazidas minerais. Aliado a isso, Netto (2014) comentou que as Estradas Reais são a resposta espacial a essa necessidade de conectar os portos do litoral às áreas de extração de ouro no interior da colônia brasileira.

Por isso, Netto (2014) com base em Wagner (2003), indicou que surgiram nas Minas do Ouro três “rotas comerciais” principais, que são: o “Caminho Velho”, que foi delineado pela bandeira de Fernão Dias, a partir de 1674 e financiada pelo rei de Portugal. Essa interligava São Paulo à região das minas; o “Caminho Novo”, que se configurou entre os mais importantes, sendo este uma “rota comercial”, que

conectava o Rio de Janeiro a Minas Gerais e o “Caminho da Bahia” ou “Caminho dos Diamantes”, que unia a Bahia à localidade mineradora de Diamantina.

Nos caminhos formados por essas três principais “rotas comerciais”, onde as expedições dos tropeiros e oficiais passaram, se escolhiam locais para pouso e nesses houve depois, um incipiente desenvolvimento agrícola, a criação de animais e pequenos comércios, que deram origem em Minas Gerais aos primeiros arraiais.

“Os arraiais surgem devido à necessidade de descanso e de alojamento dos viajantes, configurando as primeiras áreas de pouso e de produção de alimentos” (COSTA, NETTO, SAFE, 2018, p. 48). Assim, a descoberta do ouro e diamantes consequentemente acelerou a abertura das “rotas comerciais” e o processo de ocupação do interior da colônia brasileira.

Concomitantemente, houve a indução de ocupação do território, onde os primeiros locais de exploração do ouro encontrado, que nesses casos foi próximo aos rios e nas montanhas de Minas Gerais, que também se tornou catalisador desse processo. “A ocupação das serras se dá rapidamente, em núcleos esparsos, localizados próximos aos córregos de exploração aluvional ou junto aos morros de maior ocorrência aurífera.”(COSTA, NETTO e SAFE, 2018, p. 48)

Assim, irão surgir também os ranchos na vizinhança dos locais de exploração aurífera e moradia improvisada, que se constituem de uma pequena venda para subsistência dos trabalhadores da mineração.

Após o entendimento do contexto da atividade econômica acima, vamos retomar as “rotas comerciais”, que dentro dos núcleos urbanos mineiros se transformam em “rotas matrizes”. Considerando que, a “rota matriz” tem uma definição na Escola de Morfologia Urbana que é a seguinte:

> (...) credita o aparecimento de núcleos urbanos à implantação de uma rota, por eles denominada "rota matriz" de onde outras rotas secundárias se interconectaram, estabelecendo a malha viária que estruturaria a noção de região e do território. (...) Nesta rota, há a ocupação da faixa paralela a ela e consequentemente, a formação de faixas relevantes dos lotes que definem a estrutura do tecido urbano. Estas faixas formam (...) as bases do

> parcelamento dos lotes e da ocupação incipiente no alinhamento das rotas que posteriormente, vão tendo as partes laterais ocupadas e os fundos do lote. E assim consequentemente, formam-se novas vias para dar acesso a esses lotes laterais e de fundos, e desta forma, cria-se o quarteirão. Os núcleos urbanos apareceriam em decorrência desta estruturação, nos pontos de união entre as rotas secundárias e as principais. (COSTA, NETTO, 2016, p.313)

Assim a “rota matriz” além de estruturar os primeiros núcleos urbanos mineiros também realizava conexões interurbanas com os pousos e ranchos em seu entorno, além de com outra ocupação urbanas da região mineradora, formando as rotas internas desse território.

“As rotas se constituem na primeira estrutura urbana a ser tomada em consideração na análise sobre os conjuntos de edificações, porque elas permitem o acesso a um lugar a partir de outro (...).” (COSTA, NETTO, 2017, p. 184). Assim sendo, essas são o primeiro elemento estruturante de um núcleo urbano, onde o deslocamento também se efetua e por isso devem ser assim analisadas.

A “rota matriz” se tornou estruturante nos quatro núcleos urbanos estudados, todos eles surgiram no período colonial, sendo três derivados de duas “rotas comerciais”, que são os: “Caminho Novo” e “Caminho Velho”. Ressaltamos que, quando essas rotas eram desenvolvidas pelos oficiais portugueses, essas ficaram conhecidas também como Estradas Reais.

Outras rotas que devem ter nossa atenção nos estudos devido ao desenvolvimento posterior dos núcleos urbanos serão as “rotas secundárias”, que se constituem em:

> (...) rota secundária, derivada da Estrada Real, que vai se consolidando como uma “rota matriz” (principal) na área cultural. O arraial é formado pelo cruzamento de rotas, onde se forma o núcleo urbano ao redor do largo, que ao longo dos tempos se estabelece como o polo principal. A partir dessa estruturação, derivam outros pequenos núcleos gerados pelas rotas edilícias planejadas (perpendiculares à “rota matriz”) e as de conexão (paralelas à “rota matriz”), que integram o processo de formação dos quarteirões. (COSTA, NETTO, SAFE, 2018, p. 51)

Para Costa, Netto e Safe (2018, p. 51), As “rotas secundárias” derivam das “rotas Matrizes” que são as principais vias e podem se desenvolver paralelas ou

perpendiculares a elas, essas são também importantes, porque promovem as novas conexões entre os caminhos dos arraiais e também formarão os quarteirões, os quais definirão depois também os limites dos primeiros lotes. “Na evolução do arraial, a ‘rota matriz’ e as ‘rotas derivadas’ perpendiculares e paralelas formam a estrutura urbana que se define sob a forma de um arruamento longitudinal, entrecortado por pequenas vielas e largos (...).”

Assim sendo, a compreensão das rotas Matrizes e secundárias, assim como o seu dinamismo de formação num núcleo urbano, que foram analisados sob os conceitos e métodos da Escola Italiana de Morfologia Urbana pelas fontes consultadas e citadas contribuíram para o entendimento da formação das localidades analisadas na região de Minas Gerais e no interior do território brasileiro.

4.3. A importância das “rota matriz e secundária” na formação dos núcleos urbanos mineiros e suas relações com as procissões e Capelas dos Passos

As cidades selecionadas de Ouro Preto, Mariana, Tiradentes e São João del-Rei possuem similaridades em sua formação e sendo elas nossos locais de estudo, consideramos os referenciais teóricos sobre Morfologia Urbana já existentes para as análises proposta neste tópico, que são os seguintes:

Para Ouro Preto, os suportes teóricos são de Sylvio de Vasconcellos (2011), Marina Salgado (2013), Staël de Alvarenga Pereira Costa e Maria Manoela Gimmler Netto (2017). Para Mariana, as produções são de autoria de Salomão de Vasconcelos (1948) e Cláudia Damasceno Fonseca (1995, 1998).

Para Tiradentes, destacamos os estudos de Olinto Rodrigues Filho dos Santos (2015), a publicação do IPHAN (2005) e os estudos que foram organizados por Maria Manoela Gimmler Netto, et al. (2023). Para São João del-Rei, destacamos os estudos de André Guilherme Dornelles Dangelo, Vanessa Borges Brasileiro e Jota Dangelo (2014), além dos de Tatiana Paiva Xavier (2018).

Todos esses referenciais nos auxiliaram na coleta de informações considerando o uso dos conceitos e métodos presentes na Escola Italiana de Morfologia Urbana

para o reconhecimento das “rotas matrizes” e das “rotas secundárias” indutoras da formação e desenvolvimento das cidades coloniais estudadas em Minas Gerais.

A leitura do “tipo básico territorial”, da conformação das redes viárias iniciais e do surgimento dos primeiros núcleos urbanos considerando também as suas áreas de produção e organismos urbanos, serão assim abordados para as quatros cidades. Além do mais, depois estabeleceremos as relações desses componentes que depois configuram o tecido urbano[134] com as procissões e as Capelas dos Passos.

4.3.1. O “caminho tronco” e os dois principais proto-núcleos de Ouro Preto

Em Ouro Preto, segundo Vasconcellos (2011), um dos caminhos de acesso à cidade, nos tempos coloniais, ocorriam por meio de uma “rota comercial”, que vinha do Rio de Janeiro, atravessava o assentamento urbano e depois seguia para o Vale do Rio das Velhas, em direção a Sabará e ao Distrito Diamantino. Conforme já citamos, esse é o “Caminho Novo”.

Essa “rota comercial” que também conforma o eixo principal ou “rota matriz” de formação da anterior Vila Rica era denominada nessa localidade de “estrada-tronca” ou “caminho tronco”, conforme:

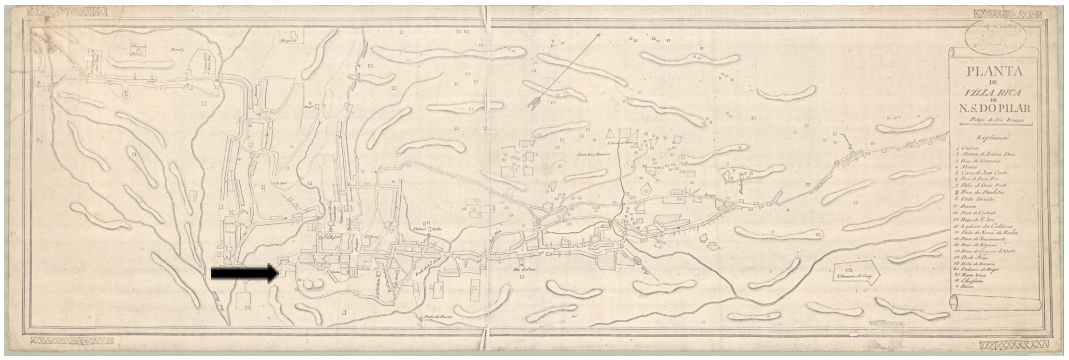
> Dentro os vários caminhos, um é mais importante, mais transitado, por assim dizer, a estrada-tronca. Entra na vila e vai direto à Matriz do Pilar, de onde se endireita para Matriz de Antônio Dias, saindo por Sta. Efigênia. Por isso mesmo, na entrada, designa-se por Cabeças (princípio), entre as Matrizes, Rua Direita e, na saída Vira e Sai. (VASCONCELLOS, 2011, p. 71)

A partir dessa citação notamos que no interior do núcleo urbano o “caminho tronco” tinha um início, meio e fim, nele também estavam situadas duas Matrizes (do Pilar e Antônio Dias) e um outro templo religioso (igreja de Santa Efigênia). Apresentamos uma planta de Vila Rica por volta de 1800, onde indicamos o caminho por uma seta (Figura 129).

---

[134] O tecido urbano é, então, uma ampliação do conceito de tipo e do conjunto de edificações numa concepção maior, trazendo para a noção de um conjunto de vários edifícios com características semelhantes que existem na mente do construtor antes da sua construção. Esse conjunto de edificações semelhantes faz parte dos organismos urbanos, que é estruturado ao longo do tempo, derivado de um sistema de leis de formação e de utilização progressiva, elaborado num processo de transformação da estruturação prolongada da sua própria história. (COSTA, NETTO, 2017, p. 181)

Figura 129 - Planta de Vila Rica, data provável - 1800.



Fonte: Coleção de Documentos Cartográficos do Arquivo Público Mineiro. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/grandes_formatos/brtacervo.php?cid=727&op=1>. Acessado em: 28 de abr. de 2023.

A mesma “estrada-tronca” também possuía uma divisão em três partes, que eram as seguintes:

> A primitiva estrada-tronca divide-se em três partes principais. A primeira delas, as Cabeças, entre a ponte do Passa-Dez e a da Caquende ou Capela do Rosário, tem, a princípio, o nome da Rua do Passa-Dez. O trecho entre a Capela de São Miguel e Almas e o Rosário adquire, posteriormente, os nomes de Rua das Cabeças ou Ladeira do Caquende, hoje Ruas Alvarenga Peixoto e Bernardo Guimarães. A segunda parte, a central, compreendida entre o Rosário e Antônio Dias, subdivide-se em três trechos - entre o Rosário e o Pilar, daí até a Praça e desta a Antônio Dias. A terceira parte, a saída, entre Antônio Dias e a Capela do Padre Faria, é dividida em duas ladeiras - da Cruz das Almas ou Vira Saia, hoje Sta. Efigênia, e da Capela do Rosário do Padre Faria, hoje, simplesmente, do Padre Faria.”[135] (VASCONCELLOS, 2011. p. 75-76)

Na divisão em três partes notamos que a primeira, ocorria do Cabeças até a Capela do Rosário no Morro do Caquende. A segunda, iniciando pelo Rosário, passando pelo Pilar e finalizando em Antônio Dias. Já a terceira e última parte, de Antônio Dias até o Padre Faria, passando pela Igreja de Santa Efigênia e A outra Capela do

[135] Indicações referentes ao assunto encontram-se nos tombamentos realizados pela Câmara de Vila Rica em 1734 (Livro de Tombo n. 38 - APM, CMOP), 1812. (Arq. Prefeitura Municipal de Ouro Preto - Livro 264); Feu de Carvalho, “Reminiscência de V. Rica”, Rev. APM, ano XIX, Salomão de Vasconcellos, “Primeiros Aforamentos de V. Rica” (Rev. SPHAN n.5); Diogo de Vasconcelos, “As obras de Arte”, (Bicentenário de Ouro Preto) e em referências esparsas de outros autores ou documentos originais.

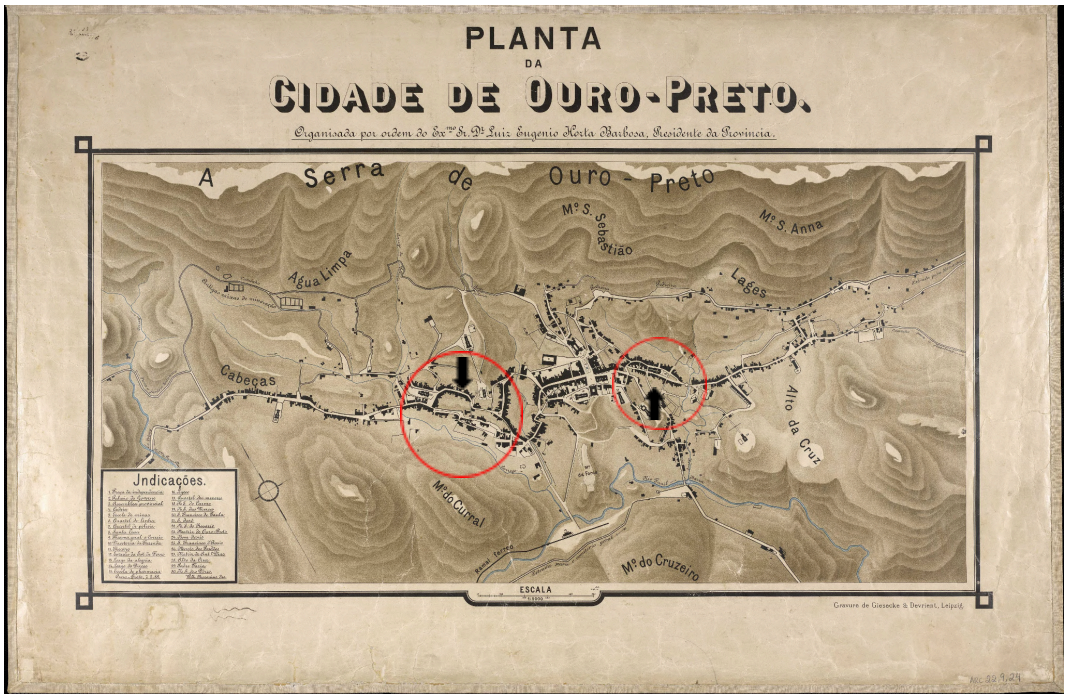
Rosário. Consequentemente, notamos desde o início da constituição de Vila Rica a presença dos templos religiosos como referências na “estrada-tronca”.

Ademais Vasconcellos (2011), apresentou um esquema com oitos proto-núcleos de ocupações iniciais para a atual Ouro Preto, sendo três desses os primeiros existentes que também são presentes na “estrada-tronca”, que foram por ele denominados de: Antônio Dias, Ouro Preto (depois Pilar) e Padre Faria. Depois o autor cita os cinco demais, que seriam: Cabeças, Piedade, São Sebastião, Santana e São João, que depois também se constituíram ali ao redor. Registramos que dos cinco últimos o proto-núcleo de Cabeças também se constituiu na “estrada-tronca” ou “caminho tronco” ou “rota matriz” e o demais em “rotas secundárias”, que foram derivadas da principal.

Em Salgado (2013, p. 53-54), um dos exemplos de “rota secundária” derivadas diretamente da “rota matriz” em Vila Rica está a rua aberta pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário para a procissão do Triunfo Eucarístico (1733), com intuito de se realizar a passagem do Santíssimo Sacramento da Igreja de Nossa Senhora Rosário dos Pretos para a Matriz do Pilar. Essa “rota secundária”, que será denominada depois de Rua do Rosário se tornou uma alça paralela a rota principal e por isso, adquiriu depois mais importância em Vila Rica, principalmente após a implantação da Praça Tiradentes e as reformas urbanas em seu entorno.

Apresentamos uma planta de Vila Rica de 1888, verificamos a “rota matriz” e a formação das “rotas secundárias” nos arraiais do Pilar e de Antônio Dias (indicadas com as setas), que conformam também os primeiros quarteirões. Na Figura 130, destacamos em círculos vermelhos os dois proto-núcleos iniciais, que participam na contemporaneidade da devoção da Paixão de Cristo e das Dores de Maria, executando as procissões e construindo as Capelas dos Passos em suas áreas de domínio.

Figura 130 - Planta da cidade de Ouro Preto organizada por ordem do Exmo. Sr. Dr. Luiz Eugenio Horta Barbosa, presidente da Província, 1888.



Legenda: Proto-núcleo do Pilar à esquerda e Pronto-núcleo de Antônio Dias à direita.

Fonte: Coleção da Biblioteca Fluminense da Biblioteca Digital Luso-Brasileira. Disponível em: <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/20451>. Acessado em: 28 de abril 04 de 2023.

Informamos que, as primeiras procissões e Capelas dos Passos de Vila Rica foram implantadas somente no proto-núcleo do Pilar, devido à fundação da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos ter sido na Matriz de mesmo nome. Assim, no início do século XVIII as primeiras vias sacras eram realizadas no entorno desse templo religioso com relatos também da participação da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos em suas proximidades.

Posteriormente, no final do século XVIII e início do séculos XIX, a Irmandade de Nossa Senhora das Dores foi fundada em outro proto-núcleo, especificamente na Matriz de Antônio Dias. Isso reforçou a reivindicação de participação desse segundo templo nas procissões e por isso, os cultos se expandiram e ocuparam toda a parte

central da “rota matriz”. Além da Rua do Rosário, uma “rota secundária”, conforme já citado.

Ressaltamos que, nesse contexto, tanto o proto-núcleo do Pilar quanto o de Antônio Dias se destacaram como os arraiais que foram unidos para a administração de Vila Rica, escolhida como sede da Comarca de Vila Rica.

Considerando o grau de importância das rotas antes apontadas serão elas também as escolhidas pelas Irmandades Religiosas para inserção das procissões e das Capelas dos Passos com intuito de consagrar e perpetuar no núcleo urbano de Vila Rica as suas tradições. Portanto, na contemporaneidade três Capelas dos Passos então no “caminho tronco” e duas na Rua do Rosário (atual Rua Getúlio Vargas e Rua São José), já as procissões ocorrem na parte central da “estrada-tronca” e na já citada alça.

Mais adiante vamos analisar essas mesmas características em Vila do Carmo, outra localidade formada em Minas Gerais na mesma época que Vila Rica.

4.3.2. O “caminho tronco”, os três proto-núcleos e o plano urbano de Mariana

Já na vizinha Vila do Carmo, que também derivou da mesma “rota comercial” ou do “Caminho Novo” de Ouro Preto, que vinha do Rio de Janeiro, sendo que esse primeiro passava por ela, para depois seguir para Vila Rica.

A conformação de Mariana, segundo Vasconcellos (1948), remete ao Coronel Salvador Furtado e sua comitiva, que logo se apossaram do ribeirão do Carmo, repartindo suas primeiras lavras de ouro. Após o reconhecimento do local esses formaram um arraial às margens do curso d’água, que foi denominado de “Mata

Cavalos”[136]. Sendo esse o seu primeiro proto-núcleo onde também passava o “caminho tronco”.

Entretanto, segundo Fonseca (1998, p. 53), após o estabelecimento do arraial, o local experimentou o seu esvaziamento populacional duas vezes entre os anos de 1697 e 1702. Já que os seus moradores se deslocaram em direção a locais de melhores acessos e onde as condições dos terrenos fossem mais propícias à agricultura e à caça, como na localidade de Itaverava.

Fonseca (1998, p. 66), ainda apontou que mesmo com a deserção do arraial de “Mata Cavalos”, Francisco Fernandes permaneceu na localidade, pois havia recebido uma sesmaria na margem esquerda do ribeirão do Carmo ao norte do arraial e depois do Morro de Monsus, próximo a “Vamos-Vamos”. Manoel da Cunha, também ali ficou, cuja cabana e datas minerais se situavam perto da foz do “córrego Lavapés”. Assim, o segundo proto-núcleo formado em Vila do Carmo foi o de Morro de Monsus, que se conectava ao outro arraial por uma ponte de madeira.

Posteriormente, segundo Vasconcellos (1948) depois de fundar dois arraiais (Bonfim do Mato Dentro e Antônio Pereira), o português Antônio Pereira Machado, descendo pelo córrego do Canela, chegou ao ribeirão do Carmo, encontrou o povoado abandonado e adquiriu as terras de Manoel da Cunha. segundo o autor anterior, “Instalado em sua nova residência, Antônio Pereira erigiu em 1703, logo ao pé de sua casa, ou um pouco mais acima, no planalto, uma ermida consagrada à Nossa Senhora da Conceição (...).”

No entorno dessa ermida se formou um arraial, denominado de Arraial de Baixo para se diferenciar do Arraial de Cima (antigo Arraial de Mata Cavalos). Por conseguinte ali surgiu o terceiro proto-núcleo de Vila do Carmo, que se conectava ao primeiro pelo “caminho tronco”, margeando o ribeirão do Carmo.

[136] O nome veio do fato de ser ali um terreno úmido e alagadiço, onde teriam desaparecido, tragados pelo lamaçal, alguns dos primeiros animais que serviram nas Minas. (VASCONCELLOS, 1938)

Portanto, durante a formação de Vila do Carmo existiram três proto-núcleos que eram: o Arraial de Cima (ou de Mata Cavalos), o Arraial no Morro de Monsus (do outro lado do ribeirão) e o Arraial de Baixo. Esses três arraiais de traçados irregulares se encontravam todos implantados nas duas margens do ribeirão do Carmo e que em 1743, esse curso de água transbordou e inundou grande parte de suas áreas de domínio.

Conforme os esquemas apresentados por Benedito Tadeu de Oliveira e Fernanda Trindade (2012), o "caminho tronco" dentro da Vila do Carmo se iniciava na denominada Rua Direita, depois passava pelo Largo da Quitanda seguindo na Ladeira dos Açougues, para ter fim, na Rua dos Piolhos.

Sobre a primeira "rota secundária" de Vila do Carmo essa era denominada de Caminho ou Rua de Cima e se constituía num acesso paralelo à rota principal. Esse era no início um incipiente logradouro que se desenvolveu posteriormente com o crescimento dessa localidade. Conforme:

> (...) o crescimento do Arraial de Baixo, somado à destituição da capelinha dos bandeirante de Nossa Senhora do Carmo - localizada no Arraial de Cima - de seus foros de Matriz, em favor da Conceição e da singela das construções, parecia que o Arraial de Cima estava condenado a desvalorização. As sucessivas enchentes ocorridas por volta de 1743[137] atingiram o Arraial velho ou Mata Cavalos contribuíram ainda mais para a sua desvalorização. (FONSECA, 1998, p. 40).

Diante disso, o Arraial de Baixo passou a ter maior relevância que o Arraial de Cima, com a transferência inclusive da devoção da ermida para a Matriz. Por conseguinte, o local situado ao redor da nova Matriz dedicada a Nossa Senhora da Conceição passou a ser mais valorizado, pois ali foram construídas também novas instituições públicas como as: Cadeia, Casa da Intendência, Casa dos Juízes de Fora e o Pelourinho.

---

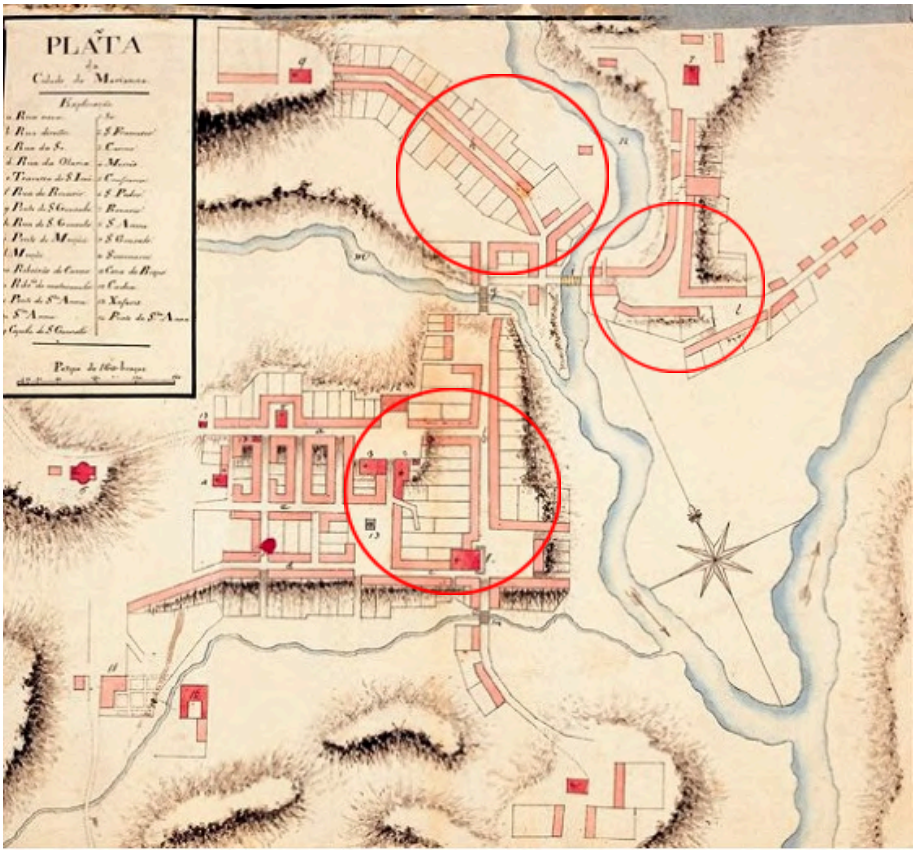
[137] Essa mesma enchente também acometeu as primeiras Capelas dos Passos implantadas na Rua dos Piolhos.

Devido a enchentes antes relatadas e também pela necessidade de se criar um bispado em Minas Gerais, a Coroa Portuguesa, providenciou a elaboração de um plano urbano e Vila do Carmo foi escolhida para se implantar a cidade de Mariana. “Surgia a oportunidade não só para corrigir os equívocos urbanísticos das vilas mineiras como para – e isto era o mais importante – construir uma bela sede para a recém-criada diocese de Minas Gerais.” (DELSON, 1979, p. 37)

O português José Fernando Pinto Alpoim, foi o engenheiro militar que elaborou o plano urbano da cidade de Mariana, no qual demonstrou ideologias de ordenamento urbanístico português, com características de vias, quarteirões e lotes, que seguiam uma lógica ortogonal. E apresentava também uma proposta de edificações alinhadas nas testadas das parcelas, com características semelhantes, visando proporcionar a ideia de um conjunto arquitetônico coeso a ser ali executado.

Apresentamos a planta cadastral de Mariana (Figura 131), que foi sobreposta aos três proto-núcleos da Vila do Carmo. Esses tiveram as suas localizações aproximadas e destacadas em vermelho.

Figura 131 - Planta e mapa de Mariana, antiga Vila de Ribeirão de Nossa Senhora do Carmo, datado da segunda metade do século XVIII.



Legenda: ◯ Proto-núcleos arraiais de Cima e de Baixo à esquerda do ribeirão do Carmo e Proto-núcleo de Monsus à direita.

Fonte: Arquivo Histórico do Exército, obra de Domínio público.

Após implantação do novo sistema viário na cidade de Mariana com base no plano urbano, essa passou a ser descrita como: Um arraial que merece destaque em Minas Gerais em função da elaboração de um planejamento para sua posterior implantação, modelo que não era comum na região, foi a atual cidade de Mariana. Denominada inicialmente Arraial de Nossa Senhora do Carmo.

A partir de uma aquarela de autoria de Thomas Ender de 1817 (Figura 132), podemos observar a escolha de um local mais elevado e mais longe das margens do ribeirão do Carmo, o rigor do sistema viário ortogonal, composto por ruas e travessas e dividido em quarteirões. Nesta vemos a presença também de algumas

áreas livres, que foram destinadas aos templos religiosos, instituições administrativas e educacionais, praças, com seus entornos preenchidos por edificações residenciais.

Figura 132 - Vista de Mariana, a primeira cidade da Capitania das Minas Gerais, 1817.



Fonte: Aquarela completada e corrigida por Thomas Ender, a partir de esboço de Johann Emmanuel Pohl. In: Viagem ao Interior do Brasil, obra de Domínio público.

Durante a implantação do plano urbano, o Arraial de Baixo foi privilegiado, recebendo a nova Casa de Câmara e Cadeia e também os templos religiosos das Ordens Terceira do Carmo e São Francisco. Assim como, o Arraial de Monsus, recebeu nas suas proximidades a Igreja de Nossa Senhora do Rosário (Rosário Novo) no Morro de Santo Antônio, demonstrando mais uma vez que o arraial de Cima foi considerado menos relevante pelos engenheiros.

Com a implantação da cidade de Mariana, outras vias apresentaram novas relações de importância, como a Rua de Cima, que passou a ser considerada como a nova Rua Direita.

Diante desse panorama, registramos que inicialmente as procissões e as Capelas dos Passos da Paixão de Cristo em Vila do Carmo ocorriam no “caminho tronco” e nas áreas de influência dos arraiais de Cima e de Baixo. Especificamente nas imediações das Capelas de Nossa Senhora do Carmo, São Gonçalo, Nossa Senhora da Conceição e Santana.

Mas após a enchente o caminho processional foi impedido e as algumas Capelas danificadas, consequentemente entre 1743 a 1746, a Procissão dos Passos foi interrompida em Vila do Carmo. A Irmandade de Nosso Senhor dos Passos diante disso, requisitou à Coroa Portuguesa que contemplasse as novas Capelas dos Passos no plano urbano da cidade de Mariana, para preservá-las de futuras enchentes e assim foi feito. Nesse novo contexto foram consideradas como templos religiosos de referência para a implantação das procissões e novas Capelas dos Passos a Matriz de Nossa Senhora da Assunção (antes Nossa Senhora da Conceição) e o Rosário Novo.

Além disso, as Ordens Terceiras do Carmo e São Francisco e seus templos religiosos, que estão presentes no plano urbano citado, logo vão exigir as suas participações nas festividades. Consequentemente as vias sacras externas, por isso, também serão realizadas nas suas proximidades, como nas ruas Dom Silvério e Dom Viçoso (antiga Rua da Olaria), que passaram a ter também mais importância na cidade de Mariana.

Assim as procissões e as Capelas dos Passos em Mariana se localizam na contemporaneidade nas ruas: de Cima (atual Rua Direita), Dom Silvério, Dom Viçoso, Alphonsus Guimarães, Teófilo Otoni até chegar no início da Ladeira do Rosário. Dentre elas, a rua mais próxima do “caminho tronco” é a Rua de Cima, que antes era um caminho paralelo à rota principal. Portanto, em Mariana as vias sacras e as suas respectivas estações tiveram suas localizações alteradas após a implantação do plano urbano. Mas apesar disso, ainda notamos uma relação estabelecida dessas com os três proto-núcleos mais antigos.

Mais adiante vamos analisar também essas mesmas características em Vila de São José e Vila de São João del-Rei.

4.3.3. O caminho de São João del-Rei até Prados e os dois proto-núcleos de Tiradentes

A Vila de Santo Antônio também se derivou do “Caminho Novo” ou da “rota comercial” que vinha do Rio de Janeiro, passava pela Comarca do Rio das Mortes (sede em São João del-Rei) e seguia para as Comarca de Vila Rica (sede em Vila Rica), para depois continuar para a Comarca do Rio das Velhas (sede em Sabará). Por volta de janeiro de 1718, foi criada uma segunda vila na região do Rio das Mortes com o nome de São José da Ponta do Morro, também chamado Arraial Velho do Rio das Mortes e Arraial de Santo Antônio.

O Arraial de Santo Antônio, foi elevado a Vila em 1718, pela Coroa Portuguesa, conforme:

> (...) foi crescendo ao longo da estrada que vinha de São João e levava para o Arraial de Prados e Igreja Nova, até encontrar o Caminho Novo. Assim, por volta de 1776, construiu-se a Capela da Santíssima Trindade, no cume do morro, estendendo o arruamento até lá. No sentido contrário, foram sendo construídas a Capela de São João Evangelista dos Pardos; a Capela de Bom Jesus da Pobreza, por volta de 1780 na área plana; A Capela de Nossa Senhora das Mercês dos Pretos Crioulos já além do Ribeiro, por volta de 1770; a Capela de Santo Antônio do Canjica, no ponto extremo, fora do arruamento, mas junto da mineração; a Capela de São Francisco de Paula, construída em monte fronteiro à vila e o chafariz na parte baixa, estendeu a vila para estes lados. (SANTOS FILHO, 2015, p. 20)

Notamos que a Vila de Santo Antônio surgiu ao longo do caminho que conectava a Vila São João del-Rei ao Arraial de Prados e depois se encontrava com o “Caminho Novo”. Em seu arruamento inicial logo foram construídos alguns templos religiosos, que foram as capelas: da Santíssima Trindade, de São João Evangelista, de Nossa Senhora das Mercês dos Pretos Crioulos, de Santo Antônio do Canjica e a Capela de São Francisco de Paula.

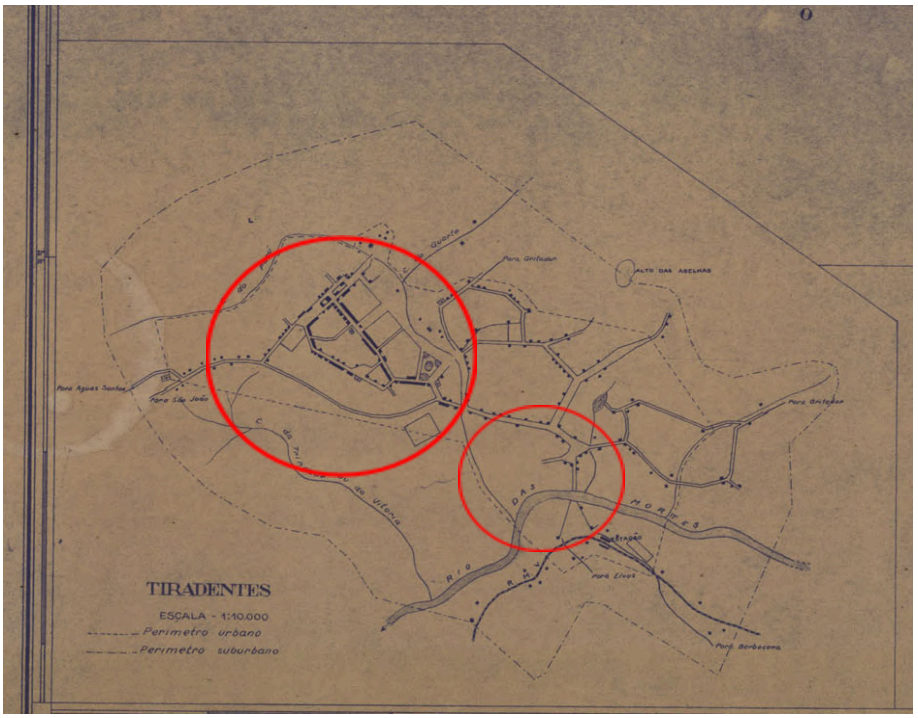
A configuração da Vila de Santo Antônio se iniciou pela união de dois arraiais. Um localizado a noroeste, cujo proto-núcleo era o Largo da Capela da Santíssima Trindade e outro, a nordeste, margeando o ribeirão Santo Antônio, que tinha como

outro proto-núcleo a Capela de Santo Antônio da Canjica (local de mineração dessa Vila). Interligando esses dois proto-núcleos está o caminho já citado, que se conectava ao arraial de Prados e depois ao “Caminho Novo”. Ele dentro da Vila de Santo Antônio era formado pelas ruas: Santíssima Trindade, da Câmara, Direita, Resende Costa, passava pelo Largo das Forras e as demais ruas até chegar nos largos das capelas de Nossa Senhora das Mercês e de Santo Antônio da Canjica.

Apresentamos o caminho estruturante na Figura 133, da cidade de Tiradentes com uma seta e os dois primeiros proto-núcleos em círculos vermelhos.

Figura 133 - Mapa do Estado de Minas Gerais com recorte para o município de Tiradentes, 1939.





Legenda: Proto-núcleos da Sant. Trindade à esquerda e de N. Sra. das Mercês à direita.

Fonte: Fundo Secretaria de Viação e Obras Públicas - SVOP. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/grandes_formatos/brtacervo.php?cid=665&op=1> Acessado em: 28 de abril de 2023.

As primeiras procissões e as Capelas dos Passos de Tiradentes foram implantadas pela Irmandade de Nosso Senhor dos Passos no caminho principal e na Rua de Cima ou Rua do Sol, outro caminho paralelo ao primeiro, ou seja, uma possível “rota secundária”. Nessa fase as vias sacras externas ocorriam somente no primeiro proto-núcleo e nas proximidades da Matriz de Santo Antônio e das capelas de São João Evangelista e de Nossa Senhora do Rosário.

Depois houve alterações no caminho processional e na localização das Capelas dos Passos, que ocorreram após a reivindicação de participação pela Irmandade de Nossa Senhora Mercês e seu templo nessas festividades, devido ao seu maior *status social.* Com isso, o caminho processional foi alterado e as Capelas dos Passos da Rua de Cima foram desativadas e recicladas para a construção de novas, na Rua Direita e no Largo das Forras. Portanto, a Procissão dos Passos se expandiu até a Capela de Nossa Senhora Mercês e as novas capelas acompanharam essa transformação, que promoveu consequentemente uma união entre os dois antigos proto-núcleos, durante essas práticas religiosas.

Assim, a relação com o caminho principal ou “rota matriz” na cidade de Tiradentes passou também a ser mais evidenciado na passagem do século XVIII para o século XIX.

4.3.4. O “caminho tronco” e os quatro proto-núcleos de São João del-Rei

A formação da Vila de São João del-Rei remonta à chegada dos primeiros bandeirantes no fim do século XVII, quando Tomé Portes del-Rei ocupou o lugar conhecido como Real Porto da Passagem, em 1701, na região onde atualmente é localizado o bairro de Matosinhos, pertencente a cidade de São João del-Rei. Conforme:

> (...) sabendo que o núcleo da atual cidade de São João del Rei somente foi iniciado no ano de 1704, com a descoberta de ouro nas imediações do Senhor dos Montes e da Igreja das Mercês, somos obrigados a acreditar

> que o atual Bairro de Matosinhos é o berço da cidade de São João del Rei, porque o local era povoado antes de 1704. (HENRIQUES, 2003, p. 29-30)

O primeiro assentamento urbano relativo a cidade de São João del-Rei estaria relacionada a Matosinhos, local que recebeu também o primeiro templo religioso: “(...) igreja existente em São João del-Rei foi construída no final do século XVII, lá pelas bandas da Matosinhos, às margens do Rio das Mortes.” (ALVARENGA, 1994, p. 11)

A morfogênese de São João del-Rei se deu por esses lados, quando Tomé Portes del-Rei, como chefe de agrupamentos, ali se instalou com o intuito de fabricar mantimentos para vender aos mineiros, que passavam para as Minas ou voltavam para os povoados, onde cobrava imposto pelo direito de passagem. Se constatou assim, que o primeiro proto-núcleo da Vila de São João del-Rei foi o Arraial de Matosinhos.

Já a ocupação urbana próxima às margens do córrego do Lenheiro remonta a 1704, local no qual Antônio Garcia da Cunha, genro e herdeiro de Tomé Portes del-Rei, cobrava taxas para a travessia do Rio das Mortes. “Essa ocupação se desenvolveu pelas margens do córrego citado, se estendendo, em seguida, para a serra do mesmo nome onde se encontrava maior incidência aurífera” (XAVIER, 2018, p 55). Portanto, devido ao ouro ali encontrado se formou o outro arraial da Vila de São João del-Rei, que ficou conhecido como o Arraial Novo do Rio das Mortes para o diferenciar do anterior, chamado de Arraial Velho do Rio das Mortes.

O Arraial Novo do Rio das Mortes surgiu próximo do “Caminho Novo” ligado à “rota comercial” do Rio de Janeiro e o Arraial Velho do Rio das Mortes no “Caminho Velho” relativo à “rota comercial” de São Paulo. Havendo assim na Vila de São João del-Rei a influência na sua ocupação de duas “rotas comerciais”, que uniam o litoral do Brasil e o interior das Minas Gerais.

No Arraial Novo do Rio das Mortes serão ocupados inicialmente três dos seus pontos elevados, que são:

> Ao norte, na sua margem esquerda, na região onde se localizam as igrejas e capelas do Senhor Bom Jesus dos Montes e de Nossa Senhora das

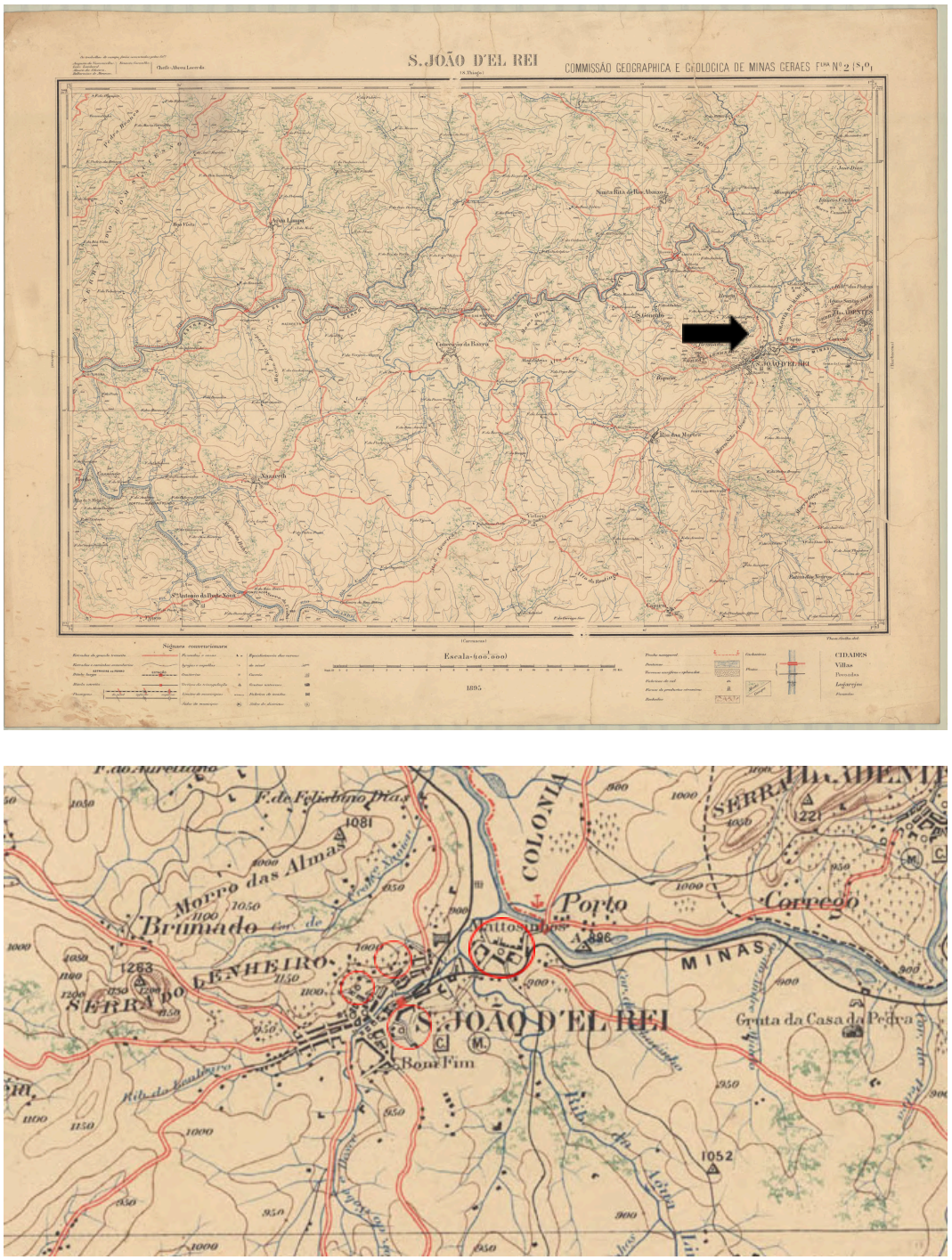
> Mercês, próximas as minas de ouro. Ao sul, na margem direita, no local chamado de Morro da Forca, sendo edificada a capela primitiva a Nossa Senhora do Pilar. (GUIMARÃES, 1996, p. 36)

Assim, irão surgir no segundo arraial mais três proto-núcleos que são: Bom Jesus dos Montes, Nossa Senhora das Mercês e Nossa Senhora do Pilar (no Morro da Forca). Esses pontos de comunicavam por pontes de madeira sobre o córrego do Lenheiro.

A origem da cidade de São João del-Rei então era configurada assim por um proto-núcleo mais distante e próximo ao Rio das Mortes e por outros três proto-núcleos mais próximos nas margens do córrego do Lenheiro. Esses eram dispersos e interligados por rotas derivadas e perpendiculares ao “caminho tronco”.

Apresentamos o “caminho tronco” com uma seta e destacamos os quatros primeiros proto-núcleos em círculos vermelhos na Figura 134.

Figura 134 - Mapa da cidade de São João del-Rei, elaborado pela Comissão Geográfica e Geológica de Minas Gerais, 1895.



Legenda: Proto-núcleo Sant. Trindade à esquerda e Proto-núcleo Nsra. das Mercês à direita.

Fonte: Obras Públicas/Diverso SA, Fundo da Secretaria da Agricultura. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/grandes_formatos/brtacervo.php?cid=167> Acessado em: 28 de abr. de 2023

Diante disso, o “caminho tronco” era assim percebido:

> Deste modo, é fácil percebermos como os arruamentos originais, que estruturam um dos principais “caminho-tronco” que definiam nos tempos antigos a entrada e a saída da cidade fundada por Antônio Garcia da Cunha por volta de 1705, seguiam paralelos o leito do rio: Rua Santo Antônio, Rua Direita, Rua do Carmo, Rua da Alegria, Prainha e Rua do Barro-Vermelho. (DANGELO, BRASILEIRO, DANGELO, 2014, p. 23-24)

Carvalho (2015), informou que em 1713, devido a prosperidade e a sua localização estratégica no “Caminho Velho”, o Arraial de Nossa Senhora do Pilar junto do Arraial de Matosinhos, foi a primeira localidade elevada a Vila de São João del-Rei[138] pela Coroa Portuguesa. Em 1714, essa se tornou também a sede da Comarca do Rio das Mortes.

Devido a sua importância à Vila de São João del-Rei, recebeu uma ordenação de seu núcleo urbano. Conforme:

> Nesse período, o plano urbano se caracteriza pela ocupação à margem esquerda da Vila, a leste, havendo a integração e o desenvolvimento da ocupação no sentido do Morro da Forca, à margem direita do córrego do Lenheiro ao sul, ocorrendo ainda a interligação dos núcleos urbanos do Senhor dos Montes (norte), Matosinhos (leste) e das Mercês (acima do Fortim dos Emboabas a noroeste). (XAVIER, 2018, p. 63)

A margem direita do córrego do Lenheiro, onde se encontra o Senhor Bom Jesus dos Montes e Nossa Senhora das Mercês irá se desenvolver de forma efetiva e irá abrigar depois no “caminho tronco” a Matriz do Pilar e as igrejas de Nossa Senhora do Rosário e da Ordem Terceira do Carmo. Já a margem esquerda do córrego, no Morro da Forca, irá crescer e abrigar a igreja da Ordem Terceira de São Francisco. Já Matosinhos, continuará se desenvolvendo como área de passagem e receberá depois, no século XIX, outro grande impulso de desenvolvimento com a implantação da ferrovia e das indústrias de tecido em suas proximidades.

Foi nessa nova fase, que se estabeleceu na Vila de São João del-Rei, dois eixos centrais estruturantes, que formam um “l”, a partir da união da Rua Direita com a Rua da Prata. Sendo esses eixos conformados pela Igreja de Nossa Senhora do Carmo, passando pela Matriz do Pilar e pela Igreja de Nossa Senhora do Rosário,

[138] O seu nome homenageia o rei de Portugal Dom João V. (POHL, 1976, p. 86)

transpondo o córrego do Lenheiro numa das ponte de pedra (antes de madeira) e finalizado na Igreja de São Francisco de Assis.

O “caminho tronco” e as demais rotas derivadas dele na Vila também foram mais desenvolvidos com a implantação de outros templos religiosos como as capelas de Santo Antônio, de Nossa Senhora das Mercês e de São Gonçalo Garcia, que ampliaram as ocupações urbanas ao seu redor.

Em relação às primeiras procissões da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos na Vila de São João del-Rei essas ocorreram com armações efêmeras na margem direita do córrego do Lenheiro e no “caminho-tronco” com a participação da Matriz do Pilar e da Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Depois com a implantação das Capelas dos Passos, as vias sacras externas continuaram ocupando o “caminho tronco” e suas proximidades, mas se expandiram para a margem esquerda do Córrego citado, se utilizando de outro caminho secundário e perpendicular ao principal.

Isso ocorreu por causa da reivindicação de participação das Ordens Terceiras do Carmo e São Francisco de São João del-Rei, além da irmandade de Nossa Senhora das Mercês, que também adquiriram maior *status social* nessa sociedade.

Em 2024, as Capelas dos Passos da cidade de São João del Rei estão localizadas: uma na Rua da Prata, duas na Rua Direita, uma no Largo da Cruz e outra no Largo das Mercês. Assim elas estão presentes nos três dos quatro proto-núcleos principais.

Concluímos que as procissões e as Capelas dos Passos em Minas Gerais se constituíram na fase de origem de morfogênese das quatro vilas analisadas e que as suas localizações foram escolhidas pelas associações religiosas para afirmar as “rotas matrizes”, ou seja, os caminhos principais. Posteriormente, devido ao crescimento dessas localidades e maior influência de outros templos religiosos, as irmandades se adaptaram e expandiram os seus exercícios espirituais para as “rotas secundárias” e suas proximidades.

Todas as “rotas matrizes” derivadas das “rotas comerciais” presentes nestes estudos, foram também responsáveis pela ocupação do interior do território brasileiro. Essas formaram o “tipo territorial básico” da região mineradora, que apresentou como característica comum a absorção no sistema viário das primeiras ocupações urbanas o uso das estradas de ligação entre o interior e o litoral do Brasil com seus eixos iniciais estruturantes.

Mais adiante vamos abordar os conceitos e métodos para “tipo especializado” das Capelas dos Passos mineiras, mas anteriormente vamos descrever os conjuntos de edificações existentes nas quatro cidades selecionadas.

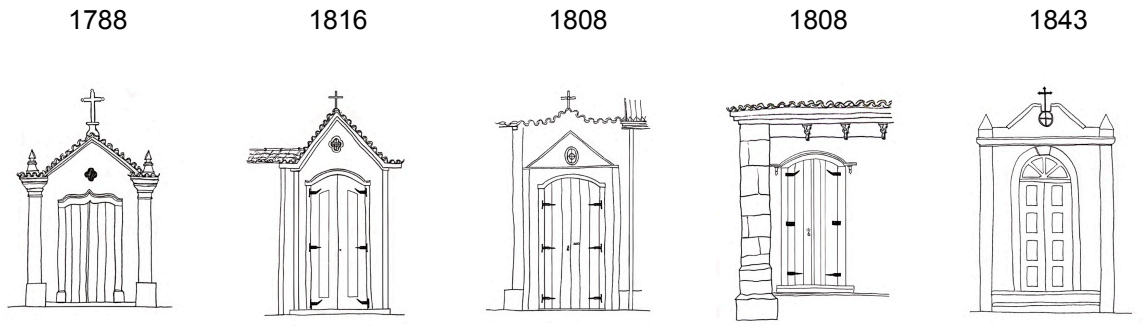
4.4. Os conjuntos de cinco Capelas dos Passos mineiras

Esse tópico se desenvolve a partir da apresentação das Capelas dos Passos existentes nas cidades de Ouro Preto, Mariana, Tiradentes e São João del-Rei e posteriormente com base em suas comparações estabelecemos o “tipo especializado” mais predominante e representativo dessas edificações em Minas Gerais.

4.4.1. O conjunto das Capela dos Passos de Ouro Preto

Verificamos que o conjunto das Capelas dos Passos de Ouro Preto, são do final do século XVIII e início do século XIX. Essas edificações possuem técnicas construtivas vernaculares e regionais do período colonial, com variações de estilos arquitetônicos entre rococó e neoclássico. Observamos as cinco edificações existentes na cidade de Ouro Preto e depois realizamos suas análises individuais (Figura 135).

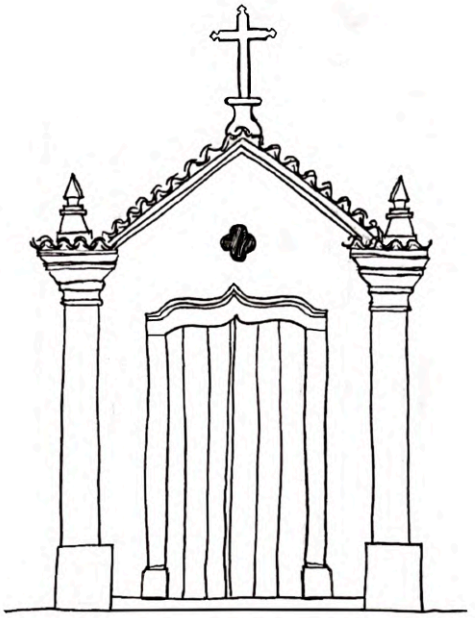
Figura 135 - As cinco Capela dos Passos e suas épocas de construção, Ouro Preto - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

A Capela do Passo da Ponte Seca (1788), possui uma planta retangular, técnica construtiva em alvenaria de pedra e estilo rococó. Na fachada há uma porta central de duas folhas e acima um frontão triangular com uma abertura superior. O seu telhado é dividido em duas águas com telhas cerâmicas arrematadas à beira-seveira e esse também é ornamentado, com uma cruz central, além de dois coruchéus laterais (Figura 136).

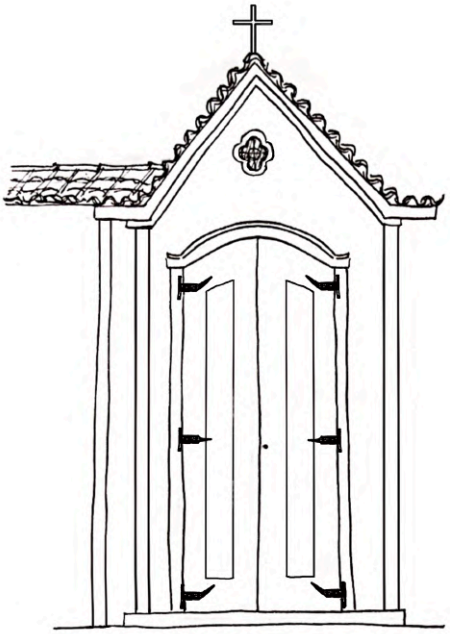
Figura 136 - Fachada da Capela do Passo da Ponte Seca, Ouro Preto - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

A Capela do Passo da Rua Getúlio Vargas (1816), possui uma planta retangular, técnica construtiva em arquitetura de terra, com o uso de taipa e estilo rococó. Na fachada há uma porta central de duas folhas e acima um frontão triangular com abertura superior. O seu telhado unido ao de uma edificação é dividido em duas águas com telhas cerâmicas, arrematadas em beiral liso e esse é também ornamentado com uma cruz central (Figura 137).

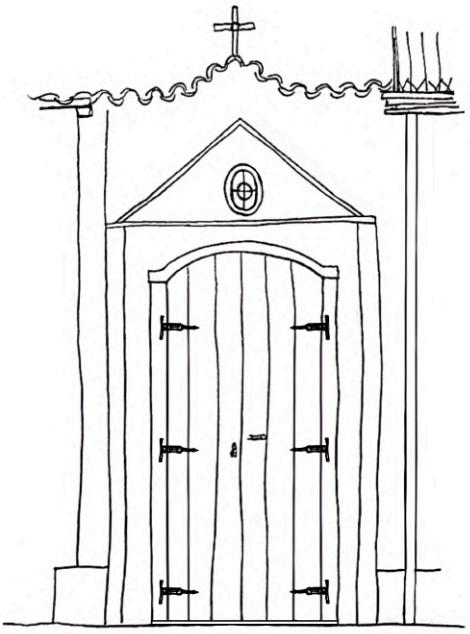
Figura 137 - Fachada da Capela do Passo da Rua Getúlio Vargas, Ouro Preto - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

A Capela do Passo da Rua São José (1808), possui uma planta retangular, técnica construtiva em alvenaria de terra, com tijolos maciços e estilo rococó. Na fachada há uma porta central de duas folhas e acima um frontão curvo com uma moldura triangular. Esse apresenta uma abertura superior com símbolo do martírio de Cristo, que faz alegoria “a coroa de espinhos”. O seu telhado é dividido em duas águas com telhas cerâmicas aparentes e esse é ornamentado acima com uma cruz central (Figura 138).

Figura 138 - Fachada da Capela do Passo da Rua São José, Ouro Preto - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

A Capela do Passo da Praça Tiradentes (1808), acompanhou a técnica construtiva da edificação colonial em que foi inserida. Essa possui um planta retangular e se situa num dos cômodos frontal e também lateral direito. Se destaca externamente na fachada pela largura maior da sua porta em relação aos demais vãos e por apresentar verga arqueada. Seu estilo arquitetônico é o rococó. Essa não apresenta uma cruz no telhado externo, como verificado nas anteriores (Figura 139).

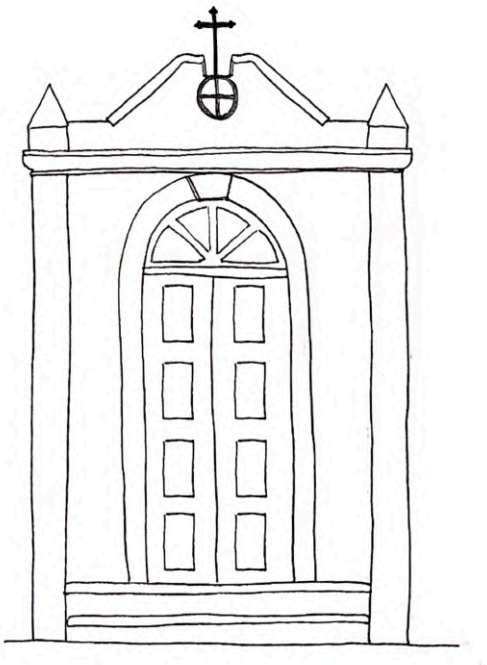
Figura 139 - Fachada da Capela do Passo da Praça Tiradentes, Ouro Preto - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

A Capela do Passo de Antônio Dias (1843), possui uma planta retangular, técnica construtiva em alvenaria de terra, com o uso de tijolos maciços e estilo neoclássico. Na fachada há uma porta central de duas folhas com bandeira arqueada, acima um frontão triangular interrompido para a inserção de uma cruz. O seu telhado é dividido em duas águas com telhas cerâmicas embutidas e esse é ornamentado pela cruz já citada e quatro coruchéus, sendo um em cada aresta. Na sua frente há um degrau de acesso externo (Figura 140).

Figura 140 - Fachada da Capela do Passo de Antônio Dias, Ouro Preto - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

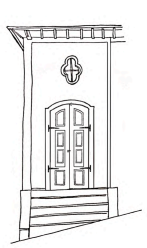
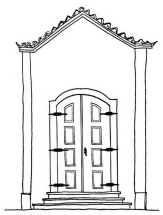
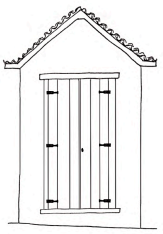
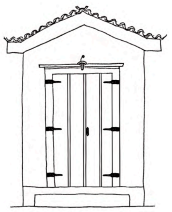
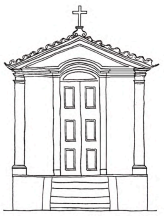
Mais adiante serão também analisados os conjuntos da Capelas dos Passos de Mariana, Tiradentes e São João del-Rei.

4.4.2. O conjunto das Capela dos Passos de Mariana

Observamos que o conjunto das Capela dos Passos de Mariana se constituíram em meados do século XVIII. Essas edificações possuem técnicas construtivas vernaculares e regionais do período colonial, com estilo arquitetônico rococó.

Na (Figura 141) observamos as seis edificações existentes em 2024 na cidade de Mariana e depois realizamos suas análises individuais.

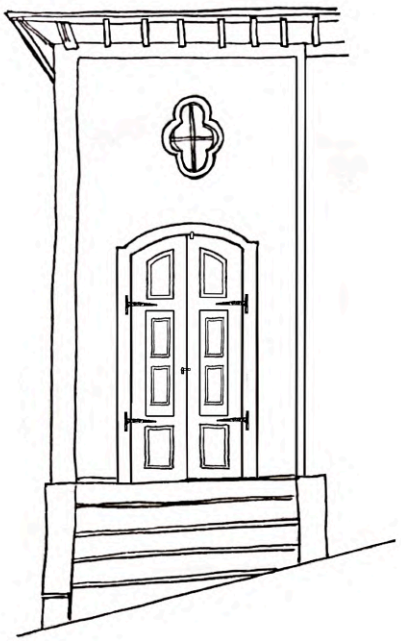
Figura 141 - A seis Capela dos Passos e suas épocas de construção, Mariana - Minas Gerais.

1743 a 1749	1743 a 1749	1743 a 1749	1743 a 1749	1743 a 1749	1768 a 1798
					
Capela da Ladeira do Rosário	Capela da Ponte de Areia	Capela da Rua Direita	Capela da Rua Dom Silvério	Capela da Rua Dom Viçoso	Capela de São Jorge ou da Cadeia

Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

A Capela do Passo da Rua da Ladeira do Rosário (1743 a 1749), acompanhou o partido arquitetônico e a técnica construtiva da edificação colonial em que foi inserida. Essa possui estilo arquitetônico rococó, uma planta retangular e está situada num dos cômodos frontal e lateral esquerdo. Se destaca externamente pela largura e altura maiores da sua porta em relação aos demais vãos, além da abertura superior e verga arqueada. Possui degraus e patamar para facilitar o seu acesso (Figura 142).

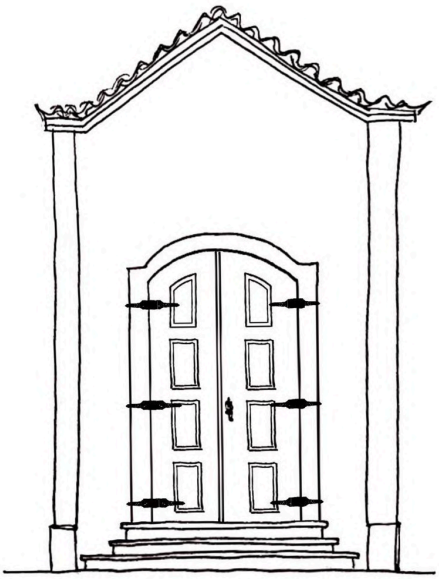
Figura 142 - Fachada da Capela do Passo da Ladeira do Rosário, Mariana - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

A Capela do Passo da Ponte de Areia (1743 a 1749), possui um planta retangular, técnica construtiva em alvenaria de terra, com tijolos maciços e estilo rococó. Na fachada há uma porta central de folhas duplas e um frontão triangular. O seu telhado é dividido em duas águas com telhas cerâmicas aparentes, arrematadas por beirais com cimalhas, que acompanham a sua forma. Essa se destaca por sua verga arqueada, além da presença de degraus para facilitar o seu acesso (Figura 143).

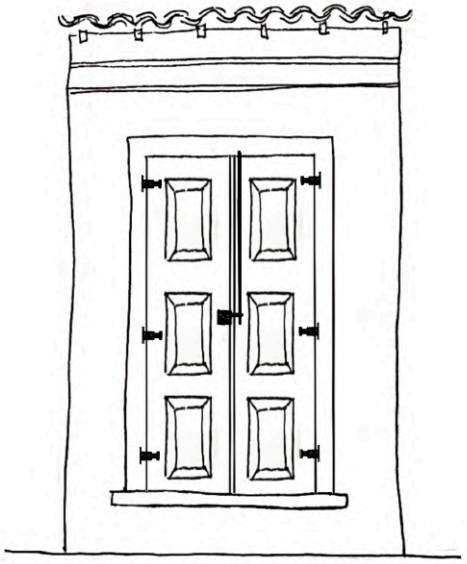
Figura 143 - Fachada do Passo da Ponte de Areia, Mariana - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

A Capela do Passo da Rua Direita (1743 a 1749), possui uma planta retangular, técnica construtiva em alvenaria de terra, com tijolos maciços e estilo rococó. Na fachada há uma porta central de folhas duplas e o acabamento superior é reto. O seu telhado é em uma água com telhas cerâmicas aparentes, arrematadas por beiral em cimalha horizontal. Essa apresenta um assentamento em nível mais alto do que o da via (Figura 144).

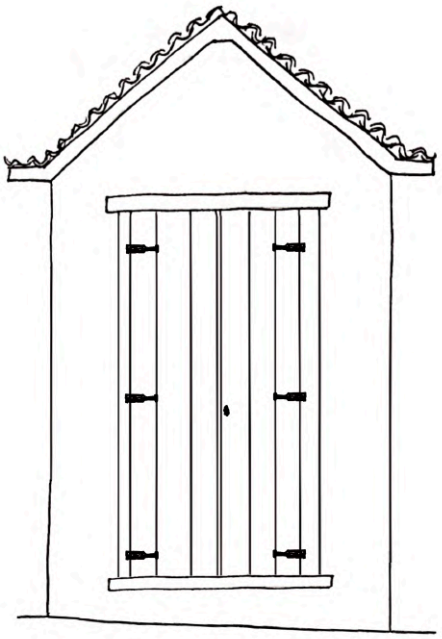
Figura 144 - Fachada da Capela do Passo da Rua Direita, Mariana - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

A Capela do Passo da Rua Dom Silvério (1743 a 1749), foi implantada junto a uma edificação. Essa possui uma planta retangular, técnica construtiva em alvenaria de terra, com tijolos maciços e estilo rococó. Na fachada há uma porta central de folhas duplas e um frontão triangular. O seu telhado unido ao da edificação é dividido em duas águas com telhas cerâmicas aparentes, arrematadas por beirais lisos, que acompanham a sua forma. Essa se destaca por sua verga reta, além do assentamento em nível mais alto do que o da via (Figura 145).

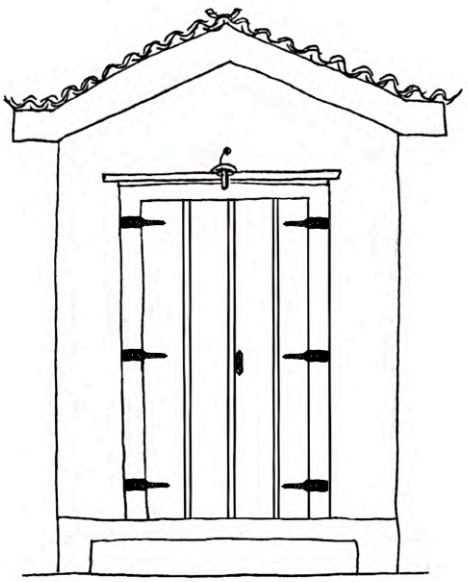
Figura 145 - Fachada da Capela do Passo da Rua Dom Silvério, Mariana - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

A Capela do Passo da Rua Dom Viçoso (1743 a 1749), possui uma planta retangular, técnica construtiva em alvenaria de terra, com tijolos maciços e estilo rococó. Na fachada há uma porta central de folhas duplas e um frontão triangular. O seu telhado é dividido em duas águas com telhas cerâmicas aparentes, arrematadas por beirais lisos, que acompanham a sua forma. Essa se destaca por sua verga reta e ter um degrau para facilitar o seu acesso (Figura 146).

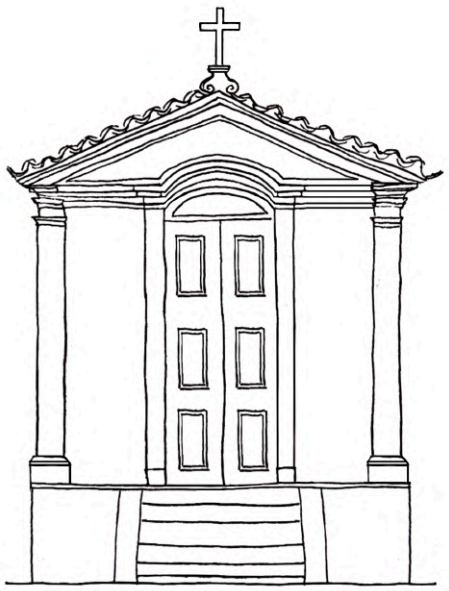
Figura 146 - Fachada da Capelas do Passo da Rua Dom Viçoso, Mariana - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

Em Mariana, também notamos a existência de uma sexta edificação, a Capela do Passo da Cadeia ou Capela de São Jorge (1768 a 1798), que não possui uso na contemporaneidade durante as Procissões dos Passos, mas pode ser analisada a partir do seu contexto histórico, arquitetônico e urbano (Figura 147).

Figura 147 - Fachada da Capela de São Jorge, Mariana - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

Pelo contexto histórico tem-se que anteriormente havia uma Capela do Passo da Cadeia pertencente à Irmandade de Nosso Senhor dos Passos, implantada próximo à antiga Cadeia e a Matriz de Nossa Senhora de Assunção. Essa foi demolida e reciclada para compor uma nova capela, construída na parte posterior da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana. Conforme o seu Termo de Arrematação, houve para ela as seguintes informações pré-estabelecidas:

> (...) e assim fará mais no fundo dos quintais junto a parede que divide o quintal das cazas de defuncto Manopla **o Passo para servir para se dizer missa para os presos,** e será feito na forma seguinte: ha de ter de largo o ditto passo vinte e quatro palmos e de fundo doze tudo de vão por dentro, e serão feitos os seus alicerces com a profundidade necessária para a sua segurança e tera de grosso a parede dos ditos alicerces athe a sapata quatro palmos e meio, e será esta çapata quatro palmos e meio, **e será assentada na mesma altura da cadea, metendo-lhe todos os degraus necessários para a sua servidão,** sendo este feitos de pedra do Itacolomi e lavrados de picão, e terão de alto tres quartos e de grosso palmo e meio, e fará na entrada do dito passo de pantanal cinco palmos e na porto do mesmo metera hum degrau que tenha de alto um palmo com sua moldura de vosil, e terá a porta de largo oito palmos de alto dezesseis, com sua verga de volta feita de pedra do Itacolomi e as paredes de zapata para cima terão de grosso dous palmos e meio tudo feito de pedra e cal, levará na frente seus cunhaes fingidos e por diante e pelas ilhargas levarão por cima sua moldura de rola tão bem fingidos, para o seu madeiramento do telhado, e o mesmo telhado dando a madeira telha e cal, e tudo mais precizo. **E o**

> **altar e o retábulo tudo que se achar no passo da cadea, que hoje serve e do mesmo podera se utilizar de tudo que servir para o dito passo**, para a porta do mesmo de almofada na forma da mesma cadea com todas as ferragens necessárias e de dentro do mesmo passa de huma e outra parte se fará lugar para se meter caixão ou meza para servir o Sacerdote ficando tão somente pertencendo ao ditto passo de largo quinze palmos e tera de largo desde a sapata athe sua moldura de cima dezoito palmas fazendo por diante sua impena com a mesma moldura, e em cima da mesma si porá huma cruz de pedra proporcionada a sua grandeza feita e acabada de pedras, madeiras e ferragens caiado e rebocado na forma da mais obra (...). (CASTRIOTA, 2012, p.98) **[grifo nosso]**

Observamos *in loco* que a frente da Capela do Passo da Cadeia, está voltada para a fachada posterior da Casa de Câmara e Cadeia, que possui três celas em seu primeiro pavimento com vistas projetadas e executadas para ela. Havendo ainda a concordância em seus níveis e a construção também de parapeitos angulados para as celas laterais, que são efeitos de perspectivas presentes na arquitetura, que reforçam a relação pré-estabelecida entre essas duas edificações.

Analisando o contexto urbano da antiga Capela do Passo da Cadeia, essa possui uma implantação diversa das demais, pois está inserida num lote de grande proporção destinado à edificação principal, de maneira isolada e livre em seu entorno. Essa edificação depois assumiu a devoção a São Jorge após provavelmente a perda da função da Cadeia e seu uso nas procissões.

A Capela de São Jorge, possui uma retangular, técnica construtiva em alvenaria de pedra, com argamassa de cal e areia e estilo rococó. Na fachada há uma porta central de folhas duplas e há um frontão triangular. O seu telhado é dividido em duas águas com telhas cerâmicas aparentes, arrematadas por beirais com cimalhas, que acompanham a sua forma. No seu centro há uma cruz de pedra. Essa é acessada por vários degraus e um patamar de pedras frontal.

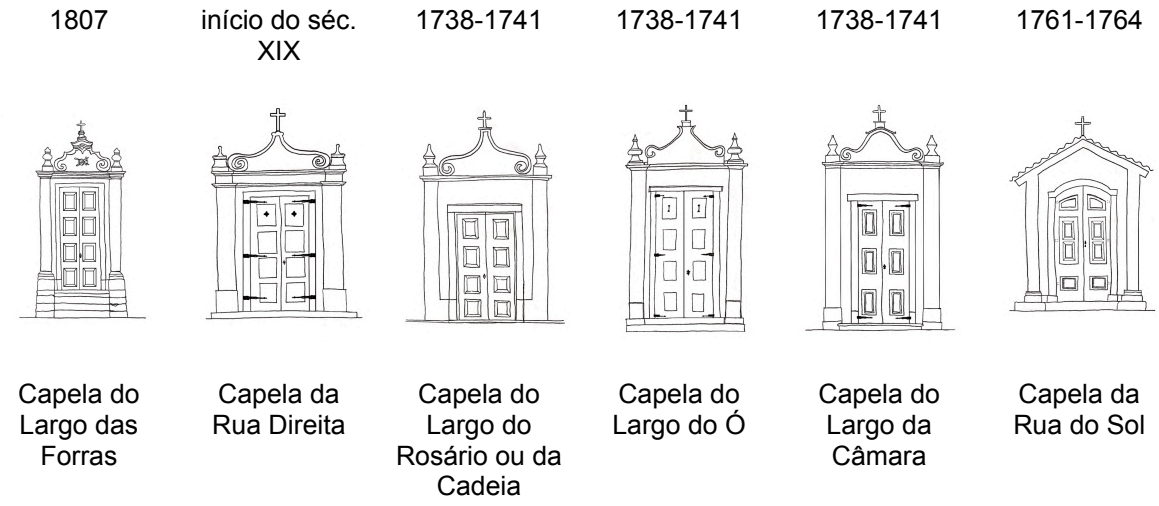
Apesar da sua história realizar uma conexão com a devoção estudada, essa Capela é apenas um resquício de um passado esquecido presente nessa paisagem urbana, que demonstra o dinamismo dos cultos estudados.

4.4.3. O conjunto das Capela dos Passos de Tiradentes

Apreciamos o conjunto das Capelas dos Passos de Tiradentes que se constituiu no início do século XVIII e início do século XIX. Essas edificações apresentam técnicas construtivas vernaculares e do período colonial, com estilo arquitetônico rococó.

Na (Figura 148) observamos as seis edificações existentes na cidade de Tiradentes e depois realizamos suas análises individuais.

Figura 148 - As seis Capela dos Passos e suas épocas de construção, Tiradentes - Minas Gerais.

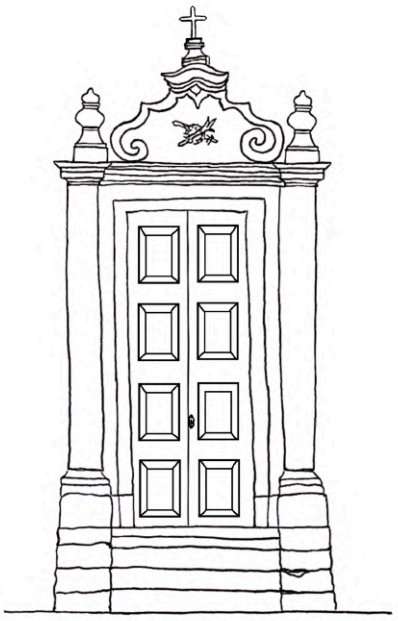


Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

A Capela do Passo do Largo das Forras (1807), possui uma planta retangular, técnica construtiva em arquitetura de terra, com tijolos maciços, argamassa de cal e areia e estilo rococó. Na fachada há uma porta central de folhas duplas com verga reta, acima há uma cimalha e um frontão triangular. Esse possui “volutas” nas laterais e desenhos de “curvas” e “contracurvas”. O seu telhado junto a edificação é dividido em três águas com telhas cerâmicas aparentes, arrematadas por beiras-seveiras nas laterais, que acompanham a sua forma. Esse é ornamentado com uma cruz central e dois coruchéus laterais (Figura 149).

Essa Capela se destaca por apresentar um frontão com um relevo decorativo que faz alegoria ao martírio de Cristo, representando uma “parreira espraiada na Cruz vazia".

Figura 149 - Fachada da Capela do Passo do Largo das Forras, Tiradentes - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

A Capela do Passo da Rua Direita (início do século XIX), possui uma planta retangular, técnica construtiva em arquitetura de terra, com tijolos maciços, argamassa de cal e areia e estilo rococó. Na fachada há uma porta central de folhas duplas com verga reta, acima há um friso reto, uma cimalha reta e o frontão triangular. Esse possui “volutas” nas laterais. O seu telhado é dividido em três águas com telhas cerâmicas aparentes, arrematadas por beirais lisos com “cachorradas”, que acompanham a sua forma. Esse é ornamentado com uma cruz central e dois coruchéus laterais (Figura 150).

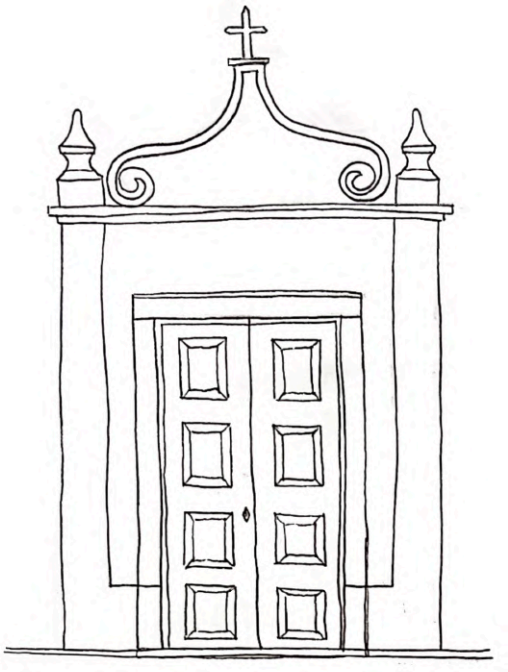
Figura 150 - Fachada da Capela do Passo da Rua do Sol, Tiradentes - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

As Capelas dos Passos dos largos do Rosário, do Ó e da Câmara, por terem sido construídas na mesma época (1738-1741), têm características similares e por isso, foram descritas conjuntamente. Essas possuem plantas retangulares, técnicas construtivas em arquitetura de terra, de taipa e estilo rococó. Nas fachadas de cada uma delas há uma porta central de folhas duplas e há um frontão triangular, com acabamentos em suas laterais desenhados em “volutas”. Os seus telhados são divididos em três águas com telhas cerâmicas aparentes, arrematadas por beirais em cimalhas, que acompanham as suas formas. Esses são ornamentados com uma cruz central e dois coruchéus laterais (Figura 151, Figura 152 e Figura 153).

Figura 151 - Fachada da Capela do Passo da Cadeia, Tiradentes - Minas Gerais.



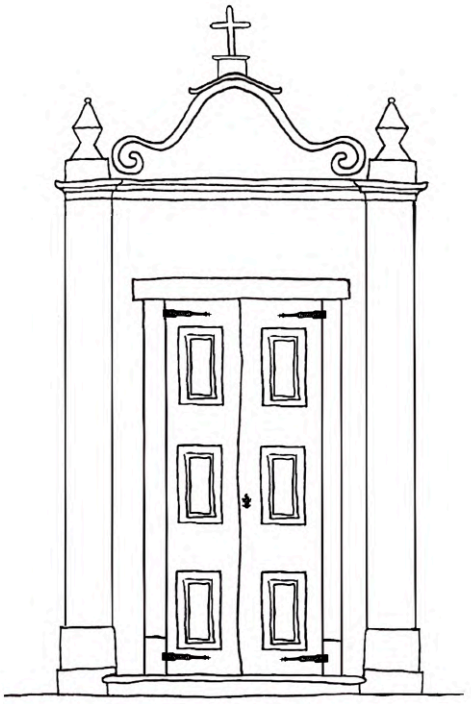
Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

Figura 152 - Fachada da Capela do Largo do Ó, Tiradentes - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

Figura 153 - Fachada da Capela do Largo da Câmara, Tiradentes - Minas Gerais.

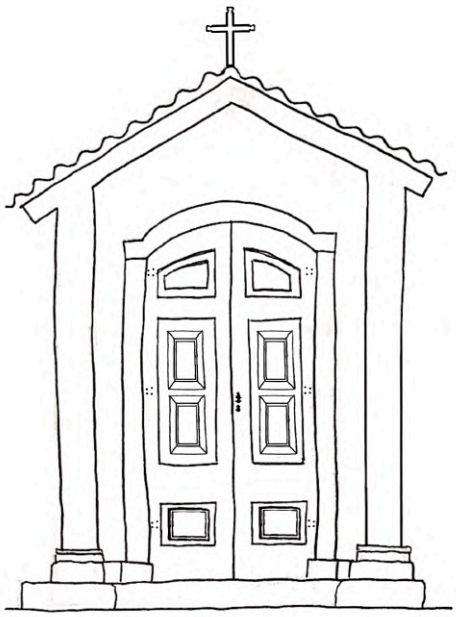


Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

O frontão da última Capela citada apresenta um acabamento mais arredondado que o das demais e também verificamos que há uma pequena diferença na quantidade de almofadas que compõem a sua porta. Todas essas duas questões não afetam sua harmonia com as demais e podem ter relação com intervenções posteriores nessa edificação.

Em Tiradentes, também destacamos a existência de uma sexta Capela do Passo, a Capela do Passo da Rua do Sol (Figura 154), situada na antiga Rua de Cima, que não possui uso na contemporaneidade durante as Procissões dos Passos, mas pode ser analisada a partir do seu contexto histórico, arquitetônico e urbano.

Figura 154: Fachada da Capela do Passo da Rua do Sol, Tiradentes - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

Em relação ao histórico tem-se o registro que foram construídas duas Capelas dos Passos (1761-1764) para se completar a série de cinco, mas no início do século XIX, devido a alteração do trajeto processional considerando a Igreja de Nossa Senhora das Mercês para o Depósito de Nosso Senhor dos Passos elas foram: uma demolida e outra desativada. Ademais, os retábulos em seus interiores foram reciclados para a construção, em 1807, da Capela do Passo do Largo das Forras. Na visita *in loco* verificamos que essa edificação corresponde a que foi desativada.

Essa Capela é mais simplificada que as demais analisadas, pois possui uma porta central de folhas duplas e um frontal triangular sem tratamento. Os seus telhados inseridos no da edificação são divididos em duas águas com telhas cerâmicas aparentes, arrematadas por beirais lisos, que acompanham a sua forma. Esse é ornamentado com uma cruz central.

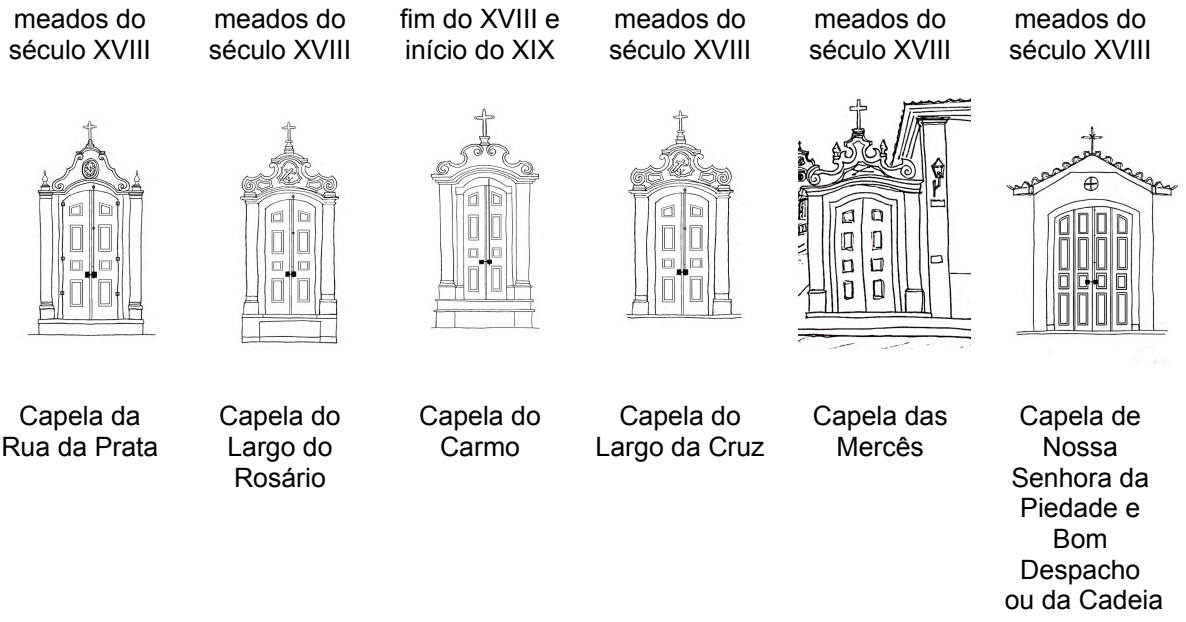
Foi implantada quase no fim de um quarteirão e no seu entorno está presente o Largo do Sol, que provavelmente antes era apropriado pelos religiosos e devotos da Procissão dos Passos.

Essa edificação é um resquício do passado, assim como a Capela de São Jorge de Mariana e portanto, também representa o dinamismo do mesmo culto presente em Tiradentes.

4.4.4. O conjunto das Capela dos Passos de São João del-Rei

O conjunto das Capela dos Passos de São João del-Rei são do século XVIII e início do século XIX, apresentam técnicas construtivas vernaculares e regionais, com estilo arquitetônico rococó (Figura 155). Observamos as seis edificações existentes na cidade de São João del-Rei e depois realizamos suas análises individuais.

Figura 155 - A série de seis Capela dos Passos e suas épocas de construção, São João del-Rei - Minas Gerais.

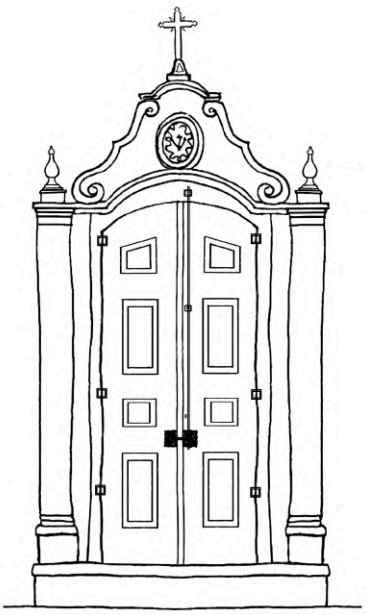


Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

A Capela do Passo da Rua da Prata (meados do século XVIII), possui uma planta retangular, técnica construtiva em arquitetura de terra e estilo rococó. Na fachada há uma porta central de folhas duplas com verga arqueada, há uma cimalha e um frontão triangular. Esse é recortado e composto por elementos de pedras, com

acabamentos em “arestas” e “volutas”, além disso apresenta um medalhão central concheado com alegoria ao martírio de Cristo, representando “os três cravos”. O seu telhado é dividido em duas águas, possui telhas cerâmicas aparentes, arrematadas por beirais em beiras-seveiras, que acompanham a sua forma. Esse é ornamentado com uma cruz central e dois coruchéus em suas laterais (Figura 156).

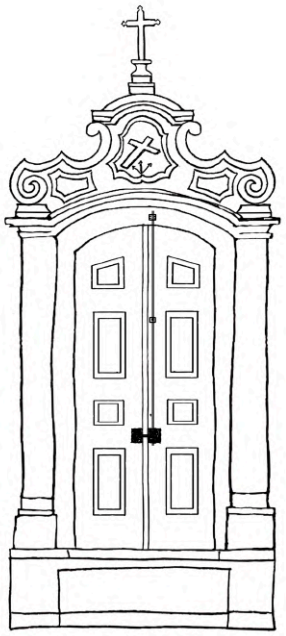
Figura 156 - Fachada da Capela do Passo da Rua da Prata, São João del-Rei - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

A Capela do Passo do Rosário (meados do século XVIII), possui uma planta retangular, técnica construtiva em arquitetura de terra e estilo rococó. Na fachada que é toda revestida em blocos de pedra sabão há uma porta central de folhas duplas arqueada, há uma cimalha e um frontão triangular. Esse é recortado e ornamentado com “volutas” nas laterais, além disso apresenta um emblema ao centro com duas alegorias ao martírio de Cristo, que representam respectivamente “a Cruz” e “os três cravos”. O seu telhado é em duas águas e está junto ao da edificação, possui telhas cerâmicas aparentes, arrematadas por beirais em beiras-seveiras, que acompanham a sua forma. Esse é ornamentado com uma cruz central (Figura 157).

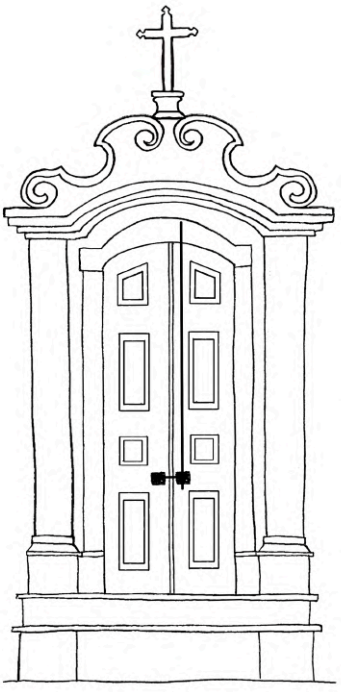
Figura 157 - Fachada da Capela do Passo do Largo do Rosário, São João del-Rei - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

A Capela do Passo do Carmo (fim do século XVIII e início do século XIX), possui uma planta em forma de um trapézio, técnica construtiva em arquitetura de terra e estilo rococó. Na fachada há uma porta central de folhas duplas, com verga arqueada, há uma cimalha e um frontão de pedras, com acabamentos em suas bordas desenhadas em “volutas”. O seu telhado é junto da arquitetura onde este foi inserido, possui telhas cerâmicas aparentes, arrematadas por beirais em cimalhas, que acompanham a sua forma. Esse é ornamentado com uma cruz central (Figura 158).

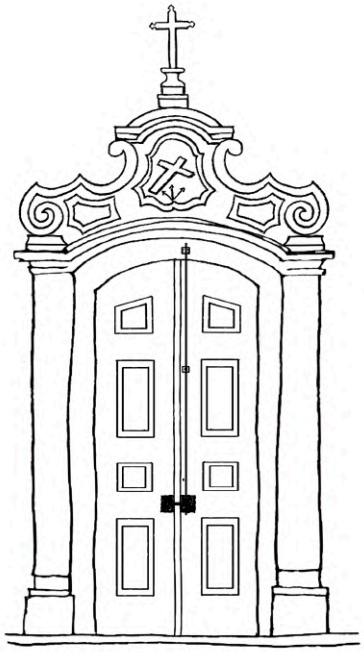
Figura 158 - Fachada da Capela do Passo do Carmo, São João del-Rei - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

A Capela do Passo do Largo da Cruz (meados do século XVIII), possui arquitetura e estilo similares ao da Capela do Passo do Largo do Rosário, por isso, presume-se que tenha sido construída ou modificada pelos mesmos artífices (Figura 159).

Figura 159 - Fachada da Capela do Largo da Cruz, São João del-Rei - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

A Capela do Passo das Mercês, possui uma planta retangular, técnica construtiva em arquitetura de terra e estilo rococó. Na fachada há uma porta central de folhas duplas arqueada, há uma cimalha e um frontão triangular. Esse é recortado e ornamentado com “volutas” nas laterais, seguidas por coruchéus, além disso apresenta um emblema ao centro com duas alegorias ao martírio de Cristo, que representam respectivamente “a lança” e “a haste com esponja”. O seu telhado é dividido em duas águas, possui telhas cerâmicas aparentes, arrematadas por beirais em beiras-seveiras, que acompanham a sua forma. Esse é ornamentado com uma cruz central (Figura 160).

Figura 160 - Fachada da Capela do Passo das Mercês, São João del-Rei - Minas Gerais.

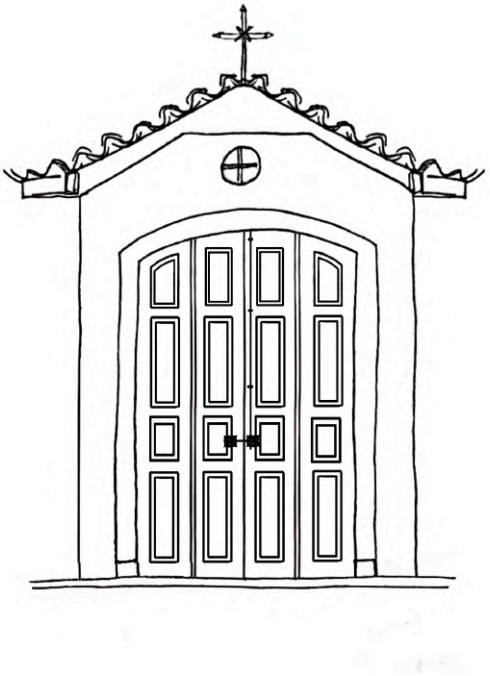


Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

A Capela de Nossa Senhora da Piedade e Bom Despacho, situada próximo a Capela de Nossa Senhora do Rosário, também possui uso na contemporaneidade durante a Procissão de Nossa Senhora da Soledade em São João del-Rei.

Essa Capela está implantada em frente a antiga Cadeia (atual Museu de Arte Sacra) e era utilizada “para se fazer missas aos presos”. Observamos na visita *in loco* que sua arquitetura é mais imponente que a das Capelas dos Passos, havendo uma diferenciação pelos seus idealizadores para com ela (Figura 161).

Figura 161 - Fachada da Capela de Nossa Senhora da Piedade e Bom Despacho, São João del-Rei - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

Sua inserção é numa edificação e a implantação no final do quarteirão, sua linguagem arquitetônica e escala harmonizam com o entorno. O acesso desta edificação está alinhado com a rua e o seu nível é quase o mesmo do da Capela do Passo do Rosário.

Figura 162 - Capela de Nossa Senhora da Piedade e Bom Despacho, relação com a Cadeia, São João del-Rei - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

A Capela de Nossa Senhora da Piedade e Bom Despacho representa o dinamismo do culto, que passou a utilizá-la como estação na Procissão da Soledade.

4.5. O “tipo especializado” mineiro de Capelas dos Passos

Com base no conceito de “tipo especializado” abordado em Costa e Netto (2017) a partir da Escola de Morfologia Urbana Italiana, verificamos que o tipo especializado para as Capelas dos Passos consiste numa pequena construção derivada dos oratórios presentes nas esquinas das cidades coloniais ou de capelas simples de devoção popular ou doméstica. Essa edificação se desenvolve em um cômodo de quatro paredes com uma única abertura frontal e cobertura em uma ou duas águas (Figura 163 e Figura 164).

Figura 163 - Representação que ilustra o “tipo especializado” com frontão reto e água.

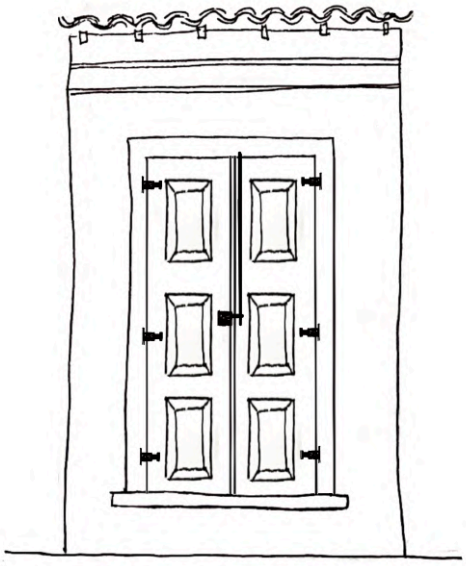
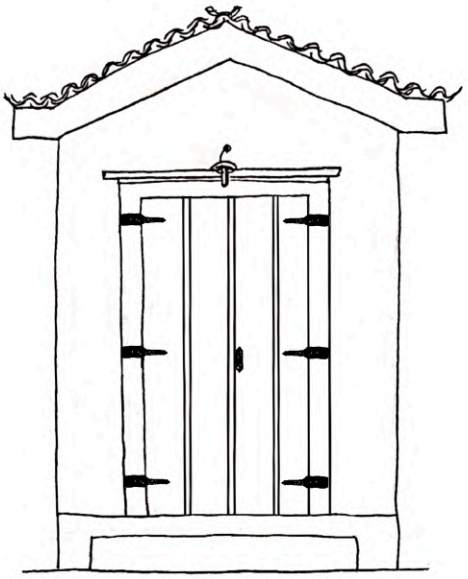


Figura 164 - Representação que ilustra o “tipo especializado” com frontão triangular e duas águas.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

O tipo especializado mineiro de Capelas dos Passos se desenvolveu em um cômodo de quatro paredes, ou seja com uma planta retangular, também com uma abertura frontal, mas com cobertura predominante em duas ou três águas, isso definirá uma outra característica a esses modelos mais representativos, como os encontrados em Ouro Preto, Mariana, Tiradentes e São João del-Rei. Que é a preferência pelo frontão triangular ou movimentado com a presença de “volutas” e contendo às vezes uma cruz central e coruchéus nas laterais. (Figura 165 e Figura 166).

Figura 165 - Representação que ilustra o “tipo especializado” mineiro com frontão triangular, com duas águas e cruz.

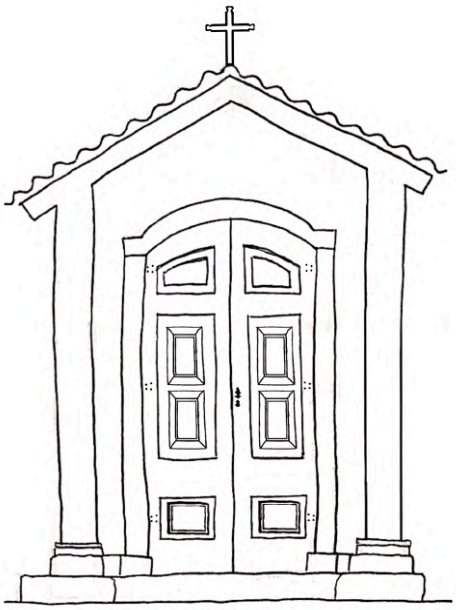
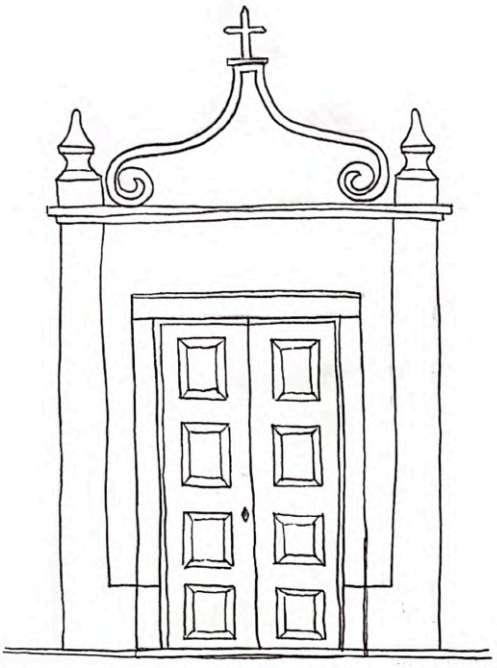


Figura 166 - Representação que ilustra o “tipo especializado” mineiro com frontão triangular movimentado com a presença de volutas com três águas, cruz e coruchéus nas laterais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

Notamos também tratamentos regionais mais elaborados nos frontões do “tipo especializado” das Capelas dos Passos mineiras de São João del-Rei e Tiradentes, que apresentam no frontão triangular emblemas centrais e o uso das “curvas” e “contracurvas” associado às “volutas”, cruz e coruchéus (Figura 167 e Figura 168).

Figura 167 - Representação que ilustra os frontões mais elaborados.

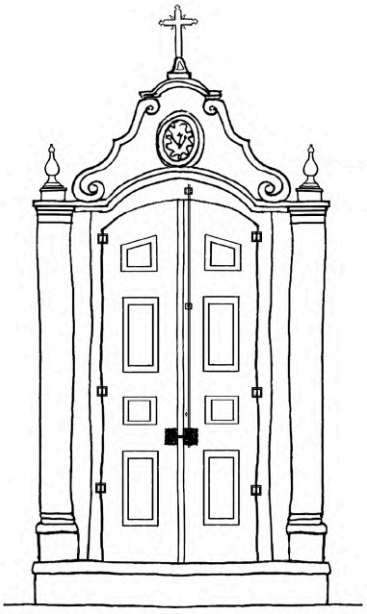
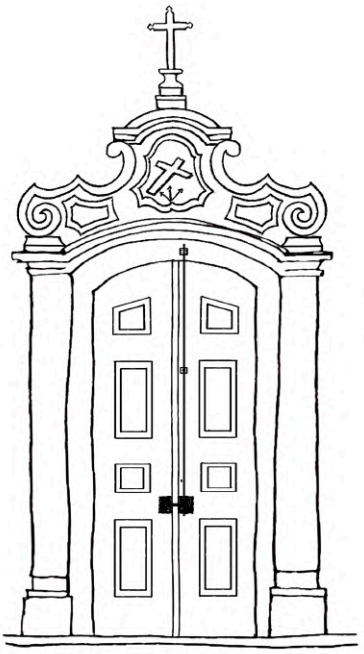


Figura 168 - Representação que ilustra os frontões mais elaborados.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

Verificamos ainda adaptações dos tipos especializado mineiros das Capelas dos Passos quando estes são inseridos em edificações e são adequados ao cômodo de uma edificação (Figura 169 e Figura 170).

Figura 169 - Representação que ilustra as adaptações em edificações.

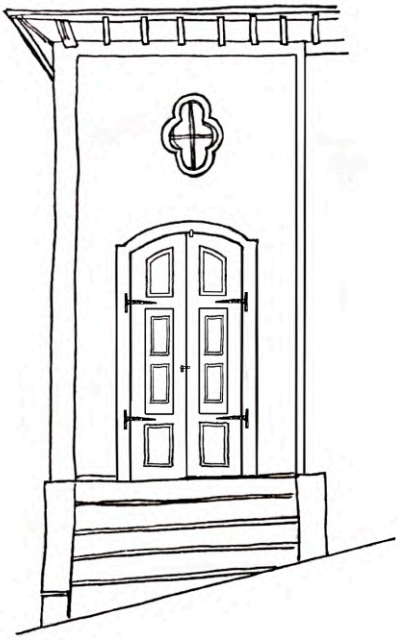
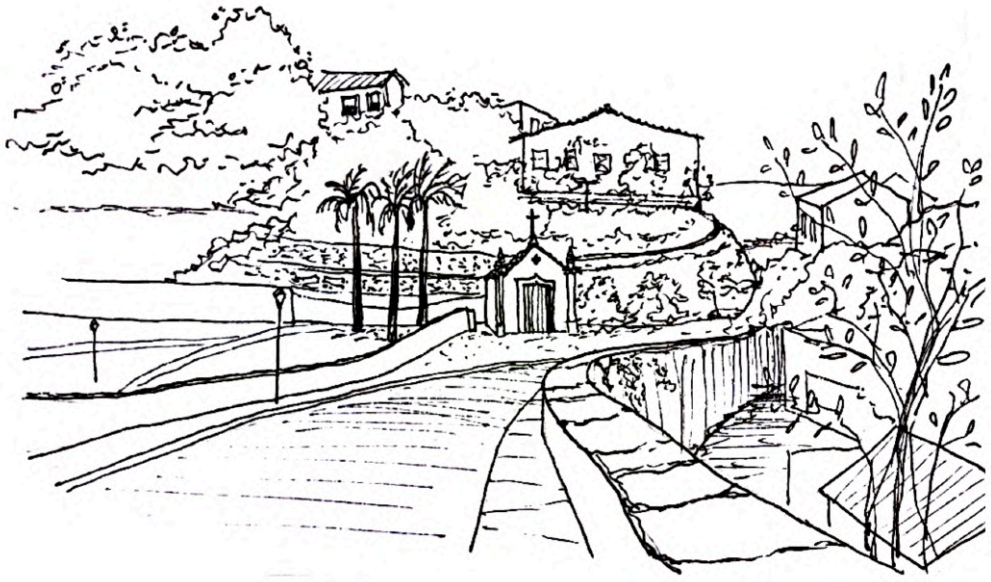


Figura 170 - Representação que ilustra as adaptações em edificações.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

A identificação do tipo especializado para as Capelas dos Passos em Minas Gerais neste tópico somente foi possível, pelos conhecimentos da Escola Italiana de Morfologia Urbana e o estabelecimento da análise comparativa apresentada nesta tese.



Capela do Passo da Ponte Seca - Ouro Preto - Minas Gerais
Autoria: Isabelle Capanema

“Olhar para cidade pode dar um prazer especial, por mais comum que possa ser o panorama. Como obra arquitetônica, a cidade é uma construção no espaço, mas uma construção em grande escala; uma coisa só percebida no decorrer de longos períodos de tempo.” (LYNCH, 2018).

5. O PAPEL DAS CAPELAS DOS PASSOS NA PAISAGEM URBANA DAS CIDADES COLONIAIS EM MINAS GERAIS

O caminho processional e a implantação das Capelas dos Passos suscitam emoções aos habitantes e visitantes que despertam diversas reações, que podem ser analisadas e entendidas a partir dos casos em Minas Gerais selecionados, que estão em Ouro Preto, Mariana, Tiradentes e São João del-Rei. Considerando as perspectivas teóricas de Gordon Cullen (2018), Kevin Lynch (2018) e de Marina Salgado (2013) vamos responder neste tópico alguns dos nossos questionamentos sobre o assunto.

5.1. Sensações e percepções na paisagem urbana a partir do percurso processional e implantação das Capelas dos Passos

Segundo Cullen (2018), a compreensão da visão quando se refere a análise da paisagem urbana[139] deve considerar três principais aspectos, que são: a ótica, o local e o conteúdo.

No primeiro aspecto, o autor ressaltou que: “(...) a paisagem urbana surge na maioria das vezes como uma sucessão de surpresas ou revelações súbitas. É o que se entende por visão serial”. Já no segundo aspecto ele se referiu às “reações” dos habitantes e visitantes de acordo com as suas posições na paisagem urbana. Para exemplificá-lo, citou as diferentes sensações provocadas pelos espaços abertos e fechados e os contrastes existentes nas variadas alturas ou desníveis no terreno, principalmente quando “nos encontramos num nível muito baixo do nível médio do terreno ou muito acima dele”. No terceiro e último aspecto o autor se referiu à própria constituição das cidades que dão a essas suas individualidades e personalidades com condicionantes como: cor, textura, escala, estilo, natureza, entre outros.

[139] O termo paisagem urbana remete à paisagem da cidade e esta, em seu âmbito maior, leva a compreensão da sua conexão ao meio natural, constituindo, então, um fragmento do meio ambiente (LABORATÓRIO DA PAISAGEM, 2011). Para Gordon Cullen (2018), paisagem urbana é a arte de tornar coerente e organizado, visualmente, o emaranhado de edifícios, ruas e espaços que constituem o ambiente urbano.

Ademais disse que todos os três aspectos estariam diretamente ligados à relação dos habitantes e visitantes com o espaço ao seu redor, assim como, no seu deslocamento na cidade e a respectiva transmissão das ideias ali presentes em seus espaços de composição.

Marina Salgado (2013), indicou que: “(...) a visão serial na cidade de Ouro Preto revela contrastes inesperados na sua paisagem urbana, que impactam visualmente o caminhante, tornando o percurso mais atraente e dinâmico”. Ela ainda ressaltou que as principais sensações notadas em Ouro Preto são: “contrastes”, “intimidade” e “desníveis”. E que a ausência delas geralmente conduz à criação de ambientes monótonos e sem vida.

Considerando essas três principais sensações indicadas pela autora anterior, escolhemos o caminho da Procissão do Encontro nas quatros cidades para realizar a análise de sensações e percepções na paisagem urbana de cada uma delas.

Mas antes consideramos o registro dos respectivos conceitos de Gordon Cullen (2018), para “contrastes”, “intimidade” e “desníveis” respectivamente:

> (...) o mundo de inter-relações complexas que temos vindo a descobrir, com a sua diversidade de categorias, climas ambientais, estilos e materiais de construção, permite a criação de situações urbanas extraordinariamente expressivas através do relacionamento de todos esses fatores. Enquanto que a interação entre Aqui e Além produzia um determinado tipo de tensão emocional, o contraste entre Isto e Aquilo resulta numa forma de tensão, que se manifesta a nível de toda a estrutura espacial. (CULLEN, 2018, p. 79)
>
> (...) um recinto, um pequeno retângulo de céu, e o calor da construção em tijolo, conjugam-se aqui numa atmosfera de interioridade, íntima e cordial. É uma imagem transbordante de vitalidade e calor humano. (CULLEN, 2018, p. 71)
>
> De um modo geral, abaixo do nível médio do terreno, temos sensações de intimidade, inferioridade, encerramento ou claustrofobia enquanto que acima desse nível podemos ser tomados de grande euforia, ou por sensações de domínio ou superioridade ou ainda, sentirmo-nos expostos ou com vertigens. O ato de descer significa baixar ao encontro daquilo que conhecemos enquanto o de subir significa ascender ao desconhecido. (CULLEN, 2018, p. 40)

Outras sensações destacadas por Marina Salgado (2013), em Ouro Preto e também consideradas em nossas análises para essa cidade e as demais foram a “silhueta” e a “ondulação” que correspondem conceitualmente a:

> A silhueta é um dos elementos fundamentais para a definição da paisagem, uma vez que marca a delimitação entre o espaço construído e as áreas livres, sejam as montanhas ou, mesmo, o horizonte. A silhueta pode ser considerada como a linha existente entre os pesados blocos e edifícios e a leveza dos elementos naturais. (SALGADO, 2013, p. 74)
> A ondulação não é apenas uma linha sinuosa e sem objetivo, mas sim o desvio obrigatório a um eixo ou norma invisíveis, com vista a proporcionar o prazer de coisas tão elementares e vitais como a luz e sombra (o contrário da monocromia), ou proximidade e distância (oposto do paralelismo). (CULLEN, 2018, p. 48)

Dessa forma, observamos inicialmente em Ouro Preto, Mariana, Tiradentes e São João del-Rei as sensações de “contrastes”, que ocorrem no caminho processional na diferença entre as ruas estreitas e os espaços livres, que nele são alternados.

Em Ouro Preto, as ruas São Francisco, São José e Dr. Getúlio Vargas são contrapontos ao Parque da Ponte Seca e a Praça Tiradentes, todos esses geram diferentes emoções nos habitantes e visitantes em procissão. Ressaltamos que os sentimentos para os fiéis no caminho processional foi de intimidade e recolhimento nas primeiras e de vislumbre do céu e domínio nos segundos, estabelecendo nestes últimos uma relação com o divino.

Em Mariana, observamos “contrastes” também entre as vias estreitas do traçado original implantado com base no plano urbano e as praças do Passo na Ladeira do Rosário, Minas Gerais e Gomes Freire.

Em Tiradentes, esses contrapontos estão nas ruas e nos espaços livres, que nesse caso são mais balanceados que nas demais cidades, porque as vias estreitas se alternam constantemente com os espaços livres. Estes últimos são representados pelos largos das Mercês, das Forras e do Rosário, além dos largos do Ó e do Pelourinho. Questionamos se a relação com o divino nessa cidade é mais intencional por seus projetistas que nas demais?

Em São João del-Rei, constatamos os “contrastes” entre as ruas mais estreitas e os espaços livres representados nesse caso pelos largos de São Francisco, Rosário, Mercês, além do da Cruz.

Considerando esses cenários apresentados, registramos que as Capelas dos Passos implantadas nas vias estreitas e espaços livres vão ressaltar e evidenciar as mesmas percepções de “contrastes” vistas nos percursos das procissões.

Exemplificamos uma relação de “contrastes” existentes no caminho processional de Tiradentes (Figura 163 e Figura 164), onde ruas estreitas e largos são alternadas.

Figura 163 - Rua estreita próximo ao Largo e Capela do Passo no Pelourinho, Tiradentes - Minas Gerais.



Fonte: David Nascimento, 2019.

Figura 164 - Espaço livre (largo) na frente da Capela do Passo no Pelourinho, Tiradentes - Minas Gerais.



Fonte: David Nascimento, 2019.

A outra análise se refere a suposta homogeneidade da paisagem urbana das quatro cidades coloniais analisadas a partir de suas visões gerais na escala local, que contrastam com as percebidas considerando a escala da via. A também denominada escala humana permite compreender os edifícios considerando as suas visões individuais e somente nela notamos a heterogeneidade presentes também nesses meios urbanos.

Podemos exemplificá-la em São João del-Rei na Rua Getúlio Vargas (antiga Rua Direita), onde coexistem diversos estilos de edifícios situados lado a lado. Na (Figura 165), observamos que nesta via há casas com beirais e outras com platibandas, demonstrando a presença dos estilos colonial e eclético no mesmo local.

Figura 165 - Estilos diferentes contrastando na Rua Getúlio Vargas, São João del-Rei - Minas Gerais.



Fonte: David Nascimento, 2019.

As sensações de “contrastes” citadas acima também podem ser percebidas quando analisamos o conjunto arquitetônico das Capelas dos Passos, pois as épocas de construção e seus estilos divergentes também ilustram essa característica. Como exemplos, citamos as distinções, que foram destacadas entre a Capela do Passo na Ponte Seca e a Capela do Passo de Antônio Dias em Ouro Preto e entre as Capela do Passo no Largo das Forras e as nos largos do Rosário, Ó e Pelourinho em Tiradentes, que foram construídas nos séculos XVIII e XIX.

Para a escala ampliada na visão geral das cidades temos um outro exemplo muito conhecido de “contraste” em Ouro Preto, que ocorre entre o hotel modernista projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer e o seu entorno com edifícios na sua maioria coloniais (Figura 166).

Figura 166 - Contraste entre o Grande Hotel de Ouro Preto e as edificações coloniais como a da Capela do Passo na Rua José inseridos no núcleo inicial, Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte:Tainá de Keller, 2021.

Os “desníveis” também foram explorados na paisagem urbana e esses provocam sensações aos fiéis durante as procissões. Segundo Gordon Cullen (2018) “O ato de descer significa baixar ao encontro daquilo que conhecemos enquanto o de subir significa ascender ao desconhecido.”

Como exemplo dessas emoções, verificamos que ao subirmos, cerca de dois quarteirões, na Rua Cláudio Manoel (antiga Rua Direita) nas proximidades da Capela do Passo de Antônio Dias e da Praça Tiradentes em Ouro Preto, há uma sensação de surpresa antes de nos depararmos com a Capela do Passo na Praça. Esse bem cultural junto do platô da Praça demonstra também uma sensação de domínio ali estabelecida para o entorno.

Ao descermos, cerca de dois quarteirões, na Rua Cônego Simões (antiga Rua Direita) nas proximidades da Capela na Ponte Seca na mesma cidade anterior, há a sensação de encontro com algo conhecido. Já que observamos desde antes do início da via, a Capela do Passo que o fiel irá realizar a estação da via sacra.

Na (Figura 167), demonstramos a sensação provocada pelo declive considerando a descida na antiga Rua Direita e o encontro com a Capela do Passo na Ponte Seca.

Figura 167 - Declive no percurso da procissão existente no encontro com a Capela do Passo na Ponte Seca, Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte:Tainá de Keller, 2021.

Em Tiradentes constatamos também a sensação ao subir, cerca de três quarteirões, durante o caminho da procissão a partir das ruas do Jogo da Bola e da Câmara, onde nesse trecho o fiel é surpreendido pela Igreja Matriz de Santo Antônio. Assim como também, verificamos essa percepção em São João del-Rei ao acendermos a Rua Monsenhor Horta ao lado da Matriz de Nossa Senhora do Pilar sentido Praça Barão do Itambé e depois nos deparamos surpreendentemente com a Igreja das Mercês e a Capela do Passo no Pelourinho ao seu lado, os dois situadas nos largos das Mercês e do Pelourinho, que juntos atualmente conformam uma grande Praça.

Na (Figura 168), apresentamos a sensação provocada pelo aclive com a visão a partir da Capela do Passo do Largo no Pelourinho para o templo religioso principal de Tiradentes. Obtivemos a mesma percepção provocada pelo aclive com a visão para a Igreja das Mercês e a Capela do Passo no Pelourinho de São João del-Rei.

Ressaltamos ainda, que tanto os templos quanto a Capela demonstram uma relação de domínio nessas paisagens urbanas.

Figura 168 - Aclive no percurso da procissão existente no encontro com a Igreja Matriz de Santo Antônio, Tiradentes - Minas Gerais.



Fonte: David Nascimento, 2019.

Para Gordon Cullen (2018), “A arte de jogar com diferentes níveis é uma parte importante da paisagem urbana” e que também “Os objetos adquirem significados através da sua relação com níveis”. Sendo assim, como anteriormente exemplificado, vimos que quando o terreno favoreceu as experimentações dos diferentes níveis nas cidades analisadas elas foram tomadas em consideração pelos seus projetistas.

Ademais verificamos a sensação de “silhueta” que irá marcar os limites entre o espaço urbano e os espaços livres, além disso, representará a demarcação na paisagem urbana entre as edificações e os elementos naturais, como por exemplo, as serras e o céu.

Apresentamos como exemplos de “silhueta” as visadas frontais para a Capela do Passo do Largo no Pelourinho em Tiradentes e para a Capela do Passo de Antônio

Dias em Ouro Preto, onde verificamos a demarcação dos limites entre as massas das edificações construídas e entre as serras e o céu, ali enquadrados.

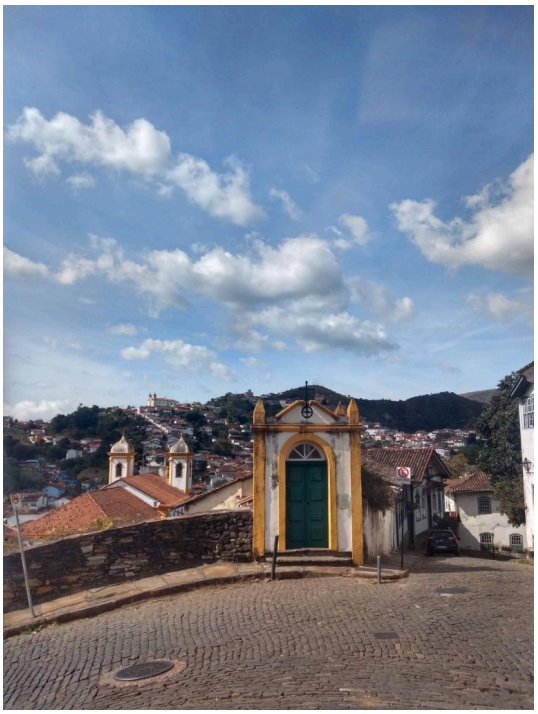
Na (Figura 169), notamos a Capela do Largo no Pelourinho e as edificações em seu entorno com a Serra de São José e o céu no fundo. Na (Figura 170) demonstramos a Capela de Antônio Dias e as edificações ao seu redor, com destaque para a Igreja Matriz de Antônio Dias e a Igreja de Santa Efigênia que demarcam o Caminho Tronco com a presença da Serra do Itacolomi e o céu no fundo.

Figura 169 - Silhueta demarcada entre a Capela do Passo do Largo do Pelourinho e seu entorno com os elementos naturais, Tiradentes - Minas Gerais.



Fonte: David Nascimento, 2019.

Figura 170 - Silhueta demarcada entre a Capela do Passo de Antônio Dias e seu entorno com elementos da paisagem urbana e naturais, Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte: Vanessa Taveira de Souza, 2021.

Também observamos a sensação de “silhueta” durante os caminhos processionais a partir de uma “janela para o céu” ou “mirante” conforme verificado na paisagem urbana de Tiradentes e Ouro Preto. A primeira ocorre especificamente na Rua Direita próximo a Capela do Passo situada nos “três cantos”. Nessa visão verificamos a massa construída e os elementos naturais delimitados como a serra já citada e o céu. Essa questão também se repete em Ouro Preto, na alça, próximo a Capela do Passo na Rua Getúlio Vargas, nessa segunda visão destacamos entre as edificações ali construídas a Matriz do Pilar além da Serra do Itacolomi e o céu também ali presentes. Nas (Figura 171 e Figura 172), notamos os exemplos existentes em Ouro Preto e Tiradentes.

Figura 171 - Silhueta demarcada no caminho processional, Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte:Tainá de Keller, 2021.

Figura 172 - Silhueta demarcada no caminho processional, Tiradentes - Minas Gerais.



Fonte: Vanessa Taveira de Souza, 2022.

A sensação de “ondulação” e seus efeitos também são comuns na paisagem urbana dessas cidades, sendo mais constatada em Ouro Preto e São João del-Rei, que possuem traçados mais irregulares. Enquanto o “paralelismo” será evidenciado em Mariana e Tiradentes, que apresentam traçados mais regulares. Os sentimentos provocados pelas “ondulações” nos fiéis durante o caminho processional são diferentes, enquanto a curva desvia e depois direciona o olhar dos habitantes e visitantes a reta somente o direciona.

Na (Figura 173), percebemos o traçado curvo presente na Rua Getúlio Vargas (antiga Rua do Rosário) em Ouro Preto e a apropriação dessa característica para a implantação da Capela do Passo ali presente. Em Mariana (Figura 177), verificamos o traçado retilíneo presente na Rua Alfonsus Guimarães e a inserção da Capela do Passo na Ponte de Areia destacando-a.

Figura 173 - Ondulação na Rua Getúlio Vargas, onde está implantada a Capela do Passo denominada pelo nome da via, Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte: Vanessa Taveira de Souza, 2021.

Figura 174 - Paralelismo na Rua Alfonsus Guimarães, onde está implantada a Capela do Passo da Ponte de Areia, Mariana - Minas Gerais



Fonte: Vanessa Taveira de Souza, 2023.

Em relação aos aspectos próprios de cada cidade, considerando que todas elas são do período colonial, verificamos que nas casas que compõem sua paisagem urbana predominam os tons brancos, que estão nas alvenarias e os tons azul, amarelo, vinho e verde, que estão nas janelas e portas. Já as texturas estão presentes nos elementos ornamentais que compõem as fachadas, nos telhados e na vegetação/arborização, além disso, todas essas ainda proporcionam as sombras e luz, que trarão os aspectos singulares nesses meios urbanos.

Ressaltamos, que a escala humana, é a referência principalmente utilizada para a visão desses aspectos e para o destaque das arquiteturas na paisagem urbana e também no enquadramento dos elementos na natureza. Notamos isso tanto nos caminhos processionais quanto nos locais onde estão situadas as Capelas dos Passos.

Outra forma de analisarmos a paisagem urbana é a partir de sua qualidade visual. Essa foi proposta por Kevin Lynch (2018), a partir de alguns conceitos apresentados por esse autor como os de: “clareza” ou “legibilidade”, “construção da imagem”, “identidade e estrutura” e “imaginabilidade”.

Sobre “legibilidade”, sabemos que para o autor já citado que ela consiste na: “(...) facilidade com que suas partes podem ser reconhecidas e organizadas num modelo coerente”. E ele também indicou que: “(...) uma cidade legível seria aquela cujos bairros, marcos ou vias fossem facilmente reconhecíveis e agrupados num modelo geral”. Além disso, a cidade com essa qualidade visual expressa “(...) a união entre a forma do ambiente e os processos humanos de percepção e cognição”.

> Ainda que a clareza ou legibilidade não seja, de modo algum, o único atributo importante de uma bela cidade é algo que se reveste de uma importância especial quando consideramos os ambientes na escala urbana de dimensão, tempo e complexidade. Para compreender isso, devemos levar em consideração não apenas a cidade com uma coisa em si, mas a cidade do modo como percebem seus habitantes. (LYNCH, 2018, p. 3)

O autor anterior, ainda pontuou sobre o mesmo assunto que “Estruturar e identificar o ambiente é uma capacidade vital entre todos os animais que se locomovem”. E relatou que “Essa organização é fundamental para eficiência e para a própria sobrevivência da vida em livre movimento”. A cidade assim seria um reflexo da capacidade do homem que habita e ordena o local em que vive, um ambiente urbano que consequentemente necessitaria também de um processo de orientação. Assim:

> No processo de orientação, o elo estratégico é a imagem ambiental, o quadro mental generalizado do mundo físico exterior de que cada indivíduo é portador. Essa imagem é produto tanto da sensação imediata quanto da lembrança de experiências passadas, e seu uso presta a interpretar as informações e orientar a ação. (LYNCH, 2018, p. 4)

“A necessidade de reconhecer e padronizar nosso ambiente é tão crucial”. E a clareza da sua imagem permite ao homem uma locomoção mais clara e rápida, assim como, (...) um ambiente ordenado pode fazer mais do que isso; pode servir com um vasto sistema de referências, um organizador da atividade, da crença ou do conhecimento”. As organizações e padronizações recorrentes nas cidades coloniais são exemplos disso, já que nelas, há áreas organizadas e definidas pelos seus

projetistas para moradia, religião, administração e também para as atividades de mineração do ouro. Nas (Figura 175 e Figura 176), vemos exemplos da organização de áreas destinada às instituições religiosas na cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais.

Figura 176 - Organização da área de instituições religiosas, Matriz do Pilar, Ouro Preto - Minas Gerais



Fonte:Tainá de Keller, 2021.

Figura 177 - Organização da área de instituições religiosas, Mercês de Cima, Ouro Preto - Minas Gerais



Fonte:Tainá de Keller, 2021.

A cidade de Ouro Preto, apresenta a qualidade visual de “legibilidade”, conforme relatado por:

> (...) possui a qualidade visual da legibilidade, uma vez que as suas formas urbanas associadas às da natureza, como, principalmente o relevo, possibilitam a apreensão e a identificação de sua paisagem, com um objeto distinto e memorável. Essa paisagem é composta por uma série de elementos que facilitam a sua associação e consequentemente identificação do espaço urbano: um oratório em uma esquina, **um passo ao final de via**, uma rua íngreme com escadas, uma ponte, um largo, um chafariz, um córrego, a linha férrea e até mesmo uma montanha - Morro de Santa Quitéria - como demarcação clara da divisa entre dois bairros - Antônio Dias e Pilar. (SALGADO, 2013, p. 143) **[grifo nosso]**

Nas (Figura 178 e Figura 179), demonstramos a localização ao final da via da Capela Passo na Praça Tiradentes em Ouro Preto, Minas Gerais.

Figura 178 - Uma Capela do Passo ao final da via interrompida pela Praça Tiradentes, Capela do Passo na Praça, Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte:Tainá de Keller, 2021.

Figura 179 - Capela Passo da Praça, Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte:Tainá de Keller, 2021.

A “legibilidade”, se apresenta na paisagem urbana de Ouro Preto, porque segundo ainda em Marina Salgado (2013), “(...) sua paisagem urbana se apresenta de forma clara e ao mesmo tempo instigante devido aos elementos que compõem sua estrutura física, possibilitando a associação dos mesmos”.

Essa mesma qualidade visual de “legibilidade” estará também presente nas paisagens urbanas de Mariana, Tiradentes e São João del-Rei, que possuem qualidades visuais similares às citadas para Ouro Preto. Entre os elementos comuns, como por exemplo, estão as Capelas dos Passos. Mas ressaltamos que essas cidades também apresentam suas singularidades, como os relevo e traçado, que são distintos.

Sobre a “construção da imagem”, para Kevin Lynch (2018), sabemos que “As imagens ambientais são o resultado de um processo bilateral entre o observador e seu ambiente”. E que: “Desse modo, a imagem de uma determinada realidade pode variar significativamente entre observadores diferentes”. O mesmo autor expõe também que “Cada indivíduo cria e assume sua própria imagem, mas parece existir um consenso substancial entre membros do mesmo grupo”. Essas imagens são denominadas de “imagens públicas” ou “imagens mentais comuns” e estão presentes na apreensão de vários habitantes e visitantes naquela paisagem urbana.

Para nós interessam as “imagens mentais comuns” que as Capelas dos Passos transmitem na “construção da imagem” aos habitantes e visitantes das cidades coloniais selecionadas, pois elas trazem a identidade dessas localidades, além de se conectarem à prática dos cultos e da tradição herdadas.

A análise da “identidade e estrutura” corrobora com a condição de que “Uma imagem ambiental pode ser decomposta em três componentes: identidade, estrutura e significado”. Conforme verificado em:

> Uma imagem viável requer, primeiro, a identificação de um objeto, o que implica sua diferenciação de outras coisas, seu reconhecimento enquanto entidade separável. A isso se dá o nome de identidade, não no sentido de igualdade com alguma outra coisa, mas com o significado de individualidade ou unicidade. Em segundo lugar, a imagem deve incluir a relação espacial paradigmática do objeto com o observador, seja ele prático ou emocional. O

> significado também é uma relação, ainda que bastante diversa da relação espacial ou paradigmática. (LYNCH, 2019, p. 9)

Nas análises propostas nos concentramos na “identidade e na estrutura” das imagens da cidade e também na sua qualidade visual, sendo seus diversos significados livres para as interpretações inerentes aos habitantes e visitantes.

Para os casos analisados a “identidade e estrutura” das Capelas do Passos e sua diferenciação na paisagem urbana representam uma unicidade e elas também possuem uma conexão com os habitantes e visitantes. Mas o seu “significado” será compreendido somente pelos fiéis que realizam ou conhecem as estações das vias sacras, porque para os demais será vista apenas como mais uma arquitetura religiosa. Sobre “imaginabilidade”, essa é a característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado.”[140]

Nos casos de Ouro Preto, Mariana, Tiradentes e São João del-Rei elas evocam o imaginário das paisagens urbanas para os habitantes e visitantes como cidades mineiras, que expressam a imagem de urbes com características e modos de vida coloniais.

Além das qualidades visuais da paisagem urbana citadas e exemplificadas, essa ainda está dotada de várias outras propriedades que são: “ritmo”, “estímulo”, “escolha”, “prazer sensorial” e “significado ou expressividade”, sendo que todas elas também requerem a participação dos habitantes e visitantes.

O “ritmo” nas cidades coloniais estudadas está presente nas composições dos seus volumes e fachadas, nas aberturas das janelas e nos jogos dos telhados. O “estímulo” nas surpresas, que estão presentes principalmente nos caminhos e traçados urbanos, associados ao aproveitamento dos relevos íngremes ou planos. A “escolha” e o “prazer sensorial” estão na experimentação dos meios urbanos por seus habitantes e visitantes, já que as cidades suscitam os mais diversos sentidos,

---

[140] “Uma cidade altamente ‘imaginável’, nesse sentido específico (evidente, legível ou visível), pareceria bem formada, distinta, digna de nota; convidaria o olho e ouvido uma atenção e participação maiores.” (LYNCH, 2018, p. 11)

principalmente a visão, tato e audição. O “significado ou expressividade” também estão intrínsecos nessas paisagens urbanas.

Na (Figura 180), constatamos a propriedade do “ritmo” nos volumes e fachadas que qualificam a paisagem urbana de Ouro Preto em Minas Gerais.

Figura 180 - Composição de ritmo nos volumes e das fachadas, Praça Tiradentes - Ouro Preto - Minas Gerais



Fonte:Tainá de Keller, 2021.

Ademais as qualidades de forma presentes no campo do desenho ou *design* urbano apontadas por Kevin Lynch (2018), são: “singularidade ou clareza”, “simplicidade da forma”, “continuidade”, “predomínio”, “clareza de junção”, “diferenciação direcional”, “alcance visual”, “consciência do movimento”, “séries temporais” e “nomes e significados”.

Para as cidades analisadas iremos trabalhar somente com as qualidades de forma que podem ser observadas na prática nas quatro cidades estudadas que são:

“singularidade ou clareza”[141], “simplicidade da forma”[142], “clareza da junção"[143], “continuidade”[144], “diferenciação direcional”[145] e “alcance visual”.[146]

A “singularidade ou clareza”, está presente em todas as quatro cidades analisadas e pode ser exemplificada pela nitidez dos limites presentes entre os núcleos principais mais antigos e seus entornos, que podem ser mais recentes ou não. Na existência também de pontes que promovem conexões e os rios e linhas férreas que promovem interrupções. Além dos contrastes existentes entre as edificações administrativas, civis, religiosas e também as massas construídas e as montanhas. Esta qualidade da forma pode ser associada a de “clareza da junção”, que segundo Marina Salgado (2013), “(...) o seu conceito perpassa os limites das ligações e costuras presentes no tecido urbano”.

A “simplicidade da forma”, é constante no aspecto visual dos componentes da cidade, sendo as formas geométricas quadradas e retangulares as mais comuns apontadas, que facilitam na apreensão da imagem com um todo pelos habitantes e visitantes. Em Ouro Preto:

---

[141] “(...) nitidez dos limites (como na interrupção abrupta do desenvolvimento da cidade); fechamento (como na praça fechada); contraste de superfície, forma, intensidade, complexidade, tamanho, uso, localização espacial (como uma torre isolada).” (LYNCH, 2018, p. 117)

[142] “(...) clareza e simplicidade da forma visível em sentido geométrico, limitação de partes (como a clareza de um sistema de quadrícula, de um retângulo, de uma cúpula)”. (LYNCH, 2018, p. 117)

[143] “(...) alta visibilidade das ligações e costuras (como interseção-chave ou na orla marítima); relação e inter-relações claras (como a de um edifício com o lugar onde foi construído, ou de uma estação de metrô com a rua acima).” (LYNCH, 2018, p. 118)

[144] “(...) continuação de limites ou superfícies (como num canal de circulação, na *skyline* ou no recuo); repetição de intervalo rítmico (com um padrão de esquinas); similaridade, analogia ou harmonia de superfície, forma ou uso (como num material comum usado na construção de edifícios, num modelo repetitivo de de janelas de sacada, na semelhança das atividades comerciais, no uso de sinais comuns).” (LYNCH, 2018, p. 118)

[145] “(...) assimetrias, gradiente e referências radiais que diferenciam uma extremidade da outra (como numa rua que sobe por uma coluna, afastando-se do mar e tomando a direção de outro centro); ou que diferenciam um lado do outro (como os edifícios que dão de frente para um parque); ou uma direção da outra (como pela luz do dia ou pela largura das avenidas norte-sul).” (LYNCH, 2018, p. 118-119)

[146] “(...) qualidades que aumentam o âmbito e a penetração da visão, tanto concreta quanto simbolicamente. Estas incluem as transparências (como o uso do vidro ou a construção sobre pilotis); sobreposições (como quando uma estrutura aparece atrás de outra); vistas e panoramas que aumentam a profundidade da visão (como nas ruas axiais, nos grandes espaços abertos, e na vistas elevadas); elementos de articulação (focos, marcos, miliares, objetos penetrantes) que explicam visualmente um espaço; concavidade (como a de uma colina em segundo plano, ou o da curva de uma rua), que expõe objetos mais distantes ao nosso campo visual; indicadores que falam de um elemento de outra forma invisível (como a vista de uma atividade característica que insinuam a proximidade de outro elementos.” (LYNCH, 2018, p. 119)

> (...) as formas quadradas e até retangulares são raras, com exceção da Praça Tiradentes que tende ao retângulo, pois o tecido urbano é orgânico; no entanto a apreensão da forma é possibilitada através de elementos que favorecem a identificação dos espaços, ou seja, sua imaginabilidade (...). (SALGADO, 2013, p. 144)

Na (Figura 181), demonstramos a forma retangular presente na Praça Tiradentes, Ouro Preto, Minas Gerais.

Figura 181 - Simplicidade da forma retangular verificada somente na Praça Tiradentes - Ouro Preto - Minas Gerais



Fonte:Tainá de Keller, 2021.

Tanto em Mariana como em Tiradentes prevalecem as formas geométricas, já que em seus tecidos urbanos mais regulares que os de Ouro Preto são dotados de formas quadradas e retangulares. Em São João del-Rei, notamos um composto entre as formas orgânicas e geométricas, onde na área de menor relevo estão presentes as formas retangulares e na de maior relevo a organicidade.

A “continuidade”, pode ser observada nas quatros cidades analisadas no alinhamento frontal das construções, no ritmo das aberturas nas fachadas das edificações, além do tipo de telhado e dos materiais utilizados para a composição das cidades coloniais, que promovem identidades singulares também a essas urbes.

Os relevos montanhosos mais expressivos nas cidades de Ouro Preto e Tiradentes demonstram a qualidade da forma de “diferenciação direcional”, que estão presentes nessas duas paisagens urbanas segundo Kevin Lynch (2018) as “(...) assimetrias, gradiente e referências radiais que diferenciam uma extremidade da outra”.

Como exemplos podemos citar a Rua Direita nas proximidades das Igreja de Santa Efigênia em Ouro Preto, que devido a gradação sugerida pelas fachadas que acompanham o relevo e depois tomam a direção de outro centro. E a Rua da Câmara em Tiradentes que produz o mesmo efeito e que tem, em uma das suas extremidades, a presença da Matriz de Santo Antônio como referência que finda a direção. Em Ouro Preto:

> O “alcance visual” é outra qualidade que se aplica a Ouro Preto, uma vez que a somatória das implantações das edificações com o traçado orgânico e com o sítio natural favorecem o estabelecimento de panoramas com sobreposições planos, com profundidade de visão e, também, articulação de elementos e concavidade que possibilitam a exposição de formas que estão distantes do campo de visão do observador. (SALGADO, 2013, p. 144)

O “alcance visual” representa uma qualidade da forma mais expressiva em Ouro Preto do que nas demais cidades, isso devido ao seu relevo montanhoso. Como exemplos, citamos as visões expandidas dos planos da Capela do Passo de Antônio Dias e da Capela do Passo na Ponte Seca.

Contudo, após a análise percebemos que tanto os aspectos visuais de Gordon Cullen (2018), quanto as qualidades visuais e de formas de Kevin Lynch (2018) e além disso, as aplicações dessas teorias por Marina Salgado (2013), em Ouro Preto, qualificam e diferenciam as paisagens urbanas das quatros cidades selecionadas.

Essas teorias, quando exemplificadas nos locais dessas localidades, contribuíram para as suas leituras e evidenciaram as características atribuídas de herança portuguesa, que é comum a todas. Mas ao mesmo tempo nos permitiram identificar os aspectos de aclimatação regionais, que também são observados.

Registramos que o caminho processional e a implantação das Capelas dos Passos foram importantes referenciais para as sensações e percepções notadas acima.

Mais adiante já trataremos do uso da perspectiva para a valorização das mesmas no espaço urbanos das cidades coloniais.

5.2. O uso da perspectiva para a valorização das Capelas dos Passos e a execução de suas procissões no espaço urbano

Como suportes teóricos utilizamos Luiz Cláudio Bittencourt (1999), Kevin Lynch (2018), Gordon Cullen (2018) e ilustramos as análises com croquis de autoria de Isabelle Capanema (2023).

O percurso processional e as estações das vias sacras externas nas Capelas dos Passos, que são realizados pelos devotos durante a Quaresma e Semana Santa em Ouro Preto, Mariana, Tiradentes e São João del-Rei possuem relações com as ideologias religiosas, a urbanística portuguesa e a formação das paisagens urbanas dessas cidades coloniais. Diante disso, analisamos cada Capela quanto a sua implantação, localização, inserção, além dos diálogos existentes com os templos religiosos e as instituições administrativas no entorno.

Ademais, realizamos os estudos de escala, linguagem arquitetônica e efeitos de perspectiva, que valorizam a sua identificação para os fiéis nessas paisagens urbanas. E chamamos atenção para as apropriações dos espaços potenciais das cidades pelas Irmandades Religiosas e as intervenções durante as reformas urbanas nas proximidades das Capela dos Passos, as quais também apresentam as intenções dos mantenedores dessas tradições, visando a permanência de fruição das procissões.

As Capelas dos Passos em Minas Gerais, que são meras extensões da Igreja nesse espaço urbano surgiram no seguinte cenário descrito:

> O ciclo do ouro também serviu para inocular “civilização” e mobilidade mercantil, transformando o sertanista em minerador e tropeiro. Mas dentro todas as modificações produzidas por esse ciclo, a que nos interessa é a sobreposição das noções de tempo e espaço ao modo de vida urbano, um processo em que a rusticidade solitária do imenso território é reduzido à escala geográfica e suavizada da vila, onde o arruador desenha com a corda o espaço de interseção entre a estrada, terreiro, cruzeiro, capela, casarão, ruas, becos, largos, praças, pelourinho, Câmara, Matriz, igrejas e

> adros. Na arquitetura, a rusticidade mescla a liberdade tropical com a sofisticação barroco-lusitano, fornecendo a esta nova energia. O exuberante feito pictórico da natureza "ciclopicamente barroca" vibra com a luz amarela na talha ofuscante de infindáveis retábulos dourados, elevando as igrejas de confraria a uma dimensão plástica e a uma presença urbanística não imaginadas no universo da colônia. (BITTENCOURT, 1999, p. 10)

A região mineradora foi concebida também a partir da urbanização portuguesa, que priorizou inicialmente a construção de edifícios públicos e religiosos, que foram indutores de seu crescimento. Segundo:

> Em termos visuais (regularidade/irregularidade), o urbanismo português colonial no Brasil parece surgir sempre do específico, do particular. As vilas e cidades são desenhadas a partir da sua arquitetura, com os edifícios públicos em primeiro lugar, representando a Coroa e a Igreja, seguidas pelas praças e ruas. A igreja tem quase sempre papel iniciador, é uma espécie de "semente" inseminada em terreno cuidadosamente escolhido, e a partir do seu corpo são construídos os demais espaços públicos - a Câmara, a praça (terreiro), o pelourinho, as ruas. (BITTENCOURT, 1999, p. 50)

Tanto o cenário quanto a organização dessas urbes são percebidos nos caminhos das procissões e nas implantações das Capelas dos Passos das cidades coloniais estudadas. Essas expressões culturais materializadas dialogam também nos traçados e nas paisagens urbanas com as Casas de Câmaras e as matrizes, conforme verificamos nas quatros cidades selecionadas em Minas Gerais.

5.2.1. As Capelas dos Passos e adaptação ao sítio natural de Ouro Preto

As cinco Capelas dos Passos de Ouro Preto estão implantadas em "áreas livres"[147], meio e final de quarteirões, no "vértice"[148] de lotes, que foram locais cedidos pelos membros da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos e na época, pela Casa de Câmara e Cadeia de Vila Rica. Essas estão localizadas nas antigas Rua do Rosário e Rua Direita ou nas proximidades da última via. As áreas de entorno das Capelas, geralmente são conformadas por ruas, cruzamentos, bifurcações, largos, praças e parques, onde também estão presentes templos religiosas e instituições administrativas, além dos casarões.

---

[147] A áreas livres nas cidades, são locais que não foram edificados, por diversas razões como para a implantação de largos, praças e até mesmo por sua alta ou baixa declividade.
[148] O vértice de um lote se refere ao ângulo formado por duas edificações na sua esquina.

A primeira Capela analisada, a Capela do Passo na Ponte Seca (1788), encontra-se numa “área livre” situada nos fundos dos lotes da Rua Getúlio Vargas (antiga Rua do Rosário), além de próxima da Ponte de mesmo nome e do início do Caminho Tronco (antiga Rua Direita). Essa área possui, na contemporaneidade, uma função de parque e provavelmente não foi edificada devido à alta declividade em relação ao nível da rua citada[149]. A escolha de sua implantação representa uma marcação nessa paisagem urbana.

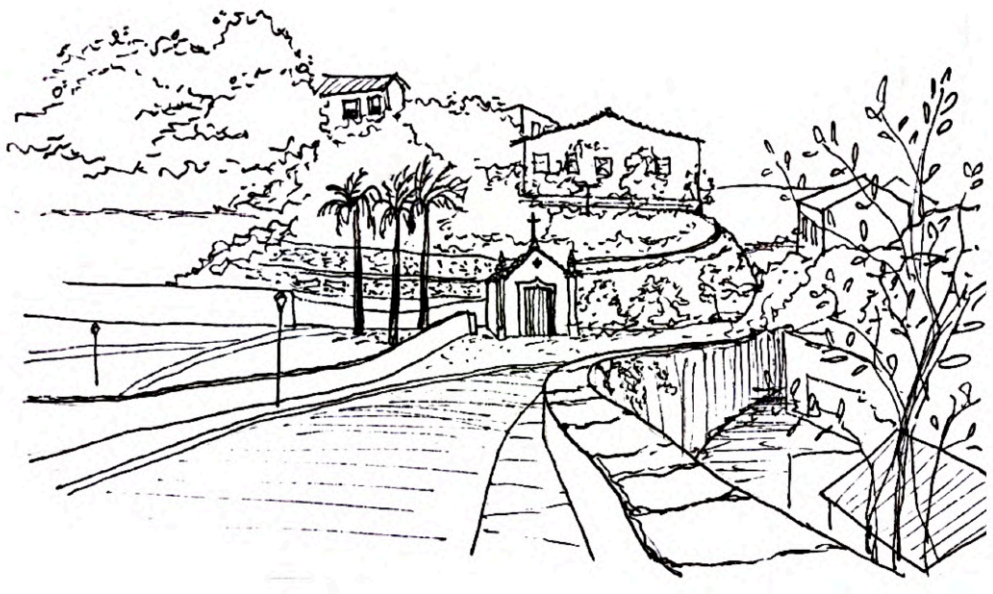
A Capela do Passo na Ponte Seca foi idealizada pelos seus construtores para conduzir o olhar dos fiéis durante os cultos da Paixão de Cristo e das Dores de Maria a partir de um ponto focal[150], por meio do uso de um efeito da perspectiva de um marco ou ponto de referência[151]. Nesse caso, essa apresenta uma perspectiva central, que é vislumbrada a partir da Rua Cônego Simões (FIGURA 182).

[149] “As regiões a meia encosta são mais favoráveis à urbanização, pois apresentam declividades intermediárias. Em direção aos topos das serras as declividades são acentuadas, colaborando para a erosão e para os fenômenos de deslizamentos. E nos fundos de vale a drenagem é dificultada devido às baixas declividades, sendo regiões com tendências alagadiças.” (COSTA, NETTO, 2015, p. 69)

[150] “(...) o ponto focal é símbolo vertical da convergência.” (CULLEN, 2018, p.28)

[151] “Os marcos são outros tipos de referência, mas, nesse caso, o observador não entra neles: são externos. Em geral, são um objeto físico definido de maneira muito simples: edifício, sinal, loja ou montanha.” (LYNCH, 2018, p. 53)

Figura 182 - Capela do Passo na Ponte Seca, perspectiva central a partir da Rua Cônego Simões, Ouro Preto - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

Já no seu entorno ocorre outro recurso da perspectiva qualificando a visão da Capela, a partir da maior largura do passeio e a sua delimitação[152], formando um pequeno largo[153], para abrigar também a procissão. Esses efeitos limitam o espaço em sua proximidade e convidam os fiéis dos cultos a apreciarem a estação da via sacra e a permanecerem no local.

Essa Capela também dialoga na paisagem urbana com a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, que se encontra numa cota mais alta e na sua frente, demonstrando a conexão presente no trajeto processional com os demais templos religiosos de Ouro Preto.

---

[152] "A noção de delimitação corresponde à divisão do sistema linear da cidade (ruas, passagens, etc.) em porções coerentes e visualmente compreensíveis, retendo-se, no entanto, a noção de percurso." (CULLEN, 2018, p. 108)

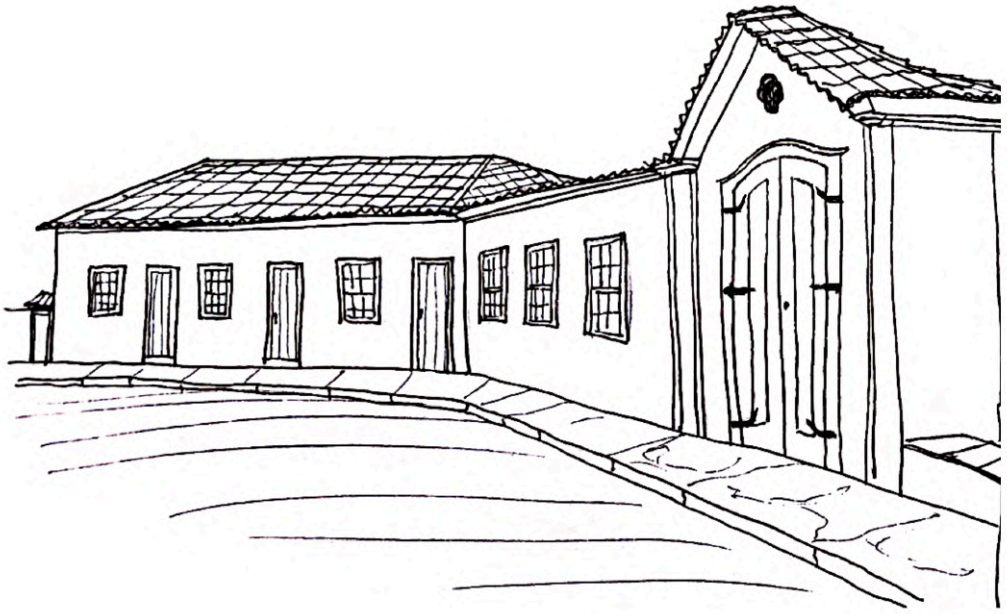
[153] "Entre os seis efeitos para espaços delimitados, observados ao longo de um percurso está: "O largo propriamente dito, que cria um recinto estático, cujo efeito imediato é convidar o transeunte a acomodar-se (...)." (CULLEN, 2018, p. 109).

Além disso, a Capela situada num espaço aberto está emoldurada pela Serra do Itacolomi, presente em sua figura-fundo. Constatamos que quando essas arquiteturas religiosas estão em espaços abertos ou nas vistas elevadas sua visão é ampliada através da presença de vistas panorâmicas, que aumentam a profundidade da visão dos fiéis.

A segunda analisada, a Capela do Passo na Rua Getúlio Vargas (1816), situada na antiga Rua do Rosário, encontra-se no final de um quarteirão e “vértice” de um lote. Observa-se que tanto esta quanto o casarão ali implantado, seguem o nível e alinhamento da rua com um perfil curvo e ambos estão numa cota mais elevada que o da anterior.

A Capela do Passo na Rua Getúlio Vargas foi imaginada pelos seus projetistas a partir de uma curvatura de via, que também desvio e direciona o olhar dos fiéis para ela, além disso ela se harmoniza na escala e linguagem arquitetônica com a residência colonial onde foi inserida (Figura 183).

Figura 183 - Capela do Passo na Rua Getúlio Vargas, adaptação ao nível e curvatura da via, Ouro Preto - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

Essa Capela, também dialoga na paisagem urbana com a Igreja de São José e a Igreja de São Francisco de Paula, que se encontram numa cota mais elevada e à sua frente, demonstrando também a conexão presente no trajeto processional com os templos religiosos de Ouro Preto. Mas cabe destacar que ela é pouco percebida pelos visitantes externos na paisagem urbana ouropretana, porque ela se funde à arquitetura do casarão onde foi inserida.

A terceira analisada, a Capela do Passo na Rua São José (1808), na continuidade da antiga Rua do Rosário, se encontra quase no final de um quarteirão, que tem limite nos fundos com o Córrego dos Contos. Essa está inserida num sobrado colonial que possui à esquerda parte da edificação com dois pavimentos e à direita outra parte da edificação com um pavimento. Essa edificação é também vizinha da Ponte de São José.

Ressaltamos que a Capela é pouco percebida em relação às demais, havendo uma relação de surpresa com ela estabelecida, pois se encontra numa rua com a predominância de sobrados de usos comerciais e de serviços que apresentam-se com dois pavimentos, enquanto ela possui um só pavimento.

A Capela do Passo na Rua São José também foi idealizada pelos seus projetistas a partir de uma curvatura, que direciona o olhar dos fiéis para ela e estabelece por fim uma conexão com a Cruz da Ponte de São José (Figura 184). Observa-se que,, tanto o sobrado onde está inserida, quanto a Ponte em sua proximidade seguem o nível e alinhamento da rua citada e todos eles estão na mesma cota que o da anterior.

Em seu entorno estão presentes importantes edifícios, que são: a Casa dos Contos, o Grande Hotel de Ouro Preto e o Passo Pizzaria.

Figura 184 - Passo na Rua São José, em seu entorno nota-se a Cruz Ponte de São José, a Casa dos Contos e o Grande Hotel de Ouro Preto nos fundos, Ouro Preto - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

Em frente à Capela observa-se o alargamento do passeio para o abrigo da procissão, o que constitui mais uma iniciativa de efeito da perspectiva de "delimitação de um espaço" para convidar os fiéis a permanecerem ali durante os cultos.

A quarta analisada, a Capela do Passo na Praça (1808), é fruto de uma adaptação de uma edificação que a abrigou, considerando que essa possui uma relação externa com o Caminho Tronco (antiga Rua Direita) e a Praça Tiradentes. Esse casarão encontra-se no final de um quarteirão e "vértice" de um lote. A proximidade com essa Praça, localizada no antigo Morro de Santa Quitéria desmatado e aplainado para receber o centro administrativo da antiga Vila Rica, a privilegia.

A sua edificação possui um só pavimento e subsolo, enquanto na sua vizinhança predominam os sobrados e solares com dois pavimentos. Apesar disso, ela se harmoniza na escala e linguagem arquitetônica com a residência colonial onde foi implantada.

A centralidade da principal Praça de Ouro Preto e a presença ali de edificações importantes como: a Casa de Câmara e Cadeia, a Escola de Minas e a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, dota essa região de vários comércios e de serviços para dar suporte a eles, provocando a sua alta densidade, e, portanto, um maior preenchimento das áreas não edificadas internas dos quarteirões do entorno, como verifica-se no do caso analisado.

A Capela do Passo na Praça Tiradentes foi idealizada por seus projetistas imaginando o uso da Praça à sua frente para a procissão. Considerando um efeito de perspectiva denominado de "apropriação do espaço"[154]. Nesse caso, estamos diante de um caso de "apropriação pelo movimento", sendo esse um local de acesso a edificações administrativas e religiosas importantes.

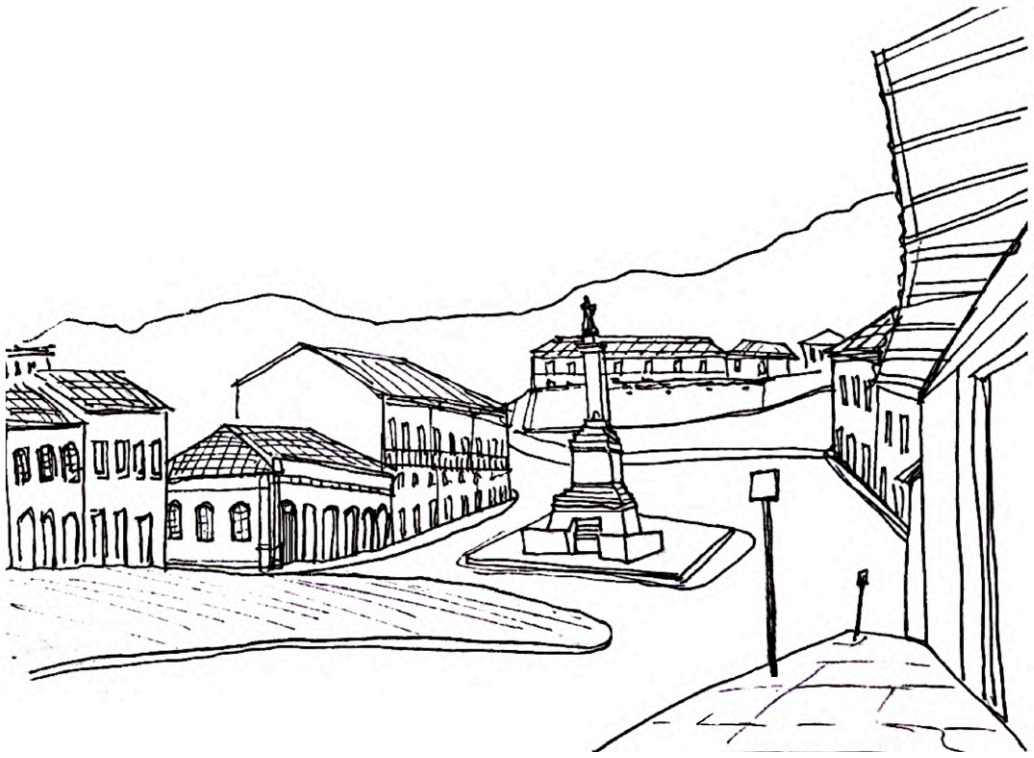
[154] "A ocupação de determinados espaços ou linhas privilegiadas no exterior, recintos, pontos focais, paisagens interiores, etc., são outras tantas formas de apropriação do espaço, (...)." (CULLEN, 2018, p. 23)

Ressalta-se que nessa Capela, se realiza o “Encontro” entre as esculturas devocionais de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores, evidenciando assim um maior grau de importância dado a ela.

Sua edificação apresenta um diálogo com o seu entorno, já que está numa cota elevada em relação ao Caminho Tronco (antiga Rua Direita), proporcionando a sensação de domínio da mesma no meio urbano inserido (Figura 185). Ademais, a Serra de Ouro Preto, se encontra em sua lateral esquerda. Observa-se que tanto a Capela quanto o casarão ali implantado estão acima do alinhamento das ruas e estão numa cota acima do da Capela anterior.

Para essa Capela existe a iniciativa de uma escada provisória de madeira para facilitar o seu acesso.

Figura 185 - Entorno da Capela do Passo na Praça Tiradentes, vista do Museu da Inconfidência, Ouro Preto - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

Ressalta-se que, com o deslocamento do observador a sensação de análise dessa Capela se modifica e a percepção é de que ela foi implantada próximo ao foco central dessa Praça. E assim, por isso, o fiel é convidado a olhar para o ponto onde está inserida.

A quinta analisada, a Capela do Passo de Antônio Dias (1843) foi implantada na continuidade do Caminho Tronco (antiga Rua Direita), no ponto em que ele intercepta a Rua São Francisco, cujo cruzamento de vias forma uma bifurcação.

Ela já está inserida no final de um quarteirão parcialmente edificado e no “vértice” do lote. A edificação implantada nos fundos da Capela é caracterizada por um casarão, que apresenta recuos e muros baixos, sendo que esses últimos demarcam o limite do lote com as vias.

A Capela do Passo de Antônio Dias foi idealizada pelos seus projetistas e construtores a partir da valorização da sua ambiência e visada, que se realizam pelo emolduramento de umas das mais belas paisagens urbanas ouropretanas e também a partir do efeito de perspectiva do maior “alcance da visual”.

A primeira visão é a global da paisagem urbana e a segunda visão revela a Matriz de Antônio Dias, a terceira visão, indica o fim do Caminho Tronco (antiga Rua Direita), a quarta visão revela a Igreja de Santa Efigênia e também a Serra do Itacolomi e, por último, a quinta visão indica o Céu, que está mais distante. A figura-fundo dessa Capela se configura com uma verdadeira comunhão entre o homem, a sua obra construída e a natureza (Figura 186).

Figura 186 - Capela do Passo de Antônio Dias, perspectiva central em relação a Rua Cláudio Manoel, Ouro Preto - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

Ressaltamos que, com um deslocamento do observador em relação a Capela a percepção é de que essa foi implantada também num ponto focal. Nesse caso, essa apresenta uma perspectiva central, que é observada a partir da Rua Cláudio Manoel.

Observamos que esta possui um nível mais alto do que os das ruas ao redor e isso pode ser notado através da presença de um degrau, mas essa está numa cota abaixo do da Capela anterior.

Outras relações estabelecidas no diálogo com a paisagem urbana para essa Capela são as visadas da sua lateral esquerda para a Igreja de São Francisco de Assis da Ordem Terceira e da frente para o Chafariz de Antônio Dias. Ali, o fiel é convidado a movimentar o seu olhar, porque esse é direcionado diversas vezes para vários pontos, que são compostos por igreja, paisagem urbana, serras e a “janela do céu”.

Diante disso, constatamos que em todas as Capelas dos Passos de Ouro Preto os seus projetistas e também construtores empregaram efeitos de perspectiva para sua valorização de implantação e diálogo com o seu entorno. Além disso, privilegiarem suas inserções em “áreas livres”, no final de quarteirões e “vértice” dos lotes, assim como criaram soluções durante melhorias urbanas nessas cidades, como o aumento da largura dos passeios, para qualificar o entorno e a visão das Capelas, além de abrigar os fiéis durante as procissões.

Dentre as Capelas dos Passos de Ouro Preto analisadas, encontramos uma capela implantada em “área livre" e quatro no final do quarteirão, demonstrando a preferência pela última forma de implantação. Todas estão situadas no núcleo inicial desta cidade, sendo duas na Rua do Rosário, duas na Rua Direita e uma próxima à última via. Considerando o grau de importância dessas vias na localidade é um outro critério também adotado pela Irmandade de Nosso Senhor dos Passos para as Capelas estarem nelas presentes.

Percebemos que o sítio natural de Ouro Preto e a adaptação do seu respectivo tecido urbano, enriquecem a implantação das Capelas dos Passos e entorno. Pois a todo o momento os fiéis ao percorrerem as estações das vias sacras e os caminhos processionais se conectam com os templos religiosos, as instituições administrativas e as paisagens urbanas enquadradas.

Isto tudo demonstra as estratégias dos projetistas e construtores das Capelas dos Passos conhecedores e dominadores desse ambiente urbano e dos efeitos intencionados do uso da perceptiva para valorizar essas arquiteturas religiosas nas urbes.

Ademais, eles também prezam por suas leituras individuais e do conjunto das Capelas. E ainda se nota que a mesma urbanística portuguesa usada para os templos religiosos e as instituições administrativas de Ouro Preto, estão presentes para as arquiteturas religiosas denominadas “menores e populares”, sendo as Capelas dos Passos testemunhos dessa constatação.

5.2.2. As Capelas dos Passos e adaptação ao plano urbano de Mariana

As cinco Capelas dos Passos presentes em Mariana estão implantadas no final e no meio de quarteirões, que foram locais escolhidos e projetados junto ao traçado original implantado com base no plano urbano de Mariana. Essas Capelas estão localizadas nas principais vias e travessas da cidade e entorno, que geralmente são conformadas por ruas, cruzamentos, largos e praças, onde também estão presentes templos religiosos e instituições administrativas, além dos casarões.

A primeira analisada, a Capela do Passo na Ladeira do Rosário (1743 a 1749), encontra-se no final de um quarteirão, junto a um casarão implantado no “vértice” de um lote. Além de no início da ladeira para a Igreja de Nossa Senhora Rosário dos Pretos, templo também denominado como Rosário Novo, que foi construído no Morro de Santo Antônio.

Essa Capela está inserida numa edificação de dois pavimentos, na qual um dos cômodos na fachada lateral direita foi cedido e adaptado para recebê-la. Essa foi implantada na porção esquerda da fachada e possui uma altura de dois pavimentos, demonstrando assim uma relação de importância dada à Capela na fachada e interior do casarão por seus projetistas.

Observamos que seu nível de acesso é mais alto do que o da rua, pela presença de degraus e de um patamar em sua porção frontal (Figura 187).

Figura 187 - Capela do Passo na Ladeira do Rosário, importância dada à Capela na fachada e interior do casarão, Mariana - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

Essa Capela apresenta também um efeito de perspectiva, já que em sua frente há um pequeno largo delimitado para abrigar a procissão, que na contemporaneidade é uma praça com formato triangular, sendo esse um recurso utilizado que convida os fiéis a permanecerem ali.

A partir do mesmo largo, que também funciona como mirante, há uma conexão dos fiéis com outros templos religiosos e instituições administrativas de Mariana como a Capela de Santana, a Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Ordem Terceira, a Igreja de São Francisco de Assis da Ordem Terceira e a Casa de Câmara e Cadeia, que estão numa cota mais baixa que a da Capela e são portanto dali vistos em sua diagonal.

Na vista lateral direita da Capela, observa-se a comunicação também com a próxima Capela, que é logo vislumbrada pelos fiéis após a Ponte de Tábuas (sobre o ribeirão do Carmo).

A segunda analisada, a Capela do Passo na Ponte de Areia (1743 a 1749), situada na Rua Alfonsus Guimarães esquina com a Rua da Glória, encontra-se no final de um quarteirão e no “vértice” de um lote. Esse também faz divisa com outra edificação à esquerda de um pavimento e à direita com uma “área livre”, onde está uma ponte seca, a denominada Ponte de Areia. Observamos que o seu nível de acesso é superior ao das vias, pela presença de degraus. A sua cota de implantação é mais baixa do que a da Capela anterior.

Registramos que, com deslocamento do observador em relação a essa Capela a percepção é de que ela foi implantada também num ponto focal. Nesse caso, essa apresenta uma perspectiva central, que é observada a partir da Rua Alfonsus Guimarães (FIGURA 188).

Figura 188 - Capela do Passo na Ponte de Areia, perspectiva central a partir da Rua Alfonsus Guimarães, Mariana - Minas Gerais.



Desenho de autoria de: Isabelle Capanema, 2023.

Além disso, na lateral direita da Capela possui uma visada para as torres sineiras da Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Ordem Terceira e da Igreja de São Francisco de Assis da Ordem Terceira, numa cota um pouco mais alta que a da mesma, que permite a continuidade ao diálogo dos fiéis durante o trajeto processional com os templos religiosos de Mariana. Também, há uma visada para a serra e a paisagem urbana da cidade nos fundos.

Ressaltamos que as duas primeiras Capelas dos Passos estão situadas na margem esquerda do ribeirão do Carmo e as outras três na margem direita.

A terceira analisada, a Capela do Passo na Rua Direita (1743 a 1749), situada na rua de mesmo nome ou na antiga Rua de Cima, também se encontra ao lado de um casarão, no meio de um quarteirão. Essa é pouco percebida, gerando uma

sensação de surpresa ao encontrá-la, pois está numa via com a predominância de sobrados e solares com dois pavimentos enquanto essa possui um pavimento.

Em seu entorno imediato verificamos a descaracterização das edificações, com predomínio de usos comerciais, de serviços e mistos (residencial/comercial), além de verificarmos um maior adensamento interno dos quarteirões ali presentes (Figura 189).

Observamos que seu nível é acima do da rua, mas apesar disso nessa Capela não foram construídos degraus de acesso fixos. Sua cota de implantação é próxima da anterior.

Ressaltamos que, com deslocamento do observador em relação a essa Capela a percepção é de que ela foi implantada também num ponto focal. Nesse caso, essa apresenta uma perspectiva central, notada a partir de sua inserção no meio do quarteirão.

Figura 189 - Capela do Passo na Rua Direita, inserção no meio do quarteirão, Mariana - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

Registra-se que a sua localização é na mesma rua da Matriz de Nossa Senhora de Assunção de Mariana, que se encontra mais à frente e que essa Capela também está nas proximidades da Praça Minas Gerais, local do “Encontro” das esculturas devocionais de Nossa Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores.

A quarta Capela analisada, a Capela do Passo na Rua Dom Silvério (1743 a 1749), situada na rua de mesmo nome ou na denominada Rua Nova, foi inserida no meio do quarteirão junto a um casarão. Essa faz divisas nas laterais com outras duas edificações de um pavimento e nos fundos possui uma extensa área não edificada, característica desse tipo de “lote burguês mais alongado, de herança medieval[155].

[155] “Os lotes burgueses caracterizam-se por possuir longas faixas de terra implantadas ao longo de um eixo cuja testada é reduzida em relação ao seu comprimento.” (COSTA, NETTO, 2017, p. 108)

Notamos que o seu nível de acesso está um pouco acima da rua e sua cota de implantação é mais elevada que a da Capela na Rua Direita.

Registra-se que verificamos *in loco*, que para a Capela na Rua Direita e na Rua Dom Silvério há degraus provisórios de madeira utilizados para seus respectivos acessos durante as suas procissões.

A Capela do Passo na Rua Dom Silvério também se harmoniza com a linguagem arquitetônica do casarão colonial onde foi inserida e dos demais tipos residenciais presentes em seu entorno (FIGURA 190).

Figura 190 - Capela do Passo na Rua Dom Silvério, harmonização da sua arquitetura ao casarão do entorno, Mariana - Minas Gerais.



Autoria de: Isabelle Capanema, 2023.

Observamos que essa Capela se encontra um pouco acima da Praça Minas Gerais, próximo ao Colégio Providência e a Igreja de Nossa Senhora dos Anjos, possibilitando as conexões dos fiéis durante o percurso processional com a instituição educacional e os templos religiosos de Mariana.

A quinta Capela analisada, a Capela do Passo na Rua Dom Viçoso (1743 a 1749), situada na rua de mesmo nome ou na denominada Rua da Olaria, foi implantada quase no meio do quarteirão e inicialmente de forma isolada. Essa questão pode ter relação hipoteticamente com a ocupação posterior dessa via em relação às demais do traçado original implantado com base no plano urbano.

Assim, as edificações vizinhas constatadas na contemporaneidade em seu entorno foram construídas provavelmente depois nas bordas frontais dos lotes alongados com características de “lotes burgueses”. Os casarões vizinhos à Capela possuem um pavimento e dois pavimentos respectivamente, sendo que esse último se impõe sobre a Capela com um só pavimento.

Observamos que o nível do seu acesso está acima do da rua, com a presença de um degrau, além disso sua cota de implantação é inferior que a da Capela anterior.

Ressaltamos que, com deslocamento do observador em relação a essa Capela a percepção é de que ela foi implantada também num ponto focal. Nesse caso, essa apresenta uma perspectiva central, que é notada a partir da Rua Cônego Rego.

A sensação transmitida por essa Capela, que possui o fundo rodeada por casarões altos, é de que a sua perspectiva central a valoriza, causando uma curiosidade nos habitantes e visitantes para descobrir o seu significado.

Registramos também que a Rua Cônego Rego é uma travessa, que se conecta à Rua Dom Silvério, que é a via da Capela anterior. (Figura 191).

Figura 191 - Capela do Passo na Rua Dom Viçoso, perspectiva central a partir da Rua Cônego Rego, Mariana - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

Essa é a última Capela e por isso está nas proximidades da Matriz de Nossa Senhora de Assunção, onde os fiéis junto das esculturas de Nosso Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores finalizam o cortejo da Procissão do Encontro.

Em seu entorno vislumbramos a presença de outra serra e na sua lateral esquerda, mais alta e distante, a Igreja de São Pedro dos Clérigos, assim permanecem as conexões dos fiéis durante o caminho processional com a paisagem urbana, onde prevalece a presença dos templos religiosos conectados pelas vias e casarões de Mariana.

Dentro do conjunto das Capelas dos Passos de Mariana, encontramos duas delas no final e três no meio de quarteirões, demonstrando a preferência pela última forma de implantação. Todas as Capelas estão situadas na malha viária de base do plano

urbano. Além disso, os projetistas e construtores utilizaram de efeitos de perspectiva para sua valorização na paisagem urbana.

Diferentemente de Ouro Preto o que enriquece a implantação das Capela dos Passos em Mariana é a força do traçado estabelecido original implantado com base no plano urbano. Assim eles foram adaptados à trama planejada pelos portugueses e implantados favorecendo a suas ambiências e visibilidades.

Portanto, a urbanística portuguesa em Mariana se faz mais presente que em Ouro Preto, havendo também um domínio dos projetistas e construtores para com esse ambiente urbano, já que esses prezam mais uma vez pelas leituras individuais das Capelas dos Passos, e também de seu conjunto. Ressaltamos que o contexto urbano de Mariana é mais regular que o ouropretano.

Portanto, as intenções urbanísticas presentes desde a implantação da malha viária são evidenciadas na leitura da Capelas, assim como os vemos nos demais templos religiosos e instituições administrativas construídos na mesma época em Mariana.

5.2.3. As Capelas dos Passos e os largos presentes no traçado regular de Tiradentes

As cinco Capelas dos Passos presentes em Tiradentes estão implantadas em “áreas livres”, nos meios e final de quarteirões ou nos “vértices” de lotes, que foram os locais escolhidos pela Irmandade de Nosso Senhor dos Passos. Essas Capelas estão localizadas nas principais ruas da cidade e entorno, que geralmente são conformados por ruas, cruzamentos, bifurcações, largos e praças, onde também estão presentes templos religiosos e administrativos, além dos casarões.

A primeira analisada, a Capela do Passo no Largo das Forras (1807), situada no Caminho Tronco (no início da antiga Rua Direita), encontra-se quase no final de quarteirão e está inserida num casarão colonial de um pavimento. Em sua frente localiza-se o antigo Largo das Forras transformado na contemporaneidade numa Praça.

Observamos que o primeiro efeito de perspectiva que foi imaginado pelos seus projetistas para essa Capela, foi o seu posicionamento considerando a centralidade da Praça, tornando-a um ponto focal para os fiéis durante os cultos.

Já o segundo efeito de perspectiva que se verifica é a apropriação da procissão para área delimitada e vazia da Praça, permitindo uma melhor visão da mesma Capela e um convite aos devotos para permanecerem neste local.

Ressaltamos também que nesse caso, estamos diante de mais um caso de “apropriação do espaço” por seus idealizadores considerando mais uma vez a “apropriação pelo seu movimento”, sendo esse um local de acesso a região mais central de Tiradentes.

Observamos que o acesso a Capela está acima do nível da rua com a presença de degraus e que essa se harmoniza com a escala das edificações do entorno e a sua linguagem arquitetônica de tipos coloniais, apesar da presença de algumas edificações recentes ou descaracterizadas no local (Figura 192).

Figura 192 - Capela do Passo no Largo das Forras, harmonização da sua arquitetura ao casarão do entorno, Tiradentes - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

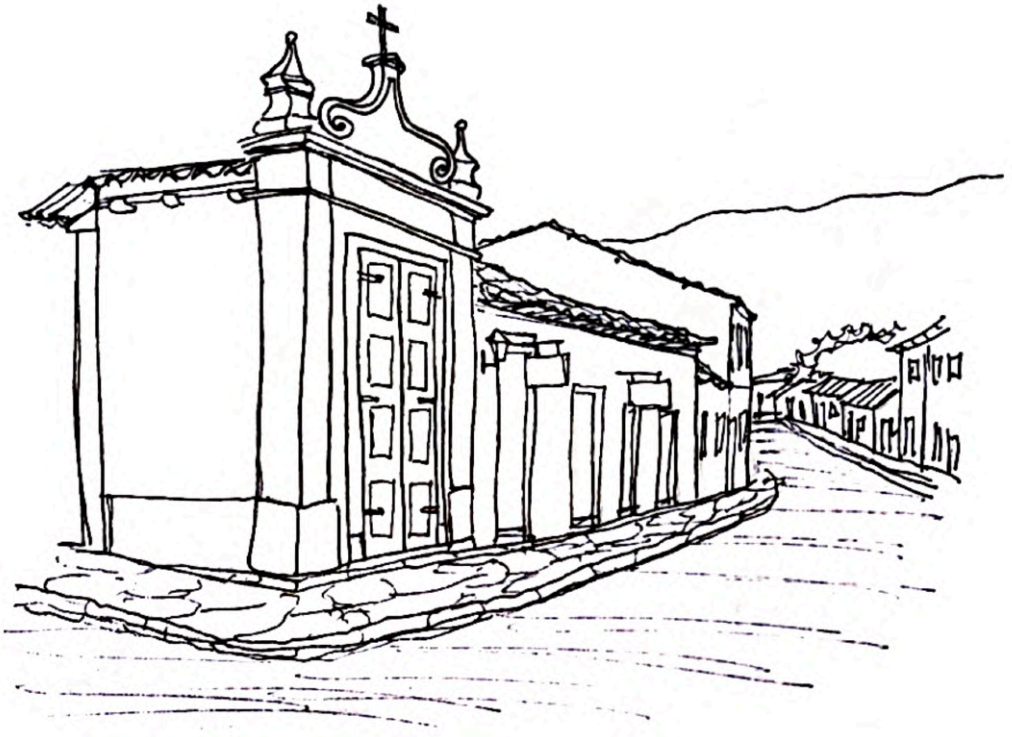
Nessa Capela, também se notam diálogos na paisagem urbana com a Igreja de Nossa Senhora das Mercês, que se encontra numa cota mais alta e numa diagonal à sua frente. Na sua lateral direita verifica-se também a Capela do Senhor Bom Jesus da Pobreza, onde se iniciam as vias sacras externas da Paixão de Cristo de Tiradentes. Este recurso demonstra também que os seus projetistas prezavam em promover conexões dos fiéis no trajeto processional com os demais templos religiosos de Tiradentes.

A segunda analisada, a Capela do Passo na Rua Direita (início do séc. XIX), está situada também no Caminho Tronco (antiga Rua Direita), encontra-se no final de um quarteirão e no “vértice” de um lote. Essa está inserida num casarão de um pavimento, onde parte de seu cômodo frontal e lateral esquerdo foi destinado a sua composição.

Observamos que o acesso da Capela está alinhado com o nível da rua e que essa se harmoniza com a escala das edificações do entorno e a linguagem arquitetônica

dos tipos coloniais ali presentes (Figura 193). Essa Capela está numa cota de implantação superior a da anterior.

Figura 193 - Capela do Passo na Rua Direita, harmonização da sua arquitetura ao casarão do entorno, Tiradentes - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

Na Capela analisada nota-se um diálogo na paisagem urbana em sua porção posterior com a Igreja de São João Evangelista (templo que abriga a escultura de Nossa Senhora das Dores), que se encontra numa cota de implantação mais alta, assim como com a antiga residência de Padre Toledo, ao seu lado. Além disso, verifica-se uma conexão à sua esquerda com a Serra de São José, que emoldura essa cidade.

Isto demonstra que os seus idealizadores prezavam em promover conexões dos fiéis no trajeto processional com os demais templos religiosos de Tiradentes e também com a serra.

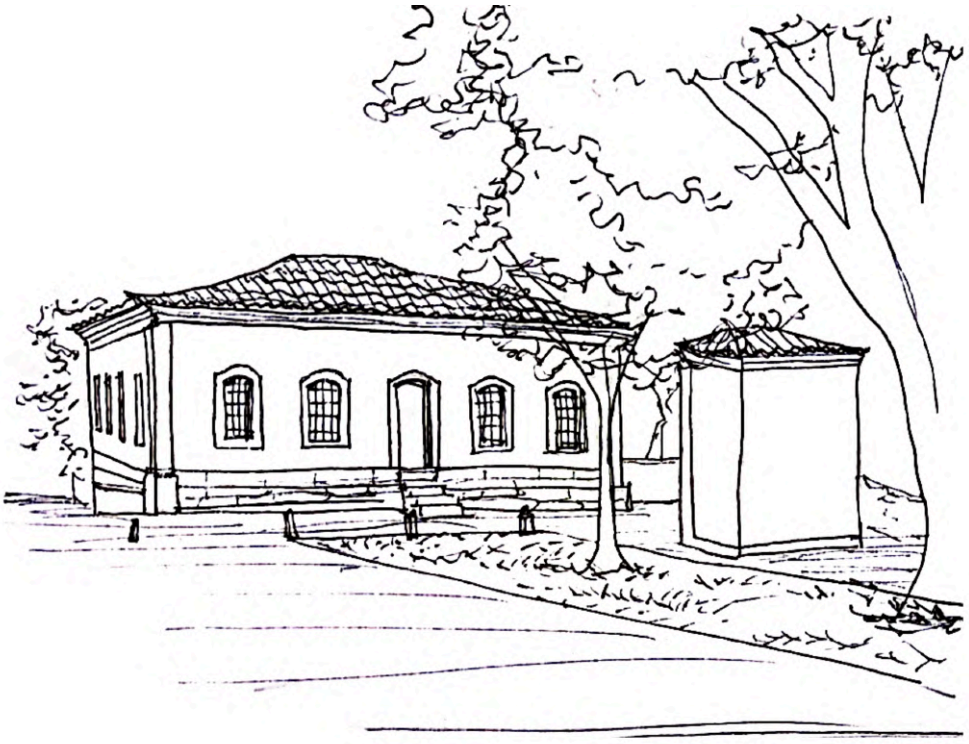
A terceira analisada, a Capela do Passo da Cadeia (1738-1741), que está situada no Caminho Tronco, encontra-se numa “área livre” do Largo do Rosário, especificamente numa parte da via existente na sua lateral esquerda.

Observamos que o seu acesso está alinhado com o nível da rua e que essa se harmoniza com a escala das edificações do entorno e a linguagem arquitetônica de tipos coloniais. Ela está na mesma cota de implantação que a anterior.

Nessa Capela analisada verificamos o uso de dois efeitos de perspectiva, o primeiro, mais evidente, nota-se através do seu posicionamento com a centralidade da Cadeia, que está à sua frente, já que essa foi também imaginada pelos seus projetistas “para se fazer missas aos presos” (Figura 194). Caso semelhante ao da Capela de São Jorge em Mariana.

O outro efeito verifica-se com a apropriação da procissão para o largo citado, que convida os fiéis a permanecerem no local. Este aspecto favorece também a realização do “Encontro” entre as esculturas de Nosso Senhor dos Passos e a Nossa Senhora das Dores de Tiradentes que ali ocorre, além da pregação do sacerdote.

Figura 194 - Capela do Passo da Cadeia, relação com a Cadeia, Tiradentes - Minas Gerais



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

Essa Capela, além do diálogo imediato com a Cadeia, possui uma conexão na paisagem urbana com a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, que se encontra na mesma cota de implantação em seu lado direito e mais ao longe também realiza uma ligação com as torres sineiras da Matriz de Santo Antônio, que estão numa cota elevada. Além disso, verifica-se a conexão que continua no lado direito com a Serra de São José.

A quarta analisada, a Capela no Largo do Ó (1738-1741), situada no largo do mesmo nome e próximo à Rua da Câmara, que também dá acesso ao Chafariz de São José e a Matriz de Santo Antônio. Encontra-se inserida no meio de um quarteirão e nas suas laterais está um casarão de um pavimento e sua respectiva área não edificada, pertencentes ao mesmo lote.

Observamos que o acesso da Capela está acima do nível da rua com a presença de um degrau e um patamar que delimitam a sua frente. Ela está numa cota de implantação abaixo das duas anteriores.

Para essa Capela, foi considerado pelos seus projetistas o efeito da perspectiva de um ponto central, que conduz o olhar dos fiéis a ela. Associado ao efeito de delimitação de um largo para apropriação da procissão, já que nesse local os devotos são novamente convidados a permanecer durante os cultos (Figura 195).

Figura 195 - Capela do Passo no Largo do Ó, relação de entorno com o casarão, Tiradentes - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023

Essa Capela se harmoniza com a linguagem arquitetônica em sua maioria de tipos coloniais. E mais uma vez verifica-se a conexão da Capela ao lado direito com a Serra de São José.

A quinta analisada, a Capela no Largo da Câmara (1738-1741), situada no encontro da Rua da Câmara com a Rua do Jogo da Bola, encontra-se no final de um quarteirão edificado e no “vértice” do lote. Essa está inserida nos fundos de um casarão de um só pavimento. Na sua lateral encontra-se o Largo da Câmara e o Pelourinho, sendo que esse local foi transformado na contemporaneidade em uma Praça em formato triangular.

Observamos que o acesso da Capela está um nível acima do da rua e alinhado com o nível da Praça. Ela também foi implantada numa cota acima de todas as anteriores.

Para essa Capela foi considerado pelos seus idealizadores o efeito da perspectiva de um ponto focal na lateral, que conduz o olhar dos fiéis a ela e esse também é demarcado na contemporaneidade a partir do desenho urbano proveniente de reformas urbanas recentes nessa Praça. Essa é formada a partir da bifurcação de duas vias. Também há uma apropriação da procissão para a ela que é delimitada e por isso, nesse local os devotos são novamente convidados a permanecer ali (Figura 196).

Figura 196 - Capela do Passo no Largo da Câmara, relação com o entorno da Casa de Câmara, Tiradentes - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

Nessa Capela também se verificam as conexões ao lado direito e posterior que ocorrem com a Serra de São José, já em sua porção frontal a conexão ocorre com o eixo da Matriz de Santo Antônio e com a antiga Casa de Câmara (atual Prefeitura Municipal).

Essa é a última Capela e por isso está nas proximidades da Matriz de Santo Antônio de Tiradentes, onde os fiéis depositam as esculturas de Nosso Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores após a Procissão do Encontro.

Dentro do conjunto das Capelas dos Passos de Tiradentes, encontramos uma Capela em “área livre”, uma no meio e três no final dos quarteirões. Essas estão situadas no núcleo original de Tiradentes. Além disso, em todas elas os seus projetistas e construtores utilizaram de efeitos de perspectiva para sua valorização na paisagem urbana.

Diferentemente de Ouro Preto e Mariana, o que enriquece a implantação das Capela dos Passos em Tiradentes é o uso dos espaços livres em seu entorno, já que em quatro dessas ocorreram o uso de pequenos largos, como nos casos do: Largo das Forras, Largo do Rosário, Largo do Ó e Largo da Câmara.

Portanto, pensamentos similares para as Capelas dos Passos descritas anteriormente foram usados em Tiradentes por seus idealizadores, havendo também um domínio deles para esse ambiente urbano, já que esses prezam mais uma vez pelas leituras individuais das Capelas dos Passos e também do seu conjunto.

Em Tiradentes o contexto urbano apresentou um traçado regular como o de Mariana. Assim, as urbanísticas portuguesas presentes desde a implantação do tecido urbano com características lineares são evidenciados na leitura da Capelas dos Passos, assim como os vemos nos demais templos religiosos e instituições administrativas construídos nessa mesma época.

5.2.4. As Capelas dos Passos e a apropriação das margens do Córrego do Lenheiro em São João del-Rei

As cinco Capelas dos Passos presentes em São João del-Rei estão implantadas em “áreas livres”, meios e finais de quarteirões ou “vértices” de lotes, que foram os locais escolhidos pela Irmandade de Nosso Senhor dos Passos. Essas Capelas estão localizadas nas principais ruas da cidade e entorno, que geralmente são

conformadas por ruas, cruzamentos, largos, praças, onde também estão presentes templos religiosos e instituições administrativas, além dos casarões.

A primeira analisada, a Capela do Passo na Rua da Prata (meados do século XVIII), situada na antiga Rua da Prata, encontra-se quase no meio de um quarteirão. Essa está inserida de forma isolada, pois apresenta afastamentos em suas laterais em relação há duas edificações vizinhas, uma do tipo eclético de um só pavimento à direita e outra do tipo colonial de dois pavimentos à esquerda. Mas ressaltamos que em seu fundo não há afastamento, pois se verifica a inserção de um anexo posterior.

Essa Capela (Figura 197) realiza um diálogo na paisagem urbana com a Igreja de São Francisco de Assis da Ordem Terceira, que está à sua direita, o mesmo templo onde se iniciam as vias sacras externas da Paixão de Cristo em São João del-Rei e que abriga a escultura de Nosso Senhor dos Passos antes da Procissão do Encontro.

Figura 197 - Capela do Passo na Rua da Prata, relação com a Igreja de São Francisco Assis, São João del-Rei - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

Observamos que o acesso da Capela está num nível acima do da rua e essa representa um ponto de referência nessa via. Essa é a única Capela na margem direita do Córrego do Lenheiro.

A segunda analisada, a Capela do Passo no Largo do Rosário (meados do século XVIII), situada na margem esquerda do Córrego do Lenheiro e na antiga Rua Direita, encontra-se quase no meio do quarteirão. Essa está inserida num casarão colonial de um pavimento e se harmoniza com a escala e linguagem arquitetônica do entorno.

Essa Capela realiza um diálogo na paisagem urbana com a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, que está à sua direita e com as torres sineiras da Matriz do Pilar à sua esquerda. Além disso, há uma conexão com a Capela de Nossa Senhora da Piedade e Bom Despacho à sua frente.

Registramos que, com o deslocamento do observador em relação a Capela a percepção é de que ela foi implantada também num ponto focal. Nesse caso, essa apresenta uma perspectiva central, que é percebida a partir da Rua Maestro João Pequeno (Figura 198).

Além disso, o largo que está conformado em frente a Igreja de Nossa Rosário delimita o espaço que abriga os fiéis durante as procissões. A “apropriação desse espaço” é devido a sua “apropriação pelo movimento”, sendo esse um local de acesso a importantes equipamentos religiosos de São João del-Rei.

Figura 198 - Capela do Passo no Largo do Rosário, perspectiva central a partir da Rua Maestro João Pequeno, São João del-Rei - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

Observamos que o acesso da Capela está num nível acima do da rua e essa representa um marco nessa via. Foi implantada numa cota mais alta que a da Capela anterior.

Para essa também notamos a existência de uma escada de madeira provisória utilizada para o seu acesso durante as procissões.

A terceira analisada, a Capela do Passo do Carmo (fim do XVIII e início do XIX), situada também na margem esquerda do Córrego do Lenheiro e na antiga Rua Direita, encontra-se quase no meio do quarteirão. Essa está inserida de maneira chanfrada num casarão colonial de um pavimento e se harmoniza com a escala e linguagem arquitetônica do entorno.

Essa Capela realiza um diálogo na paisagem urbana muito evidente, pela sua angulação, com a Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Ordem Terceira (Figura

199), que está à sua esquerda e na figura-fundo. Este é o templo onde a escultura de Nossa Senhora das Dores é abrigada antes da Procissão do Encontro.

Figura 199 - Capela do Passo do Carmo, relação com a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, São João del-Rei - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

Observamos que o acesso da Capela está num nível acima do da rua e os seus projetistas se apropriaram da perspectiva central para Igreja de Nossa Senhora do Carmo para o posicionamento desta em uma de suas linhas de focos laterais.

Sua cota de implantação é a mesma que a da Capela anterior. Para essa também notamos a existência de uma escada de madeira provisória utilizada para o seu acesso durante as procissões.

A quarta analisada, a Capela do Passo no Largo da Cruz (meados do século XVIII), situada também na margem esquerda do Córrego do Lenheiro e no antigo Largo da Cruz, que se configura na contemporaneidade como uma Praça. Essa encontra-se no meio do quarteirão e está inserida num casarão colonial de um só pavimento, que harmoniza com a escala e linguagem arquitetônica do entorno.

Nota-se que o primeiro efeito de perspectiva que foi pensado pelos seus construtores para essa Capela, foi o seu posicionamento considerando a centralidade da Praça, tornando-a um ponto focal para os fiéis durante os cultos (Figura 200). Já o segundo efeito de perspectiva que se verifica é a apropriação da procissão, para área delimitada e vazia da Praça, sendo que essa é um convite aos devotos para permanecerem neste local e também privilegia a sua visão dali.

Figura 200 - Fachada da Capela do Passo no Largo da Cruz, centralidade na Praça, São João del-Rei - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

Observamos que o acesso da Capela está no mesmo nível da rua. Sua cota de implantação é superior que a das duas Capelas anteriores.

A quinta e última analisada, a Capela do Passo das Mercês (meados do século XVIII), situada também na margem esquerda do Córrego do Lenheiro e nos largos da Mercês e do Pelourinho, que se configuram na contemporaneidade como uma única Praça. Essa encontra-se no final do quarteirão e no “vértice” de um lote. Ela está inserida ao lado de um imponente casarão colonial de um pavimento,

pertencente ao Barão de Itambé. Também está próxima do Hospital de Nossa Senhora das Mercês (Figura 201).

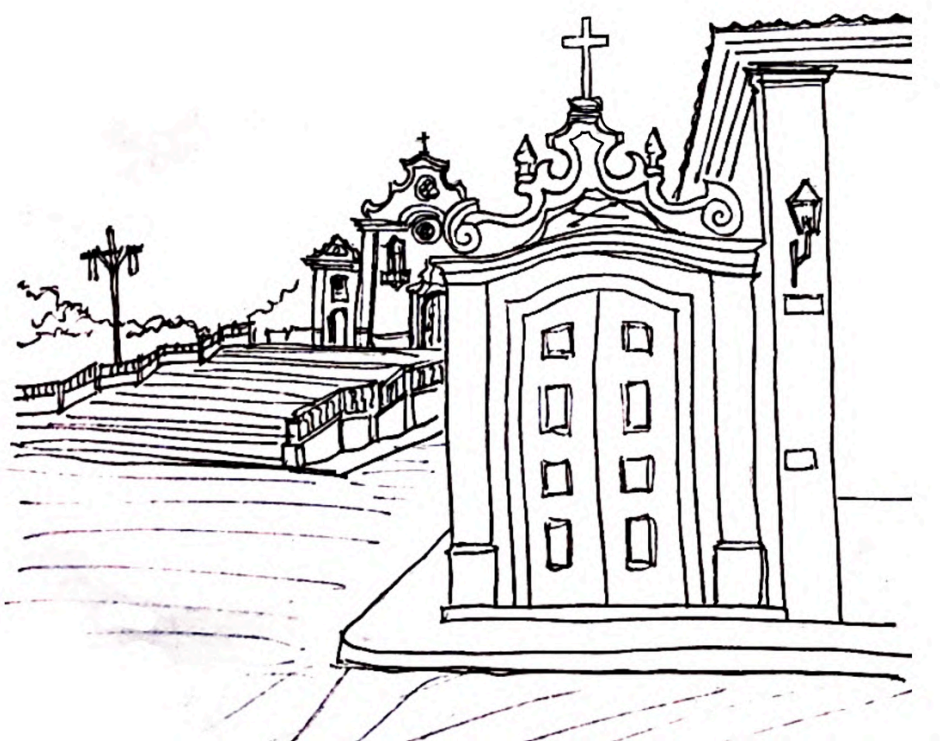
Essa Capela realiza um diálogo na paisagem urbana muito evidente com a Igreja de Nossa Senhora das Mercês, seu respectivo Cruzeiro e a Serra do Lenheiro (Figura 202), que estão na figura-fundo e à sua direita. Além disso, em sua frente se conecta com as torres sineiras da Matriz de Nossa Senhora do Pilar e ao longe com a Igreja de São Francisco de Assis da Ordem Terceira.

Figura 201 - Capela do Passo das Mercês e a Casa do Barão de Itambé, São João del-Rei - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

Figura 202 - Capela do Passo das Mercês, Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Cruzeiro, São João del-Rei - Minas Gerais.



Autoria: Isabelle Capanema, 2023.

A junção do largos das Mercês e do Pelourinho delimitam um grande área livre para que os fiéis ali permaneçam, o que favorece a realização do “Encontro” entre as esculturas devocionais de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores, assim como o local de pregação da palavra do sacerdote.

Esses também representam uma “apropriação desse espaço” considerando a sua “apropriação pelo movimento”, sendo esse um local de acesso a importantes instituições administrativas, de saúde e templos religiosos de São João del-Rei.

Observamos que o acesso da Capela está no mesmo nível da rua. Sua cota de implantação é superior entre todas as Capelas.

Dentro do conjunto das Capelas dos Passos de São João del-Rei, encontramos uma Capela em “área livre”, três delas inseridas no meio de quarteirões e uma no final do quarteirão. Essas estão situadas no núcleo inicial de São João del-Rei. Além disso,

em todas elas os seus idealizadores utilizaram de efeitos de perspectiva para sua valorização na paisagem urbana.

Em São João del-Rei o que mais nos impressionou foram os diálogos presentes no trajeto processional com os templos religiosos, principalmente com as torres sineiras, o que favorece a concentração dos fiéis durante as procissões e a expressão dos sinos, que são também relevantes nos cultos dessa localidade. Questão essa que parece ter sido favorecida pela constituição do sítio urbano nas margens do Córrego do Lenheiro, com declividades mais amenas que em Ouro Preto, Tiradentes e São João del-Rei.

Portanto, ideologias urbanas similares para as Capelas dos Passos descritas anteriormente foram usados em São João del-rei por seus projetistas e construtores, havendo também um domínio deles para esse ambiente urbano, já que esses prezam mais uma vez pelas leituras individuais das Capelas dos Passos, e também de seu conjunto.

Nas Considerações Finais, realizamos as últimas reflexões sobre a temática e dos assuntos tratados neste Capítulo e nos anteriores

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tese contribuiu inicialmente para o levantamento de referenciais teóricos sobre os temas da Paixão de Cristo e das Dores de Maria, onde identificamos a origem dessas devoções na cidade de Jerusalém em Israel, e depois as suas propagações para Europa e Américas. Posteriormente, no contexto específico da América portuguesa colaboramos com informações sobre o surgimento das vias sacras externas com a retirada das esculturas de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores presentes no litoral e depois no interior do Brasil, com destaque nesta pesquisa para a região de Minas Gerais.

Demonstramos também que os históricos e surgimentos das cidades de Ouro Prerto, Mariana, Tiradentes e São João del-Rei, que vai ao encontro do Ciclo do Ouro, da implantação da Capitania em Minas Gerais, do desenvolvimento das Comarcas e suas pungentes vilas, num cenário econômico favorável, que se constituiu rapidamente. Nessas vilas, formadas por reinois, colonos (paulistas e baianos), nativos e escravos (indígenas e africanos) a dominação religiosa e cultural portuguesa foi preponderante e também responsável por criar costumes e tradições. Esses estão expressos na arquitetura, na cidade, nas práticas sociais e na religiosidade, como as dos cultos da Paixão de Cristo e das Dores de Maria junto das Capelas dos Passos.

A importância dos registros consultados nesta tese de historiadores que vislumbraram as fontes primárias nos arquivos e as fontes literárias já produzidas, além das nossas consultas nos arquivos paroquiais e do IPHAN, foram fundamentais para o processamento dos dados e as correlações existentes para o histórico das devoções estudadas e das Capelas dos Passos. Assim como, a vivência de campo, elucidou muitos questionamentos contemporâneos durante a escrita. Somente a partir de suas consultas, organizações, exposições foi possível realizar as considerações presentes.

A Contrarreforma, o Concílio de Trento e o sistema do Padroado, além da proibição do estabelecimento das Ordens Primeiras na região mineradora contribuíram para o surgimento das Irmandades Religiosas de herança medieval. Para as quais, no caso mineiro, foram delegadas pelo Estado-Igreja várias funções religiosas, que foram cumpridas pelos leigos, demonstrando assim a importância das associações fundadas por eles.

As Irmandades Religiosas pesquisadas são exemplos de execução das funcionalidades citadas, sendo que as irmandades de Nosso Senhor dos Passos em todas as cidades antes elencadas já estavam ativas no início do século XVIII, algumas em capelas próprias ou nos altares nas matrizes, sendo essas construções financiadas por essas associações religiosas. Registramos sobre isso, que durante a pesquisa constatamos que as irmandades de Nosso Senhor dos Passos de Mariana (1720) e de Tiradentes (1721) se estabeleceram inicialmente em capelas próprias e

a de Ouro Preto (1715) e a de São João del-Rei (1733) se abrigam nos altares laterais das matrizes. Mas logo depois, todas elas estavam relacionadas às matrizes, como assim o são, em 2024.

E a prática religiosa inicial a Paixão de Cristo, uma “peregrinação de substituição” dos católicos em relação a peregrinação à Terra Santa, em todas essas cidades se deu a partir das vias sacras realizadas no interior das matrizes e nas ruas das vilas, com a retirada desses templos religiosos pelos guardiões da imagem de culto em um andor, de Nosso Senhor dos Passos. Essa realizou inicialmente estações provisórias em altares para orações e rememorações da vida de Jesus Cristo em seu Calvário. Em meados do século XVIII, as estações efêmeras se tornaram permanentes com a contratação, pelas irmandades, de artífices portugueses/locais com as suas oficinas para a elaboração dos projetos das Capelas dos Passos no ambiente urbano. E muitos desses profissionais conforme demonstrado na tese já trabalhavam, na mesma época, em outros templos religiosos e construções civis dessas cidades, como até mesmo nas matrizes.

Considerando isso, a devoção à Paixão de Cristo dita popular obteve uma grande importância para as referidas irmandades e devotos nessa época, dado a contratação de importantes profissionais das artes presentes na cena cultural colonial e consequentemente os esmeros tratamentos de suas arquiteturas e interiores. Além da escolha de suas localizações em vias privilegiadas do núcleo inicial colonial das vilas em questão.

Sobre o seu tratamento arquitetônico e de interiores, as Capelas dos Passos absorveram os estilos barroco (estilo nacional português e joanino) rococó e neoclássico, presentes nos mesmos templos religiosos de suas cidades. Algumas delas, como as de Ouro Preto e Mariana, apresentam cenas escultórias de influência das tradições portuguesas e outras como as de Tiradentes e São João del-Rei apresentam pinturas de cenas de influências das tradições do litoral brasileiro. Tanto a metrópole quanto a colônia já praticavam a devoção à Paixão de Cristo de formas similares, nos séculos XVII e XVIII.

Na metade do século XVIII e início do século XIX, se verificam alterações nos exemplares das Capelas dos Passos nessas quatro cidades. O levantamento do histórico das suas construções foi importante para constatarmos que as primeiras Capelas dos Passos em Ouro Preto, foram substituídas por capelas mais recentes construídas, entre 1788 e 1843. Isto ocorreu pelo seu estado de arruinamento e as modificações urbanas nessa cidade, que trouxeram importância às novas ruas, onde as capelas foram então inseridas.

As primeiras Capelas dos Passos em Mariana, foram também substituídas por capelas mais recentes construídas entre 1743 e 1749, devido ao acometimento de algumas dessas capelas por uma enchente do ribeirão do Carmo. A elevação da cidade de Mariana à sede do bispado mineiro, também contribuiu para a implantação de um plano urbano, que considerou as capelas, longe da área de enchente e em ruas que ao longo dos anos obtiveram também maior importância.

As três primeiras Capelas do Passos em Tiradentes, que foram construídas entre 1738 e 1741, se encontram preservadas, já as duas que foram construídas, entre 1761 e 1764, foram desativadas. E depois seus altares foram reciclados na construção em 1807, de uma nova Capela do Passo no Largo das Forras e do altar de Nossa Senhora das Dores na Capela de São João Evangelista, devido principalmente à alteração de seu trajeto processional, que se expandiu até a Capela de Nossa Senhora das Mercês.

As cinco Capelas dos Passos em São João del Rei, que foram construídas na segunda metade do século XVIII e início do século XIX, se encontram também preservadas, sendo que somente uma delas foi demolida e reciclada devido a uma reforma urbana no núcleo inicial de São João del-Rei, entre 1914 a 1918.

Sendo assim, as capelas mais antigas e preservadas em Minas Gerais são as dessas últimas duas cidades, apesar de essas não serem as primeiras irmandades mineiras fundadas.

Informamos também, que as Capelas dos Passos em Tiradentes são as mais estudadas em relação às demais cidades, com contribuições relevantes do

pesquisador e guardião Olinto dos Santos Rodrigues, enquanto as em São João del-Rei são as que possuem mais hiatos em sua história, pela perda de documentos da irmandade.

Registramos, que a Capela de São Jorge em Mariana, realiza uma conexão no presente com o passado referente a existência da capela própria da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos dessa localidade. A Capela do Passo da Rua do Sol em Tiradentes, também se relaciona com a antiga procissão desta outra cidade. Isto é, essas duas são resquícios materiais ainda presentes no meio urbano, do dinamismo de atuação da irmandade em ambas.

Também registramos que algumas das Capelas dos Passos evidenciam uma relação com as Cadeias das cidades coloniais e necessidade de se realizarem missas aos presos em alguns de seus exemplares.

No fim do século XVIII e início do século XIX, a prática devocional das Irmandades de Nosso Senhor dos Passos se modificou com a inserção do culto à escultura de Nossa Senhora das Dores. Isso provocou a criação de novas procissões, como as de Rasoura, Depósito e do Encontro.

Além disso, gerou modificações nos trajetos processionais antigos, principalmente os que estavam relacionados aos templos religiosos das irmandades de Nossa Senhora do Rosário, que eram usados nas primeiras procissões nas quatros cidades, conforme constatado nesta tese. Os trajetos mais recentes, foram alterados e ampliados com a maior participação de outras irmandades e Ordens Terceiras, que reivindicaram o compartilhamento das festividades, considerando até mesmo os usos dos seus templos.

Em Ouro Preto, houve uma maior participação da Irmandade de Nossa Senhora das Dores, de Nossa Senhora das Mercês de Cima e da Ordem Terceira de São Francisco de Assis. Em Mariana, apesar da participação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos ter permanecido a Ordem Terceira do Carmo obteve maior participação. Em Tiradentes, as irmandades de Nossa Senhora das Mercês e de São João Evangelista passaram a participar do culto. Em São João del-Rei, as

Ordens Terceiras de São Francisco de Assis e de Nossa Senhora do Carmo absorveram as responsabilidades antes delegadas à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Ressaltamos que, em todas as cidades das Irmandades do Santíssimo Sacramento,participaram desses cultos desde o início e assim permaneceram.

O fenômeno de maior participação de outras irmandades e Ordens Terceiras pode ter sido reforçado também pela extinção ou desativação de irmandades de Nosso Senhor dos Passos de Ouro Preto, Mariana e Tiradentes, já no final do século XIX. Assim como a possibilidade de divulgação da Paixão de Cristo por outras ordens religiosas, presente no decreto papal do século XVIII, que formalizou o culto à Paixão de Cristo. Apesar da extinção das irmandades em algumas cidades, reforçamos que o culto centenário permaneceu e foi absorvido por outras associações religiosas. Ressaltamos também, que no caso de Tiradentes, o culto foi também absorvido por provedores. Isso demonstra um caráter mais singular a esse último local.

Vale ressaltar que a permanência da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos em São João del-Rei até a contemporaneidade demonstra que a Igreja Católica está ainda muito presente nesta cidade mineira, que tem por característica a manutenção de suas tradições religiosas com maior rigidez e disciplina dos seus membros e devotos em relação às demais localidade estudadas. Indicam também que o *status social* relacionado à participação em uma dessas irmandades para os sanjoanenses, ainda permaneceu.

Ademais, prova que a associação religiosa de São João del-Rei se adaptou às diversas mudanças ao longo dos três séculos. Um exemplo observado disso, é que a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos antes formadas por homens brancos e militares, absorveu depois também mulheres, além de homens negros e mestiços, com o mais diversos ofícios. A inserção da Procissão de Nossa Senhora da Soledade com a prática de orações e rememoração das Sete Dores de Maria utilizando a Capela dos Passos por um fiel representa mais uma vez, esse dinamismo evolutivo. Isso também demonstra a participação constante dos seus devotos, que mantêm viva a transmissão geracional da fé e a preservação dos costumes expressados nesta localidade.

Houve a primeira forma de proteção para as Capelas dos Passos em 1938 pelo IPHAN a partir dos tombamentos das cidades de Ouro Preto, Mariana, Tiradentes e São João del-Rei. Mas devido às várias transformações urbanas ocasionadas pelo crescimento dessas localidades, nova importância de função dessas cidades e as várias intempéries do clima, colocaram possivelmente em risco as Capelas dos Passos. Devido a isto, algumas delas receberam tombamentos individuais pelo IPHAN entre 1939 e 1949. A falta de unidade nessa segunda forma proteção, escolhendo algumas capelas dentre outras, demonstram que umas estavam em maior risco que a outras necessitando de maior restrição em sua proteção, ou que algumas tinham mais valores para órgão de proteção que as outras naquela época. A terceira forma de proteção pelo IPHAN, realizada nas décadas de 1970 e 1990 demonstra uma mudança no pensamento, o Inventário federal em todas as cidades, abarcou quase todas as Capela dos Passos, registrando também o seu interior, algumas imaginárias e objetos litúrgicos.

As variadas formas de proteção demonstram a importância de sua patrimonialização como representantes de expressões culturais a serem preservadas no nível regional mineiro e nacional brasileiro. As demais formas de proteção do IPHAN posteriores desses sítios também trazem reflexo para seu reconhecimento e maior divulgação. Sendo assim, o conhecimento das formas de proteção nas Capelas dos Passos são essenciais para as práticas de proteção contemporâneas, não deixando de relevar e dar importância às ações de proteção e manutenção das Irmandades e Ordens Religiosas e sua transmissão geracional ao longo dos quase três séculos.

Dentre os relatos dos viajantes, os de Debret (1978) foram os mais importantes para ilustrar a Procissão de Nosso Senhor dos Passos realizada no Rio de Janeiro e para se comprovar sua existência citada nas fontes primárias das Irmandades de Nosso Senhor dos Passos de Minas Gerais. Os relatos dos viajantes mineiros selecionados não apresentaram informações das mesmas procissões na região estudada, sendo por isso utilizados para demonstrarmos a dimensão religiosa existente nas demais procissões descritas por eles como a Procissão das Cinzas e de *Corpus Christi*. Consideramos que ambos os olhares auxiliaram na vivência dos cultos na Semana

Santa e Quaresma realizadas entre 2019, 2022 e 2023 nas cidades de Ouro Preto, Mariana, Tiradentes e São João del-Rei.

Os estudos das Ordens Carmelitas também foram importantes para o entendimento da dinâmica na divulgação da Paixão de Cristo, promovida tanto pelas Ordens Primeiras quanto pelas Ordens Terceiras do Carmo no Brasil. Em Minas Gerais a divulgação da mesma temática já foi delegada às Irmandade Religiosas, que depois se uniram num segundo momento, às Ordens Terceiras do Carmo e de São Francisco. Destacamos a pesquisa sobre a Ordem do Carmo realizada por Brusadin (2019), referentes às procissões de Nosso Senhor dos Passos realizadas no Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo, tendo em vista que essas provavelmente são as mais antigas em terras brasileiras e por isso, influenciaram também as realizadas em Minas Gerais.

Ressaltamos que a Ordem Franciscana também foi responsável pela divulgação da Paixão de Cristo no Brasil, principalmente na região Nordeste e Sul, mas em Minas Gerais a Ordem Carmelita teve uma atuação mais relevante que a primeira.

Os cultos entre as cidades vizinhas possuem similaridades e ajustes nas datas de seus calendários e programas litúrgicos, visando provavelmente uma maior participação dos devotos, religiosos e músicos. Entretanto, apresentaram as suas peculiaridades como por exemplo, a procissão realizada em Mariana da Capela do Passo da Ladeira até o Rosário Velho. Essa não seria um resquício da antiga procissão do início do século XVIII que ainda foi preservada?

As cidades vizinhas de Tiradentes e São João del-Rei ainda mantêm as vias sacras externas à Paixão de Cristo e foram as únicas que estabeleceram os cortejos de rasouras das duas esculturas cultuadas, após o estabelecimento da Procissão do Encontro, que está presente em todas as quatro cidades. Suas tradições não estariam assim mais preservadas que as demais? E isso não seria relacionado a questão de as irmandades ainda estarem ativas nessas duas cidades?

Em São João del-Rei, verificamos o programa litúrgico mais completo e dinâmico de Minas Gerais, pois ocorreram a Procissão das Almas e a Procissão de Rasoura de

Nossa Senhora das Dores, o que não aconteceu nas demais cidades contempladas na pesquisa. Isso explica a atuação da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos há 290 anos e com um maior poder de disciplina em suas práticas religiosas? Será que por isso, houve assim uma maior preservação de suas tradições culturais e da transmissão entre as gerações herdeiras? Ressaltamos também, que para essa cidade há várias publicações sobre as festividades e os seus cultos, que auxiliam na sua divulgação e notamos a vivacidade dos mesmos em seus moradores e a atração de turistas.

Ressaltamos que, em São João del-Rei no Brasil, assim como em Sevilha na Espanha, é provavelmente a festividade mais tradicional, pois nela encontramos um maior número de procissões praticadas durante a Quaresma e Semana Santa. Além disso, nessa cidade estão presentes as orquestras centenárias e os sineiros que herdaram a musicalidade dos cultos, que trazem uma dimensão atemporal em sua vivência, envolvendo os habitantes e visitantes numa atmosfera barroca. Devido a isso, esta tese valoriza a existência da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos de São João del-Rei, que preserva a cultura religiosa mineira com respeito e primor há 290 anos.

Provavelmente, haviam nas quatros cidades analisadas procissões menores no século XVIII relacionadas às irmandades de Nosso Senhor dos Passos e as de Nossa Senhora do Rosário. Sendo que na cidade de Mariana, essa relação ainda foi mantida, enquanto nas demais três cidades pesquisadas as irmandades de Nossa Senhora das Mercês se tornaram uma nova referência para as procissões, que se ampliaram no espaço urbano dessas cidades.

A Procissão da Soledade está presente nas quatro cidades, mas em São João del-Rei, verificamos que essa foi modificada pela ação de um provedor local e depois os moldes dessa prática religiosa foram absorvidos pela Irmandade de Nosso Senhor dos Passos. Constatamos também, que à época presentes no calendário para os exercícios religiosos referentes às Setes Dores de Maria, que ocorrem nas cidades de Ouro Preto e Mariana se divergem das de Tiradentes e São João del-Rei. Sendo os primeiros executados no início da Quaresma e os últimos na Semana Santa.

A participação crescente das Ordens Terceiras e seus templos religiosos também é uma evidência relacionada ao crescimento das procissões na contemporaneidade em todas as cidades, com destaque para os dos carmelitas e franciscanos, que também passaram a participar das festividades da Igreja. Isso consequentemente, também gerou alterações nos programas litúrgicos e práticas religiosas das irmandades que os promoviam. Aliado a isso, também podemos inferir que elas seguiram o dinamismo de crescimento dessas cidades?

Todas as quatro cidades estudadas em Minas Gerais possuem cinco Capelas dos Passos que ainda são usadas em suas procissões e a implantação delas é no núcleo antigo e nas vias de maior importância na época colonial. Essas seriam uma extensão da Igreja, que sacralizou (e ainda sacraliza) os espaços urbanos através das suas procissões?

As visitas *in loco* dos cultos foram fundamentais para os registros fotográficos e reconhecimento da materialidade e imaterialidade da prática religiosa, que também instigou a produção dos mapas de localização e dos trajetos das principais procissões presentes na pesquisa. O período da Quaresma e Semana Santa vivenciados foram essenciais para o entendimento dos exercícios religiosos dos habitantes e visitantes, dos papeis dos guardiões e fiéis que herdaram as funções de provedores e protetores de sua preservação para essa e as próximas gerações.

A quantidade de Capelas dos Passos em uso nas cidades estudadas em Minas Gerais configura um número de cinco capelas físicas ornadas por esculturas ou pinturas de cenas, que são geralmente associados a outras duas cenas efêmeras montadas nas matrizes no final e início da procissão, totalizando assim sete cenas. Essa quantidade de sete representações das cenas foi indicada como as mais comuns estabelecidas no programa formal da Igreja no século XVIII.

A cenografia religiosa da Paixão de Cristo e das Dores de Maria representadas nas estações das vias sacras de ruas também cumprem o programa definido formalmente pela Igreja, no século XVIII. Contudo, fica evidente que os responsáveis por seus projetos em Minas Gerais tiveram contato com as ideias que circulavam na

época e com os trabalhos dos artífices e as suas oficinas na Europa e litoral do Brasil.

Para o autor Silva (2002, p. 136), “A procissão que possui um corpo estrutural fixo se estende pelas ruas em uma trama que vincula manifestação cultural-religiosa e o traçado urbano. Assim como as igrejas são ornamentadas em seu interior para a festa, também as ruas se tornam palco das festividades e representações”. Assim, para a mesma autora, “(...) a arquitetura veste-se de imagens para virar substância humana também”. Contudo, as festas religiosas também não seriam assim extensões do imaginário humano expressas e materializadas na cidade?

Verificamos que os cultos de Mariana e São João del-Rei possuem um viés regional, que sobrepõe ao turístico com maior participação da população destas cidades. Porque a maioria dos casarões de moradores foram espectadores dessas manifestações. Enquanto em Ouro Preto e Tiradentes, verificamos um processo maior de turistificação, com a participação de peregrinos forasteiros (como os estudantes da UFOP) e curiosos. Em Ouro Preto, notamos ademais, que a presença desse novo público, altera a relação dos moradores antigos com suas práticas tradicionais religiosas.

Em Tiradentes, verificamos que a população ali participante do culto ocupa outro local nessa cidade e talvez legitime novamente esse núcleo histórico a partir das procissões da Quaresma e Semana Santa? Porque sabemos que o centro dessa cidade vivenciou recentemente um processo de esvaziamento da população local, conhecido como gentrificação, fazendo com que essa ocupasse áreas periféricas e mais afastadas do mesmo. Esse fenômeno pode ser compreendido com a menor identidade para com o culto dos moradores atuais ali habitantes na área central, que muitas vezes se surpreenderam com a manifestação religiosa.

Em todas as cidades notamos a participação da ornamentação dos andores com usos de flores naturais e ervas aromáticas regionais, teatralidade, musicalidade, sonoridade de sinos, sendo essas urbes apenas um cenário onde movimento e contemplação são importantes para envolvimento dos devotos e sacerdotes nas práticas religiosas da Igreja. Nos trajetos processionais os espectadores com as

janelas abertas demonstraram também a dimensão social e cultural dos moradores do centro, herdeiros privilegiados das elites, que ocuparam o centro das cidades coloniais. Mas ao mesmo tempo, observamos que as festividades religiosas, que foram iniciadas antes com a participação de homens brancos e militares da alta sociedade, foi se tornando mais popular e democrática ao longo dos anos na rua, quando notamos a participação de mulheres, negros e pardos, entre outros.

Também vemos a presença de comidas e vestimentas próprias aos cultos, como amêndoas adocicadas e as opas identificando as cores de cada irmandade. Para o pesquisador Rosendahl (2018), nas procissões “São expressas marcas da cultura local como os costumes alimentares, as vestimentas, os cantos, a hierarquia das alas e a música”. Toda essa dimensão demonstra a grandiosidade da festa e religião para a sociedade mineira, herdeira dessas tradições.

Os usos pelas paróquias de novos recursos tecnológicos durante a pandemia da COVID-19 demonstram a adaptação e dinamismo durante o ocorrido e indicam que, apesar de suas adversidades, a religiosidade permanece realizando sua transmissão entre as gerações, considerando novas ferramentas existentes na atualidade, como a internet e as redes sociais.

Verificamos que, as Capelas dos Passos em todas as cidades estudadas são abertas e utilizadas para o culto das esculturas e as suas procissões, vigília e orações na Quaresma e Semana Santa, um período curto do ano, que as deixam invisíveis na maior parte do tempo. Isso pode gerar as suas frágeis condições contemporâneas de preservação e, portanto, seu reconhecimento somente neste período. Sendo assim, quais seriam as possíveis ações para a sua preservação ao longo do ano?

As procissões estudadas sendo uma manifestação externa com cultos exuberantes executados pela Irmandade de Nosso Senhor dos Passos e atrelados às matrizes estão relacionados ao poder social e político exercido pela Igreja na sociedade mineira em formação. Principalmente nas associações religiosas de leigos, que executaram as Capelas dos Passos e promoveram as procissões, mas esse domínio também estará expresso no domínio da paisagem urbana.

Sendo as Capelas dos Passos componentes da paisagem urbana e que, no cotidiano das cidades, podem passar despercebidas, já que, geralmente, ficam fechadas, porque são somente preparadas e abertas para as festividades religiosas. Ou seja, sua funcionalidade se atém às manifestações da Quaresma e Semana Santa, criando, nesse período, uma nova relação com a paisagem e o ambiente, que por isso, devem ser consideradas nas análises atuais.

O uso dos conceitos e métodos da Morfologia Urbana, considerando o “tipo territorial básico” vislumbrando pelas Escola Italiana de Morfologia nos auxiliaram na compreensão das “rotas comerciais” estabelecidas entre o litoral e interior brasileiro território estudado. Além disso, ampliou o nosso entendimento sobre a formação das “rotas matrizes” e “rotas secundárias” considerando os primeiros assentamentos urbanos de Minas Gerais. E consideramos que essas talvez sejam umas das contribuições inovadoras desta tese.

Notamos que tanto as procissões quanto as Capelas dos Passos foram implantadas nas “rotas matrizes” ou nas “rotas secundárias” e suas proximidades, assim elas também compõem a rede viária formadora da região mineradora e consequentemente os núcleos iniciais das cidades analisadas. Ressaltamos que, as Irmandades Religiosas, sabendo da importância dessas rotas e seus entornos, marcou e sacralizou o “caminho tronco”.

Os estudos da Escola Italiana também possibilitaram a identificação do “tipo territorial” e o do “tipo especializado” edificado, existente para as Capelas dos Passos de Minas Gerais, que foi anteriormente descrito e poderá ser mais aprofundado em estudos futuros no levantamento de outros exemplares mineiros.

Os aspectos visuais de Cullen (2018) e as qualidades visuais e das formas de Lynch (2018), quando aplicadas nas cidades coloniais de Ouro Preto, Mariana, Tiradentes e São João del-Rei, permitiram a melhor compreensão de suas paisagens urbanas. Evidenciando nessas cidades as características comuns e diversas, que devem ser consideradas nos estudos atuais, pois trazem respostas nas análises desses meios urbanos e nos estudos das próprias Capelas dos Passos.

O caminho das procissões e a implantação dos objetos de estudo pesquisados foram os balizadores que contribuíram para a exemplificação vislumbrada sobre essas duas teorias e esses ilustraram esta tese de doutorado, que também considerou as análises individuais de Salgado (2013), para Ouro Preto.

Os conceitos de “ponto focal”, “delimitação do espaço” e "apropriação do espaço”, aliados às análises de Cullen (2018), através de exemplos em sua obra nos auxiliaram no melhor entendimento dessas paisagens urbanas e nos permitiram pontuar o usos e os efeitos da perspectiva recorrentes nas ruas escolhidas para as procissões e para as construções das Capelas dos Passos analisadas.

Esses conceitos aliados ao de escala[156], também proposto por Cullen (2018), nos permitiram demonstrar que as Capelas dos Passos foram idealizadas pelos seus projetistas a partir da interação com os fiéis, ou seja, a partir da escala humana. E levando em consideração que o percurso proposto é feito para ser realizado caminhando e os devotos perpassam pelas estações das vias sacras externas, constatamos também uma intenção de seu reforço de continuidade a partir da similar linguagem arquitetônica dadas as suas arquiteturas religiosas. Assim como, pela acessibilidade delas nas ruas percorridas, prezando sempre pela dimensão humana.

Através de Lynch (2018), foi possível entender os conceitos para “marcos” e reforçar o de “alcance visual” e suas respectivas análises, que complementam as do autor anterior.

A partir do primeiro conceito, reforçamos que as Capelas dos Passos foram imaginadas como marcos na paisagem urbana, que foram agrupadas e consequentemente reforçadas por suas repetições. “(...) os marcos isolados tendem a ser referências fracas por si sós. Seu reconhecimento exige uma atenção contínua. Se forem agrupados, porém, eles reforçam-se mutuamente, e não apenas por uma questão de somatório” (LYNCH, 2018, p. 112). A sequência ordenada das

[156] “Escala não é dimensão, mas sim a dimensão que um edifício reivindica, implicitamente a visão, aos nossos olhos.” (CULLEN, 2019, p. 81)

Capelas dos Passos nas cidades coloniais mineiras pode ser facilmente reconhecida pelos fiéis habituados a realizar os trajetos das vias sacras de ruas e suas respectivas estações durante o período litúrgico.

O recurso de “alcance da visão”, também foi utilizado em algumas Capelas dos Passos de Ouro Preto e demonstram mais uma vez a valorização do uso da perspectiva nas suas implantações.

Outra questão que verificamos foram as adaptações no entorno das Capelas dos Passos em reformas urbanas posteriores, como em passeios e praças para delimitar seu espaço de visão e permanência dos fiéis em procissão. Essas ações realizadas pelas gerações herdeiras dessa tradição, requalificaram essas arquiteturas religiosas nos meios urbanos.

Já as contribuições de Bittencourt (1999), estão no entendimento da formação do ambiente urbano das cidades coloniais mineiras, como na indicação da existência dos “eixos cruzados no espaço aéreo” entre os templos religiosos também vislumbradas durantes os trajetos processionais relacionados às Capelas dos Passos e nos locais escolhidos para as suas implantações. Essa intenção presente nas igrejas retém também a atenção dos fiéis durante as práticas religiosas. Corroborando com:

> Progressivamente as igrejas estabelecem uma espécie de olhar entre si, formando eixos cruzados no espaço aéreo. Como resultado disso, temos uma planimetria urbanística cingida pela percepção visual dos templos, plasmada sobre topografia acidentada, oferecendo ao caminhante, pelas ruas e becos tortuosos, uma clara orientação de origem estética, que transcende a simples distribuição funcional dos bairros, em favor de uma ornamentação de paisagem circundante, apontando sempre na direção a se tomar, não permitindo a fuga do observador ao campo de referência definido pelas igrejas (...). (BITTENCOURT, 1999, p. 97-98)

Outra questão posta por esse autor é de que os caminhos regionais foram incorporados no arruamento desses povoados e se constituíram como balizadores desse povoamento. E devido à importância deles pela irmandades de Nosso Senhor dos Passos às Capelas serão implantadas nesses caminhos ou nas suas proximidades. Conforme:

> Em Minas e no Sertão, é clara a importância das estradas e caminhos regionais, interligando vilas, freguesias e arraiais, não sendo raros os casos em que parte do traçado da estrada é incorporado pelo arruamento do povoado, com uma primeira base para a localização do terreiro/pouso, depois praça e Matriz. (BITTENCOURT, 1999, p. 107).

O mesmo autor enfatizou a importância dada às matrizes nesses espaços urbanos, sendo essas também polarizadoras do crescimento das vilas ao seu redor, prezando pela manutenção das visadas do entorno para elas. Para ele:

> É o templo, como edifício representativo do valores sociais em jogo, que oferece a possibilidade dessa unidade espacial, onde a sua implantação, solução arquitetônica (externa/interna) e ornamentação, formam um todo que se pretende que seja harmônico, ao mesmo tempo em que magnetiza o traçado viários e a localização das habitações, sempre mantendo-se o critério de visibilidade paisagística adequada às variações do terreno. (BITTENCOURT, 1999, p. 108)

A partir disso, podemos dizer que as Capelas dos Passos e suas implantações seguiram premissas similares. Além disso, esse ainda reforça a relação da rua e dos templos religiosos nas cidades coloniais e suas ordenações, que se relacionam com os habitantes e visitantes e paisagem urbana, dizendo que:

> A rua, como elemento de regularização formal associado à visibilidade e as relações proporcionais oriundas do templo, possibilita, além da expansão continuada, uma regularidade dinâmica, que se repõe, conforme o deslocamento do observador. Um exemplo claro são os eixos visuais, criados pelas igrejas de confrarias, na maioria das cidades mineiras. (BITTENCOURT, 1999, p. 110)

Assim, tanto as cidades coloniais mineiras quanto os caminhos processionais e as Capelas dos Passos foram idealizadas para atrair a todo momento o olhar do fiel evidenciado o poder da Igreja nessas urbes. Indicando também que:

> Nas povoações da mineração há uma constância representada nas igrejas, uma regularidade sem monotonia, eixos hierárquicos ordenando espaço, pontos focais distribuídos como alegorias do universo metafísico, eixos desenhados a partir da dinâmica do olho, prendendo a atenção do observador a cada passo. (BITTENCOURT, 1999, p. 136)

Portanto, os efeitos de perspectiva utilizados nas arquiteturas religiosas foram recorrentemente praticados e utilizados.

Realizamos também, as sensações e percepções notadas durante as procissões e implantação das Capelas dos Passos, que foram intencionais e provocam a reflexão e o contato divino aos habitantes e visitantes, no cenário dessas urbes. Observamos nas quatro cidades escolhidas que tanto os caminhos quanto o posicionamento das Capelas dos Passos qualificam essas paisagens e promovem também a identidade dessas cidades coloniais.

Ademais, sabemos desde os relatos dos antropólogos, que o homem primitivo era profundamente ligado a paisagem em que vive e nela ele passou a distinguir suas partes e dar nomes como o faz com regiões e ruas. Mas alguns locais sagrados se tornaram ao longo dos tempos tão carregados de significados que esses passaram a ser poderosos focos de sua atenção. As Capelas dos Passos demonstram isso, já que as suas arquiteturas religiosas se distinguem nessa paisagem e são marcações nos espaços urbanos.

A organização das Capelas dos Passos nessas localidades e o seu reconhecimento para os grupos que frequentam as matrizes e as usam para a devoção religiosa por ela proposta e que também promoveram a sua importância através dos exercícios religiosos seculares nessa paisagem urbana.

Associado a isso, elas passaram a desempenhar também papeis culturais e sociais de encontro e comunicação de uma mensagem materializada por iniciativa dos devotos e religiosos da importância da religião para essa sociedade, com tradições perpetuadas por gerações ao longo dos anos nessas localidades.

No período da Quaresma e Semana Santa a Igreja se abre para as cidades utilizando-se das esculturas devocionais de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores retiradas dos altares para as vias sacras das Capelas dos Passos e assim o “corpo da Igreja” e os religiosos, trazem o sagrado e o seu poder de dominação para as ruas.

A tese sobre as Capela dos Passos da Paixão de Cristo e das Dores de Maria em Minas Gerais - Brasil buscou o seu objetivo geral de valorizar as pesquisas referentes às esculturas devocionais do Nosso Senhor dos Passos e da Nossa

Senhora das Dores e seus respectivos altares em capelas próprias ou nas matrizes. Além disso, os nossos estudos das vias sacras externas com o uso das imagens e das Capelas dos Passos, focaram no seu conhecimento, proteção e divulgação.

Confirmamos nesta pesquisa também a hipótese de que a força do processo de aculturação português na colônia brasileira demonstrou que essa se efetivou para além da ocupação do território e fundação de vilas promovida pela exploração no ciclo econômico do ouro, no século XVIII. Pois, ela ocorreu também com a reprodução das práticas religiosas da Igreja, que vinham com reinóis e depois foram impostas à realidade dos grupos culturais formadores do Brasil Colônia.

Em 2024, as principais dificuldades para a preservação das práticas religiosas e das Capelas dos Passos estão relacionadas à sua reduzida visibilidade, pois elas são abertas em um período específico, na Quaresma e Semana Santa, considerado um curto tempo em relação ao ano todo. O seu uso escasso está diretamente relacionado ao seu estado de conservação, assim como à inexistência de medidas de conservação preventiva de monitoramento desses bens culturais. Dessa maneira julgamos essencial a sua proposição em projetos de intervenções futuros.

Além disso, verificamos que o referencial bibliográfico organizado sobre as procissões e as Capelas dos Passos publicado é escasso. Sendo que a grande maioria, evidenciam somente os registros fotográficos das Capelas e seus cultos. A divulgação sobre a importância histórica, social, cultural e documental é quase inexistente, com exceção desta tese e da minha dissertação, uma das primeiras contribuições considerando esses aspectos.

Ressaltamos inclusive que, justificamos esta tese pela necessidade de divulgação de parte da história religiosa brasileira com pesquisas acadêmicas ainda reduzidas, pela seleção de exemplares representativos do patrimônio cultural mineiro. E que portanto, a pesquisa sendo realizada nas quatros cidades mineiras selecionadas colaborou para novos conhecimentos sobre esse assunto.

Por fim, conclui-se, que esta tese contribuiu para o conhecimento e interesse de preservação das expressões culturais e das Capelas dos Passos nas cidades de

Ouro Preto, Mariana, Tiradentes e São João del-Rei. Além dos demais locais onde essas são existentes no Brasil. Esse trabalho traz o registro da sua importância e ao divulgá-las tem-se a visão contemporânea em relação ao patrimônio cultural no presente e promovem também reflexões para o seu futuro.

Espera-se que essa pesquisa exerça o papel de veículo para a valoração dos principais envolvidos na salvaguarda dos ritos e das Capelas dos Passos, as Irmandades e as Ordens Religiosas, além do IPHAN, pois são os principais responsáveis pelas práticas e rotinas para a preservação delas.

Precisamos registrar ainda a interdisciplinaridade desta tese que traz estudos cruzados entre arquitetura, arte, história e sociologia. Além disso, apresenta análises específicas sobre a morfologia urbana, planejamento urbano e também da paisagem e do ambiente. Demonstrando assim a complexidade deste tipo de pesquisa, que só foi possível porque foi desenvolvida num Programa de Pós-Graduação com esse mesmo perfil de conhecimentos.

Enfim, que colaboramos sempre como cidadãos e pesquisadores no sentido de conhecimento, preservação e divulgação da cultura, adquirida particularmente por cada sociedade e representativa de tantos conhecimentos ancestrais vislumbrados ainda na contemporaneidade, como os adquiridos nas Minas Gerais.

REFERÊNCIAS

AEDSJDR. **Livro de Compromissos da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos 1733.** São João del-Rei: Arquivo Eclesiático da Diocese de São João del-Rei, Setor Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar.

AEDSJDR. **Livro de Deliberações da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos 1868-1893.** São João del-Rei: Arquivo Eclesiático da Diocese de São João del-Rei - Setor Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar.

AEDSJDR. **Livro de Receitas e Despesas da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos 1811-1858.** São João del-Rei: Arquivo Eclesiático da Diocese de São João del-Rei, Setor Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar.

AEDSJDR. **Livro de Recibos e Certidões de Missa da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos 1845-1916.** São João del-Rei: Arquivo Eclesiático da Diocese de São João del-Rei - Setor Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar.

ALSTON, George Cyprian. Way of the Cross. In: **The Catholic Encyclopedia**. New York, Estados Unidos da Ámerica: Robert Appleton, vol. 15. 1912. 24 Jan. 2016 Disponível em: <http://www.newadvent.org/cathen/15569a.htm>. Acesso em: 20 ago. 2023.

ALVARENGA, Luís de Melo. **Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar.** - 2 ed- . São João del Rei: 1994. 105 p.

ALVES, Célio Macedo. Um estudo Iconográfico. In: COELHO, Beatriz Ramos de Vasconcelos (org.) **Devoção e Arte:** imaginária Religiosa em Minas Gerais. - 2. ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017, p. 69-21.

ALVES, Célio Macedo. Em torno do nascimento de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. **Boletim do Ceib**, nº 58, vol. 18. Belo Horizonte: Centro de Estudos da Imaginária Brasileira, 2014, p.1-6. Disponível em: <https://www.eba.ufmg.br/boletimceib/index.php/boletimdoceib/article/view/77/66>. Acessado em: 19 mai. 2024

ANTONIL, André João. **Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas** (1650-1716). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007. (Documenta Uspiana, II).

ARAGÃO, Ivan Rêgo. Considerações históricas, sociais e estilísticas sobre as imagens de roca de Nosso Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores em São Cristóvão**.** In: **Revista Imaginária Brasileira,** nº 6. Belo Horizonte: Centro de Estudo da Imaginária Brasileira, 2011, p. 38-48.

ASSUMPÇÃO, Adriana Neves de; VIEGAS JÚNIOR, Carmello; LOMBARDI, Olivia Teixeira. ***Passion Domini*.** Tradução de Margarida Cândida Busatto e Marcelo Corrêa Lima. - 1 ed. - Santo André: Ipsis Gráfica, 2018.

ÁVILA, Affonso; GONTIJO, João Marcos Machado; MACHADO, Reinaldo Guedes. **Barroco mineiro**: glossário de arquitetura e ornamentação. - Ed. rev.- Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro, 1996.

BAZIN, Germain. **O Aleijadinho e a escultura barroca no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Record, 1971. (Primeira edição: Paris, Les Editions du Temps, 1963)

BITTENCOURT, Luiz Cláudio. **Regularidades do visível.** Tese de (Doutorado em Arquitetura). Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999.

BLUTEAU, Padre Raphael. **Vocabulario portuguez & latino:** aulico, anatomico, architectonico … .Coimbra, Portugal Collegio das Artes da Companhia de Jesus Portugal: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1638-1734. 8.v.

BOSCHI, Caio César. **Os leigos e o poder**: irmandades leigas e políticas colonizadoras em Minas Gerais - século XVIII e XIX. São Paulo: Ática, 1986.

BORGES, Célia Maia. **Escravos e libertos nas Irmandades do Rosário**: devoção e solidariedade em Minas Gerais - séculos XVIII e XIX. Juiz de Fora: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2005.

BRUSADIN, Lia Sipaúba Proença. **O Programa Imagético da Paixão de Cristo das Ordens Terceiras do Carmo:** contraponto entre a história, iconografia, materiais e técnicas de esculturas devocionais dos séculos XVII - XIX no Brasil. Tese de (Doutorado em Artes). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2019.

BURTON, Richard. **Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho.** São Paulo: Editora Itatiaia/ Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. “Aspectos da Semana Santa através do estudo das Irmandades do Santíssimo Sacramento: cultura artística e solenidades (Minas Gerais séculos XVIII-XX)”. In: **Revista Barroco,** nª 19. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. **A terceira devoção do Setecentos mineiro:** o culto a São Miguel e Almas. Tese de (Doutorado em História). Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, 1994.

CAMPOS, Adalgisa Arantes dos. Mecenato leigo e diocesano nas Minas Setecentistas. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos. **As Minas setecentistas**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2007.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. “Piedade Barroca, obras artísticas e armações efêmeras: as irmandades do Senhor dos Passos em Minas Gerais”. In: **Anais do VI colóquio luso-brasileiro de História da Arte.** Rio de Janeiro. CBHA/PUC-Rio/UERJ/UFRJ, 2004. ISBN 8587145-12-6. v. 1.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. **Roteiro Sagrado:** monumentos religiosos de Ouro Preto. Belo Horizonte: Tratos Culturais/Editora Francisco Inácio Peixoto, 2000.

CARVALHO, Marília de Fátima Dutra de Ávila. **Comarca do Rio das Mortes em Minas Gerais:** expansão urbana nos séculos XVIII e XIX. (Tese de doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

CATALDI, Giancarlo; MAFFEI, Gian Luigi; VACCARO, Paolo. Saverio Muratori e a escola Italiana de tipologia projetual. In: **Revista de Morfologia Urbana**, nº 1, vol. 2 2017, p. 25-36. DOI: 10.47235/rmu.v2i1.30.
Disponível em: https://revistademorfologiaurbana.org/index.php/rmu/article/view/30 Acesso em: 8 mar. 2024.

CASTRIOTA, Leonardo Barci Castriota (org.). **Casa de Câmara e Cadeia de Mariana:** a recuperação de um patrimônio nacional. Belo Horizonte: Editora IEDS, 2012.

COELHO, Beatriz Ramos de Vasconcelos. Francisco Vieira Servas: Análise de seus retábulos. In: **Revista Imagem Brasileira,** nº 12. Belo Horizonte: Centro de Estudos da Imaginária Brasileira. 2022, p. 18-29.

COELHO, Beatriz. **Devoção e Arte:** imaginária religiosa em Minas Gerais. - 2. ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

COELHO, Beatriz Ramos de Vasconcelos; QUITES, Maria Regina Emery. **Estudo da escultura devocional em madeira**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014.

CORREIA, Jorge. Morfologia e Patrimônio Urbano: cidade colonial portuguesa versus cidade tradicional islâmica. **Curso de extensão do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Maringá**. Maringá, fev. 2020.

COSTA, Staël de Alvarenga Pereira; NETTO, Maria Manoela Gimmler. **Fundamentos de Morfologia Urbana.** Belo Horizonte: C/Arte, 2017.

PEREIRA COSTA, Staël de Alvarenga; GIMMLER NETTO, Maria Manoela. A teoria da Morfogênese e da estrutura das paisagens urbanas históricas, aplicada na cidade de Ouro Preto – MG. In: PEREIRA COSTA, Stael de Alvarenga. Fundamentos de Morfologia Urbana. Belo Horizonte: Conarte, 2015.

COSTA, Staël de Alvarenga Pereira; NETTO, Maria Manoela Gimmler. Fundamentos de Morfologia Urbana. In: **PNUM 2016:** *Urban Morphology in Portuguese Speaking Countries*. Os Espaços da Morfologia Urbana. Guimarães, Portugal: Universidade do Minho, 2016, p. 307-317. v.1.

COSTA, Staël de Alvarenga Pereira; NETTO, Maria Manoela Gimmler. SAFE, Simone. Aplicações de conceitos da Escola Italiana de Morfologia Urbana em cidades brasileiras planejadas e multi diferenciadas. In: ***Urban Forms:*** Diferentes abordagens em morfologia urbana: Contributos luso-brasileiros. Porto, Portugal: 2018, p. 41-64. ISBN 978-989-20-8164-9.

COSTA, Staël de Alvarenga Pereira; TEIXEIRA, Maria Cristina Villefort.; SALGADO, Marina; NETTO, Maria Manoela Gimmler. A investigação da forma urbana em Minas Gerais, Brasil. In: **Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana,** vol. 12. Brasil, 2020, p.1-15. e20200095. https://doi.org/10.1590/2175-3369.012.e20200095

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana.** Tradução de Isabel Correa e Carlos Macedo CORREIA (a partir da edição de 1983). Lisboa, Portugal: Editora Edições 70, LDA, 2018. - (Arquitetura & Urbanismo; 1)

CRUZ, Luiz Antônio da; BOAVENTURA, Maria José (org). **Glossário do Patrimônio de Tiradentes - MG.** Tiradentes: Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes - Minas Gerais, 2015.

CRUZ, Luiz Antônio da. **Os tetos pintados e as pinturas ornamentais de São José**: contexto histórico e artístico entre os séculos XVIII e XIX. Tese de (Doutorado em Arquitetura). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2021. v. 2.

CRUZ, Luiz Antônio da. In: **Publicações sobre o Patrimônio cultural e ambiental de Tiradentes e região -** abordando o patrimônio material e imaterial. Tiradentes, 2022. Disponível em: https://luizcruztiradentes.blogspot.com/2022/06/blog-post_18.html
Acessado em: 02/08/2022.

DANGELO, André Guilherme Dornelles; BRASILEIRO, Vanessa Borges; ARAÚJO, Carlos Magno de (org.). **Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar de São João del-Rei - 300 anos**. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura, Laboratório Interpretar Arquitetura (LIA), 2023.

DANGELO, André Guilherme Dornelles; BRASILEIRO, Vanessa Borges; DANGELO, Jota. **Memória Arquitetônica da cidade de São João del-Rei - 300 anos.** Belo Horizonte: Estúdio 43 - Artes e Projetos, 2014.

DEBRET, Jean Baptiste. **Viagens Pitorescas ao Brasil.** Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo, vol. 3, 1978.

DELSON, Roberta Marx. **Novas vilas para o Brasil-Colônia**: planejamento espacial e social no século XVIII. Brasília: Alva - CIORD, 1979.

DE OLIVEIRA, Eduardo Pires. Entre Douro e Minho e Minas Gerais no século XVIII. In: **Relações Artísticas.** Minho, Portugal, 2008, p. 5.
Disponível em: <http://www.museu-emigrantes.org/Minas-Minho.pdf>. Acesso em: 08/10/2023.

FIGUEIREDO, Lucas. **Boa Ventura! A corrida do ouro no Brasil (1697-1810):** a cobiça que forjou um país, sustentou Portugal e inflamou o mundo. Rio de Janeiro: Record, 2011.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. Religiosidade e suas manifestações no espaço urbano de Salvador. In: **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material.** São Paulo,

2014. Link:https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142014000200007

FONSECA, Cláudia Damasceno. **Mariana: gênese e transformação de uma paisagem cultural**. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana - Instituto de Geociências). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995.

FONSECA, Cláudia Damasceno. O espaço urbano de Mariana: sua formação e suas representações. In: OLIVEIRA, Ronald Polito de (org.) **Termo de Mariana: história e documentação.** Ouro Preto: Editora da Universidade Federal de Ouro Preto, 1998, p. 27-66.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho (org.). **Visões do Rio de Janeiro Colonial**: antologia de textos, 1531 - 1800. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - J. Olympio, 1999.

FRANÇA, Tayami Fonseca. **Procissão e Paisagem na Semana Santa de Ouro Preto, MG, séculos XX e XXI.** Dissertação de (Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável - Escola de Arquitetura). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2023.

FRANÇA, Tayami Fonseca; SOUZA, Vanessa Taveira de. O Senhor dos Passos e as Nossa Senhoras da Dores: escultura protagonistas dos cortejos processionais da Semana Santa em Vila Rica. In: **Livro Escultura & Texto.** Belo Horizonte, 2022.

FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. A Pintura no Acervo do Museu de Arte da Bahia**.** In: **Anais do 28º Encontro Nacional da Associação de Pesquisadores em Artes Plásticas.** Goiás, 2019.
Link:http://anpap.org.br/anais/2019/PDF/ARTIGO/28encontro_____FREI
RE_Luiz_Alberto_Ribeiro%20_812-830.pdf

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1984.

GAIO SOBRINHO, Antônio. **Visita à colonial cidade de São João del Rei.** São João del Rei: Editora Funrei, 2001.

GAIO SOBRINHO, Antônio; ALVES, Elmo; FARNESE, Sérgio. **São João del-Rei e suas igrejas**: Anuário Musical. Tiradentes, MG: Xeroed Editora, 2010.

GÓMEZ, Juan Miguel González. *Iconografía Procesional de la Mater Dolorosa en la Sevilla Barroca.* In: **Revista Imagem Brasileira,** nº 07. Belo Horizonte: Centro de Estudos da Imaginária Brasileira, 2013, p. 119-134.

GUIMARÃES, Fábio Nelson. **Ruas de São João del-Rei:** Século XVIII – História Sumária. São João del-Rei: Editora do autor, 1996.

HENRIQUES, José Cláudio. **Bairro de Matosinhos:** berço da cidade de São João del Rei. São João del Rei: Universidade Federal de São João del-Rei, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1936.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Processo de tombamento nº 0066-T-38 Volume 1 "Conjunto Arquitetônico e Urbanístico da cidade de Tiradentes – Tiradentes – Minas Gerais"**. Rio de Janeiro: Arquivo Noronha Santos, 1938.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Processo de tombamento nº 0068-T-38 Volume 1, 2 e 3 "Conjunto Arquitetônico e Urbanístico da cidade de São João del-Rei – São João del-Rei – Minas Gerais"**. Rio de Janeiro: Arquivo Noronha Santos, 1938.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Processo de tombamento nº 0068-T-38 Anexo 1 "Rerratificação do Conjunto Arquitetônico e Urbanístico da cidade de São João del-Rei – São João del-Rei – Minas Gerais"**. Rio de Janeiro: Arquivo Noronha Santos, 1947.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Processo de tombamento nº 0069-T-38 Volume 1 e 2 "Conjunto Arquitetônico e Urbanístico da cidade de Mariana – Mariana – Minas Gerais"**. Rio de Janeiro: Arquivo Noronha Santos, 1938.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Processo de tombamento nº 0069-T-38 Apenso 1 "Conjunto Arquitetônico e Urbanístico da cidade de Mariana – Mariana – Minas Gerais"**. Rio de Janeiro: Arquivo Noronha Santos, 1938.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Processo de tombamento nº 0070-T-38 Volume 1 e 2 "Conjunto Arquitetônico e Urbanístico da cidade de Ouro Preto – Ouro Preto – Minas Gerais"**. Rio de Janeiro: Arquivo Noronha Santos, 1938.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Inventário nacional de bens móveis e integrados de Ouro Preto**. Ouro Preto: Arquivo Escritório Técnico de Ouro Preto, 1974.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Inventário nacional de bens móveis e integrados de Mariana**. Mariana: Arquivo Escritório Técnico de Mariana, 1988.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Inventário nacional de bens móveis e integrados de São João del-Rei**. São João del-Rei: Arquivo Escritório Técnico de São João del-Rei, 1994.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Inventário nacional de bens móveis e integrados de Tiradentes**. Tiradentes: Arquivo Escritório Técnico de Tiradentes, 1997.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Pastas correntes Passos 1980-2018.** São João del Rei: Arquivo Escritório Técnico de São João del-Rei, 2018.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Pastas correntes Passos 1980-2018.** Tiradentes: Arquivo do Escritório Técnico de Tiradentes, 2018.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Pastas correntes Passos 1970-2021.** Ouro Preto: Arquivo do Escritório Técnico de Ouro Preto, 2021.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Portaria nº 320, de 20 de outubro de 2010.** *Dispõe sobre os critérios para a preservação do Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de Ouro Preto em Minas Gerais e regulamenta as intervenções nessa área protegida em nível federal*. Disponível em: Legislação - IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Acesso em: 02/04/2023.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Lista de bens tombados processos em andamento de 1938-2018**. Disponível em: http://portal.IPHAN.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Lista_bens_tombados_processos_andamento_2018. Acesso em: 15/04/2023.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Projeto Piloto Tiradentes.** Rio de Janeiro: Iphan 2005. (Cidades históricas; inventário e pesquisa)

JOÃO. Evangelho segundo São João. **Bíblia Sagrada.** Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

ETOP-IPHAN/MG. Escritório Técnico de Ouro Preto do IPHAN em Minas Gerais. **Jornal do Brasil,** nº 14. 1º caderno - sábado, 22 de mar. 1986. Ouro Preto, 1986.

JUSTINIANO, Fátima Auxiliadora de Souza. **As imagens da paixão de Cristo da procissão do triunfo, das veneráveis Ordens Terceiras de Nossa Senhora do Carmo no Brasil e seus antecedentes portugueses.** Tese (Doutorado em História). Lisboa, Portugal: Universidade de Lisboa, 2016. 2 v.

LABORATÓRIO DA PAISAGEM (LAP). **A sincronicidade nas escolas de Morfologia Urbana e os seus paradigmas sociais.** Relatório de pesquisa financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Escola de Arquitetura, 2013.

LABORATÓRIO DA PAISAGEM (LAP). **Os elementos tipo-morfológicos dos sistemas de espaços livres do município de Belo Horizonte.** Relatório de pesquisa financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura, Belo Horizonte, 2011.

LACERDA, Dom José Maria de Almeida Araújo Correia de. **Esboceto Histórico:** da Veneranda Imagem do Senhor Jesus dos Passos da Graça e Templo da mesma Invocação, 1984. Lisboa, Portugal: Reedição para Ourivesaria Portuguesa, 2014.

LUCAS. Evangelho segundo São Lucas**. Bíblia Sagrada.** Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. **As Capitanias das Minas Gerais.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1943.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. **As primeiras Vilas do Ouro.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1962.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. **História de Nossa Senhora em Minas Gerais.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1956.

LISBOA, Karen Macknow. Viajantes veem as festas oitocentistas. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Íris (org.). **Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa.** São Paulo: Hucltec; Edusp: FAPESP; Imprensa Oficial, 2001. 2 v.

LUZ, Gabriela Carvalho. **Um corpo para a ausência**: inventário das imagens de vestir no Rio Grande do Sul. Dissertação de (Mestrado em Artes Visuais). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2021. 2 v.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** Tradução de Jefferson Luiz Camargo. - 3ª. ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018. - (Coleções cidades)

MARCOS. Evangelho segundo São Marcos. **Bíblia Sagrada.** Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

MAS-SJDR. **Piedosas e solenes tradições de nossa terra**: Novenas, Tríduo, Setenário, Quinquena e Meses. São João del-Rei, MG: SEGRAC, vol. 2 1997.

MAS-SJDR. **Piedosas e solenes tradições de nossa terra**: Quaresma e Semana Santa em São João del Rei. Santo André, SP: Ipsis Gráfica, vol. 1, 2018.

MAS-SJDR. **Piedosas e solenes tradições de nossa terra**: Quaresma e Semana Santa em São João del Rei. Santo André, SP: Ipsis Gráfica, vol. 2, 2018.

MATEUS. Evangelho segundo São Mateus. **Bíblia Sagrada.** Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

MENEZES, Furtado de. Igrejas e Irmandades de Ouro Preto (A religião em Ouro Preto). In: **Publicação, nº 1** do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA/MG). Belo Horizonte, 1975.

MENEZES, Ivo Porto de. Documentação referente a Minas Gerais existentes nos arquivos portugueses. In: **Revista do Arquivo Público Mineiro.** Belo Horizonte, 1975, 1975, p. 301.

NETTO, Maria Manoela Gimmler. **A Paisagem de Ouro Preto.** Dissertação de (Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável - Escola de Arquitetura). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

NETTO, Maria Manoela Gimmler; SALGADO, Marina; SOUZA, Gisela Barcellos de; TEIXEIRA, Maria Cristina Villefort; COSTA, Staël de Alvarenga Pereira (org.). **Morfologia Urbana de Tiradentes/MG.** Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável - Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, 2023.

MOUDON, Anne Vernez. Morfologia urbana como um campo interdisciplinar emergente. In: **Revista de Morfologia Urbana,** nº 1, vol. 3. Portugal: Porto, 2017, p. 41-49. DOI: 10.47235/rmu.v3i1.16.
Disponível em: https://revistademorfologiaurbana.org/index.php/rmu/article/view/16 Acesso em: 8 mar. 2024.

OLIVEIRA, Benedito Tadeu de; CARVALHO, Fernanda Trindade. A história do edifício e sua inserção. In: CASTRIOTA, Leonardo Barci Castriota (org.). **Casa de Câmara e Cadeia de Mariana:** a recuperação de um patrimônio nacional. Belo Horizonte: Editora IEDS, 2012, p.71-134.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. Imagens Processionais na Semana Santa de Sevilha. In: **Boletim do CEIB,** nº 28, vol. 8. Belo Horizonte: Centro de Estudos da Imaginária Brasileira, 2004, p. 1-2.
Disponível em:<https://www.eba.ufmg.br/boletimceib/index.php/boletimdoceib/article/view/37/32>. Acessado em:19 de mai. 2024.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. **Os Passos de Congonhas e suas restaurações.** Brasília, Distrito Federal: IPHAN, 2011. - (Grande Obras e Intervenções; 5).

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; CAMPOS, Adalgisa Arantes. **Barroco e Rococó nas Igrejas de Ouro Preto e Mariana**. Brasília, Distrito Federal: IPHAN/Programa Monumenta, 2010. - (Roteiro do Patrimônio; 10). 2 v.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues. **Barroco e Rococó nas Igrejas de São João del-Rei e Tiradentes**. Brasília, Distrito Federal: IPHAN/Programa Monumenta, 2010. - (Roteiro do Patrimônio; 8). 2 v.

OLIVEIRA, Vítor. **Morfologia Urbana:** Uma Introdução ao Estudo da Forma Física das Cidades. Tradução de Juliana Vermelho Martins. Curitiba: PUCPRESS, 2022.

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO PILAR. **Programa**: Comemorações dos Passos. São João del-Rei, 2019.

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO PILAR E PARÓQUIA DE NOSSA CONCEIÇÃO. **Programa:** Solenidades da Semana Santa. Ouro Preto, 2022.

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO, PARÓQUIA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS E PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA APARECIDA. **Programa:** Solenidades da Semana Santa. Mariana, 2022.

PARÓQUIA DE SANTO ANTÔNIO. **Programa**: Comemorações em honra ao Senhor Bom Jesus dos Passos. Tiradentes. 2023.

PEDROSA, Aziz José de Oliveira. **A produção da talha joanina na Capitania de Minas Gerais**: retábulos, entalhadores e oficinas. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.

PENTEADO, Pedro. Peregrinações e santuários. In: AZEVEDO, Carlos Moreira (ed.). **História religiosa de Portugal.** Rio de Moura, Portugal: Círculo de Leitores, 2000.

PEREZ, Léa Freitas. **Festa, religião e cidade:** corpo e alma do Brasil. Porto Alegre, Medianiz, 2011.

PEREZ, Léa Freitas (coord.); BELONE, Ana Paula Lessa; MARTINS, Marcos da Costa; GOMES, Rafael Barros (org.). **Festas e viajantes em Minas Gerais no século XIX**: compêndio de citações. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.

POHL, Johann Emanuel. **Viagem ao Interior do Brasil.** São Paulo: Editora Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

QUITES, Maria Regina Emery. **Esculturas devocionais**: reflexões sobre critérios de conservação-restauração. Belo Horizonte: São Jerônimo, 2019.

QUITES, Maria Regina Emery. **Imagem de vestir**: revisão de conceitos através de estudo comparativo entre as Ordens Terceiras Franciscanas no Brasil**.** Tese de (Doutorado em Artes). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2006.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil (1500-1720).** Editora: Universidade de São Paulo. São Paulo, 1968.

RESENDE, João Pedro; VIEGAS, Júnior; BARBOSA, Marco Luan Cosme; LOMBARDI, Olívia. **Exposição ADORAMUS TE CHRISTE** - 290 anos da Fundação da Venerável Irmandade dos Senhor Bom Jesus - Museu de Arte Sacra. São João del-Rei, 2023.

ROBIN, Alena. *Domingo ferral y el Via-crúcis de la ciudad de México*. In: **Anais do IV Congresso Internacional do Barroco Ibero-americano**, 2008, p. 1287-1302.

ROBIN, Alena. *The Passion of Christ according to José de Alcíbar Via Spiritus*. In: **Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso -** CITCEM**,** nº 17, 2010, p. 197-228

ROBIN, Alena. *Vía Crucis y series pasionarias en los virreinatos latinoamericanos*. In: **Revista Goya,** nº 339, 2012, p. 130-145.

RUSSEL-WOOD, Anthony John. **Escravos e libertos no Brasil colonial.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagens às nascentes do Rio São Francisco.** Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2004a.

SALES, Fritz Teixeira de. **Vila Rica do Pilar.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1965.

SALES, Fritz Teixeira de. **Associações religiosas no ciclo do ouro.** Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Estudos Mineiros, 1965. - (Coleção Estudos 1)

SALGADO, Marina. **Ouro Preto Paisagem em transformação.** Curitiba: Editora CRV, 2013.

SALGADO, Marina. **Ouro Preto: paisagem em transformação.** Dissertação de (Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável - Escola de Arquitetura) Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. Manoel Victor de Jesus: Pintor Mineiro do Ciclo Rococó. In: **Revista Barroco,** nº 12. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1982.

SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. **1828-2008 – Manoel Victor de Jesus** – 180 anos de morte. Tiradentes: Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes, 2008.

SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. **A matriz de Santo Antônio em Tiradentes.** Brasília, Distrito Federal: Iphan/Programa Monumenta, 2010. - (Grandes Obras e Intervenções; 4)

SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. **Tiradentes: monumentos preservados.** Tiradentes, Minas Gerais. Tiradentes: Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes, 2015.

SCARANO, Julita. **Devoção e escravidão:** A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no século XVIII. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1976. - (Coleção Brasiliana)

SCHENONE, Héctor. ***Iconografia del Arte Colonial:*** *Jesus Cristo*. Buenos Aires, Argentina: Fundacion Tarea, 1998.

SILVA, Kellen Cristina. **A Mercês Crioula**: estudo iconológico da pintura de forro da Igreja da Irmandade de Nossa Senhora das Mercês dos Pretos Crioulos de São João del Rei (1793-1824). Dissertação de (Mestrado em História). Universidade Federal de São João del Rei. São João del-Rei, 2012.

SILVA, Kellen Cristina. **O caminho das Flores:** Estudo iconológico sobre a “Escola de Artes do Rio das Mortes” e o modelo intencional de encomenda - Minas Gerais (c.1785-c.1841). Tese de (Doutorado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SILVA, Leonardo Dantas. **500 anos de fé:** a música das procissões. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 2002.

SOUZA, Vanessa Taveira de. **Passos de Rua:** cenários religiosos urbanos em Tiradentes e São João dei-Rei (MG). Dissertação de (Mestrado em Artes). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

SOUZA, Vanessa Taveira de. **Os Passos da Paixão de Cristo em Tiradentes, Minas Gerais - Brasil.** Tiradentes: Mandala Produções, 2021.

TRINDADE, Cônego Raimundo. **Instituição de Igrejas no Bispado de Mariana.** Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1945. - (Publicação nº 13 IPHAN)

VASCONCELOS, Diogo de. **História Antiga das Minas Gerais.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

VASCONCELOS, Diogo de. **História Média de Minas Gerais.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

VASCONCELLOS, Salomão de. **Mariana e seus Templos (era colonial) 1703-1797.** Belo Horizonte: Editora Graphica Queiroz Breyner Ltda, 1938.

VASCONCELLOS, Salomão de. **Breviário Histórico e Turístico.** Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1947.

VASCONCELLOS, Sylvio de, 1916-1979. **Vila Rica/Sylvio de Vasconcellos.** – 2.ed. – São Paulo: Perspectiva, 2011. - (Debates;100)

XAVIER, Tatiana Paiva. Entre a preservação e o progresso: o palimpsesto urbano na formação da paisagem de São João del-Rei/MG. Dissertação de (Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável - Escola de Arquitetura). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2018.

WEBSTER, Susan Verdi. *Image and Audience HolyWeek Processional Tableaux in Golden-age; Spain*. In: ***STRUGGLE FOR SYNTESIS:*** a obra de arte total nos séculos XVII e XVIII; the total work of art in the 17th and 18th centurie. Lisboa, Portugal: Simpósio Internacional, Actas, 1999, p. 557-569. 2 v.

WHITEHAND, Jeremy. Morfologia urbana Britânica: a tradição Conzeniana. In: **Revista de Morfologia Urbana,** nº 1, vol. 1, p. 45-52, 2017. DOI: 10.47235/rmu.v1i1.34.
Disponível em: https://revistademorfologiaurbana.org/index.php/rmu/article/view/34 Acesso em: 8 mar. 2024.

BREVE GLOSSÁRIO DE TERMOS ELEMENTARES

A

ABÓBODA
Cobertura em forma de arco usada para cobrir espaço compreendidos entre muros, pilares ou colunas.

ADRO
Pátio, à frente ou no entorno das igrejas, geralmente cercado por muros baixos.

ALEGORIA
Conjuntos de formas representativas de um ou mais sentidos e significados simbólicos.

ALFAIAS
Conjunto de paramentos e pratarias de igrejas.

ALFERES
Oficial militar de primeiro posto entre os superiores. Cargo da tropa de linha, entre os auxiliares e as ordenanças.

ALTAR-COLATERAL
Altar que se encontra em dos ângulos da nave da igreja.

ALTAR LATERAL
Altar ou retábulo situado ao longo da nave da igreja.

ALTAR-MOR
Altar ou retábulo principal de uma igreja ou capela situado ao fundo da capela-mor para homenagear o Padroeiro.

ANDOR
Andor é um suporte com varas de segurar, em geral ornamentado, no qual se transportam imagens nas procissões.

ARCO
Elemento de construção em forma de curva para ligar vãos entre colunas, pilares ou pilastras.

ARCO-CRUZEIRO
Arco que separa a capela-mor da nave da igreja.

ARREMATE
Peça que finaliza algum elemento ou etapa da construção.

ARRUAMENTO
Disposição ou organização das ruas e das edificações situadas ao longo das mesmas.

ATRIBUTO
Símbolo, insígnia ou qualquer elemento que, numa escultura, pintura ou gravura, servem para identificar determinado santo.

ÁTRIO
Entrada ou vestíbulo de uma igreja.

AUTO DE ARREMATAÇÃO
Documento de Contrato com as condições para execução e obras de construção ou ornamentação, inclusive com a remuneração correspondente.

B
BALDAQUIM/BALDAQUINO
Tipo de dossel em alvenaria ou talha sustentado por colunas ou pendentes junto às paredes, usado como proteção superior, em alguns retábulos, altares ou tronos. O mesmo que sanefa ou guarda-pó.

BANDEIRA
1.Folha ou caixilho, na parte superior de porta ou janela, geralmente fixa, de madeira ou envidraçado. 2.Estandarte usado pelas irmandades religiosas com os santos padroeiros. 3.Iniciativa de particulares que, no final do século XVII, saiam em expedições à procura de metais preciosos e índios para escravizar. Seus membros ficaram conhecidos como bandeirantes.

BARRETE DE CLÉRIGO
Abóbada formada por quatro triângulos em curva que se encontram em um ponto central.

BARROCO
O estilo barroco floresceu na Europa durante o século XVII, correspondendo historicamente a à ação contra-reformista da Igreja Católica e também à expansão colonizadora de Portugal e Espanha. Foi por essa mesma época introduzido no litoral brasileiro, marcando com suas formas o programa arquitetônico e ornamental de igrejas e conventos. Em Minas Gerais, o estilo vigorou praticamente durante o século XVIII, em cujo final viria a ocorrer o advento do rococó (altares de 1760/1770) na capitania.

BARROCO EM MINAS GERAIS (CARACTERÍSTICAS)
O barroco em Minas Gerais, obedecendo as linhas gerais do estilo, se caracterizou:
a)pela exuberância do elementos ornamental na decoração interior das igrejas;
b)pelo uso intenso da talha policromada, com predominância do revestimento em ouro;
c)pela gradativa tendência à movimentação e ao encurvamento das formas arquitetônicas, primeiro na arquitetura interna das igrejas, depois na própria arquitetura externa;
d)pela presença de elementos ornamentais profanos, ao lado de elementos de simbologia religiosa.

BEIRAL
Parte do telhado projetada sobre as paredes exteriores de um edifício, para protegê-lo das águas de chuva afastando a umidade das paredes.

BEIRASSEVEIRA/BEIRASSOBEIRA/BEIRA-SEVEIRA
Beiral constituído por camadas de telhas, que, embutidas na alvenaria das paredes que se projetam sucessivamente.

C
CADEIA
Local onde os prisioneiros cumpriam suas penas depois de julgamento.

CADEIRAL
Série de caldeiras, ligadas ou não entre si, geralmente de espaldar alto e encostadas a uma parede, de uso em coros e consistório de igrejas ou conventos.

CAMINHO TRONCO
Eixo de desenvolvimento urbano dos assentamentos coloniais a partir da passagem dos tropeiros.

CÂMARA
Órgão que zelava pela administração das cidades e vilas do século XVIII ou XIX. Era responsável por executar obras públicas e algumas celebrações religiosas.

CANTARIA
Obra de pedra aparelhada usada nos elementos nobres das construções antigas.

CAPELA
1.Construção religiosa de pequeno porte sem torres ou com apenas uma. 2. Templos que não tem função de igrejas matrizes. 3. Recinto de uma igreja onde há uma altar particular.

CAPELA-MOR
Capela principal onde fica o altar-mor de uma igreja.

CARTELA
Superfície lisa, geralmente à imitação de um pergaminho e colocado no meio de um friso ou um pedestal para se gravar uma inscrição ou para o ornato.

CASA DE CÂMARA
Entidade da administração pública municipal com funções legislativas e fiscalizadoras implantada durante o período colonial pela Coroa Portuguesa.

CASTIÇAL
Peça com abertura na parte superior para a sustentação de velas e iluminação, de igrejas ou recintos.

CHAFARIZ
Construção que apresenta uma ou mais bicas por onde corre água potável.

CHANFRO
Quina de esquadrias de madeira ou metal ou de arquiteturas.

CIMALHA
Arremate superior da parede no encontro entre o plano do forro ou do beiral.

COMPROMISSO
Estatuto que regia determinada irmandade e contava de objetivos e diretrizes a serem cumpridos.

CONFRARIA
Associação religiosa formada por leigos para se dedicar a cultos públicos.

CONSISTÓRIO
Sala localizada geralmente na parte posterior das igrejas, no piso superior, acima da sacristia, onde se reuniam os religiosos.

CORUCHÉUS
Pináculo ornamental geralmente de pedra ou argamassa que coroa fachadas, torres ou frontões das edificações. O mesmo que pináculo.

COTEJAR
Cotejar seria analisar (algo), confrontando-o com outra coisa, a partir de uma nota; confrontar.

CRAVO
Espécie de prego forjado em ferro para prender peças de madeira e ferragens nas estruturas de madeira.

CRUZ
Elemento simbólico dos mais antigos, usados em diversas religiões, principalmente a católica, e em algumas identificam as igrejas.

CRUZ PROCESSIONAL
Cruz usada para abertura de cortejos e procissões religiosas.

D
DATA
Designação de área de terra legalmente demarcada pela Coroa Portuguesa a indivíduos interessados em exploração minerária, equivalente a 66 m². Para receber uma data inteira, o proprietário deveria ter 12 escravos e a cada um destes cabia 5,5 m² a minerar.

DECRETO LEI 25
Decreto-lei que organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional.

DEMOLIÇÃO
Ato de derrubar, desmantelar, deitar por terra uma construção ou parte dela.

DOSSEL
Armação entalhada em madeira, com bordas franjadas, em forma de um pequeno teto integrado ao camarim ou tribuna do trono de um retábulo. O dossel também é chamado de sobrecéu formado por baldaquim e sanefa.

DOURAMENTO
Processo de revestimento em ouro, de peças ornamentais, retábulos, imaginária e outros.

E
ECLÉTICO
Movimento artístico e arquitetônico que buscava interpretar e copiar modelos anteriores, criando novas linguagens. Predominou desde meados do século XIX até as primeiras décadas do século XX.

EFÊMERO
Termo associado ao Barroco por ter como estilo, caráter passageiro, transitório, fugaz, de curta duração. Foi aplicada à arquitetura dita efêmera, muito usada em celebrações e exéquias.

EMBASAMENTO
Parte inferior de um edifício ou coluna destinada à sustentação; alicerce.

EMBOABAS
Conflito ocorrido de 1707 a 1709, entre bandeirantes paulistas que descobriram o ouro nas Minas e portugueses que queriam explorá-lo. A vitória dos portugueses foi garantida pelo apoio dos fluminenses e nordestinos no final do conflito.

ENTABLAMENTO
Parte de edifícios acima das pilastras ou das colunas. Compreende a arquitrave, o friso e a cornija.

ENTORNO
1.Área circundante de uma edificação. 2. Conjunto de todos os elementos que fazem parte do espaço e da paisagem em que a construção está inserida.

EPÍSTOLA (Lado da)
Lado direito do interior da igreja, visto da entrada principal em direção ao altar-mor.

ESTANDARTE
Tipo de bandeira enfeitada levada em procissão, cortejo e pelas tropas.

ESTILO
Conjunto de qualidades características de uma obra, um autor ou época.

EVANGELHO (Lado da)
Lado esquerdo do interior da igreja, visto da entrada principal em direção ao altar-mor.

F

FILÃO
Jazida de rochas ou metais.

FLORAIS
Ornamentos em madeira ou pintura com motivos florais, entre eles, margaridas, rosas, girassóis, camélias e outros. Podem aparecer isolados ou em guirlandas nos retábulos, arco-cruzeiros, portadas.

FLORÃO
Ornamento feito em feitio de flor que aparece geralmente em teto, abóbada ou coroamento de retábulo.

FOLHA DE OURO
Lâmina fina de ouro utilizada para ornar elementos arquitetônicos e imagens sacras.

FOLHAGEM
Representação de folhas em pintura ou escultura empregada na ornamentação de edificações coloniais.

FORRAS
Alforriadas, livres.

FORRO
Teto ou revestimento interno da parte superior dos cômodos de uma construção.

FRADE
1.Designação dada a um católico consagrado que pertence a uma ordem religiosa. 2.Pedra colocada na vertical com uma coluna para proteger quinas de paredes e/ou impedir a entrada de veículos em ruelas e becos.

FRISO
Ornato em forma de friso; faixa estreita decorada que arremata as paredes, colunas, pilastras e forros.

FRONTÃO
Elemento usado para decorar a parte central da fachada de uma igreja, quase sempre trabalhado, encimado por uma cruz e de forma triangular. Costuma-se falar também em frontão com relação ao coroamento de outros edifícios ou remate do retábulo, portas e janelas; empena.

FUSTE
Parte vertical da coluna, entre o capitel e a base.

G

GAMELA
Forro em forma de gamela formado por quatro painéis inclinados e um horizontal retangular.

GRADIL
Armação de ferro ou outro material, em forma de grade, para vedação ou proteção.

I
ILHARGAS
Peças frontais de esteio de um retábulo, arco-cruzeiro, etc, que aparecem lateralmente em relação ao vão central. Equivaleriam à ombreira dos outros vãos.

IMAGINÁRIA
1.Arte de esculpir ou entalhar imagens religiosas.
2.Conjunto de imagens do acervo dessa espécie de um determinado museu, igreja ou artista.

INCENSO
Do latim, *incendere*, queimar. É composto por materiais aromáticos que, quando queimados, liberam fumaça perfumada. É usado em cerimônias religiosas, rituais de purificação, aromaterapias, meditação, para criar um estado de espírito, é para mascarar algum mau odor. O uso do incenso vem do Antigo Egito, onde as resinas de goma e oleosas de árvores aromáticas foram importadas das costas da Arábia e Somália para serem usadas em cerimônias religiosas. Nos rituais da Igreja Católica, é empregado em missas solenes.

IRMANDADES
Associações e confrarias formadas por leigos católicos que promoviam a devoção de um santo, ajudavam seus membros e a comunidade, agindo independentes do poder do clero e algumas se dividiam em categorias sociais e raciais. Desempenharam papel importante no período colonial, tornando-se pontos de apoio para os centros urbanos que surgiram. Na ausência de Estado, supriam as necessidades, amenizando muitos conflitos e assumindo pela Coroa o apoio necessário à população. Do ponto de vista religioso, estas instituições atuaram como financiadoras de templos e ofícios e intensificaram sua organização, com construções ricas e suntuosas, que se tornaram importante patrimônio em nosso estado.

L
LAMBREQUIM
Ornato de recortes de madeira ou de lâmina metálica para beirais de telhados ou que pendem em trabalho de talha recortada em baldaquins, sanefas ou dosséis de retábulos, também chamados de sinhaninhas. Seu uso para beirais foi introduzido em Minas, provavelmente, na segunda metade do século XIX.

LARGO
1.Logradouro que compreende um espaço público ou privado, alargado ou acantonado numa rua.
2.Espaço de acesso aberto, cuja formação se dá pela confluência de duas ou mais via.

LOUVAÇÃO
Parecer ou laudo expedido pelo louvado designado para avaliação de determinada obra.

LOUVADO
Pessoa designada, por autoridades ou partes contratantes, para examinar e avaliar o exato cumprimento das condições estipuladas para uma obra de construção ou trabalho similar e a respectiva execução. No período colonial mineiro, os louvados eram sempre escolhidos entre os mestres ou oficiais especializados no ramo relativo à obra em exame.

M
MANIFESTAÇÕES
Expressões de um grupo de pessoas que se reúne para demonstrar publicamente uma opinião, reivindicação, ideia, sentimento ou um ato religioso.

MARMORIZADO/MARMOREADO
Nome dado às pinturas na madeira, nas paredes e na cantaria, que imitam mármore substituindo o uso de pedra.

MATRACA
Instrumento de percussão feito de armação de ferro e tábuas de madeira que se deslocam percutindo um rumor seco e persistente. É usado na Liturgia Católica para substituir o toque do sino durante a Quaresma.

MOTETO
Gênero musical presente em cerimônias religiosas e procissões.

N
NÁRTEX
Espécie de vestíbulo, que precede a nave de uma igreja, separadas por colunas, gradil ou parede.

NAVE
Parte interna da igreja, desde a entrada até a capela-mor. Denomina-se nave central quando esse espaço é subdividido por pilares, colunas ou arcos.

O
OPA
Vestimenta sem mangas, usada como capa por irmãos das confrarias e irmandades em funções litúrgicas.

ORNAMENTO
Do latim, *ornare*, quer dizer enfeitar, ornamentar, ornar. Elemento decorativo numa composição de arquitetura ou design. É encontrado em diversas formas em edifícios e lugares.

P

PÁLIO
1.Espécie de sobrecéu ou dossel portátil, sob o qual se conduz o Santíssimo Sacramento ou imagem do Senhor Morto. Era feito geralmente em seda e sustentado por quatro ou mais hastes em procissões fora da igreja.
2.Insígnia Episcopal usada ao redor do pescoço por arcebispos e papas como símbolos de poder e jurisdição.

PALMA
Ornamento em forma de palma; palmeta.

PANEJAMENTO
Roupagem de figuras pintadas ou esculpidas; relativo às dobras ou ondulações de suas vestes.

PARAMENTO
1.Face de uma parede, geralmente coberta, parcial ou inteiramente, de madeira ou outro material, com função impermeabilizante ou decorativa; lambris.
2. Veste litúrgica ou alfaia de uma igreja.

PÁROCO
Sacerdote encarregado da administração de uma paróquia.

PASSOS
Pequenas capelas que abrigam um altar com imagens ou pinturas representando as Estações da Paixão de Cristo. Diante delas o cortejo da Via Sacra para e a Orquestra entoa um cântico com letras apropriadas à Estação.

PAU A PIQUE
Tipo de vedação em que se reveste de argamassa de barro uma estrutura de grades de varas de madeiras, também chamado de barro de mão. O mesmo que taipa de sebe.

PELOURINHO
Coluna geralmente de pedra, erguida no largo principal de uma vila, junto a qual eram expostos ou açoitados ou criminosos, bem como divulgados os editais públicos ou abertas às arcas dos pelouros, ou seja, dos votos para escolha do Senado das Câmaras.

PLATIBANDA
Moldura de alvenaria, maciça ou vazada que arremata uma fachada para proteger e esconder as águas dos telhados.

POLICROMIA
Trabalho de revestimento em pintura ou douramento de talha e imagens que aparecem duas ou mais cores.

POVOAMENTO (Minas Gerais)
Ocupação de áreas pertencentes originalmente aos índios, estimulada pela descoberta do ouro na região que hoje é Minas Gerais.

PRAIA (Rua da)
Nome dado pelos portugueses às ruas que margeiam regatos, rios e ribeiros.

PRATEADO
1.Acabamento que se utiliza de folhas de prata.
2.Que recebeu banho de prata, cuja solução de sais de prata é fixada por corrente elétrica.

PROCISSÃO
Ato devocional em que pessoas caminham de modo formal ou cerimonial, de caráter penitencial ou festivo acompanhando o pálio sob o qual vai o sacerdote seguido de um andor com o santo ou padroeiro da festa.

Q

QUINTO
Imposto cobrado pela Coroa Portuguesa durante o século XVIII, sobre todo o ouro encontrado em suas colônias. Correspondia a 20%, ou seja, 1/5 (um quinto) do metal extraído que era registrado em certificados de recolhimento pelas casas de fundição.

R

RANCHO
1.Construção primitiva fabricada geralmente de pau a pique, e localizada distante da casa principal para abrigar trabalhadores da lavoura e da pecuária.
2. Parada de tropas.

RASOURA
Pequena procissão ao redor da igreja ou de um percurso limitado. Sua origem vem da *Amburbiale* em Roma, uma procissão que circundava uma praça com finalidade penitencial.

REGISTRO
Espécie de alfândega estabelecida à margem de vias fluviais e terrestres, administrada pela Coroa ou Contratadores para a contagem de chagas, escravos e gado e cobrança de impostos; contagem.

RELEVO
Qualquer trabalho de escultura ou talha mais ou menos saliente ou ressaltado da superfície natural de parede ou pano de retábulo, arco-cruzeiro, etc.

RESPLENDOR
Círculo com raios de metal, que representa a auréola na cabeça das imagens de santos ou em crucifixos; custódia.

RETÁBULO
Estrutura ornamental, em pedra ou talha de madeira, que se eleva na parte posterior do altar. As vezes chamado genericamente de altar.

RISCO
Desenho, prospecto ou plano de uma construção ou elemento ornamental.

ROCA (IMAGEM OU SANTO)
Imagem encontrada em muitas igrejas mineiras, constituída por estrutura geralmente em madeira, revestida de roupagem em tecido e deixando a descoberto algumas partes do corpo - cabeça, busto, braços, mãos ou meio corpo, com acabamento em policromia.

ROCALHA
Elemento ornamental derivado, inicialmente, do uso de pedrinhas e conchas na decoração de grutas artificiais e que se caracteriza pela imitação estilizada de rochas, conchas, grutas em volutas e formas de traçado assimétrico.

ROCOCÓ
Estilo ornamental surgido na França durante o reinado de Luís XV (1710-1774) e caracterizado pelo uso de curvas caprichosas, formas assimétricas e pela delicadeza dos elementos decorativos, como conchas estilizadas (*rocailles*), laços, flores e folhagens de elegância requintada. Predominou inicialmente na decoração de mobiliário e interiores de palácios, passando a ser francamente adotado na ornamentação de igrejas. A introdução do estilo rococó em Minas ocorreu entre 1760/1770, e nele se destacaram o Aleijadinho, na talha e Ataíde, na pintura.

S

SEBE
1.Cerca de estacas ou ripas entrelaçadas, para vedação de terreno.
2.Estrutura da mesma natureza, usada na construção de paredes de taipa. Ver os verbetes de taipa de sebe e pau-a-pique.

SACRISTIA
Dependência das igrejas para guardar paramentos e objetos do culto, onde os padres vestem os hábitos litúrgicos.

SANEFA
1.Peça saliente de proteção e ornato colocada ao alto do retábulo para cobrir o acabamento da cortina.
2.Tábua atravessada que prende uma série de outras tábuas dispostas em direção contrária usada em assoalhos. É o mesmo que baldaquim.

SANTOS
Figuras importantes na história do Cristianismo escolhidas por devoção para serem padroeiros de uma cidade ou titulares de igrejas e capelas, representados em pinturas, esculturas e gravuras.

SANTOS DO PAU OCO
1.Imagens de santos esculpidas em madeira ocas onde se podia esconder dinheiro, ouro, pedras preciosas e levá-las a salvo de fiscalização e assaltos.
2.Por ironia, diz-se do indivíduo falso, manhoso, hipócrita.

SANTEIRO
Escultor ou entalhador dedicado à confecção de imagens religiosas.

SETENÁRIO
Espaço de sete dias; festa religiosa com essa duração.

SINO
Instrumento de percussão, geralmente feito em bronze e na forma de um cone oco. Ressoa ao golpe do badalo, colocado no corpo do sino, ou de um malho separado, o martelo.

T

TAIPA
Parede feita de barro socado ou mole, misturado a outros materiais, que lhe emprestam maior plasticidade e resistência a exemplo de cal, areia, cascalho, fibras vegetais ou estrume animal.

TAIPA DE PILÃO
Sistema em que as paredes são maciças, constituídas apenas de barro socado. Podem ser incluídos em sua espessura reforços longitudinais de madeira. Ao barro, são misturados, frequentemente, estrume, fibras, vegetais e cascalho.

TAIPA DE SEBE
O mesmo que pau-a-pique ou ainda *barro de mão, taipa de mão, taipa de pescoção, taipa de sopapo.*

TAIPAL
Cada uma das tábuas, entre as quais se calca o barro, na construção de uma parede em taipa de pilão.

TALHA
1.Trabalho manual feito geralmente em madeira, em alto ou baixo relevo.
2.Conjunto de obras de talha de uma época, região, igreja ou autor.

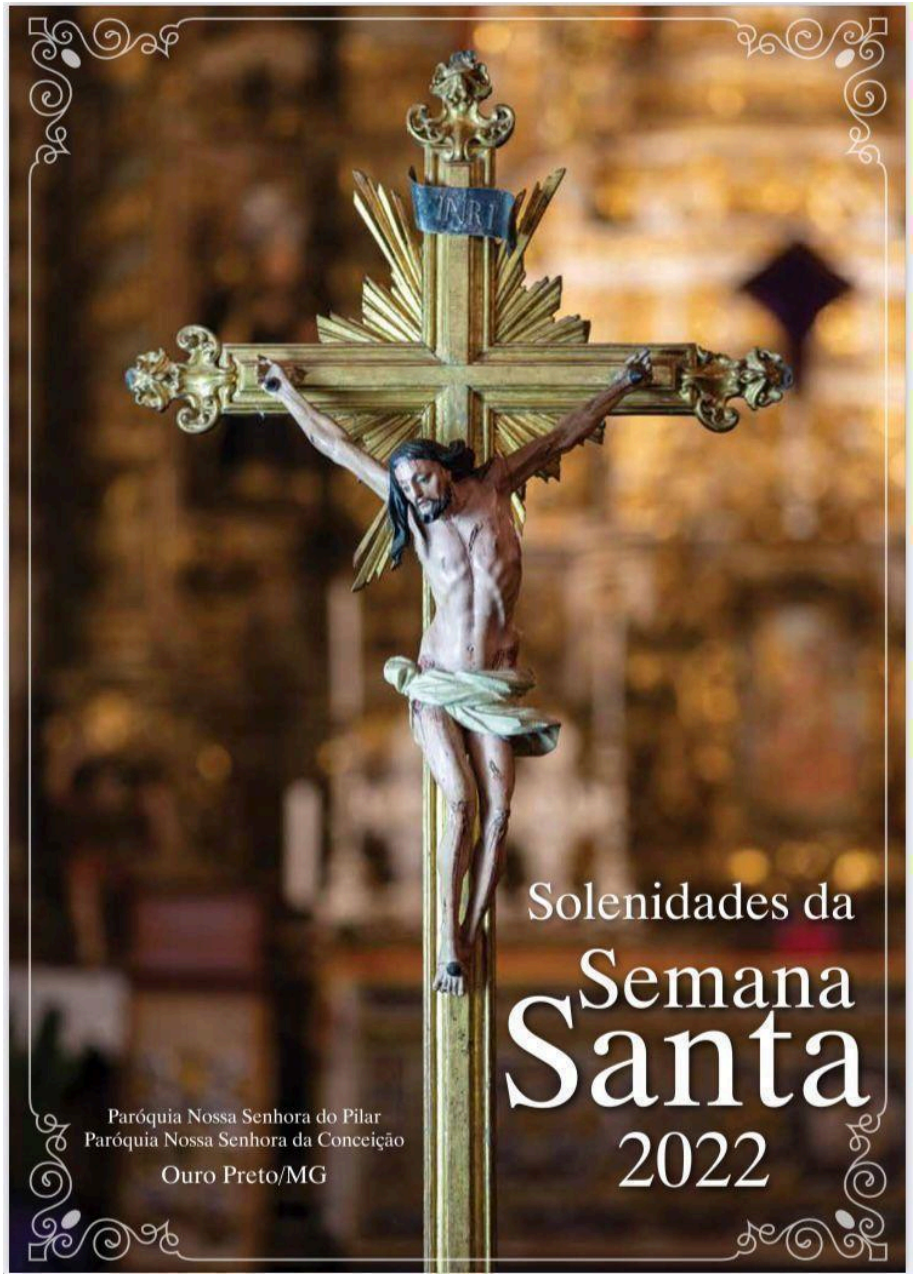
TOMBAMENTO
Ato de reconhecimento de bens regulamentado através do Decreto Lei nº 25, de 1937, que organizou sua proteção com o objetivo de assegurar a sua preservação. O termo Tombamento advém da Torre do Tombo, o arquivo público português, onde são guardados e conservados documentos importantes.

TRANSEPTO
Galeria transversal que numa igreja separa a nave central da capela-mor, formando os braços da cruz nos templos que apresentam essa disposição.

Fonte: Ávila;Gontijo; Machado (1996) e Cruz; Boaventura (2015).

ANEXOS

Anexo A - Programa Solenidades da Semana Santa, Ouro Preto, 2022.



Fonte: Paróquias de Nossa Senhora do Pilar e Nossa da Conceição, Ouro Preto, 2022.

Anexo B - Programa Solenidades da Semana Santa, Mariana, 2022.



Fonte: Paróquias de Nossa Senhora da Assunção, Sagrado Coração de Jesus e Nossa Senhora Aparecida, Mariana, 2022.

Anexo C - Programa Comemorações em honra ao Senhor Bom Jesus dos Passos, Tiradentes, 2023.



Fonte: Paróquia de Santo Antônio, Tiradentes, 2023.

Anexo D - Programa Comemorações dos Passos, São João del-Rei, 2019.



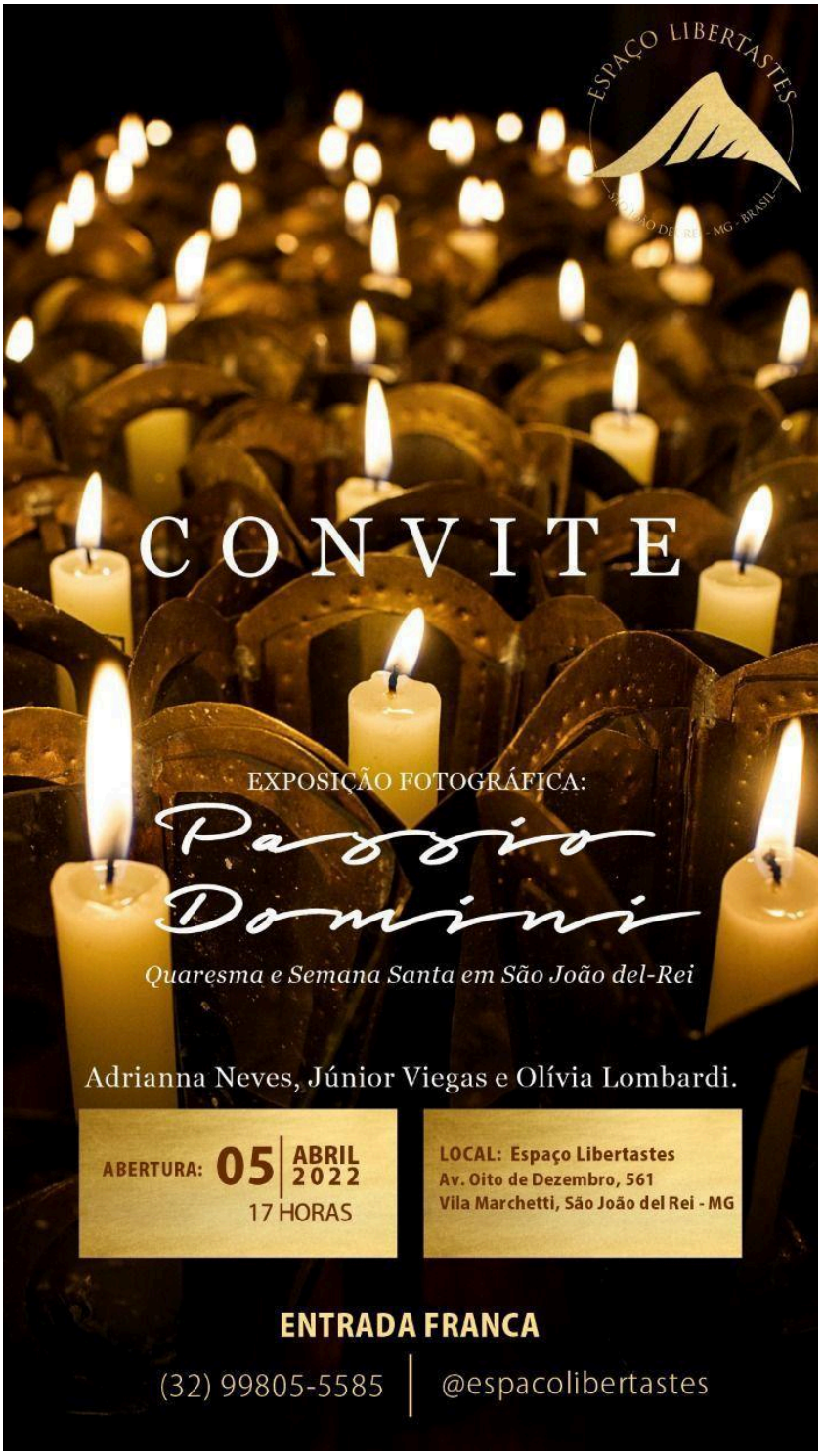
Fonte: Paróquia de Nossa Senhora do Pilar, São João del-Rei, 2019.

Anexo E - Exposição - *ADORAMUS TE CHRISTE.*



Local: Museu de Arte Sacra de São João del-Rei/MG, 2023.

Anexo F - Lançamento do Livro *Passion Domini*.



Local: Espaço Libertastes de São João del-Rei/MG, 2022.

Anexo G - Exposição Fotográfica - A Paixão por del-Rey.



Local: Memorial Dom Lucas de São João del-Rei/MG, 2022.